

JOÃO

ÍNDICE

JOHN

WILLIAM BARCLAY

Título original em inglês:

The Gospel of John

Tradução: Carlos Biagini

O NOVO TESTAMENTO Comentado por William Barclay

... Introduce e interpreta a totalidade dos livros do NOVO TESTAMENTO. Desde Mateus até o Apocalipse William Barclay explica, relaciona, dá exemplos, ilustra e aplica cada passagem, sendo sempre fiel e claro, singelo e profundo. Temos nesta série, por fim, um instrumento ideal para todos aqueles que desejem conhecer melhor as Escrituras. O respeito do autor para a Revelação Bíblica, sua sólida fundamentação, na doutrina tradicional e sempre nova da igreja, sua incrível capacidade para aplicar ao dia de hoje a mensagem, fazem que esta coleção ofereça a todos como uma magnífica promessa.

**PARA QUE CONHEÇAMOS MELHOR A CRISTO
O AMEMOS COM AMOR MAIS VERDADEIRO
E O SIGAMOS COM MAIOR EMPENHO**

ÍNDICE**Prefácio****Introdução Geral****Introdução a João**

Capítulo 1	Capítulo 7	Capítulo 13	Capítulo 19
Capítulo 2	Capítulo 8	Capítulo 14	Capítulo 20
Capítulo 3	Capítulo 9	Capítulo 15	Capítulo 21
Capítulo 4	Capítulo 10	Capítulo 16	Notas
Capítulo 5	Capítulo 11	Capítulo 17	
Capítulo 6	Capítulo 12	Capítulo 18	

PREFÁCIO

Com este volume chegamos ao *Evangelho Segundo São João*. Gostaria de assinalar uma nova característica na disposição destes comentários. Não deixei que nenhuma das seções para cada dia se fizesse muito larga. Nos volumes anteriores pus tudo o que queria dizer sobre uma passagem na leitura atribuída a um mesmo dia. Neste volume, se havia muito que dizer sobre alguma passagem, solicitei ao leitor que passe dois ou três dias estudando à parte comigo.

Para muita gente o *Evangelho Segundo São João* é o livro mais valioso da Bíblia. É um livro surpreendente. Pode-se lê-lo e amá-lo sem necessidade de comentário algum. Através de gerações as pessoas simples alimentaram o coração e a alma com ele sem contar mais que com o texto das versões comuns. Mas quanto mais estudamos João, mais riquezas nele encontramos. Houve momentos em que tive que tomá-lo, especialmente no primeiro capítulo, versículo por versículo, porque cada versículo estava pleno de riquezas. Espero e rogo que muitos encontrem a paciência necessária para realizar este estudo detalhado de João, porque só assim suas palavras revelarão todas as suas riquezas. Há em João mais de uma base que ninguém poderia esgotar em toda sua vida, muito menos em um dia.

Ao escrever sobre João era preciso necessário incluir uma introdução bastante extensa. Não há nenhum outro livro que ganhe tanto ao ser situado no ambiente do qual emergiu. Novamente espero que quem leia este livro tenham a paciência de ler a Introdução tanto antes como depois de ter estudado o próprio evangelho.

A literatura sobre João é muito vasta. Para quem lê inglês não há nada melhor que o volume de meu superior, o Dr. G. H. C. Macgregor, no *Comentário de Moffat*. É o comentário ideal para quem lê o idioma inglês. B. F. Westcott escreveu dois comentários magníficos sobre João, um sobre o texto grego e outro sobre o inglês. Há uma grande quantidade de material no comentário de J. H. Bernard no *International Critical Commentary*. No comentário de Marcus Dodds no *Expositor's Greek Testament* pode-se encontrar muita iluminação. Entre os comentários mais antigos se sobressai o do Godet. Meu livro sucedeu a este estado antes que tenha chegado a minhas mãos o prometido comentário de C. K. Barrett, mas não é exagerado afirmar que esse é um volume que todo mundo dos investigadores do Novo Testamento espera com grande expectativa.

Há excelentes trabalhos gerais sobre o quarto Evangelho por E. F. Scott, R. H. Strachan, W. F. Howard e C. H. Dodd. Há uma breve mas excelente *Introduction to the Fourth Gospel*, de Basil Redlich, que é o melhor dentro de seu tipo para quem lê inglês, e são muitos os que conhecem e apreciam a exposição sobre este Evangelho do desaparecido William Temple. Resultaria impossível expressar meu agradecimento a todos aqueles que têm escrito sobre este Evangelho.

Queria expressar minha mais sincera gratidão a quem tem escrito a respeito dos volumes anteriores. Seu agradecimento, sua avaliação e estímulo foram uma grande ajuda; e suas sugestões e críticas me foram de grande utilidade. Minha prece é que este livro, um dos maiores do mundo, revele-nos uma maior porção de seus tesouros à medida que o estudemos juntos.

William Barclay

Trinity College, Glasgow,
Escócia. Mayo, 1955.

INTRODUÇÃO GERAL

Pode dizer-se sem faltar à verdade literal, que esta série de Comentários bíblicos começou quase acidentalmente. Uma série de estudos bíblicos que estava usando a Igreja de Escócia (Presbiteriana) esgotou-se, e se necessitava outra para substituí-la, de maneira imediata. Fui solicitado a escrever um volume sobre Atos e, naquele momento, minha intenção não era comentar o resto do Novo Testamento. Mas os volumes foram surgindo, até que o encargo original se converteu na idéia de completar o Comentário de todo o Novo Testamento.

Resulta-me impossível deixar passar outra edição destes livros sem expressar minha mais profunda e sincera gratidão à Comissão de Publicações da Igreja de Escócia por me haver outorgado o privilégio de começar esta série e depois continuar até completá-la. E em particular desejo expressar minha enorme dívida de gratidão ao presidente da comissão, o Rev. R. G. Macdonald, O.B.E., M.A., D.D., e ao secretário e administrador desse organismo editar, o Rev. Andrew McCosh, M.A., S.T.M., por seu constante estímulo e sua sempre presente simpatia e ajuda.

Quando já se publicaram vários destes volumes, nos ocorreu a idéia de completar a série. O propósito é fazer que os resultados do estudo erudito das Escrituras possam estar ao alcance do leitor não especializado, em uma forma tal que não se requeiram estudos teológicos para compreendê-los; e também se deseja fazer que os ensinamentos dos livros do Novo Testamento sejam pertinentes à vida e ao trabalho do homem contemporâneo. O propósito de toda esta série poderia resumir-se nas palavras da famosa oração de Richard Chichester: procuram fazer que Jesus Cristo seja conhecido de maneira mais clara por todos os homens e mulheres, que Ele seja amado mais entranhadamente e que seja seguido mais de perto. Minha própria oração é que de alguma maneira meu trabalho possa contribuir para que tudo isto seja possível.

INTRODUÇÃO AO EVANGELHO DE JOÃO

O Evangelho do olho da águia

Para muitos cristãos o *Evangelho Segundo São João* é o livro mais valioso do Novo Testamento. É o livro do qual mais alimentam sua mente e coração, e no qual sua alma encontra repouso. Os evangelistas costumam estar representados sobre vitrais e coisas pelo estilo com o símbolo das quatro bestas que o autor do Apocalipse viu ao redor do trono (Apocalipse 4:7). Os emblemas se distribuem com certas variações entre os evangelistas, mas o mais generalizado é que o *homem* represente a Marcos, que é o mais direto, singelo e humano dos Evangelhos; o *leão* representa a Mateus, porque foi ele quem viu de maneira especial a Jesus como o Messias e o leão da Tribo do Judá; o *boi* representa a Lucas, porque o boi é o animal de serviço e sacrifício, porque Lucas viu a Jesus como o grande servidor dos homens e o sacrifício universal para toda a humanidade; a *águia* representa a João, porque a águia é a única das criaturas viventes que pode olhar diretamente ao Sol sem deslumbrar-se, e, entre todos os evangelistas João é o que olha em forma mais penetrante os mistérios e verdades eternas, e inclusive a própria mente de Deus. O certo é que há muitos que se encontram mais perto de Deus e de Jesus Cristo em João que em qualquer outro livro do mundo.

O Evangelho diferente

Basta ler o quarto Evangelho na forma mais superficial para comprovar que é muito distinto dos outros três. Omite muitas coisas que outros incluem. O quarto Evangelho não menciona o nascimento do Jesus, seu batismo e suas tentações; não nos diz nada a respeito da Última Ceia, nada do Getsêmani, nada sobre a Ascensão. Não diz uma só palavra a respeito da cura de pessoas possesadas por demônios ou espíritos malignos. E, o que possivelmente resulta mais surpreendente

não contém nenhuma parábola, nenhuma dessas histórias que Jesus contou e que formam uma parte de valor inapreciável nos outros três Evangelhos. Nos outros Evangelhos Jesus fala, quer nessas histórias maravilhosas, ou em frases breves, memoráveis, epigramáticas, simples, vívidas, que permanecem na memória. Mas no quarto Evangelho os discursos de Jesus costumam ocupar todo um capítulo; costumam ser pronunciamentos complicados, polêmicos, muito diferentes dos ditos vívidos, expressivos, inesquecíveis dos outros três Evangelhos. O que é ainda mais surpreendente, a versão que dá o quarto Evangelho dos fatos da vida e o ministério de Jesus frequentemente é diferente da que aparece nos outros três Evangelhos.

(1) João dá uma versão distinta do começo do ministério do Jesus. Nos outros três Evangelhos se estabelece definitivamente que Jesus não fez sua aparição como pregador até depois de terem preso a João Batista. “Depois de João ter sido preso, foi Jesus para a Galiléia, pregando o evangelho de Deus” (Marcos 1:14; Lucas 3:18-20; Mateus 4:12). Mas em João há um período bem considerável durante o qual o ministério de Jesus se sobrepõe às atividades de João Batista (João 3:22-30; 4:1-2).

(2) João dá uma versão diferente do cenário onde se desenvolveu o ministério de Jesus. Nos outros três Evangelhos o cenário principal do ministério de Jesus é Galiléia e não chega a Jerusalém até a última semana de sua vida. Em João o cenário principal do ministério de Jesus é Jerusalém e Judéia, com algumas visitas esporádicas a Galiléia (João 2:1-12; 4:35-5:1; 6:1-7:14). Segundo João, Jesus está em Jerusalém para uma Páscoa que se celebra ao mesmo tempo que a Purificação do templo (João 2:13); está em Jerusalém durante uma festa a que não dá nenhum nome (João 5:1), está nessa cidade para a festa dos tabernáculos (João 7:2,10); está ali para a festa da dedicação durante o inverno (João 10:22). De fato, segundo o quarto Evangelho, depois dessa festa Jesus não voltou a deixar Jerusalém; depois do capítulo 10 permanece o tempo todo em Jerusalém, o qual significaria uma estada de vários meses, do inverno da festa da dedicação até a primavera da Páscoa durante a qual

foi crucificado. Em realidade, não cabe dúvida de que João está certo no que respeita a outro ponto em particular. Os outros Evangelhos mostram Jesus chorando sobre Jerusalém quando se aproxima a última semana. “Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! Quantas vezes quis eu reunir os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e vós não o quisestes!” (Mateus 23:37 = Lucas 13:34).

Agora, resulta evidente que Jesus não poderia haver dito isso a menos que tivesse feito várias visitas a Jerusalém, e tivesse feito várias exortações à cidade. Era impossível que dissesse isso em uma primeira visita à Cidade Santa. Neste caso, não resta dúvida de que João está certo. De fato, foi esta diferencia no cenário o que proporcionou ao Eusébio uma das primeiras explicações da diferença entre o quarto Evangelho e os outros três. Disse que em sua época (aproximadamente no ano 300 d. C.) muitos estudiosos sustentavam os seguintes pontos de vista a respeito dos quatro Evangelhos. Mateus pregou primeiro ao povo hebreu. Mas chegou o dia em que teve que deixá-los e ir a outros países. Antes de ir embora escreveu sua história da vida de Jesus em hebraico, "e dessa maneira compensou pela perda de sua presença àqueles a quem se via obrigado a abandonar".

Depois de Marcos e Lucas terem publicado seus Evangelhos, João continuava pregando a história de Jesus em forma oral.

"Por último decidi escrever pela seguinte razão. Quando os três Evangelhos que já mencionamos tivessem chegado às mãos de todos, inclusive às suas, dizem que ele os aceitou e deu testemunho de sua veracidade; *mas faltava neles uma versão dos fatos de Jesus no princípio de seu ministério...* Por isso dizem que João quando lhe pediram que o fizesse por esta razão, deu em seu Evangelho uma versão do período que tinha sido omitido pelos evangelistas anteriores, e dos fatos levados a cabo pelo Salvador durante este período; quer dizer, dos fatos ocorridos antes do encarceramento do João o Batista. . . De maneira que João relata os fatos de Cristo *anteriores* ao encarceramento do Batista, mas os outros três evangelistas mencionam os eventos que tiveram lugar depois desse momento... O Evangelho Segundo São João contém os *primeiros* fatos de

Cristo, enquanto que os outros dão uma versão da *última parte* de sua vida" (Eusébio, *História Eclesiástica* 5:24).

De maneira que, segundo Eusébio não há nenhuma contradição ou diferença, entre o quarto Evangelho e os outros três; a diferença se deve a que o quarto Evangelho descreve o ministério em Jerusalém, ao menos em seus primeiros capítulos, que precederam o ministério na Galiléia, e que tiveram lugar enquanto João Batista ainda estava em liberdade. E pode muito bem ser que esta explicação de Eusébio seja correta, pelo menos em parte.

(3) João dá uma versão diferente da *duração* do ministério do Jesus. Os outros três Evangelhos implicam que o ministério de Jesus só durou um ano. Dentro do ministério só há uma páscoa. Em João há *três páscoas*, uma durante a purificação do templo (João 2:13); uma próxima à alimentação dos cinco mil (João 6:4); e a última páscoa durante a qual Jesus foi crucificado. Se se seguir a João o ministério de Jesus levaria um mínimo de dois anos, e possivelmente um período próximo aos três anos, para poder cobrir todos os fatos. Novamente, não resta dúvida que João está correto. Se lermos os outros três Evangelhos com atenção e cuidado vemos que João está certo. Quando os discípulos recolheram as espigas de trigo (Marcos 2:23) deve ter sido a primavera. Quando os cinco mil foram alimentados, sentaram-se sobre a *erva verde* (Marcos 6:39), e portanto deve ter sido outra vez primavera, e deve ter passado um ano entre ambos eventos. Segue a excursão por Tiro e Sidom e a Transfiguração. Durante a Transfiguração Pedro quis fazer três ramagens e ficar ali. O mais natural é pensar que era a época da festa dos tabernáculos ou ramagens e que a isso se deve que Pedro faça essa sugestão (Marcos 9:5). Isso o situaria a princípios de outubro. Segue o período entre esta data e a última páscoa em abril. De maneira que, por trás da narração dos outros três Evangelhos está o fato de que o ministério de Jesus durou em realidade pelo menos três anos, e outra vez João está certo.

(4) Às vezes ocorre inclusive que João difere dos outros três Evangelhos nos fatos. Há dois exemplos conspícuos. Em primeiro lugar, põe a purificação do templo no *princípio* do ministério de Jesus (João 2:13-22), os outros três Evangelhos o situam ao *final* (Marcos 11:15-17; Mateus 21:12-13; Lucas 19:45-46). Em segundo lugar, quando estudarmos os relatos com atenção, como iremos fazê-lo, veremos que João situa a crucificação no dia antes da páscoa, enquanto que os outros Evangelhos a põem no próprio dia da páscoa.

Nunca devemos fechar os olhos para as diferenças evidentes entre João e os outros três Evangelhos.

O conhecimento especial de João

Há um fato indubitável. Se João diferir dos outros três Evangelhos não se deve à ignorância ou à falta de informação. O fato concreto é que embora omita muito do que eles nos dizem, também nos diz muito a respeito do qual outros não tinham nada que dizer. João é o único que nos relata as bodas de Caná da Galiléia (2:1-11); a entrevista de Nicodemos com Jesus (3:1-15); a respeito da mulher samaritana (4); sobre a ressurreição de Lázaro (11); sobre a forma em que Jesus lavou os pés de seus discípulos (13:1-17); sobre o maravilhoso ensino sobre o Espírito Santo, o Consolador, que está disseminado entre os capítulos 14 e 17. É só em João que alguns dos discípulos cobram vida. É unicamente em João onde fala Tomé (11:16; 14:5; 20:24-29); onde André adquire uma personalidade real (1:40-41; 6:8-9; 12:22); onde temos uma fagulha do caráter de Felipe (6:5-7; 14:8-9); onde ouvimos o indignado protesto de Judas quando Jesus é ungido em Betânia (12:4). E o estranho de João é que estes pequenos toques extra são intensamente reveladores. Os retratos que faz João de Tomé, André e Felipe são como pequenos camafeus ou vinhetas nos quais se esboçam os rasgos do caráter destes homens em uma forma que não podemos esquecer.

Mais ainda, repetidamente João inclui pequenos toques extra que soam como as lembranças de alguém que esteve presente na situação que descreve. Os pães que o garoto trouxe a Jesus eram pães de cevada (6:9); quando Jesus se aproximou de seus discípulos enquanto cruzavam o lago durante a tormenta tinham remado entre vinte e cinco e trinta estádios (6:19); em Caná da Galiléia havia seis talhas de pedra (2:6); é o único que nos fala da coroa de espinhos (19:5); e dos quatro soldados que sorteiam entre si a túnica sem costura quando Jesus morreu (19:23); ele sabe o peso exato da mirra e aloés que usadas para ungir o corpo morto de Jesus (19:39); recorda como o perfume do unguento encheu a casa ao Jesus ser ungido em Betânia (12:3). Muitas destas coisas são detalhes aparentemente tão sem importância que são inexplicáveis a menos que se trate das lembranças de alguém que esteve presente.

Por mais diferença que haja entre João e os outros três Evangelhos, não se deve atribuir essas diferenças à ignorância ou à falta de conhecimentos. Ao contrário, se devem explicar pelo fato de que ele tinha *mais* conhecimentos, ou melhores fontes ou uma memória mais vívida que a que tinham os outros.

Outra evidência do conhecimento especializado do autor do quarto Evangelho é seu *conhecimento detalhado da Palestina e Jerusalém*. Sabe quanto tempo levou a construção do Templo (12:20); sabe que judeus e samaritanos mantêm uma luta constante (4:9); sabe a baixa estima da mulher entre os judeus (4:9); sabe o que pensam os judeus sobre o sábado (5:10; 7:21-23; 9:14). Tem um conhecimento pessoal da geografia da Palestina. Conhece as duas Betânias, uma das quais está do outro lado do Jordão (1:28; 12:1); sabe que alguns dos discípulos eram da Betsaida (1:44; 12:21); que Caná está na Galiléia (2:1; 4:6; 21:2); que Sicar está perto de Siquém (4:5). Tem o que poderíamos chamar um conhecimento de Jerusalém rua por rua. Conhece o pórtico e o lago contíguo (5:2); o lago do Siloé (9:7); o pórtico do Salomão (10:23); a corrente do Cedrom (18:1); o Pavimento que se chama Gabatá (19:13); o Gólgota, que é como uma caveira (19:17). Mas devemos recordar que

Jerusalém foi destruída no ano 70 D.C. e que João não escreveu até perto do ano 100; e entretanto, graças à sua memória, conhece Jerusalém como a palma de sua mão.

As circunstâncias em que João escreveu

Já vimos que há diferenças reais entre o quarto Evangelho e os outros três; e também vimos que, qualquer que tenha sido a causa destas diferenças, não se deve à falta de conhecimento. Agora devemos nos perguntar: Com que fim João escreveu seu Evangelho? Se podemos descobrir qual foi o propósito, descobriremos por que escolheu e tratou seu material como o fez.

O quarto Evangelho foi escrito em Éfeso ao redor do ano 100 d. C. Nessa época tinham aparecido dois rasgos especiais na situação da Igreja cristã. Em primeiro lugar, *a Igreja se estendeu ao mundo dos gentios*. Para essa época a Igreja cristã já não era judaica em sua major parte; de fato preponderavam os gentios em uma margem muito ampla. Agora a grande maioria de seus membros provinham, não de um ambiente judeu, e sim helenista. Dado esse estado de coisas, *era necessário reformular o cristianismo*. Não era que tivesse mudado a verdade do cristianismo; mas terei que trocar os termos e as categorias em que devia expressar-se essa verdade. Vejamos um só exemplo.

Um grego podia tomar em suas mãos *o Evangelho Segundo São Mateus*, mas ao abri-lo se encontrava diante de uma extensa genealogia. As genealogias eram algo muito conhecido para os judeus, mas completamente incompreensíveis para os gregos. Se continuava lendo, encontrava-se com um Jesus que era o Filho de Davi, um rei a respeito de quem os gregos jamais tinham ouvido falar, e o símbolo de uma ambição racial e nacionalista que não significava nada para o grego. Encontrar-se-ia frente à figura de Jesus como Messias, termo que os gregos nunca tinham ouvido. Devia obrigar-se, ao grego que queria converter-se em cristão, a reorganizar todo o seu pensamento segundo as

categorias judaicas? Devia aprender uma quantidade de história judaica e de literatura apocalíptica judaica (que falava da vinda do Messias) antes de poder converter-se em cristão? Como o expressara E. J. Goodspeed: "Não havia alguma forma mediante a qual lhe pudessem apresentar diretamente os valores da salvação cristã sem encaminhá-lo, e até poderíamos dizer desviá-lo, para sempre pelo judaísmo?" O grego era um dos grandes pensadores do mundo. Devia abandonar toda sua enorme tradição intelectual para pensar por completo em termos e categorias de pensamento judeus?

João enfrentou o problema com sinceridade e justiça. E encontrou uma das soluções maiores que jamais tenham entrado na mente do homem. Mais adiante no comentário trataremos com muita maior atenção a grande solução do João. No momento a assinalamos em forma esquemática.

Os gregos tinham duas grandes concepções.

(a) **Tinham o conceito do *Logos*.** Em grego *logos* significa duas coisas: quer dizer *uma palavra* e quer dizer *razão*. O judeu estava muito familiarizado com a palavra todo-poderosa de Deus. "E disse Deus: Haja a luz; e houve luz" (Gênesis 1:3). O grego estava muito familiarizado com a idéia de razão. Contemplando este mundo, o grego via uma ordem magnífica, esplêndido, no qual se podia confiar. A noite e o dia aconteciam com uma regularidade infalível; o ano mantinha suas estações em um curso invariável; as estrelas e os planetas se moviam segundo um curso inalterável; a natureza tinha leis que não variavam. O que produz esta ordem? O grego respondia sem hesitações: o Logos de Deus; a mente de Deus é a responsável da ordem majestosa do mundo. O grego continuava: O que é o que dá ao homem o poder de pensar, de raciocinar e de conhecer? O que é o que o converte em uma criatura racional e pensante? E novamente respondia sem hesitações: o Logos de Deus; a mente de Deus que habita dentro do homem o converte em um ser pensante e racional. Então João se serve disto. Pensou em Jesus segundo esta categoria. Disse aos gregos: "Toda a vida vocês se sentiram

fascinados por esta grande mente de Deus, que guia e controla. A mente de Deus veio ao mundo no homem Jesus. Olhem e verão como são a mente e o pensamento de Deus." João tinha descoberto uma nova categoria na qual os gregos podiam pensar em Jesus, uma categoria segundo a qual Jesus se apresentava nada menos que como o próprio Deus atuando sob a forma de um homem.

(b) Tinham o conceito dos dois mundos. O grego sempre concebeu dois mundos, sendo um deles o mundo no qual vivemos. Era um mundo maravilhoso a seu modo, mas um mundo de sombras e cópias e irrealidades. O outro era o mundo real, no qual vivem para sempre as grandes realidades das quais nossas coisas mundanas não são mais que pálidas cópias. Para o grego o mundo invisível era o mundo real; o mundo visível não era mais que uma sombra, uma irrealidade. Platão foi quem sistematizou esta forma de pensar em sua doutrina das formas ou das idéias. Sustentava que no mundo invisível estava o modelo perfeito de todas as coisas, e que as coisas deste mundo eram cópias ou sombras dos modelos eternos. Para dizê-lo em forma singela, Platão sustentava que em algum lugar havia um modelo perfeito de uma mesa da qual todas as mesas da Terra eram cópias inadequadas; em algum lugar estava o modelo perfeito do bem e da beleza da qual tudo bem e toda beleza terrena não são mais que cópias imperfeitas e inadequadas. E a grande realidade, a idéia suprema, o modelo de todos os modelos e a forma de todas as formas é Deus.

O grande problema era como chegar a esse mundo real, como sair de nossas sombras para chegar às verdades eternas. A resposta do João é que isso é o que Jesus não permite fazer. Jesus é a realidade que descendeu à Terra. A palavra grega para *real* neste sentido é *alethinos*; está relacionada muito de perto com a palavra *alethes*, que significa verdade, e com *aletheia*, que significa a verdade. Quando nossas versões se encontram com *alethinos* o traduzem por verdadeiros; seria mais correto traduzir *real*, ou *autêntico*. Jesus é a luz *real* (1:9); Jesus é o pão *real* (6:32); Jesus é a *real* videira (15:1); a Jesus pertence o julgamento

real (8:16). Jesus é o único que possui realidade em nosso mundo de sombras e imperfeições.

Agora, disto se desprende algo: e é que, em consequência, cada ação que Jesus levou a cabo foi, não só um ato no tempo, mas também uma janela que nos permite ver a realidade. Isso é o que João quer dizer quando fala dos milagres de Jesus como *sinais* (*semeia*). As obras maravilhosas do Jesus não só eram maravilhosas eram janelas que se abriam à realidade que é Deus. Isto explica a forma em que João relata as histórias dos milagres. Ele as relata de maneira bem diferente da que os outros três evangelistas empregam.

As diferenças são duas:

(a) No quarto Evangelho notamos a ausência da nota de compaixão que aparece nas histórias dos milagres nos outros Evangelhos. Naqueles, o Mestre Jesus se sente movido pela misericórdia para com o leproso (Marcos 1:41); sente simpatia para com Jairo (Marcos 5:22); sente compaixão pelo pai do moço epilético (Marcos 9:14); quando ressuscita o filho da viúva do Naim, Lucas diz com uma ternura infinita: “E Jesus o restituiu a sua mãe” (Lucas 7:15). Mas em João os milagres não são tanto atos de misericórdia como atos que demonstram a glória de Cristo. Depois do milagre de Caná da Galiléia, João comenta: “Com este, deu Jesus princípio a seus sinais em Caná da Galiléia; *manifestou a sua glória*” (João 2:11). A ressurreição do Lázaro tem lugar “*para a glória de Deus*” (João 11:4). A cegueira do homem cego existia para que se manifestasse a glória das obras de Deus (João 9:3). Não é que para João não tenha havido amor e compaixão nos milagres; mas em cada um deles via a glória da realidade de Deus penetrando no tempo e nos assuntos dos homens.

(b) Mais ainda, todo leitor do quarto Evangelho deve ter notado que os milagres de Jesus nesse Evangelho costumam estar seguidos por um longo discurso. A alimentação dos cinco mil vai seguida do longo discurso sobre o Pão da Vida (capítulo 6); a cura do cego surge da afirmação que Jesus é a Luz do Mundo (capítulo 9); a ressurreição de

Lázaro leva a afirmar que Jesus é a ressurreição e a vida (capítulo 11). Para João os milagres não eram meros acontecimentos no tempo; eram ilustrações, exemplos, visões daquilo que Deus está sempre fazendo e do que sempre é Jesus; são janelas que se abrem à realidade de Deus. Jesus não só alimentou uma vez a cinco mil pessoas; isso é apenas um exemplo de que Ele é sempre o autêntico Pão da Vida. Jesus não só abriu uma vez os olhos de um cego; Ele sempre é a Luz do Mundo. Jesus não só ressuscitou uma vez a Lázaro; sempre e para todos os homens é a ressurreição e a vida. Para João um milagre nunca era um ato isolado; sempre era uma janela em torno da realidade daquilo que Jesus sempre era e sempre é e do que sempre fez e sempre faz.

Era nisto que estava pensando o grande estudioso Clemente de Alexandria (cerca do ano 230 d. C.) quando chegou a um dos veredictos mais famosos e verdadeiros sobre o propósito, origem e finalidade do quarto Evangelho. Segundo ele, os Evangelhos que contêm as genealogias – Lucas e Mateus – foram escritos em primeiro lugar; depois Marcos, ante o requerimento de muitas pessoas que tinham ouvido a pregação de Pedro, compôs seu Evangelho, que incluía o material das pregações de Pedro; e logo, "em último lugar, João, considerando que já se relatou bastante a respeito do que se referiam às coisas corporais do ministério do Jesus, e animado por seus amigos, e inspirado pelo Espírito Santo, escreveu um evangelho espiritual." (Citado por Eusébio, *História Eclesiástica* 6:14).

O que quis dizer Clemente é que João não estava tão interessado nos meros fatos como no significado desses fatos, que não ia atrás dos fatos, e sim atrás da verdade. João não via os acontecimentos da vida de Jesus simplesmente como eventos temporários; via-os como janelas que olhavam à eternidade, e sublinhava o significado espiritual dos acontecimentos e as palavras da vida de Jesus em uma forma que não fizeram os outros Evangelhos. Este segue sendo um dos veredictos mais autênticos aos que se chegou sobre o quarto Evangelho. É certo que João escreveu, não um evangelho histórico, e sim um evangelho espiritual.

De maneira que, em primeiro lugar, João apresentou Jesus como a mente de Deus em uma pessoa que tinha descido à Terra, e como a única pessoa que possui realidade em lugar de sombras, e que pode tirar os homens das sombras para levá-los ao mundo real que tinham sonhado Platão e os grandes sábios gregos. O cristianismo que em um momento vestira a roupagem do pensamento judaico apropriou-se da grandeza do pensamento dos gregos.

A aparição das heresias

O segundo dos fatores importantes que a Igreja enfrentava quando o quarto Evangelho foi escrito era *o surgimento da heresia no seio da Igreja*. Tinham passado setenta anos da crucificação de Jesus. Por então a Igreja era uma organização e uma instituição. Estavam sendo pensadas e afirmadas teologias e credos; e era inevitável que o pensamento de pelo menos algumas pessoas seguisse caminhos equivocados, e resultasse em heresias. Raramente uma heresia é uma mentira ou um engano em sua totalidade; em geral uma heresia surge quando se acentua indevidamente uma parte, uma faceta da verdade. Podemos ver pelo menos duas das heresias e enganos que buscava combater o autor do quarto Evangelho.

(a) Havia alguns cristãos, em especial cristãos judeus, que outorgavam um posto muito elevado a João Batista. Havia algo em João que fascinava os judeus. João pertence à sucessão profética, e falava com a voz dos profetas. De fato sabemos que mais adiante houve uma seita aceita de João Batista dentro da fé judaica ortodoxa. Em Atos 19:1-7 nos encontramos com um pequeno grupo de doze homens que estão nos limites da Igreja cristã mas que nunca passaram do batismo de João. Com freqüência o quarto Evangelho relega a João, de maneira silenciosa mas definitiva, seu próprio lugar. Vez por outra o próprio João nega que ele jamais tenha pretendido ou possuído o lugar supremo, e cede incondicionalmente esse lugar a Jesus. Já vimos que nos outros Evangelhos o ministério de Jesus não começa até depois da prisão de

João, enquanto no quarto Evangelho o ministério de Jesus e o ministério de João se sobrepõem. João pode muito bem ter empregado essa disposição para mostrar o encontro de João e Jesus, e como o Batista tinha usado esses encontros para reconhecer, e animar outros a reconhecer a supremacia de Jesus. Destaca-se com todo o cuidado que João não é essa Luz (1:8). Mostra-se a João renunciando em forma terminante a toda pretensão messiânica (1:20 ss.; 3:28; 4:1.; 10:41). Nem sequer se permite pensar que o testemunho de João seja o mais importante (5:36). Não há no quarto Evangelho crítica alguma a João; mas há uma recriminação para aqueles que queriam dar a João um lugar que corresponde a Jesus e a ninguém mais que a Jesus.

(b) Na época em que se escreveu o quarto Evangelho havia certa heresia muito difundida. Foi-lhe dado o título geral de *gnosticismo*. Sem uma compressão superficial desta heresia se perderá boa parte da grandeza e do propósito de João. A doutrina básica do gnosticismo era que a matéria é essencialmente má e o espírito é essencialmente bom. Os gnósticos passavam a afirmar que, sendo assim, Deus não pode tocar a matéria, de maneira que Deus não criou o mundo. O que fez Deus foi lançar uma série de emanções. Cada uma destas emanções se afastou mais de Deus, até que por último houve uma emanção tão distante que pôde tocar a matéria. Essa emanção foi a que criou o mundo.

A idéia em si já for suficientemente má, mas a pioravam com um agregado. Os gnósticos sustentavam que cada emanção conhecia cada vez menos a Deus, até chegar a um ponto em que as emanções não só ignoravam a Deus mas também lhe eram hostis. Assim chegavam, finalmente, à conclusão de que o deus criador não só era distinto do Deus verdadeiro, mas também o ignorava e lhe era ativamente hostil.

Cerinto, um líder gnóstico, afirmava que "o mundo foi criado, não por Deus, mas sim por certo poder muito separado dele, e muito distante desse poder que está acima do universo, e ignorante do Deus que está acima de todas as coisas."

Os gnósticos criam que Deus não tinha nada que ver com a criação do mundo. Por isso João começa seu Evangelho com esta ressonante afirmação: “Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez” (João 1:3). Por isso insiste em que “de tal maneira amou Deus o *mundo*” (João 3:16). Em face dos gnósticos que tão equivocadamente espiritualizavam tanto a Deus que o convertiam em um ser que não podia ter nada que ver com o mundo, em resposta ao que só podia ser um mundo sem Deus, João apresentou a doutrina cristã do Deus que fez o mundo e cuja presença inunda o mundo que ele fez.

As crenças dos gnósticos influíam em suas idéias sobre Jesus, as quais afetavam em duas formas distintas

(a) Alguns dos gnósticos sustentavam que *Jesus era uma das emanções que procediam de Deus*. Sustentavam que Jesus não era divino em nenhum sentido real; que só era uma espécie de semi-deus que estava mais ou menos distante do Deus verdadeiro; que era só um elo a mais da cadeia de seres inferiores que estavam entre Deus e o mundo.

(b) Outros afirmavam que *Jesus não tinha um corpo real*. Segundo suas crenças, Jesus não podia ter tido um corpo. Um corpo é matéria e Deus não podia ter tocado a matéria; de maneira que sustentavam que Jesus era uma espécie de fantasma sem carne nem sangue literais. Afirmavam, por exemplo, que quando pisava no chão não deixava rastros, porque seu corpo carecia de peso e substância. Nunca teriam podido dizer: “E o Verbo se fez *carne*” (João 1:14).

Agostinho nos relata como, lendo grande parte das obras dos filósofos de seu tempo, tinha achado muita coisa parecida com o que estava no Novo Testamento, agregando: “Mas ‘E o Verbo se fez carne e habitou entre nós’ não encontrei ali.” É por isso que, em sua primeira epístola, João insiste em que Jesus veio em carne, e declara que qualquer que nega esse fato está movido pelo espírito do anticristo (1 João 4:3). Esta heresia em particular é conhecida pelo nome de *docetismo*.

Docetismo, vem da palavra grega *dokein* que significa *parecer*; e se dá esse nome à heresia porque sustentava que Jesus só *parecia* ser um homem.

(c) Havia alguns gnósticos que sustentavam uma variante dessa heresia. Afirmavam que *Jesus era um homem em quem o Espírito de Deus entrou no batismo*; esse Espírito permaneceu nele durante toda sua vida até o final; mas como o Espírito de Deus jamais podia sofrer e morrer, *abandonou-o antes da crucificação*. Segundo eles a exclamação na cruz foi: "Poder meu, poder meu, por que me abandonaste?" E em seus livros contavam de pessoas que no Monte das Oliveiras falavam de modo idêntico a Jesus, enquanto o homem Jesus morria na cruz.

De maneira que as heresias gnósticas apareciam sob a forma de uma de duas crenças. Os gnósticos crivam, ou que Jesus não era em realidade divino, mas simplesmente um na série de emanações de Deus, uma espécie de semi-deus, ou que não era humano em nenhum sentido, mas sim era uma espécie de fantasma com forma de homem. As crenças gnósticas destruíam tanto a deidade como a humanidade real de Jesus.

A humanidade de Jesus

O fato de que João se tenha proposto corrigir estas duas tendências gnósticas explica uma dupla ênfase paradoxal que aparece em seu Evangelho. Por um lado, não há outro Evangelho que acentue em forma tão absoluta a autêntica humanidade de Jesus. Jesus se indignou com os que compravam e vendiam no templo (2:15); estava fisicamente cansado quando se sentou junto ao poço perto de Sicar em Samaria (4:6); seus discípulos lhe ofereceram comida da mesma maneira forma como teriam oferecido a qualquer homem que sentisse fome (4:31); sente simpatia por quem sente fome e por aqueles que sentem medo (6:5,20); conhecia a dor e derramava lágrimas como o teria feito qualquer pessoa que estivesse de luto (11:33, 35, 38); na agonia da cruz o grito de seus lábios secos foi: "Tenho sede" (19:28). O quarto Evangelho nos mostra um

Jesus que não era nenhuma figura docética, fantasmal; mostra-nos alguém que liga o cansaço de um corpo exausto e as feridas de uma mente e um coração desconsolados. O que o quarto Evangelho nos apresenta é o verdadeiro Jesus humano.

A deidade de Jesus

Mas, por outro lado, nenhum outro Evangelho nos apresenta uma visão semelhante da deidade e divindade de Jesus.

(a) João sublinha a *preexistência de Jesus*. Disse: “antes que Abraão existisse, EU SOU” (8:58). Fala da glória que teve com o Pai antes que o mundo existisse (17:5). Vez por outra se refere à sua descida do céu (6:33-38). João via em Jesus alguém que sempre existiu até antes do começo do mundo.

(b) O quarto Evangelho acentua mais que qualquer dos outros Evangelhos a *onisciência de Jesus*. João considera que Jesus conhecia, de maneira evidentemente milagrosa, o passado da mulher de Samaria (4:16-17); aparentemente sem que ninguém lhe dissesse sabia durante quanto tempo tinha estado doente o homem junto ao lago (5:6); antes de fazer a pergunta conhecia a resposta do que perguntou a Felipe (6:6); sabia que Judas o trairia (6:61-64); soube que Lázaro tinha morrido antes que ninguém o dissesse (11:14). João via em Jesus alguém que possuía um conhecimento especial e milagroso, independente de algo que ninguém lhe pudesse dizer. Segundo seu conceito, Jesus não precisava formular perguntas porque conhecia todas as respostas.

(c) O quarto Evangelho sublinha o fato, sempre segundo o ponto de vista de João, de que Jesus sempre agia completamente por própria iniciativa e sem experimentar influência alguma de nenhuma outra pessoa. Não foi o pedido de sua mãe o que o moveu a fazer o milagre de Caná da Galiléia, foi sua própria decisão pessoal (2:4); as palavras de seus irmãos não tiveram nada que ver com a visita que fez a Jerusalém durante a festa dos Tabernáculos (7:10); nenhum homem lhe tirou a vida,

ninguém podia fazê-lo; ele a entregou voluntariamente e exercendo seu livre-arbítrio (10:18; 19:11). Tal como o via João, Jesus possuía uma divina independência de toda influência humana. Suas determinações e suas ações eram resultado de sua própria decisão. Vemos, pois, que para enfrentar aos gnósticos e suas crenças estranhas, João nos apresenta um Jesus que era indiscutivelmente humano e que, entretanto, também era indiscutivelmente divino.

O autor do quarto Evangelho

Já vimos que o objetivo do autor do quarto Evangelho era apresentar a fé cristã de maneira tal que aparecesse sob um aspecto favorável perante o mundo grego no que tinha penetrado a cristandade, e combater as heresias e idéias errôneas que tinham surgido dentro da Igreja. Agora devemos nos perguntar quem é o autor do quarto Evangelho. A tradição responde de maneira unânime que o autor foi João o apóstolo.

Veremos que, sem dúvida alguma, atrás do Evangelho está a autoridade de João, embora seja muito provável que o escrito em sua forma atual não tenha saído de sua mão. Analisemos, pois, o que sabemos a respeito deste João. Era o filho mais novo de Zebedeu, que possuía uma barco no mar da Galiléia e que era o suficientemente rico para empregar trabalhadores que o ajudavam no seu trabalho (Marcos 1:19-20). Sua mãe era Salomé, e parece provável que esta Salomé fosse irmã de Maria, mãe do Jesus (Mateus 27:56; Marcos 16:1). Junto com seu irmão Tiago obedeceu o chamado do Jesus para segui-lo (Marcos 1:20). Pareceria que Tiago e João estavam associados com Pedro no trabalho de pesca (Lucas 5:7-10). Era um dos membros do círculo mais íntimo dos discípulos, porque a lista de discípulos sempre começa com os nomes do Pedro, Tiago e João; e houve algumas grandes ocasiões nas quais Jesus levou a estes três com ele em forma especial (Marcos 3:17; 5:37; 9:3; 14:33). Seu caráter era sem dúvida o de um homem turbulento

e ambicioso. Jesus deu a ele e a seu irmão o nome de *Boanerges*, que os evangelistas interpretam como filhos do trovão. João e seu irmão Tiago eram totalmente exclusivistas e intolerantes (Marcos 9:38; Lucas 9:49). Tão violento era seu temperamento, que estavam dispostos a fazer desaparecer uma aldeia samaritana com fogo do céu porque não os receberam quando foram a caminho de Jerusalém (Lucas 9:54). Eles como sua mãe Salomé tinham a ambição de que quando Jesus assumisse o seu reino eles fossem seus ministros de Estado mais importantes (Marcos 10:37; Mateus 20:21).

A Pedro e a João foram confiados os preparativos para a Última Ceia (Lucas 22:8). Nos outros três Evangelhos João aparece como um dos principais membros do grupo apostólico, integrante do círculo íntimo, e mesmo assim dono de um caráter turbulento, ambicioso e intolerante. No livro de Atos, João sempre aparece como companheiro do Pedro e nunca o escuta falar. Seu nome segue sendo um dos três primeiros da lista dos apóstolos (Atos 1:13). Está com o Pedro quando cura ao coxo frente à Porta Formosa do templo (Atos 3:1ss.). É conduzido junto com Pedro perante o Sinédrio e enfrenta os líderes judeus com uma coragem e valentia que os surpreende e maravilha (Atos 4:1-13). Vai com Pedro de Jerusalém a Samaria para fiscalizar a obra feita por Filipe (Atos 8:14). Nas epístolas de Paulo aparece só uma vez. Ele é mencionado em Gálatas 2: como uma das colunas da igreja junto com Pedro e Tiago, e aprovando junto com eles a obra de Paulo.

Evidentemente João era uma mescla estranha. Era um dos líderes dos Doze; era um dos membros do círculo íntimo de Jesus; mas, ao mesmo tempo era um homem temperamental, ambicioso e intolerante e mesmo assim, um homem arrojado.

Podemos seguir a João através das histórias que se contavam sobre ele na Igreja primitiva. Eusébio nos diz que ele foi exilado em Patmos durante o reinado de Domiciano (Eusébio, *História Eclesiástica* 3:23). Na mesma passagem Eusébio relata uma história típica sobre João, história que tinha recebido de Clemente de Alexandria.

João tinha chegado a ser uma espécie de bispo da Ásia Menor. Visitando uma de suas igrejas que ficava perto de Éfeso, viu entre a congregação um jovem alto e bem-vestido. Voltando-se para o ancião a cargo da congregação, João lhe disse: "Ponho a esse jovem sob sua responsabilidade e cuidado, e chamo a congregação a dar testemunho de que o tenho feito". O ancião levou o jovem a sua casa, cuidou-o e o instruiu, e chegou o dia em que o jovem foi batizado e recebido na Igreja. Mas pouco depois entrou em um círculo de amigos viciados e maus e embarcou em uma carreira de crimes e pecados que terminou por converter-se no chefe de uma quadrilha de ladrões e assassinos.

Algum tempo depois João voltou a visitar a congregação. Disse ao ancião: "Devolva-me o encargo que eu e o Senhor confiamos a você e à Igreja da qual você é responsável". A princípio o ancião não entendia do que João estava falando. "Quer dizer", disse João, "que lhe estou pedindo a alma do jovem que deixei a seu cargo". "Ai!" disse o ancião, "morreu". "Morto?" disse João. "Morreu para Deus", disse o ancião: "Caiu da graça; viu-se obrigado a escapar da cidade devido a seus crimes e agora é um malfeitor que vive nas montanhas."

João foi imediatamente às montanhas. Com toda deliberação permitiu que a quadrilha de ladrões o capturasse. Levaram-no perante o jovem, que agora se tornou chefe da quadrilha, e, cheio de vergonha, o jovem quis escapar dele. João, apesar de ser um homem velho o seguiu: "Meu filho", exclamou; "você foge de seu pai? Sou débil e de idade avançada; tenha piedade de mim, meu filho; não tenha medo; ainda há esperança de salvação para você. Vou interceder por você perante Cristo nosso Senhor. Se for necessário morrerei por você assim como ele morreu por mim. Pare, fique, creia! É Cristo quem me enviou a você". O apelo destroçou o coração do jovem. Parou, arrojou suas armas e chorou. João e ele desceram juntos a montanha e o jovem voltou para a Igreja e à vida cristã. Aí vemos o amor e a valentia de João ainda em ação.

Eusébio (3:28) relata outra história sobre João que extraiu da obra de Irineu. Vimos que um dos líderes da heresia era um homem chamado

Cerinto. "Em uma ocasião, o apóstolo João entrou em um banheiro para banhar-se; mas, quando se inteirou de que Cerinto estava no interior, saltou de seu lugar e correu para fora, porque não podia tolerar permanecer sob o mesmo teto. Aconselhou a quem estava com ele que fizessem o mesmo. 'Escapemos', disse, 'não seja que caia o banheiro pois Cerinto, o inimigo da verdade, está em seu interior'." Aqui temos outro característico do temperamento de João. Boanerges não tinha morrido totalmente.

Cassiano conta outra história famosa sobre João. Um dia o encontraram brincando com uma perdiz domesticada. Um irmão mais estreito e rígido o censurou que perdia tempo nessa forma, ao que João respondeu: "O arco que está sempre dobrado logo deixará de apontar diretamente".

Jerônimo é quem relata a história das últimas palavras de João. Quando João estava morrendo, seus discípulos lhe perguntaram se tinha uma última mensagem para lhes deixar. "Filhinhos", "amem-se uns aos outros". Repetiu-o uma e outra vez; e lhe perguntaram se isso era tudo o que tinha a lhes dizer. "É suficiente", disse, "porque é o mandamento do Senhor".

Esta é, pois, a informação que temos sobre João; dela surge uma figura de temperamento fogoso, de ambição, de coragem indubitável, e, no final, de um amor generoso.

O discípulo amado

Se tivermos seguido com atenção nossas referências teremos notado um detalhe. Todas as referências, toda nossa informação sobre João, procedem dos três primeiros Evangelhos. O fato surpreendente é que no quarto Evangelho, de principio a fim jamais se menciona o apóstolo João. Mas o quarto Evangelho tem uma espécie de personagem a quem em primeiro lugar, fala do *discípulo a quem Jesus amava*.

Há quatro referências a este discípulo. Está reclinado ao lado de Jesus na Última Ceia (João 13:23-25); a esse discípulo amado Jesus encomendou Maria quando morria na cruz (19:25-27); foi a Pedro e ao discípulo a quem Jesus amava a quem se dirigiu Maria Madalena ao voltar do sepulcro vazio na manhã da ressurreição (20:2); e está presente na última aparição de Jesus ressuscitado junto ao lago (21:20).

Em segundo lugar, o quarto Evangelho tem uma espécie de personagem a quem poderíamos chamar a *testemunha*. Quando fala da lança que abriu o lado de Jesus e como saiu água e sangue, adiciona o comentário: “Aquele que isto viu testificou, sendo verdadeiro o seu testemunho; e ele sabe que diz a verdade, para que também vós creiais” (19:34-35). No final do Evangelho vem a afirmação de que foi o discípulo amado quem deu testemunho destas coisas “e sabemos que seu testemunho é verdadeiro” (21:24).

Agora, aqui nos encontramos com uma coisa um tanto estranha. No quarto Evangelho nunca se menciona João, mas se menciona o discípulo amado; e, além disso, há uma testemunha de algum tipo que dá testemunho de toda a história. Em realidade, a tradição jamais duvidou que o discípulo amado é João. Alguns buscaram identificar o discípulo amado com Lázaro, porque se afirma que Jesus amava a Lázaro (João 11:3-5), ou com o jovem rico, de quem se diz que “Jesus, fitando-o, o amou” (Marcos 10:21). Mas apesar de que o Evangelho jamais o diga em forma explícita, a tradição sempre identificou o discípulo amado com João, e em realidade não há por que duvidar da identificação.

Mas uma questão muito real é colocada. Suponhamos que João mesmo escreveu o Evangelho; será que se referiu a si mesmo como o discípulo a quem Jesus amava? Escolheu-se a si mesmo e teria dito algo como: “Eu era seu preferido; era a mim a quem Jesus mais amava”? Sem dúvida é muito improvável que João tenha adotado semelhante título. Se foi conferido por outros, é um belo título; se o conferiu ele mesmo, fica bem perto de um presunção quase incrível.

Há alguma forma pela qual o Evangelho possa ser o testemunho ocular de João e ao mesmo tempo ter sido escrito por algum outro?

Produção da Igreja

Em nossa busca da verdade podemos começar apontando uma das características sobressalentes e únicas do quarto Evangelho. O que resulta mais notório no quarto Evangelho são os longos discursos de Jesus. Frequentemente estes discursos ocupam um capítulo inteiro; e neles Jesus aparece falando em uma forma totalmente distinta da que fala nos outros três Evangelhos. Como vimos, o quarto Evangelho foi escrito ao redor do ano 100, quer dizer, uns setenta anos depois da crucificação. É possível que se trate de discursos *ipsis verbis* de Jesus? É possível vê-los, depois desses setenta anos como as palavras literais de Jesus? Ou podemos explicá-los de algum jeito que até acrescente sua importância? Devemos começar por ter em mente os discursos e a pergunta que inevitavelmente expõem.

E agora devemos adicionar algo. Acontece que nos escritos da Igreja primitiva temos toda uma série de informações a respeito da maneira em que se chegou a escrever o quarto Evangelho. A informação mais antiga é a de Irineu que chegou a ser bispo de Lyon em torno do ano 177; e Irineu era discípulo de Policarpo, que por sua vez tinha sido discípulo de João. De maneira que há uma conexão direta entre Irineu e João. Irineu escreve:

"João, o discípulo do Senhor, que também se reclinou a seu lado, também *publicou* o Evangelho em Éfeso, quando vivia na Ásia."

O que resulta sugestivo nesta passagem é que Irineu não diz que João *escreveu* o Evangelho; diz que João *publicou* (*exedoke*) o Evangelho em Éfeso. A palavra que Irineu emprega o faz aparecer, não como a publicação privada de algumas memórias pessoais, mas sim como o lançamento público de algum documento quase oficial.

A segunda informação vem de Clemente de Alexandria que foi diretor da famosa escola de Alexandria cerca do ano 230. Clemente escreve:

"Em último lugar, João, ao ver que os atos corporais tinham ficado manifestados no Evangelho, a *pedido de seus amigos*, compôs um evangelho espiritual."

O que resulta importante nesta passagem são as palavras a *pedido de seus amigos*. Começa a ficar evidenciado que o quarto Evangelho é muito mais que a produção pessoal de um só homem, que por trás dele há um grupo, uma comunidade, uma Igreja.

Na mesma linha, há um manuscrito do século X chamado Códice Toledano no qual os livros do Novo Testamento estão prefaciados por breves descrições. O prólogo do quarto Evangelho afirma:

"O apóstolo João, a quem Jesus amava em forma especial, escreveu este Evangelho em último lugar, *ante o pedido dos bispos da Ásia*, contra Cerinto e outros hereges."

Uma vez mais temos a mesma idéia. Atrás do quarto Evangelho está a autoridade de um grupo e de uma Igreja.

Agora vamos a um documento de suma importância. É conhecido como o Cânon Muratório. Leva esse nome pelo investigador Muratori que foi quem o descobriu. É a primeira lista dos livros do Novo Testamento que a Igreja publicou. Recolheu-se em Roma ao redor do ano 170 d. C. Não somente dá uma lista dos livros do Novo Testamento, mas também dá breves referências sobre a origem, natureza e conteúdo de cada um deles. Sua informação a respeito de como chegou a escrever o quarto Evangelho é de uma importância e muito esclarecedora.

"Ante o pedido de seus discípulos e de seus bispos, João, um dos discípulos, disse: 'Jejuem comigo durante três dias desde hoje e o que for revelado a cada um de nós, já seja em favor ou contra que eu escreva, relatemos uns aos outros'. Essa mesma noite foi revelado a André que João devia relatar todas as coisas, *ajudado pela revisão de todos os outros*."

É evidente que não podemos aceitar toda a passagem, porque não é possível que André, o apóstolo, tenha estado em Éfeso no ano 100. Mas o fato é que aqui se afirma com a maior clareza possível que, embora a autoridade, a mente e a lembrança que estão por trás do quarto Evangelho pertencem a João, também é, sem dúvida alguma, o produto, não de um homem, mas sim de um grupo e de uma comunidade.

E agora podemos ver algo do que aconteceu. Cerca do ano 100 havia em Éfeso um grupo de homens, dirigidos por João. Respeitavam-no como se fosse um santo e o amavam como a um pai. Deve ter tido perto de cem anos. Antes de sua morte, esses homens consideraram muito sabiamente que seria uma grande coisa se o santo ancião e apóstolo escrevesse suas lembranças dos anos em que tinha estado com Jesus. Porém no final fizeram muito mais que isso. Podemos imaginá-los sentados, revivendo aqueles tempos. Um deles diria: "Recorda que Jesus disse. . . ?" E João responderia: "Sim, e agora sabemos o que quis dizer..." Em outras palavras, este grupo não se limitava a escrever o que Jesus *havia dito*; isso não teria sido mais que um prodígio da memória; escreviam o que *Jesus tinha querido dizer*; nisso consistia a iluminação do Espírito Santo. João tinha pensado sobre cada uma das palavras que Jesus havia dito; tinha meditado nelas sob a direção do Espírito Santo, que era algo tão real para ele.

W. M. Macgregor tem um sermão intitulado: "O que significa Jesus para alguém que o conheceu durante muito tempo". É uma descrição perfeita do Jesus do quarto Evangelho.

A. H. N. Green-Armytage expõe o tema à perfeição em seu livro, *John who saw* (João aquele que viu). Ele diz que Marcos se adapta ao *missionário*, com seu relato claro dos atos da vida de Jesus; Mateus se adapta ao *professor* com seu relato sistemático do ensino de Jesus; Lucas se adapta ao *ministro* ou *sacerdote* de uma paróquia com sua ampla simpatia e sua imagem de Jesus como o Amigo de todos; mas João é o Evangelho do *contemplativo*. Passa a falar do contraste aparente entre Marcos e João. "Em um sentido os dois Evangelhos são o mesmo

Evangelho. Só que, onde São Marcos viu as coisas em forma superficial, literal, evidente, João as viu de maneira profunda, espiritual, sutil. Poderíamos afirmar que João iluminou as páginas de Marcos com a luz da meditação de toda uma vida".

Wordsworth definiu a poesia como "Emoções recolhidas na tranqüilidade", que é uma descrição perfeita do quarto Evangelho. É por isso que João, sem dúvida alguma, é o maior de todos os Evangelhos. Seu objetivo não é nos dar o que disse Jesus como se fosse a informação que aparece em um periódico, e sim nos dar o que Jesus quis dizer. Nele, o Cristo ressuscitado ainda fala. João não é tanto o *Evangelho Segundo São João*, é melhor dito o *Evangelho Segundo o Espírito Santo*. Não foi João de Éfeso quem escreveu o quarto Evangelho. Foi o Espírito Santo quem o escreveu através de João.

O Escrivão do Evangelho

Mas ainda devemos nos fazer uma pergunta. Vimos que a mente e a memória que estão atrás do quarto Evangelho pertencem o João o apóstolo; mas também vimos que por trás dele há uma testemunha que foi o autor, no sentido de que foi quem realmente o escreveu. Podemos descobrir quem é? Por isso nos dizem os escritores da Igreja primitiva, sabemos que em Éfeso fala dois Joões na mesma época. Havia João o apóstolo, mas havia outro João, a quem se conhecia com o nome de João o Ancião.

Papias, que gostava de recolher tudo o que encontrava a respeito da história do Novo Testamento e a história de Jesus, oferece-nos alguma informação muito interessante. Era bispo do Hierápolis, que fica perto de Éfeso, e viveu mais ou menos entre os anos 70 e 145. Quer dizer, foi contemporâneo de João. Relata como tentou descobrir "o que disse André ou o que disse Pedro, ou o que disseram Filipe, Tomé, Tiago, Mateus, ou qualquer outro dos discípulos do Senhor; e as coisas que dizem Aristeu e *João o Ancião*, discípulos do Senhor".

Em Éfeso havia João *o apóstolo*, e João *o Ancião*; e o Ancião João era uma personalidade tão querida que o conhecia como *O Ancião por excelência*. Fica evidente que ocupa um lugar privilegiado dentro da Igreja. Tanto Eusébio como Dionísio o Grande nos dizem que inclusive em seus dias havia duas sepulturas famosas em Éfeso, uma era a de João o Apóstolo e a outra pertencia a João o Ancião.

Agora vamos às duas Epístolas breves, 2 João e 3 João. As *Epístolas* procedam da mesma mão que o Evangelho, e como começam? A Segunda Epístola começa assim: “O ancião à senhora eleita e a seus filhos” (2 João 1, ERC). A Terceira Epístola começa: “O presbítero [NKJV: Ancião] ao amado Gaio” (3 João 1). Aqui temos a solução. O escritor das Epístolas foi João o Ancião; a mente e a lembrança que estão por trás pertencem ao ancião apóstolo João, o mestre em quem sempre pensava João o Ancião e a quem descreve como "o discípulo a quem Jesus amava".

O Evangelho precioso

Quanto mais sabemos sobre o quarto Evangelho mais precioso se torna. João tinha pensado em Jesus durante setenta anos. Dia a dia o Espírito Santo lhe tinha revelado o significado das palavras do Mestre. De maneira que quando estava chegando a um século de existência, e seus dias estavam contados, João e seus amigos se sentaram a recordar. Então João o Ancião tomou a pena para escrever para seu mestre, o apóstolo João; e o último dos apóstolos pôs sobre o papel, não só o que tinha ouvido Jesus dizer, mas também o que sabia que teria querido dizer. Recordava que Jesus havia dito:

“Tenho ainda muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora; quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade” (João 16:12-13).

Havia muitas coisas que não tinha compreendido setenta anos atrás; havia muitas coisas que o Espírito de verdade lhe tinha revelado durante esses setenta anos. Estas coisas João as pôs por escrito quando já a glória eterna estava descendo sobre ele. De maneira que quando lermos este Evangelho recordemos que estamos lendo o Evangelho que de todos os que o escreveram é aquele em que o Espírito Santo teve maior participação no que nos fala do significado das palavras de Jesus, através da mente e a memória de João o Apóstolo e mediante a pena de João o Ancião. Atrás do Evangelho está toda a Igreja de Éfeso, toda a companhia dos santos, o último dos apóstolos, o Espírito Santo, o próprio Cristo ressuscitado.

João 1

O Verbo feito carne - 1:1-18

O Verbo eterno - 1:1-2

O Criador de todas as coisas - 1:3

Vida e luz - 1:4

Vida e luz - 1:4 (cont.)

As trevas hostis - 1:5

O testemunho de Jesus Cristo - 1:6-8

A luz de todo homem - 1:9

Não reconhecido - 1:10-11

Não reconhecido - 1:10-11 (cont.)

Filhos de Deus - 1:12-13

O Verbo se fez carne - 1:14

O Verbo se fez carne - 1:14 (cont.)

O Verbo se fez carne - 1:14 (cont.)

A inesgotável plenitude - 1:15-17

A revelação de Deus - 1:18

O testemunho de João - 1:19-28

O testemunho de João - 1:19-28 (cont.)

O Cordeiro de Deus - 1:29-31

A vinda do Espírito - 1:32-34

Os primeiros discípulos - 1:35-39

Compartilhando a glória - 1:40-42

A rendição de Natanael - 1:43-51

O VERBO FEITO CARNE

João 1:1-8

Passaremos a estudar esta passagem em seções breves e em detalhe; mas, antes de fazê-lo, devemos buscar compreender o que João estava tentando dizer ao descrever a Jesus como *O Verbo*.

O primeiro capítulo do quarto Evangelho é uma das maiores aventuras do pensamento religioso que jamais obteve a mente do homem. Antes de começar a estudá-lo em detalhe, tentaremos ver o que João estava buscando fazer quando o escreveu.

Não passou muito tempo antes que a Igreja cristã se visse confrontada com um problema básico. A Igreja tivera seus começos dentro do judaísmo. No princípio todos os seus membros tinham sido judeus. Jesus, por descendência humana, era judeu, e, com exceção de breves visitas aos distritos de Tiro e Sidom e a Decápolis, Ele nunca saiu da Palestina. O cristianismo começou entre os judeus; e, devido a isso, era inevitável que falasse o idioma dos judeus, e que empregasse as linhas de pensamento dos judeus.

Mas embora o cristianismo teve seu berço dentro do judaísmo, pouco tempo depois se estendeu pelo resto do mundo. Trinta anos depois da morte de Jesus, cerca do ano 60, o cristianismo tinha viajado por toda a Ásia Menor e a Grécia e tinha chegado a Roma. Cerca do ano 60 devem ter havido na Igreja cem mil gregos para cada judeu cristão. As idéias judaicas eram completamente estranhas para os gregos. Para tomar um só exemplo revelador, os gregos jamais tinham ouvido falar de um Messias. O próprio centro da esperança dos judeus, chegada do Messias, era uma idéia completamente alheia aos gregos. A própria linha de

pensamento segundo a qual os judeus concebiam e apresentavam a Jesus não significava nada para um grego.

Aqui estava o problema – como apresentar o cristianismo ao mundo grego? Lecky, o historiador disse em uma oportunidade que o progresso e a expansão de uma idéia depende, não só da força e o poder da idéia, mas sim da predisposição para receber a da época a que é apresentada. A tarefa da Igreja cristã consistia em criar no mundo grego uma predisposição para receber a mensagem cristã. Como disse E. J. Goodspeed, a questão era esta: "A um grego que está interessado no cristianismo devia ser levado a passar por todas as idéias messiânicas judaicas e pelas formas judaicas de pensamento, ou se poderia encontrar um enfoque novo que pudesse falar com sua mente e coração desde seu próprio pano de fundo?" O problema consistia em apresentar o cristianismo e a Cristo de maneira que um grego pudesse compreendê-lo.

Ao redor do ano 100 houve um homem em Éfeso que se sentiu fascinado pelo problema: Seu nome era João. Vivia em uma cidade grega. Relacionava-se com gregos aos quais as idéias judaicas eram estranhas e ininteligíveis e até grosseiras.

Como podia encontrar uma forma de apresentar o cristianismo a esses gregos em seu próprio pensamento e em seu próprio idioma e de maneira tal que o aceitassem e compreendessem? De súbito lhe ocorreu a solução a seu problema. Tanto no pensamento grego como no judeu existia o conceito de *O Verbo*. Isto era algo que podia elaborar-se para enfrentar tanto ao mundo grego como ao judeu. Algo que permanecia à tradição de ambas as raças, algo que ambos podiam compreender.

Começamos, pois, por examinar os dois pano de fundos do conceito do Verbo.

O pano de fundo judeu

No pano de fundo judeu havia quatro correntes que contribuía de certo modo à idéia do Verbo.

(1) Para o judeu uma palavra era muito mais que um mero som; uma palavra era algo que tinha uma existência ativa e independente e que de fato fazia coisas. Como disse o professor John Paterson: "Para o hebreu a palavra falada era algo muito vivo... Era uma unidade de energia carregada de poder. Voa como uma bala a seu destino". Por essa mesma razão o hebreu era parco em palavras. O vocabulário hebreu tem menos de dez mil palavras; o grego tem duzentas mil.

Um poeta moderno nos relata como em uma ocasião o autor de um fato heróico foi incapaz de relatar-lhe a seus companheiros de tribo por falta de palavras. Diante disso ergueu-se um homem "dotado com a magia necessária das palavras", e relatou a história em termos tão vivos e estremecedores que "as palavras adquiriram vida e caminhavam de um lado a outro no coração de seus ouvintes". As palavras do poeta converteram-se em um poder.

A história tem muitos exemplos desse tipo de coisas.

Quando John Knox pregava durante o tempo da Reforma na Escócia se dizia que a voz desse homem só infundia mais coragem no coração de seus ouvintes que dez mil trompetistas soando em seus ouvidos. Suas palavras agiam sobre as pessoas.

Nos dias da Revolução Francesa, Rouget de Lisle escreveu a *Marselhesa* e essa canção fez com que os homens partissem à revolução. As palavras faziam coisas.

Nos dias da Segunda Guerra Mundial, quando a Inglaterra carecia tanto de aliados como de armas, as palavras do Primeiro-Ministro, Sir Winston Churchill, ao falar com todo o país pelo rádio, elas exerciam influência nas pessoas. Isto era mais certo no Oriente, e o é ainda. Para os orientais uma palavra não é um mero som; é uma força que faz coisas.

O professor Paterson recorda um incidente que Sir Adam Smith relata. Em uma ocasião em que Sir George Adam Smith viajava pelo deserto asiático, um grupo de maometanos lhe deram as costumeiras boas-vindas: "A paz seja contigo". No momento não perceberam que era um cristão; mas quando descobriram que haviam proferido uma bênção a

um infiel, apressaram-se a voltar pedindo que a devolvesse. A palavra era como uma coisa que se podia enviar para fazer coisas e a ela se podia trazer de volta.

Podemos compreender como, para os povos orientais, as palavras tinham uma existência independente, carregada de poder.

(2) O Antigo Testamento está cheio dessa idéia geral do poder das palavras. Uma vez que Isaque foi enganado para que abençoasse a Jacó em lugar de Esaú, não teria podido fazer nada para recuperar essa bênção (Gênesis 27). A palavra tinha saído e tinha começado a agir e não havia nada que pudesse detê-la. Vemos a palavra de Deus em ação de maneira especial no relato da Criação. A cada passo lemos: "E disse Deus...." (Gênesis 1:3,6,11). A Palavra de Deus é o poder criador.

Aqui e ali nos confrontamos com esta idéia da palavra de Deus criativa, atuante, dinâmica. "Pela palavra do SENHOR foram feitos os céus" (Sal. 33:6). "Enviou-lhes a sua palavra, e os sarou" (Sal. 107:20). "Ele envia as suas ordens à terra, e sua palavra corre velozmente" (Salmo 147:15). "Assim será a palavra que sair da minha boca: não voltará para mim vazia, mas fará o que me apraz e prosperará naquilo para que a designei" (Isaías 55:11). "Não é a minha palavra fogo, diz o SENHOR, e martelo que esmiúça a penha?" (Jeremias 23:29). "Falaste desde o começo da criação, já no primeiro dia, e disseste: 'Sejam feitos o céu e a terra'. E sua palavra foi uma obra perfeita" (2 Esdras 6:38). O autor de Sabedoria se dirige a Deus como "Aquele que com sua palavra fez todas as coisas" (Sabedoria 9:1).

No Antigo Testamento por toda parte se vê esta idéia da palavra poderosa, criadora. Inclusive as palavras dos homens têm uma sorte de atividade dinâmica; quanto mais a de Deus?

(3) Na vida religiosa hebréia intervinha algo que acentuou em grande medida o desenvolvimento desta idéia da Palavra de Deus. Durante mais de um século antes da vinda de Jesus, o hebraico tinha sido um idioma esquecido. O Antigo Testamento estava escrito em hebraico

mas os judeus já não o conheciam. Os estudiosos sabiam, mas não o povo comum.

O povo comum falava um desenvolvimento do hebraico chamado aramaico. O aramaico é para o hebreu um pouco parecido com o que inglês moderno é para o anglo-saxão. Visto que essa era a situação, era preciso traduzir as escrituras do Antigo Testamento a este idioma que o povo entendia, e estas traduções eram chamadas *targuns*. Na sinagoga se liam as escrituras no hebraico original, mas depois eram traduzidas ao aramaico que o povo falava e as traduções que se empregavam eram os *targuns*. Agora, os *targuns* foram redigidos em uma hora em que o povo estava fascinado com a transcendência de Deus. Quer dizer, foram produzidos em um momento em que os homens só podiam pensar na distância e Deus como um ser distante e diferente.

Devido a isso os homens que fizeram as traduções, que aparecem nos *targuns* sentiam muito temor em atribuir pensamentos e emoções, ações e reações humanas a Deus. Em termos técnicos, fizeram todos os esforços possíveis por evitar o antropomorfismo ao falar de Deus. Quer dizer, fizeram todos os esforços possíveis por evitar atribuir sentimentos e ações humanas a Deus. Agora, o Antigo Testamento em geral fala de Deus de maneira humana; e em qualquer lugar que ocorria algo semelhante no Antigo Testamento, os *targuns* substituem o nome de Deus por palavra de Deus. Vejamos que efeitos teve este costume.

Em Êxodo 19:17 lemos que “E Moisés levou o povo fora do arraial *ao encontro de Deus*”. Os *targuns* consideravam que isso era uma maneira muito humana de falar de Deus e diziam que Moisés tirou o povo do acampamento para ir *ao encontro da palavra de Deus*. Em Êxodo 31:13 lemos que Deus disse ao povo que na sábado “é sinal entre mim e vós nas vossas gerações”. Essa é uma forma muito humana de falar para os *targuns*, portanto dizem que o sábado é um sinal “entre minha palavra e vós”. Deuteronomio 9:3 diz que Deus é um fogo consumidor, mas os *targuns* traduzem que *a palavra de Deus* é um fogo consumidor. Isaías 48:13 mostra uma grande imagem da criação:

“Também a minha mão fundou a terra, e a minha destra mediu os céus a palmas”. Para os *targuns* esta é uma imagem de Deus muito humana, e fazem Deus dizer: "Por *minha palavra* fundei a terra; e por meu poder suspendi os céus". Inclusive mudam uma passagem tão maravilhosa como Deuteronômio 33:27, que fala dos "braços eternos" de Deus, e o convertem nisto: "O eterno Deus é seu refúgio, e por sua palavra o mundo foi criado". No *Targum* de Jônatas esta frase *a palavra de Deus* aparece não menos de trezentas e vinte vezes. É certo que não é mais que uma paráfrase do nome de Deus, que os tradutores empregavam quando queriam evitar atribuir pensamentos e ações humanos a Deus; mas o certo é que a frase *a palavra de Deus* se converteu em uma das formas mais comuns da expressão judaica. Tratava-se de uma frase que qualquer judeu devoto podia ouvir e reconhecer porque a tinha ouvido tantas vezes na sinagoga quando se liam as escrituras. Todo judeu estava acostumado a falar da Memra, *a Palavra de Deus*.

(4) A esta altura devemos tomar nota de um fato que é fundamental para o desenvolvimento posterior desta idéia da palavra. O termo grego para *palavra* é *Logos*; mas *Logos*, não significa somente *palavra*, também quer dizer *razão*. Para João, e para todos os grandes pensadores que fizeram uso desta idéia, estes dois significados sempre estavam intimamente entrelaçados. Quando usavam a palavra *Logos* sempre tinham presente as idéias paralelas da palavra de Deus e a razão de Deus. Agora, os judeus tinham um tipo de literatura chamada *literatura sapiencial*. Esta *literatura sapiencial* era a sabedoria concentrada dos sábios e dos homens inteligentes. Em geral não é especulativa ou filosófica; pelo contrário, trata-se de uma sabedoria prática para a vida e seu desempenho. No Antigo Testamento o maior exemplo deste tipo de literatura é o livro de Provérbios.

No livro de Provérbios há certas passagens que atribuem um poder misterioso, criativo, vitalizador e eterno à sabedoria (Sophia). Poderia dizer-se que nestas passagens se personificou a sabedoria e ela foi considerada como o agente, instrumento e colaborador eterno de Deus.

Três são as passagens principais. O primeiro é Provérbios 3:13-26. De toda a passagem podemos destacar em forma especial:

“É árvore de vida para os que a alcançam, e felizes são todos os que a retêm. O SENHOR com sabedoria fundou a terra, com inteligência estabeleceu os céus. Pelo seu conhecimento os abismos se rompem, e as nuvens destilam orvalho” (Provérbios 3:18-20).

Agora recordamos que *Logos* significa *palavra* e também significa *razão*. Já vimos o que pensavam os judeus a respeito da palavra poderosa e criadora de Deus. Aqui vemos o outro aspecto que começa a fazer sua aparição. A *sabedoria* é o agente de Deus na iluminação e na criação. E a *sabedoria* e a *razão* são duas coisas muito parecidas. De maneira que aqui vemos aparecer o outro lado da palavra *Logos*. Vimos quão importante era esse termo no sentido de *palavra*; agora vemos que está começando a ser importante no sentido de *sabedoria* ou *razão*.

A segunda passagem importante é Provérbios 4:5-13. Dentro da passagem podemos destacar: “Retém a instrução e não a largues; guarda-a, porque ela é a tua vida”.

A *palavra* é a *luz* dos homens, e a *sabedoria* é a *luz* dos homens. Agora as duas idéias se estão amalgamando com rapidez.

A passagem mais importante é Provérbios 8:1-9:2. Nele podemos fazer ressaltar de maneira especial:

“O SENHOR me possuía no início de sua obra, antes de suas obras mais antigas. Desde a eternidade fui estabelecida, desde o princípio, antes do começo da terra. Antes de haver abismos, eu nasci, e antes ainda de haver fontes carregadas de águas. Antes que os montes fossem firmados, antes de haver outeiros, eu nasci. Ainda ele não tinha feito a terra, nem as amplidões, nem sequer o princípio do pó do mundo. Quando ele preparava os céus, aí estava eu; quando traçava o horizonte sobre a face do abismo; quando firmava as nuvens de cima; quando estabelecia as fontes do abismo; quando fixava ao mar o seu limite, para que as águas não traspassassem os seus limites; quando compunha os fundamentos da terra; então, eu estava com ele e era seu arquiteto, dia após dia, eu era as suas delícias, folgando perante ele em todo o tempo.” (Provérbios 8:22-30).

Quando lemos essa passagem encontramos um eco atrás de outro do que diz João sobre o *Verbo*, a *Palavra*, o *Logos*, no primeiro capítulo do quarto Evangelho. A *sabedoria* tinha essa existência eterna, essa função iluminadora, esse poder criador que João atribuía à *Palavra*, ao *Verbo*, aos *Logos*, com o que identificava a Jesus Cristo.

O desenvolvimento desta idéia de *sabedoria* não parou aqui. Entre o Antigo e o Novo Testamento, os homens continuaram escrevendo e produzindo este tipo de literatura chamado literatura sapiencial. Possuía tanta sabedoria concentrada; tirava tanto da experiência dos homens sábios que era uma preciosa guia para a vida. Escreveram-se dois grandes livros em particular, que se incluem entre os apócrifos, e que são livros que ajudarão a alma de qualquer pessoa que as leia.

(a) O primeiro é o livro chamado *A Sabedoria de Jesus, filho do Sirac*, ou, segundo seu título mais comum, *Eclesiástico*. Este livro também dá muita importância à sabedoria criadora e eterna de Deus.

"As areias do mar; as gotas da chuva
E os dias do passado, quem poderá contá-los?
A altura do céu, a amplitude da terra,
a profundidade do abismo, quem as poderá explorar?
Antes de todas estas coisas foi criada a Sabedoria,
e a inteligência prudente existe desde sempre."

(Eclesiástico 1:2-4, Bíblia de Jerusalém, ênfase do autor)

"Saí da boca do Altíssimo,
E como nuvem cobri a terra.
Armei a minha tenda nas alturas
e meu trono era uma coluna de nuvens.
Só eu rodeei a abóbada celeste,
Eu percorri a profundidade dos abismos"
(Eclesiástico 24:3-5, Bíblia de Jerusalém).

"Criou-me antes dos séculos, desde o princípio,
e para sempre não deixarei de existir".
(Eclesiástico 24:14, Bíblia de Jerusalém).

Aqui voltamos a encontrar a sabedoria como o poder eterno, criador, de Deus que esteve a seu lado nos dias da criação e no princípio do tempo.

(b) *O Eclesiástico* foi escrito na Palestina ao redor de 100 a.C. mas quase ao mesmo tempo se estava escrevendo um livro igualmente importante em Alexandria, Egito. Chama-se *A Sabedoria de Salomão*. Neste livro está a imagem mais grandiosa da sabedoria. A *sabedoria* é o tesouro que usam os homens para participar da amizade de Deus (7:14). A *sabedoria* é o artífice de todas as coisas (7:22). É o hálito do poder divino e um puro eflúvio da glória de Deus (7:25). Pode fazer todas as coisas e renova tudo (7:27). Mas o autor deste livro faz algo mais que falar da *sabedoria*; iguala a *sabedoria* com a *palavra*. Para ele as duas idéias eram iguais. Podia falar na mesma frase, da *sabedoria de Deus* e da *palavra de Deus* dando-lhes o mesmo sentido. Quando ora a Deus, é assim como se dirige a ele:

"Deus dos pais, Senhor de misericórdia,
que tudo criaste com *tua palavra*,
e com *tua sabedoria* formaste o homem"

(Sabedoria 9:1-2, Bíblia de Jerusalém, ênfase do autor).

Pode falar da *palavra* quase como João o faria mais tarde:

"Quando um silêncio profundo envolvia todas as coisas
e a noite mediava o seu rápido percurso,
tua Palavra onipotente lançou-se, guerreiro inexorável,
do trono real dos céus para o meio de uma terra de extermínio.
Trazendo a espada afiada de tua ordem irrevogável,
deteve-se e encheu de morte o universo:
de um lado tocava o céu, de outro pisava a terra."

(Sabedoria 18:14-16, Bíblia de Jerusalém, ênfase do autor).

Para o autor do *Livro da Sabedoria*, a *sabedoria* era o poder eterno, iluminador, criador, de Deus; a *sabedoria* e a *palavra* eram uma e a mesma coisa. Os instrumentos e agentes de Deus na criação foram a

sabedoria e a *palavra*, e são elas quem sempre traz ao coração e a mente dos homens a vontade de Deus.

De maneira que quando João procurava uma forma de apresentar o cristianismo encontrou a idéia da palavra dentro de sua própria fé e na tradição de seu próprio povo; a palavra comum que, em si mesma, não é um mero som, e sim algo dinâmico, a palavra de Deus mediante a qual Deus criou o mundo, a palavra dos *targuns*; que expressavam a idéia da ação de Deus, a *sabedoria* da literatura sapiencial que era o eterno poder criador e iluminador de Deus. Assim, pois, João disse: "Se querem ver essa *palavra* de Deus, se querem ver o poder criador de Deus, se querem ver essa *palavra* que deu existência ao mundo e que dá vida e luz a todos os homens, *olhem a Jesus Cristo*. Nele a palavra de Deus habitou entre vós."

O pano de fundo grego

Mas já vimos que o problema do João não consistia em apresentar o cristianismo ao mundo judeu, mas em apresentá-lo ao mundo grego. Como, então, adequava-se esta idéia da *Palavra* ao pensamento grego? No pensamento grego, a idéia da *palavra* estava ali, esperando que a usasse. Tinha começado esta idéia da palavra, ao redor do ano 560 a.C., e, o que resulta estranho, é que começou em Éfeso, onde também se escreveu o quarto Evangelho.

No ano 560 a.C havia em Éfeso um filósofo chamado Heráclito. Sua idéia fundamental era que tudo neste mundo está em um estado de movimento contínuo. Tudo muda dia a dia e momento a momento. Seu exemplo famoso era que resultava impossível banhar-se duas vezes no mesmo rio. Alguém se banha uma vez; sai; volta-se a banhar; mas o rio não é o mesmo, porque as águas correram e é um rio diferente. Para Heráclito todas as coisas eram assim, tudo estava em um estado de fluxo constante. Mas se for assim, por que a vida não é um caos total? Como pode ter algum sentido um mundo no qual há um fluxo e uma mudança constante, ininterrupta e contínua? A resposta de Heráclito era: toda esta

mudança e este fluir não acontecem por acaso; estão controlados e ordenados; seguem um esquema contínuo o tempo todo; e o que controla o esquema é o *Logos*, a *palavra*, a *razão* de Deus. Para Heráclito, o *Logos*, a *palavra*, era o princípio de ordem sob o qual o universo continuava existindo.

Mas Heráclito ia mais adiante. Sustentava que não só havia um modelo no mundo físico; também há um modelo no mundo dos eventos. Sustentava que nada se move sem sentido, que em toda vida e em todos os eventos da vida há um propósito, um plano, um esquema e um intuito. E o que é o que controla os eventos? Uma vez mais, a resposta é, o poder que controla é o *Logos*, a *palavra*, a *razão* de Deus. Mas Heráclito aprofundava ainda mais o assunto. O que é o que nos diz, a cada um, qual é a diferença entre o bem e o mal? O que é o que faz possível que pensemos e raciocinemos? O que é o que nos permite escolher em forma correta e reconhecer a verdade quando a vemos? Mais uma vez Heráclito nos dá a mesma resposta: o que dá ao homem a razão e o conhecimento da verdade e a capacidade de julgar e discernir entre o bem e o mal é o *Logos*, a *palavra*, a *razão* de Deus que habita em seu interior. Heráclito sustentava que no mundo da natureza e dos eventos "todas as coisas acontecem segundo o *Logos*", e que no homem individual "o *Logos* é o juiz da verdade". Para Heráclito o *Logos* não era menos que a mente de Deus que controla este mundo e a cada homem em particular.

Uma vez que os gregos descobriram esta idéia, não a deixaram escapar. Fascinava-os. E de maneira especial os estóicos, sempre maravilhados diante da ordem deste mundo. A ordem sempre implica uma mente. Em qualquer lugar que haja ordem, acerto, intuito e modelo, deve haver uma mente que projetou e controla essa ordem. Os estóicos perguntavam: "O que é o que faz com que as estrelas se mantenham em seu curso? O que faz com que as marés subam e baixem? O que faz com que o dia e a noite ocorram em uma ordem inalterável? O que faz com que as estações cheguem no momento indicado?" E respondiam: "Todas as coisas estão controladas pelo *Logos*, a *palavra*, a *razão* de Deus. O

Logos é o poder que dá sentido ao mundo, o poder que faz com que o mundo seja uma ordem e não um caos, o poder que pôs em movimento o mundo e que o mantém em um movimento perfeito. "O *Logos*", diziam os estóicos, "domina todas as coisas".

Ainda há outro nome no mundo grego que devemos observar. Havia em Alexandria um judeu chamado Filo. Tinha dedicado sua vida a estudar a sabedoria de dois mundos, o judeu e o grego. Nenhum outro homem conheceu as escrituras judaicas como Filo as conhecia; e nenhum judeu conhecia como ele a grandeza do mundo grego. Ele também conhecia, empregava e amava esta idéia do *Logos*, a palavra, a razão de Deus. Sustentava que o *Logos* era a coisa mais antiga que existia no mundo e que era o instrumento mediante o qual Deus tinha feito o mundo. Dizia que o *Logos* era o pensamento de Deus impresso sobre o universo; fala do *Logos* pelo qual Deus fez o mundo e todas as coisas; diz que Deus, piloto do universo, sustenta o *Logos* como o volante de um leme, e com ele dirige todas as coisas. Diz que na mente do homem também está estampado o *Logos*, que o *Logos* é aquilo que dá ao homem a razão, o poder de pensar e o poder de conhecer. Dizia que o *Logos* é o intermediário entre o mundo e Deus, entre o criado e o incriado, que o *Logos* é o sacerdote que apresenta a alma a Deus.

O pensamento grego conhecia, pois, tudo referente ao *Logos*. Via no *Logos* o poder criador e diretor de Deus, o poder que fez o universo e que o mantém em movimento. De maneira que João chegou aos gregos e disse:

"Durante séculos estivestes pensando, escrevendo e sonhando sobre o *Logos*, o poder que fez o mundo, o poder que mantém a ordem do mundo, o poder mediante o qual os homens pensam, raciocinam e conhecem, o poder através do qual ficam em contato com Deus. Jesus é esse *Logos* que veio à terra". "A palavra", —o Verbo— disse João, "fez-se carne". Poderíamos dizê-lo de outro modo —"a mente de Deus se converteu em uma pessoa".

Tanto judeu como grego

Os gregos e os judeus tinham chegado lentamente à concepção do *Lagos*, a *palavra*, a *razão* de Deus, a mente de Deus que fez o mundo e que lhe dá sentido. De maneira que João se dirigiu tanto aos judeus como aos gregos para dizer que em Jesus Cristo esta mente de Deus criadora, iluminadora, controladora, sustentadora, tinha baixado à Terra. Veio para dizer que os homens já não necessitam fazer conjeturas e procurar provas; que tudo o que deviam fazer era olhar a Jesus e ver a Mente de Deus.

O VERBO ETERNO

João 1:1-2

O princípio do Evangelho do João é de uma importância tal e de tal profundidade de sentido que devemos estudá-lo quase versículo por versículo. O grande pensamento do João é que Jesus não é outro senão o Verbo criador, vitalizador e iluminador dos conceitos grandiosos a respeito de Deus, que Jesus é o poder de Deus que criou o mundo e a razão de Deus que o sustenta, que veio à Terra sob uma forma humana e corpórea.

Aqui, no começo, João diz três coisas sobre o Verbo, e isso quer dizer, que diz três coisas sobre Jesus.

(1) O Verbo existia já no princípio de todas as coisas. O pensamento de João se remonta ao próprio começo da Bíblia: "No princípio criou Deus os céus e a terra" (Gênesis 1:1). O que João diz é isto —o Verbo não é uma das coisas criadas; estava presente *antes da criação*. O Verbo não é uma parte do mundo que começou a existir no tempo; o Verbo é uma parte da eternidade e estava com Deus antes do tempo e antes do princípio do mundo. Este pensamento de João recebe um nome técnico na teologia. João estava pensando no que se conhece como a *preexistência de Cristo*. Em mais de um sentido, esta idéia da

preexistência é algo muito difícil de compreender, se não impossível. Mas significa algo muito simples, muito prático e muito tremendo. Se o Verbo estava com Deus antes de que começasse o tempo, se o Verbo de Deus é parte do esquema eterno das coisas, quer dizer que *Deus sempre foi como Jesus*.

Às vezes tendemos a pensar em Deus como alguém justo, santo, estrito e vingador; e tendemos a pensar que algo que Jesus fez muda a ira de Deus em amor e alterou a atitude de Deus para os homens. O Novo Testamento desconhece completamente idéia. Todo o Novo Testamento nos diz, e esta passagem de João o faz de maneira especial, que Deus sempre foi como Jesus. O que fez Jesus foi abrir uma janela no tempo para que pudéssemos contemplar o amor eterno e imutável de Deus. Mas podemos nos perguntar: "Se dissermos isso, o que acontece a algumas das coisas que lemos no Antigo Testamento? O que dizer das passagens que falam das ordens de Deus para arrasar cidades inteiras, e destruir homens, mulheres e crianças? Que explicação nos dá da ira, do poder destruidor e do zelo de Deus que aparecem nas partes mais antigas das Escrituras?"

A resposta a essas perguntas é a seguinte: não é Deus quem mudou; o que mudou é o conhecimento de Deus por parte do homem. Os homens escreveram essas coisas porque não conheciam mais que isso. Esse era o estágio ao que tinha chegado seu conhecimento de Deus. Quando um menino está aprendendo um tema, deve fazê-lo passo a passo. Não começa com um conhecimento completo; começa com o que pode compreender e segue avançando cada vez mais. Quando começa a estudar álgebra não começa com o binômio de Newton; parte de equações simples, e continua passo a passo à medida que aumenta seu conhecimento do tema. O mesmo aconteceu com os homens e Deus. Só podiam entender e compreender partes pequenas de Deus. Só quando veio Jesus, os homens viram em forma completa e total como Deus tinha sido *sempre*.

Conta-se que em uma ocasião uma garotinha tomou contato com as partes mais sangrentas e selvagens do Antigo Testamento. Seu comentário foi: "Mas isso aconteceu antes que Deus se tornasse cristão!"

Se podemos expressá-lo da mesma maneira, com toda reverência, quando João diz que o Verbo existiu sempre, antes do princípio das coisas, o que está dizendo é que Deus sempre foi cristão. Diz-nos que Deus foi, é e sempre será igual a Jesus; mas os homens não podiam saber e conhecer isto antes da vinda de Jesus.

(2) João continua dizendo: *o Verbo estava com Deus.* O que quer dizer com isto? Quer dizer que sempre existiu a relação mais íntima e mais próxima entre o Verbo e Deus. Ponhamo-lo em outra forma mais simples. Sempre existiu a relação mais íntima entre Jesus e Deus. Isso significa que não há ninguém que possa nos dizer como é Deus, qual é a vontade de Deus para conosco, como são o amor, o coração e a mente de Deus, como Jesus pode demonstrar.

Tomemos uma analogia humana muito simples. Se queremos saber o que pensa e sente a respeito de algo uma determinada pessoa, e se não podermos nos aproximar dessa pessoa, não nos dirigimos a alguém que apenas a conhece, a alguém que só a conhece há pouco tempo; vamos a alguém que sabemos que é seu amigo íntimo há muitos anos. Sabemos que o íntimo amigo de muitos anos será capaz de nos interpretar o pensamento e sentimento dessa pessoa. Um pouco parecido é o que diz João a respeito de Jesus. Diz que Jesus sempre esteve com Deus. Empreguemos uma linguagem muito humana porque é o único que podemos usar. João está dizendo que Jesus mantém uma relação tão íntima com Deus que Deus não tem segredos para ele; e que, portanto, Jesus é a única pessoa de todo o universo que nos pode revelar como é Deus, e o que sente para nós.

(3) Por último João diz que *o Verbo era Deus.* Não cabe dúvida que se trata de uma frase difícil de compreender, e é difícil porque o grego, que é o idioma em que escrevia João, diz as coisas de maneira diferente da que nós usamos. Quando o grego emprega um substantivo quase

sempre o acompanha com o artigo definido. A palavra grega para Deus é *theos*, e o artigo definido, é *ho*. Quando o grego fala de Deus não diz somente *theos*, e sim *ho theos*. Agora, quando o grego não emprega o artigo definido com o substantivo, este se converte em algo muito mais parecido a um adjetivo; descreve o caráter, a qualidade da pessoa. João não disse que o Verbo era *ho theos*; isso teria significado que o Verbo era *idêntico a Deus*; diz que o Verbo era *theos* —sem o artigo definido— o que quer dizer, em nossas palavras, que o Verbo era do mesmo caráter, essência, qualidade e ser que Deus. Quando João disse *o Verbo era Deus* não estava dizendo que Jesus era idêntico a Deus; estava dizendo que Jesus é tão perfeitamente o mesmo que Deus em mente, coração e ser, que em Jesus vemos a perfeição como Deus é.

Assim, pois, no próprio começo de seu Evangelho João afirma que em Jesus, e só nele, revela-se de maneira perfeita aos homens tudo o que Deus sempre foi e sempre será, e tudo o que Deus sente com relação aos homens e deseja deles.

O CRIADOR DE TODAS AS COISAS

João 1:3

Pode parecer-nos estranho que João sublinhe desta maneira a forma em que o mundo foi criado. E pode parecer-nos estranho que relacione a Jesus de maneira tão definida com a obra da criação. Mas se vê obrigado a fazê-lo devido a certa tendência no pensamento de sua época.

No tempo em que João viveu havia uma espécie de heresia denominada *gnosticismo*. O ponto característico do gnosticismo era que se tratava de um enfoque intelectual e filosófico do cristianismo. Para os gnósticos as crenças simples do cristão comum não eram suficientes. Tentavam construir um sistema filosófico a partir do cristianismo. sentiam-se preocupados com a existência do pecado, o mal, a dor e o sofrimento neste mundo, de maneira que elaboraram uma teoria e uma filosofia para explicá-los.

A teoria era a seguinte. No princípio existiam duas coisas: Deus e a matéria. Os gnósticos sustentavam que a matéria sempre tinha existido. Era a matéria-prima a partir da qual se criou, formou e modelou o mundo. Os gnósticos sustentavam que esta matéria original era defeituosa e imperfeita. Quer dizer que, desde o começo, o material a partir do qual se criou o mundo era imperfeito. Dito de outra maneira, o mundo tinha que começar mau. Era feito de um material que continha os germes do mal e da corrupção. Mas os gnósticos foram ainda mais longe. Deus —sustentavam— é espírito puro, e o espírito puro é tão puro que jamais pode tocar a matéria. Muito menos poderá tocar uma matéria cuja essência é a imperfeição. Portanto, não era possível que Deus tivesse levado a cabo a obra da criação por si mesmo. De maneira que, segundo eles, o que Deus tinha feito era lançar de si mesmo uma série de emanções.

Cada emanção se afastava cada vez mais de Deus. À medida que as emanções se foram afastando de Deus, conheciam cada vez menos a respeito dele. Para a metade da série descendente havia uma emanção que já não sabia nada a respeito de Deus e que era totalmente ignorante sobre Ele. A partir desse estágio as emanções começavam a ser não só ignorantes de Deus, mas também hostis com respeito a Ele. Finalmente, a última emanção da série estava tão longe de Deus que era completamente ignorante e hostil com relação a Ele, e essa emanção foi a força que criou o mundo, porque estava tão longe de Deus que podia tocar esta matéria imperfeita e má. Segundo os gnósticos o Deus criador era um Deus que estava completamente divorciado e em inimizade com o verdadeiro Deus.

Os gnósticos davam um passo mais. Identificavam o Deus criador com o Deus do Antigo Testamento; e sustentavam que o Deus do Antigo Testamento era completamente distinto, ignorante e hostil com relação ao Deus que era o Deus e Pai de Jesus Cristo. Na época de João esta crença estava muito estendida. Os homens acreditavam que o mundo era mau e que tinha sido criado por um Deus mau.

Para combater esses ensinamentos João estabelece aqui estas duas verdades fundamentais do cristianismo. De fato, a relação de Jesus com a criação se sublinha repetidamente no Novo Testamento, justamente em razão desse pano de fundo de pensamento que divorciava a Deus do mundo em que vivemos. Em Colossenses 1:16 Paulo escreve: “Pois, nele, foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra . . . Tudo foi criado por meio dele e para ele.” Em 1 Coríntios 8:6 escreve sobre o Senhor Jesus Cristo “pelo qual são todas as coisas”. O autor de Hebreus fala do Filho, “pelo qual também fez o universo” (Hebreus 1.2).

João e os outros evangelistas que falaram desta maneira estavam sublinhando duas verdades muito importantes.

(1) O cristianismo sempre creu no que se chama *criação do nada*. Não criam que em sua criação Deus teve que trabalhar com uma matéria estranha e má. Não criam que o mundo tenha começado com uma falha essencial. Não criam que o mundo começou com Deus e alguma outra coisa. Criam que por trás de todas as coisas está Deus e só Deus.

(2) O cristianismo sempre creu que este é o *mundo de Deus*. De maneira, que, longe de estar tão separado do mundo que não podia ter nada que ver com ele, Deus está intimamente comprometido com ele.

Os gnósticos tratavam de jogar a culpa do mal que existe no mundo a seu criador. O cristianismo acredita que o que anda mal no mundo se deve nada mais que ao pecado do homem. Mas apesar de que o pecado danificou o mundo e impediu que fosse o que poderia ter sido, jamais podemos desdenhá-lo, e jamais podemos odiá-lo, porque este mundo é essencialmente o mundo de Deus. Se crermos nisso adquiriremos um novo sentido do valor do mundo e um novo sentido da responsabilidade para com o mundo.

Há um conto de uma menina que vivia nas ruas suburbanas de uma grande cidade, e a quem levaram para passar um dia no campo. Quando viu as campainhas no bosque, perguntou: "Crê que a Deus se importaria se eu arrancar algumas de suas flores?"

Este mundo é de Deus, devido a isso não há nada que não esteja sob seu controle, e por isso devemos usar todas as coisas lembrando que pertencem a Deus. O cristão não despreza o mundo pensando que um deus ignorante e hostil o criou; aprecia-o ao recordar que em todas partes Deus está sempre por trás do mundo e nele: crê que o Cristo que recria o mundo foi o colaborador de Deus quando o mundo foi criado pela primeira vez, e que, no ato da redenção, Deus está buscando recuperar o que sempre lhe pertenceu.

VIDA E LUZ

João 1:4

Em uma peça musical importante o compositor está acostumado a começar estabelecendo os temas que vai desenvolver e elaborar no curso de toda a obra. Isso é o que João faz neste verso. No quarto Evangelho, *vida e luz* são duas das grandes palavras fundamentais sobre as que está construído todo o Evangelho. São dois dos temas principais que o Evangelho se propõe desenvolver e expor. Analisemo-los em detalhe.

O quarto Evangelho começa e termina com a palavra *vida*. Aqui, no próprio começo lemos que em Jesus estava a *vida*; e no final lemos que o objetivo de João ao escrever o Evangelho foi que os homens pudessem crer “que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome” (João 20:31). Esta palavra está nos lábios de Jesus todo o tempo. Jesus se lamenta de que os homens não se aproximem dele para poder ter *vida* (5:40). Afirma que veio para que os homens tenham *vida* e para que a tenham em abundância (10:10). Anuncia que dá *vida aos homens e que jamais perecerão porque ninguém os arrebatará de sua mão* (10: 28). Afirma que ele é *o caminho, a verdade e a vida* (14:6). No Evangelho a palavra *vida* (*zoo*) aparece mais de trinta e cinco vezes, e o verbo *viver* ou *ter vida* (*zen*) mais de quinze. O que quer dizer João, pois, quando usa a palavra *vida*?

(1) Simplesmente quer dizer que vida é o contrário de destruição, condenação e morte. Deus enviou seu Filho para "que todo aquele que crê não pereça, mas tenha a *vida* eterna (3:16). O homem que ouve e crê tem *vida* eterna e não entrará em juízo (5:24). Há um contraste entre a ressurreição para a *vida* e a ressurreição para a *condenação* (5:29). Aqueles a quem Jesus dá *vida* não perecerão jamais (10:28). Em Jesus há algo que dá segurança ao homem nesta vida e na outra. Não se pode dizer que vivemos até que não aceitamos a Jesus e o tomamos como nosso Salvador e o coroamos como nosso rei. O homem que vive uma vida sem Cristo *existe*, mas não sabe o que é a *vida*. Jesus é a única pessoa que pode transformar a vida em algo que merece ser vivida, e em sua companhia a morte não é mais que o prelúdio de uma vida ainda mais plena.

(2) Mas João está seguro de que, embora Jesus é quem traz esta *vida*, a origem, o autor e o doador da vida é Deus. Com freqüência emprega a frase *o Deus vivo*, como de fato o faz toda a Bíblia repetidamente. A vontade do Pai que enviou a Jesus é que quem o veja e nele crê tenha vida (6:40). Jesus é o doador da vida porque o Pai pôs sobre ele seu selo de aprovação (6:27). Dá vida a todos os que Deus lhe deu (17:2). Por trás de tudo está Deus. É como se Deus estivesse dizendo: "Eu criei os homens para que tivessem vida autêntica; mediante seu pecado deixaram que viver e só existem; enviei a meu Filho para que saibam o que é a vida verdadeira".

(3) Devemos nos perguntar o que é esta vida. O quarto Evangelho emprega com freqüência a frase *vida eterna*. Mais adiante discutiremos todo o significado dessa frase. No momento devemos anotar o seguinte. A palavra que João emprega para *eterna* é *aionios*. Agora, seja o que for a vida *eterna*, não é meramente uma vida que dura para sempre. É evidente que uma vida que durasse para sempre poderia ser uma terrível maldição; muito freqüentemente a única coisa que os homens desejaram é ver-se livres da vida.

Na vida eterna deve haver algo mais que *duração*; deve haver certa *qualidade* de vida. A vida não é desejável a menos que se trate de um

certo tipo de vida. Aqui temos a chave. *Aionios* é o adjetivo que se emprega com frequência para descrever a Deus. No sentido mais exato da palavra, só Deus é *aionios*, eterno; de maneira que *a vida eterna é aquela vida que Deus vive*. O que nos oferece Jesus de parte de Deus é a mesma vida de Deus. A vida eterna é uma vida que conhece algo da serenidade e o poder de vida do próprio Deus. Quando Jesus precisou oferecer aos homens a *vida eterna*, Ele os estava convidando a participar da própria vida de Deus.

(4) Como podemos, pois, entrar nessa vida? Entramos nessa vida *ao crer em Jesus Cristo*. A palavra crer (*pisteuein*) aparece não menos de setenta vezes no quarto Evangelho. "Quem crê no Filho tem a vida eterna" (3:36). "Quem crê em mim", diz Jesus, "tem a vida eterna" (6:47). A vontade de Deus consiste em que os homens vejam o Filho, criam nele e tenham a vida eterna (5:24).

O que significa para João *crer*?

(a) Significa que devemos estar convencidos de que Jesus é real e verdadeiramente o Filho de Deus. Quer dizer que devemos nos decidir a respeito de Jesus. Depois de tudo, se Jesus não for mais que um homem, não há nenhuma razão para lhe prestarmos obediência total e implícita que exige. Devemos pensar por nós mesmos quem foi Jesus. Devemos vê-lo, aprender coisas a respeito dele, estudá-lo, pensar nele até que cheguemos à conclusão que não é outro senão o Filho de Deus.

(b) Mas nisto há mais que uma crença intelectual. Crer em Jesus significa tomá-lo pela palavra. Significa aceitar seus mandamentos como algo absolutamente obrigatório, crer sem questionar que o que ele diz é a verdade, agir sob a convicção de que não podemos fazer outra coisa senão obedecer sua palavra. Para o João, a crença consta de três passos. Primeiro, significa a convicção da mente a respeito de que Jesus é o Filho de Deus. Segundo, significa a confiança do coração em que tudo o que Jesus diz é verdade. Terceiro, significa apoiar toda ação da vida na segurança inamovível de que devemos tomar a Jesus ao pé da letra.

Quando chegamos a este ponto deixamos de *existir* e começamos a *viver*. Sabemos o que quer dizer a *Vida, com maiúscula*.

VIDA E LUZ

João 1:4 (continuação)

A segunda grande palavra chave do João com que nos defrontamos nesta passagem é a palavra *luz*. Esta palavra *luz* aparece não menos de vinte e uma vezes no quarto Evangelho. Jesus, como diz João aqui, é a *luz* dos homens. A função de João Batista consistia em assinalar aos homens essa *luz* que estava em Cristo. Em duas ocasiões Jesus se denomina a si mesmo a *luz* do mundo (8:12; 9:5). Esta *luz* pode estar nos homens (11:10), convertendo-os assim em filhos da *luz* (12:36). Disse Jesus: "Eu que sou a luz, vim ao mundo" (12:46, Trad. Brasileira).

Vejamos se podemos compreender algo desta idéia da *luz* que Jesus traz para o mundo. Sobressaem-se três pontos:

(1) A luz que Jesus traz é a luz que faz desaparecer o caos. No relato da criação, Deus se movia sobre o abismo escuro e sem forma que existia antes do princípio do mundo, e disse: "Haja luz" (Gên. 1:3). A luz recém-criada por Deus, chegando ao caos vazio, eliminou-o. Assim, pois, Jesus era a *luz que resplandece nas trevas* (1:5). Jesus é a única pessoa que pode evitar que a vida se converta em um caos. Entregues a nossas próprias forças estamos à mercê de nossas paixões, desejos, temores e medos. Quando Jesus aparece na vida, vem a *luz*. Um dos temores mais antigos do mundo é o temor à escuridão. A vida está em trevas, cheia de temores sem nome, instintiva, até que vem Jesus.

Há um conto de um menino que devia dormir em uma casa alheia. A proprietária de casa, acreditando ser amável, ofereceu-lhe deixar a luz acesa quando ele fosse para a cama. Com toda cordialidade, ele declinou o oferecimento. "Pensei", disse a proprietária da casa, "que você poderia ter medo da escuridão." "Oh, não", disse o garotinho, "sabe, é a escuridão de Deus".

Com Jesus, a noite é *luz* ao nosso redor, o mesmo que o dia.

(2) A luz que Jesus traz é uma *luz* reveladora. A condenação dos homens consiste em que amaram as trevas mais do que a *luz*; e foi assim porque suas ações eram más, e aborreceram a *luz* para que ela não repreendesse as suas obras (3: 19-20). A *luz* Jesus que traz é algo que nos mostra as coisas tais quais são. Tira suas máscaras e disfarces; mostra as coisas em sua nudez, em seu verdadeiro caráter e valor. Faz muito tempo, os cínicos afirmavam que os homens odeiam a verdade porque a verdade é como a luz aos olhos doentes.

No poema do Caedmon há uma imagem estranha. Trata-se de uma imagem do último dia e no centro da cena há uma cruz; e a cruz irradia uma curiosa *luz* cor de sangue e a qualidade misteriosa dessa *luz* é que mostra as coisas tais quais são. Tiram-se os véus, os disfarces, o envoltório exterior, e todas as coisas se encontram reveladas na nua e terrível solidão do que são em essência.

Nunca nos vemos a nós mesmos até que nos vemos através dos olhos de Jesus. Jamais vemos como são nossas vidas até que as vemos à luz de Jesus. Muito freqüentemente Jesus conduz a Deus ao revelar-nos a nossa própria natureza.

(3) A *luz* que Jesus traz é uma *luz* que guia. Quem não possui essa *luz* anda em trevas e não sabe para onde vai (12:35). Quando um homem recebe essa *luz* e crê nela, já não anda em trevas (12:46). Um dos rasgos dos Evangelhos que ninguém pode passar por cima é a quantidade de gente que se aproxima de Jesus correndo para perguntar-lhe: "O que devo fazer?" Quando Jesus vem à vida termina o tempo de adivinhar e procurar provas, acaba-se o momento da dúvida, da incerteza e da vacilação. O caminho que era escuro se enche de luz; a decisão que estava envolta em uma noite de incerteza se ilumina.

Sem Jesus, somos como homens que procuram tateando em um caminho desconhecido durante um apagão. Com ele o caminho é claro.

AS TREVAS HOSTIS**João 1:5**

Aqui encontramos outra das palavras chaves de João: a palavra *trevas* (*skotos, skotia*). Esta palavra *trevas* aparece sete vezes no Evangelho. Para João, no mundo havia *trevas* que eram tão reais como a *luz*.

(1) As *trevas* são *hostis* à *luz*. A *luz* resplandece nas *trevas*, mas, por mais que se esforcem, as *trevas* não podem extingui-la. O homem pecador ama as *trevas* e odeia a *luz*, porque esta mostra muitas coisas. Pode acontecer que aqui houvesse um pensamento que João tomou emprestado. Sabemos que João estava disposto a sair e adotar idéias novas, se com isso podia apresentar e recomendar a mensagem cristã aos homens.

Nesta época a grande religião oriental, o zoroastrismo, a religião persa, exercia uma forte influência sobre o pensamento dos homens. Este sustentava que no universo havia dois grandes poderes antagônicos, o deus da luz e o deus das trevas, Aúra-Masda e Arimã. Todo o universo era um campo de batalha neste conflito eterno, cósmico, entre a luz e as trevas. E a única coisa que importava na vida era o lado que o homem escolhia.

De maneira que João está dizendo: "A este mundo vem Jesus, a *luz* do mundo; há algumas trevas que queriam eliminá-lo, desterrá-lo da vida, extingui-lo. Mas em Jesus há um poder invencível. As trevas podem odiá-lo, mas jamais podem livrar-se dele". Como se disse com o maior acerto: "Todas as trevas do mundo não podem extinguir a chama mais ínfima".

No final, a *luz* inconquistável derrotará as trevas *hostis*. João está dizendo: "Escolha o seu lado no conflito eterno e escolha bem".

(2) As trevas representam a esfera natural de todos aqueles que odeiam o bem. Quem teme a luz são os homens cujas obras são más (3:19-20). O homem que tem algo a esconder, odeia a luz e ama a

escuridão; mas é impossível esconder algo de Deus. A tocha de Deus varre com as sombras e ilumina os males do mundo.

(3) Em algumas passagens as *trevas* parecem representar à *ignorância*, em particular aquela ignorância que rechaça a *luz* do Jesus Cristo. Jesus disse: "Eu sou a *luz* do mundo; quem me segue, não andarão em *trevas*" (8:12). Diz a seus discípulos que a *luz* só estará com eles por pouco tempo: devem andar nela; se não o fizerem, vêm as *trevas* e quem anda em *trevas* não sabe para onde vai (12:35). Diz que veio com sua *luz* para que os homens não permaneçam em *trevas* (12:46). Sem Jesus Cristo nenhum homem pode encontrar ou ver o caminho. É como um homem que tem os olhos vendados ou até como um cego. Sem Jesus Cristo a vida se perde. Foi Goethe quem clamou: "Luz, mais luz!"

Um dos velhos líderes escoceses disse a seus amigos ao chegar ao fim: "Acendam a vela, para que possa ver para morrer". Jesus é a *luz* que mostra o caminho ao homem e que ilumina o caminho a cada passo.

Em algumas ocasiões João emprega esta palavra *trevas* de maneira simbólica. Está acostumado a usá-la para significar algo mais que a mera escuridão de uma noite terrena. Relata o milagre de Jesus quando caminhou sobre as águas. Diz como os discípulos embarcaram no bote e cruzavam o lago sem Jesus; e logo diz: "*Já se fazia escuro*, e Jesus ainda não viera ter com eles" (6:17). Sem a presença de Jesus a única coisa que havia era a escuridão ameaçadora. Fala da manhã da ressurreição e das horas que passaram antes de que aqueles que o tinham amado percebessem que tinha ressuscitado dentre os mortos.

Começa o relato assim: "No primeiro dia da semana, Maria Madalena foi ao sepulcro de madrugada, *sendo ainda escuro*" (20:1). Nesse momento estava vivendo em um mundo do qual acreditava que Jesus tinha sido banido, e um mundo desse tipo era escuro. João relata a história do Última Ceia. Conta como Judas recebeu o suborno e depois saiu a fazer sua obra terrível e a fazer os acertos para trair a Jesus; e ao contar a história, diz João com um simbolismo imponente: "Ele, tendo

recebido o bocado, saiu logo. *E era noite*” (13:30). Judas saía de noite de uma vida que tinha traído a Cristo.

Para João, uma vida sem Cristo era uma vida em trevas. As *trevas* representam a vida sem Cristo, e em particular a vida que deu as costas a Cristo.

Antes de abandonar esta passagem devemos notar outra coisa mais. Em grego, a palavra que nós traduzimos por extinguir é *katalambanein*. Esta palavra pode ter três significados:

(a) Pode querer dizer que as trevas nunca *compreenderam* a luz. Há um sentido em que o homem do mundo não pode compreender as exigências de Cristo e o caminho que lhe oferece. Parece-lhe uma insensatez total. O homem não pode compreender a Cristo até que não se submete a Ele.

(b) Pode significar que as trevas nunca *venceram* a luz. *Katalambanein* pode significar *perseguir até que alguém vença e assim domine e supere*. Isto poderia significar que as trevas do mundo tinham feito todo o possível para eliminar a Jesus Cristo, inclusive o tinham crucificado, mas jamais puderam destruí-lo. Esta poderia ser uma referência ao Cristo crucificado e conquistador.

(c) Pode empregar-se no sentido de *apagar uma chama ou fogo*. Neste sentido a tomamos nesta passagem. Embora os homens fizeram todo o possível para obscurecer e extinguir a *luz* de Deus em Cristo, não puderam apagá-la. A *luz* de Cristo continua resplandecendo em todas as gerações apesar dos esforços dos homens por extinguir a chama.

O TESTEMUNHO DE JESUS CRISTO

João 1:6-8

É um fato curioso que no quarto Evangelho todas as referências a João Batista são referências pejorativas. Existe uma explicação. João era uma voz profética; a voz profética tinha permanecido em silêncio durante quatrocentos anos, e em João voltou a falar. Parece que havia

alguns que se sentiam tão fascinados por João que lhe deram um lugar mais alto do que lhe correspondia. De fato, existem referências sobre uma seita que dava a João o lugar supremo. Achamos um eco de tal seita em Atos 19:3-4.

Em Éfeso, Paulo se encontrou com um grupo de pessoas que só conheciam o batismo de João. Não se trata de que o quarto Evangelho se propõe a criticar a João Batista ou subestimar sua importância. Simplesmente João sabia que havia algumas pessoas que davam ao Batista um lugar que usurpava o que correspondia ao próprio Jesus.

Assim, pois, ao longo de todo o quarto Evangelho João cuida de assinalar uma e outra vez que o posto de João Batista na estrutura das coisas era elevado, mas que, entretanto, seguia sendo subordinado ao de Jesus Cristo. Aqui se preocupa em assinalar que João não era essa luz, e sim um mero testemunho da luz (1:8). Mostra a João negando que ele fosse o Cristo, nem sequer o grande profeta que Moisés tinha prometido (1:20). Quando os judeus se dirigiram a João e lhe disseram que Jesus tinha começado sua carreira como mestre, certamente esperavam que João se sentisse incomodado. Mas o quarto Evangelho mostra a João negando que lhe pertencia o primeiro lugar, e declarando que ele devia minguar enquanto Jesus devia crescer (3:25-30). Destaca-se que Jesus tinha mais êxito no chamado aos homens que o que João tinha tido (4:1). Destaca-se que o povo até afirmava que João não era capaz de fazer as coisas que Jesus fazia (10:41).

Em algum lugar da Igreja havia pessoas que queriam dar um lugar muito elevado a João Batista. O próprio João Batista não inspirou esta atitude. Pelo contrário, fez todo o possível por evitá-la. Mas o quarto Evangelho sabia que existia a tendência, e buscou alertar contra ela. Até hoje pode acontecer que os homens venerem a um pregador mais que a Cristo. Até hoje pode acontecer que os homens dirijam o olhar ao arauto em vez de ao Rei, de quem é mensageiro. Não terá que culpar no mais mínimo a João pelo que acontecia. Mas João o Evangelista estava decidido a que ninguém expulsasse a Cristo do posto supremo.

É ainda mais importante assinalar que nesta passagem nos encontramos com outra das grandes palavras-chave do quarto Evangelho. Trata-se da palavra *testemunho*. O quarto Evangelho nos apresenta um testemunho após outro do lugar supremo que corresponde a Jesus Cristo. No quarto Evangelho há oito testemunhos da posição única de Jesus.

(1) O testemunho do *Pai*. Jesus disse: "Também o Pai que me enviou deu testemunho de mim" (5:37). "O Pai que me enviou dá testemunho de mim" (8:18). O que Jesus quis dizer com isto? Duas coisas. Quis dizer algo que o afetava a *ele próprio*. Em seu coração falava a voz interior de Deus, e essa voz não lhe deixava nenhuma dúvida a respeito de quem era e para que tinha sido enviado. Jesus não se via si mesmo como quem tinha escolhido sua tarefa. Estava intimamente convencido de que ninguém mais que Deus o tinha enviado ao mundo para viver e morrer pelos homens. Sua vinda estava destinada a afetar os *homens*. Quando um homem se confronta com Cristo experimenta a íntima convicção de que este não é outro senão o Filho de Deus.

Tyrrell disse que o homem jamais se pode livrar desse "homem estranho pendurado da cruz". Essa força interior que sempre dirige nossos olhos a Cristo, mesmo que tentemos esquecê-lo, essa voz interior que nos diz que este Jesus não é outro senão o Filho de Deus e o Salvador do mundo, é o testemunho de Deus em nossas almas.

(2) O testemunho *do próprio Jesus*. Ele disse: "Eu sou o que testifico de mim mesmo" (8:18). "Posto que eu testifico de mim mesmo, o meu testemunho é verdadeiro" (8:14). O que isto quer dizer? Quer dizer que o que Jesus era, era seu melhor testemunho. Jesus afirmava que era a luz, a vida, a verdade e o caminho. Afirmava ser o Filho de Deus e um com o Pai. Afirmava ser o Salvador e Senhor de todos os homens. Se sua vida e sua personalidade não tivessem sido o que foram, tais afirmações só teriam sido escandalosas e blasfemas. O que Jesus era em si mesmo foi o melhor testemunho de que suas afirmações eram verdadeiras.

(3) O testemunho de suas *obras*. Disse: “As obras que o Pai me confiou para que eu as realizasse ... testemunham a meu respeito” (5:36). “As obras que eu faço em nome de meu Pai testificam a meu respeito” (10:25). Assegura a Filipe a respeito de sua identidade total com o Pai, e logo diz: “Crede ao menos por causa das mesmas obras” (14:11). Uma das condenações dos homens é que viram suas obras, e não creram (15:24).

Devemos notar uma coisa. Quando João fala das obras de Jesus, não fala só dos milagres de Jesus; está pensando em toda a vida de Jesus. Não pensava só nos momentos sobressalentes, e sim na vida que Jesus vivia cada momento do dia. Ninguém poderia fazer as obras maravilhosas que Jesus levou a cabo se não estivesse mais perto de Deus do que jamais homem algum esteve. Mas, ao mesmo tempo, ninguém teria vivido essa vida de amor e piedade, compaixão e perdão, serviço e ajuda na vida cotidiana se não tivesse estado em Deus e Deus nele. Não é fazendo milagres que demonstramos que pertencemos a Cristo, mas sim levando uma vida como a de Cristo em todos os momentos do dia. Demonstramos que pertencemos a Ele nas pequenas coisas da vida.

(4) O testemunho que *as Escrituras* dão. Jesus disse: “Examinai as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna, e são elas mesmas que testificam de mim.” (5:39). “Porque, se, de fato, crêsseis em Moisés, também crerieis em mim; porquanto ele escreveu a meu respeito.” (5:46). Filipe está convencido de que achou Aquele de quem falaram Moisés, a Lei e os profetas (1:45). Através de toda a história de Israel, os homens tinham sonhado com o dia em que viria o Messias de Deus. Tinham esboçado suas imagens e escrito suas idéias a respeito dele. E agora, por fim, todos esses sonhos e imagens se concretizavam e realizavam por completo em Jesus. Tinha vindo Aquele que o mundo estava esperando.

5) O testemunho *do último dos profetas*, João Batista. “Este veio como testemunha para que testificasse a respeito da luz” (1:7-8). João deu testemunho de que viu o Espírito descer sobre Jesus. Aquele em

quem culminava o testemunho profético foi quem deu testemunho de que Jesus era a que apontavam todos os testemunhos proféticos.

(6) O testemunho daqueles com quem Jesus entrou em contato. A mulher de Samaria deu testemunho da percepção e do poder de Jesus (4:39). O homem cego de nascimento deu testemunho do poder curativo de Jesus (9:25,38). O povo que presenciava os milagres de Jesus falava de seu assombro diante as coisas que tinha feito (12:17).

Uma lenda relata como fez o Sinédrio para procurar testemunhas quando estavam julgando a Jesus. Veio uma multidão de pessoas dizendo: "Eu era leproso e Ele me curou"; "Eu era cego e Ele me abriu os olhos"; "Eu era surdo e Ele me fez ouvir". Esse era exatamente o tipo de testemunhas que o Sinédrio não queria. Mas em todas as idades e em todas as gerações houve multidões dispostas a dar testemunho do que Jesus tinha feito por suas almas.

(7) O testemunho *dos discípulos e especialmente do próprio autor do Evangelho*. A comissão de Jesus a seus discípulos foi: "E vós também testemunhareis, porque estais comigo desde o princípio" (15:27). O autor do Evangelho é uma testemunha e fiador pessoal das coisas que relata. A respeito da crucificação, escreve: "Aquele que isto viu testificou" (19:35). "Este é o discípulo que dá testemunho a respeito destas coisas e que as escreveu" (21:24). A história que conta não é algo que ouviu, não se trata de um conto de segunda mão. Seu Evangelho é o relato do que ele próprio viu e experimentou. O melhor de todas as testemunhas é aquele que pode dizer: "Isto é certo, porque eu sei por minha própria experiência".

(8) O testemunho *do Espírito Santo*. "Quando, porém, vier o Consolador, ... o Espírito da verdade ... dará testemunho de mim" (15:26). Na Primeira Epístola, João escreve: "E o Espírito é o que dá testemunho, porque o Espírito é a verdade" (1 João 5:6). Para o judeu o Espírito cumpre duas funções. Trouxe a verdade de Deus aos homens e permitiu que os homens reconhecessem essa verdade quando a vissem.

Graças à obra do Espírito em nossos corações podemos conhecer a Jesus como quem é e confiar no que Ele pode fazer.

João escreveu seu Evangelho com o fim de pôr perante os olhos dos homens o testemunho irrefutável de que Jesus Cristo é a mente de Deus revelada em sua totalidade aos homens.

A LUZ DE TODO HOMEM

João 1:9

Neste versículo João emprega uma palavra muito significativa para descrever a Jesus. Diz que Jesus era a *luz verdadeira*. Em grego há duas palavras que são muito semelhantes. Nossas versões empregam a palavra *verdadeira* para traduzir ambas; mas têm um matiz diferente. A primeira é *alethes*. *Alethes* significa *verdadeiro* por oposição a *falso*; seria a palavra que empregariamos para descrever uma afirmação verdadeira. A outra palavra é *alethinós*. *Alethinós* significa *real* ou *genuíno* por oposição a *irreal*.

De maneira que o que João diz é que Jesus é a *luz genuína* que precisou iluminar e esclarecer os homens. Antes que Jesus chegasse os homens seguiam a outras luzes. Algumas eram faíscas da verdade; algumas eram visões vagas da realidade; outras eram brilhos que os homens seguiam e que os conduziam às trevas e os abandonavam ali. Isso acontece até agora. Ainda existem luzes parciais; luzes falsas, e também agora há homens que as seguem. Jesus é a única *luz genuína*, a *luz verdadeira* que guia os homens em seu caminho.

João diz que mediante sua vinda ao mundo Jesus trouxe a luz real aos homens. A vinda de Jesus foi como uma labareda de luz. Foi como a chegada da aurora.

Um viajante conta como, em uma oportunidade, estava de pé sobre uma colina que se dominava a Baía de Nápoles. Era uma noite tão escura que não se via nada; nesse momento, repentinamente, brilhou um relâmpago e tudo ficou iluminado e exposto em seus mais mínimos

detalhes. Quando Jesus veio a este mundo o fez como uma luz nas trevas.

(1) Sua vinda dissipou as sombras da dúvida. Até sua chegada os homens só podiam adivinhar algo a respeito de Deus. "É difícil descobrir algo a respeito de Deus", dizia um dos gregos, "e quando a gente descobre algo é impossível transmitir a outra pessoa".

Para o pagão, Deus vivia nas sombras nas quais nenhum homem pode penetrar ou na luz a qual nenhum homem se pode aproximar. Mas quando Jesus veio os homens viram como é Deus em sua totalidade. Tinham desaparecido as sombras e brumas da dúvida. Terminaram os dias das adivinhações; já não havia mais necessidade do agnosticismo. Tinha chegado a *luz*.

(2) Sua vinda dissipou as sombras do desespero. Jesus veio a um mundo que se sentia desesperado. "Os homens", como dissera Sêneca, "são conscientes de sua indigência nas coisas necessárias". Estavam desejando uma mão que descesse para levantá-los. "Aborrecem seus pecados mas não podem abandoná-los". Os homens se desesperavam para chegar alguma vez a converter-se a si mesmos ou ao mundo no que sabiam que deviam chegar a ser. Mas com a vinda de Jesus veio à vida uma força nova, uma nova dinâmica. Veio não só com sabedoria, mas também com poder. Veio não só para mostrar aos homens o bom caminho mas também para lhes fazer possível o segui-lo. Não só lhes brindou instruções; deu-lhes uma presença na qual todo o impossível se tornou em possível. As trevas do pessimismo e o desespero tinham desaparecido para sempre.

(3) Sua vinda dissipou as trevas da morte. O mundo antigo sentia temor perante a morte. Os homens sempre foram escravos do medo da morte. No melhor dos casos, a morte era a aniquilação e os homens tremiam ao pensar nela. No pior, a morte significava uma tortura em mãos de algum Deus e a alma do homem sentia medo. Mas através de sua vinda, sua vida, sua morte, sua ressurreição, Jesus mostrou aos

homens que a morte era a única forma de chegar a uma vida superior. As trevas da morte tinham desaparecido.

Em uma de suas novelas, Stevenson mostra uma cena em que descreve a imagem de um jovem que escapou de maneira quase milagrosa de um duelo no qual estava seguro de que teria morrido. Enquanto caminhava, vivo, seu coração cantava: "A amargura da morte passou". Graças a Jesus a amargura da morte passou para cada um dos homens.

Mas, mais ainda, Jesus é a *luz* que ilumina a *todo* homem que vem ao mundo. O mundo antigo era exclusivo. O judeu odiava o gentio e sustentava que estes existiam com o único propósito de ser como lenha para alimentar o fogo do inferno. É certo que tinha havido um profeta solitário que viu que o destino do Israel era o ser uma luz para os gentios (Isaías 42:6; 49:6) mas Israel sempre rechaçou de cara esse destino. O mundo grego jamais imaginou que o conhecimento fosse patrimônio de todos os homens. Os romanos desprezavam os bárbaros, as raças menores sem lei. Mas Jesus veio para ser uma *luz para todos* os homens. Só o Deus que é o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo tem um coração suficientemente grande para receber a todo mundo.

NÃO RECONHECIDO

João 1:10-11

Quando João escreveu esta passagem tinha em mente duas idéias.

(1) Estava pensando na época antes de Jesus vir ao mundo em carne. Muito antes de Jesus vir ao mundo em carne, desde o início do tempo, desde que o mundo foi criado, o *Logos* de Deus, o *Verbo* de Deus, tinha estado em ação no mundo. No princípio, o dinâmico *Verbo* criador, de Deus, criou o mundo; e após a *Palavra*, o *Logos*, a *razão* de Deus é a que tem feito com que o mundo seja um todo ordenado e que o homem seja um ser pensante. Para os que tivessem abertos seus sentidos, o *Logos*, a *palavra* sempre era visível e reconhecível no universo.

A Confissão de Fé de Westminster começa dizendo que "as luzes da natureza e as obras da criação e da providência manifestam a sabedoria, a bondade e o poder de Deus de tal maneira que o homem carece de desculpas". Faz muito tempo Paulo disse que as coisas visíveis que há no mundo estão destinadas por Deus a dirigir os pensamentos dos homens para as coisas invisíveis, e que se os homens tivessem olhado o mundo com os olhos abertos e com um coração compreensivo seus pensamentos os teriam levado de modo inevitável ao Criador do mundo (Romanos 1:19-20).

O mundo sempre foi tal que, se se o olhar na forma correta, conduz as mentes dos homens para Deus. A teologia sempre tem feito uma distinção entre a teologia *natural* e a teologia *revelada*. A teologia revelada se ocupa das verdades que nos chegaram diretamente de Deus; por intermédio de seus profetas, das páginas de seu Livro e, fundamentalmente, através de Jesus Cristo. A teologia natural se ocupa das verdades que o homem pode descobrir mediante o exercício de sua própria mente e intelecto no mundo em que vive. De que maneira, então, podemos ver o *Verbo*, o *Logos*, a *Razão*, a *Mente* de Deus no mundo em que vivemos?

(a) Devemos olhar *para fora*. Entre os gregos sempre existiu uma idéia fundamental: onde há ordem deve haver uma mente. Quando olhamos ao mundo notamos uma ordem surpreendente. Os planetas mantêm seus cursos. As marés seguem um ritmo. A época da sementeira e da colheita, o inverno e o verão, o dia e a noite chegam em sua ordem. É evidente que na natureza existe uma ordem, e portanto, também é evidente que deve haver uma mente por trás. Mais ainda, essa mente deve ser superior à mente humana, porque consegue resultados que a mente humana jamais pode obter. Ninguém pode converter a noite em dia, ou o dia em noite; ninguém pode fazer uma semente que tenha poder germinativo em seu interior; ninguém pode fazer um ser vivente. De maneira que a mente da natureza é muito superior à mente do homem. Portanto, se no mundo há ordem, deve haver uma mente; e se dentro

dessa ordem há coisas que estão mais além do poder da mente do homem, a mente que está por trás da ordem da natureza deve ser uma mente que está muito acima da mente do homem. E assim chegamos diretamente a Deus. Olhar para fora o mundo significa enfrentar-se face a face com o Deus que criou o mundo.

(b) Devemos olhar *para cima*. De todas as coisas que demonstram a ordem assombrosa do mundo, nenhuma é mais demonstrativa que o movimento desse mundo. A astronomia nos diz que há tantas estrelas como grãos de areia nas praias. Se podemos expressá-lo em termos humanos, pensemos nos problemas de trânsito do céu. E entretanto, os corpos celestes mantêm seus cursos e transitam por seus próprios caminhos.

Um astrônomo é capaz de predizer com a precisão de um minuto e de um centímetro onde e quando aparecerá um planeta determinado. Pode dizer-nos quando e onde haverá um eclipse de Sol, possivelmente dentro de cem anos, e nos pode dizer quanto tempo vai durar. Afirmou-se que "nenhum astrônomo pode ser ateu". Quando olhamos para cima vemos a Deus.

(c) Devemos olhar *para dentro*. De onde obtivemos o poder de pensar, raciocinar, conhecer? De onde obtivemos nosso conhecimento do bem e do mal? Por que o homem mais descontrolado e perverso sabe em seu interior que está agindo mal?

Faz muito tempo Kant afirmou que havia duas coisas que o convenciam a respeito da existência de Deus; o mundo estrelado que tinha acima dele e a lei moral que tinha abaixo. Nós nem nos demos a vida a nós mesmos, nem nos demos a razão que guia e dirige a vida. Devem proceder de algum poder exterior a nós. De onde vêm o remorso, o arrependimento e o sentimento de culpa? Por que alguma vez podemos fazer o que queremos e ficar em paz? Quando olhamos para dentro encontramos o que Marco Aurélio chamou "o Deus interior" e o que Sêneca denominou "o espírito santo que habita em nossas almas". Ninguém pode explicar-se a si mesmo prescindindo de Deus.

(d) Devemos olhar *para trás*. Froude, o grande historiador, afirmou que toda a história é uma demonstração da lei moral em ação. Os impérios surgem e decaem.

E a história demonstra que a degeneração moral e o colapso nacional vão de mãos dadas. "Nenhuma nação", disse George Bernard Shaw, "sobreviveu à perda de seus deuses". Toda a história é a demonstração prática, nos atos, de que há um Deus.

De maneira que, embora Jesus Cristo jamais tivesse vindo em carne a este mundo, os homens teria visto a *Palavra*, o *Logos*, a *Razão* de Deus em ação. Mas, embora a ação do Verbo estava à vista de todos os homens, eles jamais a reconheceram.

NÃO RECONHECIDO

João 1:10-11 (continuação)

(2) Por último, a *Palavra* criadora e diretriz de Deus veio a este mundo sob a forma do homem Jesus. João diz que a *Palavra* veio "para o que era seu" e que seu próprio povo não a recebeu.

O que quer dizer com isso?

O que João quer dizer é que quando a *Palavra* de Deus veio a este mundo, não veio a Roma ou a Grécia ou ao Egito ou aos Impérios orientais. *Veio à Palestina*. E Palestina era de maneira especial a terra de Deus, e os judeus eram de maneira especial o povo de Deus. A terra da Palestina e a nação dos judeus pertenciam a Deus em uma forma em que não lhe pertencia nenhum outro povo do mundo.

Os nomes que o Antigo Testamento emprega para designar a terra e o povo o demonstram. A Palestina é freqüentemente chamada a *Terra Santa* (Zacarias 2:12; 2 Macabeus 1:7; Sabedoria 12:3). É chamada a *terra de Deus*; Deus se refere a ela como sua *terra* (Oséias 9:3; Jeremias 2:7; 16:18; Levítico 25:23). O povo judeu Ele o chama o *especial tesouro de Deus* (Êxodo 19:5; Salmo 135:4). Os judeus são *o povo*

escolhido (Deuteronômio 14:2; 26:18). São chamados *a porção de Jeová* (Deuteronômio 32:9).

Quando Jesus veio Ele o fez a uma terra que era de maneira especial a terra de Deus e a um povo que era em forma peculiar o povo de Deus. Uma nação que deveria tê-lo recebido de braços abertos; todas as portas deveriam ter estado abertas; deveriam tê-lo recebido como a um viajante que retorna ao lar; ou, mais ainda, como a um rei que volta para sua própria terra ... e *o rechaçaram*. Receberam-no com ódio e não com adoração.

Eis aqui a tragédia de um povo que estava preparado para cumprir uma tarefa e logo a rechaça. Nesta vida pode dar-se o caso de pais que economizam, fazem planos e se sacrificam para dar a seu filho ou filha uma oportunidade na vida, para preparar a esse filho ou filha para uma tarefa ou oportunidade em especial, e quando chega o momento, aquele em cujo benefício se fizeram tantos sacrifícios se nega a aceitar a oportunidade, ou fracassa em forma estrepitosa quando se defronta com o desafio. É uma verdadeira tragédia. E isso foi o que aconteceu a Deus.

Seria muito errôneo pensar que Deus só preparou o povo judeu. Deus prepara a cada homem, mulher e criança neste mundo para alguma tarefa que lhes reservou.

Certo novelista escreve sobre uma menina que se negava a tocar as coisas sujas. Quando lhe perguntavam por que, respondia: "Algum dia me vou encontrar com algo bom e quero estar preparada". Mas o que é trágico é que haja tanta gente que rechaça a tarefa que Deus lhes atribuiu. Dito de outra maneira —que fica mais clara— são muito poucos os que chegam a ser o que podem chegar a ser. Isso pode dever-se à ociosidade e a abulia, pode ser, por acanhamento e covardia, por falta de disciplina ou por estar comprometidos em interesses menores e caminhos laterais. O mundo está cheio de pessoas que jamais realizaram as possibilidades que possuem.

Não temos por que pensar na tarefa que Deus nos atribuiu em termos de algum ato heróico ou alguma grande façanha da qual se

inteirarão todos os homens. Pode tratar-se de preparar a um menino para a vida; pode tratar-se de pronunciar em um momento dado a palavra correta e exercer essa influência que evitará que alguém arruíne sua vida; pode consistir em fazer algum trabalho menor particularmente bem; pode consistir em fazer algo que afetará as vistas de muitos através de nossas mãos, nossas vozes ou nossas mentes. O fato é que Deus nos está preparando para *algo* através de todas as experiências da vida; e apesar disso há tantos que rechaçam a tarefa que lhes é apresentada, e que jamais se dão conta de que a estão rechaçando.

A simples frase: “Veio para o que era seu, e os seus não o receberam”, contém *toda a tragédia do mundo*. Aconteceu a Jesus faz muito tempo, e continua acontecendo em nossos dias.

FILHOS DE DEUS

João 1:12-13

Nem todos rechaçaram a Jesus quando Ele veio; houve alguns que o receberam e lhe deram as boas-vindas, e a eles Jesus deu o direito de converter-se em filhos de Deus.

Há um sentido em que o homem não é naturalmente filho de Deus. Um sentido no qual deve *converter-se* em filho de Deus. Podemos pensá-lo em termos humanos, porque são os únicos termos em que somos capazes de pensar.

Há duas classes de filhos. Há o filho que jamais faz nada mais que usar sua casa. Durante toda sua juventude toma tudo o que seu lar lhe oferece e não dá nada em troca. Seu pai pode trabalhar e fazer sacrifícios para lhe dar uma oportunidade na vida, e ele toma como se se tratasse de um direito, e jamais se dá conta do que está tomando nem faz esforço algum por merecê-lo ou devolvê-lo. Quando vai embora de casa, não tenta manter-se em contato com seus pais. O lar cumpriu seu propósito e ele já não tem nada que ver com ele. Não toma consciência de nenhum laço que se deva manter nem de dívidas que deva pagar. Esse filho é o

filho de seu pai; deve-lhe sua existência; deve-lhe o que é; mas entre ele e seu pai não existe nenhum laço de amor, intimidade ou união. O pai deu todo seu amor; mas o filho não deu nada em troca.

Por outro lado há o filho que durante toda sua vida tem presente o que seu pai fez e continua fazendo por ele. Aproveita cada oportunidade para demonstrar seu agradecimento buscando ser o filho que seu pai deseja; à medida que passam os anos se vai aproximando cada vez mais ao pai, a relação entre o pai e o filho se converte em uma relação de camaradagem e amizade. Mesmo que vá embora de sua casa, subsiste o vínculo que os une e continua sendo consciente de uma dívida que jamais poderá pagar.

No primeiro caso o filho se afasta cada vez mais do pai; na segunda a aproximação é cada vez maior. Ambos os são filhos, mas seu caráter de tais é muito distinto. O segundo se converteu em filho em uma forma que o primeiro jamais chegou a ser.

Podemos ilustrar este tipo de relação desde outra esfera, embora semelhante. A um professor famoso foi mencionado o nome de um jovem que afirmava ter sido aluno dele. O homem mais velho respondeu: "Pode ser que tenha assistido a minhas classes, mas não foi um de meus estudantes". Há uma diferença enorme entre sentar-se nas classes de um professor e ser um de seus alunos. Pode haver contato sem comunhão; pode haver relação sem camaradagem. Todos os homens são filhos de Deus no sentido de que todos devem sua criação e a conservação de sua vida a Deus; mas só alguns homens se *convertem* em filhos de Deus na verdadeira profundidade e intimidade da autêntica relação entre pai e filho.

João afirma que os homens só podem entrar nessa relação verdadeira e autêntica através de Jesus Cristo. Quando João diz que não procede de sangue está empregando o pensamento judaico, porque os judeus consideravam que um filho físico nascia da união da semente do pai com o sangue da mãe. Este caráter de filho não procede de nenhum impulso ou desejo humano, nem de nenhum ato da vontade humana;

procede inteiramente de Deus. Não podemos nos tornar filhos de Deus por nossos próprios meios; devemos entrar em uma relação que Deus nos oferece. Ninguém pode entrar jamais na amizade de Deus por sua própria vontade e suas forças; há um enorme abismo entre o humano e o divino. O homem só pode desfrutar da amizade de Deus quando Deus mesmo abre o caminho.

Mais uma vez, pensemos em termos humanos. Um plebeu não pode aproximar-se de um rei para oferecer-lhe sua amizade; se ela tiver que existir deve depender exclusivamente da aproximação por parte do rei. O mesmo acontece com Deus e nós. Não podemos entrar em uma relação de amizade com Deus por nossa própria vontade ou méritos, visto que nós somos homens e Deus é Deus. Só podemos participar dessa amizade quando Deus, em sua graça absolutamente imerecida, condescende em seu amor, a abrir o caminho para *si mesmo*.

Mas isto tem um lado humano. O homem deve apropriar o que Deus oferece. Um pai humano pode oferecer seu amor, seu conselho, sua amizade a seu filho e este pode rechaçá-lo e preferir tomar seu próprio caminho. O mesmo acontece com Deus. Oferece-nos o *direito* a nos converter em seus filhos, mas não temos obrigação de aceitar esse direito.

Nós o aceitamos quando cremos no nome de Jesus Cristo. O que significa isso? O pensamento e a língua hebraica tinham uma forma de usar a expressão *o nome* que para nós é estranha. Ao falar do nome o pensamento judeu não se referia tanto no nome que se usava para chamar uma pessoa, como à sua natureza na medida em que se mostrava e era conhecida.

No Salmo 9:10, por exemplo, o salmista diz: “Em ti, pois, confiam os que conhecem o teu *nome*”. É evidente que não significa que quem sabe que o nome de Deus é Jeová serão os que confiarão nele. Quer dizer que quem conhece a personalidade de Deus, sua natureza, como Ele é, estarão dispostos e desejosos de confiar nele para todas as coisas. No Salmo 20:7, o salmista diz: “Uns confiam em carros, outros, em cavalos;

nós, porém, nos gloriaremos em o *nome* do SENHOR, nosso Deus”. É evidente que não se gloriarão de que Deus é chamado Jeová. Quer dizer que alguns depositam sua confiança em ajudas humanas, mas nós depositaremos nossa confiança em Deus porque sabemos como Ele é.

Confiar no nome de Jesus, então, significa confiar no que Jesus é. Jesus era a personificação da generosidade, do amor, da amabilidade e do serviço. A grande doutrina central de João é que em Jesus vemos a própria mente de Deus, da atitude de Deus para os homens. Se crerem nisso, também crêem que Deus é como Jesus, tão amoroso e generoso como foi Jesus. Crer no nome de Jesus significa crer que Deus é como Jesus; e só quando crêem isso podemos nos submeter a Deus e nos converter em seus filhos. A menos que vermos em Jesus como é Deus, jamais nos atreveremos a nos considerar capazes de nos converter em filhos de Deus. O que é Jesus é o que nos abre a porta à oportunidade de nos converter em filhos de Deus.

O VERBO SE FEZ CARNE

João 1:14

Estas palavras encerram a razão de ser do quarto Evangelho. João pensou e falou sobre o Verbo de Deus, esse Verbo poderoso, dinâmico, criador que foi agente e causa da criação, esse Verbo que guia, dirige, controla e põe ordem no mundo e a mente no homem. Tratava-se de idéias que eram conhecidas e comuns tanto entre os judeus como entre os gregos. Agora diz a coisa mais surpreendente e incrível que pôde haver dito. Diz com a maior naturalidade: "Esse Verbo que criou o mundo, essa Razão que controla a ordem do mundo, converteu-se em uma pessoa e o vimos com nossos próprios olhos". A palavra que emprega João para *ver* este Verbo é *theasthai*; esta palavra aparece no Novo Testamento mais de vinte vezes e sempre é usada para indicar a *visão física*. Não se trata de uma visão espiritual que se vê com o olho da alma ou da mente. João declara que este Verbo veio ao mundo na forma

de um homem e que foi visto por olhos humanos. Diz: "Se querem ver como é esse Verbo criador, essa Razão dominante olhem a Jesus de Nazaré".

Aqui é onde João se afasta de todo o pensamento que o tinha precedido. Este foi o elemento completamente novo que João trouxe ao mundo grego para o qual escrevia. Muito tempo depois Agostinho diria que em seus dias pré-cristãos tinha lido e estudado os grandes filósofos pagãos e suas obras, e que tinha lido muitas coisas, mas que jamais tinha lido que o Verbo foi feito carne. Para um grego isto era o impossível. O que nenhum grego pôde ter sonhado jamais é que Deus pudesse tomar um corpo. Para o grego o corpo era algo mau, uma prisão em que estava presa a alma, uma tumba na qual estava confinado o espírito. Plutarco, o velho sábio grego, nem sequer acreditava que Deus pudesse controlar os eventos deste mundo em forma direta; devia fazê-lo mediante enviados e intermediários, porque, segundo sua opinião não era menos que blasfemo envolver a Deus nos assuntos do mundo. Filo jamais poderia tê-lo dito. Ele disse: "A vida de Deus não desceu a nós; nem chegou até as necessidades do corpo".

O grande imperador romano estóico, Marco Aurélio, desprezava o corpo em comparação com o espírito. "Portanto desprezem a carne, sangue e ossos e uma rede, um retorcido molho de nervos e veias e artérias". "A composição de todo o corpo está sujeita à corrupção". Aqui estava o pasmoso elemento novo: que Deus podia e de fato se convertia em uma pessoa humana, que Deus podia vir a esta vida que nós vivemos, que a eternidade podia aparecer no tempo, que de algum modo o Criador podia aparecer na criação de maneira tal que os olhos dos homens podiam vê-lo.

Esta concepção de Deus em forma humana é tão assombrosamente nova e desconhecida que não deve nos surpreender que dentro da mesma Igreja houvesse quem não cresse nela. O que diz João é que o Verbo se tornou *sarx*. Agora, *sarx* é a mesma palavra que Paulo emprega uma e outra vez para descrever o que ele chamava *a carne*, a natureza humana,

com todas suas debilidades e toda sua disposição ao pecado. A simples idéia de tomar esta palavra e aplicá-la ao Verbo, a Deus, era algo diante da qual suas mentes titubeavam. De maneira que dentro da Igreja surgiu um grupo de pessoas chamado *docetistas*. *Dokein* é a palavra grega para *parecer ser*. Essas pessoas sustentavam que em realidade Jesus não era mais que um fantasma, uma aparência, que seu corpo humano não era um corpo real, que não era mais que um espírito que caminhava como um fantasma, que em realidade não podia sentir fome ou cansaço, tristeza ou dor, que de fato era um espírito sem corpo sob a forma aparente de um homem. João se ocupou desta gente de maneira muito mais direta em sua primeira Epístola. “Nisto reconheceis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio *em carne* é de Deus; e todo espírito que não confessa a Jesus não procede de Deus; pelo contrário, este é o espírito do anticristo” (1 João 4:2-3). É certo que esta heresia surgiu de uma espécie de reverência equivocada. Surgiu do espírito que temia dizer que Jesus era verdadeiro, real e completamente humano. Segundo a opinião de João, tratava-se de um espírito que contradizia todo o evangelho cristão.

Bem pode ser que freqüentemente, em nosso afã em conservar o fato de que Jesus era completamente Deus, tendamos a nos esquecer do fato de que era completamente homem. *O Verbo se fez carne*. Possivelmente aqui, mais que em qualquer outro lugar do Novo Testamento, encontramos a gloriosa proclamação da humanidade de Jesus em toda sua plenitude. Em Jesus vemos o Verbo criador de Deus, a Razão controladora de Deus, assumindo a humanidade. Em Jesus vemos a Deus vivendo a vida tal como Deus a teria vivido se tivesse sido um homem. Embora não pudéssemos dizer nada mais sobre Jesus, poderíamos afirmar que nos mostra como Deus teria vivido esta vida que nós temos que viver.

O VERBO SE FEZ CARNE**João 1:14 (continuação)**

Poderia afirmar-se que este é o versículo mais importante de todo o Novo Testamento; de maneira que devemos lhe dedicar muito tempo para poder desfrutar de suas riquezas.

Já vimos que João tem certas palavras fundamentais, que rondam por sua mente e dominam seu pensamento e são os temas a partir dos quais elabora toda a sua mensagem.

Aqui temos outras três dessas palavras.

(1) A primeira é a palavra *graça*. Esta palavra graça sempre consta de duas idéias básicas.

(a) Sempre implica a idéia de algo completamente imerecido. Sempre implica a idéia de algo que nunca poderíamos ter obtido ou ganho ou obtido ou alcançado por nosso próprio esforço. O fato de que Deus tenha vindo à Terra para viver e morrer pelos homens não é algo que a humanidade merecesse; é um ato de puro amor da parte de Deus. A palavra graça acentua ao mesmo tempo a total pobreza do homem e a bondade ilimitada do amor de Deus.

(b) Sempre implica a idéia de beleza. Em grego moderno essa palavra significa *encanto*. Em Jesus vemos a absoluta formosura de Deus. Os homens tinham pensado em Deus em termos de poder, majestade, força e juízo. Tinham pensado no poder de Deus que podia desfazer toda oposição e vencer toda rebeldia; mas em Jesus os homens se encontram com o caráter amoroso do amor de Deus.

(2) A segunda é a palavra *verdade*. Esta palavra *verdade* é uma das notas dominantes no quarto Evangelho. À medida que avancemos na leitura do Evangelho nos encontraremos com ela freqüentemente. Aqui só podemos reunir em forma breve e superficial tudo o que João pode dizer sobre Jesus e a verdade.

(a) Jesus é a encarnação da verdade. Disse: "Eu sou a verdade" (14:6). Para ver a verdade devemos olhar a Jesus. Eis aqui algo imensamente precioso para toda mente e alma singela. Há pouca gente que pode compreender idéias abstratas. A maior parte das pessoas pensa em imagens, não em abstrações. Podemos pensar e discutir pelo resto de nossos dias e é muito provável que não nos aproximemos nem um ápice a uma definição da beleza. Mas podemos apontar uma pessoa bela, podemos dizer que isso é a beleza, e se esclarece toda a questão. Desde que os homens começaram a pensar sobre Deus tentaram definir com exatidão quem e o que é Deus mas suas mentes diminutas não se aproximam no mais mínimo a uma definição. Mas podemos deixar de pensar, e olhar a Jesus Cristo e dizer: "Assim é Deus". Jesus não precisou falar *aos homens a respeito de Deus; precisou mostrar aos homens como é Deus, de maneira que a mente mais simples pudesse conhecer a Deus com tanta intimidade como a mente do maior dos filósofos.*

(b) Jesus é quem comunica a verdade. Jesus disse a seus discípulos que se permaneciam com ele conheceriam a verdade (8:31). A Pilatos disse que o propósito de sua vinda a este mundo era dar testemunho da verdade (18:37). Os homens estão dispostos a seguir a um professor ou pregador que realmente possa guiá-los neste complicado trabalho de pensar e viver. Jesus é o que converte as coisas que estão em sombras em algo claro; é quem, nas muitas encruzilhadas da vida, nos indica qual é o caminho correto; quem, nos momentos de tomar decisões, nos ajuda a escolher bem; quem, em meio das muitas vozes que exigem nossa obediência nos diz o que devemos acreditar.

(c) Mesmo tendo partido desta Terra em seu corpo, Jesus nos deixou seu Espírito para nos dizer qual é a verdade e para nos guiar à verdade. Seu Espírito é o Espírito de verdade (14:17; 15:26; 16:13). Jesus não nos deixou só um livro de instruções e um conjunto de ensinamentos. Não temos necessidade de indagar em um texto ininteligível para descobrir o que temos que fazer. Ainda hoje, podemos lhe perguntar

o que devemos fazer, porque seu Espírito está conosco em cada passo que damos pelo caminho de Deus.

(d) A verdade é aquilo que nos faz livres (8:32). Na verdade sempre há certa qualidade libertadora. Um menino está acostumado a adquirir idéias estranhas, equivocadas a respeito das coisas quando pensa por sua própria conta. E muito freqüentemente sente temor. Um homem pode temer que está doente; vai ao médico, e embora o veredicto seja mau, pelo menos se sente livre dos temores difusos que o atormentavam. A verdade que nos traz Jesus nos liberta do afastamento de Deus; nos liberta da frustração na vida; nos liberta de nossos próprios temores e debilidades e fracassos. Jesus Cristo é o maior libertador da Terra.

(e) A verdade pode ofender. Procuraram matar a Jesus porque lhes disse a verdade (8:40). A verdade pode muito bem condenar a um homem; pode lhe mostrar o quão equivocado está. "A verdade", diziam os cínicos, "pode ser como a luz aos olhos doentes". Os cínicos afirmavam que o professor que jamais incomodava a ninguém, tampouco fazia bem a ninguém. Mas fica um fato concreto: os homens podem fechar seus olhos e mentes à verdade; podem matar o homem que lhes diz a verdade, mas a verdade permanece. Ninguém jamais conseguiu destruir a verdade negando-se a escutar a voz que a pronunciava. E, no final, a verdade o alcançará.

(f) A verdade pode não ser crida (8:45). Há duas razões principais pelas quais os homens não creram na verdade. Podem não crer nela porque é muito bela para ser certa; ou podem não crer nela porque estão tão atados a suas meias verdades que se negam a separar-se delas. Em muitos casos as meias verdades são os piores inimigos das verdades totais.

(g) A verdade não é algo abstrato; é algo que terá que fazer (3:21). A verdade é algo que se deve conhecer com a mente, aceitar com o coração e pôr em prática na vida.

O VERBO SE FEZ CARNE**João 1:14 (continuação)**

Este é um dos versículos das Escrituras ao qual se poderia dedicar toda uma vida de estudo e reflexão sem chegar a esgotar seu significado. Devemos, pois, examiná-lo mais uma vez. Já vimos duas das grandes palavras temáticas que se encontram nele; agora devemos examinar a terceira, a palavra *glória*. Uma e outra vez João emprega a palavra *glória*, em relação com o Jesus Cristo. Primeiro analisaremos o que diz João a respeito da *glória* de Cristo, e logo passaremos a ver se podemos compreender ao menos uma pequena parte do que quer dizer.

(1) A vida de Jesus Cristo foi uma manifestação de glória. Quando fez o milagre da água e o vinho em Cã da Galiléia, João diz que manifestou sua glória (2:11). Ver a Jesus e experimentar seu poder e seu amor era penetrar em uma glória nova.

(2) A glória que manifesta é a glória de Deus. Não é dos homens de quem recebe a glória (5:41). Não procura sua própria glória, e sim a glória daquele que o enviou (7:18). É seu Pai quem o glorifica (8:50, 54). É a glória de Deus a que Marta verá na ressurreição do Lázaro (11:4). A ressurreição de Lázaro é para a glória de Deus, para que o Filho seja glorificado por ela (11:4). A glória que estava em Jesus, que o rodeava através dele, que agia nele, é a glória de Deus.

(3) E entretanto, essa glória era algo que pertencia somente a ele. No final roga que Deus o glorifique com a glória que tinha antes que o mundo existisse (17:5). Não brilha com luz alheia; sua glória é sua e por direito próprio.

(4) Transmitiu a seus discípulos a glória que lhe pertence. Deu-lhes a glória que Deus lhe deu (17:22). É como se Jesus participasse da glória de Deus e o discípulo participasse da glória de Cristo. Seria como dizer que a vinda de Cristo é a chegada da glória de Deus aos homens.

Agora, o que quer dizer João com tudo isto? Para responder a esta pergunta devemos nos dirigir ao Antigo Testamento. O judeu amava a

idéia da *Shekinah*. A *Shekinah* significa *aquilo que habita*; e é a palavra que se emprega para designar a presença visível de Deus entre os homens. Vez após vez no Antigo Testamento nos deparamos com a idéia de que houve épocas em que a glória de Deus era visível entre os homens. No deserto, antes da vinda do maná, os filhos de Israel “olharam para o deserto, e eis que a glória do SENHOR apareceu na nuvem” (Êxodo 16:10). Antes de ser feita a entrega dos Dez Mandamentos, “a glória do SENHOR pousou sobre o monte Sinai” (Êxodo 24:16). Quando o tabernáculo acabou de ser construído e equipado, “a glória do SENHOR encheu o tabernáculo” (Êxodo 40:34). Quando se dedicou o templo de Salomão os sacerdotes não puderam entrar para ministrar “porque a glória do SENHOR enchera a Casa do SENHOR” (1 Reis 8:11). Quando Isaías teve sua visão no Templo, ouviu cantar o coro de anjos que “toda a terra está cheia de sua glória” (Isaías 6:3). Em seu êxtase, Ezequiel viu “a semelhança da glória de Jeová” (Ezequiel 1:28). No Antigo Testamento a glória do Senhor vinha em momentos em que Deus estava muito perto.

A glória do Senhor quer dizer simplesmente a presença de Deus. João emprega uma ilustração cotidiana.

Um pai dá a seu filho mais velho sua própria autoridade, sua própria honra. O herdeiro do trono, o herdeiro do rei, seu filho mais velho, é investido com toda a glória real de seu pai. O mesmo aconteceu com Jesus. Quando Jesus veio à terra os homens viram nele o esplendor de Deus, e no centro desse esplendor há amor. Quando Jesus veio à terra os homens viram nele a maravilha de Deus, e a maravilha era amor. Quando veio Jesus os homens viram que a glória de Deus e o amor de Deus eram uma e a mesma coisa. A glória de Deus não é a glória de um despótico tirano oriental, mas sim esse esplendor do amor perante o qual nos prostramos, não em terror abjeto, e sim perdidos em assombro, amor e louvor.

A INESGOTÁVEL PLENITUDE**João 1:15-17**

Já vimos que o quarto Evangelho foi escrito em uma situação em que era necessário assegurar-se de que João Batista não ocupasse uma posição muito exagerada no pensamento dos homens. De maneira que João começa esta passagem com uma frase de João Batista em que outorga o primeiro e único lugar a Jesus.

João o Batista diz a respeito de Jesus: "O que vem depois de mim é antes de mim." Esta frase pode significar mais de uma coisa.

(a) Jesus era, em realidade, seis meses mais novo que João e João pode estar dizendo com toda simplicidade: "Alguém que é mais novo que eu ficou na minha frente."

(b) João pode estar dizendo: "Eu saí a campo antes que Jesus; ocupei o centro da cena antes que ele; antes que ele aparecesse, eu já estava trabalhando; mas tudo o que fazia era preparar o caminho para sua vinda; eu não era mais que a vanguarda do exército principal e o arauto do rei."

(c) Pode ser que João tenha estado pensando em termos muito mais profundos que isso. Pode ter estado pensando não em termos de tempo, mas sim de eternidade. Pode estar pensando e recordando que Jesus era o que tinha existido antes de que o mundo existisse, e com quem não se pode comparar nenhuma figura humana. Pode ser que estas três idéias tenham estado presentes na mente do João. Não foi João quem exagerou sua própria posição; tratava-se de um engano que tinham cometido alguns de seus seguidores. Para João, o lugar principal pertencia a Jesus Cristo.

Esta passagem passa a afirmar três coisas a respeito de Jesus.

(1) De sua plenitude todos nos beneficiamos. A palavra que emprega João para dizer *plenitude* é uma palavra muito importante: *pleroma*, e significa a soma total de tudo o que se encontra em Deus. Trata-se de uma palavra que Paulo emprega com freqüência. Em

Colossenses 1:19 diz que em Cristo habita toda *pleroma*. Em Colossenses 2:9 diz que em Cristo habita toda a *pleroma* da deidade em forma corporal. Queria dizer que em Cristo habitava a totalidade da sabedoria, do poder e do amor de Deus. Justamente por isso Jesus é inesgotável.

Um homem pode dirigir-se a Jesus com qualquer necessidade e vê-la satisfeita. Um homem pode dirigir-se a Jesus com qualquer ideal e vê-lo realizado. Em Jesus, o homem que ama a beleza encontrará a beleza suprema. Em Jesus, o homem para quem a vida é a busca do conhecimento encontrará a revelação suprema. Em Jesus, o homem que necessita coragem encontrará o modelo e o segredo da valentia. Em Jesus, o homem que sente que não pode enfrentar com a vida encontrará o Mestre da vida e a força para viver. Em Jesus, o homem que é consciente de seu pecado encontrará o perdão de seu pecado e o poder para ser bom. Em Jesus, a *pleroma*, a plenitude de Deus, tudo o que está em Deus, o que Westcott denominou "a fonte da vida divina", converte-se em algo acessível ao homem.

(2) Dele recebemos graça sobre graça. Literalmente, em grego significa *graça em lugar de graça*. O que significa esta frase estranha?

(a) Pode querer dizer que em Cristo encontramos uma maravilha que conduz a outra.

Certa vez um dos antigos missionários se aproximou a um dos velhos reis de certa região. O rei lhe perguntou o que podia esperar se se convertia em cristão. O missionário respondeu: "Você encontrará uma maravilha sobre outra e cada uma delas será certa."

Às vezes, quando viajamos por uma rota muito solitária, uma paisagem sucede à outra. Diante de cada vista pensamos que nada poderia ser mais bonito e depois de uma curva nos deparamos com uma beleza nova e superior à anterior.

Quando um homem se dedica a estudar algum tema importante, tal como a música, a poesia ou a arte, nunca o esgota. Sempre há novas experiências de beleza à sua espera. O mesmo acontece com Cristo.

Quanto mais sabemos sobre Ele, mais maravilhoso o encontramos. Quanto mais tempo vivemos com Ele, mais amor descobrimos. Quanto mais pensamos sobre Ele e com Ele mais amplo se faz o horizonte da verdade. Esta frase pode ser a forma que escolheu João para expressar o caráter ilimitado de Cristo. Pode ser sua forma de dizer que o homem que permanece com Cristo encontrará novas maravilhas em sua alma iluminando a sua mente e prendendo o seu coração dia a dia.

(b) Pode ser que devamos tomar esta expressão ao pé da letra. Em Cristo encontramos *graça em lugar de graça*. As diferentes idades e as diferentes situações da vida exigem um tipo de graça distinto. Necessitamos uma graça nos dias de prosperidade e outra nos dias da adversidade. Necessitamos uma graça nos dias luminosos da juventude e outra quando as sombras da idade começam a cair sobre a vida. A Igreja necessita uma graça nos tempos de perseguição e outra quando a aceitou. Necessitamos um tipo de graça quando sentimos que estamos por cima de todas as coisas e outro tipo de graça quando nos sentimos deprimidos e descoroçados e à beira do desespero. Necessitamos um tipo de graça para carregar nossa carga e outro para carregar as cargas do próximo. Necessitamos uma graça quando estamos seguros das coisas e outra quando sentimos que já não fica nada seguro no mundo.

Esta graça de Deus nunca é algo estático, mas algo dinâmico. Nunca deixa de estar à altura da situação. Uma necessidade entra na vida e junto com ela chega uma graça. Passa essa necessidade e nos assalta outra e com ela vem outra graça. Ao longo de toda a vida sempre estamos recebendo graça em lugar de graça, porque a graça de Cristo é triunfalmente adequada para satisfazer cada situação que se apresenta.

(3) A Lei veio através de Moisés, mas a graça e a verdade vieram através de Jesus Cristo. Na forma antiga de vida, esta estava governada pela Lei. O homem tinha que fazer algo determinado, gostasse ou não, conhecessem ou não a razão para agir dessa maneira; mas depois da vinda de Cristo já não procuramos obedecer a Lei de Deus como escravos; procuramos responder ao amor de Deus como filhos. Através

de Jesus Cristo, Deus o legislador se tornou o Deus Pai, Deus o Juiz se tornou o Deus que ama as almas dos homens.

A REVELAÇÃO DE DEUS

João 1:18

Quando João diz que nenhum homem jamais viu a Deus qualquer pessoa do mundo antigo concordaria em tudo com ele. No mundo antigo os homens se sentiam fascinados, deprimidos e frustrados pelo que consideravam a distância infinita e a absoluta incognoscibilidade de Deus. No Antigo Testamento Deus é representado dizendo a Moisés: "Não me poderás ver a face, porquanto homem nenhum verá a minha face e viverá." (Êxodo 33:20). Quando Deus lembra o povo da entrega da Lei, diz: "A voz das palavras ouvistes; porém, além da voz, não vistes aparência nenhuma". Nenhuma pessoa do Antigo Testamento teria pensado que era possível ver a Deus.

Os grandes pensadores gregos sustentavam exatamente a mesma opinião. Xenofonte havia dito. "A conjectura é sobre tudo." Platão havia dito: "O homem e Deus nunca se podem encontrar." Celso se tinha rido pela forma em que os cristãos chamavam a Deus de Pai porque "Deus sempre está além de todas as coisas". No melhor dos casos, dizia Apuleyo, os homens podem vislumbrar uma faísca de Deus, tal como um raio ilumina uma noite escura: um milésimo de segundo de iluminação e logo a escuridão absoluta. Como disse Glover: "Algo que fosse Deus, estava muito longe de estar ao alcance do comum dos homens."

Pode ser que tenha havido momentos muito raros de êxtase em que os homens experimentavam uma fagulha do que chamavam "o Ser absoluto", mas os homens comuns eram prisioneiros da ignorância e da fantasia. Ninguém se oporia a João quando disse que nenhum homem jamais viu a Deus.

Mas João não se detém aqui; passa a fazer a afirmação surpreendente e reveladora de que Jesus revelou por completo como é

Deus. O que chegou aos homens é o que J. H. Bernard chama "a exibição ao mundo de Deus em Cristo". Aqui volta a ressoar a chave do evangelho de João: "Se querem ver como é Deus, olhem para Jesus Cristo."

Por que será que Jesus pode nascer o que nenhum outro jamais fez? Onde reside seu poder de revelar Deus aos homens? João diz três coisas a respeito de Jesus.

(1) Jesus é único. A palavra grega é *monogenes*, que as versões correntes traduzem por *unigênito*. É verdade que este é o significado literal de *monogenes*; mas muito antes desta época tinha perdido seu significado puramente físico e tinha adquirido dois sentidos especiais. Tinha chegado a significar *único* e *especialmente amado*. É evidente que um filho único possui um lugar único e um amor único no coração de seu pai. De maneira que esta palavra chegou a expressar o *caráter de único* antes de qualquer outra coisa. No Novo Testamento está presente a convicção de que Jesus é único, que não existe nenhum outro como Ele, que pode fazer pelos homens o que nenhum outro pode fazer. Ele é o único que pode trazer Deus aos homens e levar os homens a Deus.

(2) Jesus é Deus. Aqui nos encontramos com a mesma frase que vimos no primeiro versículo do capítulo. Isto não quer dizer que Jesus é idêntico a Deus; o que significa é que em mentalidade, em caráter e em ser Jesus é um com Deus. Neste caso seria melhor que pensássemos que quer dizer que Jesus é divino. Vê-lo é ver como é Deus.

(3) Jesus está no seio do Pai. Estar no seio de alguém é uma frase hebraica mediante a qual se expressa a maior intimidade possível na vida humana. A emprega ao referir-se a uma mãe e seu filho; a um marido e sua esposa. Um homem fala da esposa de seu seio (Isaías 62:5; Cantares 4:8); ele a emprega ao referir-se a dois amigos que estão em completa comunhão mútua. Quando João empregou esta frase ao referir-se a Jesus, quis dizer que entre Jesus e Deus há uma intimidade completa, total e ininterrupta devido ao fato de que Jesus é tão íntimo com Deus, é um com ele, e pode revelá-lo aos homens.

Em Jesus Cristo o Deus distante, incognoscível, invisível, inalcançável chegou aos homens; e Deus já não pode voltar a ser um estranho para nós.

O TESTEMUNHO DE JOÃO

João 1:19-28

Com esta passagem João dá começo à parte narrativa de seu Evangelho. No prólogo mostrou o que pensa fazer; escreve seu Evangelho para demonstrar que Jesus é a Mente, a Razão, o Verbo de Deus que veio a este mundo na forma de uma pessoa humana. Uma vez estabelecida sua idéia central, começa a história da vida de Jesus.

Ninguém é tão cuidadoso com os detalhes do tempo como João. A partir desta passagem e até 2:11, relata passo a passo a primeira semana da vida pública de Jesus. Os eventos do primeiro dia estão em 1:19-28; o relato do segundo dia está em 1:29-34; o terceiro dia está em 1:35-39. Os três versículos 1:40-42 relatam a história do quarto dia. Os eventos do quinto dia aparecem narrados em 1:43-51. O sexto dia é deixado em branco. E os eventos do último dia da semana se relatam em 2:1-11. Em toda esta seção João nos fala dia a dia através de uma série de eventos notáveis que marcam esta primeira semana do ministério público de Jesus. Nenhum outro Evangelho toma tanto cuidado para inserir as marcas da seqüência temporária como o quarto Evangelho.

Mais ainda, nesta mesma seção de 1:19 às 2:11 o quarto Evangelho nos dá três tipos de testemunhos diferentes de Jesus. Em três formas diferentes nos dá três testemunhos da grandeza e do caráter único de Jesus. (1) O testemunho do João Batista (1:19-34). (2) O testemunho daqueles que aceitaram a Jesus como Mestre e se tornaram seus discípulos (1:41-51). (3) O testemunho dos próprios poderes maravilhosos de Jesus (2:1-11). João apresenta a Jesus em três contextos distintos, e em cada um deles nos mostra a maravilha suprema de Jesus.

Já vimos que o quarto Evangelho devia levar em conta uma situação na qual se outorgava a João Batista uma posição muito superior a que ele mesmo se adotava. Ainda no ano 250, os *Reconhecimentos Clementinos* nos dizem que "havia alguns discípulos de João que pregavam sobre ele como se seu mestre fosse o Messias". Nesta passagem o quarto Evangelho nos demonstra que se tratava de um ponto de vista e de uma exigência que o próprio João Batista teria repudiado no ato.

Vamos agora à passagem. No próprio início nos deparamos com uma característica do quarto Evangelho. São os emissários dos *judeus* que devem interrogar a João. Esta palavra *judeus* (*ioudaioi*) aparece não menos de setenta vezes no quarto Evangelho; e sempre os judeus representam a oposição. São quem se têm posto contra Jesus. Desta maneira, a menção dos *judeus* traz à luz a oposição logo no começo. O quarto Evangelho é duas coisas. Primeiro, como já vimos, é a exibição de Deus em Jesus Cristo. Mas, em segundo lugar, também é o relato da rejeição de Jesus Cristo por parte dos judeus. O Evangelho é ao mesmo tempo a história do oferecimento do Deus e a rejeição do homem, o relato do amor do Deus e do pecado do homem, a história do convite de Jesus Cristo e sua rejeição por parte do homem. O quarto Evangelho é o Evangelho no qual se combinam em forma única e vívida o amor e a advertência.

A delegação que foi interrogar a João estava composta por duas classes de pessoas. Em primeiro lugar, figuram os sacerdotes e levitas. Seu interesse era muito natural, visto que João era o filho de Zacarias e Zacarias era um sacerdote (Lucas 1:5). Dentro do judaísmo, o único direito que contava para entrar no sacerdócio era a ascendência. Se um homem não descendia de Arão, não havia nada no mundo que pudesse convertê-lo em sacerdote; se era descendente de Arão, nada podia impedir que fosse sacerdote. De maneira que, perante os olhos das autoridades, João era de fato um sacerdote, e era muito natural que os sacerdotes fossem averiguar por que outro sacerdote se estava

comportando em forma tão inusitada. Em segundo lugar, havia emissários dos fariseus. Agora, pode ser que por trás deles estivesse o Sinédrio. Uma das funções do Sinédrio consistia em tratar com qualquer homem de quem se suspeitasse ser um falso profeta. João era um pregador a quem as pessoas estavam seguindo em multidões. É muito factível que o Sinédrio tenha considerado que era seu dever controlar a este homem no caso de ser um falso profeta.

Todo este assunto nos demonstra quão suspicaz era a ortodoxia a respeito de algo que estivesse fora do comum. João não se adequava à idéia normal de um sacerdote; e não se adequava à idéia comum de um pregador; e por isso as autoridades eclesiásticas de seu tempo suspeitavam dele. A Igreja sempre corre o perigo de condenar uma nova forma de fazer as coisas pelo mero fato de ser nova. Em certo sentido, possivelmente não exista nenhuma outra instituição no mundo que resista à mudança na mesma medida em que a Igreja o faz. Muito freqüentemente a Igreja rechaçou um grande mestre, e se negou a embarcar numa grande aventura porque queria que a deixassem em paz, e suspeitava de tudo o que fosse novo.

O TESTEMUNHO DE JOÃO

João 1:19-28 (continuação)

Os emissários da ortodoxia podiam pensar em três coisas que João poderia pretender ser:

(1) Perguntaram-lhe se era o Messias. Os judeus esperavam, e esperam até hoje, a chegada do Messias. Todo povo cativo espera a seu libertador. Os judeus se consideravam o povo eleito de Deus; não tinham dúvida de que mais cedo ou mais tarde Deus interviria para salvar a seu povo. Não havia uma idéia única sobre o Messias. Alguns esperavam a alguém que traria a paz a toda a Terra. Alguns esperavam a alguém que trouxesse o reino da justiça. A maioria esperava a alguém que seria um grande líder nacional e guiaria os exércitos dos judeus na conquista do

mundo inteiro. Alguns esperavam uma personalidade sobrenatural vinda diretamente de Deus. Em maior número eram os que esperavam um príncipe que surgiria da casa de Davi. Era comum surgirem pretendentes messiânicos que provocavam rebeliões. A época em que Jesus viveu era uma de grande excitação. Era natural que perguntassem a João se pretendia ser o Messias; mas João negava por completo esta pretensão; entretanto em sua negativa insinuava algo. Em grego, a palavra *eu* se acentua segundo a posição que ocupe dentro da frase. É como se João houvesse dito: "Eu não sou o Messias, mas, se vocês soubessem, o Messias está aqui".

(2) Perguntaram-lhe se era Elias. Os judeus criam que, antes da chegada do Messias, Elias viria como arauto de sua vinda e para preparar o mundo para recebê-lo. Elias viria, de maneira especial, para resolver todas as disputas. Ele deixaria estabelecido que coisas e que gente eram puras e os quais eram os impuros; os que eram judeus e os que não eram; viria para reunir as famílias que se distanciaram. Era tão profunda sua crença neste fato que a lei tradicional dizia que o dinheiro e propriedades que estivessem em disputa, ou algo que se achasse e não se conhecesse o dono, deviam esperar "até que venha Elias". A convicção de que Elias viria antes do Messias retroage até Malaquias 4:5. Inclusive se cria que Elias unguiria o Messias para seu ofício real, tal como se ungia os reis, e que ressuscitaria os mortos para que compartilhassem o novo reino; mas João negava que qualquer honra deste tipo lhe pertencesse.

(3) Perguntaram-lhe se ele era o profeta esperado e prometido. Às vezes se acreditava que Isaías e, em especial, Jeremias, voltariam quando o Messias chegasse. Mas em realidade se trata de uma referência à segurança que Moisés deu ao povo em Deuteronômio 18:15: "O SENHOR, teu Deus, te suscitará um profeta do meio de ti, de teus irmãos, semelhante a mim; a ele ouvirás." Era uma promessa que nenhum judeu esquecia. Esperavam o surgimento do profeta que seria o maior de todos os profetas, e desejavam sua vinda, o profeta que seria o

Profeta por excelência. Porém mais uma vez João negou que essa honra lhe pertencesse.

Então lhe perguntaram quem era: sua resposta foi que não era mais que uma voz que rogava aos homens que preparassem o caminho para o Rei. A citação é de Isaías 40:3. Todos os Evangelhos citam este texto que fala de João (Marcos 1:3; Mateus 3:3; Lucas 3:4). A idéia que está por trás é a seguinte. Os caminhos do oriente não estavam nivelados nem melhorados. Não eram mais que caminhos. Quando um rei se preparava para visitar uma província, ou quando um conquistador se propunha a percorrer seus domínios, arrumavam-se e endireitavam os caminhos e os punham em boas condições. O que João quis dizer foi isto: "Eu não sou ninguém; só sou uma voz que lhes diz que se preparem para a chegada do Rei". Dizia: "Preparem-se, porque o Rei está a caminho".

João era o que deveria ser todo verdadeiro mestre e pregador: só era uma voz, alguém que apontava para o Rei. A última coisa que pretendia que os homens fizessem era que olhassem a ele; queria que se esquecessem dele e só vissem o Rei.

Mas os fariseus se intrigavam com um detalhe. Que direito tinha João de batizar? Se tivesse sido o Messias, ou até Elias ou o profeta, poderia ter batizado. Isaías tinha escrito: "Assim borrifará muitas nações" (Isaías 52:15, TB.). Ezequiel havia dito: "Então, aspergirei água pura sobre vós, e ficareis purificados" (Ezequiel 36:25). Zacarias havia dito: "Naquele dia, haverá uma fonte aberta para a casa de Davi e para os habitantes de Jerusalém, contra o pecado e contra a impureza" (Zacarias 13:1). Mas por que teria João que batizar? E havia algo que o fazia ainda mais estranho. O batismo de mãos dos homens não era para os israelitas. Batizava-se aos *prosélitos*, pessoas que provinham de outras crenças. Um israelita nunca era batizado; ele já pertencia a Deus; não precisava ser lavado; mas os gentios que vinham de crenças pagãs deviam ser lavados no batismo. João estava levando as israelitas a fazer o que só os gentios deviam fazer. Estava sugerindo que *o povo escolhido devia ser*

purificado. Isso era exatamente o que acreditava João. Mas não deu uma resposta direta.

Disse: "Eu só batizo com água; mas em meio de vós há um — a quem vós não reconhecem — do qual eu não sou digno de desatar a correia de seu calçado". João não poderia haver-se atribuído uma tarefa mais doméstica. Desatar a correia do calçado era algo que faziam os escravos. Um dito rabínico afirmava que um discípulo podia fazer para seu professor algo que fizesse um serviçal, *exceto* desatar os sapatos. Era um serviço muito baixo para que até um discípulo o fizesse. O que João dizia, pois, era: "Vem um de quem não sou digno de ser escravo". Devemos inferir que a esta altura já tinha tido lugar o batismo de Jesus no qual João o havia reconhecido. De maneira que aqui João volta a dizer o mesmo: "Vem o Rei. E, para sua vinda, devem limpar tanto como qualquer gentio. Preparem-se para a entrada do Rei na história".

A função de João se limitava a ser quem preparava o caminho. Qualquer grandeza que possuísse provinha da grandeza daquele cuja vinda anunciava. João é o grande exemplo do homem que está disposto a desaparecer para que se possa ver a Cristo. A seu entender, ele não era mais que um dedo que apontava a Cristo. Deus nos conceda a graça de nos esquecer de nós mesmos e lembrar só de Cristo.

O CORDEIRO DE DEUS

João 1:29-31

Aqui chegamos ao segundo dia desta semana transcendental na vida de Jesus. A esta altura já tinham passado seu batismo e as tentações, e estava disposto a pôr mãos à obra para cuja execução tinha vindo ao mundo. E mais uma vez o quarto Evangelho mostra a João rendendo tributo espontâneo a Jesus. Designa-o com esse tremendo título que chegou a estar entretido na mesma linguagem da devoção, *o Cordeiro de Deus*. No que estava pensando e o que tinha em memore João quando

empregou esse título? Há pelo menos quatro imagens que podem contribuir em algo a este respeito.

(1) Pode ser que João tenha estado pensando no cordeiro pascual. A festa da Páscoa não estava muito longe (João 2: 13). A velha história da Páscoa contava que o sangue do cordeiro sacrificado tinha protegido as casas dos israelitas na noite em que abandonaram o Egito (Êxodo 12:11-13). Essa noite em que o anjo da morte saiu e matou o filho mais velho dos egípcios, os israelitas deviam manchar os postes à entrada de sua casa com o sangue do cordeiro imolado e o anjo veria o sangue e passaria por alto essa. Foi o sangue do cordeiro que os salvou da destruição. Sugeriu-se que quando João Batista viu a Jesus, passavam rebanhos de cordeiros que eram conduzidos das zonas rurais até Jerusalém para ser sacrificados na festa da Páscoa, o sangue do cordeiro pascal tinha salvo os israelitas no Egito da destruição e a morte; e pode ser que João tenha estado dizendo: "Eis aí o verdadeiro sacrifício que pode libertá-los da morte". Paulo também pensava em Jesus como o Cordeiro pascal (1 Coríntios 5:7). Há uma libertação que só podemos obter através de Jesus Cristo.

(2) João era filho de um sacerdote. Sem dúvida conhecia todo o ritual do templo e seus sacrifícios. Agora, cada manhã e cada tarde da vida inteira se sacrificava no templo um cordeiro pelos pecados do povo (Êxodo 29:38-42). Durante todo o tempo que o templo existiu ofereceu-se este sacrifício. Inclusive quando as pessoas morriam de fome durante a guerra ou os cercos, jamais deixaram de oferecer o cordeiro até que no ano 70 o templo foi destruído. Pode ser que João esteja dizendo: "No templo se oferece um cordeiro cada noite e cada manhã pelos pecados do povo; mas o único sacrifício que pode libertar os homens do pecado está neste Jesus".

(3) Há duas grandes imagens do cordeiro nos profetas. Jeremias escreve: "Eu era como manso cordeiro, que é levado ao matadouro" (Jeremias 11:19). E Isaías tem a grande imagem daquele que foi levado "como cordeiro ao matadouro" (Isaías 53:7). Estes dois grandes profetas

tiveram a visão de alguém que redimiria o seu povo mediante seus sofrimentos e seu sacrifício, aceitos com humildade e amor. Possivelmente o que diz João seja: "Seus profetas sonharam com aquele que amaria, sofreria e morreria por seu povo; eis aqui que chegou". Não resta dúvida que mais adiante a imagem de Isaías 53 veio a ser para a Igreja em uma das profecias mais preciosas de todo o Antigo Testamento a respeito de Jesus. Possivelmente João Batista foi o primeiro em dar-se conta disso.

(4) Mas há uma quarta imagem que seria muito conhecida dos judeus embora seja algo completamente estranho para nós. Na época que transcorreu entre o Antigo e o Novo Testamento aconteceram as grandes lutas em que os macabeus lutaram, morreram e venceram. Nesses tempos, o cordeiro, especialmente o cordeiro com chifres, era o símbolo de um grande conquistador. Assim é como se descreve a Judas Macabeu, e também a Samuel e Davi e Salomão. O cordeiro —por mais estranho que nos seja — representava o que conquistava em nome do Deus. Pode ser que não se trate de uma imagem de humilde e impotente debilidade, mas sim de uma imagem de vitoriosa majestade e poder. Jesus era o cavaleiro de Deus que lutou contra o pecado e o dominou, que venceu e aboliu o pecado em combate singular.

Esta frase, o Cordeiro do Deus, é simplesmente maravilhosa. Obcecava ao autor do Apocalipse que a emprega vinte e nove vezes em seu livro. Converteu-se em um dos títulos mais apreciados para designar a Jesus. Em uma só palavra resume o amor, o sacrifício, o sofrimento e o triunfo de Cristo.

João diz que não conhecia a Jesus. Mas era parente de Jesus (Lucas 1:36), e deve tê-lo conhecido. O que João diz não é que não sabia *quem* era Jesus, e sim *o que* era. Nesse momento foi revelado a João que Jesus não era outro senão o Filho do Deus.

Mais uma vez, João esclarece qual era sua função. Sua única tarefa era guiar os homens para Cristo. Ele não era nada e Cristo era tudo. Não pretendia nenhuma grandeza e nenhum lugar para si; não era mais que o

homem que corria o pano de fundo e deixava a Jesus no lugar central do cenário.

A VINDA DO ESPÍRITO

João 1:32-34

Durante o batismo de Jesus tinha ocorrido algo que convenceu a João além de toda dúvida, de que Jesus era o Filho do Deus. Como o viram os pais da Igreja faz muitos séculos, tratava-se de algo que só o olho da alma podia ver. Mas João o viu e se convenceu.

Na Palestina a pomba era um ave sagrada. Nem a caçava nem a comia. Filo teve sua atenção voltada para a quantidade de pombas que havia no Ascalom, porque estava proibido caçá-las e matá-las, e, além disso, estavam domesticadas. Em Gênesis 1:2 lemos sobre o Espírito criador que se movia sobre a face das águas. Os rabinos costumavam relatar que o Espírito do Deus se movia e voava como uma pomba por cima do antigo caos enquanto lhe insuflava ordem e beleza. A imagem da pomba era algo que os judeus conheciam e amavam.

Foi durante o batismo quando o Espírito desceu sobre Jesus com seu poder. Mas devemos lembrar que, para esta época, ainda não tinha surgido a doutrina *cristã* sobre o Espírito. Devemos aguardar até os últimos capítulos de João e até Pentecostes para vê-la surgir. Quando João Batista fala do Espírito que desce sobre Jesus, deve estar pensando em termos judaicos.

Qual era, então, a idéia que tinham os judeus sobre o Espírito?

A palavra hebraica para designar o Espírito é *ruach*, que significa *vento*. Para a mentalidade judaica sempre havia três idéias básicas sobre o Espírito. O Espírito era *poder*, como o poder de um vento muito forte; o Espírito era *vida*, o próprio coração e a alma e a essência da vida, a própria dinâmica da existência do homem; o Espírito era *Deus*; o poder e a vida do Espírito estavam além do lucro e o alcance meramente humanos. A vinda do Espírito à vida de um homem era a vinda de Deus.

Sobretudo, o Espírito era quem dominava e inspirava os profetas. “Eu, porém, estou cheio do poder do Espírito do SENHOR, cheio de juízo e de força, para declarar a Jacó a sua transgressão e a Israel, o seu pecado” (Miquéias 3:8). Deus fala com o Isaías de “O meu Espírito, que está sobre ti, e as minhas palavras, que pus na tua boca” (Isaías 59:21). “O Espírito do SENHOR Deus está sobre mim, porque o SENHOR me ungiu para pregar boas-novas” (Isaías 61:1). “Dar-vos-ei coração novo e porei dentro de vós espírito novo ... Porei dentro de vós o meu Espírito” (Ezequiel 36:26-27).

Podemos dizer que o Espírito de Deus fazia três coisas para o homem sobre quem ele vinha. Em primeiro lugar, trazia aos homens a verdade de Deus. Em segundo lugar, dava aos homens o poder de reconhecer essa verdade quando a viam. Em terceiro lugar, dava-lhes a habilidade e a coragem de pregar essa verdade aos homens. Para o judeu, o Espírito era Deus que descia à vida de um homem.

Agora, no momento do batismo o Espírito desceu sobre Jesus em forma única. E o fez de maneira diferente a como jamais o fez com nenhum outro homem. A maioria das pessoas vivem o que poderíamos denominar experiências espasmódicas do Espírito. Têm seus momentos de iluminação momentânea, de poder extraordinário, de coragem sobre-humana. Mas estes momentos vêm e vão. Mas em duas oportunidades (versículos 32, 33) João sublinha de maneira especial que o Espírito *permaneceu, morou e habitou* em Jesus. Não se tratava de uma inspiração momentânea. Em Jesus o Espírito ocupou sua morada permanente de maneira unívoca. E essa é outra forma de dizer que a Mente e o Poder do Deus estão em Jesus em forma unívoca.

Aqui podemos aprender muito do que significa a palavra *batismo*. O verbo grego *baptizein* significa *imersão* ou *inundar*. Pode-se empregar quando se fala de roupa que se *imerge* em uma tintura; ou de um barco que se *afunda* atrás das ondas; ou de uma pessoa que tomou tanto que está *empapado* em bebida. Quando João diz que Jesus batizará os homens no Espírito Santo, quer dizer que Jesus nos pode trazer o

Espírito de Deus de maneira tal que nos empapemos nele, que a vida esteja transpassada por ele, que estejamos saturados do Espírito do Deus, que nossa mente, nossa vida, nosso ser estejam alagados do Espírito do Deus.

Agora, o que significava este batismo para João? O batismo do próprio João significava duas coisas.

(1) Significava *limpar*. Significava que se lavava a um homem das impurezas que nele havia.

(2) Significava *dedicação*. Significava que entrava em uma vida nova, diferente e melhor. Mas o batismo de Jesus era *um batismo do Espírito*. Quando lembramos a concepção que os judeus tinham do Espírito, podemos dizer algumas coisas.

Quando o Espírito toma posse de um homem ocorrem determinadas coisas.

(1) Sua vida se ilumina. O conhecimento de Deus vem à sua mente. Vê com clareza a vontade do Deus. Sabe qual é o propósito de Deus, o que significa a vida, onde está o dever. Algo da sabedoria e da luz de Deus chegaram até ele.

(2) Sua vida se tonifica. O conhecimento sem poder é algo frustrante e obsessivo. Mas o Espírito não só nos dá conhecimento para saber o que é o correto, mas também força e poder para levá-lo a cabo. O Espírito nos proporciona uma triunfante adequação para encarar a vida.

(3) Sua vida se *purifica*. O batismo de Cristo com o Espírito seria um batismo de fogo (Mateus 3:11; Lucas 3:16). A escória das coisas más, a mescla das coisas inferiores, a influência de tudo que é baixo, são limpas e queimadas, até que o homem fica limpo e puro.

Com muita freqüência, nossas orações ao Espírito são uma espécie de formalidade teológica e litúrgica; mas quando conhecemos aquilo pelo qual oramos, nossas orações ao Espírito se convertem em um clamor desesperado do coração humano.

OS PRIMEIROS DISCÍPULOS**João 1:35-39**

Jamais houve uma passagem das Escrituras mais plena que esta com pequenos toques reveladores.

Mais uma vez vemos a João Batista apontando além de si mesmo. Deve ter sabido muito bem que falar com seus discípulos sobre Jesus desta maneira significava convidá-los a abandoná-lo e transferir sua lealdade a este novo e grande mestre; e isso foi o que ele fez. Não havia nenhum tipo de inveja em João. Tinha chegado a ligar aos homens, não a si mesmo, e sim a Cristo. Não há tarefa mais difícil que passar ao segundo lugar uma vez que se desfrutou do primeiro. Mas uma vez que Jesus tinha aparecido em cena, João não teve outro pensamento senão enviar os homens a Ele.

De maneira que os dois discípulos de João seguiram a Jesus. Pode ser que fossem muito tímidos para aproximar-se dele de maneira direta e que o seguissem a certa distância, com o major dos respeitos. E então Jesus fez algo que era e é uma atitude que lhe é próprio. Voltou-se e lhes falou. Quer dizer, encontrou-os na metade do caminho. Tornou-lhes as coisas mais fáceis. Abriu-lhes a porta para que pudessem entrar. Aqui nos encontramos com o símbolo da iniciativa divina. Sempre é Deus quem dá o primeiro passo. Quando a mente humana começa a procurar e o coração humano começa a desejar, Deus sai a nosso encontro muito mais que a metade do caminho. Deus não permite que um homem procure e procure até que o encontre; sai a encontrar a esse homem. Como diz Agostinho, nem sequer teríamos podido começar a procurar a Deus se Deus não nos tivesse encontrado antes. Quando nos dirigimos a Deus não vamos ao encontro de alguém que se esconde e se mantém a certa distância; nos dirigimos a alguém que nos está esperando e que inclusive toma a iniciativa ao sair a nos encontrar no caminho.

Jesus começou por fazer a estes dois homens a pergunta mais fundamental da vida. "O que vocês procuram?" perguntou-lhes. Era

muito pertinente fazer essa pergunta na Palestina nos tempos de Jesus. Eram legalistas que só procuravam conversações sutis e recônditas a respeito dos pequenos detalhes da Lei, como faziam os escribas e fariseus? Eram oportunistas ambiciosos que procuravam um posto e poder, como faziam os saduceus? Eram nacionalistas, que procuravam um demagogo político e um caudilho militar que derrotasse a potência que estava ocupando seu país, como faziam os zelotes? Eram homens humildes, de oração e esperança, que procuravam a Deus e sua vontade, como faziam os mansos da Terra? Ou não eram mais que homens intrigados e confundidos pecadores que procuravam uma luz no caminho da vida, e o perdão de Deus?

Far-nos-ia muito bem se de vez em quando, no curso de nossa vida, nos perguntássemos: "O que estou procurando? Que quero tirar da vida? Qual é minha finalidade e meu objetivo? Sinceramente, o que é o que, no âmago de meu coração, estou realmente querendo tirar da vida?"

Alguns procuram *segurança*. Queriam obter uma posição segura, a suficiente quantidade de dinheiro para satisfazer as necessidades da vida e algo mais para economizar para a velhice, uma segurança material que os alivie da preocupação essencial sobre as coisas materiais. Não é um mau objetivo, mas é inferior, e algo inadequado como finalidade da vida inteira; porque, em última análise, não pode haver nenhuma segurança na incerteza das mudanças e os azares desta vida.

Há alguns que procuram o que eles denominariam uma *carreira*, de poder, importância, prestígio, um posto que se adapte à capacidade e habilidade que acreditam possuir, uma oportunidade para levar a cabo o trabalho que se crêem capazes de fazer. Este tampouco é um mau objetivo. Pode sê-lo se está dirigido por razões de ambição pessoal; mas se está motivado por razões de serviço a nosso próximo pode ser um objetivo superior. Mas não é suficiente, visto que seu horizonte está limitado pelo tempo e por este mundo.

Alguns procuram certo tipo de *paz*, algo que lhes permita viver em paz consigo mesmos, em paz com Deus e em paz com os homens. Trata-

se da busca de Deus; e é um objetivo que só pode ser satisfeito por Jesus Cristo.

A resposta dos discípulos de João foi que queriam saber onde Jesus morava. Chamaram-no *Rabi*, uma palavra hebraica que cujo significado literal é *Meu grande homem*. Era o título de reverência e respeito que outorgavam os estudantes e pesquisadores de sabedoria a seus mestres e aos homens sábios. João, que escreveu o Evangelho, escrevia para os gregos. Sabia que não reconheceriam a palavra hebraica, de maneira que a traduziu pela palavra grega *didaskalos*, que significa *mestre*. Não era uma simples curiosidade o que empurrou a estes dois a formular esta pergunta. O que gostariam de dizer foi que não desejavam falar com Jesus com o passar do caminho, ao passar, como algum conhecido casual poderia deter-se e trocar algumas palavras. Queriam entrar e permanecer muito tempo com Ele, e falar de seus problemas e preocupações. O homem que deseja tornar-se um discípulo de Jesus nunca pode sentir-se satisfeito com uma palavra ao passar com Jesus. Quer encontrar-se com Jesus, não como um conhecido de passagem, mas sim como um amigo na própria casa de Jesus.

A resposta de Jesus foi: "Venham e vejam!" Os rabis judeus tinham uma forma muito especial de empregar essa frase em seus ensinamentos. Diziam por exemplo: "Querem conhecer a resposta a esta pergunta? Querem conhecer a solução para este problema? Venham e vejam, e pensaremos juntos". Quando Jesus disse: "Venham e vejam!" estava convidando a esses dois, não só a ir e conversar, e sim a ir e descobrir as coisas que só ele era capaz de lhes revelar.

De maneira que João, que escreveu o Evangelho, termina o parágrafo desta maneira: "Era como a décima hora". Pode ser que o termine assim porque ele mesmo era um desses dois. Podia dizer que hora era, e apontar a própria pedra do caminho sobre a que estava parado quando se encontrou com Jesus. Às quatro de uma tarde da primavera na Galiléia, a vida se converteu em algo novo para João. Quando um homem se encontra autenticamente com Jesus não se esquecerá nunca

mais do dia e da hora como tampouco esqueceria a data de seu nascimento. Ele assinala a linha divisória entre a época em que não conhecia a Jesus e o momento em que chegou a conhecê-lo.

COMPARTILHANDO A GLÓRIA

João 1:40-42

As versões comuns dizem que André "achou *primeiro* a seu irmão Simão", apoiando-se em alguns manuscritos gregos que trazem a palavra *proton*, que significa *primeiro*. Em outros manuscritos aparece *proi*, que significa *cedo pela manhã*. A nosso entender, a segunda versão se encaixa mais ao relato ao considerar este evento da passagem como desenvolvendo-se ao dia seguinte. Vimos que João nos apresenta o relato da primeira semana de importância na vida de Jesus, e essa relato fica mais adequado se considerarmos que André encontra a Pedro no dia seguinte.

Mais uma vez, nesta passagem, João explica uma palavra hebraica para ajudar os gregos, a quem escrevia, a compreender melhor. *Messias* e *Cristo* são a mesma palavra. *Messias* é hebraico e *Cristo* é grego; ambos significam *ungido*. No mundo antigo, tal como em alguns países nesta época, ungiam-se os reis com azeite no momento de sua coroação. E tanto *Messias* como *Cristo* significam o *Rei unguido por Deus*.

Não temos muita informação sobre André, mas o pouca que sabemos mostra seu caráter de modo perfeito. André é uma das personalidades mais atraentes do grupo de apóstolos. Tem duas atitudes sobressalentes.

(1) André se destacava por ser o tipo de homem que estava disposto a ocupar o segundo lugar. Uma e outra vez se identifica André como o *irmão de Simão Pedro*. É evidente que vivia sob a sombra de Pedro. Algumas pessoas poderiam não saber quem era André, mas todos conheciam a Pedro; e quando falavam de André o descreviam como o irmão de Pedro. André não formava parte do círculo íntimo de

discípulos. Quando Jesus curou a filha de Jairo, quando foi ao Monte da Transfiguração, quando passou pela tentação no Getsêmani, levou consigo a Pedro, Tiago e João. André facilmente se teria ofendido por isso. Acaso não tinha sido um dos dois primeiros discípulos que seguiram a Jesus? Acaso Pedro não devia a ele seu encontro com Jesus? Não poderia razoavelmente esperar e exigir um lugar privilegiado no grupo apostólico? Mas tudo isto jamais ocorreu a André. Sentia-se muito satisfeito correndo para atrás e deixando que seu irmão mais famoso recebesse todo o brilho. Sentia-se muito satisfeito desempenhando um papel humilde e modesto no grupo dos Doze. Para André, toda questão de precedência, lugar e honras carecia de importância. Tudo o que importava era estar com Jesus e servi-lo como pudesse. André é o santo padroeiro de todos aqueles que com humildade, lealdade e sem remorsos ocupam um segundo lugar.

(2) André se caracteriza por ser o homem que sempre estava apresentando alguém a Jesus. Em apenas três ocasiões no relato do Evangelho se localiza o André no centro do cenário. Há este incidente, no qual apresenta Pedro a Jesus. Há o incidente em João 6:8-9 em que André apresentou a Jesus o menino que tinha cinco pães de cevada e dois pãezinhos. E está a ocasião do João 12:22, em que André apresenta a Jesus os gregos que perguntavam por ele. A grande alegria de André era levar a outros diante da presença de Jesus. Destaca-se como o homem cujo único desejo era compartilhar a glória. É o homem de coração missionário. Tendo encontrado a amizade de Jesus, passou tudo o resto de sua vida apresentando outros a essa amizade. André é nosso grande exemplo de alguém que não podia guardar Jesus para si.

Quando André levou a Pedro perante a presença de Jesus, este o olhou. A palavra que se emprega para esse olhar é *emblepein*. Esta palavra descreve um olhar concentrado, profundo. Significa o olhar que não se limita a ver as coisas superficiais que aparecem no exterior, mas sim que lê dentro do coração. Quando Jesus viu a Simão, tal como era

chamado então, disse-lhe: "Seu nome é Simão; mas te chamarás Cefas, que significa rocha".

No mundo antigo quase todos tinham dois nomes. O grego era o idioma universal nesse mundo, e quase todos tinham um nome em seu próprio idioma, pelo que os conhecia entre seus amigos e familiares, e um nome em grego, com o que os conhecia no mundo dos negócios e do comércio. Às vezes, um dos nomes era a tradução do outro. *Pedro* é a palavra *grega* que significa rocha e *Cefas* é a palavra *aramaica* que significa o mesmo; *Tomé* é a palavra *aramaica* e *Dídimo* a palavra *grega* que significa *gêmeo*; *Tabita* é a palavra *aramaica* e *Dorcas* a *grega* com a que se denomina uma *gazela*. Às vezes, escolhia-se o nome grego porque seu som se assemelhava ao nome aramaico. Um judeu chamado *Eliaquim* ou *Abel* em seu próprio idioma se chamaria *Alcimo* ou *Apeles* em grego. De maneira que Pedro e Cefas não são nomes diferentes; são o mesmo nome em distintos idiomas.

Muito freqüentemente, no Antigo Testamento, uma mudança de nome assinalava uma nova relação com o Deus. Por exemplo, *Jacó* se converteu em *Israel* (Gênesis 32:28), e *Abrão* se converteu em *Abraão* (Gênesis 17:5) quando entraram em uma nova relação com o Deus. Quando alguém entra em um novo tipo de relação com Deus, é como se a vida voltasse a começar e ele se convertesse em um homem novo, de maneira que necessita um nome novo.

Mas o maior deste relato é que nos diz *como Jesus olha aos homens*. Jesus não só vê o que é um homem; mas também aquilo no que se *pode converter*. Não vê somente o *atual* no homem, mas também suas *possibilidades*. Jesus olhou a Pedro e viu nele, não só um pescador da Galiléia, viu alguém em cujo interior estava a possibilidade de converter-se na rocha sobre a qual se edificaria sua Igreja. Jesus não só nos vê como somos, mas sim como podemos ser; e nos diz: "Dê-me sua vida, e o converterei naquilo que está em você poder chegar a ser".

Conta-se que em uma ocasião alguém encontrou a Miguel Ângelo, trabalhando com seu cinzel em uma parte de rocha sem forma.

Perguntou ao escultor o que estava fazendo. "Liberto o anjo que está preso neste mármore", respondeu. Jesus é aquele que vê e que pode libertar o herói que está oculto em cada homem.

A RENDIÇÃO DE NATANAEL

João 1:43-51

A esta altura do relato Jesus abandonou o Sul e se dirigiu ao norte, para a Galiléia. Aí, possivelmente em Cã mesmo, encontrou e chamou Filipe. Filipe, assim como André, não podia guardar para si as boas novas. Como disse Godet: "Uma tocha acesa serve para acender outra". De maneira que Filipe foi em busca de seu amigo Natanael e lhe disse que cria ter encontrado o Messias prometido durante tanto tempo, em Jesus, o homem de Nazaré. Natanael se riu. Não havia nada no Antigo Testamento que predissera que o escolhido de Deus viria de Nazaré. Nazaré era um lugar muito pouco conspícuo. O próprio Natanael provinha de Caná, outra cidade da Galiléia, e nas regiões rurais a rivalidade entre uma cidade e outra, e a inveja entre os povos é muito notória. A reação de Natanael foi afirmar que Nazaré não era o tipo de lugar de onde pudesse vir nada de bom. Filipe foi sábio. Não discutiu. Limitou-se a dizer: "Vêem e vê!"

Não há muitas pessoas que foram ganhas para o cristianismo com discussões. Mais de uma vez nossos argumentos fazem mais mal que bem. A única forma de convencer a alguém a respeito da supremacia de Cristo é confrontá-lo com ele. Em geral, é válido afirmar que o que ganhou homens a Cristo não é a pregação e ensino filosófico e apoiado em discussões, mas sim a apresentação do relato da cruz.

Conta-se que, para fins do século dezenove, Huxley, o grande agnóstico, formava parte de um grupo que estava passando uns dias em uma casa de campo. Chegou no domingo, e a maioria dos membros do grupo se preparou para ir à igreja; mas, como é natural, Huxley não se propunha ir. Aproximou-se de um homem que era conhecido por sua fé

cristã simples e radiante. Disse-lhe: "Suponhamos que hoje você não vá à igreja, que fique em casa e me diga com toda simplicidade o que a fé cristã significa para você e por que é cristão". "Mas", disse o homem, "você poderia demolir meus argumentos em um instante. Não sou o suficientemente inteligente para discutir com você". Huxley respondeu com amabilidade: "Não quero discutir com você; só quero que me diga o que este Cristo significa para você". O homem ficou na casa e falou com o Huxley com toda simplicidade a respeito de sua fé. Quando terminou os olhos do grande agnóstico estavam cheios de lágrimas: "Daria minha mão direita", disse, "para poder acreditar isso".

Não foi uma argumentação brilhante o que chegou ao coração do Huxley. Poderia ter rebatido com a maior eficácia e certeza qualquer argumento que aquele cristão simples poderia lhe apresentar. O que conquistou seu coração foi essa apresentação singela de Cristo. O melhor argumento consiste em dizer às pessoas: "Venham e vejam!" Mas o problema é que nós mesmos devemos conhecer a Cristo antes de poder convidar outros a aproximar-se dele. O único evangelista autêntico é aquele que conhece ele próprio Cristo.

De maneira que Natanael se aproximou, e Jesus pôde ler seu coração. "Eis aqui", disse Jesus, "um verdadeiro israelita, em quem não há engano". Era uma honra que qualquer israelita devoto agradeceria. O salmista disse: "Bem-aventurado o homem a quem o SENHOR não atribui iniquidade" (Salmo 32:2). "Nunca fez injustiça" disse o profeta sobre o servo do Senhor, "nem houve engano na sua boca." (Isaías 53:9). Natanael se sentiu surpreso de que alguém pudesse pronunciar um veredicto como esse quando recém o conhecia, e perguntou como Jesus podia conhecê-lo. Jesus lhe disse que já o tinha visto debaixo da figueira.

Que significado tem isto? No pensamento judaico uma figueira sempre representava a paz. Sua idéia de paz era quando um homem podia permanecer debaixo de sua própria figueira e sua própria vinha sem que o incomodassem (comp. 1 Reis 4:25; Miquéias 4:4). Mais ainda, a figueira era frondosa e dava muita sombra e era costume sentar-

se a meditar sob o amparo de seus ramos. Sem dúvida, isso era o que tinha estado fazendo Natanael. E sem dúvida nenhuma, enquanto estava debaixo da figueira pensava e orava pelo dia em que chegaria o escolhido de Deus. Não cabe dúvida que tinha meditado a respeito das promessas de Deus. E agora sentia que Jesus tinha lido até o mais profundo de seu coração. O que surpreendeu a Natanael não foi tanto que Jesus o tivesse visto debaixo da figueira, e sim o fato de que Jesus tivesse lido os pensamentos que estavam no mais recôndito de seu coração. De maneira que Natanael disse a si mesmo: "Aqui está o homem que entende meus sonhos! Aqui está o homem que sabe de minhas preces! Aqui está o homem que viu meus desejos mais secretos e íntimos, desejos que jamais me animei a expressar em palavras! Aqui está o homem que pode traduzir o suspiro inarticulado de minha alma! Este deve ser o Filho do Deus, o prometido ungido de Deus e nenhum outro". Natanael se rendeu para sempre ao homem que lia e compreendia e satisfazia os desejos de seu coração.

Pode ser que Jesus tenha sorrido. Citou a velha história de Jacó em Betel onde viu a escada de ouro que conduzia ao céu (Gên. 28:12-13). Era como se Jesus dissesse: "Natanael posso fazer muito mais que ler seu coração. Posso ser para você e para todos os homens, o caminho, a escada que conduz ao céu". Mediante Jesus e só por Jesus, podem as almas dos homens subir a escada que leva a céu.

Esta passagem nos expõe um problema. Quem era Natanael? No quarto Evangelho é um dos primeiros discípulos; nos outros três Evangelhos nunca aparece absolutamente; nem sequer é mencionado. Que explicação pode ser dada a isto? Sugeriu-se mais de uma.

(1) Sugeriu-se que Natanael não é um personagem real. Que é uma figura ideal e simboliza a todos os reais e autênticos israelitas que rompiam as limitações do orgulho e o preconceito nacionalista e se entregavam a Jesus Cristo. Sugere-se que Natanael não é um único indivíduo, mas representa a todos os verdadeiros israelitas em quem não havia engano e que receberam a Jesus Cristo.

(2) Sobre a mesma base, sugeriu-se que representa ou a Paulo, ou ao discípulo amado a quem se menciona ao longo de todo o quarto Evangelho. Paulo era o grande exemplo do israelita que tinha aceito a Cristo. O discípulo amado era o discípulo ideal. Mais uma vez se supõe que Natanael representa um ideal; que é um arquétipo e não uma pessoa. Se esta fosse a única vez que se menciona a Natanael, se poderia aceitar esta hipótese; mas Natanael volta a aparecer em João 21:2 e ali não é apresentado como um ideal

(3) Foi identificado com *Mateus*, porque tanto *Mateus* como *Natanael* querem dizer *o dom de Deus*. Já vimos que nesses tempos a maioria das pessoas tinha dois nomes; mas nesse caso um dos nomes era grego e o outro judeu; e neste caso tanto *Mateus* como *Natanael* são nomes judeus.

(4) Há uma explicação mais simples. *Filipe* levou Natanael a Jesus. O nome do Natanael não aparece nunca nos outros três Evangelhos; e no quarto Evangelho não se menciona nunca *a Bartolomeu*. Em primeiro lugar, na lista dos discípulos que aparece em Mateus 10:3 e em Marcos 3:18, *Filipe* e *Bartolomeu* vão juntos, e resultava natural e inevitável relacioná-los. Em segundo lugar, *Bartolomeu* é realmente um segundo nome. Significa *Filho de Ptolomeu*. *Bartolomeu* deve ter tido um primeiro nome; ao menos é possível supor que *Bartolomeu* e *Natanael* sejam a mesma pessoa com nome diferente. Tal hipótese se encaixa aos atos.

Seja qual for a verdade, não resta dúvida que Natanael representa o israelita cujo coração está limpo de orgulho e preconceito, e que viu em Jesus Aquele que satisfazia o desejo de seu coração a quem esperava e procurava.

João 2

[A nova alegria - 2:1-11](#)

[A nova alegria - 2:1-11 \(cont.\)](#)

[A nova alegria - 2:1-11 \(cont.\)](#)

[A ira de Jesus - 2:12-16](#)

[A ira de Jesus - 2:12-16 \(cont.\)](#)

[A ira de Jesus - 2:12-16 \(cont.\)](#)

[O novo templo - 2:17-22](#)

[O conhecedor dos corações dos homens - 2:23-25](#)

A NOVA ALEGRIA

João 2:1-11

A própria riqueza do quarto Evangelho apresenta um problema àqueles que querem estudá-lo e a quem o expõe. No quarto Evangelho sempre há duas coisas. Há a história superficial, simples, que qualquer pessoa pode compreender e repetir; mas também há um tesouro de significados mais profundos para aquele que tem o desejo de procurar, o olho para ver e a mente para compreender. Em uma passagem como esta há tanto, que precisamos ocupar três partes em estudá-lo. Primeiro o analisaremos com toda simplicidade, para situá-lo em seu contexto e ver como surgiu. Logo analisaremos algumas das coisas que nos diz a respeito de Jesus e sua obra. E por último nos deteremos a analisar a verdade permanente que João quer nos relatar nesta história.

Caná da Galiléia recebe esse nome para diferenciá-la de Caná de Coelo-Síria. Era uma aldeia muito próxima a Nazaré. Jerônimo, que viveu na Palestina, diz que a via desde Nazaré. Em Caná havia uma festa de bodas e a ela assistiu Maria. Toda a história nos diz que Maria ocupava um lugar especial nessa festa. Tinha algo que ver com a organização, visto que se sentiu preocupada quando acabou o vinho; e tinha suficiente autoridade para ordenar aos serventes que fizessem o que Jesus dissesse. Alguns dos Evangelhos posteriores que nunca foram introduzidos no Novo Testamento agregaram certos detalhes a este relato. Um dos Evangelhos cópticos do Egito nos diz que Maria era irmã da mãe do noivo. Há um antigo conjunto de prefácios aos livros do Novo Testamento chamado Prefácios monarquicanos, nos quais se afirma que

o noivo era o próprio João, e que sua mãe era Salomé, a irmã de Maria. Não sabemos se estes detalhes são verdadeiros ou não, mas não resta dúvida de que a história está relatada de maneira tão viva que evidentemente é a versão de uma testemunha ocular.

No relato só se menciona Maria, não se fala nada de José. A explicação mais provável é que a esta altura José já tivesse morrido. Pareceria que José morreu muito cedo, e que a razão pela qual Jesus passou dezoito longos anos em Nazaré foi que teve que tomar a incumbência da manutenção de sua mãe e sua família. Só quando seus irmãos e irmãs menores puderam ocupar-se de si mesmos e da casa, Jesus os deixou. Neste relato se menciona somente a Maria porque José tinha morrido.

O cenário do relato é uma festa de bodas em uma aldeia. Na Palestina, um casamento era uma ocasião realmente notável. A lei judaica dizia que as bodas de uma virgem deviam realizar-se em uma quarta-feira. Isto é interessante porque nos dá uma data a partir da qual podemos remontar para atrás; e se esta festa de bodas se realizou numa quarta-feira, o dia que Jesus se encontrou pela primeira vez com André e João e que estes passaram junto com ele, deve ter sido um sábado. Na Palestina os festejos de uma festa de bodas durava mais de um dia. A cerimônia de casamento tinha lugar à tarde, depois de uma festa. Depois da cerimônia o jovem casal era conduzido a seu novo lar. A essa hora já não havia luz e eram conduzidos através das ruas da aldeia à luz das tochas acesas e debaixo de um pálido. Eram levados pelo caminho mais longo possível para que a maior quantidade de gente pudesse lhes desejar boa sorte. Mas na Palestina um casal de recém casados não ia em viagem de lua-de-mel; ficavam em sua casa; e durante uma semana mantinham abertas as portas da casa. Levavam coroas sobre a cabeça e vestiam suas roupas nupciais. Eram tratados como reis; de fato eram chamados de rei e rainha e sua palavra era lei. Em uma vida assinada pela pobreza e o trabalho duro, esta semana de festejos e alegria era uma das ocasiões mais transcendentais da vida.

Jesus participou alegremente em uma dessas felizes ocasiões. Mas algo andou mal. É muito provável que a chegada de Jesus tenha causado alguns problemas. Foi convidado à festa mas não tinha ido sozinho, mas sim com cinco discípulos. Cinco pessoas a mais na festa podem ter ocasionado complicações: cinco comensais a quem não se esperam ocasionam problemas em qualquer festa, e o vinho acabou.

Em uma festa judaica o vinho era essencial. "Sem vinho", diziam os rabinos, "não há alegria". Não é que as pessoas fossem bêbadas; mas no Oriente o vinho era essencial. De fato, a embriaguez era uma grande desgraça, e bebiam uma mescla composta por duas partes de vinho para cada três partes de água. A falta de provisões teria sido um problema em qualquer momento, visto que no Oriente a hospitalidade é um dever sagrado, mas que faltassem provisões em uma festa de bodas seria uma vergonha terrível para o noivo e a noiva. Sem dúvida nenhuma teria sido uma grave humilhação.

De maneira que Maria se aproximou de Jesus para lhe dizer o que acontecia. A tradução literal da resposta de Jesus fá-la parecer muito rude. Faz-lhe dizer: "O que tenho que ver contigo, mulher?" Mas esta é a tradução das *palavras*; de maneira nenhuma transmite o *tom*. A frase, "O que tenho que ver contigo?" era uma frase muito comum. Emitida com irritação e brutalidade expressava um completo desacordo e repreensão, mas quando ela era pronunciada com amabilidade não indicava recriminação, mas sim ela não se compreendeu a intenção do aludido. Quer dizer: "Não se preocupe; não chega a compreender o que acontece; deixa-o em minhas mãos e eu me encarregarei de solucioná-lo a meu modo". Quando Jesus disse isto a Maria o que lhe estava dizendo era que deixasse as coisas em suas mãos, que ele enfrentaria a situação a seu modo.

A palavra *mulher* (*gunai*) também provoca confusões. Parece-nos muito abrupta e torpe. Mas é a mesma palavra que Jesus empregou quando se dirigiu a Maria da cruz para deixá-la a cargo de João (João 19:26). Em Homero, é o título com o qual Odisseu se dirige ao Penélope,

sua esposa amada. É o título com o qual Augusto, o imperador romano, dirige-se a Cleópatra, "a famosa rainha egípcia. De maneira que, longe de ser uma palavra descortês e grosseira, era um título de respeito. Em nosso idioma não há uma forma que expresse o mesmo significado; mas é melhor traduzi-lo por *senhora* que pelo menos lhe dá a nota de cortesia que tem em sua forma original.

Como quer que seja que Jesus tenha falado, Maria tinha confiança em seu filho. Disse aos serventes que fizessem o que este lhes dissesse. Na porta havia seis grandes talhas para água. A palavra traduzida cântaros ou *talhas* representa a medida hebraica chamada *bato* que equivale a trinta e sete litros. Eram muito grandes; podiam conter ao redor de noventa litros cada uma. João escreve o Evangelho para os gregos e por isso explica que essas talhas estavam ali para prover a água para os ritos da purificação dos judeus.

Era preciso água para dois fins. Em primeiro lugar, era necessária para lavar os pés ao entrar na casa. Os caminhos da Palestina eram de terra. As sandálias não eram mais que uma sola atada ao pé com correias. Em um dia seco os pés estavam cobertos de pó e em um dia de chuva se sujavam de barro, e se usava a água para limpá-los. Em segundo lugar, era necessária para lavar as mãos. Os judeus estritos lavavam as mãos antes das refeições e entre um prato e outro. Primeiro se levantava a mão e se jogava água em cima de maneira que corresse até o punho; logo se baixava a mão e se despejava água do punho até a ponta dos dedos. Isto era feito com cada uma das duas mãos; logo se limpava cada palma esfregando-a contra o punho da outra mão. A Lei cerimonial judaica insistia em que isto devia ser feito não só no princípio de uma refeição, mas também entre um prato e outro; e se não se fizesse, as mãos estavam tecnicamente *impuras*. Para esta lavagem de pés e mãos estavam essas grandes talhas de pedra.

Jesus ordenou que se enchessem as talhas até a boca. João menciona este fato para deixar bem claro que não ficou nada mais que água dentro das talhas. Logo disse que pegassem a água e a levassem a

architriclinos, a quem nossas versões chamam o *mestre-sala*. Em seus banquetes os romanos tinham um mestre de bebidas, chamado *arbiter bibendi*, que se tomava conta da bebida. Nas bodas judaicas às vezes um dos convidados atuava como uma espécie de mestre de cerimônias. Mas em realidade nosso equivalente do *architriclinos* é o primeiro garçom. Este era responsável por acomodar os convidados na mesa e do correto desenvolvimento da festa. Quando provou a água que se converteu em vinho se surpreendeu. Chamou o noivo — os pais do noivo eram os responsáveis pela festa — e falou em brincadeira. "A maioria das pessoas", disse, "serve o bom vinho no princípio; e depois, quando os convidados já beberam o bastante, e têm o paladar adormecido e não estão em condições de apreciar com certeza o que estão bebendo, servem o vinho inferior, mas você guardou até agora o melhor vinho".

De maneira que a primeira vez que Jesus deu mostras de sua glória foi no casamento de uma jovem de uma aldeia da Galiléia; e foi ali onde seus discípulos puderam perceber outro sinal surpreendente do que era Jesus.

A NOVA ALEGRIA

João 2:1-11 (continuação)

Este relato está cheio de coisas que lançam luz sobre a personalidade de Jesus. Devemos assinalar três coisas de índole geral a respeito deste fato maravilhoso que Jesus realizou.

(1) Devemos notar *quando* aconteceu. Teve lugar em uma festa de bodas. Jesus se sentia muito à vontade em uma festa de bodas. Não era nenhum desmancha-prazeres severo e austero. Gostava de compartilhar a feliz alegria de uma festa de bodas. Há alguns religiosos que comunicam uma espécie de tristeza a qualquer lugar aonde vão. Há alguns que pensam mal com qualquer alegria e felicidade. Para eles a religião é algo próprio da roupa negra, a voz baixa, o rechaço das amizades sociais. Onde quer que vão se abate uma sorte de escuridão. Um dos discípulos

da Alice Freeman Palmer disse a respeito de sua professora: "Ela me fazia sentir como se a luz do Sol me banhava". Jesus era assim.

Em seu livro *Lições aos meus alunos*, C. H. Spurgeon tem alguns conselhos sábios, embora irônicos. "Os tons sepulcrais podem convir a um homem para ser empresário de pompas fúnebres, mas a Lázaro Ele não tira da tumba com gemidos ocos". "Conheço irmãos que são tão *sacerdotais* dos pés a cabeça, em vestidos, dicção, maneiras, gravata e botas de cano longo que não se vê neles nenhuma pingo de humanidade... Alguns homens parecem ter uma gravata branca atada ao redor de suas almas, sua humanidade está afogada por esse trapo engomado". "Um indivíduo que carece de senso de humor melhor que se dedique a ser agente funerário, e sepultar os mortos, porque jamais conseguirá exercer alguma influência sobre os vivos". "Recomendo a todos os que queiram conquistar almas a expressar alegria; não secura e austeridade, mas sim um espírito feliz e alegre. Caçam-se mais moscas com mel que com vinagre, e levará mais almas ao céu um homem que tem o céu na cara que outro que leva o inferno no olhar". Jesus jamais teve como um delito ser feliz. Por que deve sê-lo para seus seguidores?

(2) Devemos notar *onde* sucedeu. Ocorreu em uma casa humilde em uma aldeia da Galiléia. Este milagre foi levado a cabo no ambiente de uma ocasião muito importante e diante de grandes multidões. Foi realizado em um lar. Em seu livro *A Portrait of St. Luke (Retrato de São Lucas)*, A. H. N. Green-Armytage fala de como Lucas gostava de mostrar a Jesus em ambientes de coisas e gente simples e cotidianas. Em uma frase vívida diz que o Evangelho de São Lucas "transformou Deus em algo doméstico"; trouxe Deus para o círculo caseiro e às coisas cotidianas da vida. A atitude de Jesus em Caná da Galiléia demonstra o que pensava de um lar. Como diz o texto "manifestou sua glória" (V. 11) e essa manifestação de glória teve lugar no interior de um lar.

Há um estranho paradoxo na atitude de tanta gente para com o lugar que chamam lar. Estão dispostos a reconhecer que não há um lugar mais apreciado em todo mundo; mas, ao mesmo tempo, teriam que reconhecer

que dentro dele exigem o direito de serem muito mais descorteses, muito mais egoístas, muito mais mal educados do que se animariam a ser em companhia de estranhos. Muitos de nós tratamos aqueles que mais amamos em uma forma que não nos animaríamos a tratar a nenhum conhecido. O fato trágico é que com muito freqüência os estranhos vêm nosso lado melhor enquanto que aqueles que vivem conosco vêm o pior. Deveríamos sempre lembrar que foi em um lar humilde que Jesus manifestou sua glória. Para Ele um lar era um lugar onde só correspondia expressar o melhor que tinha.

(3) Devemos notar *por que* sucedeu. Já dissemos que no Oriente a hospitalidade sempre foi um dever sagrado. Se esse dia o vinho tivesse faltado teria causado uma vergonha e uma humilhação embaraçosa nessa casa. Jesus manifestou seu poder para evitar a tristeza e a humilhação de uma humilde família galiléia. Atuou movido pela simpatia, pela bondade e pela compreensão para com as pessoas simples. Quase todos podem fazer o correto em uma ocasião transcendental; mas tinha que ser Jesus para assumir uma grande atitude em uma ocasião simples e caseira como esta. Há uma espécie de natural malícia humana que se alegra nas desgraças dos outros, e que se deleita em fazer delas motivo de fofoca. Mas Jesus, o Senhor de toda vida, o Rei da glória, fez uso de seu poder para salvar da humilhação e da vergonha a um casal de jovens aldeãos. É justamente através destes atos de compreensão, de simples bondade, que podemos demonstrar que somos seguidores do Jesus Cristo.

Mais ainda, esta história nos mostra em forma muito bonita a fé de Maria em Jesus. Nela vemos duas coisas a respeito desta fé.

(1) Maria se dirigia a Jesus instintivamente quando algo ia mal. Conhecia seu filho. Jesus foi embora de casa só aos trinta anos; e durante todos esses anos Maria tinha vivido com Ele.

Há uma velha lenda que fala da época em que Jesus era um bebê na casa de Nazaré. Conta que nesses dias, quando as pessoas se sentiam cansadas e preocupadas, incomodadas e irritadas e com calor, costumavam dizer: "Vamos falar com filho de Maria", e iam e olhavam a

Jesus, e seus problemas pareciam desaparecer. Ainda é certo que aqueles que conhecem intimamente a Jesus vão até Ele em forma instintiva quando as coisas andam mal — e Ele nunca os defrauda.

(2) Mesmo que Maria não compreendia o que Jesus ia fazer, mesmo que parecia que Ele havia negado seu pedido, Maria continuou crendo tanto nele que se dirigiu aos serventes e lhes disse que fizessem o que Jesus lhes ordenasse. Maria possuía essa fé que podia confiar até sem entender. Não sabia o que Jesus faria, mas estava completamente segura de que faria o correto. Na vida surgem períodos de escuridão nos quais não vemos o caminho. Na vida aparecem coisas que não compreendemos por que vêm ou o que significam. Feliz o homem que, ao chegar esse momento, continua confiando mesmo que não possa compreender.

Mais ainda, este relato nos diz algo a respeito de Jesus. Em resposta a Maria, disse: “Ainda não é chegada a minha hora.” Ao longo de todo o relato evangélico Jesus fala de sua *hora*. Em João 7:6-8 é a hora de seu surgimento como o Messias. Em João 12:23 e 17:1, e em Mateus 26:18, 45, e em Marcos 14:41 é a hora de sua crucificação e morte.

Ao longo de toda a sua vida Jesus soube que tinha vindo a este mundo com um propósito definido e para cumprir com uma tarefa determinada. Via sua vida, não em termos de seus desejos, e sim em termos do propósito que Deus lhe tinha reservado. Via sua vida, não contra o pano de fundo cambiante do tempo, e sim contra o pano de fundo fixo da eternidade. Ao longo de toda sua vida se dirigiu com firmeza e segurança para essa hora para a qual sabia que tinha vindo ao mundo.

Não é só Jesus quem veio a este mundo para cumprir o propósito do Deus. Como disse alguém: "Todo homem é um sonho e uma idéia de Deus". E nós também devemos pensar, não em nossos próprios desejos e desejos, a não ser no fim para o qual Deus nos trouxe para seu mundo.

A NOVA ALEGRIA**João 2:1-11 (continuação)**

E agora devemos considerar a verdade profunda e permanente que João está tentando nos ensinar ao relatar esta história.

Devemos lembrar que João escreve a partir de um duplo pano de fundo. Era judeu e escrevia para judeus; mas seu grande objetivo era escrever a história de Jesus de maneira tal que também os gregos a compreendessem.

Observemo-la em primeiro lugar do ponto de vista *judaico*. Sempre devemos lembrar que por sob os relatos singelos de João há um significado mais profundo que só está aberto àqueles que têm olhos para vê-lo. João, em todo seu evangelho, não escreveu um só detalhe sem sentido e desnecessário. Cada coisa significa algo e aponta além de si mesmo. Havia seis talhas de pedra; e diante da ordem de Jesus a água que continham se transformou em vinho. Agora, segundo os judeus, *sete* é o número absoluto, completo e perfeito; e *seis* é o número incompleto, inacabado e imperfeito. As seis talhas de pedra representam todas as imperfeições da Lei judaica.

Jesus precisou eliminar as imperfeições da Lei, e substituí-las pelo vinho novo do evangelho de sua graça. Com sua vinda, Jesus transformou a imperfeição da Lei na perfeição da graça. Há algo mais no relato que se liga a isto e do qual devemos tomar nota. Lembremos que em uma história relatada por João cada detalhe está cheio de sentido. Havia seis talhas; em cada uma delas cabiam dois ou três cântaros de água. Jesus transformou a água em vinho. Isso significa que se obtiveram entre doze e dezoito cântaros de vinho. O simples fato de apontar esta circunstância demonstra que João não pretendia que se tomasse seu relato ao pé da letra. O que quis dizer é que quando a graça de Jesus vem aos homens há suficiente e de sobra para todos. Em nenhuma festa de bodas na Terra se poderia beber entre doze e dezoito cântaros de vinho. Nenhuma necessidade da Terra pode esgotar toda a graça de Cristo. Há

uma superabundância gloriosa na graça de Cristo. João nos está dizendo que, em Jesus, as imperfeições se transformaram em perfeição, e que a graça se converteu em algo ilimitado, suficiente e mais que suficiente para todas as necessidades.

Observemo-lo agora do ponto de vista grego. Acontece que os gregos tinham histórias como esta em sua tradição. Dionísio era o rei grego do vinho. Pausanias era um grego que escreveu uma descrição de seu país e de suas cerimônias antigas. Em sua descrição da Elis, descreve desta maneira uma antiga cerimônia e crença:

"Próximo ao mercado há um antigo teatro e santuário de Dionísio; a imagem foi feita por Praxiteles. Os helenos não reverenciam a nenhum deus tanto como a Dionísio, e dizem que está presente em seu festival do Thia. O lugar onde celebram a festa chamada do Thia está como a um quilômetro e meio da cidade. Os sacerdotes levam três caldeirões vazios dentro do edifício e os depositam em presença dos cidadãos e de qualquer estrangeiro que esteja vivendo no lugar. Os sacerdotes, e qualquer outro que queira fazê-lo, põem seus selos sobre as portas do edifício. No dia seguinte podem examinar os selos, e ao entrar no edifício encontram os caldeirões cheios de vinho. Eu não estive presente na época das festas, mas os homens mais respeitáveis da Elis, e também os estrangeiros, juraram que os fatos são tal como os narrei".

De maneira que os gregos também tinham histórias deste tipo; e é como se João lhes tivesse dito: "Vocês têm suas histórias e lendas sobre seus deuses. Não são mais que histórias, e vocês sabem que não são verdadeiras. Mas Jesus veio a fazer o que vocês sempre sonharam que seus deuses pudessem fazer. Veio a fazer aquilo que vocês sempre desejaram que fosse verdade."

De maneira que, para os judeus, João dizia: "Jesus veio para transformar a imperfeição da Lei na perfeição da graça". E aos gregos, dizia: "Jesus veio para fazer de verdade o que vocês só sonhavam que os deuses podiam fazer".

Agora podemos ver o que João nos ensina. Cada história que nos conta nos diz, não o que Jesus fez uma vez e não voltou a repetir nunca mais, e sim algo que faz eternamente. João nos relata, não as coisas que

Jesus fez uma vez na Palestina, e sim as coisas que continua fazendo ainda hoje. E o que João quer que vejamos aqui não é que um dia Jesus converteu algumas talhas de água em vinho; quer que vejamos que quando Jesus entra na vida, traz consigo uma nova qualidade que é como se transformasse a água em vinho. Sem Jesus, a vida é monótona, amarga e chata; quando Jesus entra na vida, esta se transforma em algo ágil, dinâmico, emocionante. Sem Jesus a vida resulta pesada e carente de interesse; com Jesus a vida é algo emocionante, maravilhoso e cheio de alegria.

Quando Sir Wilfred Grenfell estava pedindo voluntários para seu trabalho no Lavrador, disse que não podia lhes prometer muito dinheiro, mas podia lhes prometer que se fossem fazer esse trabalho viveriam os melhores anos de sua vida. Isso é o que nos promete Jesus. Lembremos que João escrevia setenta anos depois da crucificação de Jesus. Durante setenta anos tinha valorado, meditado e recordado, até que percebeu significados e matizes que não tinha visto em seu momento. Enquanto João contava esta história recordava o que tinha sido a vida com Jesus; e dizia: "A qualquer lugar que Jesus fosse, quando entrava na vida de alguém, e quando entra agora é como transformar a água em vinho".

Este relato é João que nos diz: "Se quiserem a nova alegria, tornai-vos seguidores de Jesus Cristo, e se produzirá uma mudança em sua vida que será como transformar a água em vinho".

A IRA DE JESUS

João 2:12-16

Depois das bodas em Caná da Galiléia, Jesus e seus amigos se dirigiram a Cafarnaum para uma visita breve. É estranho que até hoje não se conheça com certeza o lugar exato em que estava situada Cafarnaum. Em geral é identificada com Tel Hum ou Khan Minyeh, que estão sobre na costa norte do mar da Galiléia. Caná está a uns trinta quilômetros destes lugares, e Jesus e seus seguidores desceram, porque

Caná está na parte alta da Galiléia e Cafarnaum está sobre a costa do lago.

Pouco tempo depois Jesus foi observar a festa da Páscoa em Jerusalém. A festa da Páscoa caía em 15 de Nisã, por volta de meados de abril; e, segundo a lei, todo homem judeu que vivesse dentro de um raio de trinta quilômetros de Jerusalém tinha a obrigação de assistir à festa.

Aqui temos algo muito interessante. Vemos que, à primeira vista, João apresenta uma cronologia da vida de Jesus muito diferente da que mostram os outros três evangelhos. Nos outros evangelhos Jesus vai a Jerusalém uma única vez. A festa da Páscoa quando foi crucificado é a única Páscoa que mencionam, e é a única visita a Jerusalém a qual fazem referência com exceção da visita ao templo quando Jesus era menino. Mas no Evangelho de João nos deparamos com o fato de que Jesus faz freqüentes visitas a Jerusalém. João nos fala de não menos de três Páscoas – esta, a de João 6:4 e a de João 11:55. Além disso, segundo o relato de João, Jesus esteve em Jerusalém para uma festa cujo nome não nos proporciona, que aparece em 5:1; para a festa dos Tabernáculos em 7:2, 10; e para a festa da Dedicção em 10:22. De fato, segundo a história de João, Jesus vem a Jerusalém em 10:22 e não volta a ir. Agora, a festa da dedicação tem lugar no inverno (João 10:22); exatamente no mês de dezembro, e a festa da Páscoa se celebra em meados de abril, e desse modo a história do João parece mostrar que a última visita de Jesus a Jerusalém não durou uns poucos dias e sim alguns meses.

De fato, nos outros três Evangelhos a parte principal do ministério de Jesus se desenvolve na Galiléia; no Evangelho de João, Jesus está na Galiléia só durante breves períodos (2:1-12; 4:43-5:1; 6:1-7:14), e a parte principal de seu ministério se desenvolve em Jerusalém. O certo é que não há nenhuma contradição nisso. João e os outros três evangelistas estão relatando a história de pontos de vista diferentes. Não se contradizem entre si, mas sim se complementam. Mateus, Marcos e Lucas se concentram no ministério na Galiléia; João se concentra no ministério em Jerusalém.

Embora os outros três autores só nos falam de uma visita a Jerusalém e de uma Páscoa nessa cidade, sugerem que deve ter havido muitas outras visitas. Mostram a Jesus, em sua última visita, fazendo uma lamentação sobre Jerusalém: “Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! Quantas vezes quis eu reunir os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e vós não o quisestes!” (Mateus 23:37). Jesus nunca poderia ter falado assim a menos que tivesse feito reiterados chamados a Jerusalém; não poderia ter falado assim se a visita na qual foi crucificado tivesse sido a primeira que fazia à cidade. Se formos inteligentes, não falaremos das contradições entre o quarto Evangelho e os outros três; não os confrontaremos, mas sim empregaremos as duas versões para obter a imagem mais completa possível da vida de Jesus.

Mas há uma dificuldade real que devemos analisar. Esta passagem nos relata o incidente conhecido como a purificação do templo. Aqui João o situa no *começo* do ministério de Jesus, enquanto que os outros três evangelistas o situam no *final* (Mat. 21:12-13; Mar. 11:15-17; Lucas 19:45-46). Isto necessita uma explicação. Várias foram dadas.

(1) Sugeriu-se que Jesus purificou o templo duas vezes, no princípio e no fim de seu ministério. Isto não é muito provável, porque se Jesus levou a cabo esta ação surpreendente uma vez, é muito improvável que tenha tido ocasião de repeti-la. Seu reaparecimento no templo teria dado lugar a que se tomassem as precauções necessárias para fazer impossível sua repetição.

(2) Sugere-se que João está certo ao situar o evento no começo do ministério de Jesus, e que os outros três evangelistas estão equivocados. Mas o incidente fica muito mais adequado no fim do ministério que no começo. É a sucessão natural da desafiante coragem demonstrada na entrada triunfal e o prelúdio inevitável da crucificação. Se tivermos que escolher entre a localização de João e a dos outros três evangelistas, devemos escolher a data que escolhem os outros três.

(3) Sugere-se que ao João morrer não deixou completo seu Evangelho, que deixou os diferentes eventos escritos em folhas soltas de papiro que não estavam pegadas ou encadernadas em ordem. Dessa maneira, afirma-se, a folha que continha este incidente teria sido posta sobre as outras, e logo foi localizada perto do começo do manuscrito, em lugar de se localizá-la perto do final. Isto é bem possível, mas implica supor que a pessoa que ordenou o Evangelho não conhecia a ordem correta, o que fica difícil de crer visto que devia conhecer menos ainda um dos outros Evangelhos.

(4) Sempre devemos lembrar uma coisa: que, como alguém disse, João se interessa mais com a verdade que com os fatos. Não se interessa em escrever uma biografia cronológica de Jesus. Seu maior interesse é mostrar a Jesus como o Filho de Deus e como o Messias. É muito provável que estivesse lembrando as grandes profecias e predições sobre a chegada do Messias. “De repente, virá ao seu templo o Senhor, a quem vós buscais, o Anjo da Aliança, a quem vós desejais; eis que ele vem, diz o SENHOR dos Exércitos. Mas quem poderá suportar o dia da sua vinda? E quem poderá subsistir quando ele aparecer? Porque ele é como o fogo do ourives e como a potassa dos lavandeiros. ... purificará os filhos de Levi ... eles trarão ao SENHOR justas ofertas. Então, a oferta de Judá e de Jerusalém será agradável ao SENHOR, como nos dias antigos e como nos primeiros anos” (Malaquias 3:1-4). João tinha estas tremendas profecias dando voltas em sua cabeça. Não se interessava em dizer aos homens *quando* Jesus tinha purificado o templo; seu maior interesse radicava em dizer-lhes que *tinha* purificado o templo, porque tal purificação era o ato do Messias prometido por Deus. É muito possível que João tenha posto este sucesso transcendental no começo de seu relato sobre a vida de Jesus, para deixar claro o fato supremo de que Jesus era o Messias de Deus que tinha vindo a purificar a adoração dos homens e para abrir a porta para Deus. Não é com a data que João se preocupa; a data não interessa; sua preocupação fundamental é mostrar aos homens que os atos de Jesus demonstram que ele é o prometido por

Deus. Do próprio começo João mostra a Jesus agindo como deve agir o Messias de Deus.

A IRA DE JESUS

João 2:12-16 (continuação)

Vejamos agora por que agiu nessa forma. A ira de Jesus é algo aterrador; a imagem de Cristo com o açoite é algo que inspira terror. Devemos ver o que foi o que impulsionou a Jesus a encolerizar-se assim nos pátios do templo.

A Páscoa era a mais importante de todas as festas judias. Já vimos que a Lei estabelecia que todo judeu adulto que vivesse dentro de um raio de trinta e dois quilômetros da cidade de Jerusalém tinha obrigação de assistir à celebração. Mas não eram só os judeus da Palestina que assistiam à festa da Páscoa. Nesta época, os judeus estavam disseminados por todo mundo, mas jamais esqueciam sua fé ancestral e a terra de seus antepassados, e todo judeu, seja onde for que vivesse sonhava e se propunha a passar ao menos uma Páscoa em Jerusalém. Por mais surpreendente que pareça, é muito provável que até dois 2.500.000 judeus se reunissem às vezes na Cidade Santa para celebrar a Páscoa.

Agora, todo judeu de mais de dezenove anos de idade devia pagar um imposto. Era o imposto do templo. Era necessário que todos pagassem esse imposto para que se oferecessem diariamente os sacrifícios e rituais do templo. O imposto era do meio siclo. Quando pensamos em somas de dinheiro devemos lembrar que a diária de um operário naquela época era de duas dracmas (4 gramas de prata). Meio siclo equivalia a quatro dracmas (cerca de 7,2 gramas de prata). Portanto representava quase o pagamento de dois dias. Para todos os fins correntes todas as moedas eram válidas na Palestina. Moedas de prata de Roma, Grécia, Egito, Tiro, Sidom e da própria a Palestina circulavam na cidade e todas eram válidas. Mas este imposto do templo tinham que pagá-lo ou em siclos da Galiléia ou em siclos do santuário. Tratava-se

de moedas judias e as podia usar como oferenda para o templo; as outras moedas eram estrangeiras, portanto eram impuras e sujas; era possível usá-las para pagar dívidas comuns, mas não para pagar uma dívida a Deus.

Agora, os peregrinos chegavam de todas partes do mundo com todo tipo de moedas. De maneira que nos pátios do templo se instalavam *cambistas*. Se seu trabalho tivesse sido honesto e correto, teriam estado cumprindo com um propósito honesto e necessário. Mas o que de fato faziam era isto: cobravam um *ma'ah*, uma moeda que valia ao redor de 0,57 gramas de prata, por cada meio siclo que trocavam, e cobravam outro *ma'ah* por cada meio siclo de mudança que tinham que entregar se lhes dava uma moeda de mais valor. De maneira que se alguém vinha com uma moeda que valia dois siclos, tinha que pagar 0,57 gramas de prata para que a trocassem, e outro tanto para obter sua mudança de três meios siclos. Dito de outra maneira, os cambistas tiravam o equivalente de dois dracmas, ou seja o pagamento de um dia de trabalho.

A fortuna que se obtinha com o imposto do templo e com este método de mudança era algo fantástico. Calculou-se que o templo obtinha 161.300 dólares por ano em conceito de impostos, e que quem trocava as moedas obtinham um benefício anual de 20.200 dólares. Quando Crasso tomou Jerusalém e saqueou o tesouro do templo no ano 54 a.C., tirou o equivalente de 3.400.000 dólares sem estar perto de esgotá-lo. O fato de que os cambistas fizessem algum desconto quando trocavam as moedas dos peregrinos não era mau em si. O *Talmud* dizia: "É mister que todos tenham meio siclo para pagar sua parte. De maneira que quando vêm à mesa de mudanças para trocar um siclo por dois meios siclos têm a obrigação de permitir alguma ganho a quem o troca".

A palavra que designa este desconto era *kollubos*. E os cambistas eram chamados *kollubistai*. Esta palavra *kollubos* deu origem no nome do personagem de comédia Kollybos em grego e Collybus em latim, que significava algo muito parecido ao Shylock em inglês. O que indignou a Jesus foi que os cambistas roubavam somas exorbitantes dos peregrinos

que assistiam à Páscoa, e apenas se podiam permitir o luxo. Era uma injustiça social flagrante e vergonhosa, e o que era pior, era praticada em nome da religião.

Além dos cambistas havia os que vendiam bois, ovelhas e pombas. Com muita freqüência, uma visita ao templo representava um sacrifício. Mais de um peregrino desejava apresentar uma oferta de ação de graças por uma viagem propícia à Cidade Santa; e a maioria dos atos e eventos da vida contavam com seu sacrifício adequado. Portanto poderia parecer natural e vantajoso comprar as vítimas para o sacrifício nos pátios do templo. Poderia ter sido assim. Mas a Lei dizia que todo animal que se oferecesse em sacrifício devia ser perfeito, sem mancha nem defeito. As autoridades do templo tinham designado inspetores (*mumcheh*) para examinarem as vítimas que iam ser oferecidas. Era preciso pagar um *ma'ah* pela inspeção. Se um fiel comprava uma vítima fora do templo, não cabia nenhuma dúvida de que a examinaria e seria rechaçada. Isso tampouco teria sido grave, mas o certo é que um casal de pombas podia custar menos de um dracma fora do templo e até trinta vezes mais dentro do templo. Aqui também se tratava de uma extorsão deslavada à custa dos pobres e modestos peregrinos, os quais eram virtualmente chantageados para que comprassem suas vítimas nos negócios do templo se queriam oferecer seu sacrifício. Mais uma vez era uma flagrante injustiça social agravada pelo fato de que era perpetrada em nome da pureza religiosa.

Isso foi o que inflamou a ira de Jesus. Diz-nos que tomou cordas e fez um chicote. Jerônimo pensa que o só ver Jesus fez desnecessário o açoite. "Como uma luz ardente e cintilante brilhou em seus olhos, e a majestade da divindade iluminou seu rosto". Jesus amava a Deus, e justamente porque amava a Deus, amava a seus filhos, e lhe resultava impossível manter uma atitude passiva quando os pobres peregrinos de Jerusalém eram tratados dessa maneira.

A IRA DE JESUS**João 2:12-16 (continuação)**

Vimos que o que motivou diretamente a indignação de Jesus foi a exploração dos peregrinos por parte de homens sem consciência; mas havia coisas muito profundas por trás desta purificação do templo. Vejamos se podemos penetrar nas razões ainda mais profundas pelas quais Jesus tomou esta drástica medida.

Nenhum evangelista dá a mesma versão das palavras de Jesus. Cada um recordou sua própria versão do que havia dito o Senhor. Só se reunirmos todas as versões obteremos uma imagem real do que disse Jesus. Vejamos pois, a forma em que os distintos evangelistas expõem as palavras de Jesus. Mateus apresenta deste modo: “A minha casa será chamada casa de oração; vós, porém, a transformais em covil de salteadores” (Mateus 21:13). Marcos diz: “Não está escrito: A minha casa será chamada casa de oração para todas as nações? Vós, porém, a tendes transformado em covil de salteadores” (Marcos 11:17). Lucas diz: “Está escrito: A minha casa será casa de oração. Mas vós a transformastes em covil de salteadores” (Lucas 19:46). João diz: “Tirai daqui estas coisas; não façais da casa de meu Pai casa de negócio”. (João 2:16).

Havia ao menos três razões para que Jesus agisse como agiu, e para que seu coração estivesse cheio de ira.

(1) Agiu dessa maneira porque estavam tirando o caráter sagrado da casa de Deus. No templo se praticava a adoração sem respeito. O respeito ou a reverência é algo instintivo.

Edward Seago, o artista, relata como levou a dois meninos ciganos a visitar uma catedral na Inglaterra. Eram meninos muito selvagens em circunstâncias normais. Mas nos diz que do momento que entraram na catedral se mantiveram estranhamente calados e quietos; na viagem de volta estiveram muito solenes, coisa que não era comum neles; e só ao

anoitecer voltaram para sua conduta normal. Seus corações sem instrução albergavam uma reverência instintiva.

A adoração sem reverência pode ser algo terrível. Pode ser uma adoração que se formaliza e é levado a cabo de qualquer maneira; e as preces mais dignas da Terra se podem ler como um parágrafo do catálogo de um leilão. Pode ser uma adoração que não se dá conta do caráter sagrado de Deus e que sonha como se, conforme a frase de H. H. Farmer, o adorador fora "um amigo de Deus". Pode ser uma adoração em que o dirigente ou a congregação carecem da preparação necessária. Pode fazer uso da casa de Deus para propósitos e em forma tal que se esqueça por completo a reverência e a verdadeira função da casa de Deus. Nesse pátio do templo de Jerusalém haveria discussões a respeito dos preços, briga por moedas que estavam gastas, o bulício do mercado no pátio da casa de Deus. Essa forma de irreverência em particular pode que não seja muito comum em nossos dias, mas há outras maneiras de oferecer a Deus um culto irreverente.

(2) Pode ser que Jesus tenha agido assim para demonstrar que todo o aparelho de sacrifício de animais carecia completamente de pertinência. Os profetas tinham estado dizendo-o durante séculos. “De que me serve a mim a multidão de vossos sacrifícios? —diz o SENHOR. Estou farto dos holocaustos de carneiros e da gordura de animais cevados e não me agrado do sangue de novilhos, nem de cordeiros, nem de bodes. ... Não continueis a trazer ofertas vãs”. (Isaías 1:11-17). “Porque nada falei a vossos pais, no dia em que os tirei da terra do Egito, nem lhes ordenei coisa alguma acerca de holocaustos ou sacrifícios” (Jeremias 7:22). “Estes irão com os seus rebanhos e o seu gado à procura do SENHOR, porém não o acharão” (Oséias 5:6). “Amam o sacrifício; por isso, sacrificam, pois gostam de carne e a comem, mas o SENHOR não os aceita” (Oséias 8:13). “Pois não te comprazes em sacrifícios; do contrário, eu tos daria; e não te agradas de holocaustos” (Salmos 51:16).

Este coro permanente de vozes proféticas falava com os homens a respeito da absoluta inutilidade dos holocaustos e as ofertas de animais

que fumegavam em forma contínua no altar de Jerusalém. Pode ser que Jesus tenha agido como o fez para demonstrar que nenhum sacrifício de animal pode justificar o homem perante Deus. Em nossos dias não estamos completamente livres desta tendência. É certo que não oferecemos a Deus sacrifícios de animais. Mas pode ocorrer que identifiquemos o serviço de Deus com a colocação de vitrais, com a obtenção de um órgão mais sonoro, o esbanjamento de dinheiro em pedra, cal e madeira esculpida, enquanto que a adoração autêntica está muito longe de tudo isto. Não é que se tenha que condenar estas coisas. Longe disso. Com muita freqüência, graças a Deus, são a oferta amorosa do coração que ama. Quando são ajudas da devoção verdadeira são atos abençoados por Deus; mas quando são substitutos da devoção verdadeira indignam a Deus.

(3) Mas há outra razão pela qual Jesus pode ter agido como o fez. Marcos acrescenta algo muito curioso que nenhum outro evangelho inclui: “Não está escrito: A minha casa será chamada casa de oração para *todas as nações?*” (Marcos 11:17).

O templo estava formado por uma série de pátios que conduziam ao templo propriamente dito e ao Lugar Santo. Primeiro, vinha o Pátio dos Gentios; logo o Pátio das Mulheres; depois o Pátio dos israelitas e em seguida o Pátio dos sacerdotes. Agora, toda esta compra e venda se desenvolvia no Pátio dos Gentios. O Pátio dos Gentios era o único lugar ao que podia ter acesso um gentio. Um gentio podia entrar nele mas além desse pátio o acesso lhe estava proibido.

De maneira que se Deus tinha chamado o coração de um gentio, este podia aproximar-se do Pátio dos Gentios para pensar, meditar, orar e ter um contato com Deus à distância. Para ele o Pátio dos Gentios era o único lugar de oração que conhecia. E aquelas autoridades do templo e mercados judeus estavam transformando esse Pátio dos Gentios em um tumulto e uma barafunda onde ninguém podia orar. O mugido dos bois, o balir das ovelhas, o arrulho das pombas, os gritos dos vendedores ambulantes, o tilintar das moedas, as vozes que cresciam na pechincha;

todas estas coisas se combinavam para converter o Pátio dos Gentios em um lugar onde ninguém podia adorar a Deus. A conduta no pátio do templo afastava o gentio desse vislumbre da presença de Deus.

Pode ser que fosse isso o que Jesus tinha mais presente; talvez Marcos tenha sido o único que conservou essa pequena frase tão carregada de sentido. O mais profundo do coração de Jesus se sentiu comovido porque os homens ansiosos de achar a Deus eram separados de sua presença.

Há algo em nossa vida eclesial — orgulho, exclusivismo, frieza, falta de boas-vindas, tendência a tornar a congregação em um clube fechado, arrogância, certa intolerância — que fecha as portas ao estrangeiro que procura a Deus? Lembremos da ira de Jesus contra aqueles que tornavam difícil e até impossível o encontro com Deus ao estrangeiro que o buscava.

O NOVO TEMPLO

João 2:17-22

Era indubitável que um ato como a purificação do templo provocaria uma reação imediata em quem o observava. Não era o tipo de coisas que podia contemplar-se com absoluta indiferença. Era muito surpreendente.

Aqui nos encontramos com duas reações. Em primeiro lugar, temos a reação dos discípulos. Sua reação consistiu em recordar as palavras do Salmo 69:9. Agora, o fato é que se considerava que esse salmo fazia referência ao Messias. Quando o Messias chegasse seria consumido com zelo pela casa de Deus. De maneira que dizer que esse versículo do salmo acudiu a suas mentes não é mais que outra forma de dizer que a convicção de que Jesus era o Messias se apoderou deles com maior profundidade e firmeza. Essa ação só era própria do Messias, e os discípulos se sentiram mais seguros que nunca de que Jesus era em realidade o Ungido de Deus.

Em segundo lugar, encontramos-nos com a reação dos judeus. Sua reação foi muito natural. Perguntavam que direito tinha Jesus para agir desse modo e exigiam que desse prova de sua autoridade imediatamente por meio de algum sinal. Suas razões eram as seguintes. Reconheciam a atitude de Jesus como a de alguém que, mediante esse ato, afirmava ser o Messias. Agora, sempre se tinha esperado que quando viesse o Messias confirmaria e garantiria seus direitos fazendo coisas surpreendentes e extraordinárias. De fato, tinham surgido falsos Messias que tinham prometido separar em duas as águas do Jordão ou derrubar os muros da cidade pronunciando uma palavra. A idéia popular do Messias estava relacionada com maravilhas. De maneira que os judeus disseram: "Através deste ato você afirmou publicamente que é o Messias. Agora nos mostre alguma maravilha que dê provas de sua afirmação".

O grande problema desta passagem é a resposta de Jesus. O que Jesus disse realmente? E o que quis dizer em realidade? Sempre se deve lembrar que os últimos versículos desta passagem, 21 e 22, são a interpretação de João, escrita muito tempo depois. Era inevitável que introduzira na passagem idéias que eram o produto de setenta anos de pensar e experimentar a vivência do Cristo ressuscitado. Como disse Irineu há muito tempo: "Nenhuma profecia se entende de modo completo até que se cumpra".

Mas o que foi que Jesus disse originalmente, e o que quis dizer? Não resta dúvida alguma de que Jesus pronunciou palavras muito parecidas com estas, palavras que se podiam tergiversar maliciosamente para convertê-las em uma pretensão destrutiva. Quando se julgou a Jesus, o falso testemunho que se apresentou contra Ele foi: "Este disse: Posso destruir o santuário de Deus e reedificá-lo em três dias" (Mateus 26:61). A acusação contra Estêvão foi: "Porque o temos ouvido dizer que esse Jesus, o Nazareno, destruirá este lugar e mudará os costumes que Moisés nos deu" (Atos 6:14).

Devemos recordar duas coisas e relacioná-las. Em primeiro lugar, Jesus nunca disse que destruiria o templo físico, material, e que logo o

reconstruiria. De fato, Jesus esperava o fim do templo. Disse à mulher de Samaria que se aproximava o dia em que os homens adorariam a Deus, não no Monte Gerizim, nem em Jerusalém, mas em espírito e na verdade (João 4:21). A segunda coisa que devemos recordar é que, tal como vimos, a purificação do templo pode ter sido a forma dramática que Jesus escolheu para demonstrar que toda a adoração do templo com seus rituais e sacrifícios carecia de pertinência e não podia fazer nada para conduzir os homens para Deus. É evidente que Jesus esperava que o templo acabasse desse modo; que de fato tinha vindo para converter sua adoração em algo desnecessário e obsoleto; e que portanto não ia sugerir que o reconstruíssem.

Agora devemos analisar a versão de Marcos do testemunho apresentado contra Jesus. Como acontece muitas vezes, no Evangelho de Marcos encontraremos a pequena frase extra, sugestiva e iluminadora. Tal qual Marcos relata, a acusação contra Jesus dizia assim: “Eu destruirei este santuário edificado por mãos humanas e, em três dias, construirei outro, *não por mãos humanas*” (Marcos 14:58).

Agora é evidente que o que Jesus quis dizer em realidade foi que com sua vinda tinha posto fim a toda essa forma de adorar a Deus feita e arrumada pelos homens, e tinha posto em seu lugar a adoração espiritual; que tinha posto fim a todo o relacionado com sacrifícios de animais e rituais dos sacerdotes, e que em seu lugar tinha posto uma aproximação direta de nosso espírito ao Espírito de Deus que não necessitava de nenhum templo feito pelos homens nem nenhum ritual de incenso e sacrifícios oferecidos por mãos de homens. A ameaça de Jesus era: "Sua adoração no templo, seu complicado ritual, seus pródigos sacrifícios de animais chegaram a seu fim, porque eu vim". A promessa de Jesus era: "Darei-lhes uma forma de chegar a Deus sem toda esta complicação humana e sem este ritual feito pelos homens. Vim a destruir este templo de Jerusalém e a fazer da redondeza do mundo o templo onde os homens podem aproximar-se e conhecer a presença do Deus vivo".

E os judeus viram tudo isso. Herodes tinha começado a construir esse templo fantástico, no ano 19 A. C.; a construção ficou terminada só no ano 64 d. C. Fazia quarenta e seis anos que o tinham começado; deviam passar outros vinte anos antes que ficasse terminado. E Jesus comoveu os judeus dizendo que toda sua magnificência e todo seu esplendor e todo o dinheiro e o artesanato que se tinha posto sobre esse templo era algo completamente inútil; que ele tinha vindo para mostrar aos homens um caminho para chegar a Deus sem necessidade de nenhum templo.

Isso deve ter sido o que Jesus realmente disse nessa ocasião; mas com o correr dos anos João viu muito mais que isso nas palavras de Jesus. Viu nelas nada menos que uma profecia da Ressurreição; *e João não estava errado*. E não estava errado por esta razão fundamental: que toda a terra jamais podia converter-se no templo do Deus vivo até que Jesus não se livrasse do corpo e estivesse presente em todas as partes; e até que não fosse verdade que estava com os homens em todas as partes até a consumação dos séculos. É a presença do Cristo vivo e ressuscitado o que transforma o mundo inteiro no templo de Deus. Por isso João diz que quando lembraram estas palavras viram nelas uma promessa da ressurreição. Não o viram nesse momento; não podiam vê-lo; foi sua própria experiência do Cristo vivo o que um dia lhes mostrou a verdadeira profundidade do que Jesus havia dito.

Por último, João diz que “creram na Escritura”. A que Escritura se refere? Trata-se da Escritura que esteve sempre presente na Igreja primitiva: "Nem permitirás que teu santo veja corrupção". Trata-se de uma citação do salmo 16:10. Pedro o citou no Pentecostes (Atos 2:31); Paulo o citou em Antioquia (Atos 13:35). João o cita aqui. Expressava a confiança da Igreja no poder de Deus e na Ressurreição de Jesus Cristo.

Aqui temos uma grande verdade. A verdade de que nosso contato com Deus, nossa entrada à presença de Deus, nossa aproximação a Deus não depende de nada que possam fazer as mãos do homem ou que possa imaginar sua mente. Temos nosso templo interior, a presença do Cristo

ressuscitado para sempre conosco por todo mundo, na rua, no lar, no escritório, nas serras, na estrada, na Igreja.

O CONHECEDOR DOS CORAÇÕES DOS HOMENS

João 2:23-25

João não relata nenhuma maravilha que Jesus tenha feito em Jerusalém durante a época da Páscoa; mas Jesus fez milagres, e houve muitos que, ao ver seus poderes, creram nele. A pergunta que João responde aqui é — se houve muitos que creram em Jesus em Jerusalém, no próprio começo de seu ministério, por que não levantou aí mesmo seu estandarte e proclamou publicamente que era o Messias e se declarou a si mesmo diante de todos? A resposta é que Jesus conhecia muito bem a natureza humana. Sabia muito bem que para muitos Ele não era mais que uma maravilha durante nove dias. Sabia bem que muitos só se sentiam atraídos pelo sensacionalismo das coisas que fazia. Sabia que não havia nenhum que compreendesse o caminho que Ele tinha escolhido. Sabia com muita certeza que havia muitos que o teriam seguido enquanto continuasse produzindo milagres, maravilhas e sinais, mas que se tivesse começado a lhes falar sobre o sacrifício e a negação de si mesmos, se tivesse falado de entrega à vontade de Deus, se tivesse começado a falar sobre uma cruz e a respeito de carregar uma cruz, ficariam olhando-o com os olhos em branco com absoluta incompreensão e o teriam abandonado imediatamente.

A característica sobressalente de Jesus é que não queria seguidores que não soubessem com toda clareza e aceitassem sem hesitações tudo o que implicava o segui-lo. Negava-se a aproveitar um momento de popularidade. Se tivesse crido na multidão de Jerusalém, eles o teriam declarado Messias aí mesmo, e logo teriam esperado que levasse a cabo o tipo de ação material que esperavam do Messias. Mas Jesus era um líder que se negava a pedir aos homens que o aceitassem enquanto não

soubessem o que significava essa aceitação. Insistia em que todo homem devia saber o que fazia.

Jesus conhecia a natureza humana. Conhecia a fragilidade, a instabilidade do coração do homem. Sabia que um homem pode deixar-se levar por um momento de emoção e depois retroceder ao descobrir o que significa em realidade a decisão. Sabia que a natureza humana está faminta de sensações. Não queria uma multidão de homens que aclamavam algo que não sabiam o que era, mas um grupo reduzido que sabia o que estava fazendo e que estavam dispostos a seguir até o fim.

Há algo que devemos notar nesta passagem porque teremos ocasião de assinalá-lo uma e outra vez. Quando João fala dos milagres de Jesus ele os chama de *sinais*. O Novo Testamento emprega três palavras diferentes para referir-se às obras maravilhosas de Deus e de Jesus, e cada uma delas nos diz algo a respeito do que é um milagre em realidade.

(1) Usa a palavra *teras*. *Teras* significa simplesmente uma coisa maravilhosa, surpreendente, esmagadora. É uma palavra que carece de todo significado moral. Uma prova de magia pode ser um *teras*. Um *teras* era simplesmente um sucesso surpreendente que deixava as pessoas com a boca aberta. O Novo Testamento nunca usa esta palavra só para referir-se às obras de Deus ou de Jesus.

(2) Emprega a palavra *dunamis*. O significado literal de *dunamis* é *poder*. É a palavra de onde provém *dinamite*. Pode ser usada para designar qualquer poder fora do comum e extraordinário. Pode ser usada para falar do poder do crescimento, dos poderes da natureza, do poder de uma droga, do poder do gênio de um homem. Sempre significa um poder efetivo que faz coisas, e que qualquer homem pode reconhecer.

(3) Usa a palavra *semeion*, que quer dizer *sinal*. Esta é a palavra que João prefere. Para ele um milagre não era só um evento surpreendente, não era um mero ato de poder, era um sinal. Quer dizer, que dizia algo aos homens sobre a pessoa que o fazia; revelava algo a respeito de seu caráter; descobria algo de sua natureza; era uma ação graças a qual era

possível compreender melhor e em forma mais completa o caráter da pessoa que o levava a cabo. Segundo a opinião de João, a característica suprema dos milagres de Jesus era que *diziam aos homens algo a respeito da natureza e do caráter de Deus*. Jesus empregava seu poder para curar os doentes, para dar de comer aos famintos, para consolar os que sofriam; e o mero fato de que empregasse seu poder desse modo era a prova de que Deus se preocupava com as tristezas, as necessidades e as dores dos homens. Para João os milagres eram os sinais do amor de Deus.

De maneira que em cada milagre há três coisas. Existe a maravilha que deixa os homens deslumbrados, maravilhados, comovidos. Existe o poder efetivo, que pode conseguir consertar um corpo destroçado, uma mente desorganizada, um coração ferido, um poder que pode fazer coisas. Existe o sinal que nos fala do amor do coração de Deus que faz tais coisas pelos homens.

João 3

O homem que veio de noite - 3:1-6

O homem que veio de noite - 3:1-6 (cont.)

Nascido de novo - 3:1-6 (cont.)

O dever de saber e o direito de falar - 3:7-13

O Cristo levantado - 3:14-15

O amor de Deus - 3:16

Amor e juízo - 3:17-21

Um homem sem inveja - 3:22-30

Aquele que vem do céu - 3:31-36

O HOMEM QUE VEIO DE NOITE

João 3:1-6

Em geral vemos a Jesus rodeado de gente comum, mas neste caso o vemos em contato com um membro da aristocracia de Jerusalém. Sabemos algumas coisas a respeito de Nicodemos.

(1) Nicodemos deve ter sido *rico*. Ao Jesus morrer, Nicodemos levou para seu corpo, “cem libras de um composto de mirra e aloés” (João 19:39), e só um homem rico pôde ter levado isso.

(2) Nicodemos era um *fariseu*. Em mais de um sentido os fariseus eram a melhor gente de todo o país. Nunca havia mais de seis mil fariseus; compunham o que se conhecia com o nome de *chaburah*, ou irmandade. Entravam nesta irmandade fazendo um juramento diante de três testemunhas no qual prometiam passar toda sua vida observando cada um dos detalhes da Lei dos escribas.

O que significava isto exatamente? Para o judeu a Lei era a coisa mais sagrada do mundo. A Lei eram os primeiros cinco livros do Antigo Testamento. Criam que a Lei era a mais perfeita palavra de Deus. Acrescentar-lhe ou lhe tirar uma só palavra era um pecado mortal. Agora, se a Lei for a mais completa e perfeita palavra de Deus, isso significa que contém tudo o que um homem necessita para levar uma vida boa. Se não o contiver em forma explícita, deve contê-lo de maneira implícita. Se não está expresso em palavras, deve ser possível deduzi-lo.

Agora, a Lei, tal como está consta de grandes, nobres e amplos princípios que o homem deve elaborar por si mesmo. Mas para os judeus posteriores isto não era suficiente. Diziam: "A Lei é completa; contém todo o necessário para levar uma vida boa; de maneira que na Lei deve haver uma regra e uma regulação para governar todo incidente possível em todo momento possível da vida de todo homem possível". De maneira que se dedicaram a extrair dos grandes princípios da Lei um número infinito de normas e regulamentos para governar toda situação concebível da vida. Em outras palavras, mudaram a Lei dos grandes princípios pelo legalismo de leis e regulamentos laterais.

O melhor exemplo do que faziam se vê na Lei do sábado. A própria Bíblia nos diz simplesmente que devemos lembrar do sábado para santificá-lo, e que esse dia não se deve fazer nenhum trabalho, seja pelos homens, seus serventes ou seus animais. Não contentes com isso, os judeus passaram hora após hora e geração após geração definindo o que

era o trabalho e fazendo listas do que se pode e não se pode fazer no dia sábadado. O *Mishnah* é a Lei dos escribas codificada. Os escribas eram os que passavam suas vidas elaborando estas regras e regulamentos. Na *Mishnah* a seção dedicada ao sábadado se estende em não menos de vinte e quatro capítulos. O *Talmud* é o comentário explicativo sobre a *Mishnah*, e no *Talmud* de Jerusalém a seção que explica a Lei do sábadado ocupa sessenta e quatro colunas e meia; e no *Talmud* de Babilônia se estende a cento e cinqüenta e seis fólhos duplos. E conta-se que um rabino passou dois anos e meio estudando um só dos vinte e quatro capítulos da *Mishnah*.

Faziam este tipo de coisas: atar um nó no dia de sábadado era trabalhar. Mas precisamos definir o que é um nó. "Estes são os nós que tornam culpado o homem que os faz; o nó de quem conduz camelos e o dos marinheiros; e assim como se é culpado por atá-los, também é faltoso ao desatá-los". Por outro lado, os nós que podiam atar-se e desatar-se com uma só mão eram legais. Mais ainda, uma mulher pode fazer um nó em sua blusa e as cintas de seu chapéu, e as de sua faixa, os cordões dos sapatos ou sandálias, os dos couros para o vinho e o azeite".

Agora vejamos o que sucede. Suponhamos que um homem quisesse baixar um balde num poço para tirar água durante o dia sábadado. Não podia lhe atar uma corda, porque fazer um nó em uma corda durante o sábadado era ilegal; mas podia atá-lo à faixa de uma mulher e baixá-lo, porque um nó em uma faixa era algo legal. Esse era o tipo de coisas que para os escribas e fariseus eram questões de vida ou morte. Isso era religião; para eles isso era servir e agradar a Deus.

Tomemos o caso de alguém que viajava no sábadado. Êxodo 16:29 diz: "Cada um fique onde está, ninguém saia do seu lugar no sétimo dia". De maneira que as viagens no sábadado se limitavam a dois mil côvados, quer dizer, 900 metros. Mas, se fosse atada uma soga que cruzasse o extremo de uma rua, toda essa rua se convertia em uma casa e qualquer homem podia caminhar uma centena de passos mais à frente do extremo dessa rua. Ou, se um homem depositava a quantidade de alimento

suficiente para uma refeição na tarde da sexta-feira em um lugar determinado, tal lugar se tornava tecnicamente em sua casa e no sábado podia caminhar dois mil côvados a partir desse lugar. As regras e regulamentos e as evasões se amontoavam da centenas e milhares.

Tomemos o caso de alguém que carrega um pacote. Jeremias 17:21-24 dizia: “Guardai-vos por amor da vossa alma, não carregueis cargas no dia de sábado”. De maneira que se fazia necessário definir o que era uma carga. Era definida como refeição que equivalha ao peso de um figo seco, a suficiente quantidade de vinho para misturar em um copo, leite suficiente para um gole, mel suficiente para pôr sobre uma ferida, a suficiente quantidade de azeite para lubrificar um membro pequeno, a suficiente quantidade de água para umedecer um curativo em um olho, e assim por diante. De maneira que era preciso decidir se uma mulher podia levar um alfinete, se um homem podia levar uma perna de pau ou dentadura postiça durante o sábado; ou fazê-lo equivaleria a levar uma carga? Podia-se levantar uma cadeira, ou até uma criatura? E assim continuavam as discussões e as regras.

Os *escribas* eram os que elaboravam estes regulamentos; e os *fariseus* eram os que dedicavam suas vidas a obedecê-los. É evidente que, por mais errado que pudesse estar um homem, deve ter sido sincero em extremo se estava disposto a prometer obediência a cada uma das milhares de regras. Isso era exatamente o que os fariseus faziam. O nome *fariseu* significa o *separado*; e os fariseus eram aqueles que se separaram de toda a vida comum para poder observar cada detalhe da Lei dos escribas.

Nicodemos era fariseu, e se vê claramente quão surpreendente é que um homem que via assim a bondade e se entregou a esse tipo de vida, convencido de que agradava a Deus, tivesse algum desejo de falar com Jesus.

(3) Nicodemos era um *principal* entre os judeus. A palavra é *archon*. Quer dizer o que era membro do Sinédrio. O Sinédrio era um tribunal de setenta membros e era a suprema corte dos judeus. Claro que,

sob os romanos, seus poderes eram mais limitados do que tinham sido antes; mas apesar disso, eram extensos. O Sinédrio exercia particularmente a jurisdição religiosa sobre todos os judeus do mundo; e um de seus deveres era o de examinar e julgar a qualquer de quem se suspeitasse que era um falso profeta. Uma vez mais, resulta evidente que é algo surpreendente que Nicodemos se aproximou de Jesus.

(4) Pode ser que Nicodemos pertencesse a uma das mais distinguidas famílias judaicas. Já no ano 63 A. C, quando romanos e judeus estavam em guerra, Aristóbulo, o chefe judeu, tinha enviado a um certo Nicodemos como embaixador a Pompeu, o imperador romano. Muito tempo depois, nos espantosos últimos dias de Jerusalém, o homem que negociou a rendição do forte, foi um tal Gorion, filho do Nicomedes ou Nicodemos. Pode ser que ambos pertencessem à mesma família de nosso Nicodemos, e que fosse uma das famílias mais distintas de Jerusalém. Se isto for certo, é surpreendente que este aristocrata judeu se aproximasse desse profeta errante que tinha sido o carpinteiro de Nazaré para lhe falar sobre sua alma.

Era de noite quando Nicodemos se aproximou de Jesus. É provável que houvesse duas razões para que ocorresse dessa maneira.

(1) Pode ter sido uma medida de precaução. Pode ser que Nicodemos sinceramente não tenha querido comprometer-se e comprometer a seus companheiros do Sinédrio aproximando-se de Jesus à luz do dia. Não devemos condená-lo. O surpreendente é que Nicodemos, com seus antecedentes, aproximou-se de Jesus; era imensamente melhor ir de noite que nunca ir. É um milagre da graça que Nicodemos tenha superado seus preconceitos e sua educação e todo seu conceito da vida para aproximar-se de Jesus.

(2) Mas pode haver outra razão. Os rabinos afirmavam que o melhor momento para estudar a Lei era de noite, quando nada perturbava os homens. Durante o dia Jesus estava rodeado todo o tempo por uma multidão de gente. Pode ser que Nicodemos se aproximou de Jesus de noite porque queria estar completamente a sós com Ele e sem nenhuma

interrupção. Pode ter ido de noite porque queria ter a Jesus para si mesmo em forma tal que lhe tivesse sido impossível durante as ocupadas horas do dia.

Nicodemos era um homem confundido, um homem que desfrutava de todas as honras e que, entretanto, notava que algo lhe faltava. Aproximou-se de Jesus para conversar com Ele durante a noite para que, de algum modo, na escuridão da noite, achasse luz.

O HOMEM QUE VEIO DE NOITE

João 3:1-6 (continuação)

Quando João relata as conversações que Jesus mantinha com seus interrogadores, segue certo esquema. Aqui vemos esse esquema com toda clareza. O interrogador diz algo (versículo 2). Jesus responde com uma declaração que é difícil de entender (versículo 3). O interrogador compreende mal a frase (versículo 4). Jesus responde com uma declaração que é ainda mais difícil de compreender (versículo 5). E logo seguem um discurso e uma explicação. João emprega este método ao relatar-nos as conversações que Jesus mantinha com aqueles que iam perguntar-lhe coisas, a fim de que vejamos homens que pensam as coisas e as descobrem por si mesmos e para que nós façamos o mesmo.

Quando Nicodemos se aproximou de Jesus, disse-lhe que ninguém podia evitar sentir-se impressionado pelos sinais e maravilhas que fazia. A resposta de Jesus é que o que importava verdadeiramente não eram os sinais e maravilhas; o que importava era que na vida interior de um homem se produzisse uma mudança tal que só pudesse considerar-se como um novo nascimento.

Quando Jesus disse que um homem deve *nascer de novo*, Nicodemos o interpretou mal, e essa interpretação errônea surge do fato de que a palavra traduzida por *de novo*, a palavra grega *anóthen*, tem três significados diferentes. (1) Pode querer dizer *desde o começo, por completo, radicalmente*. (2) Pode significar *de novo*, no sentido de *pela*

segunda vez. (3) Pode significar *de acima*, e, portanto, de *Deus*. É-nos impossível expressar estes três significados em uma só palavra; e entretanto, os três estão presentes na frase *nascer de novo*. Nascer de novo significa experimentar uma mudança tão radical que é como um novo nascimento; é como se à alma acontecesse algo que só pode descrever-se como voltar a nascer de novo por completo; e todo esse processo não é um lucro humano, porque provém da graça e o poder de Deus.

Quando lemos o relato e as palavras de Nicodemos, à primeira vista pareceria ter tomado o termo *de novo* na segunda acepção, e no mais estrito sentido literal. Como pode um homem —disse— voltar a entrar no ventre de sua mãe e nascer pela segunda vez quando já é velho? Mas há algo mais que isso na resposta do Nicodemos. Em seu coração havia um grande desejo insatisfeito. É como se Nicodemos tivesse dito, com um desejo infinito, ansioso: "Você fala de nascer de novo; fala a respeito desta mudança radical, fundamental, que é tão necessário. Eu sei que é *necessário*: mas em minha experiência é não menos *impossível*. Não há nada que queria obter mais que isso; mas é o mesmo que você me dissesse, um homem adulto, que entrasse no ventre de minha mãe e nascesse de novo." Não era o caráter *desejável* desta mudança o que Nicodemos questionava; isso o sabia muito bem; o que questionava era sua *possibilidade*. Nicodemos se encontra diante do eterno problema: o problema do homem que quer mudar e que não pode efetuar essa mudança por si mesmo.

Esta frase *nascer de novo*, esta idéia do *renascimento*, aparece ao longo de todo o Novo Testamento. Pedro fala do Deus que nos fez *renascer a* uma viva esperança (1 Ped. 1:3); fala de *renascer* não de semente corruptível, mas incorruptível (1 Ped. 1:22-23). Tiago fala de Deus que nos faz *renascer* pela palavra da verdade (Tia. 1:18). A Epístola a Tito fala do *lavar regenerador* (Tito 3:5). Às vezes se faz referência a esta mesma idéia como a uma morte, seguida por uma ressurreição ou recriação. Paulo fala do cristão como alguém que morre

com Cristo e ressuscita para a nova vida (Rom. 6:1-11). Refere-se àqueles que logo entraram na Igreja como *meninos em Cristo* (1 Coríntios 3:1-2). Se alguém estiver em Cristo é como se tivesse sido *criado* de novo (2 Coríntios 5:17). Em Cristo há uma nova criação (Gálatas 6:15). O novo homem é *criado* segundo Deus na justiça (Efésios 4:22-24). A pessoa que está nos primeiros rudimentos da fé cristã é um menino (Hebreus 5:12-14). Ao longo de todo o Novo Testamento aparece esta idéia de *renascimento, recriação*.

Agora, de nenhum ponto de vista se trata de uma idéia que fosse estranha a quem a escutasse na época do Novo Testamento. Os judeus sabiam tudo sobre o renascimento. Quando um prosélito se incorporava ao judaísmo, quando um homem de outra fé se tornava judeu, uma vez que fosse aceito dentro do judaísmo, mediante a oração, o sacrifício e o batismo, considerava-se que tinha *renascido*. "Um prosélito que *abraça* o judaísmo", diziam os rabinos, "é como um menino recém-nascido". A mudança era tão radical que desapareciam todos os pecados que tinha cometido antes de sua recepção, visto que agora era outra pessoa. Até se sustentava, em um nível teórico, que esse homem podia casar-se com sua própria mãe ou irmã porque era uma pessoa completamente nova e todas as relações anteriores ficavam destruídas.

O judeu conhecia a idéia do renascimento. O grego conhecia a idéia do renascimento e a conhecia muito bem. A manifestação religiosa mais autêntica dos gregos nesta época eram as religiões dos mistérios. Todas as religiões dos mistérios se apoiavam no relato de algum deus que sofria, morria e ressuscitava. Este relato era representado como uma peça de teatro da paixão. O iniciado tinha que passar por um longo curso de preparação, instrução, ascetismo e jejum. Logo se representava o drama com música voluptuosa, um ritual maravilhoso, incenso e tudo o que pudesse exercer alguma influência sobre os sentidos. À medida que avançava a representação, o objetivo do adorador era fazer-se um com o deus, identificar-se com ele, de maneira tal que pudesse passar por todos os sofrimentos do deus e pudesse compartilhar sua vitória e sua vida

divina. As religiões dos mistérios ofereciam uma união mística com algum deus. Quando se alcançava essa união, o iniciado era, segundo a linguagem dos mistérios um *nascido de novo*. Os mistérios fechados contavam entre suas crenças fundamentais: "Não pode haver salvação sem regeneração". Apuleyo, que passou pelo rito de iniciação, disse que tinha experimentado uma "morte voluntária", e que assim alcançou seu "nascimento espiritual" e era como se "tivesse renascido".

Muitas das iniciações dos mistérios se celebravam à meia-noite quando o dia morre e volta a nascer. Na Frígia, depois da iniciação, alimentava-se o iniciado com leite como se fosse um menino recém-nascido. O mundo antigo conhecia muito bem o renascimento e a regeneração. Desejava-o e o buscava em todas as partes. A mais famosa das cerimônias dos mistérios era o *taurabolium*. O candidato ficava em um poço. Sobre a boca do poço ficava uma tampa gradeada. Sobre esta tampa se matava um touro, degolando-o. O sangue caía e o iniciado levantava a cabeça e se banhava no sangue: lavava-se em sangue; e quando saía do poço era um *renatus ad aeternum*, renascido para toda a eternidade. Quando o cristianismo veio ao mundo com uma mensagem de renascimento, trazia justamente o que todo mundo estava procurando.

O que significa, então, este renascimento para nós? No Novo Testamento, e em especial no quarto Evangelho, há quatro idéias muito relacionadas entre si. Existe a idéia do renascimento; existe a idéia do Reino de Deus, ao qual o homem não pode entrar a menos que tenha renascido; existe a idéia de ser filhos de Deus; e existe a idéia da vida eterna. Esta idéia de renascer não é privativa do pensamento do quarto Evangelho. Em Mateus temos a mesma verdade fundamental expressa em forma mais simples e vivida: "Se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos céus" (Mateus 18:3). Estas três idéias estão sustentadas por um pensamento comum.

NASCIDO DE NOVO**João 3:1-6 (continuação)**

Começamos com a idéia do Reino de Deus. O que significa o Reino de Deus? A melhor definição nós a encontramos no Pai Nosso. Há duas petições, uma junto à outra:

Venha o teu reino;

Faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu.

Agora, é próprio do estilo judeu repetir as coisas duas vezes, e a segunda forma de dizer uma coisa explica, amplia, repete de maneira distinta o que foi dito primeiro. Qualquer versículo dos Salmos nos mostra este costume judaico que se conhece com o nome técnico de paralelismo:

O SENHOR dos exércitos está conosco;
o Deus de Jacó é o nosso refúgio (Salmo 46:7).

Porque eu conheço minhas transgressões,
E o meu pecado está sempre diante de mim (Salmo 51:3).

Ele me faz repousar em pastos verdejantes.
Leva-me para junto das águas de descanso (Salmo 23:2).

Agora apliquemos esse principio a estas duas petições do Pai Nosso; a segunda petição amplia, explica, desenvolve a primeira; logo chegamos à definição: *O Reino de Deus é uma sociedade onde a vontade de Deus se cumpre com tanta perfeição na terra como o é no céu.* Portanto, estar no Reino dos céus significa levar uma vida em que submetemos tudo, completa e voluntariamente, à vontade de Deus. Significa ter chegado a um ponto em que aceitamos a vontade de Deus total, completa e perfeitamente.

Agora vamos à idéia de ser *filhos de Deus*. Em um sentido, ser filhos de Deus é um enorme *privilegio*. Àqueles que crêem lhes dá o

poder de se tornarem filhos (João 1:12). Mas a essência do fato de ser filhos é necessariamente a *obediência*. “Aquele que tem os meus mandamentos *e os guarda*, esse é o que me ama” (João 14:21). A essência do ser filhos de Deus é o amor; e a essência do amor é a obediência. Não podemos dizer com sinceridade que amamos a alguém, e logo fazer coisas que ferem e machucam o coração dessa pessoa. O ser filhos de Deus é um privilégio, mas um privilégio ao que se tem acesso só quando se oferece uma obediência total. Assim chegamos a compreender que o ser filhos de Deus e estar no Reino são uma e a mesma coisa. O filho de Deus e o habitante do Reino são pessoas que aceitaram a vontade de Deus de maneira total, completa, voluntária e definitiva.

Vejamos agora a idéia da *vida eterna*. A idéia central que está por trás da vida eterna não é a de duração. É muito evidente que uma vida que durasse para sempre poderia ser tanto um céu como um inferno. A idéia que está por trás da vida eterna é a de uma certa *qualidade*, um tipo determinado de vida. Que tipo de vida? Só há uma pessoa a quem se pode descrever com justiça com o adjetivo *eterno* (*aionios*) e essa única pessoa é Deus. A vida eterna é o tipo de vida que Deus vive; é a vida de Deus. Penetrar na vida eterna significa entrar em posse desse tipo de vida que é a vida de Deus. Significa elevar-se por cima das coisas meramente humanas, temporários, passageiras, fugazes, para essa alegria e essa paz que pertencem unicamente a Deus. E é evidente que um homem só pode alcançar esta comunhão e relação íntima com Deus quando lhe entrega esse amor, essa reverência, essa devoção, essa obediência que o põem verdadeiramente em comunhão com Deus.

De maneira que aqui temos três grandes concepções que estão relacionadas entre si: a concepção da entrada ao Reino de Deus, a concepção do caráter de filhos de Deus e a concepção da vida eterna. E todas dependem e resultam da aceitação e a obediência perfeitas à vontade de Deus. É justamente aqui onde aparece a idéia de *renascer*. O que une estas três concepções é a idéia do renascimento. É indubitável

que, tal como somos e com nossas próprias forças, somos incapazes de oferecer esta obediência perfeita a Deus; só quando a graça de Deus nos invade e toma posse de nós e nos muda é que podemos brindar a Deus a reverência e a devoção que devemos lhe oferecer. Jesus Cristo é quem pode operar a mudança em nós; através dele é como renascemos; quando Ele toma posse de nossos coração e de nossa vida se produz a mudança.

Quando isso acontece nascemos da água e do Espírito. Aqui há dois pensamentos. A *água* é o símbolo da purificação. Quando Jesus toma posse de nossa vida, quando o amamos com todo o coração, os pecados passados são perdoados e esquecidos. O *Espírito* é o símbolo do *poder*. Quando Jesus toma posse de nossa vida não se trata somente de que se esqueça e perdoe o passado; se isso fosse tudo, poderíamos voltar outra vez a arruinar nossa vida; mas entra neste vida um poder novo que nos permite ser o que jamais poderíamos ser por nossos próprios meios, e fazer o que não poderíamos fazer por nós mesmos. A água e o Espírito simbolizam o poder purificador e fortalecedor de Cristo, que poda o passado e nos concede a vitória no futuro.

Por último, João nesta passagem estabelece uma lei fundamental. O que nasce da carne é carne e o que nasce do Espírito é Espírito. O homem por si mesmo é carne, e com seu poder está limitado ao que pode fazer a carne. Por si mesmo não pode sentir-se mais que vencido e frustrado; isso nós sabemos muito bem; é o fato universal da experiência humana. Mas a própria essência do Espírito é o poder e a vida que estão além de todo poder e vida humanos; e quando o Espírito se apodera de nós faz o que só ele pode fazer e a vida vencida da natureza humana se transforma na vida triunfante de Deus.

Voltar a nascer significa mudar de tal maneira que só pode descrever-se como um renascimento e uma recriação. A mudança se produz quando amamos a Cristo e lhe damos entrada em nossos corações. Nesse momento nos perdoa o passado e nos prepara para o futuro. A partir de então podemos aceitar autenticamente a vontade de

Deus. E então nos convertemos em cidadãos do Reino; nos tornamos filhos de Deus; entramos na vida eterna, que é a própria vida de Deus.

O DEVER DE SABER E O DIREITO DE FALAR

João 3:7-13

Há dois tipos de incompreensão. Existe a incompreensão do homem que não compreende porque ainda não chegou ao nível de conhecimento e experiência em que pode compreender a verdade. E há a incapacidade genuína para entender, incapacidade que é o resultado inevitável da falta de conhecimento. Quando um homem está neste estado é nosso dever lhe explicar as coisas de tal maneira que seja capaz de compreender o conhecimento que lhe oferece. Mas há uma incapacidade para compreender que obedece ao não querer fazê-lo; há uma incapacidade de ver que provém da negativa de ver.

Um homem pode fechar voluntariamente sua mente a alguma verdade que não deseja ver; pode ser resistente a propósito a um ensino que não quer aceitar. Nicodemos pertencia a este tipo de homens. O ensino a respeito de um novo nascimento proveniente de Deus não devia lhe parecer estranho.

Ezequiel, por exemplo, falou muitas vezes sobre o novo coração que deve criar-se no homem. “Lançai de vós todas as vossas transgressões com que transgredistes e criai em vós coração novo e espírito novo; pois, por que morreríeis, ó casa de Israel?” (Ezequiel 18:31). “Dar-vos-ei coração novo e porei dentro de vós espírito novo” (Ezequiel 36:26). Nicodemos era conhecedor das Escrituras e os profetas tinham falado qui e ali a respeito da mesma experiência a que Jesus se referia.

Alguém que não deseja renascer, interpretará mal, voluntariamente, o que significa o renascimento. Alguém que não deseja mudar fechará seus olhos, sua mente e seu coração ao poder que pode mudá-lo. Em última instância, o que acontece com a maioria de nós é que, quando

Jesus vem com seu oferecimento de nos mudar e recriar-nos, se fôssemos honestos, responderíamos: "Não, obrigado; estou muito satisfeito comigo mesmo tal qual sou, e não quero que me mudem".

Mas Nicodemos encontrou outra defesa. Disse, em efeito: "Este renascimento ao qual te referes talvez seja possível, mas não posso compreender como acontece, e o que ocorre depois". A resposta de Jesus se explica pelos dois significados da palavra grega *pneuma*, que se traduz por *espírito*. *Pneuma* é a palavra que significa *espírito*, mas também se emprega para designar o *vento*. O mesmo acontece com a palavra hebréia *ruach*; também significa *espírito* e *vento*.

De maneira que Jesus disse a Nicodemos: "Você pode ouvir, ver e sentir o *vento* (*pneuma*); mas não você sabe de onde vem nem para onde vai; você pode não entender como e por que sopra o vento; mas você pode ver o que ele faz. Você pode não compreender de onde veio um furacão e para onde vai, mas você pode ver a seqüela de campos arrasados e de árvores caídas que deixa para trás. Há muitas coisas sobre o vento que possivelmente você não entenda; mas todos podemos ver o efeito do vento. Da mesma maneira", prosseguiu Jesus, "o *Espírito* (*pneuma*) é exatamente igual. Você pode não saber como trabalha o Espírito; mas você pode ver seu efeito nas vidas dos homens". Jesus disse: "Não estamos falando de uma questão acadêmica, teórica. Estamos falando de coisas que conhecemos e que vimos. Podemos apontar um homem após outro que foi recriado, que renasceu pelo poder, pelo efeito e pela obra do Espírito".

O Dr. John Hutton estava acostumado a falar de um operário que tinha sido um ébrio consuetudinário e se converteu. Seus colegas de trabalho fizeram todo o possível por fazê-lo sentir como um tolo. Sem dúvida, diziam-lhe, "você não pode crer em milagres e coisas por estilo. Certamente você não crê, por exemplo, que Jesus converteu a água em vinho". "Não sei", respondeu o homem, "se converteu à água em vinho quando estava na Palestina, mas o que sim sei é que em minha própria casa Ele converteu a cerveja em móveis".

Há neste mundo quantidade de coisas que usamos todos os dias sem saber como funcionam. Muito poucos entre nós sabem como funciona a eletricidade, a rádio ou o televisor; mas nem por isso negamos sua existência. Muitos de nós dirigimos um carro com um mínimo de conhecimentos a respeito do que ocorre debaixo do capô; mas nossa falta de conhecimento não nos impede de usar e gozar dos benefícios que nos proporciona o carro. Podemos não compreender como trabalha o Espírito; mas qualquer um pode comprovar o efeito do Espírito na vida dos homens; e o único argumento incontestável do cristianismo é uma vida cristã. Nenhum homem pode negar uma religião, uma fé e um poder que podem converter homens maus em justos.

De maneira que Jesus disse a Nicodemos: "Procurei simplificar as coisas para você; empreguei imagens humanas singelas, tiradas da vida cotidiana; e você não compreendeu. Como pode você compreender as coisas mais profundas, se até as mais singelas estão fora de seu alcance?"

Aqui há uma advertência para cada um de nós. É fácil sentar-se em grupos de discussão, sentar-se em uma biblioteca e ler livros, é fácil discutir a verdade intelectual do cristianismo; mas o essencial é experimentar o poder do cristianismo. E é fatalmente fácil começar pelo extremo equivocado. É tragicamente fácil ver o cristianismo como algo que se deve discutir e não como algo que é necessário experimentar. Sem dúvida é importante ter uma compreensão intelectual dos pontos gerais da verdade cristã; mas é muito mais importante ter uma experiência vital, viva, do poder de Jesus Cristo.

Quando um homem segue um tratamento indicado por um médico, quando tem que operar-se, quando lhe dá algum remédio, não precisa conhecer a anatomia do corpo humano, o efeito científico da anestesia, a forma em que opera a droga em seu corpo para curá-lo. Noventa e nove por cento dos homens aceitam a cura sem ser capazes de dizer como aconteceu. Em um sentido, o cristianismo também é assim. No coração do cristianismo há um mistério, mas não é o mistério da compreensão intelectual; é o mistério da redenção.

Ao ler o quarto Evangelho se apresenta uma dificuldade. É a dificuldade de discernir quando terminam as palavras de Jesus e quando começam as do autor. João pensou nas palavras de Jesus durante tanto tempo que, em forma insensível, passa delas a seus próprios pensamentos sobre essas palavras. É quase certo que as últimas palavras desta passagem pertencem a João. É como se alguém perguntasse: "Tudo isto que Jesus está dizendo pode ser certo ou não; mas que direito tem de dizê-lo? Que garantia temos de que seja certo?" A resposta de João é simples e profunda. "Jesus", diz, "baixou do céu para nos dizer a verdade de Deus. E, quando viveu com os homens e morreu por eles, voltou para sua glória". João sustentava que o direito que Jesus tinha de falar provinha do fato de que conhecia pessoalmente a Deus, que Jesus tinha vindo diretamente do oculto do céu à Terra, que o que dizia aos homens era literalmente a verdade divina. O direito de Jesus de falar vem diretamente do que Jesus foi e é: a mente de Deus encarnada.

O CRISTO LEVANTADO

João 3:14-15

Aqui João se remonta a uma curiosa história do Antigo Testamento que relatada em Números 21:4-9. Durante sua viagem através do deserto, o povo de Israel murmurava e se queixava de ter saído do Egito. Para castigá-los, Deus lhes mandou uma praga de serpentes ardentes e letais. O povo se arrependeu e clamou por misericórdia, e Deus ordenou ao Moisés que fizesse uma serpente de bronze e a pusesse no meio do lugar onde estavam, sobre um haste; qualquer que olhasse à serpente se salvaria e viveria. Esse relato impressionava muito aos israelitas. Contavam como, em tempos posteriores, essa serpente de bronze se converteu numa imagem e num ídolo, e como nos tempos de Ezequias precisou ser destruída porque o povo a adorada (2 Reis 18:4). Os judeus sempre se sentiram um pouco intrigados e perplexos com este incidente, visto que eles tinham absolutamente proibido fazer imagens. Os rabinos

lhe davam a seguinte explicação: "Não era a serpente que matava e dava vida. Israel olhava, e enquanto Moisés mantinha a serpente no alto, criam naquele que lhe tinha ordenado agir dessa maneira. Era Deus quem os curava." O poder curador não estava na serpente de bronze. Esta não era mais do que um símbolo e um indicador que os fazia voltar a dirigir seu pensamento para Deus; e quando voltavam seus pensamentos para Deus, ficavam curados.

De maneira que João tomou essa velha história e a usou como tipo, como profecia e como uma espécie de parábola a respeito de Jesus. Diz: "A serpente foi levantada; os homens a olharam; e seus pensamentos se dirigiram a Deus; e, mediante o poder desse Deus em quem confiavam, foram curados. Assim Cristo deve ser levantar; e quando os homens dirijam seus pensamentos para Ele e creiam nele, eles também encontrarão a vida eterna e a salvação".

Há algo maravilhosamente sugestivo nisto. O verbo *levantar* ou *elevantar* é *hupsoun*. O estranho a respeito desta palavra é que é usada em dois sentidos a respeito de Jesus. É usada quando se fala de que foi elevado à cruz. E é usada quando se diz que no momento de sua ascensão ao céu foi *elevado à glória*. É usada com referência à cruz em João 8:28; 12:32. A respeito de sua ascensão à glória é usada em Atos 2:30; 5:31; Filipenses 2:9. Houve uma dupla elevação na vida de Jesus: a elevação à cruz, e a elevação à glória. E ambas estão estreitamente relacionadas. Uma não pôde ter acontecido sem a outra. Para Jesus, a cruz era o caminho à glória; se tivesse rechaçado a cruz, se a tivesse evitado, se tivesse tomado alguma medida para escapar dela, como bem poderia tê-lo feito, não teria recebido nenhuma glória. O mesmo acontece conosco. Se quisermos, podemos escolher o caminho fácil; se quisermos, podemos rechaçar a cruz que todo cristão deve carregar; mas se o fazemos, perdemos a glória. É uma das leis inalteráveis da vida que se não há cruz, não há coroa.

Nesta passagem temos duas expressões cujos significados devemos analisar. Não podemos extrair todo o significado que encerram porque

ambas significam mais do que jamais poderemos descobrir; mas devemos tentar compreender ao menos uma parte do que significam.

(1) A primeira frase é a que fala de *crer em Jesus*. O que significa essa frase? Quer dizer pelo menos três coisas.

(a) Significa crer de todo o nosso coração que Deus é como Jesus disse que era. Significa crer que Deus nos ama, crer que se importa conosco, crer que não há nada que Deus deseje mais que nos perdoar, crer que Deus é amor. Para um judeu não resultava fácil crer nisso.

O judeu via Deus fundamentalmente como um Deus que impunha suas leis sobre seu povo e que os castigava se as desobedeciam. O judeu via Deus como o Juiz e o homem como o réu no tribunal de Deus. O judeu via Deus como um ser exigente. Tratava-se de um Deus que exigia sacrifícios e ofertas. Para ter acesso à presença de Deus, o homem devia pagar o preço estipulado por Ele. Era difícil pensar em Deus, não como um juiz que estava esperando impor um castigo, nem como um capataz à espreita, mas sim como um Pai cujo desejo mais íntimo era obter que seus filhos errantes voltassem para seu seio. Custou a vida e morte de Jesus dizer isso aos homens. E não podemos nem sequer começar a ser cristãos se não cremos nisso de todo o coração.

(b) Jesus disse isso, mas que direito tinha para dizê-lo? Como podemos estar certos de que sabia do que estava falando? Que garantia temos de que essa maravilhosa boa nova é verdade? Soa muito bonito para ser verdade. Que prova temos de que é verdade? Aqui chegamos ao segundo artigo de fé. Devemos acreditar que em Jesus está a mente de Deus, Devemos crer que Jesus conhecia tão bem a Deus, que estava tão perto de Deus, que era até tal ponto um com Deus, que podia nos dizer a verdade absoluta sobre seu Pai. Devemos ter certeza de que Jesus sabia do que estava falando, e que disse a verdade sobre Deus, porque a mente de Deus estava nele.

(c) Mas a crença tem um terceiro elemento. Cremos que Deus é um Pai amante. Cremos que isto é verdade porque cremos que Jesus não é

outro que Aquele a quem unicamente se pode chamar Filho de Deus, e que portanto o que diz a respeito de Deus é verdade. Então intervém este terceiro elemento. Devemos apostar tudo no fato de que o que Jesus diz é verdade. Seja o que disser, devemos fazê-lo; quando ordena algo, devemos obedecer. Quando nos diz que nos entreguemos sem reservas à misericórdia de Deus, devemos fazê-lo. No que se refere à ação, devemos tomar a Jesus ao pé da letra. Até a mais ínfima ação da vida deve ser realizada em obediência indisputável a Jesus. De maneira que a crença consta destes três elementos: crença em que Deus é o pai amoroso, a crença em que Jesus é o Filho de Deus e que portanto diz a verdade a respeito de Deus e da vida, obediência indisputável e sem hesitações a Jesus, uma vida vivida na certeza de que o que Jesus diz é verdade.

(2) A segunda frase importante é *vida eterna*. Já vimos que a vida eterna é a vida do próprio Deus. Mas nos perguntemos: se temos a vida eterna, o que é o que temos em nosso poder? Ter a vida eterna muda todas as relações da vida. Todas as relações da vida se vêm envoltas em paz.

(a) Dá-nos paz com Deus. Já não trememos diante de um rei tirânico nem buscamos nos esconder de um juiz severo. Sentimo-nos cômodos com nosso Pai.

(b) Dá-nos paz com os homens. Se fomos perdoados, devemos perdoar. Permite-nos ver os homens como Deus os vê. Converte-nos e a todos os homens em uma grande família unida no amor.

(c) Dá-nos paz com a vida. Se Deus for Pai, está reunindo todas as coisas para o bem. Lessing acostumava dizer que se pudesse formular uma só pergunta à Esfinge, que sabe tudo, seria: "É este um universo amigável?" Quando crêem que Deus é Pai, também crêem que a mão de um pai jamais causará uma lágrima desnecessária a seu filho. Possivelmente não consigamos compreender melhor a vida, mas já não estaremos ressentidos.

(d) Proporciona-nos paz conosco mesmos. Em última instância, um homem teme mais a si que a qualquer outra coisa. Conhece sua própria debilidade; conhece a força de suas tentações; conhece suas tarefas e as exigências da vida. Mas agora sabe que enfrenta tudo isto junto a Deus. Não é ele quem vive, mas sim é Cristo quem vive nele. Há em sua vida uma paz apoiada na fortaleza.

(e) Dá-lhe a segurança de que a maior das alegrias da Terra não é mais que um adiantamento da alegria que virá; que a paz mais profunda que existe sobre a Terra não é mais que uma sombra da paz última que virá. Dá-lhe uma esperança, uma meta, um fim, para o qual se dirige. Dá-lhe uma vida de glorioso assombro na Terra e, entretanto, ao mesmo tempo, uma vida em que o melhor ainda está por chegar.

O AMOR DE DEUS

João 3:16

Todos os grandes homens tiveram seus textos favoritos; mas este texto foi denominado "O texto de todos". Aqui está, para todos os corações simples, a própria essência do evangelho.

Este texto nos diz certas coisas muito importantes.

(1) Diz-nos que a origem e a iniciativa de toda salvação se encontram em Deus. Às vezes se apresenta o cristianismo de maneira tal que pareceria que tem que apaziguar a Deus, como se tivéssemos que convencê-lo a perdoar. Em algumas ocasiões os homens falam como se quisessem pintar uma imagem de um Deus severo, iracundo, que não perdoa, legalista; e um Jesus amoroso, gentil, que perdoa tudo. Às vezes alguns apresentam a mensagem cristã de tal maneira que soa como se Jesus tivesse feito algo que mudou a atitude de Deus para com os homens, da condenação ao perdão. Mas este texto nos diz que tudo começou em Deus. Foi Deus quem enviou a seu Filho, e o enviou porque amava os homens. Por trás de todas as coisas está o amor de Deus.

(2) Diz-nos que a essência do ser de Deus é o amor. É fácil pensar que Deus olha os homens em sua desobediência e rebeldia e diz: "Vou destruí-los, humilhá-los, flagelá-los, discipliná-los, castigá-los e os açoitarei até que retornem."

É fácil pensar que Deus procura a submissão dos homens para satisfazer seu desejo de poder, ou seu desejo do que poderíamos chamar um universo completamente submisso. Mas o tremendo deste texto é que mostra a Deus agindo, não para seu próprio benefício, e sim para o nosso. Deus não agiu para satisfazer seu desejo de poder. Não agiu para criar um universo submisso. Ele o fez para satisfazer seu amor. Deus não é como um monarca absoluto que trata cada homem como um súdito ao que se deve reduzir a uma abjeta obediência. Deus é o Pai que não pode sentir-se feliz enquanto seus filhos extraviados não tenham voltado para casa. Deus não submete os homens pela força; suspira por eles e os conquista apaixonando-os.

(3) Fala-nos da amplitude do amor de Deus. O que Deus amou tanto foi *o mundo*. Não se tratava de um país nem da gente boa; não eram somente aqueles que o amavam, mas o mundo. Os que não eram amados e os não amáveis; os solitários que não têm a ninguém que os ame; o homem que ama a Deus e o que jamais pensa nele; o homem que descansa no amor de Deus e o homem que zomba dele: todos estão incluídos neste vasto amor inclusivo, o amor de Deus. Como disse Agostinho: "Deus ama cada um de nós como se não houvesse nenhum outro a quem amar".

AMOR E JUÍZO

João 3:17-21

Aqui nos deparamos com um dos aparentes paradoxos do quarto Evangelho: a paradoxo do amor e o juízo. Acabamos de pensar no amor de Deus, e de repente nos deparamos com o juízo, a condenação e a convicção. João acaba de dizer que foi porque Deus amou tanto o mundo

que enviou seu Filho a esse mundo. Mais adiante mostrará a Jesus dizendo: “Eu vim a este mundo para juízo” (João 9:39).

Como podem as duas coisas ser verdade?

É possível oferecer a um homem uma experiência que só consta de amor, e que essa experiência resulte em juízo. É possível oferecer a um homem uma experiência cujo único objetivo é produzir alegria e bem-estar, e entretanto, que essa experiência se torne em juízo e condenação.

Suponhamos que amamos a música séria; suponhamos que nos aproximamos mais a Deus no trovejar de uma grande sinfonia que em qualquer outra circunstância. Suponhamos que temos um amigo que não sabe nada a respeito dessa música. Suponhamos que queremos introduzir este amigo nessa experiência fundamental; queremos compartilhá-la com ele; queremos oferecer-lhe este contato com a beleza invisível que nós experimentamos. Nosso único fim é dar a esse amigo a felicidade de uma experiência nova. Levamo-lo a um concerto onde se executa uma sinfonia; e em pouco tempo começa a mover-se e a olhar a seu redor, dando sinais de uma absoluta falta de interesse e, além disso, de aborrecimento. Esse amigo emitiu um juízo sobre si mesmo; não tem nenhuma musicalidade na alma. A experiência que estava destinada a produzir-lhe uma felicidade nova se converteu em um juízo. Isto sempre acontece quando pomos um homem diante da grandeza.

Podemos levar alguém a ver uma obra de arte; podemos levá-lo a ouvir um príncipe dos pregadores; podemos dar-lhe um livro que é um alimento espiritual; podemos levá-lo a contemplar alguma beleza. Sua reação é um juízo. Se não vê nenhuma beleza e não experimenta nenhuma emoção, sabemos que tem um ponto cego em sua alma.

Conta-se que um empregado estava mostrando uma galeria de arte a um visitante. Nessa galeria havia algumas obras de arte que estavam além de qualquer preço, obras de beleza eterna e de gênio indisputável. No fim da visita, o visitante disse: "Bom, suas velhas pinturas não merecem que eu dê uma opinião muito alta". O empregado respondeu com calma: "Senhor, queria lembrar-lhe que estes quadros já não estão

em tela de juízo, mas sim o estão os que os olham". Tudo o que tinha feito a reação do homem era demonstrar sua própria lamentável cegueira.

O mesmo ocorre com Jesus. Se, quando um homem se depara com Jesus, sua alma se eleva como em um torvelinho a essa maravilha e beleza, está no caminho da salvação. Mas se ao defrontar-se com Jesus não vê nada belo, está condenado. Sua reação o condenou. Deus enviou a Jesus com amor. Enviou-o para a salvação desse homem. Mas não é Deus quem condenou a esse homem; ele se condenou a si mesmo.

O homem que reage frente Jesus de maneira hostil, preferiu as trevas à luz. O que resulta terrível em uma pessoa realmente boa é que sempre tem em seu interior algum elemento inconsciente de condenação. Quando nos defrontamos com Jesus nos vemos tal qual somos.

Alcibíades, o gênio malcriado de Atenas, era companheiro do Sócrates, mas de vez em quando costumava reprová-lo: "Sócrates, eu o odeio, porque cada vez que o encontro, faz-me ver o que sou". O homem que embarcou em uma tarefa má não quer que se derrame luz sobre essa tarefa nem sobre si mesmo. Mas o homem que está comprometido em algo honorável não se preocupa nem teme a luz.

Conta-se que uma vez um arquiteto se aproximou de Platão e se ofereceu para construir uma casa, por uma determinada soma de dinheiro, e em nenhuma das habitações seria possível ver. Platão lhe disse: "Eu lhe darei o dobro de dinheiro para que construa uma casa em cujas habitações todos possam ver". Só quem age mal não quer ver-se a si mesmo, nem quer que nenhum outro o veja. Esse tipo de homem odiará inevitavelmente a Jesus Cristo, porque Cristo lhe mostrará o que é, e isso é a última coisa que quer ver. O que ama é a escuridão que oculta, não a luz que revela.

Através de sua reação frente Cristo, o homem se revela. Sua reação ante o Jesus Cristo deixa sua alma ao descoberto. Se olhe a Cristo com amor, até com ansiedade, há esperanças, mas se não ver nada formoso em Cristo, condenou-se a si mesmo. Aquele que foi enviado em amor se converteu para ele em juízo.

UM HOMEM SEM INVEJA**João 3:22-30**

Já vimos que parte do propósito do autor do quarto Evangelho era assegurar-se de que João Batista recebesse o seu lugar exato como precursor de Jesus, mas não um lugar que fosse além disso. Havia ainda aqueles que estavam dispostos a chamar João de mestre e senhor; o autor do quarto Evangelho quer mostrar que João ocupava um lugar elevado, mas que o lugar superior estava reservado só para Jesus. E também quer mostrar que o próprio João jamais alimentou nenhuma outra idéia senão a de que Jesus ocupava o lugar supremo. É por isso que o autor do quarto Evangelho nos mostra a superposição do ministério de João e o de Jesus. Os Evangelhos sinóticos são diferentes: Marcos 1:14 nos diz que *depois que* João foi encarcerado, Jesus começou o seu ministério. Não há necessidade de discutir qual dos relatos está coreto do ponto de vista histórico. O mais provável é que o quarto Evangelho faça sobrepor os dois ministérios para mostrar com toda clareza, mediante o contraste, a supremacia de Jesus.

Há algo que é indubitável: esta passagem nos mostra a beleza da humildade de João Batista. Era evidente que o povo estava abandonando a João para seguir a Jesus. Os discípulos de João se sentiam preocupados com este fato. Não lhes agradava ver seu mestre sentar-se no último assento e ocupar um segundo lugar. Não lhes agradava ver que ficava abandonado, enquanto as multidões foram ver e ouvir o novo mestre.

Para João teria sido fácil, em resposta a suas queixas, sentir-se ferido, abandonado e injustamente esquecido. Em algumas ocasiões, a compaixão de um amigo pode ser o pior que nos pode acontecer. Pode nos fazer sentir pena de nós mesmos e nos estimular a crer que não nos tratou com justiça. Mas João estava acima disso. Disse três coisas a seus discípulos.

(1) Disse-lhes que jamais tinha esperado outra coisa. Disse-lhes que, de fato, tinha-lhes assegurado que ele não ocupava a primeira

posição mas sim o tinha enviado como um mero arauto, alguém que anuncia, o precursor e preparador do caminho para o maior que havia que vir. A vida seria muito mais fácil se houvesse mais gente disposta a desempenhar o papel secundário e subordinado.

Há tanta gente que procura coisas importantes para fazer... João não era assim. Sabia muito bem que Deus lhe tinha atribuído um lugar secundário e uma tarefa subordinada. Nos evitaríamos muitos ressentimentos e desgostos se nos déssemos conta de que há certas coisas que não são para nós, e se aceitássemos de todo coração, e fizéssemos com todas nossas forças, a tarefa que Deus nos atribuiu.

Fazer uma tarefa secundária para Deus, converte-a em uma grande tarefa. Como o expressou Mrs. Browning: "Todo serviço tem o mesmo valor para Deus". Qualquer trabalho feito para Deus é, necessariamente, um grande trabalho.

(2) Disse-lhes que ninguém pode receber mais que o que Deus lhe deu. Se o novo mestre estava ganhando mais discípulos e seguidores não era porque os estivesse roubando de João, mas sim porque Deus os estava dando a ele.

Havia um ministro americano chamado Spence; em uma época foi popular e sua Igreja estava sempre cheia, mas à medida que os anos passavam povo gente começou a ir embora. Tinha chegado um novo ministro à Igreja da frente, que atraía multidões. Uma tarde houve uma reunião muito pequena na Igreja do Dr. Spence. O ministro olhou a seu pequeno rebanho. "Onde foram todas as pessoas?" perguntou. Houve um silêncio embaraçoso; depois um de seus auxiliares disse: "Creio que foram à Igreja da frente para ouvir o novo pastor". O Dr. novo ficou em silêncio durante um momento; depois sorriu. "Bom", disse, "então creio que devemos segui-los". E desceu do púlpito e conduziu os seus paroquianos à outra Igreja.

Quantas invejas, quantas desgostos, quanto ressentimento poderíamos evitar se nos limitássemos a recordar que o êxito de nosso

próximo é dado por Deus, e se aceitássemos o veredicto e a escolha de Deus.

(3) Por último, João emprega uma imagem muito viva que qualquer judeu podia reconhecer, porque pertencia à tradição do pensamento judaico. Jesus chamou-se a si mesmo o marido e o amigo do marido. Uma das grandes imagens do Antigo Testamento é a representação de Israel como a noiva de Deus, e de Deus como o noivo de Israel. A união entre Deus e Israel era algo tão íntimo que só podia ser comparado a um casamento. Quando Israel seguia a deuses estranhos era como se fosse culpado de infidelidade ao vínculo conjugal (Êxodo 34:15, Deuteronômio 31:16; Salmo 73:27; Isaías 54:5). O Novo Testamento retomou esta imagem e se referiu à Igreja como a Esposa de Cristo (2 Coríntios 11:2; Efésios 5:22-32). Esta era a imagem que João tinha em mente. Jesus viera de Deus; era o Filho de Deus; Israel era sua esposa legítima, e ele era o marido de Israel.

Mas João exigiu para si mesmo um lugar, o lugar de amigo do marido. O amigo do marido, o *shoshben*, ocupava um lugar de privilégio em uma festa de bodas judaica. Atuava como vínculo entre a esposa e o marido; organizava as bodas; repartia os convites; presidia na festa de bodas. Unia os maridos. E tinha um dever especial. Tinha a obrigação de cuidar o dormitório conjugal e não permitir a entrada de nenhum amante falso. Só abria a porta quando ouvisse a voz do marido na escuridão e a reconhecesse. Quando ouvia a voz do marido se sentia contente e o deixava entrar, e ia embora feliz porque tinha cumprido sua tarefa e os amantes estavam juntos. Não invejava sentia inveja da esposa nem do marido. Sabia que sua única tarefa tinha sido a de uni-los. E uma vez que tinha completo a tarefa se retirava voluntariamente e com alegria. A tarefa de João foi a de unir a Jesus e Israel; arranjar o casamento entre Cristo, o marido, e Israel, a esposa. Cumprida a tarefa, sentia-se feliz de desaparecer na escuridão porque tinha feito sua obra. Não foi com inveja que disse que Jesus devia crescer e ele devia minguar; disse-o com alegria. Seria bom que algumas vezes lembrássemos que não devemos

atrair às pessoas para nós, mas para Jesus Cristo. Não procuramos a lealdade dos homens para nós, e sim para Ele.

AQUELE QUE VEM DO CÉU

João 3:31-36

Como já vimos, uma das dificuldades com que nos encontramos no quarto Evangelho é saber distinguir quando falam os protagonistas e quando adiciona João seu próprio comentário. Estes versículos podem ser palavras pronunciadas por João Batista, mas é mais provável que trate-se do próprio testemunho e comentário de João, o autor do Evangelho.

João começa por afirmar a supremacia de Jesus. Se quisermos uma informação, devemos nos dirigir à pessoa que possui essa informação. Se queremos receber informação a respeito de uma família, só a obteremos de primeira mão se a solicitarmos de um membro dessa família. Se queremos receber informação sobre uma cidade, só a teremos de primeira mão se dirigirmos a alguém que vem dessa cidade. Do mesmo modo, então, se queremos receber informação sobre Deus, só a obteremos do Filho de Deus. E se quisermos informação sobre o céu e a vida que se leva ali, só a obteremos daquele que vem do céu. Quando Jesus fala do céu e das coisas celestiais, diz João, não se trata de uma versão de segunda mão, não é uma informação que provém de uma fonte secundária, nem de um conto ouvido por aí. Diz-nos o que ele mesmo viu e ouviu. Para dizê-lo com a maior simplicidade, porque Jesus é o único que conhece a Deus, é o único que pode nos dizer algo a respeito dele, e o que nos diz é conforme o evangelho.

A dor de João consiste em que há tão poucos que aceitam a mensagem que Jesus trouxe; mas quando um homem o aceita dá testemunho de que crê que a palavra de Deus é verdadeira. No mundo antigo, se um homem queria dar sua aprovação total de um documento, tal como um contrato, um testamento ou uma constituição, punha seu

selo no rodapé. O selo era o sinal de que estava de acordo com o conteúdo e era considerado legal, obrigatório e verdadeiro. Do mesmo modo, quando alguém aceita a mensagem de Jesus, afirma, testemunha e concorda que crê que o que Deus diz é verdadeiro.

João continua: podemos crer o que Jesus diz, porque nele Deus derramou o Espírito em toda sua medida, sem regatear nada. Inclusive os judeus diziam que os profetas recebiam de Deus *uma certa medida do Espírito*. A medida total do Espírito Deus reservava para seu escolhido. Agora, dentro do pensamento hebraico, o Espírito tinha duas funções a cumprir: em primeiro lugar, revelava a verdade de Deus aos homens; e, em segundo lugar, permitia aos homens reconhecer e compreender essa verdade quando a recebiam. De maneira que dizer que o Espírito estava em Jesus era a forma mais completa possível de dizer que conhece e compreende em forma perfeita a verdade de Deus. Para dizê-lo com outras palavras: ouvir a Jesus é ouvir a própria voz de Deus.

Por último, João volta a pôr os homens frente à opção eterna. Essa opção é a vida ou a morte. Esta opção se apresentou ao Israel ao longo de toda a história. Deuteronômio registra as palavras do Moisés: “Vê que proponho, hoje, a vida e o bem, a morte e o mal ... Os céus e a terra tomo, hoje, por testemunhas contra ti, que te propus a vida e a morte, a bênção e a maldição; escolhe, pois, a vida, para que vivas, tu e a tua descendência” (Deuteronômio 30:15-20). Josué reiterou o desafio: “Escolhei, hoje, a quem sirvais” (Josué 24:15).

Tem-se dito que toda a vida de um homem se concentra quando chega a uma encruzilhada. Mais uma vez João volta para seu pensamento preferido. O que importa é a reação que o homem tenha frente a Jesus. Se essa reação for o amor e o desejo, esse homem conhecerá a vida. Se for a indiferença e a hostilidade, esse homem conhecerá a morte. Deus lhe ofereceu amor; ao rechaçá-lo, ele se condenou. Não se trata de que Deus tenha feito descer sua ira sobre ele; é que ele atraiu essa ira sobre si.

João 4

Rompendo barreiras - 4:1-9

A água viva - 4:10-15

Confrontando a verdade - 4:16-21

A adoração verdadeira - 4:22-26

Compartilhando o assombro - 4:27-30

A comida que mais satisfaz - 4:31-34

O semeador, a colheita e os ceifeiros - 4:35-38

O Salvador do mundo - 4:39-42

O argumento incontestável - 4:43-45

A fé de um oficial do rei - 4:36-54

ROMPENDO BARREIRAS**João 4:1-9**

Em primeiro lugar, situemo-nos no ambiente desta cena. A região da Palestina só tem 200 quilômetros do Norte ao Sul. Porém, na época de Jesus, dentro desses 200 quilômetros havia três divisões muito claras. No Norte estava Galiléia, no Sul Judéia, e no meio Samaria. Nesta etapa de seu ministério Jesus não queria ver-se envolto em uma controvérsia sobre o batismo, de maneira que decidiu abandonar no momento a Judéia e transladar suas atividades a Galiléia. Entre os judeus e os samaritanos havia uma inimizade de séculos, cujas causas veremos imediatamente. Mas, apesar de tudo, a forma mais rápida de passar da Judéia a Galiléia era atravessar Samaria. A viagem da Judéia a Galiléia se podia fazer em três dias, se se passava por Samaria. A outra possibilidade era cruzar o Jordão, subir pela costa Leste do rio, não entrar em Samaria, voltar a cruzar o Jordão, ao norte de Samaria e então entrar na Galiléia. É obvio que esta rota levava o dobro de tempo. De maneira que Jesus tinha que passar por Samaria se queria ir a Galiléia pelo caminho mais curto.

No caminho chegaram à cidade de Sicar. Perto de Sicar o caminho a Samaria se bifurca. Um dos caminhos se dirige ao Noroeste, a

Scitópolis; o outro vai primeiro para o Oeste, a Nablus e depois para o Norte, a Enganim. Justo na bifurcação do caminho está até o dia de hoje o poço que se conhece pelo nome de poço de Jacó. Tratava-se de uma zona muito rica em lembranças judaicas. Aí havia uma parte de terra que Jacó tinha comprado (Gênesis 33:18-19). Em seu leito de morte, Jacó deixou essa terra a José (Gênesis 48:52). E, depois da morte de José no Egito, levaram seu corpo a Palestina e o ali o sepultaram (Josué 24:32) De maneira que se reuniam muitas lembranças judaicas em torno desta zona. O poço tinha mais de trinta metros de profundidade. Não se trata de uma vertente; é um poço no qual se filtra a água e ali se junta. Mas não resta dúvida de que se tratava de um poço do qual ninguém podia tirar água se não tinha algo com o que fazê-lo.

Quando Jesus e seu pequeno grupo chegaram à bifurcação dos caminhos, Jesus se sentou para descansar pois estava cansado da viagem. Era meio-dia. O dia judaico vai das seis da manhã até as seis da tarde e a hora sexta são as doze do meio-dia. De maneira que o calor chegou a seu grau máximo, e Jesus se sentia fatigado e sedento pela marcha. Seus discípulos foram comprar alguma comida na aldeia samaritana. Algo deve ter começado a acontecer. Antes de encontrar-se com Ele é muito pouco provável que lhes houvesse sequer ocorrido comprar comida em alguma população samaritana. Pouco a pouco, até possivelmente de maneira inconsciente, estavam quebrando as barreiras.

De maneira que, enquanto Jesus estava sentado, uma mulher samaritana se aproximou do poço. Por que teria que vir a esse poço, é algo misterioso, visto que estava a quase um quilômetro de Sicar onde deve ter vivido, e ali havia água. Pode ser que tenha sido um pária moral de tal calibre que até as mulheres da aldeia a expulsavam do poço do lugar e tinha que ir até ali para tirar água? Jesus lhe pediu que lhe desse água para beber. A mulher se voltou surpreendida. "Eu sou samaritana", disse. "Você é judeu. Como é que me pede que te dê água para beber?"

E então João passa a explicar aos gregos, para aqueles que escrevia o Evangelho, que não havia nenhum tipo de intercâmbio entre judeus e

samaritanos. Não resta dúvida que o que temos no texto não é mais que o resumo mais breve possível do que deve ter sido uma longa conversação. É evidente que houve muito mais neste encontro do que se registra aqui. Se nos permite usar uma analogia, isto é como a minuta de uma reunião de uma comissão em que só se registram os pontos mais importantes. Creio que a mulher samaritana deve ter aberto sua alma ao estrangeiro. De que outra forma Jesus pode ter-se informado a respeito de seus complicados problemas domésticos? Era uma das contadas vezes em sua vida em que encontrava a alguém em cujo olhar havia amabilidade em lugar de uma superioridade crítica; e lhe abriu seu coração.

Há poucos relatos do Evangelho que mostrem tanto sobre a personalidade de Jesus como este.

(1) Mostra-nos o caráter real de sua humanidade. Jesus se sentia cansado pelo caminho, e se sentou junto ao poço, esgotado.

É muito significativo que João, que sublinha a absoluta deidade do Jesus Cristo mais que qualquer dos outros evangelistas, também sublinhe a fundo sua humanidade. João não nos apresenta um personagem livre do cansaço e esgotamento, o esforço e a luta próprios de nosso caráter humano. Mostra a alguém para quem a vida era um esforço, tal como o é para nós; mostra a alguém que também se sentia cansado e que também devia prosseguir.

(2) Mostra-nos a calidez de sua compaixão. A mulher samaritana teria fugido envergonhada de um líder religioso qualquer, de um dos líderes eclesiásticos ortodoxos da época. Ela o teria evitado. Se por uma casualidade muito pouco provável um deles lhe tivesse dirigido a palavra, ela o teria enfrentado com um silêncio envergonhado e até hostil. Mas para Jesus foi a coisa mais natural do mundo falar com esta mulher. Por fim tinha encontrado alguém que não era um juiz, mas um amigo, alguém que não condenava, mas sim compreendia.

(3) Mostra a Jesus como alguém que rompe barreiras. A luta entre judeus e samaritanos era uma história muito, muito velha. Em 722 A. C. os assírios tinham invadido, capturado e subjogado o reino de Samaria,

no Norte. Fizeram o que costumavam fazer os conquistadores naquela época: transladaram quase toda a população a Média (2 Reis 17:6). E trouxeram para esse lugar gente de Babilônia, de Cuta, da Ava, de Hamate e de Sefarvaim (2 Reis 17:24). Agora, é impossível transladar a todo um povo. Alguns dos habitantes do reino do Norte ficaram nesse mesmo lugar. Como é inevitável, começaram a casar-se com os estrangeiros; e nessa forma cometeram um pecado que é imperdoável para qualquer judeu. Perderam sua pureza racial.

Até o dia de hoje, em uma família judia ortodoxa, se um filho ou uma filha se casa com um gentio, celebra-se seu funeral. Essa pessoa está morta aos olhos do judaísmo ortodoxo. De maneira que a grande maioria dos habitantes de Samaria e do reino do Norte foram a Média. Jamais voltaram; foram assimilados ao lugar onde foram levados e são as dez tribos perdidas. Os que permaneceram no país se casaram com estrangeiros que chegaram e perderam o direito de ser chamados judeus.

Depois de um tempo, o reino do Sul, cuja capital era Jerusalém, sofreu uma invasão e uma derrota semelhantes. Também os seus habitantes foram levados a Babilônia; mas não perderam sua identidade; permaneceram inalteravelmente judeus. Depois vieram os dias de Esdras e Neemias e os exilados voltaram para Jerusalém graças ao rei da Pérsia. Sua tarefa imediata foi reparar e reconstruir o templo, que estava destruído. Os samaritanos vieram a oferecer sua ajuda para esta tarefa sagrada. Sua ajuda foi orgulhosamente rechaçada. Tinham perdido sua herança judaica e não tinham nenhum direito de compartilhar a reconstrução da casa de Deus. Indignados por este rechaço, voltaram-se com amargura contra os judeus de Jerusalém. Essa briga ocorreu ao redor do ano 450 A. C. e nos dias de Jesus aquela inimizade era tão profunda como sempre.

Agravou-se quando o judeu renegado Manassés se casou com a filha do samaritano Sambalate (Neemias 13:28) e se dedicou a construir um templo que rivalizava com o de Jerusalém, no monte Gerizim que estava no centro do território samaritano e que é ao que se refere a

mulher samaritana. Mais tarde, na época dos Macabeus, no ano 129 A. C., o general e caudilho judeu João Hircano comandou um ataque contra Samaria e saqueou e destruiu o templo do monte Gerizim.

Havia um profundo ódio entre judeus e samaritanos. Os judeus os chamavam depreciativamente *chutitas*, que era o nome de um dos povos que tinham instalado os assírios nessa região. Os rabinos judeus diziam: "Nenhum homem deve comer o pão dos *chutitas* porque quem come de seu pão é como aquele que come carne de porco." O Eclesiástico mostra Deus dizendo: "Há duas nações que minha alma detesta, e uma terceira nem sequer é nação: os habitantes de Seir, os filisteus e o povo estúpido que mora em Siquém" (Eclesiástico 50:25-26, Bíblia de Jerusalém).

Siquém era uma das mais famosas cidades samaritanas. O ódio era devolvido com interesse. Conta-se que o rabino Jocanáan passava por Samaria quando ia orar a Jerusalém. Passou pelo monte Gerizim. Viu-o um samaritano e lhe perguntou: "Para onde vai?" "Vou a Jerusalém", disse, "a orar." O samaritano respondeu: "Não seria melhor que orasse nesta montanha Santa (o monte Gerizim) antes que nessa casa maldita?" Os peregrinos que foram da Galiléia a Jerusalém deviam passar por Samaria se, como vimos, viajavam pela rota mais rápida; e os samaritanos sentiam prazer em lhes obstar o caminho.

A desavença entre judeus e samaritanos tinha mais de 400 anos. Mas se desenvolvia com o mesmo ressentimento e amargura de sempre. Não é surpreendente que a mulher samaritana sentisse algo estranho quando Jesus, um judeu, falou com ela, uma samaritana.

(4) Mas havia até outra forma em que Jesus estava derrubando barreiras. A samaritana era uma mulher. Os rabinos estritos proibiam que um rabino saudasse uma mulher em público. Um rabino nem sequer podia falar em público com sua própria mulher, sua filha ou sua irmã. Até havia fariseus ao quais se apelidavam: "Os fariseus machucados e sangrantes" porque fechavam os olhos quando viam uma mulher pela rua e assim batiam a cabeça em paredes e casas! Para um rabino o fato que o vissem falando em público com uma mulher significava o fim de sua

reputação, e entretanto, Jesus falou com esta mulher. Não só era mulher; tratava-se de uma mulher cuja personalidade era muito conhecida. Nenhum homem decente, e menos um rabino, deixou-se ver em sua companhia ou falando com ela; mas Jesus sim.

Para um judeu este relato era surpreendente. Aqui estava o Filho de Deus cansado, esgotado e sedento. Aqui estava o mais santo dos homens ouvindo compreensivamente uma triste historia. Aqui estava Jesus rompendo as barreiras do nacionalismo e do costume judaico ortodoxo. Aqui está o começo da universalidade do evangelho; aqui está Deus amando o mundo de tal maneira, não em teoria, mas em ação.

A ÁGUA VIVA

João 4:10-15

Devemos notar que esta conversação com a mulher samaritana segue exatamente o mesmo esquema que a conversação com Nicodemos. Jesus faz uma afirmação. A afirmação não se entende e pe tomada em um sentido incorreto. Jesus repete a afirmação de maneira ainda mais clara. Volta a ser mal compreendida; e então Jesus obriga a pessoa com quem está falando a descobrir e enfrentar a verdade por si mesma. Essa era a forma como Jesus costumava ensinar; e era uma forma muito efetiva, porque, como disse alguém: "Há certas verdades que o homem não pode *aceitar*; deve *descobri-las por si mesmo*".

Tal como fez Nicodemos, a mulher tomou as palavras de Jesus em seu sentido literal, quando devia compreendê-las no plano espiritual. Jesus falou de *água viva*. Agora, na linguagem comum, para o judeu *água viva* significava *água corrente*. Tratava-se da *água* que fluía em um arroio, por oposição à *água estancada* em uma cisterna ou em um pântano. Como já vimos, este *poço* não era um lugar onde houvesse *águas vivas*, mas sim a *água* se filtrava de uma capa subterrânea. Para o judeu, a *água viva, corrente*, de um arroio sempre era a melhor. De

maneira que o que a mulher disse foi: "Oferece-me água pura de um arroio. De onde a tirará?" e passou a falar de "nosso pai Jacó".

É obvio, os judeus teriam negado com a maior ênfase que Jacó foi o pai dos samaritanos, mas uma das coisas que afirmavam os samaritanos era que descendiam de José, filho de Jacó, por Efraim e Manassés. Em realidade, a mulher diz a Jesus: "Esta é uma conversação blasfema. Nosso grande antepassado Jacó, ao vir a este lugar, teve que cavar este poço para obter água para sua família e seus animais. "Pretende ser capaz de tirar água fresca e corrente de um arroio? Se for assim, pretende ser mais sábio e poderoso que Jacó. Isso é algo que ninguém tem o direito de afirmar".

Quando a pessoa ia viajar costumava levar um balde feito com a pele de algum animal para poder tirar água de qualquer poço junto ao qual se detivessem. Não resta dúvida de que o grupo de Jesus tinha um desses baldes; e tampouco resta dúvida de que os discípulos o tinham levado a aldeia. A mulher viu que Jesus não tinha esse balde de couro dos viajantes e então volta a dizer: "Não precisa falar de tirar água e me dar água. Vejo com meus próprios olhos que você não tem balde com que tirar a água".

H. B. Tristram começa seu livro *Eastern Customs in Bible Lands* (Costumes orientais nas terras bíblicas) com esta experiência pessoal. Estava sentado junto a um poço na Palestina ao lado do cenário da estalagem que aparece na história do Bom Samaritano.

"Uma mulher árabe desceu da serra para tirar água; desdobrou e abriu sua bolsa de couro de cabra, depois desatou uma corda e a atou a um balde muito pequeno de couro que levava consigo; com este balde encheu o couro muito lentamente, atou-lhe a boca, o pôs sobre o ombro e, com o balde na mão, subiu a costa. Fiquei pensando na mulher de Samaria junto ao poço de Jacó, quando um árabe que viajava a pé, subindo a íngreme ladeira que vem de Jericó, com calor e cansado da viagem, desviou-se até o poço, ajoelhou-se e olhou para baixo com ansiedade. Mas não tinha 'com o que tirá-la e o poço era fundo'. Passou a boca pela umidade que tinha deixado a

água que derramou a mulher que veio antes dele e, desiludido, prosseguiu em seu caminho”.

Isso era exatamente no que estava pensando a mulher quando disse a Jesus que não tinha com o que tirar a água das profundidades do poço.

Mas os judeus empregavam a palavra *água* em outro sentido. Estavam acostumados a falar da *sede* de Deus que a alm sentia; e muito freqüentemente falavam de acalmar essa sede com *água viva*. Jesus não estava usando expressões incompreensíveis. Estava empregando palavras que qualquer que tivesse percepção espiritual deveria ter compreendido.

No Apocalipse a promessa é: “Eu, a quem tem sede, darei de graça da fonte da água da vida” (Apoc. 21:6). O Cordeiro os conduzirá a fontes de água da vida (Apoc. 7:17). A promessa era que o povo escolhido tiraria com alegria águas das fontes da salvação (Isaías 12:3). O salmista falava de sua alma sedenta do Deus vivo (Salmo 42:1). A promessa de Deus era: “Porque derramarei água sobre o sedento” (Isaías 44:3). O chamado dizia que todo aquele que estivesse sedento devia ir às águas e beber gratuitamente (Isaías 55:1). Jeremias se queixava de que o povo tinha abandonado a Deus, fonte de água viva, e havia cavado para si cisternas rotas que não podiam conter a água (Jer. 2:13). Ezequiel teve sua visão do rio da vida (Ez. 47:1-12). No novo mundo haveria um manancial aberto para a purificação (Zac. 13:1). As águas sairiam de Jerusalém (Zac. 14:8).

Às vezes os rabinos identificavam esta água viva com a sabedoria da Lei; outras vezes a identificavam nada menos que com o Espírito Santo de Deus. Toda a linguagem pictórica religiosa dos judeus estava cheio desta idéia da sede da alma que só podia satisfazer-se com a água viva que era o dom de Deus. Mas a mulher preferiu entender estas palavras na mais crua forma literal. Era cega porque não queria ver.

Mas Jesus passou a fazer uma afirmação ainda mais surpreendente. Disse que ele podia lhe dar água viva que lhe tiraria a sede para sempre. Mais uma vez mais a mulher tomou ao pé da letra; mas de fato era nada

menos que uma afirmação messiânica. Na visão profética da época por vir, da idade de Deus, prometia-se: "Não terão fome nem sede" (Isaías 49:10). Deus e ninguém mais, possuía a fonte viva da água que saciava toda sede. "Contigo está o manancial da vida", tinha exclamado o salmista (Salmos 36:9). O rio da vida sairá do mesmo trono de Deus (Apocalipse 22:1). O Senhor é a bebedouro viva (Jeremias 17:13). Na época messiânica o lugar seco se converterá em lago e o deserto em mananciais de água (Isaías 35:7). Quando Jesus dizia que trazia para os homens a água que apaga para sempre toda sede, não fazia mais que afirmar que era o Ungido de Deus que teria que introduzir a nova era.

Mais uma vez a mulher não o viu. E, segundo minha opinião, esta vez falou em brincadeira, como seguindo a onda com alguém que estava um tanto louco. "Dê-me dessa água", disse, "assim não voltarei a ter sede e não precisarei caminhar até o poço todos os dias". Estava zombando com um tipo de sarcástico menosprezo das coisas eternas.

No coração de tudo isto se encontra a verdade fundamental de que no coração humano há uma sede de algo que só Jesus Cristo pode satisfazer.

Em um de seus livros, Sinclair Lewis apresenta um respeitável pequeno comerciante que se anima a expressar esta grande verdade. Está falando com a moça que ama. Ele diz: "Por fora todos parecemos muito diferentes; mas muito no fundo somos todos iguais. Os dois nos sentimos muito infelizes por algo, e não sabemos o que é."

Em todo homem existe esse desejo insatisfeito e sem nome; esse vazio descontente; essa carência; essa frustração; esse desejo que às vezes faz com que alguém encolha os ombros, sem saber por que.

Em *Sorrel and Son* (Sorrel e filho), Warwick Deeping apresenta um diálogo entre Sorrel e seu filho. O moço está falando sobre a vida. Diz que é como caminhar tateando em uma névoa encantada. A névoa se abre por um momento; a gente vê a Lua ou o rosto de uma garota; a gente pensa que quer a Lua ou o rosto; e depois a névoa volta a baixar, e o deixa a alguém procurando algo que não sabe muito bem o que é.

Agostinho fala de "nossos corações que estão inquietos até que descansam em ti". Um elemento da situação humana é o fato que não podemos encontrar a felicidade nas coisas que essa situação humana nos oferece. Jamais estamos a salvo do desejo de eternidade que Deus pôs na alma do homem. Existe uma sede que só podem aplacar as águas da eternidade, e que só Jesus Cristo pode satisfazer.

CONFRONTANDO A VERDADE

João 4:15-21

Vimos como a mulher, com certa frivolidade e como, em brincadeira, pediu a Jesus que lhe desse a água viva para que não voltasse a ter sede e para ver-se livre de ter que fazer a cansativa caminhada até o poço. E depois, de repente, e com toda crueldade, Jesus a fez voltar à realidade. Tinha passado o momento de brincar com as palavras, o momento das brincadeiras. "Vê", disse Jesus, "procure o seu marido e volte com ele." A mulher ficou paralisado como se tivesse experimentado uma dor repentina; crispou-se como se tivesse recebido um golpe, ficou tão pálida como alguém que vê uma visão; e isso era o que lhe havia acontecido, porque *de repente se viu si mesma*. Nesse momento se viu obrigada a enfrentar-se a si mesmo e à ligeireza e imoralidade e a absoluta falta de dignidade de sua vida.

No cristianismo há duas revelações: a revelação de Deus e a revelação de nós mesmos. Ninguém se vê realmente a si mesmo até que não vá por si mesmo à presença de Cristo; e então o que vê o deixa aturdido. Para expressá-lo de outro modo: o cristianismo começa com um sentido de pecado. Começa com uma repentina tomada de consciência de que a vida, tal como a estamos vivendo, não nos leva a lugar nenhum. Despertamos a nós mesmos e despertamos a nossa necessidade de Deus.

Alguns têm sustentado, devido a esta menção dos cinco maridos, que este relato não ocorreu em realidade mas se trata de uma alegoria.

Vimos que quando os habitantes primitivos de Samaria foram exilados e transportados a Média, vieram outros cinco povos a esse lugar. Nesse relato lemos que cada um destes povos trouxe consigo seus próprios deuses (2 Reis 17:29); e se tem sustentado que a mulher representa Samaria; os cinco maridos representam aos cinco falsos deuses com aqueles que por assim dizer, casaram-se os samaritanos. O sexto marido representaria o Deus verdadeiro; mas, como disse Jesus, adoram-no, não na verdade, mas em ignorância; e portanto não estão casados com Ele. Pode ser que neste relato, haja uma referência à infidelidade dos samaritanos para com Deus; mas a história é muito vívida para que se trate de uma alegoria elaborada. É muito parecida à vida real.

Alguém afirmou que a profecia é a crítica apoiada na esperança. Um profeta assinala a um homem ou a uma nação o que está mal, mas não o faz para provocar o desespero neles e sim para lhes indicar o caminho da emenda e da retidão de vida. Do mesmo modo, Jesus começou por assinalar a esta mulher sua situação pecaminosa; mas passou a falar-lhe da verdadeira adoração em que nossas almas podem encontrar a Deus.

A pergunta da mulher nos soa como algo estranho. Diz, e não há dúvida de que se sente turvada ao dizê-lo: "Nossos pais dizem que devemos adorar aqui, no monte Gerizim; você diz que devemos adorar em Jerusalém; o que devo fazer?"

Os samaritanos adaptavam a história como mais lhes convinha. Ensinavam que tinha sido no monte Gerizim onde Abraão tinha estado disposto a sacrificar a Isaque. Ensinavam que aí era onde Melquisedeque tinha aparecido a Abraão. Afirmavam que Moisés tinha edificado um altar pela primeira vez no monte Gerizim e tinha devotado sacrifícios a Deus quando o povo entrou na terra prometida, o que na verdade tinha acontecido no monte Ebal (Deuteronômio 27:4). Manipulavam o texto das Escrituras e a história para dar glória ao monte Gerizim. A mulher tinha sido educada na consideração do monte Gerizim como o mais sagrado dos lugares e no desprezo por Jerusalém.

Agora, o que ela estava pensando era o seguinte. Estava dizendo em seu íntimo: "Sou uma pecadora perante Deus; devo fazer uma oferta a Deus por meu pecado; devo levar essa oferta à casa de Deus para me justificar perante seus olhos; onde tenho que levá-la?" Para ela, como para todos seus contemporâneos, a única forma de apagar o pecado era o sacrifício. Seu grande problema era onde oferecer esse sacrifício. Neste momento não está discutindo os méritos do templo do monte Gerizim e os do templo do monte Sião; tudo o que quer saber é: Onde posso encontrar a Deus?

A resposta de Jesus foi que estava chegando a seu fim a época das velhas rivalidades fabricadas pelos homens; e estava chegando o momento em que o homem encontraria a Deus em todas partes. Sofonias tinha tido a visão de que todos as pessoas adorariam a Deus "cada uma do seu lugar" (Sofonias 2:11). Malaquias tinha sonhado que em todos os lugares se ofereceria incenso como oferta limpa em nome de Deus (Malaquias 1:11). A resposta que Jesus deu à mulher foi que não tinha que ir a nenhum lugar especial para encontrar a Deus, nem ao monte Gerizim nem ao monte Sião; que não tinha necessidade de oferecer sacrifício em algum lugar especial. A resposta de Jesus foi que a verdadeira adoração encontra a Deus em todas partes.

A ADORAÇÃO VERDADEIRA

João 4:22-26

Jesus havia dito à mulher samaritana que as velhas rivalidades estavam em vias de desaparecer, que estava chegando o dia em que a controvérsia a respeito dos respectivos méritos do monte Gerizim e do monte Sião seria algo sem pertinência; que aquele que na verdade procurasse a Deus o encontraria em qualquer parte. Mas apesar de tudo isso, Jesus sublinhou o fato de que o povo judeu ocupava um lugar único no plano e na revelação de Deus.

Diz que os samaritanos adoram em ignorância. Em um sentido isso é verdade. Os samaritanos só aceitavam o Pentateuco, os cinco primeiros livros do Antigo Testamento. Rechaçavam todo o resto do Antigo Testamento. Portanto, tinham rechaçado todas as grandes mensagens dos profetas e toda a devoção suprema dos Salmos. De fato, possuíam uma religião truncada, porque sua Bíblia era uma Bíblia truncada; de fato, tinham rechaçado o conhecimento que estava a seu alcance e que poderiam ter possuído. Mais ainda, os rabinos judeus sempre tinham acusado os samaritanos de professar nada mais que uma adoração supersticiosa do Deus verdadeiro. Sempre repetiam que a adoração dos samaritanos não se apoiava no amor e o conhecimento e sim na ignorância e o temor.

Como já vimos, quando estes povos estrangeiros foram viver a Samaria, levaram com eles seus próprios deuses (2 Reis 17:19). Diz que um sacerdote do Betel foi dizer-lhes como tinham que temer ao Senhor (2 Reis 17:28). Mas, de fato, o mais provável é que se limitaram a agregar Jeová à sua lista de deuses porque sentiam um temor supersticioso de excluí-lo. Depois de tudo, era o Deus da terra onde viviam e podia ser perigoso não incluí-lo na adoração.

Assim, pois, em uma adoração falsa podemos detectar três falhas.

(1) Uma adoração falsa seleciona o que quer saber e entender a respeito de Deus e omite o que não quer. Os samaritanos tomavam o que queriam das Escrituras e não prestavam atenção ao resto. Uma das coisas mais perigosas do mundo é uma religião parcial. É muito fácil aceitar e crer nas verdades de Deus que convêm e não prestar nenhuma atenção ao resto.

Vimos, por exemplo, que há pensadores, homens de igreja e políticos que justifiquem o *apartheid* e a segregação racial apelando a algumas passagens das Escrituras, enquanto esquecem com toda conveniência as partes muito mais numerosas que o proíbem.

Em uma grande cidade houve um ministro que organizou um petição para ajudar a um homem a quem se condenou por certo delito. Pareceu-lhe que se tratava de uma circunstância na qual devia intervir a misericórdia cristã. Soou o telefone e uma voz de mulher lhe disse: “Sinto-me sobressaltada de que você, um ministro, brinde sua ajuda para esta petição de misericórdia”. “Por que teria que sentir-se surpreendida?” perguntou o ministro. A voz disse: “Suponho que você conhece sua Bíblia espero”, respondeu ele. “Então”, disse a voz, “não sabe que a Bíblia diz ‘Olho por olho e dente por dente’?”

Aqui temos a uma mulher que tomava a parte da Bíblia que lhe convinha nesse momento e se esquecia do grande ensino de misericórdia que Jesus impartiu no Sermão da Montanha. Faríamos bem em recordar que, embora nenhum homem conseguirá chegar jamais à verdade absoluta, devemos tender para ela, e não pegar fragmentos que se encaixam a nossas necessidades e a nossa situação.

(2) Uma adoração falsa é uma adoração ignorante. A adoração deveria ser a aproximação a Deus por parte do homem total. O homem tem uma mente e tem o dever de fazê-la trabalhar. A religião pode começar com uma resposta emocional; mas chega o momento em que terá que pensar essa resposta emocional.

E. F. Scott disse que a religião é muito mais que um mero exercício forçado do intelecto mas que, de todos os modos, uma grande parte do fracasso religioso não se deve a outra coisa que à preguiça intelectual. Deixar de pensar as coisas é um pecado. Em última instância a religião não está a salvo até que o homem possa dizer, não só o que crê, mas também por que crê. A religião é esperança, mas é uma esperança sustentada pela razão (1 Pedro 3:15).

(3) Uma adoração falsa é uma adoração supersticiosa. É uma adoração que se faz não por um sentimento de necessidade nem por algum desejo autêntico, a não ser, basicamente, porque o homem teme que poderia ser perigoso não oferecer essa adoração. Mais de uma pessoa se negará a passar debaixo de uma escada; muita gente se sentirá

satisfeita quando um gato preto lhe cruza o caminho; muitos recolhem um alfinete convencidos de que lhes trará boa sorte; mais de uma pessoa se sentirão incômodas quando houver treze sentados na mesma mesa onde ele está. Não crê nestas superstições mas sente que pode haver algo de verdade nelas e que é melhor estar a salvo. Muita gente apóia sua religião em um vago temor do que poderia acontecer se não prestarem atenção a Deus. Mas a verdadeira religião não se apóia no medo, e sim no amor a Deus em gratidão pelo que tem feito, e no desejo de estar com Deus para poder achar a vida. Há muita religião que é uma espécie de ritual supersticioso para evitar a possível ira dos deuses imprevisíveis.

Assim, Jesus assinalou a verdadeira adoração. Deus — disse — é Espírito. No momento que um homem compreende isto, uma luz potente o invade. Se Deus for Espírito, não está limitado às coisas; e portanto, a adoração de ídolos não só é algo inútil, mas também é um insulto à própria natureza de Deus. Se Deus for Espírito, não está limitado a *lugares*; de maneira que limitar a adoração de Deus a Jerusalém ou a qualquer outro lugar é pôr limite a algo que por sua própria natureza ultrapassa todo limite. Se Deus for Espírito, os dons que alguém lhe oferece devem provir do espírito. Os sacrifícios animais, as coisas feitas pelos homens resultam insuficientes e inadequadas. Os únicos dons que se ajustam à natureza de Deus são os dons do espírito — o amor, a lealdade, a obediência e a devoção. O espírito do homem é sua parte superior. Isso é o que permanece quando a parte física desapareceu. Essa é a entidade que sonha os sonhos e vê as visões, que, devido à debilidade e às falhas do corpo e da parte física do homem, podem não cumprir-se. O espírito do homem é a fonte e origem de seus sonhos, pensamentos, ideais e desejos. A adoração autêntica, genuína, dá-se quando o homem, através de seu espírito, chega à amizade e intimidade com Deus. A adoração genuína e autêntica não consiste em chegar a um lugar determinado; nem em passar por um ritual ou liturgia determinados; nem sequer significa trazer certos dons. A adoração autêntica se dá quando o

espírito, a parte imortal e invisível do homem, encontra-se e fala com Deus, que é imortal e invisível.

Assim, pois, esta passagem termina com a grande declaração. Ante os olhos dessa mulher samaritana se apresentou uma visão que a assustou e a intrigou. Havia coisas que estavam além de sua capacidade de compreensão, coisas cheias de mistério. Tudo o que pôde dizer foi: "Quando vier o Messias, o Cristo, o Ungido de Deus, Ele nos declarará todas as coisas". Jesus lhe disse: "Eu sou, que fala contigo". É como se houvesse dito: não se trata de um sonho da verdade, é a própria verdade.

COMPARTILHANDO O ASSOMBRO

João 4:27-30

Não é estranho que os discípulos se sentissem assombrados e intrigados quando ao voltar de sua tarefa na cidade de Sicar, encontraram a Jesus falando com a mulher samaritana. Já vimos a idéia que tinham os judeus sobre a mulher. O preceito rabínico dizia: "Que ninguém fale com uma mulher na rua, nem sequer com sua própria esposa". Os rabinos desprezavam a mulher e a consideravam incapaz de receber qualquer tipo de ensino, por isso diziam: "É melhor queimar as palavras da lei antes que dá-las às mulheres". Uma de suas frases comuns era: "Cada vez que um homem prolonga sua conversação com uma mulher faz mal a si mesmo, deixa de cumprir a Lei e por último herda o Geena". Segundo as pautas rabínicas, Jesus não poderia fazer algo menos ortodoxo que falar com essa mulher. Aqui vemos Jesus derrubando barreiras.

Depois vem um detalhe curiosamente revelador. É algo que não poderia provir de alguém que não tivesse compartilhado esta cena. Por mais surpreendidos que estivessem os discípulos não tiveram a idéia de perguntar à mulher o que procurava, ou de perguntar a Jesus por que estava falando com ela. Estavam começando a conhecer a Jesus. E já tinham chegado à conclusão de que por surpreendentes que fossem seus

atos, se ele os fazia, não tinha que serem questionados. A pessoa deu um grande passo ao discipulado quando aprendeu a dizer: "Quem sou eu para questionar as atitudes e as exigências de Jesus. Meus preconceitos e convenções devem desaparecer ante seus atos e mandamentos".

A esta altura, a mulher já estava a caminho da aldeia sem seu cântaro. O fato de deixar o cântaro demonstra duas coisas. Demonstra que tinha pressa em compartilhar essa experiência extraordinária e que não sonhava em fazer outra coisa senão retornar ao mesmo lugar. Toda a atitude desta mulher samaritana nos diz muito a respeito da experiência cristã autêntica.

(1) Sua experiência começou ao ver-se obrigada a confrontar-se consigo mesma e ver-se tal qual era. O mesmo aconteceu com Pedro. Depois da pesca milagrosa, quando Pedro descobriu algo da majestade de Jesus, tudo o que pôde dizer foi: "Senhor, retira-te de mim, porque sou pecador" (Lucas 5:8). Mais de uma vez nossa experiência cristã começará com uma desagradável sensação de desgosto conosco mesmos. Em geral, a última coisa que vê o homem é a si mesmo. E em geral acontece que o primeiro que Cristo faz para ajudar a um homem é obrigá-lo a fazer o que esse mesmo homem se negou a fazer durante toda sua vida: ver-se a si mesmo.

(2) A mulher samaritana se sentiu esmagada pela capacidade de Cristo para ver em seu coração. Estava assombrada por seu íntimo conhecimento do coração humano, e de seu coração em particular. Ao salmista o espantava o mesmo pensamento: "De longe entendes o meu pensamento... Sem que haja uma palavra na minha língua, eis que, ó SENHOR, tudo conheces" (Salmo 139:1-4).

Conta-se que uma vez uma garotinha escutou um sermão de C. H. Spurgeon e ao finalizar, sussurrou a sua mãe: "Mamãe, como sabe ele o que acontece em casa?"

Não há nenhum disfarce nem cortina que seja impenetrável ao olhar de Cristo. Ele tem o poder de ver as profundezas do coração humano. Não se trata de que só veja o que tem de mal nesse coração; também vê o

herói dormido na alma de cada um dos homens. É como o cirurgião que vê o mal e o doente, mas que também vê a saúde que seguirá quando se tirar a parte má.

(3) O primeiro instinto da mulher samaritana foi compartilhar sua descoberta. Tendo descoberto a essa pessoa assombrosa, sentiu-se compelida a compartilhar com outros sua descoberta. A vida cristã se apóia nos pilares gêmeos da descoberta e da comunicação. Nenhum descobrimento é completo até que nossos corações se encham do desejo de compartilhá-lo, e não podemos comunicar a Cristo a outros até que o temos descoberto para nós mesmos. Os dois grandes passos da vida cristã são, em primeiro lugar, encontrar, e em segundo, dizer.

(4) Esse mesmo desejo de contar sua descoberta a outros, matou o sentimento de vergonha humana que a mulher experimentava. Sem dúvida se tratava de uma perdida; alguém que estava na boca do povo; o mesmo fato de que tirasse a água deste poço tão distante demonstra como evitava a companhia de suas vizinhas e como evitavam elas a sua. Mas agora correu a lhes contar experimentava. Uma pessoa pode ter algum problema que o faz sentir-se envergonhado e que o mantém em segredo, mas uma vez que se cura, freqüentemente se sente tão maravilhada e agradecida que o conta a todo o mundo. Um homem pode esconder seu pecado, mas uma vez que encontra a Jesus Cristo como Salvador, seu primeiro instinto é dizer a outros: "Vejam o que era, e olhem o que sou agora; isto é o que Cristo fez por mim".

A COMIDA QUE MAIS SATISFAZ

João 4:31-34

Mais uma vez, esta passagem segue a estrutura normal das conversações do quarto Evangelho. Jesus diz algo que se entende em um sentido equivocado. Diz algo que tem um significado profundo e espiritual. Em um primeiro momento toma ao pé da letra e logo vai mostrando gradualmente seu significado que por último se compreende.

Isto é o mesmo que fez Jesus quando falou com Nicodemos sobre o novo nascimento, e quando falou com a mulher sobre o água que acalmava a sede para sempre.

A esta altura dos acontecimentos, os discípulos tinham retornado com comida e pediam a Jesus que comesse. Tinham-no deixado tão cansado e exausto que se sentiam preocupados ao ver que não parecia sentir desejos de comer as provisões que tinham trazido. Sempre é surpreendente comprovar que uma tarefa grande pode elevar ao homem além das necessidades corporais.

Durante toda sua vida, Wilberforce, que libertou os escravos, foi um homem pequeno, insignificante e doentio. Quando se levantava para dirigir a palavra à Câmara dos Comuns, em um primeiro momento outros membros se riam perante esta pessoa estranha e pequena; mas quando o fogo e o poder o dominavam, estavam acostumados a alagar o recinto para ouvi-lo falar. Estavam acostumados a dizer: "O pequeno peixe se convertia em um baleia". Sua mensagem, sua tarefa, a chama da verdade, e o dinamismo do poder, conquistavam a sua debilidade física.

Há uma imagem do John Knox pregando quando era ancião. Era um homem acabado; estava tão fraco que quase tinham que levantá-lo até o púlpito e deixá-lo apoiado no suporte de livro. Mas antes de ter passado muito tempo a voz recuperava seu antigo ressonar como de trompetistas e parecia "que ia romper o púlpito em mil pedaços e saltar fora". A mensagem o enchia com uma espécie de força divina e sobrenatural.

A resposta de Jesus a seus discípulos foi que ele tinha uma comida da qual eles não sabiam nada. Em sua simplicidade, perguntaram entre si se alguém teria lhe trazido de comer. Então lhes disse: "Minha comida é fazer a vontade daquele que me enviou". A chave suprema da vida de Jesus é a submissão à vontade de Deus. O caráter único de Jesus reside no fato de que foi a única pessoa que sempre foi e será perfeitamente obediente à vontade de Deus. Pode-se dizer com exatidão que Jesus foi a

única pessoa em todo mundo que jamais fez o que quis, e que sempre fez o que Deus queria . Era o enviado de Deus.

Veja por outra, o quarto Evangelho diz que Jesus foi *enviado* por Deus. No quarto Evangelho há duas palavras gregas para expressar esta idéia. A palavra *apostellein*, que aparece dezessete vezes, e *pempein*, que ocorre vinte e sete vezes. Quer dizer que o quarto Evangelho diz, ou mostra a Jesus dizendo, não menos de quarenta e quatro vezes, que Jesus foi enviado por Deus. Era alguém que obedecia ordens. Era o homem de Deus. Logo, uma vez que veio, falou uma e outra vez, da obra que lhe foi encarregada. Em João 5:36 fala das obras que o Pai lhe deu para cumprir. Em 17:4 a única coisa que diz é que acabou a obra que o Pai lhe deu para cumprir. Quando fala de tirar e pôr sua vida, de viver e morrer, diz: "Este mandamento recebi de meu Pai" (10:18). Sempre fala, como neste caso, da vontade de Deus. "Eu desci do céu," diz, "não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou" (6:38). "Eu faço sempre", diz, "o que lhe agrada" (8:29). Em 14:23, valendo-se de sua experiência pessoal e de seu próprio exemplo, afirma que a única prova de amor é obedecer os mandamentos dAquele a quem se diz amar. Esta obediência de Jesus não era algo que brilhava em um momento e em outros morria. Não se tratava, como acontece conosco, de uma experiência espasmódica. Era a própria essência e o ser, o cerne e a medula, a dinâmica e a força que movia sua vida.

Seu grande desejo é que nós sejamos como Ele.

(1) Obedecer a vontade de Deus é o único caminho que nos conduzirá à paz. Não pode haver paz quando não estamos de acordo com o Rei do Universo.

(2) A obediência à vontade de Deus é o único caminho que nos conduzirá à felicidade. Não pode haver nenhum tipo de felicidade quando temos nossa ignorância humana contra a sabedoria de Deus.

(3) A obediência à vontade de Deus é o único caminho que nos permitirá alcançar poder. Quando seguimos nosso próprio caminho não podemos depender mais que de nossas forças, e portanto deprimimos em

forma inevitável. Quando seguimos o caminho de Deus, contamos com seu poder, e nessa forma nos asseguramos a vitória.

O SEMEADOR, A COLHEITA E OS CEIFEIROS

João 4:35-38

Tudo o que estava ocorrendo em Samaria tinha sugerido a Jesus a visão de um mundo que era preciso colher para Deus. Quando disse: "Ainda faltam quatro meses para a ceifa", não devemos pensar que se referia à época do ano que passava nesse momento em Samaria. Se fosse assim, teria sido em meados de janeiro. Não teria feito um calor exaustivo, a água não teria sido escassa, não teria havido necessidade de procurar um poço para encontrar água, teria sido a estação das chuvas, e a água teria abundado em todas partes. Jesus está citando um ditado popular. Os judeus dividiam o ano agrícola em seis partes. Cada divisão constava de dois meses: a época da sementeira, o inverno, a primavera, a época da colheita, o verão e a estação mais quente.

O que Jesus está dizendo é: "Vocês têm um ditado popular; se plantarem a semente, devem esperar pelo menos quatro meses para começar a colher". E depois Jesus levantou a vista. Sicar está em meio de uma região que ainda hoje é famosa por seu trigo. A terra apta para a agricultura é muito escassa na Palestina, lugar cheio de pedras e rochas. Quase em nenhum outro lugar do país se podiam ver campos de trigo. De maneira que Jesus passeou seu olhar e seu braço a seu redor. "Olhem", disse, "os campos estão brancos e preparados para a ceifa. Demoraram quatro meses em crescer; mas em Samaria há uma colheita que está pronta para segar *agora*". Jesus está pensando no *contraste* entre a natureza e a graça. Na colheita comum, os homens semeavam e esperavam; em Samaria as coisas tinham acontecido com tão divina celeridade que logo que foi semeada a palavra, a ceifa já estava esperando.

H. V. Morton faz uma sugestão muito interessante a respeito desta passagem sobre os campos brancos preparados para a colheita. Ele mesmo estava sentado neste lugar onde se encontrava o poço. Enquanto estava ali viu sair às pessoas da aldeia e começar a subir a costa. Vinham em pequenos grupos e vestiam túnicas brancas. Essas túnicas se destacavam contra a terra e o céu. Pode ser que justo neste momento do relato, o povo começou a dirigir-se para Jesus, em resposta ao anúncio da mulher. À medida que se moviam através dos campos com suas túnicas brancas, possivelmente Jesus disse: "Olhem os campos! Vejam agora! Estão brancos para a ceifa!" A multidão vestida de branco era a colheita que estava desejando segar para Deus.

De maneira que Jesus prosseguiu para demonstrar que o incrível tinha acontecido. O semeador e o ceifeiro podiam desfrutar ao mesmo tempo. Tratava-se de algo que ninguém podia esperar. Para o judeu, a época da semeadura era um momento duro, de trabalho; a época da alegria era o momento da ceifa.

“Os que com lágrimas semeiam com júbilo ceifarão. Quem sai andando e chorando, enquanto semeia, voltará com júbilo, trazendo os seus feixes” (Salmo 126:5-6). Mas aqui há algo mais que está escondido debaixo da superfície. Os judeus sonhavam com a idade de ouro, a idade por vir, a idade de Deus, quando o mundo seria o mundo de Deus, quando desapareceriam a dor e o pecado, e Deus reinaria supremo. Amós apresenta sua imagem dessa época: “Eis que vêm dias, diz o SENHOR, em que o que lavra segue logo ao que ceifa, e o que pisa as uvas, ao que lança a semente” (Amos 9:13). “A debulha se estenderá até à vindima, e a vindima, até à sementeira” (Levítico 26:5). Sonhava-se que nessa idade de ouro, a semeadura e a ceifa, a plantação e a colheita ocorreriam muito de perto. Haveria tal fertilidade que terminariam os dias em que era preciso esperar.

Vemos, pois, o que Jesus está fazendo aqui com todo amor. Suas palavras não fazem mais que afirmar que com ele amanheceu a idade de

ouro; o tempo de Deus está aqui; o tempo em que terminou a espera, foi dito a palavra, foi semeada a semente e a ceifa aguarda.

Mas havia outro aspecto; e Jesus sabia. "Há outro provérbio", disse, "e também diz a verdade: a gente semeia e outro ceifa". E passou a fazer duas aplicações do mesmo.

(a) Disse a seus discípulos que levantariam uma colheita que não se produziu por seu trabalho. Quis dizer que *ele* estava semeando a semente, que em sua cruz estava semeada toda a semente do amor e do poder de Deus, e que chegaria o dia em que seus discípulos percorreriam o mundo e recolheriam a ceifa que tinha semeado com sua vida, sua morte e sua cruz.

(b) Disse-lhes que chegaria o dia em que *eles* semeariam e seriam outros que fariam a ceifa. Chegaria um momento em que a Igreja cristã enviaria seus evangelistas; jamais veriam a colheita; alguns morreriam como mártires, mas o sangue dos mártires seria a semente da Igreja. É como se houvesse dito: "Algum dia vocês trabalharão e não verão o resultado de seu esforço. Algum dia semearão e irão do lugar antes que se levante a colheita. Não temam! Jamais se desanimem! A semeadura não se fará em vão; não se esbanjará a semente! Outros verão a colheita que vocês não verão".

De maneira que nesta passagem se apresentam duas coisas.

(1) Existe a *lembrança de uma oportunidade*. A colheita espera que a ceifem para Deus. Há momentos na história em que os homens estão curiosa e estranhamente sensíveis a Deus. Que tragédia seria que a Igreja cristã não ceifasse a colheita de Cristo!

(2) Existe a *lembrança de um desafio*. Muitos homens estão destinados a semear mas não a ceifar. Mais de um ministério tem êxito, não por seu próprio mérito e poder, mas graças a algum santo homem que viveu e pregou, morreu e deixou atrás de si uma influência que foi maior em sua ausência que em sua presença. São muitos os homens que devem trabalhar e jamais vêem os frutos de seus esforços.

Uma vez me levaram a visitar um lugar que era famoso por seus plantações. O dono amava a extensão que tinha plantado e conhecia os nomes de cada planta. Mostrou-me alguns brotos que demorariam vinte e cinco anos em crescer. Ele tinha quase setenta e cinco anos. Jamais veria a beleza dessas plantas, *mas alguém a veria*.

Nenhuma palavra pronunciada para Cristo, nenhuma tarefa feita em seu nome, fracassam jamais. Se nós não virmos os frutos de nossas obras, outros os verão. Na vida cristã não há lugar para o desespero.

O SALVADOR DO MUNDO

João 4:39-42

Nos eventos que tiveram lugar em Samaria temos o esquema segundo o qual freqüentemente se propaga o evangelho. No desenvolvimento da fé por parte dos samaritanos houve três etapas.

(1) A introdução. A mulher apresentou os samaritanos a Cristo. Aqui vemos bem claro a necessidade que Deus tem de nós. Como disse Paulo: "E como ouvirão sem haver quem pregue?" (Romanos 10:14). A palavra de Deus deve transmitir-se de um homem a outro. Deus não pode fazer chegar sua mensagem àqueles que jamais o ouviram se não houver alguém que o transmita.

Nosso dever consiste nesse privilégio especial e nessa terrível responsabilidade de levar os homens a Cristo. Não se pode efetuar a apresentação se não houver um homem que a faça. Mais ainda, essa apresentação se faz sobre a base do testemunho pessoal.

A exclamação da mulher de Samaria foi: "Vejam o que fez comigo e para mim". Não chamou a seus vizinhos a uma teologia e a uma teoria; chamou-os um poder dinâmico, transformador e recriador. A Igreja só se poderá expandir até que os reinos do mundo se convertam nos reinos do Senhor quando os homens e mulheres tenham uma experiência pessoal do poder de Cristo, e quando transmitirem essa experiência a outros.

(2) Houve uma intimidade mais estreita e um conhecimento crescente. Uma vez apresentados a Cristo, os samaritanos procuraram sua companhia. Pediram-lhe que ficasse com eles para que pudessem aprender mais sobre Ele e chegassem a conhecê-lo melhor. É certo que se deve apresentar o homem a Cristo, mas também é certo que uma vez que foi apresentado deve continuar vivendo por si mesmo em presença de Cristo. É possível levar um homem à presença de Cristo, mas depois disso o homem deve passar por si mesmo a descobrir a Cristo por seus próprios meios. Ninguém pode viver uma experiência em nome de outro. Outros podem nos situar perante a experiência, mas não podem vivê-la por nós. Outros podem nos conduzir à amizade de Cristo, mas nós devemos procurar e desfrutar dessa amizade por nossa conta.

(3) Produziu-se a descoberta e a entrega. E aqui vemos o que significa essa descoberta. Os samaritanos descobriram em Cristo o Salvador do mundo. Não é muito provável que eles mesmos o tenham expresso nessas palavras. Devemos lembrar que João escreve vários anos depois, e expressa a descoberta dos samaritanos em suas próprias palavras, palavras que encerram a descoberta de toda uma vida vivida com Jesus Cristo e pensando nele. Encontramos este título somente em João. Encontramo-lo nesta passagem e em 1 João 4:14. Em sua opinião era o título *por excelência* pelo qual se devia conhecer a Cristo.

João não inventou o título. No Antigo Testamento Deus muitas vezes era chamado o Deus de Salvação, o Salvador, o Deus salvador. A muitos deuses gregos foi atribuído este título de Salvador. No momento em que João escreve, era o título do imperador romano. Os imperadores eram investidos com o título de Salvador do Mundo. É como se João tivesse dito: "Tudo aquilo que sonharam, desejaram e esperaram, fez-se carne em Jesus". Fazemos bem em recordar este título. Jesus não era meramente um *profeta*, que veio com uma mensagem de Deus. Não veio só com a exortação acesa e a verdade flamejante do profeta. Jesus não era só um *psicólogo perito*, com uma surpreendente percepção e um

grande conhecimento da natureza humana, e com uma faculdade extraordinária para ler a mente humana.

É certo que isso foi o que demonstrou no caso da mulher samaritana, mas demonstrou algo mais. Jesus não era um mero *patrão e exemplo*. Não veio somente para mostrar aos homens em que forma é preciso viver e a deixar uma demonstração de como fazê-lo. Um grande exemplo pode ser algo que descoroça e frustra quando nos vemos incapazes de segui-lo. Jesus era um *Salvador*. Quer dizer, resgatou os homens da situação má e desesperada em que se encontravam. Rompeu as cadeias que os atavam ao passado e lhes deu um poder e uma presença que os capacitava a enfrentar o futuro.

De fato, a mulher samaritana é o grande exemplo de seu poder salvador. Sem dúvida, a cidade onde vivia a teria catalogado como uma pessoa que estava além de toda possibilidade de reforma. E, não resta dúvida que ela mesma teria reconhecido que jamais poderia viver uma vida respeitável. Mas veio Jesus e a resgatou em duas formas: fez com que pudesse romper com o passado e lhe abriu um novo futuro. Nenhum título é adequado para descrever a Jesus além do título de Salvador do mundo.

O ARGUMENTO INCONTESTÁVEL

João 4:43-45

Os três Evangelhos sinóticos consignam a declaração de Jesus a respeito de que nenhum profeta tem honra em sua própria terra (Marcos 6:4; Mateus 13:57; Lucas 4:24). Tratava-se de um antigo provérbio que tinha mais ou menos o mesmo significado que "a familiaridade faz desaparecer o respeito". Mas João o introduz em um momento muito estranho. Os outros evangelhos o apresentam em momentos em que em realidade os compatriotas de Jesus o rechaçavam; João o apresenta em um momento em que de fato o aceitavam. Pode ser que João esteja lendo o pensamento de Jesus.

Já vimos que Jesus tinha abandonado Judéia e se dirigiu a Galiléia para evitar a controvérsia provocada por sua popularidade cada vez maior. Ainda não tinha chegado o momento do conflito (João 4:1-4). Pode ser que o tremendo êxito que obteve em Samaria surpreendesse a Jesus; suas palavras a respeito da colheita assombrosa têm o eco de uma alegre surpresa. Pode ser que Jesus se dirigiu a Galiléia em busca de repouso e solidão porque não esperava que seus compatriotas lhe respondessem. E pode ser que na Galiléia tenha ocorrido exatamente o mesmo que em Samaria, que contra tudo o que se esperava seu ensino teria provocado uma onda de respostas. Devemos escolher entre explicar esta frase nesta forma, ou supor que, de algum modo, deslizou-se em um lugar que não lhe corresponde.

Seja como for, esta passagem e o anterior nos dão o argumento incontestável a favor de Cristo. Os samaritanos creram em Jesus, não pelas palavras de outro, mas sim porque eles mesmos o tinham ouvido falar e jamais tinham ouvido nada parecido às coisas que Ele dizia. Os galileus creram em Jesus, não pelos relatos de outras pessoas, mas sim porque o tinham visto fazer coisas em Jerusalém que jamais haviam sonhado que um homem pudesse fazer. Os samaritanos tinham ouvido Jesus falar; os da Galiléia tinham visto Jesus agir, e as palavras que pronunciou e as coisas que fez foram argumentos diante dos quais não cabia resposta.

Aqui temos uma das grandes verdades da vida cristã. *O único argumento em favor do cristianismo é uma experiência cristã.* Às vezes pode acontecer que devamos debater com as pessoas até que caiam as barreiras intelectuais que eles construíram e se renda a fortaleza que têm em suas mentes. Pode acontecer que em algumas ocasiões devamos apresentar o cristianismo de maneira tal que a convicção intelectual venha a seguir de tal apresentação. Mas na maioria dos casos, a única possibilidade de convicção que temos é dizer: "Sei como é Jesus e o que pode fazer. Tudo o que posso lhes pedir que façam é que o experimentem por vocês mesmos e vejam o que acontece".

Em última instância, ninguém pode convencer a outra pessoa do que significa uma determinada experiência; tudo o que se pode fazer é convidá-la a dar os passos necessários que lhe permitirão viver a mesma experiência. É certo que às vezes deve existir a compreensão intelectual. Mas a evangelização cristã efetiva começa em realidade quando podemos dizer: "Sei o que Cristo fez por mim", e quando passamos a dizer: "Provem e vejam o que pode fazer por vocês".

Aqui é onde em realidade sentimos sobre nossos ombros a tremenda responsabilidade pessoal. É muito pouco provável que alguém se anime a fazer a experiência a menos que nossas próprias vidas dêem provas do valor de dita experiência. Não serve de muito dizer às pessoas que Cristo lhes trará alegria, paz e poder, se nossas próprias vidas estiverem tristes pelo descontentamento e a insatisfação, ansiosas e preocupadas, frustradas e vencidas. Para que possamos atrair homens a Cristo nossas vidas devem ser tais que em realidade tenha algum sentido dizer: "Vejam o que Jesus Cristo fez comigo". Outros só se convencerão de que vale a pena provar, quando virem que para nós a prova deu como resultado uma experiência indiscutivelmente desejável.

A FÉ DE UM OFICIAL DO REI

João 4:46-54

A maioria dos comentaristas consideram que esta passagem ás outra versão da cura do servo do centurião que aparece em Mateus 8:5-13 e em Lucas 7:1-10. Pode ser que seja assim, mas existem diferenças que justificam o que nós tomamos como uma história distinta. Na conduta deste oficial do rei há certos rasgos que servem de exemplo a todos os homens.

(1) *Aqui temos um cortesão que vai a um carpinteiro.* Em grego, o homem é chamado *basilikos*. A palavra pode inclusive significar que era um rei pequeno. Mas a usa para designar a um oficial real, e este homem ocupava uma posição proeminente na corte do Herodes. Por outro lado,

Jesus não tinha maior *status* que o de ser o filho do carpinteiro da aldeia de Nazaré. Além disso, Jesus estava em Caná e este homem vivia em Capernaum, e Caná está a mais de trinta quilômetros de Cafarnaum. Isso explica por que demorou tanto tempo em voltar para sua casa. De maneira que aqui nos encontramos com um cortesão que viaja mais de trinta quilômetros para pedir a ajuda de um carpinteiro.

Não podia haver uma cena menos provável no mundo que a de um importante oficial do rei fazendo trinta quilômetros para pedir um favor ao carpinteiro de uma aldeia. Primeiro e sobretudo, este cortesão "engoliu" seu orgulho. Necessitava algo, e nem a convenção nem o costume puderam detê-lo quando se propôs expor sua necessidade a Cristo. Não cabe a menor dúvida de que sua ação causaria sensação mas não lhe importava o que as pessoas dissessem se obtinha a ajuda que tanto desejava. Se quisermos a ajuda que Cristo nos pode dar devemos ser o suficientemente humildes para engolir o orgulho e não nos preocupar com o que os outros possam dizer. O mais importante é um sentimento tal de necessidade que faça que o orgulho e as convenções não ocupem nenhum lugar em nossas vidas.

(2) *Estamos diante de um cortesão que se negava a sentir-se descoroçoado.* Jesus o encarou com a afirmação, que à primeira vista pode parecer muito brusca, a respeito de que o povo gente não cria se não lhe mostrassem sinais e maravilhas. Pode ser que o objetivo de Jesus ao pronunciar essa frase não fosse dirigir-se ao oficial, e sim à multidão que deve ter-se reunido para ver o resultado deste surpreendente evento. Deviam estar de boca aberta e os olhos fixos nos dois personagens para ver o que aconteceria. Possivelmente Jesus estava falando com essa gente ávida de sensacionalismo. Mas Jesus tinha uma forma de assegurar-se de que uma pessoa falava sério. Fez o mesmo com a mulher cananéia (Mateus 15:21-28). Se o homem tivesse dado meia volta irritado e petulante; se tivesse sido muito orgulhoso para aceitar uma correção; se tivesse abandonado a empresa desesperado, nesse mesmo

momento. Jesus sabia que sua fé não era autêntica. O homem deve estar seguro antes de receber a ajuda de Cristo.

(3) *Estamos diante de um cortesão que tinha fé.* Deve ter-lhe sido difícil dar a volta e voltar para sua casa com a segurança que Jesus lhe tinha dado de que seu filhinho viveria. Na atualidade, o povo está começando a aceitar o poder do pensamento e da telepatia de maneira tal que ninguém rechaçaria este milagre simplesmente porque se produziu à distância. Mas deve ter sido difícil para o oficial. Entretanto, teve a fé suficiente para dar meia volta e voltar a andar esse caminho de trinta quilômetros com nada mais que a segurança que Jesus lhe tinha dado para consolar seu coração. É da mesma essência da fé crer que o que Jesus diz é verdade. Ocorre muito freqüentemente que experimentamos como que um desejo vago, nebuloso, de que as promessas de Jesus sejam certas. A única forma de penetrar nelas é crer nelas com a ansiosa intensidade de um homem que se afoga. Se Jesus disser algo, não é questão de que "pode ser certo"; "deve ser certo".

(4) *Estamos diante de um cortesão que se rendeu.* Não se trata de um homem que obteve o que quis de Cristo e depois se esqueceu. Ele e toda sua casa creram. Tal coisa não lhe deve ter resultado fácil visto que a idéia de Jesus como o Ungido de Deus deve ter arrasado com todas as suas convicções anteriores. Deve ter sido um fato surpreendente que o carpinteiro de Nazaré fosse o Messias. Tampouco deve ter sido fácil professar a fé em Jesus na corte do Herodes. Teria que suportar as brincadeira e as risadas; e sem dúvida haveria aqueles que pensariam que se tornou um tanto louco.

Mas este oficial era um homem que enfrentava os atos e os aceitava. Tinha visto o que Jesus podia fazer; e a única coisa que restava a fazer era render-se a Ele. Tinha começado com um sentimento desesperado de necessidade, essa necessidade tinha sido satisfeita, e seu sentimento de necessidade se converteu em um amor total e pleno, e assim deve acontecer sempre no progresso da vida cristã.

A maior parte dos estudiosos do Novo Testamento consideram que nesta parte do quarto Evangelho os capítulos não estão na ordem correta e que de algum modo foi mal situado. Sustentam que o capítulo 6 deveria estar antes do capítulo 5. A razão que dão é a seguinte. O capítulo 4 termina com Jesus na Galiléia (João 4:54). O capítulo 5 começa com Jesus em Jerusalém. O capítulo 6 nos volta a mostrar a Jesus na Galiléia. O capítulo 7 começa dando a entender que Jesus acaba de chegar a Galiléia em vista da oposição que encontrou em Jerusalém. As mudanças entre Jerusalém e Galiléia se fazem muito difíceis de seguir. Por outro lado, o capítulo 4 termina com estas palavras (4:54): “Foi este o segundo sinal que fez Jesus, depois de vir da Judéia para a Galiléia”. O capítulo 6 começa assim (6:1): “Depois disso, partiu Jesus para o outro lado do mar da Galiléia”, o qual é uma seqüência muito natural. O capítulo 5 mostra a Jesus subindo a Jerusalém para uma festa e um encontro que produziu sérios problemas com as autoridades judias. De fato, nos diz que a partir desse momento começaram a persegui-lo (5:10). Logo o capítulo 7 começa dizendo que Jesus foi a Galiléia e que “não desejava percorrer a Judéia, visto que os judeus procuravam matá-lo” (7:1). Não cabe dúvida de que a seqüência dos acontecimentos resulta muito mais clara se lermos o sexto capítulo antes do quinto. Em nosso comentário, não alteramos a ordem; mas devemos fazer notar que muitos estudiosos do Novo Testamento consideram que a ordem deveria ser: capítulo 4, capítulo 6 e capítulo 5, e que esta ordem dá uma seqüência mais natural e mais fácil dos acontecimentos.

João 5

[O desamparo do homem e o poder de Cristo - 5:1-9](#)

[O significado interior - 5:1-9 \(cont.\)](#)

[Cura e ódio - 5:10-18](#)

[O Pai e o Filho - 5:19-20](#)

[Vida, juízo e honra - 5:21-23](#)

[Aceitação significa vida - 5:24](#)

Morte e vida - 5:25-29

O único juízo verdadeiro - 5:30

Testemunha de Cristo - 5:31-36

O testemunho de Deus - 5:37-43

A condenação final - 5:44-47

O DESAMPARO DO HOMEM E O PODER DE CRISTO

João 5:1-9

Havia três festas judaicas que eram festas para guardar. Todo homem judeu adulto que vivesse a trinta quilômetros de Jerusalém tinha a obrigação legal de assistir a elas. Eram três festas: Páscoa, Pentecostes e a Festa dos Tabernáculos. Se supusermos que o capítulo 6 deve ir antes do 5, podemos considerar que esta festa é Pentecostes, porque os eventos do capítulo 6 ocorreram quando se aproximava a Páscoa (João 6:4). A Páscoa tinha lugar em meados de abril, e Pentecostes era celebrada sete semanas depois. Pentecostes seria a próxima festa oficial no calendário judaico. João sempre mostra Jesus assistindo às festas judaicas, porque não deixava de observar as obrigações que impunha o culto judaico. Para Jesus, adorar com seu povo não era uma obrigação mas um prazer.

Aparentemente, quando Jesus chegou a Jerusalém estava sozinho. Nesta seção não se menciona absolutamente a seus discípulos. Encaminhou-se a um lago famoso. O nome do lago era ou *Betesda*, que significa Casa da Misericórdia, ou, o que é mais factível, *Betzatha*, que significa a Casa da Oliveira. Todos os melhores manuscritos mencionam o segundo nome, e sabemos por Josefo que em Jerusalém havia um bairro que se chamava Betzathe. A palavra que significa *estanque* é *kolumbethron*, que vem do verbo *kolumban*, que significa *mergulhar*. O lago era o suficientemente profundo para nadar. A passagem que está entre chaves [depois do movimento da água, sarava de qualquer doença que tivesse"] não aparece em nenhum dos manuscritos maiúsculos e mais importantes; é provável que foi agregado depois como explicação

do que faziam as pessoas que estavam ali. Por baixo do estanque havia uma corrente subterrânea que de vez em quando se agitava e movia as águas do estanque. Cria-se que quem agitava as águas era um anjo, e que a primeira pessoa que entrasse no estanque depois da agitação das águas ficaria curada de qualquer doença que a afligisse.

É-nos apresentado como uma mera superstição, e de fato o é. Mas era o tipo de crenças que estava espalhado por todo mundo antigo e que ainda hoje existe em alguns lugares. Naquela época o povo cria em todo tipo de espíritos e demônios. Consideravam que o ar estava cheio desses seres. Esses espíritos e demônios tinham suas casas e moradas em lugares determinados. Cada árvore, cada rio, cada arroio, cada serra, cada lago, tinha seu espírito. Além disso, o povo do mundo antigo se sentia impressionado em forma especial com o caráter sagrado e santo da água e, particularmente, dos rios e vertentes. A água era algo tão prezado, os rios enfurecidos podiam ser tão poderosos, a água podia ser tão perigosa, que não é surpreendente que se sentissem tão impressionados. Pode acontecer que no Ocidente imaginemos a água só como algo que sai de uma torneira, mas no mundo antigo, e ainda hoje, em determinados lugares, a água é a coisa mais apreciada, e pode ser a mais perigosa de todas as coisas.

Sir J. G. Frazer, em *Folklore in the Old Testament* (ii, 412-423). (*Folclore no Antigo Testamento*), cita vários exemplos desta reverência pela água. Hesíodo, o poeta grego, dizia que quando um homem está por cruzar um rio deve orar e lavar as mãos, porque quem cruza uma correnteza com as mãos sujas provoca a ira dos deuses. Quando Xerxes, o rei da Pérsia, chegou a Estrimom, na Trácia seus magos ofereciam cavalos brancos e praticavam outras cerimônias antes de que o exército se animasse a cruzar. Lúculo o general romano, ofereceu um touro para o rio Eufrates antes de cruzá-lo. Ainda hoje, no sudeste da África algumas tribos dos bantu crêem que os rios estão habitados por demônios e espíritos malignos e que devem ser aplacados lançando um molho de trigo ou alguma outra oferta antes de cruzá-los. Quando alguém se afoga

em um rio se diz que foi "chamado pelos espíritos". Os baranda, da África Central, não tentariam salvar um homem a quem o rio levou porque consideram que são os espíritos aqueles que o levaram.

Esta crença no caráter sagrado dos rios, arroios e vertentes alguma vez foi universal e existe até o dia de hoje. Os que no estanque de Jerusalém esperavam que se empilhassem as águas, eram filhos de sua época que criam nas coisas de sua época.

Pode ser que enquanto Jesus caminhava ao redor do lago, alguém lhe apontasse o homem desta história como um caso crônico e digno de compaixão, visto que sua doença tornava pouco provável e até impossível que alguma vez chegasse a ser o primeiro em entrar no estanque depois do movimento da água. Não havia ninguém que o ajudasse a entrar, e Jesus sempre foi o amigo dos que não tinham amigos, e aquele que ajuda a quem carece de ajuda terrena. Jesus não se tomou o trabalho de dar uma conferência a este homem a respeito da estéril superstição de esperar até que se agitassem as águas. O único desejo de Jesus era ajudar, e com sua palavra poderosa curou o homem que tinha esperado durante tanto tempo.

Nesta história podemos ver com toda clareza sob que condições o poder de Jesus operava. Devemos notar que Jesus fala com imperativos. Dava suas ordens, seus mandamentos aos homens, e na medida em que estes buscassem obedecê-los recebiam esse poder.

(1) Jesus começou perguntando ao homem se queria ser curado. Não é uma pergunta tão parva como pode parecer. O homem tinha esperado durante trinta e oito anos e bem poderia ter perdido as esperanças, deixando em seu lugar um passivo e triste desespero. Poderia ter ocorrido que no mais íntimo de seu coração se sentisse satisfeito de continuar sendo um inválido porque, se ficasse curado, teria que enfrentar-se com todo o peso de ganhar a vida e assumir novamente todas as suas responsabilidades. Há inválidos para quem sua doença não é tão desagradável, visto que outra pessoa faz todo o trabalho e assume todas as responsabilidades.

Mas a resposta deste homem foi imediata. Queria curar-se, embora não via como poderia curar-se, visto que não havia ninguém que o ajudasse. A primeira coisa que se necessita para receber o poder de Jesus é um desejo intenso desse poder. Jesus vem a nós e diz: "Você realmente quer mudar?" Se no mais recôndito de nosso coração estamos contentes sendo como somos, não pode haver nenhuma mudança. O desejo das coisas superiores deve inflamar nossos corações.

(2) Jesus, pois, disse-lhe ao homem que se levantasse. É como se lhe tivesse dito: "Homem, use sua vontade! Faça um esforço supremo e você e eu conseguiremos!" O poder de Deus nunca prescinde do esforço do homem. Nenhum homem pode apoltronar-se, relaxar-se, e esperar que aconteça um milagre. Não há nada mais certo que o fato de que devemos tomar consciência de nosso desamparo; mas em um sentido muito real, também é certo que o milagre acontece quando nossa vontade e o poder de Deus cooperam para fazê-lo possível.

(3) De fato, Jesus estava ordenando ao homem que tentasse o impossível. Ele disse: "Levante-se!" O homem poderia haver dito, com ressentimento e dor, que isso era exatamente o que não podia fazer. Sua cama deve ter sido uma simples estrutura semelhante a uma maca. A palavra grega é *krabbatos*, que é uma palavra da linguagem coloquial — quer dizer maca — e Jesus lhe disse que a levantasse e a levasse. O homem poderia ter dito que durante trinta e oito anos a cama tinha estado levando a ele e que não tinha muito sentido dizer a ele que levasse a cama. Mas uma vez mais o homem fez o esforço ao mesmo tempo que Cristo — e aconteceu o milagre.

(4) Aqui temos o caminho para obter o que nos propomos. Há tantas coisas neste mundo que nos vencem, nos derrotam e se apoderam de nós. Quando a intensidade do desejo está em nós, quando nos propomos fazer o esforço, embora possa parecer sem esperanças, então o poder de Cristo tem sua oportunidade, e com Cristo conquistamos aquilo que durante tanto tempo nos conquistou .

O SIGNIFICADO INTERIOR**João 5:1-9 (continuação)**

Antes de abandonar esta passagem devemos assinalar que alguns estudiosos do tema consideram que se trata de uma alegoria. Crêem que o homem e a cena têm um significado interior. A verdade interior que aparece na alegoria seria a seguinte.

O *homem* representa o povo do Israel. Os *cinco pórticos* representam os cinco livros da Lei. Nos pórticos jazia o povo doente, que ainda não se curou. A Lei era aquilo que podia apontar ao homem seu pecado mas que não podia fazer nada por solucioná-lo; podia descobrir a debilidade de um homem, mas não podia fazer nada para curá-la. A Lei, assim como os pórticos, dava refúgio à alma doente mas jamais podia curá-la. Os *trinta e oito anos* representam os trinta e oito anos durante os quais os judeus vagaram no deserto antes de entrar na terra prometida; ou representam a quantidade de séculos durante os quais os homens esperaram o Messias. Os homens tinham esperado durante todo este tempo, e agora tinha chegado o poder de Deus. A *agitação das águas* representa o batismo. De fato, na arte cristã primitiva se está acostumado a representar a um homem surgindo das águas batismais levando uma cama sobre as costas.

Pode ser que agora se possam ler todos estes significados no relato; mas é muito improvável que João o tenha escrito como uma alegoria. Todo o relato tem o selo da verdade e da realidade. Mas faremos muito bem em recordar que toda história bíblica contém muito mais que os atos que relata. Há verdades mais profundas por baixo da superfície e até as histórias mais simples se propõem a nos deixar frente a frente com as coisas eternas.

CURA E ÓDIO**João 5:10-18**

Um homem foi curado de uma doença que, em termos humanos, era incurável. Qualquer um pensaria que era uma ocasião para a alegria e o agradecimento. Mas havia aqueles que o olhavam com maus olhos. O homem que foi curado ia pelas ruas com o leito à costas; os judeus ortodoxos o detiveram e lhe recordaram que estava quebrantando a Lei ao carregar e levar uma carga no sábado. Já vimos o que tinham feito os judeus com a Lei de Deus. A Lei tinha sido uma série de grandes princípios gerais que cada um devia aplicar e obedecer por sua conta. Através dos anos, converteram-se em um montão de pequenas regras e regulamentos. A Lei só dizia que o sábado devia ser um dia diferente de outros, e que, durante esse dia, nenhum homem, nem seus servos nem seus animais deviam trabalhar. Os judeus se dedicaram a definir o que era o trabalho.

Tinham estabelecido trinta e nove classificações diferentes do trabalho. Uma destas classificações dizia que o trabalho consistia em carregar algum volume. Baseavam-se de maneira especial em duas passagens. Jeremias havia dito: “Assim diz o SENHOR: Guardai-vos por amor da vossa alma, não carregueis cargas no dia de sábado, nem as introduzais pelas portas de Jerusalém; não tireis cargas de vossa casa no dia de sábado, nem façais obra alguma; antes, santificai o dia de sábado, como ordenei a vossos pais” (Jeremias 17:19-27). Neemias ficou preocupado pelo trabalho e o comércio que se fazia no dia sábado, e havia posto servos nas portas de Jerusalém para controlar que não se tirassem cargas no dia de sábado (Neemias 13:15-19).

Agora, a passagem de Neemias (Neemias 13:15), deixa perfeitamente claro que o que se questionava era o fato de comercializar no dia de sábado como se fosse qualquer outro dia. Mas os rabinos da época de Jesus sustentavam que quem levasse uma agulha em sua roupa estava cometendo um pecado. Inclusive discutiam a respeito de se podia

levar seus dentes postigos ou uma perna de madeira. Não tinham dúvida que não se podia levar nenhum tipo de alfinete nesse dia. Para eles, todos estes detalhes insignificantes eram questão de vida ou morte — e não restava a menor dúvida de que este homem estava desobedecendo a Lei rabínica ao carregar seu leito no dia de sábado.

O homem se defendeu dizendo que quem o tinha curado lhe havia dito que carregasse seu leito, e não sabia quem era esse homem. Mais tarde Jesus o encontrou no Templo. Assim que o homem descobriu quem era Jesus se apressou a dizer às autoridades quem lhe havia dito que carregasse o leito. Sua intenção não era comprometer a Jesus, mas a Lei dizia: "Se alguém carga algo de maneira intencional de um lugar público a uma casa particular no dia de sábado será apedrejado até a morte". A única coisa que tentava fazer era ver-se livre da situação em que se encontrava. Só tentava explicar que não era culpa dele se tinha desobedecido a Lei.

De maneira que as autoridades elevaram suas acusações contra Jesus. Era acostumado a desobedecer a Lei do sábado. Os verbos do versículo 18 estão no *passado imperfeito*. Este tempo não descreve uma só ação, mas sim ações reiteradas no passado. É evidente que este relato não é mais que um exemplo do que Jesus estava acostumado a fazer com frequência.

A defesa de Jesus foi surpreendente. Alegou que Deus não deixava de trabalhar no dia de sábado, e ele tampouco. Tratava-se de um argumento que qualquer judeu culto podia compreender em toda sua magnitude. Filo havia dito: "Deus nunca cessa de agir. Como é próprio do fogo queimar e da neve gelar, é próprio de Deus agir". Deus sempre agia. Como disse outro autor: "O Sol brilha; os rios fluem; os processos de nascimento e morte continuam durante o dia de sábado como durante qualquer outro dia; e essa é a obra de Deus".

É certo que, segundo o relato da criação, Deus descansou no sétimo dia; mas descansou da *criação*; suas obras supremas, o juízo, a misericórdia, a compaixão e o amor, não cessaram. *Só* descansou da obra

de criação. De maneira que Jesus disse: "O amor, a misericórdia e a compaixão de Deus agem até no dia de sábado; *e as minhas também*". Foi esta última frase que escandalizou os judeus, porque queria dizer nada menos que a obra de Jesus e a obra de Deus eram uma e a mesma coisa. Para eles significava que Jesus estava se colocando no mesmo nível que Deus.

Em nossa próxima seção veremos o que Jesus quis dizer em realidade; no momento devemos destacar o seguinte: Jesus ensina que sempre é preciso oferecer ajuda se alguém a necessitar; que não há tarefa maior que a de aliviar a dor e a tristeza de outro; que nenhum dia em particular pode servir de desculpa para negar a ajuda que se poderia dar; que a compaixão do cristão deve ser como a compaixão de Deus: incessante e interminável. Pode-se deixar de lado outra tarefa, mas a tarefa de compadecer-se do próximo não se pode deixar de lado.

Há outra crença judaica que forma parte desta passagem. Quando Jesus encontrou o homem no templo lhe disse que não pecasse mais para que não lhe acontecesse algo pior. Para o judeu, pecado e sofrimento estavam íntima e inevitavelmente unidos. Se um homem sofria, não cabia dúvida que tinha pecado. E não se podia curar até que lhe tivessem sido perdoados seus pecados. Os rabinos diziam: "O doente não pode sair de sua enfermidade até lhe serem perdoados seus pecados".

Agora, o homem podia sustentar que tinha pecado e que tinha sido perdoado e que se libertou do problema, por assim dizer; e podia continuar argumentando que, já que tinha encontrado alguém que podia libertá-lo das conseqüências do pecado, bem podia continuar pecando e voltar a ser curado. Na Igreja havia aqueles que usavam sua liberdade como desculpa para a carne (Gálatas 5:13). Havia aqueles que pecavam confiando na abundância da graça (Romanos 6:1-18). Sempre houve gente que usou o amor, o perdão e a graça de Deus como desculpa para pecar. Basta-nos pensando no que custou o perdão de Deus, basta-nos olhar à cruz do Calvário, para saber que sempre devemos odiar o pecado

com um ódio perfeito, porque cada um de nossos pecados volta a destroçar o coração de Deus.

AS AFIRMAÇÕES TREMENDAS

Aqui nos deparamos com o primeiro dos extensos discursos do quarto Evangelho. Quando lemos passagens como esta devemos ter em mente que João não se propõe tanto a dar as palavras que Jesus pronunciou, como o significado que deu a essas palavras. Escrevia ao redor do ano 100 d. C. Durante setenta anos tinha estado pensando em Jesus e nas coisas maravilhosas que Ele fizera. Não terminou de compreender muitas dessas coisas quando as ouviu pela primeira vez dos lábios de Jesus. Mas depois de pensar durante mais do meio século guiado pelo Espírito Santo, João tinha descoberto significados cada vez mais profundos nas palavras de seu Mestre. De maneira que nos oferece, não só o que Jesus disse, mas também o que quis dizer. À luz de seu próprio pensamento, e à luz da orientação do Espírito Santo, revela e amplia as palavras de Jesus.

Esta passagem é tão importante que primeiro devemos estudá-la em sua totalidade e logo devemos dividi-la em seções mais breves e meditar sobre cada uma delas.

Em primeiro lugar, pois, analisemos a passagem em sua totalidade. Quando nos encontramos com uma passagem como esta não devemos pensar só em como se nos apresenta, mas também em como se apresentou aos judeus que a ouviram pela primeira vez. Eles tinham um pano de fundo de pensamentos e idéias; tinham um pano de fundo de teologia e crenças; um pano de fundo de literatura e religião que não é o nosso, e que de fato é muito diferente do nosso. E para compreender uma passagem como esta é necessário que nos remontemos à mentalidade de um judeu que ouvia estas palavras pela primeira vez.

Quando o fazemos, esta passagem se torna surpreendente porque está entrecida com pensamentos, afirmações e expressões, cada uma

das quais representa uma afirmação por parte de Jesus de que ele é o Messias prometido, o Ungido de Deus. Nós não vemos com clareza muitas destas afirmações porque não vivemos na mesma atmosfera e ambiente em que viviam os judeus; mas eram muito evidentes para qualquer judeu e o deixavam pasmado ao ouvi-las.

(1) A afirmação mais clara é a asseveração por parte de Jesus de que ele é o Filho do Homem. Já sabemos que esse estranho título é muito comum nos Evangelhos e nas palavras de Jesus. Tem uma longa história. Nasceu no Livro de Daniel em Daniel 7:1-14. Daniel foi escrito em dias de terror e perseguições e é a visão da glória que um dia ocupará o lugar do sofrimento no meio do qual se encontra o povo. Em Daniel 7:1-7 o vidente descreve os grandes impérios pagãos que exerceram o poder sob o aspecto e o simbolismo de bestas: o leão com asas de águia (7:4), que representa ao império babilônico; o urso com três costelas entre os dentes, como alguém que devora um cadáver (7:5), que representa ao império dos medos; o leopardo com quatro asas e quatro cabeças (7:6), que representa ao império persa; a besta, espantosa e terrível, com dentes de ferro e dez chifres (7:7), que representa ao império macedônio.

Todos estes terríveis poderes passarão e o poder e domínio serão dados a um *como um filho de homem*. Significa que os impérios que exerceram o poder foram tão selvagens, cruéis, sádicos, destrutivos e terríveis que só é possível descrevê-los em termos de bestas selvagens. Mas virá um poder ao mundo que será tão generoso, tão amável, tão tenro, que será um poder humano e não bestial. O novo poder será humano e amável, não selvagem e bestial. Em Daniel esta frase descreve o tipo de poder que regerá o mundo.

Mas, como é natural, alguém deve introduzir esse poder; alguém deve exercê-lo; e os judeus tomaram este título, esta descrição, e a atribuíram ao escolhido de Deus que um dia traria a nova era de generosidade, amor e paz; e assim foi como chegaram a chamar *Filho de Homem* ao Messias. Entre o Antigo e o Novo Testamento surgiu toda uma literatura que tratava sobre a era de ouro que estava por vir. Um dos

livros que exerceu uma influência muito especial foi o *Livro de Enoque*. Nele aparece vez por outra uma figura chamada *Esse Filho de Homem*, que está esperando no céu até que Deus o envie à Terra para introduzir seu Reino e governar sobre ele. De maneira que quando Jesus se denominou a si mesmo Filho do Homem não estava fazendo outra coisa senão chamar-se o Messias, o Escolhido, o Ungido de Deus. Tratava-se de uma afirmação tão clara que não se podia cometer nenhum engano de interpretação.

(2) Mas esta afirmação a respeito de que era o Messias de Deus não se explicita só nessas palavras, está implícita em cada uma das frases. O próprio milagre que tinha experimentado o paralítico era um sinal de que Jesus era o Messias. A imagem que dá Isaías da nova era diz que “os coxos saltarão como cervos” (Isaías 35:6). A visão de Jeremias afirma que os cegos e os coxos seriam reunidos (Jeremias 31:8-9). O mesmo milagre, mediante o qual o coxo caminhou, era nada menos que um sinal messiânico.

(3) A reiterada pretensão de Jesus de levantar os mortos e de ser seu juiz ao ressuscitarem. Agora, no Antigo Testamento, o único que pode ressuscitar aos mortos e logo julgá-los é Deus. “Vede, agora, que Eu Sou, Eu somente, e mais nenhum deus além de mim; eu mato e eu faço viver” (Deut. 32:39). “O Senhor é o que tira a vida e a dá” (1 Sam. 2:6). Quando Naamã, o sírio, foi ser curado de sua lepra, o rei do Israel disse com desespero: “Acaso, sou Deus com poder de tirar a vida ou dá-la” (2 Reis 5:7). O matar e dar vida era uma função inalienável de Deus. O mesmo acontece com o juízo. “O juízo é de Deus” (Deuteronômio 1:17). No pensamento posterior esta função de ressuscitar os mortos e depois atuar como juiz se tornou parte do dever do escolhido de Deus quando trouxesse a nova era de Deus. Enoque diz sobre o Filho do Homem: “A soma do juízo foi posta em suas mãos” (Enoque 69:26-27).

Em nossa passagem, Jesus diz que aqueles que praticaram o bem serão ressuscitados à vida e aqueles que praticaram o mal serão ressuscitados à morte. O Apocalipse de Baruque diz que quando vier a

idade de Deus: "O aspecto daqueles que agora são cruéis será pior do que é, e padecerão torturas", enquanto que aqueles que tiveram confiança na Lei e atuaram segundo ela, serão rodeados de formosura e esplendor (Baruque 51:1-4). Enoc diz que esse dia: "A terra se partirá por completo, e tudo o que está sobre a terra perecerá, e sobrevirá o juízo para todos os homens". (Enoque 1:5-7). O Testamento de Benjamim diz assim: "Ressuscitarão todos os homens, alguns para ser exaltados, e alguns para ser humilhados e envergonhados".

O significado da passagem é-nos obscuro até que a lemos no pano de fundo judaico, e até que nos perguntamos como pareceria ao judeu que o ouvia pela primeira vez. Para os judeus não ficava dúvida que Jesus estava atribuindo-se funções que só pertenciam a Deus; que estava declarando que tinham começado a suceder as coisas que apontavam a proximidade da era de Deus; que se estava adotando privilégios, funções e poderes que pertenciam ao Messias e a nenhum outro. Quando chegamos a compreender o significado desta passagem vemos que não se trata mais que de uma série de afirmações nas quais Jesus declara ser o Escolhido de Deus.

E quando compreendemos isso, esta passagem se converte em algo mais que um discurso de Jesus. Transforma-se num ato da coragem mais extraordinária e única. Jesus deve ter sabido muito bem que falar deste modo representaria uma absoluta blasfêmia para os líderes ortodoxos judeus de sua época. Deve ter sabido que falar assim era aproximar-se da morte. Afirma ser o Filho de Deus; e sabia muito bem que o homem que ouvia estas palavras só tinha duas alternativas — aceitá-lo como Filho de Deus, ou odiá-lo como um blasfemador e tentar destruí-lo. É difícil encontrar outra passagem em que Jesus apele ao amor dos homens e desafie seu ódio na forma em que o faz aqui.

Agora devemos passar a analisar esta passagem seção por seção.

O PAI E O FILHO**João 5:19-20**

Este é o princípio da resposta de Jesus à acusação dos judeus de que se estava fazendo igual a Deus. Nesta passagem Jesus afirma três coisas sobre sua relação com Deus.

(1) Estabelece sua *identidade* com Deus. Ver Jesus em ação é ver Deus em ação. As coisas que faz Deus são as coisas que faz Jesus; e as coisas que Jesus faz são as coisas que Deus faz. A grande verdade fundamental a respeito de Jesus é que nele vemos Deus. Se queremos ver o que Deus sente com relação aos homens, se queremos ver como Deus reage diante do pecado, se queremos ver como Deus vê a situação humana, devemos dirigir nosso olhar a Jesus. A mente de Jesus é a mente de Deus; as palavras de Jesus são as palavras de Deus; as ações de Jesus são as ações de Deus.

(2) Mas esta identidade não se baseia tanto na igualdade como na *obediência* total. Nada do que Jesus faz surge de si mesmo. Jesus nunca fez o que Ele quis; sempre fez o que Deus queria que fizesse. Pelo fato de a vontade de Jesus estar completamente submetida à vontade de Deus é que vemos Deus nele. A identidade de Jesus com Deus não se baseia na independência de Deus, mas sim na dependência total dele. Sua identidade não está baseada na independência e sim na submissão. Jesus é para com Deus como nós devemos ser para com Jesus.

(3) Mas esta obediência não se baseia na submissão ao poder, mas sim no *amor*. A unidade entre Deus e Jesus é uma unidade de amor. Falamos de duas mentes que têm um só pensamento, de dois corações que pulsam em uníssono. Em termos humanos, esta é uma descrição perfeita da relação entre Jesus e Deus. O amor entre Pai e Filho é tão íntimo, tão estreito, que Pai e Filho são um. Há uma compreensão tão total, uma identidade tão completa de mente, vontade e coração, que Pai e Filho são um só.

Mas esta passagem nos diz algo mais a respeito de Jesus.

(1) Fala-nos de sua *confiança* absoluta. Estava muito seguro de que o que os homens viam nesse momento não era mais que um começo; estava completamente seguro de que veriam coisas ainda maiores. Do ponto de vista meramente humano, tudo o que Jesus podia esperar razoavelmente era a morte. As forças da ortodoxia judaica se estavam unindo contra Ele e o fim já era algo iniludível. Mas Jesus se sentia seguro de que o futuro estava em mãos de Deus e não em mãos dos homens. Não sentia o mais mínimo temor pelo que pudessem lhe fazer os homens, e jamais imaginou que os homens pudessem evitar que fizesse o que Deus lhe tinha mandado fazer.

(2) Fala-nos de sua absoluta *falta de temor*. Não havia dúvida que o interpretaram mal. Estava fora de discussão que suas palavras não fariam mais que inflamar as mentes de seus interlocutores e pôr em perigo sua própria vida. Não existia nenhuma situação humana na qual Jesus estivesse disposto a reduzir suas afirmações ou a adulterar a verdade. Expressaria seus direitos e diria sua verdade apesar de todas as ameaças dos homens. Para ele era mais importante ser fiel a Deus que respeitar ou temer os homens.

VIDA, JUÍZO E HONRA

João 5:21-23

Aqui vemos três grandes funções que pertencem a Jesus como Filho de Deus.

(1) Ele é o *doador de vida*. João diz isto em dois sentidos. Significa a vida *no tempo*. Nenhum homem está realmente vivo até que Jesus entra nele, e ele entra em Jesus. Quando descobrimos o reino da música ou da literatura, da arte ou das viagens, estamos acostumados a dizer que nos abre um mundo novo. O homem em cuja vida Jesus Cristo entrou descobre que sua vida é algo novo. Ele próprio mudou; suas relações pessoais mudaram; sua concepção do trabalho, do dever e do prazer mudou; sua relação com Deus mudou. A vida é recriada, redirecionada,

refeita. Significa a vida na *eternidade*. João quis dizer que depois que termina esta vida, ao homem que aceitou a Jesus Cristo se abre uma vida ainda mais plena, mais maravilhosa. Enquanto que para o homem que rechaçou a Jesus Cristo, depois que terminou a vida, chega essa morte que é separação de Deus. Para João — como também para nós — Jesus Cristo é Aquele que dá vida neste mundo e vida no mundo por vir.

(2) É quem traz *o juízo*. João diz que Deus deixou todo o processo do juízo nas mãos de Jesus Cristo. O que quer dizer é o seguinte: o juízo de um homem depende de sua reação para com Jesus. Se o homem encontrar em Jesus o totalmente digno de ser amado; se, apesar dos fracassos, encontra em Jesus a pessoa a quem amar, obedecer, adorar e seguir, esse homem está no caminho que o levará à vida. Mas se não ver em Jesus mais que um inimigo, se não encontrar em Jesus nada digno de ser amado nem desejado, esse homem se condenou. Jesus é a pedra de toque mediante a qual prova todos os homens; a reação para com Ele é a prova que divide os homens. Pelo simples fato de ser Ele como é e de confrontar os homens consigo mesmo, submete os homens a juízo.

(3) Jesus é quem *recebe a honra*. O mais alentador do Novo Testamento é sua esperança indestrutível e sua inesgotável confiança. Relata a história de um Cristo crucificado mas jamais alenta a menor dúvida de que no final dos tempos todos os homens se dirigirão para essa figura crucificada e que todos o conhecerão, o aceitarão e o amarão. Em meio da perseguição e o rechaço, apesar da exigüidade de números e a falta de influência, diante do fracasso e da infidelidade, o Novo Testamento e a Igreja primitiva jamais duvidaram do triunfo final de Cristo. Mesmo quando odiado, Jesus nunca pôs em dúvida o triunfo final do amor. Mesmo quando enfrentou a cruz, não duvidou da conquista final. Quando diante do desespero conviria recordarmos que o plano e propósito de Deus é a salvação dos homens, e que, em última instância, não há nada que possa frustrar a vontade de Deus. A má vontade do homem pode retardar o propósito de Deus; mas não pode vencê-lo.

ACEITAÇÃO SIGNIFICA VIDA**João 5:24**

Aqui Jesus diz simplesmente que aceitá-lo significa a vida; e negá-lo significa a morte. O que significa ouvir a palavra de Jesus e crer no Pai que o enviou?

Em poucas palavras significa três coisas.

(1) Significa crer que Deus é como Jesus diz que é. Significa crer que Deus é amor e nessa forma entrar em uma nova e íntima relação com Ele, relação na qual desapareceu o medo e descansamos em Deus.

(2) Significa aceitar o modo de vida que Jesus nos oferece, por mais duro e difícil que seja, e por mais sacrifícios que implique, na confiança e segurança de que ao aceitá-lo entramos no caminho para a paz e a felicidade, e que rechaçá-lo é ir para a morte e o juízo.

(3) Significa aceitar a ajuda que nos dá o Cristo ressuscitado e a guia que nos oferece o Espírito Santo, e assim achar forças para tudo o que implica o caminho de Cristo.

Uma vez que fazemos isso, entramos em três novas relações.

(1) Entramos em uma nova relação com Deus. O juiz se converte em pai; o distante se converte em próximo; o estranho se converte em algo íntimo e o temor se converte em amor.

(2) Entramos em uma nova relação com os homens. O ódio se converte em amor; o egoísmo em serviço; o rancor em perdão.

(3) Entramos em uma nova relação conosco mesmos. A debilidade se converte em fortaleza; a frustração em êxito; a tensão em paz.

Aceitar o oferecimento de Cristo significa encontrar a vida. Em um sentido, pode afirmar-se que todos estamos vivos; mas só se pode dizer que um escasso número de pessoas conhecem a vida no verdadeiro sentido da palavra. A maioria das pessoas existem, mas não vivem.

Em uma oportunidade em que Grenfell escrevia a uma religiosa enfermeira a respeito de sua decisão de transladar-se ao Lavrador para ajudá-lo em sua obra, disse que não lhe podia oferecer muito dinheiro

mas que se decidia ir, descobriria que no trabalho de servir a Cristo e às pessoas do lugar viverá os momentos mais felizes de sua existência.

Browning descreve o encontro de duas pessoas em cujos corações tinha entrado o amor. Ela o olhou; ele a olhou como só pode fazê-lo um apaixonado, e "de repente despertou a vida".

Um novelista contemporâneo faz um personagem dizer dirigindo-se a outro: "Nunca soube o que era a vida até que a vi em seus olhos".

A pessoa que aceita o oferecimento e o caminho de Cristo passou da morte para a vida. A vida neste mundo se converte em algo novo e emocionante; a vida eterna com Deus no outro mundo se torna uma certeza.

MORTE E VIDA

João 5:25-29

De todas as seções desta passagem é nesta onde aparecem mais clara e inconfundivelmente as afirmações messiânicas de Jesus. Ele é o Filho do Homem. Ele é quem dá a vida e quem traz a vida; ressuscitará os mortos à vida e, quando tiverem ressuscitado, ele será o Juiz que sentenciará seu destino. Jesus afirma sem rodeios que pode exercer todas as funções próprias do Messias, do Escolhido de Deus e que é o Ungido de Deus que trará uma nova era, a era de Deus.

Nesta passagem João parece empregar a palavra *morto* com dois sentidos.

(1) Ele a emprega para referir-se àqueles que estão mortos no espírito. Cristo trará nova vida aos que estão espiritualmente mortos. O que significa estar morto no espírito?

(a) Estar morto no espírito significa *ter deixado de esforçar-se*. É ter-se aceito a si mesmo tal como é. É ter chegado a considerar que todas as falhas são inevitáveis e impossíveis de corrigir e que todas as virtudes são inalcançáveis. É ter renunciado a toda esperança de progresso. A vida cristã não pode permanecer imóvel. Deve progredir ou retroceder. E

deixar de esforçar-se significa abandonar até a próprio vontade de progredir e portanto retroceder para a morte.

(b) Estar morto no espírito significa *ter deixado de sentir*. Há muita gente que em um momento experimentou um sentimento profundo ante o pecado, a dor e o sofrimento que existem no mundo. Mas pouco a pouco se foi acostumando; tornou insensível. Pode contemplar grandes injustiças e não experimentar indignação; pode contemplar sofrimentos e não sentir que uma espada de dor e tristeza a atravessar-lhe o coração. Quando morre a compaixão, é porque o coração está morto.

(c) Estar morto no espírito significa *ter deixado de pensar*. J. Alexander Findlay nos relata uma frase de um amigo dele — "Quando a gente chega a uma conclusão, está morto". Quer dizer que quando a mente de um homem está tão fechada que não pode aceitar uma nova verdade, esse homem pode estar fisicamente vivo mas sua mente e seu espírito estão mortos. No dia em que o desejo de aprender nos abandona, o dia em que uma verdade nova, métodos novos, idéias novas se tornam um estorvo, esse dia se produz nossa morte espiritual. *Para o cristão, a vida e o descobrimento de verdades novas são sinônimos.*

(d) Estar morto no espírito significa *ter deixado de arrepender-se*. O dia em que um homem pode pecar em paz, é o dia de sua morte espiritual. O dia em que não se importa se peca ou não, quando o pecado perde seu aspecto horrível, quando pratica o mal sem o menor arrependimento ou luta interior, nesse dia morre sua alma. Nesse dia se petrifica seu coração. A primeira vez que fazemos algo mau nós o fazemos com temor e apreensão. Se o fizermos pela segunda vez, fica mais fácil. Se o fizermos pela terceira vez, fica ainda mais fácil. Se continuamos fazendo-o chega um momento em que nem sequer refletimos a respeito de nossa ação. Para evitar a morte espiritual o homem deve manter-se sensível ao pecado, coisa que consegue mantendo-se sensível à presença de Jesus Cristo.

(2) Mas nesta passagem João também emprega a palavra *morto* em sentido literal. Jesus ensina que virá a ressurreição, e que o que acontecer

ao homem na outra vida está profundamente ligado ao que tenha feito esse homem nesta vida.

Há um aviso publicitário muito conhecido que diz: "Como você vai se sentir amanhã depende do que fizer hoje". A importância fundamental desta vida é que determina a eternidade. Durante todo o curso desta vida nos estamos preparando, ou não, para a vida que está por vir; nos estamos fazendo dignos ou indignos de nos apresentar perante Deus. Nesta vida podemos escolher o caminho que conduz à Vida ou o que conduz à morte. A tremenda verdade é que cada ato que executamos nesta vida está fazendo ou arruinando um destino, obtendo ou perdendo uma coroa. Nesta vida o homem pode fazer-se digno de ganhar a Vida, ou pode cometer o ato mais terrível e trágico que se possa imaginar — o suicídio espiritual.

O ÚNICO JUÍZO VERDADEIRO

João 5:30

Na passagem precedente Jesus reclamou para si o direito a julgar. Não é estranho que alguém lhe perguntasse com que direito se propunha julgar a outros. A resposta de Jesus foi que seu juízo era verdadeiro e final porque sua intenção não era outra senão fazer a vontade de Deus, e pronunciar as palavras que Deus lhe dava para falar, e pensar os pensamentos que Deus lhe dava a pensar. O que Jesus afirmava era que quando Ele julgava, tratava-se do juízo de Deus. O que lhe dava o direito a julgar era a base sobre a qual assentava seus juízos, porque essa base não era outra senão a mente de Deus.

Para qualquer homem é difícil julgar com justiça outro homem. Se nos analisarmos com sinceridade e franqueza veremos que há muitos atos que afetam nossos juízos, e que este se baseia sobre uma quantidade de coisas. Nosso juízo pode ser injusto porque nos *sentimos feridos em nosso orgulho*. Pode ser cego e desonesto devido a nossos *preconceitos*. Pode ser severo e inflamado pela *inveja*. Pode ser arrogante devido ao

desprezo. Pode ser duro pela *intolerância*. Pode ser condenatório por nosso *farisaísmo*. Pode ver-se afetado por nossa *vaidade* e basear-se na *inveja* e não na justiça. Pode resultar inválido porque não conhecemos, e jamais buscamos conhecer, as circunstâncias em que age a pessoa que julgamos. Quer dizer, pode estar viciado por uma *ignorância* cega ou insensível ou deliberada. Só um homem de coração puro e cujas motivações são muito claras e sem nenhuma influência externa pode julgar outro homem, que é o mesmo que dizer que nenhum homem pode julgar a ninguém.

Por outro lado, o juízo de Deus se baseia no caráter de Deus e deve ser perfeito.

Só Deus é santo e portanto só Deus conhece as pautas segundo as quais se deve julgar todos os homens e todas as coisas. Só Deus é perfeitamente *amoroso* e seu juízo é o único que pode fazê-lo na caridade pela qual deve se feito todo juízo autêntico. Só Deus possui o *conhecimento* absoluto, o conhecimento da mente de um homem determinado, suas penúrias, seus problemas, suas tentações. O juízo é perfeito só quando toma em consideração todas as circunstâncias e Deus é o único que pode fazer algo semelhante.

A afirmação de Jesus de que Ele pode julgar, baseia-se na afirmação de que nele está a mente perfeita de Deus. Ele não julga com a inevitável mistura de motivações humanas; julga com a santidade perfeita, o amor perfeito e a perfeita compreensão de Deus.

TESTEMUNHA DE CRISTO

João 5:31-36

Mais uma vez Jesus responde às acusações de seus inimigos. Estes lhe perguntam: "Que prova você pode oferecer de que suas afirmações são verdadeiras"? De fato, o que dizem é o seguinte: "Você faz as afirmações mais surpreendentes e ambiciosas a respeito de si mesmo. Que provas você tem para sustentá-las?" Em toda esta passagem Jesus

expõe seus argumentos em uma forma que os rabinos eram capazes de compreender muito bem. Emprega seus próprios métodos e suas próprias regras para discutir.

(1) Jesus começa por reconhecer o princípio universal segundo o qual o testemunho sem fundamento de uma pessoa não se pode tomar como prova. Antes de que se pudesse dar algo por provado se necessitavam pelo menos duas testemunhas. “Por depoimento de duas ou três testemunhas, será morto o que houver de morrer; por depoimento de uma só testemunha, não morrerá” (Deuteronômio 17:6). “Uma só testemunha não se levantará contra alguém por qualquer iniquidade ou por qualquer pecado, seja qual for que cometer; pelo depoimento de duas ou três testemunhas, se estabelecerá o fato” (Deuteronômio 19:15). Quando Paulo ameaça ir ver os Coríntios com admoestações e disciplina diz que todas as acusações se decidirão pela boca de duas ou três testemunhas (2 Coríntios 13:1). Jesus ensina que quando alguém tenha uma acusação legítima contra seu irmão leve a outros para que corroborem a acusação (Mateus 18:16).

Na Igreja primitiva se mantinha como regra que não se aceitaria nenhuma acusação contra um ancião a menos que fora sustentada por duas ou três testemunhas (1 Timóteo 5:19). Jesus começou por reconhecer com toda clareza a lei judaica do testemunho. Além disso, sustentava-se de maneira universal que não se podia aceitar o testemunho de alguém sobre si mesmo.

A *Mishnah* dizia: "Um homem não é digno de confiança quando fala sobre si mesmo".

Demóstenes, o grande orador grego, afirma como princípio de justiça: "As leis não permitem que um homem dê testemunho sobre si mesmo".

A lei antiga sabia muito bem que o interesse e o amparo pessoais exerciam certo efeito sobre as afirmações de alguém a respeito de si mesmo. De maneira que Jesus aceita as pautas e regras judaicas normais

e reconhece que seu próprio testemunho, sem apoio de outros, não tinha por que ser verdadeiro.

(2) Mas há outros que dão testemunho dele. Diz que Outro é sua testemunha, e ao dizer Outro se refere a Deus. Voltará sobre isso, mas no momento cita o testemunho de João Batista. Em muitas ocasiões João tinha dado testemunho dele (João 1:19-20, 26, 29, 35-36). Então Jesus rende tributo a João e lança uma acusação contra as autoridades judaicas. Diz que João era a tocha que ardia e iluminava. Essa era a comemoração mais perfeita que podia fazer a João.

(a) Uma tocha porta uma luz emprestada. Não ilumina por si mesmo; acende-a.

(b) João tinha calor humano; sua mensagem não era a mensagem fria do intelecto, mas a mensagem ardente do coração aceso.

(c) João tinha luz. A função da luz é a de guiar, e João apontava aos homens o caminho para o arrependimento e para Deus.

(d) Por sua própria natureza, uma tocha se queima. Ao dar luz se consome. João devia decrescer enquanto Jesus crescia. A verdadeira testemunha se consome por Deus.

Mas Jesus, ao render homenagem a João, acusa às autoridades judaicas. Agradaram-se ao ouvir a João durante algum tempo. Em realidade, nunca o levaram a sério. Eram como "mosquitos que esvoaçam ao Sol", ou como meninos que brincam enquanto brilha o Sol. Era uma sensação agradável ouvir a João, enquanto dizia coisas agradáveis mas o abandonavam tão logo ficava sério. Ainda há muita gente que ouve a verdade de Deus dessa maneira. Vivem um sermão como se fosse uma peça de teatro.

Um famoso pregador relata que depois de ter pronunciado um sermão muito sombrio sobre o juízo, vieram cumprimentá-lo com um comentário de agradecimento: "Esse sermão foi seriamente simpático!"

A verdade de Deus não é algo que deve nos entreter; não é algo para nos alegrar; em geral se trata de algo que deve receber-se em meio das cinzas do arrependimento e da humilhação. Mas Jesus nem sequer

apelou ao testemunho de João. Disse que não se remeteria ao testemunho humano de nenhum homem falível para sustentar suas afirmações.

(3) Jesus apresenta pois, o testemunho de suas obras. Já o tinha feito quando João tinha mandado perguntar da prisão se Ele era o Messias ou se devia buscá-lo em outra parte. Falou aos mensageiros de João que voltassem e relatassem a seu mestre as coisas que viram (Mateus 11:4; Lucas 7.22). Mas Jesus apelou ao testemunho de suas obras não para apontar para si mesmo, e sim para o poder de Deus que estava operando nele e através dele. Cita suas obras, não para glorificar-se a si mesmo, mas para glorificar a Deus, a quem pertencem tais obras. Assim, pois, Jesus passa a citar a sua testemunha suprema, e essa testemunha é Deus.

O TESTEMUNHO DE DEUS

João 5:37-43

A primeira parte desta seção se pode interpretar de duas maneiras.

(1) Pode referir-se ao testemunho invisível de Deus que está dentro do coração de cada homem. Em sua Primeira Epístola João escreveu: "Aquele que crê no Filho de Deus tem, em si, o testemunho (de Deus)" (1 João 5:10). O judeu teria sustentado que nenhum homem viu jamais a Deus nem o pode ver jamais. Até na entrega dos Dez Mandamentos "a voz das palavras ouvistes; porém, além da voz, não vistes aparência nenhuma" (Deuteronômio 4:12). De maneira que isto pode significar: "É verdade que vocês jamais viram a Deus; é verdade que vocês jamais ouviram sua palavra em forma direta; é certo que Deus é invisível, e também o é seu testemunho; porque seu testemunho é a resposta que brota do coração humano quando o homem se confronta com Cristo". Quando nos confrontamos com Cristo vemos o totalmente amoroso e o totalmente sábio; essa convicção é o testemunho de Deus em nossos corações. Os estóicos afirmavam que a forma superior de conhecimento não surge pelo pensamento; surge a partir do que eles chamavam "impressões surpreendentes". O homem é invadido por uma convicção

que se apodera dele como se fosse uma mão que o toma pelo ombro e o detém. Crê com todo seu coração, embora não pode dizer como nem por que. Pode ser que o que nesta passagem Jesus quer dizer é que a convicção que temos em nossos corações a respeito da supremacia de Cristo é o testemunho que Deus dá sobre Ele.

(2) Pode ser que o que João queira dizer é que o testemunho de Deus a respeito de Cristo se pode encontrar nas Escrituras. Para os judeus as Escrituras eram tudo. "Quem adquiriu as palavras da Lei adquiriu a vida eterna". "Quem tem a Lei tem um anel de graça a seu redor neste mundo e no mundo vindouro." "Quem afirma que Moisés escreveu um só versículo da Lei por seu próprio conhecimento, despreza a Deus." "Ela é o livro dos preceitos de Deus e a Lei que subsiste para sempre: todos os que a ela se agarram destinam-se à vida; e os que a abandonarem perecerão" (Baruque 4:1, BJ). "Se a comida que é sua vida só por uma hora requer uma bênção antes e depois de comê-la, quanto mais a requererá a Lei em que reside o mundo por vir?"

O judeu tinha a Lei, procurava a Lei, e entretanto, não reconheceu a Cristo quando veio ao mundo. O que é que acontecia? Aqui nos deparamos com o fato assombroso de que os melhores estudiosos da Bíblia que existiam no mundo, o povo que sentia o maior respeito pelas Escrituras, o povo que lia as Escrituras continuamente, com meticulosidade e consistência, rechaçou a Jesus Cristo.

Como pôde acontecer algo semelhante? Há algo evidente: liam as Escrituras em forma incorreta.

(1) Liam-nas com as mentes fechadas. Liam as Escrituras, não para buscar Deus nelas e ouvi-lo, e sim para encontrar argumentos que apoiassem suas próprias posições e para encontrar defesas para suas crenças. Em realidade não amavam a Deus; amavam suas próprias idéias a respeito de Deus. É por isso que a Palavra não habitava neles. A água tinha tantas probabilidades de penetrar o cimento como a Palavra de Deus de penetrar nas mentes desses homens. Não foram às Escrituras; traziam as Escrituras a eles. Não aprendiam humildemente uma teologia

nas Escrituras: usavam as Escrituras para defender uma teologia que eles mesmos tinham produzido. Ainda continua sendo o supremo perigo na leitura da Sibila *o empregá-la para dar provas de nossas convicções e não para pô-las a prova.*

(2) Mas cometiam um engano ainda mais grave. Consideravam que Deus tinha dado aos homens uma revelação por escrito. Agora, a revelação de Deus é uma revelação na história. A revelação não é um Deus que fala, mas um Deus que age. E a própria Bíblia não é a revelação de Deus e sim *o registro* de sua revelação. Rendiam culto às palavras. Esqueciam por completo que a revelação de Deus se manifesta nos acontecimentos. Há uma só maneira de ler a Bíblia: lê-la como apontando a Jesus Cristo e à luz de Jesus Cristo.

Então, muitas das coisas que nos intrigam e que às vezes nos desesperam, vêm-se com toda clareza como etapas do caminho; então vemos um acontecimento após outro como uma escalada, um apontar a Jesus Cristo, que é a revelação suprema, e sob sua luz terá que serem analisadas todas as demais revelações.

Os judeus adoravam a um Deus que tinha escrito e não a um Deus que agia e portanto, quando Cristo veio não o reconheceram. A função fundamental das Escrituras não é dar vida, e sim apontar Àquele que é o único que pode dar vida aos homens.

Aqui há duas coisas muito reveladoras.

(1) No versículo 34 Jesus havia dito que expressava todo seu ensino “para que sejais salvos”. Aqui diz: “Eu, porém, não aceito humano testemunho”. O que está expressando é o seguinte: "Não discuto como o estou fazendo porque queira ganhar a discussão. Não falo com severidade porque queira fazê-los calar e para demonstrar o inteligente que sou e humilhá-los. Não falo assim para superar e ganhar o aplauso dos homens. Falo assim porque amo vocês e quero salvá-los". Isto implica algo tremendo.

Quando as pessoas se levantam contra nós, quando se opõem a nós, quando discutem conosco, quando lhes respondemos, o que é o que

sentimos? O orgulho ferido? O presunção que odeia todo fracasso? Ira? Incômodo? É um desejo de enrolar a outros com nossas opiniões porque os consideramos tolos? Jesus falava assim simplesmente porque amava os homens. Sua voz nunca se elevou até converter-se em um som estridente; nunca tentou obrigar os outros a emudecer; sua voz podia ser severa, mas nessa severidade se notava o acento do amor. Seus olhos podiam lançar fogo, mas a chama era a chama do amor.

(2) Jesus disse: "Se outro vier em seu próprio nome, certamente, o receberéis". Os judeus tinham tido uma sucessão de impostores que asseguravam ser o Messias e cada um deles teve seus seguidores (Marcos 13:6, 22; Mateus 24:5,24). Por que é que os homens seguem aos impostores? Fazem-no porque — como disse alguém — os impostores são homens "cujas afirmações correspondem aos desejos dos homens". Os impostores chegavam prometendo impérios, triunfos, o fulgor da glória, e prosperidade material; Jesus chegou oferecendo uma cruz. O que caracteriza ao impostor é que oferece o caminho mais fácil. O impostor oferece aos homens o caminho mais fácil para satisfazer seus próprios desejos; Jesus oferecia aos homens o caminho difícil que os conduziria a Deus. Mas os impostores morreram e Cristo continua vivo.

A CONDENAÇÃO FINAL

João 5:44-47

Era próprio dos escribas e fariseus desejar o louvor dos homens. Vestiam-se de tal maneira que qualquer um pudesse reconhecê-los. Oravam de maneira que todos os vissem. Sempre escolhiam os primeiros assentos nas sinagogas. Encantavam-se com as saudações respeitadas que as pessoas lhes fazia na rua. E era justamente por isso que não podiam ouvir a voz de Deus. Por que? Enquanto o homem se julgue a si mesmo em comparação com os outros homens, ele se sentirá muito satisfeito. Enquanto o homem se fixe como meta receber o respeito e o louvor humanos, alcançará seu objetivo. Mas a questão não é: "Sou tão

bom como meu próximo?" mas "Sou tão bom como Deus?" A questão não é perguntar-se "Meus conhecimentos e minha piedade são maiores que os de outras pessoas que eu poderia nomear?" e sim "Como apareço perante os olhos de Deus?"

Enquanto nos julgamos com pautas humanas há muitas possibilidades de que nos sintamos satisfeitos conosco mesmos, e a satisfação própria mata a fé, porque *a fé surge a partir do sentimento de necessidade*. Mas quando nos comparamos com Jesus Cristo e, através dele, com Deus, sentimo-nos humilhados até o pó, e então nasce a fé, porque não fica mais remédio que confiar na misericórdia de Deus.

Assim, pois, Jesus termina com uma acusação que seus interlocutores sem dúvida compreenderiam. Já vimos o que pensavam os judeus a respeito dos livros que criam que Moisés lhes tinha dado; criam que era a própria palavra de Deus. Jesus disse: "Se tivessem lido bem esses livros, teriam visto que apontavam para mim". E prosseguiu: "Vocês crêem que por terem a Moisés como mediador estão salvos; mas será Moisés mesmo quem os condenará. Possivelmente não se possa pretender que me escutem, mas devem ouvir as palavras de Moisés que tanto valorizam, e essas palavras falam de mim".

Aqui está a grande e perseguidora verdade. O que fora o grande privilégio dos judeus se tornou sua condenação. Ninguém condenaria homem que jamais teve uma oportunidade; ninguém poderia condenar homem que sempre esteve sumido na ignorância. Mas os judeus receberam o conhecimento; e o conhecimento que não empregaram bem se tornou sua condenação. Sempre devemos lembrar que quanto maior seja nosso privilégio, maior será a condenação. Quanto mais oportunidades tenhamos para aprender, maior será a condenação se não aprendermos. A responsabilidade sempre é a outra cara do privilégio.

João 6

[Os pães e os peixes - 6:1-13](#)

[O significado de um milagre - 6:1-13 \(cont.\)](#)

A resposta da multidão - 6:14-15

Uma ajuda bem presente em momentos de necessidade - 6:16-21

A busca equivocada - 6:22-27

A única obra verdadeira - 6:28-29

O pedido de um sinal - 6:30-34

O pão da vida - 6:35-40

O fracasso dos judeus - 6:41-50

Sua carne e seu sangue - 6:51-59

Sua carne e seu sangue - 6:51-59 (cont.)

O espírito fundamental - 6:60-65

Atitudes para com Cristo - 6:66-71

OS PÃES E OS PEIXES

João 6:1-13

Havia momentos em que Jesus sentia desejos de afastar-se da multidão de pessoas que o seguiam. Estava sob uma tensão contínua e precisava descansar. Às vezes era necessário ficar a sós com os discípulos para conduzi-los com maior profundidade para uma melhor compreensão de sua pessoa. Necessitava tempo para orar e para entrar em contato com o poder e a presença de Deus. E nesta oportunidade era muito acertado afastar-se antes de provocar um enfrentamento direto com as autoridades, porque ainda não tinha chegado o momento do conflito final.

De Cafarnaum até a outra margem do mar da Galiléia havia uns sete quilômetros de distância. Assim Jesus empreendeu a travessia. Mas o povo estivera observando maravilhada as coisas surpreendentes que fazia. Era fácil ver que direção tomava o barco, e se apressaram para chegar ao outro lado do lago por terra. O rio Jordão desembocava no mar da Galiléia pelo extremo Norte. A três quilômetros da desembocadura estavam os vaus do Jordão. Perto dos vaus havia uma cidade chamada Betsaida Julia para diferenciá-la da outra Betsaida na Galiléia, e Jesus se

dirigiu a esse lugar (Lucas 9:10). Perto da Betsaida Julia, quase à beira do lago, há uma pequena planície sempre coberta de erva. chama-se El-Batiya e seria o cenário deste milagroso acontecimento.

Em primeiro lugar, Jesus subiu pela ladeira até a planície e se sentou ali com seus discípulos. Logo a multidão começou a aparecer por grupos. Era preciso caminhar uns quatorze quilômetros para bordejar o lago e cruzar os vaus e o tinham feito com toda a rapidez de que podiam. Sabemos que se aproximava a festa da Páscoa. Devia haver mais gente que o habitual nos caminhos. É muito provável que houvesse muita gente que se dirigia a Jerusalém. Muitos peregrinos da Galiléia viajavam para o Norte, cruzavam o vau, atravessavam a Peréia e logo voltavam a cruzar o Jordão perto de Jericó. O caminho era mais longo mas se evitava o território dos temidos e odiados samaritanos. É muito possível que a multidão se viu acrescida por peregrinos que se dirigiam à festa da Páscoa e que já estavam a caminho.

Ao ver a multidão, acendeu-se a compaixão de Jesus. Estavam famintos e cansados e era preciso dar-lhes de comer. Era natural que se dirigisse a Filipe, porque vinha de Betsaida (João 1:44) e sem dúvida conheceria o lugar. Jesus lhe perguntou onde se podia obter comida. Filipe deu uma resposta desesperada. Disse que embora se pudesse conseguir comida, seriam necessários mais de duzentos *denários* para dar uma mínima quantidade a cada um dos componentes dessa vasta multidão. Um denário representava a diária normal de um operário. Filipe calculou que se necessitariam as diárias de mais de seis meses para começar a alimentar uma multidão como esta. Então apareceu André em cena. Tinha encontrado um garoto que tinha cinco pães de cevada e dois peixinhos. É muito possível que o garoto os tivesse levado para almoçar. Possivelmente tinha saído para passar o dia fora e, tal como faria qualquer garoto, se uniu à multidão. André como era seu costume levava gente à presença de Jesus. O garoto não tinha muito que oferecer. O pão de cevada era o mais econômico de todos, e o menosprezava.

Na *Mishnah* há uma disposição a respeito da oferta que uma mulher adúltera deve apresentar. É obvio que deve levar uma oferta por seu pecado. Em todos os sacrifícios se fazia uma oferta consistente em uma mescla de farinha, vinho e azeite. Em geral se empregava farinha de trigo; mas estava estabelecido que, no caso de uma oferta por adultério, devia empregar-se farinha de cevada, porque a cevada é a comida das bestas e o pecado da mulher era um pecado bestial. O pão de cevada era aquele que comiam os muito pobres. Os peixes não seriam muito maiores que uma sardinha.

O peixe em vinagre proveniente da Galiléia era muito conhecido em todo o Império Romano. Naqueles dias o peixe fresco era um luxo desconhecido visto que não havia forma de transportá-lo e mantê-lo em boas condições de consumo. No mar da Galiléia abundavam pequenos peixes semelhantes à sardinha. Eram pescados e conservados em vinagre como uma espécie de drinque. O garoto tinha seu peixe em vinagre para acompanhar o seco pão de cevada.

Jesus, pois, disse a seus discípulos que fizessem as pessoas sentarem. Tomou os pães e os peixes e os abençoou. Ao fazê-lo estava agindo como um pai de família. A ação de graças que pronunciou provavelmente fora a que se empregava na maioria das casas judaicas: "Bendito és tu, Senhor nosso Deus, que fazes crescer o pão da terra". E o povo comeu e se sentiu saciada. Inclusive a palavra que se usa para significar *satisfeito* (*chortazesthai*) resulta sugestiva. Em suas origens, no grego clássico, era empregada para denominar a alimentação dos cavalos com forragem, e quando era empregada com respeito às pessoas queria dizer que estavam empachados, cheios.

Quando o povo ficou saciado, Jesus fez seus discípulos recolherem os pedaços que tinham sobrado. Por que os pedaços? Nas festas judaicas se acostumava deixar algo para os servos. O que sobrava recebia o nome do Peah. Sem dúvida as pessoas deixavam uma parte para aqueles que tinham servido os pães.

Recolheram-se doze cestas de pedaços. Sem dúvida cada um dos discípulos tinha sua cesta (*kofinos*). As cestas tinham forma de garrafa. Nenhum judeu saía de viagem sem sua cesta. Juvenal fala em dois ocasiões (3:14; 6:542) de "o judeu com sua cesta e seu maço de palha". (O maço de palha era para usar como cama, porque muitos judeus levavam uma vida nômade). O judeu com sua inseparável cesta era uma figura muito conspícua. Levava-a, em parte porque era naturalmente aquisitivo, e em parte porque precisava levar sua própria comida se tinha que observar as normas judaicas de limpeza e impureza. De maneira que cada discípulo encheu sua cesta com os pedaços que sobraram. E assim a multidão faminta foi alimentada com acréscimo.

O SIGNIFICADO DE UM MILAGRE

João 6:1-13 (continuação)

Nunca saberemos com exatidão o que foi que aconteceu nessa verde planície da Betsaida Julia. Podemos vê-lo em três formas.

(a) Podemos vê-lo simplesmente como um milagre no qual Jesus multiplicou, literalmente, pães e peixes. Pode haver aqueles que achem muito difícil imaginar algo semelhante. E haverá aqueles que achem muito difícil conciliá-lo com o fato de que isso foi justamente o que Jesus se negou a fazer durante suas tentações, quando declinou converter as pedras em pães (Mateus 4:3-4). Se podemos crer no caráter puramente milagroso deste fato, continuemos crendo. Mas se nos sentimos intrigados, há duas explicações possíveis.

(b) Pode ser que em realidade se tratou de uma comida sacramental. No resto do capítulo a linguagem que Jesus emprega é idêntica ao da Última Ceia, quando se refere a comer sua carne e beber seu sangue. Pode ser que nesta refeição em El-Batiya o que cada pessoa recebeu não foi mais que um fragmento, como no sacramento; e que a emoção e maravilha da presença de Jesus e da realidade de Deus converteram esta migalha sacramental em algo que nutriu e saciou os corações e as almas

dos homens. Isto é o que acontece em cada mesa de comunhão até nossos dias.

(c) Pode haver outra explicação, muito bonita. Não se deve pensar que a multidão empreendeu uma expedição de quatorze quilômetros sem fazer nenhum preparativo. Se entre eles havia peregrinos, sem dúvida teriam provisões para a viagem. Mas pode ser que nenhum deles tenha querido oferecer o que tinha, porque com todo egoísmo — e muito humanamente — queriam guardar tudo para si. Pode ser que Jesus, com seu estranho sorriso, tirou a pequena provisão que tinha com seus discípulos, com uma fé radiante deu graças a Deus por ela e a compartilhou com todos. Comovidos por seu exemplo, todos os que tinham algo o imitaram; e ao final houve comida suficiente, e mais que suficiente, para todos. Pode ser que se trate de um milagre no qual a presença de Jesus e seu amor converteram a uma multidão de homens e mulheres egoístas em uma comunidade disposta a compartilhar tudo. Pode ser que na presença de Jesus aqueles cuja única idéia consistia em guardar tudo para si, se tornassem pessoas cuja única idéia era dar. Possivelmente este relato represente a maior das histórias: um milagre que trocou a natureza humana, e transformou, não pães e peixes, a não ser homens e mulheres.

Seja como for, houve algumas pessoas sem as quais o milagre teria sido impossível.

(1) André é uma delas. Há um contraste entre André e Filipe. Filipe foi o homem que disse: "A situação é desesperada, não há nada a fazer." André disse: "Verei o que posso fazer, e confio em que Jesus fará o resto." Foi André quem levou o garoto a Jesus, e ao fazê-lo fez possível o milagre. Ninguém nunca sabe o que acontecerá e o que resultado terá o levar alguém à presença de Jesus. Se um pai educar a seu filho no conhecimento, no amor e no temor de Deus, ninguém pode dizer que grandes coisas pode realizar esse menino algum dia para Deus e para os homens. Se o professor de uma escola dominical aproxima um menino

de Cristo, ninguém pode predizer o que esse menino pode fazer algum dia por Cristo e sua Igreja.

Conta-se uma história a respeito de um ancião alemão, professor de escola, que ao entrar na sala-de-aula pela manhã costumava tirar o chapéu e fazer uma reverência a seus alunos. Um deles lhe perguntou por que o fazia. Sua resposta foi: "A gente nunca sabe o que pode chegar a ser algum dia um destes garotos." Tinha razão, porque um dos alunos se chamava Martinho Lutero. André não sabia o que estava fazendo quando aproximou esse garoto a Jesus, mas estava provendo o material para um milagre. Nunca sabemos que possibilidades estamos liberando quando levamos alguém a Jesus.

(2) O garoto era outra dessas pessoas. Não tinha muito que oferecer mas no que ofereceu Jesus encontrou o material para fazer um milagre. Teria havido um brilhante acontecimento a menos na história se esse garoto se negasse a aproximar-se ou se tivesse guardado para si seus pães e peixes. A verdade é que Jesus necessita o que podemos lhe trazer. Pode ser que não tenhamos muito a oferecer, mas ele necessita o que temos. Pode ser que neguemos ao mundo triunfo após triunfo e milagre após milagre porque não queremos entregar a Cristo o que temos e o que somos. Se, tal como somos, nos oferecêssemos no altar do serviço de Jesus Cristo, ninguém pode dizer as coisas que Cristo poderia fazer conosco e por meio de nós. Podemos sentir tristeza e vergonha por não poder oferecer mais coisas, e é correto que o sintamos; mas essa não é razão para evitar ou negar-se a levar o que temos e o que somos. Um pouco sempre é muito nas mãos de Cristo.

A RESPOSTA DA MULTIDÃO

João 6:14-15

Aqui temos a reação da multidão. Os judeus esperavam o profeta que, conforme criam, Moisés lhes tinha prometido. "O SENHOR, teu Deus, te suscitará um profeta do meio de ti, de teus irmãos, semelhante a

mim; a ele ouvirás” (Deuteronômio 18:15). Esperavam o Messias, o escolhido de Deus. Tinham estado esperando durante toda sua história, e estavam esperando nessa época. Nesse momento, na Betsaida Julia estavam dispostos a aceitar a Jesus como esse Profeta e esse Rei. Estavam dispostos a carregá-lo, a entronizá-lo no poder em um arroubo de ardor popular e entusiasmo maciço. Mas não muito depois outra multidão clamava: "Crucifica-o! Crucifica-o!" Por que foi que nesse momento a multidão aclamava a Jesus?

Por um lado, a multidão estava disposta a apoiar a Jesus quando dava o que eles queriam. Tinha-os curado e os havia alimentado; e nesse momento estavam dispostos a convertê-lo em seu chefe. Existe uma lealdade comprada, uma lealdade que depende dos favores, os presentes, para dizê-lo com toda crueldade, do suborno. Existe um amor falso, um amor que se baseia no que podemos tirar das pessoas e no que essas pessoas podem fazer por nós.

Em um de seus momentos de maior cinismo, o doutor Johnson definiu a gratidão como "um vivo sentido dos favores que estão por vir". O simples pensar nessa multidão nos revolta. Mas somos acaso muito diferentes dela? Quando necessitamos compaixão na dor, quando necessitamos fortaleza em meio das dificuldades, quando queremos paz no meio do tumulto, então, nesses momentos, não há ninguém tão maravilhoso como Jesus. Então falamos com Ele, e caminhamos a seu lado e lhe abrimos nossos corações.

Mas quando Ele se aproxima de nós com uma severa exigência de sacrifícios, com algum desafio que exige um esforço, com o oferecimento de alguma cruz, então não queremos ter nada que ver com Ele. Pode ser que ao examinar nossos corações descobramos que nós também amamos a Jesus pelo que podemos obter dele, e que quando Ele nos aborda com exigências e desafios também nos enfraquecemos, e nos voltamos ressentidos e hostis para com esse Cristo perturbador e exigente.

Por outro lado, queriam usá-lo para seus próprios fins e moldá-lo segundo seus sonhos. Estavam esperando o Messias. Mas imaginavam a

seu modo. Esperavam um Messias que seria Rei e Conquistador. Alguém que pisaria na cabeça da águia e tiraria os romanos da Palestina, que mudaria o *status* de Israel e de uma nação submetida a converteria em uma potência mundial. Alguém que a libertaria do destino de ser um país ocupado e que o tornaria em conquistador de outros países.

Tinham visto as coisas que Jesus podia fazer, e o que imaginavam era: "Este homem tem poder, um poder milagroso e maravilhoso. Se podemos adequá-lo a seu poder à medida de nossos sonhos, planos e desejos, começarão a acontecer coisas." Se tivessem sido sinceros teriam que reconhecer que estavam tratando de usar a Cristo.

Mais uma vez, somos nós muito diferentes? Quando nos dirigimos a Cristo, é para encontrar forças para seguir com nossos propósitos, planos e idéias, ou para aceitar com humildade e obediência seus planos e desejos? Nossa oração é: "Senhor, dá-me forças para eu fazer o que queres que faça" ou, "Senhor, dá-me forças para fazer o que eu quero fazer"?

Essa multidão de judeus estava disposta a seguir a Cristo nesse momento porque lhes estava dando o que eles queriam, e desejavam usá-lo para satisfazer seus planos, propósitos e idéias. Essa atitude com relação a Cristo ainda subsiste no coração dos homens. Queríamos obter os dons de Cristo sem a cruz de Cristo; queríamos usar a Cristo em lugar de permitir que ele nos use .

UMA AJUDA BEM PRESENTE EM MOMENTOS DE NECESSIDADE

João 6:16-21

Este é um dos relatos mais maravilhosos do quarto Evangelho. E se torna mais maravilhoso quando penetramos no significado original no idioma grego e o significado do incidente original, e quando descobrimos que o que descreve em realidade não é um milagre extraordinário, mas um acontecimento muito simples naquele que João descobriu, e jamais pôde esquecer como era Jesus.

Em primeiro lugar, reconstruamos o relato. Depois de alimentar os cinco mil, e depois do intento por parte da multidão de torná-lo rei, Jesus se tinha afastado sozinho à montanha. Passou o dia. Chegou o momento que os judeus denominam "a segunda tarde", entre o crepúsculo e a escuridão. Jesus ainda não tinha chegado. Não devemos pensar que os discípulos foram esquecidos ou descorteses ao deixar Jesus para atrás, porque, conforme Marcos conta, Jesus mandou-os ir diante dele (Marcos 6:45), enquanto convencia a multidão de que voltasse para suas casas. Sem dúvida sua intenção era bordejar o lago enquanto eles o cruzavam remando, e reunir-se com eles em Cafarnaum. Agora, João estava presente, e se alguma vez houve um relato de uma testemunha ocular, este é um deles. Não há dúvida que se trata de um incidente em que João participou e sobre o qual pensou durante setenta anos; e à medida que pensava nele, convertia-se em algo simples rodeado de maravilha.

De maneira que os discípulos começaram a navegar. Levantou-se o vento, como pode fazê-lo nesse lago estreito, rodeado de terra; e as águas se cobriram de espuma. Devemos lembrar que era a época da Páscoa e a época da Páscoa era tempo de Lua cheia (João 6:4). Na montanha Jesus orou e se comunicou com Deus; quando ficou em caminho, a Lua cheia fazia que a cena parecesse desenvolver-se à luz do dia; e podia ver no lago o barco e os remadores lutando com seus remos e sabia que estava dando muito trabalho avançar. Por isso desceu. Agora, aqui devemos lembrar duas coisas. Já vimos que no extremo norte o lago não tinha mais de seis quilômetros de largura; e João nos diz que os discípulos tinham remado entre cinco e seis quilômetros; quer dizer que estavam chegando quase no fim da viagem. É natural e inevitável supor que, em vista do vento que soprava, tinham tentado aproximar-se da margem o mais possível para obter maior amparo.

Esse é o primeiro dado; agora vejamos o segundo. Viram que Jesus *andava sobre o mar*. A tradução literal do grego é exatamente a mesma frase que aparece em João 21:1, onde diz que Jesus se manifestou outra vez a seus discípulos *junto ao mar* de Tiberíades. Em João 21:1 esta

frase significa sem nenhuma ajuda — nunca foi questionada —, que Jesus estava caminhando pela margem. E isso é o que significa nossa frase também. Jesus estava caminhando *epites thalassiss*, junto à margem. Os atarefados discípulos levantaram os olhos; e de repente o viram. Foi algo tão inesperado, tinham estado reclinados nos remos durante tanto tempo que se sentiram alarmados porque criam que o que viam era um espírito. Então, por cima das águas, chegou essa voz tão amada: "Sou Eu; não temais." Gostariam que subisse a bordo; o grego, muito mais naturalmente significa que seu desejo não se cumpriu. Por que? Lembremos da largura do extremo Norte do lago e lembremos o quanto tinham avançado. A largura era de seis quilômetros. Tinham remado cinco e seis quilômetros. A razão muito simples pela qual seu desejo não foi completo foi que antes que pudessem recebê-lo a bordo, a barco tocou a margem, e já tinham chegado.

Este é o tipo de relato que um pescador como João sentiria prazer em ouvir e recordar. Cada vez que o recordasse voltaria a sentir o que sentiu aquela noite, o cinza prateado da Lua, o tosco remo em sua mão, as sacudidas da vela, o uivar do vento e o som da água enfurecida, a surpreendentemente inesperada aparição de Jesus, o som de sua voz por cima das ondas, e o rangido da barco ao tocar a margem da Galiléia.

E ao recordar tudo isto João via coisas maravilhosas no relato, milagres que ainda estão presentes para que nós os leiamos.

(1) Viu que Jesus *vigia*. Na montanha Jesus estava observando-os. Não os tinha esquecido. Não estava muito ocupado com Deus para pensar neles. Até na hora da devoção seus discípulos estavam presentes em seu coração. João se deu conta de que durante todo o tempo que eles estiveram lutando com seus remos, o olhar amoroso de Jesus estava sobre eles. Enquanto estamos lutando, Jesus vigia. Não nos faz as coisas fáceis. Deixa-nos travar nossas próprias batalhas e obter nossa própria vitória. É como um pai que observa seu filho ou filha fazer um grande esforço em alguma competição de atletismo, e se sente orgulhoso de nós.

Ou como alguém que observa a outro fazendo um trágico abandono, e se entristece. Vivemos a vida com o olho amoroso de Jesus sobre nós.

(2) Viu que Jesus *vem*. Jesus desceu da montanha para permitir que os discípulos pudessem fazer o último esforço que os faria chegar a terra a salvo. Não nos observa conservando uma distância serena e inamovível. Não nos observa como se estivesse na tribuna principal, do lado de fora. Justo quando fraquejam as forças e a vida fica muito dura, Ele vem, e com Ele vem o último esforço e o último fôlego que levam à vitória e ao logro de nosso objetivo.

(3) Viu que Jesus *ajuda*. Vigia, vem e ajuda. A maravilha da vida cristã é que não há nada que devamos fazer completamente sozinhos.

Margaret Avery conta que uma professora de uma escola rural contou esta historia a seus meninos, e deve tê-la contado muito bem. Pouco tempo depois houve uma tormenta de chuva e neve. Quando terminou a hora da lição, a professora acompanhou os meninos até sua casa. Em certos momentos tinha que arrastá-los em meio da tormenta. Quando todos se sentiam quase exaustos, escutou que um dos garotinhos murmurava para si mesmo: "Seria bom que esse Senhor Jesus estivesse aqui agora."

Sempre nos faz bem a companhia de Jesus e jamais poderemos estar sem Ele.

(4) Viu que Jesus nos *leva ao porto*. Ao João recordar, parecia-lhe que logo que Jesus chegou, a quilha da barco tocou no chão, e chegaram. Como diz o salmista: "Então, se alegraram com a bonança; e, assim, os levou ao desejado porto" (Salmo 107:30). De algum modo, com a presença de Jesus até a viagem mais longa parece curta e a batalha mais dura se apresenta como algo fácil.

Uma das coisas mais bonitas do quarto Evangelho é que João, o velho pescador convertido em evangelista, encontrou toda a riqueza de Cristo na lembrança de um relato de pescadores.

A BUSCA EQUIVOCADA**João 6:22-27**

A multidão ficou do outro lado do lago. Na época de Jesus as pessoas não precisavam cumprir horários de escritório. Podiam esperar até que Jesus se aproximasse deles. Aguardaram porque tinham visto uma só barco no qual os discípulos foram, sem Jesus. Portanto deduziram que Jesus devia estar perto desse lugar. Depois de esperar durante um momento, deram-se conta de que Jesus não voltaria. Chegaram à baía outros pequenos barcos, procedentes do Tiberíades. Sem dúvida o vento as tinha desviado nessa direção e se refugiaram ali para proteger-se da tormenta da noite. De maneira que a gente que tinha estado esperando junto ao lago se embarcou nelas e cruzou o lago, de retorno a Cafarnaum.

Ao chegar se sentiram perplexos por descobrir que Jesus já estava ali. Perguntaram-lhe quando tinha chegado, e como tinha conseguido voltar tão rápido visto que seus discípulos foram sozinhos no barco. Agora, deve-se observar que Jesus se limitou a não responder a esta pergunta. Não era o momento para falar sobre essas coisas; a vida era muito curta para ocupá-la em conversa sobre viagens. Foi direto ao assunto. "Vocês viram coisas", disse, "coisas maravilhosas. Viram como a graça de Deus tornou possível alimentar uma multidão. Seus pensamentos deveriam dirigir-se para o Deus que fez essas coisas; mas, em vez disso, vocês só pensam no pão. Em sua torpe cegueira pensam em pão, não em Deus." É como se Jesus tivesse dito: "Vocês não podem pensar em sua alma porque estão ocupados pensando em seus estômagos." Reprova o ponto de vista deles centrado na Terra. Tinham recebido o pão como pão e não como um dom de Deus. Como diz Crisóstomo: "Os homens estão cravados às coisas desta vida." Eram pessoas que jamais elevavam os olhos além das muralhas do mundo aos horizontes e eternidades que jazem do outro lado.

Conta-se um relato sobre o Napoleão. Em uma oportunidade estava conversando com um conhecido sobre a vida. Era tarde e a noite era escura. Napoleão e seu amigo se aproximaram da janela e olharam para fora. No céu havia estrelas muito longínquas, não muito maiores que a cabeça de um alfinete. Napoleão tinha uma vista excelente e seu amigo não via muito bem. Napoleão apontou para o céu: "Vê essas estrelas?", perguntou a seu amigo. "Não", respondeu este, "não as vejo." "Essa", disse Napoleão, "é a diferença entre nós dois." O homem que está atado à Terra só vive a metade da vida. O homem grande é aquele que tem visão, aquele que olha para o horizonte e vê as estrelas.

Jesus, pois, expressou seu mandamento em uma frase: "Trabalhai", disse, "não pela comida que perece, mas pela que permanece para vida eterna." Muitos anos antes, o profeta Isaías tinha formulado a mesma pergunta: "Por que gastais o dinheiro naquilo que não é pão, e o vosso suor, naquilo que não satisfaz?" (Isaías 55:2). Há duas classes de fome. A fome física que se pode satisfazer com a comida física; mas também existe a fome espiritual que a comida física jamais pode satisfazer. Um homem pode ser tão rico como Crespo e, entretanto, experimentar essa torturante insatisfação, esse desejo insatisfeito em seu coração, esse sentimento de falta de plenitude em sua vida. Assinalou-se que nos anos posteriores aos 60 D.C. o luxo da sociedade romana não tinha comparação. Essa era a época em que os romanos serviam banquetes com miolos de perus reais e línguas de rouxinóis; quando descobriram a peregrina prática de vomitar entre um prato e outro para poder saborear melhor o seguinte; em que as comidas que custavam milhares de dólares eram moeda corrente. Foi nessa época em que Puniu relata que uma mulher romana se casou com um vestido tão ricamente bordado e encravado com pedras que custou o equivalente de um milhão de dólares. Tudo isto tinha uma razão de ser: uma profunda insatisfação, uma fome que nada podia saciar. Procuravam algo que lhes produzira emoções novas e que desse um gosto novo à vida, porque eram imensamente ricos e estavam imensamente famintos.

A fome insatisfeita estava presente.

O que queria dizer Jesus era que a única coisa que interessava a esses judeus era a satisfação física. Tinham recebido, sem esperá-lo, uma comida grátis e opípara; e queriam mais. Mas há outras fomes — e essas outras fomes só Jesus Cristo pode satisfazê-las. Existe a fome da verdade — e ele é o único que pode dar a verdade aos homens. Existe a fome da vida — e ele é o único que pode dar a vida aos homens, e pode dá-la com maior abundância. Existe a fome de amor — e ele é o único que pode dar aos homens o amor que supera o pecado e a morte. Cristo é o único que pode satisfazer os desejos de imortalidade e a fome insaciável do coração e da alma humana.

Por que pode fazê-lo? Há uma enorme riqueza de significados na frase: “A porque a este o Pai, Deus, o selou.”

Em seu livro *Eastern Customs in Bible Lands* (Os costumes orientais nas terras bíblicas), H. B. Tristram inclui uma seção muito interessante sobre os selos na antiguidade. Em Oriente o que dá autenticidade a algo não é a *assinatura* e sim o selo. Nos documentos comerciais e políticos, o que dá validade aos papéis é o selo, posto com o anel que se usava com esse propósito. No mundo helênico, o que dava autenticidade a um testamento era o selo, o selo posto na boca de um saco ou na tampa de uma caixa era o que garantia seu conteúdo. Tristram diz que nos países orientais até as pessoas mais humildes usam um selo de autenticação. Em suas próprias viagens por aqueles países, quando fazia um trato com seus arrieiros e seus carregadores, estes punham seu selo sobre ele em sinal de que aceitavam as condições e que se comprometiam às cumprir. Os selos eram feitos de argila, metal ou jóias.

No Museu Britânico se encontram os selos da maioria dos reis assírios. O selo era impresso em argila e essa argila se unia ao documento. O documento desapareceu faz muitos anos, mas ainda fica o selo, e sem ele o documento não era válido. Os rabinos tinham uma frase: "O selo de Deus é a verdade."

O *Talmud* diz: “Um dia a grande sinagoga (a assembléia dos judeus doutores em leis) estava lamentando-se, orando e jejuando quando caiu um pequeno cilindro do firmamento, em meio deles. Abriram-no e só continha uma palavra, *Ameth*, que significa *verdade*. 'Esse', disse o rabino, 'é o selo de Deus'.” *Ameth* se escreve com três letras hebréias, *Aleph*, que é a primeira letra do alfabeto, *Min*, a letra do meio, e *Tau*, a última. A verdade de Deus é o princípio, o meio e o fim da vida.

É por isso que Jesus pode satisfazer a fome dos homens, porque tem o selo de Deus, é a verdade de Deus que se fez carne. Vê-lo é ver a Deus; obedecê-lo é obedecer a Deus, recebê-lo é receber a Deus; e Deus é o único que pode satisfazer a fome da alma que ele mesmo criou e na qual pôs fome dele.

A ÚNICA OBRA VERDADEIRA

João 6:28-29

Quando Jesus falou a respeito de fazer as obras de Deus, os judeus pensaram imediatamente em fazer boas obras. Eles sempre creram que se um homem levava uma vida boa e moral podia merecer e obter o favor de Deus. Sustentavam que se podia dividir os homens em três classes: os bons, os maus e os que estavam no meio e que, se faziam mais uma boa obra, podiam passar à categoria dos bons. De maneira que quando perguntaram a Jesus qual era a obra de Deus, esperavam que lhes indicasse uma lista de regras e normas sobre as coisas que deviam fazer. Mas isso não é absolutamente o que diz Jesus.

A resposta de Jesus está muito resumida e devemos abri-la e buscar descobrir o que há por trás dela. Jesus disse que a obra de Deus, o que Deus queria que os homens fizessem, era crer naquele que Deus enviou. Podemos expressá-lo de outro modo; podemos dizê-lo como Paulo teria dito. A única obra que Deus espera do homem é a *fé*. Agora, o que significa a fé? A fé significa *uma determinada relação com Deus*. A fé

significa uma relação tal com Deus que somos seus amigos, que já não nos sentimos aterrados por Ele, que Deus não é nosso inimigo nem nosso fiscal, a não ser nosso Pai e amigo, significa que damos a Deus a confiança, a obediência e a submissão que surgem naturalmente desta nova relação. E como se relaciona com isso crer em Jesus? Toda a essência do cristianismo radica em que jamais nos teríamos informado de que Deus é assim, se Jesus não tivesse vindo a viver e morrer para nos dizer isso O fato de sabermos que Deus é nosso Pai, que nos ama, que se preocupa conosco, que a única coisa que deseja é nos perdoar, deve-se única e exclusivamente ao fato de que Jesus veio para nos dizer isso E é por isso que desaparece a antiga separação, a distância e a desconfiança que sentíamos por Deus e é possível uma nova relação.

Mas essa nova relação aparece em certo tipo de vida. Agora sabemos como é Deus, e nossas vidas devem responder àquilo que sabemos de Deus. Nossa resposta apontará em três direções, cada uma das quais corresponde ao que Jesus nos diria a respeito de Deus.

(1) Deus é amor, e portanto em nossa vida deve haver um amor e um serviço para com os outros que corresponda ao amor e ao serviço de Deus. Deve haver uma atitude de perdão para com os outros que corresponda ao perdão de Deus.

(2) Deus é santidade, e portanto em nossa vida deve haver uma pureza que corresponda à santidade de Deus. Devemos ser Santos porque Deus é santo. Só os de coração puro podem ver deus.

(3) Deus é sabedoria, e portanto deve haver em nossa vida submissão e confiança totais e perfeitas que correspondam à sabedoria de Deus. Se Deus for totalmente sábio a única coisa que resta a fazer é aceitar totalmente sua guia em tudo e em tudo o que nos envia.

O que Jesus ensina é que a essência da vida cristã é uma nova relação com Deus, uma relação oferecida por Deus, uma relação que só foi possível pela revelação que Jesus nos fez de Deus, uma relação que se manifesta no serviço, na pureza e na confiança que são um reflexo de Deus. Entrar em uma relação semelhante implica numa vida tal, e essa é

a obra que Deus deseja que façamos e para a qual nos dá os meios necessários.

O PEDIDO DE UM SINAL

João 6:30-34

Aqui a discussão se faz especificamente judaica em sua expressão, pressupostos e alusões. Jesus acabava de fazer uma afirmação muito grave. A verdadeira obra de Deus era crer em Jesus. "Muito bem", disseram os judeus, "prove-o. Isso significa afirmar que é o Messias. Dê-nos uma prova." Seus pensamentos continuavam na alimentação da multidão e portanto o relacionaram imediatamente com o maná do deserto. Era inevitável que relarem ambas as coisas. Sempre se tinha considerado que o maná era o pão de Deus (Sal. 78:24; Êxo. 16:15).

Agora, os rabinos judeus estavam absolutamente convencidos de que quando viesse o Messias voltaria a dar o maná. Considerava-se que a entrega do maná tinha sido a obra suprema da vida de Moisés, e não havia dúvida de que o Messias faria o mesmo que ele, ou mais. "Como foi o primeiro redentor assim será o último redentor; assim como o primeiro redentor fez o maná cair do céu, assim também o segundo redentor fará cair o maná." "Não encontrarão o maná nestes tempos mas o encontrarão nos tempos que virão." "Para quem se preparou o maná? Para os justos na era vindoura. Todos os que crêem são justos e comem dele."

Cria-se que tinha sido escondida uma panela com maná no primeiro templo e que, quando se destruiu o templo, Jeremias a tinha escondido e voltaria a fazê-la aparecer quando viesse o Messias. Em outras palavras, os judeus estavam desafiando a Jesus a que fizesse aparecer o pão de Deus para corroborar suas afirmações. Não consideravam que o pão com que se alimentou os cinco mil era pão de Deus; tinha começado em pães terrestres e terminou como pão terrestre. Segundo eles, o maná era algo diferente e era uma verdadeira prova.

Jesus dá uma dupla resposta. Em primeiro lugar, recorda-lhes que não foi Moisés quem lhes deu o maná, mas *Deus*. Em segundo lugar lhes diz que o maná não era em realidade o pão de Deus; não era mais que o símbolo desse pão. O pão de Deus é aquele que desce do céu e dá aos homens, não só a satisfação de sua fome física, mas também a vida. Jesus estava afirmando que nele estava a única satisfação autêntica.

O PÃO DA VIDA

João 6:35-40

Estas é uma das grandes passagens do quarto Evangelho e, de fato, de todo o Novo Testamento. Há nele duas linhas fundamentais de pensamento que devemos tentar analisar.

Em primeiro lugar, o que quis dizer Jesus quando afirmou: "Eu sou o pão da vida?" Não basta ver esta frase como algo bonito e poético.

O que significa? Examinemo-la passo a passo. Numeraremos os passos para que se veja claramente o movimento do raciocínio.

(1) O pão sustenta a vida. O pão é a substância da vida. O pão é aquilo sem o qual a vida não pode continuar. O pão é essencial para a vida.

(2) Mas, o que é a vida? É evidente que toda esta discussão se move acima e além do plano físico. Quando se fala da vida trata-se de algo muito superior à mera existência. Qual é este novo significado espiritual da vida?

(3) A vida é a nova relação com Deus. A verdadeira vida é a nova relação com Deus, essa relação de confiança, intimidade, obediência e amor sobre a qual já meditamos.

(4) Mas essa relação só é possível graças a Jesus Cristo. Sem Ele e separados dele ninguém pode entrar nessa nova relação com Deus.

(5) Quer dizer que Jesus dá vida. Sem Jesus é impossível a vida em todo o sentido da palavra. Sem Ele, a vida pode ser existência, mas não é vida.

(6) Portanto, se Jesus der a vida, se for o essencial da vida, Ele pode ser descrito como o Pão de Vida. Para expressá-lo em forma muito menos bela, Jesus é o essencial sem o qual a vida não pode nem começar nem continuar. Mas, uma vez que o conhecemos, aceitamo-lo e o recebemos, desaparecem todos os desejos insatisfeitos, os desejos insaciáveis do coração e da alma. A fome e a sede da situação humana se apagam quando conhecemos Cristo, e quando, através dele, conhecemos a Deus. A alma inquieta encontra a paz; o coração faminto se sente satisfeito.

Em segundo lugar, esta passagem nos mostra os passos da vida cristã. Jesus se refere àqueles que vêm a Ele, e que lhe são dados por Deus.

Uma vez mais devemos numerar estes passos para poder seguir o processo divino.

(1) Vemos Jesus. É-nos dada a visão de Jesus. Vemo-lo nas páginas do Novo Testamento; vemo-lo no ensino da Igreja; às vezes o vemos face a face.

(2) Uma vez que o vimos, aproximamo-nos dele. Consideramo-lo não como um herói ou um modelo distante, como alguém que é uma ilustração em um livro, mas sim como alguém a quem nos aproximamos.

(3) Cremos nele. Quer dizer, aceitamo-lo como a autoridade suprema quanto a Deus, o homem, a vida. Isso quer dizer que nossa aproximação não é uma questão de interesse; não é um encontro em termos iguais; é essencial e fundamentalmente uma submissão e uma entrega.

(4) Todo este processo nos dá vida. Quer dizer, situa-nos em uma nova e bonita relação com Deus, na qual Deus torna um amigo íntimo; agora nos sentimos à vontade com alguém a quem antes temíamos ou nunca tínhamos chegado a conhecer.

(5) A possibilidade de obter isto é grátis e universal. O convite se formula a todos os homens e consiste em um convite a receber e a dar. O pão de vida é nosso basta que o peçamos e o tomemos.

(6) O único caminho para alcançar essa nova relação é através de Jesus. Sem ele jamais teria sido possível; e fora dele continua sendo impossível. Nenhuma busca da mente humana e nenhum desejo do coração do homem podem encontrar na verdade a Deus além de Jesus.

(7) Por trás de todo o processo está Deus. Aqueles que se aproximam de Cristo são aqueles que Deus lhe deu. Deus não provê só a meta: Deus se move no coração humano para suscitar o desejo de aproximar-se dele; e obra no coração do homem para tirar a rebelião e o orgulho que nos impediriam de chegar a essa grande submissão. Jamais teríamos podido sequer buscá-lo se ele não nos tivesse encontrado.

(8) Mas ainda subsiste esse impedimento que nos permite rechaçar o oferecimento de Deus, desprezar sua obra dentro de nosso coração. Em última instância, a única coisa que vence a Deus é o desafio do coração humano. A vida está aí para que a aceitemos, ou a rechacemos.

E quando a aceitamos, o que acontece? Acontecem duas coisas.

Em primeiro lugar, entra uma nova satisfação em nossa vida. Desaparecem a fome e a sede. O coração humano encontra o que estava procurando e a vida deixa de ser uma mera existência e se converte em algo que é motivo de excitação e de paz de uma vez.

Em segundo lugar, estamos seguros até além da vida. Até o último dia, quando se terminam todas as coisas, estamos seguros. Como disse um grande comentarista: "Cristo nos leva a um porto além do qual não existe nenhum perigo."

O que Cristo oferece é vida no tempo e vida na eternidade. Privamo-nos dessa grandeza e dessa glória quando rechaçamos o convite de Cristo e a iniciativa de Deus.

O FRACASSO DOS JUDEUS**João 6:41-50**

O grande interesse desta passagem reside em que mostra as razões pelas quais os judeus rechaçaram a Jesus e, ao fazê-lo, rechaçaram a vida eterna.

(1) Julgaram as coisas segundo valores humanos e *de acordo a normas externas*. Sua reação frente às afirmações de Jesus foi ressaltar o fato de que era o filho de um carpinteiro a quem eles viram crescer em Nazaré. Era-lhes impossível entender como alguém que era filho de um carpinteiro e comerciante e que provinha de um lar humilde podia ser um mensageiro especial de Deus. Rechaçaram a Jesus porque o avaliavam segundo atributos humanos, valores sociais e normas mundanas.

T. E. Lawrence era amigo pessoal do poeta Thomas Hardy. Na época em que Lawrence servia como aviador na Força Aérea Real inglesa estava acostumada a visitar Hardy e sua esposa vestido com o uniforme de seu exército. Aconteceu que numa oportunidade sua visita coincidiu com a da esposa do prefeito de Dorchester. A senhora se sentiu muito ofendida por ter que encontrar-se com um simples aviador, pois ignorava de quem se tratava. Disse à senhora de Hardy, em francês, que jamais precisou sentar-se a tomar o chá com um simples soldado. Ninguém respondeu, até que T. E. Lawrence lhe disse, em perfeito francês: "Perdão, senhora, posso lhe servir como intérprete? A senhora de Hardy não fala francês". Uma mulher orgulhosa e descortês tinha cometido um flagrante engano por ter julgado pelas aparências e por normas sociais mundanas.

Isso foi o que fizeram os judeus. Devemos nos cuidar muito bem de ignorar uma mensagem de Deus por desprezar ou não levar em conta a pessoa que o transmite. Ninguém rechaçaria um cheque de milhares de dólares simplesmente porque vem em um envelope que não se ajusta às normas mais aristocráticas de apresentação epistolar. Deus tem muitos

mensageiros. A maior mensagem de Deus veio através de um carpinteiro da Galiléia, e foi por isso que os judeus não lhe deram atenção.

(2) Os judeus protestavam e *discutiam entre eles*. Estavam tão ocupados em suas próprias discussões que jamais lhes passou pela mente deixar a decisão nas mãos de Deus. Estavam muito interessados em fazer todo mundo se inteirar de sua opinião sobre o tema; não tinham nenhum interesse em averiguar o que Deus pensava. Seria muito conveniente que nas reuniões que celebram as comissões e reuniões administrativas, em que cada um tenta convencer o outro com suas próprias idéias, que parássemos, meditássemos e orássemos pedindo a Deus que nos diga o que Ele pensa e o que quer que nós façamos. Depois de tudo o que nós pensamos não tem muita importância mas o que pensa Deus sim: e são muito escassas as oportunidades em que fazemos algo por averiguá-lo.

(3) Os judeus ouviram, porém *aprenderam*. Há formas muito distintas de ouvir. Pode-se ouvir com ânimo de criticar, pode-se ouvir com ressentimento. Pode-se ouvir com um sentimento de superioridade ou de indiferença. A pessoa que ouve pela simples razão de que ainda não teve a oportunidade de falar e a está esperando. A única forma de ouvir que vale a pena é a de que ouve e aprende. Não há nenhuma outra forma de ouvir a Deus.

(4) Os judeus resistiram o *aproximar-se de Deus*. Os únicos que aceitam a Jesus são os que Deus aproximou dele. A palavra que João emprega para trazer ou aproximar é interessante. É a palavra que se emprega na tradução grega do hebraico ao Jeremias ouvir Deus dizer: “Com amor eterno te amei” (Jeremias 31:3). Mas o que é interessante a respeito da palavra (*helkuein*) é que em geral implica algum tipo de resistência. É a mesma palavra que se emprega para tirar ou arrastar uma rede muito carregada até a margem (João 21:6-11). É a palavra que se emprega quando quer indicar que Paulo e Silas foram levados perante os magistrados de Filipos (Atos 16:19). É a mesma palavra que se emprega para indicar que se tira uma espada do cinto ou da bainha (João 18:10). Sempre está presente esta idéia de resistência; Deus pode atrair e de fato

atrai homens para si, mas a resistência do homem pode vencer a atração de Deus.

Agora, Jesus era o pão de vida; já vimos que isto quer dizer que Jesus é o essencial para a vida. Portanto, rechaçar o convite e a guia de Jesus significa perder a vida e morrer. Os rabinos estavam acostumados a dizer: "A geração do deserto não tem nenhuma participação na vida vindoura. No antigo relato de Números o povo que se negou a superar os perigos que a terra prometida oferecia tal como os desprezaram os enviados a espíá-la, foram condenados a vagar pelo deserto até o momento da morte. Por não aceitar a guia de Deus as portas da terra prometida lhes foram fechadas para sempre."

Mas os rabinos criam que os antepassados que morreram no deserto não só perderam a terra prometida mas também a vida eterna.

Rechaçar o oferecimento de Jesus significa rechaçar o essencial da vida; portanto significa perder a vida neste mundo e no mundo vindouro. Enquanto que aceitar o oferecimento de Jesus significa achar a vida, uma vida que dá vida autêntica neste mundo e glória no mundo vindouro.

SUA CARNE E SEU SANGUE

João 6:51-59

Para a maioria de nós esta é uma passagem muito difícil. Usa uma linguagem e se move em um mundo de idéias que nos é muito estranho e que até pode parecer-nos fantástico e grotesco. Mas devemos lembra o seguinte: para o mundo antigo estas idéias eram muito conhecidas; trata-se de idéias que se remontam à origens da raça. Estas idéias eram normais e cotidianas para qualquer que tivesse sido educado nos antigos sacrifícios. Nos antigos sacrifícios quase nunca se queimava todo o animal. Em geral só se queimava uma pequena parte no altar embora se oferecia ao deus o animal inteiro. Uma parte da carne se entregava aos sacerdotes e outra ao que tinha devotado o sacrifício para que desse uma festa a seus amigos dentro do recinto do templo. Considerava-se que

nessa festa um dos convidados era o próprio Deus. Estava sentado com seu povo e com aqueles que lhe ofereciam sacrifícios.

Mais ainda, uma vez oferecida a carne ao deus afirmava-se que este tinha entrado na carne; de maneira que quando aquele que tinha devotado o sacrifício comia a carne, literalmente comia ao deus; estava incorporando ao deus no mais recôndito de seu ser, nutrindo-se com a própria vida e a força do deus. Quando os participantes de um banquete semelhante se retiravam, eram convencidos de que estavam literalmente cheios de deus. Podemos considerá-lo um culto pagão e idólatra, podemos considerá-lo uma grande ilusão; mas não poderemos negar a realidade concreta de que essa gente se retirava completamente segura de que tinha dentro de si a vitalidade dinâmica de seu deus. Podemos dizer e pensar o que quisermos sobre este tipo de cultos. Esta experiência vital era algo que ocorria. Para pessoas que estavam acostumadas a ela, uma passagem como esta não apresentava nenhuma dificuldade.

Mais ainda, nesse mundo antigo a única forma viva de religião era preciso procurá-la nas religiões de mistérios. O que estas religiões ofereciam era a comunhão e até a identidade com algum deus. Se desenvolvia desta maneira: em essência, todas as religiões de mistérios eram a representação de uma paixão. Eram a história de algum deus que tinha vivido e sofrido muito e que morreu e ressuscitou. Essa história era convertida em uma dramatização comovedora. Antes de poder presenciá-la, o iniciado devia passar por um extenso curso de instrução sobre o significado profundo do relato. Devia passar por todo tipo de purificações rituais. Também devia passar um longo período de jejum e de abstinência de toda relação sexual. No próprio momento da dramatização se organizavam as coisas de maneira tal que produziam uma profunda atmosfera emocional.

Planejava-se com todo detalhe a iluminação, queimava-se um incenso sensual, tocava-se música excitante, a liturgia era algo formoso; em uma palavra, tudo era pensado de maneira a produzir no iniciado uma intensidade e profundidade emocional que nunca tinha experiente antes.

Chame-se isso de alucinação; ou uma mistura de hipnotismo e auto-convencimento mas a verdade é que algo acontecia. E esse algo era a identidade com aquele deus. Enquanto o iniciado, muito bem treinado, observava a representação, se fazia um com o deus. Compartilhava as tristezas e os sofrimentos; a morte, a ressurreição, a vida do deus; o deus e ele se tornavam um para toda a eternidade; e dessa maneira obtinha segurança tanto na vida como na morte.

Algumas das frases e orações das religiões de mistérios são muito bonitas. Nos mistérios de Mitra o iniciado dizia: "Habita com minha alma; não me abandone, para que eu possa ser iniciado e o espírito santo possa estar em mim". Nos mistérios herméticos, o iniciado orava: "Eu te conheço Hermes e você me conhece; *eu sou tu e tu és eu*". Nesses mesmos mistérios há uma oração que diz: "Vem a mim, Senhor Hermes, como as crianças ao seio de sua mãe". Nos mistérios de Isis, o adorador diz: "Assim como vive Osíris, assim viverão seus seguidores. Assim como Osíris não está morto, seus seguidores tampouco morrerão".

Devemos ter em mente que todas essas pessoas da antiguidade conheciam a luta, o desejo, a esperança de chegar à identidade com seu deus, de alcançar a bênção de incorporar ao deus dentro de si mesmos e de incorporar a si mesmos ao deus. Não liam frases como a de comer a carne de Cristo e beber seu sangue com um realismo cru e escandalizado. Sem dúvida sabiam algo sobre essa infável experiência da união, mais íntima que qualquer união terrena, da que fala esta passagem. Trata-se de uma linguagem que o mundo antigo entendia muito bem e que nós também podemos entender.

Possivelmente fosse conveniente lembrar que neste caso João está fazendo algo que está acostumado a fazer com frequência. Não está dando ou tentando dar as palavras exatas que Jesus pronunciou. Passou setenta anos pensando no que Jesus disse; e agora, guiado, inspirado e iluminado pelo Espírito Santo nos transmite o *significado*, o *sentido profundo* das palavras de Jesus. O que escreve não são as palavras; isso

não seria mais que uma façanha da memória. É o sentido essencial das palavras; a iluminação do Espírito Santo.

SUA CARNE E SEU SANGUE

João 6:51-59 (continuação)

Vejam se podemos tirar algo a limpo do que Jesus quis dizer e do João que entendeu sobre estas palavras. Podemos interpretar esta passagem em dois sentidos, e se supõe que o interpretamos nesses dois sentidos.

(1) Podemos tomá-lo em um sentido muito general. Jesus falou a respeito de comer sua carne e beber seu sangue. Agora, a carne de Jesus era sua humanidade total e completa. Em sua primeira epístola João o expressa quase com paixão: "Nisto reconheceis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo espírito que não confessa a Jesus não procede de Deus" De fato, todo espírito que nega que Jesus veio em carne é do anticristo (1 João 4:2-3). João insistia em que devemos entender e nos convencer, e não permitir nos esquecermos da realidade da humanidade total de Jesus, o fato de que Jesus era osso de nosso osso e carne de nossa carne.

Agora, o que quer dizer isto? Como o vimos uma e outra vez, Jesus era a mente de Deus feita pessoa. De maneira que isto significa que em Jesus vemos a Deus tomando sobre si a vida humana, enfrentando nossa situação humana, lutando com nossos problemas humanos, debatendo-se com nossas tentações humanas, elaborando nossas relações humanas. Ou seja que é como se Jesus dissesse: "Nutram seus corações, suas mentes, suas almas pensando em minha humanidade. Quando se sentirem abatidos e sem esperanças, quando estiverem cansados da vida, vencidos e chateados de sua existência, lembrem que *eu* tomei sobre minhas costas essa vida e essas lutas que lhes pertencem".

De repente a vida e a carne se cobrem de glória porque estão tocadas por Deus. A grande crença da cristologia ortodoxa grega era e é

até agora que Jesus deificou a carne ao assumi-la sobre si mesmo. Comer o corpo de Cristo significa nutrir-se com a idéia de sua humanidade até que nossa humanidade se fortalece, purifica-se e irradia a Cristo. Jesus disse que devemos beber seu sangue. No pensamento judeu *o sangue simboliza a vida*. É fácil compreender por que se pensava assim. Quando o sangue flui de uma ferida a vida escapa. E para o judeu, *o sangue pertencia a Deus*. É por isso que até o dia de hoje nenhum judeu ortodoxo come carne da qual não se extraiu tudo o sangue. “Carne, porém, com sua vida, isto é, com seu sangue, não comereis” (Gên. 9:4). “Somente empenha-te em não comeres o sangue, pois o sangue é a vida” (Deuteronômio 12:23).

Agora vejamos o que diz Jesus: "Devem beber meu sangue — devem incorporar minha vida ao próprio centro de seu ser — e essa minha vida é a vida que pertence a Deus." Quando Jesus disse que devíamos beber seu sangue quis dizer que devemos incorporar sua vida ao próprio centro de nossos corações.

O que significa isso? Pensemos deste modo. Nesta biblioteca há um livro que seu dono nunca leu. Pode tratar-se de alguma das grandes obras mestras do gênio humano. Pode ter comprado esse livro, mas enquanto não o ler é algo exterior a ele. Fica fora dele. Mas um dia toma em suas mãos e o lê. Sente-se fascinado, entusiasmado, comovido. O conteúdo do livro fica dentro de seu espírito; as palavras permanecem em sua memória, a partir de então em qualquer momento pode tirar de si essa maravilha, recordá-la, meditar sobre ela e nutrir sua mente e seu coração com ela. Em algum momento o livro foi algo externo a ele, algo que estava sobre uma prateleira. Agora penetrou nele e pode nutrir seu espírito com o conteúdo.

O mesmo acontece com qualquer experiência fundamental da vida. É algo exterior até que a incorporamos a nosso ser. O mesmo acontece com Jesus. Aqui está Jesus, a vida de Deus. Enquanto seja uma imagem de um livro é algo exterior a nós; mas quando penetra em nossos corações está dentro de nós, podemos nutrir-nos com a vida, a fortaleza e

a vitalidade dinâmica que Cristo nos dá. Jesus disse que devíamos beber seu sangue. Diz: "Devem incorporar minha vida a seu ser; devem deixar de pensar em mim como uma imagem de um livro e como um tema apropriado para uma discussão teológica; devem me incorporar a seu interior e vir a meu interior, e então terão a vida, a vida autêntica".

Isto é o que Jesus quis dizer ao falar sobre nossa permanência nele e sua permanência em nós. Quando Jesus nos disse que comêssemos sua carne e bebêssemos seu sangue nos estava dizendo que nutríssemos nossos corações, almas e mentes com sua humanidade, e que revitalizássemos nossas vidas com sua vida até que estivéssemos impregnados, saturados, cheios com a vida de Deus.

(2) Mas João queria dizer algo mais que isto; e neste segundo aspecto pensava a forma em que toda a experiência de Jesus Cristo o tinha remontado aos dias passados na Galiléia. Não há dúvida de que João pensava na Santa Ceia, no sacramento. Diz o seguinte: "Se quiserem a vida, devem aproximar-se e sentar-se a essa mesa, onde podem comer do pão que se partiu e beber o vinho servido de algum modo, pela graça de Deus, eles trazem para um contato vivo com o amor e a vida de Jesus Cristo." João dizia aos homens: "Não podem enriquecer com a plenitude da vida e maravilha cristãs a menos que se sentem à mesa do amor".

Mas — e este é o aspecto surpreendente do ponto de vista de João — devemos notar que *o quarto Evangelho não inclui o relato da Santa Ceia*. Introduce seu ensino sobre ela, não na narração sobre o Cenáculo, mas no relato de uma refeição campestre nos Montes próximos a Betsaida Julia junto às águas azuis do mar da Galiléia. Não há dúvida alguma sobre o que diz João. Ele afirma que para o verdadeiro cristão *cada refeição se transformou em um sacramento*.

Bem pode ser que houvesse aqueles que — se nos permite a expressão — estavam dando muita importância ao sacramento dentro da Igreja, estavam convertendo o sacramento em um fetiche e em algo mágico, estavam dizendo ou implicavam que o sacramento era o único

lugar onde se podia encontrar, alegrar-se e descansar na presença mais próxima do Cristo ressuscitado. É certo que o sacramento é um encontro especial com Deus; mas João sustentava com todo seu coração que toda refeição, no mais humilde dos lares, no palácio mais luxuoso, sob o teto do céu e com a erva como tapete, é um sacramento. João se negava a limitar a presença de Cristo a um ambiente eclesiástico e a um culto liturgicamente perfeito. Dizia: "Em qualquer refeição podem encontrar mais uma vez esse pão que fala da humanidade do Mestre, esse vinho que fala do sangue que é vida".

O maravilhoso pensamento de João é que a mesa da comunhão, a mesa da refeição caseira e o lanche na praia ou na montanha são idênticos no sentido de que em todos eles podemos provar, tocar e provar do pão e do vinho que nos aproximam de Cristo. O cristianismo seria algo muito pobre se Cristo estivesse confinado às Igrejas. João sustenta que podemos encontrar a Cristo em qualquer parte em um mundo cheio de Cristo. Não é que reste importância ao sacramento, mas sim o amplia. De maneira que encontramos a Cristo na mesa de sua Igreja e logo saímos e o encontramos em qualquer parte em que homens e mulheres se reúnem para desfrutar dos dons de Deus.

O ESPÍRITO FUNDAMENTAL

João 6:60-65

Não é estranho que as palavras de Jesus tenham parecido duras aos discípulos. A palavra grega é *skleros*, que não significa *difícil de entender*, e sim *difícil de aceitar, de tolerar*. Os discípulos sabiam muito bem o que Jesus tinha dito. Sabiam que tinha afirmado que era a própria vida de Deus que desceu do céu, e que ninguém podia viver esta vida ou enfrentar a eternidade se antes não o aceitava e se submetia a Ele.

Aqui nos deparamos com uma verdade que volta a aparecer em todas as épocas. Com freqüência o que impede homens de converter-se em cristãos não é a dificuldade intelectual para aceitar a Cristo, e sim o

elevado de suas exigências morais. Quando nos pomos a pensar com sinceridade sobre o assunto, vemo-nos obrigados a comprovar que no fundo de toda religião deve haver um mistério, pela simples razão de que no fundo de toda religião está Deus. Pela mesma natureza das coisas, o finito jamais pode compreender o infinito, a mente humana nunca pode terminar de entender os atos de Deus, o homem jamais pode entender por completo a Deus. Qualquer pensador honesto se vê obrigado a aceitar esta realidade. Se pudéssemos entender a Deus por completo deixaria de ser Deus para não ser mais que uma espécie de homem gigantesco, fora de série. Qualquer pensador honesto estará disposto a aceitar o mistério.

A verdadeira dificuldade do cristianismo é dupla. Exige um ato de entrega a Cristo; uma aceitação de Cristo como a autoridade suprema; e exige um nível moral no qual só os puros de coração podem ver a Deus. Os discípulos tinham entendido muito bem que Jesus havia dito que Ele era a mente e a própria vida de Deus que veio à Terra: o que era difícil era reconhecer que isso era verdade e aceitar tudo o que isso implicava. E até o dia de hoje o rechaço de Cristo por parte de muitos homens obedece não a que Cristo intrigue e surpreenda a seu intelecto, mas sim a que apresenta um desafio e uma condenação a suas vidas.

E Jesus continua, não para provar sua afirmação e sim para assegurar que algum dia os acontecimentos darão prova dela. Diz o seguinte: "É difícil para vocês crerem que eu sou o pão, o essencial da vida, que *desceu* do céu. Muito bem, não será difícil aceitar quando um dia me verem *subir* ao céu". Em outras palavras, trata-se de um preannuncio da Ascensão. Jesus diz: "Quando chegar o momento de Eu voltar ao céu e à minha glória, verão que minhas afirmações são verdadeiras".

Isto é importante. Quer dizer que a Ressurreição é a garantia de todas as afirmações de Jesus sobre si mesmo. Não foi alguém que viveu com nobreza e morreu generosamente por uma causa perdida: foi alguém cujas afirmações ficaram provadas pelo fato de que morreu e ressuscitou.

Não chegou ao final vencido, e sim triunfante. A ressurreição é a prova do caráter indestrutível das afirmações de Cristo.

Logo Jesus diz que o fundamental é o poder vivificador do Espírito; que a carne não aproveita para nada. Podemos expressar isto em forma muito simples de maneira que manifeste ao menos parte de seu sentido — o mais importante é o espírito em que se leva a cabo qualquer ação. Alguém o expressou nestas palavras: "Todas as coisas humanas são corriqueiras se não existirem absolutamente fora de si mesmas". O valor de algo depende de sua finalidade. Se comermos por comer, convertemo-nos em glútons e é muito provável que a comida nos faça mais mal que bem; se comermos para manter a vida, para fazer melhor nosso trabalho, para conservar nosso corpo na melhor condição possível, então a comida tem sentido. Se alguém passar grande parte de seu tempo fazendo esportes pelo esporte em si, está em certa medida perdendo seu tempo. Mas se dedicar tempo ao esporte para manter seu corpo em forma de maneira que possa servir melhor a Deus e aos homens, o esporte deixa de ser algo corriqueiro e se converte em um elemento muito importante. As coisas da carne obtêm seu valor pelo espírito com que são feitas. Jesus, pois, continua: "Minhas palavras são espírito e vida".

Cristo é o único que nos pode dizer o que é a vida, que pode insuflar em nós o espírito em que devemos viver a vida, e que nos pode dar a fortaleza e o poder para vivê-la desse modo. A vida é como qualquer outra atividade. Seu valor depende de seu propósito e de sua finalidade. Cristo é o único que nos pode dar uma meta para a vida, o espírito da vida e o propósito que deve ter. E Cristo é o único que nos pode dar a vida, a fortaleza e o poder para alcançar esse espírito, essa meta e esse propósito, contra a oposição constante que nos vem tanto do exterior como de nosso interior. Em suas palavras está o espírito da vida e a fortaleza para vivê-la.

Mas Jesus sabia muito bem que havia aqueles que não só rejeitariam seu oferecimento, mas também o fariam em forma hostil. Jesus via a natureza humana e a conhecia muito bem; podia ler o coração

dos homens; e a grande responsabilidade do coração humano é que em seu centro há algo que só nós podemos controlar. Nenhum homem pode aceitar a Jesus a menos que o espírito de Deus o mova a fazê-lo, mas qualquer homem pode rechaçar esse espírito até o fim de seus dias, e esse homem não foi deixado de lado por Deus, mas sim por si mesmo.

ATITUDES PARA COM CRISTO

João 6:66-71

Esta é uma passagem animada pela tragédia, porque nele está o princípio do fim. Houve um momento em que parecia que as pessoas iriam em massa a Jesus. Quando esteve em Jerusalém para a Páscoa muitos viram seus milagres e creram em seu nome (2:23). Tantos eram os que iam para ser batizados por seus discípulos que chegaram a constituir uma moléstia 4:1-3). Em Samaria tinham acontecido coisas maravilhosas (4:1,39, 45). Na Galiléia no dia anterior a multidão o tinha seguido (6:2). Mas agora as coisas tinham mudado de tom; de agora em diante o ódio iria aumentar até culminar na cruz. João nos introduz no último ato da tragédia. Circunstâncias como estas são as que revelam o coração dos homens e os mostram tal qual são. E nesta ocasião se davam três atitudes diferentes para Jesus.

(1) *Abandono*. Houve aqueles que lhe deu as costas e não voltaram a segui-lo. Agruparam-se a seu redor e agora começavam a abandoná-lo. Afastavam-se por diferentes razões. Alguns viam com toda clareza para onde se dirigia Jesus. Não era possível desafiar desse modo às autoridades e ao poder constituído e sair ileso. Dirigia-se ao desastre e eles se retiravam a tempo. Eram pessoas que estavam acostumados a estar onde esquentava o Sol. Tem-se dito que a prova de fogo de um exército é a maneira como luta quando está cansado. Os que se afastaram teriam seguido a Jesus enquanto sua carreira ascendia mas quando viram a primeira sombra da cruz, desapareceram.

Havia aqueles que se afastavam porque os atemorizava o desafio e a ordem que Jesus tinha dado. Fundamentalmente, seu ponto de vista era que se aproximaram de Jesus para obter algo dele; quando se tratou de sofrer por Ele e de lhe entregar algo, desapareceram. Quando o fato de segui-lo era algo romântico e agradável, estavam dispostos a fazê-lo; quando o caminho se tornou acidentado e duro, abandonaram-no. Em realidade, tinham pensado em ser discípulos por razões muito egoístas. Não há ninguém que possa nos dar tanto como Jesus mas, sem dúvida alguma, se nos aproximarmos dele com o único propósito de receber sem dar nada, em seguida lhe daremos as costas. Aquele que quer seguir a Jesus deve sempre ter em mente que no caminho de Jesus sempre há uma cruz.

(2) *Deterioração.* Em quem mais vemos esta deterioração é em Judas. Jesus deve ter visto nele um homem a quem podia usar para seu propósito. Mas Judas, que poderia haver-se convertido em herói, converteu-se em vilão. E aquele que poderia ter sido um santo se converteu no próprio nome da vergonha.

Há uma história terrível a respeito da experiência de um pintor que estava pintando a Santa Ceia. Era um quadro grande e levou muitos anos concluí-lo. Saiu a procurar um modelo para o rosto de Cristo, e encontrou um jovem de uma beleza e pureza tão transcendente que o usou para pintar a Jesus. O quadro foi adiantado pouco a pouco e um a um foi pintando os discípulos. Chegou o dia em que precisou um modelo para Judas cujo rosto tinha deixado para o final. Saiu para buscá-lo nos bairros mais pobres da cidade, onde havia todos os vícios e perversões. Por fim encontrou um homem com uma cara tão depravada e viciosa que o escolheu como modelo para o rosto de Judas. Quando estava por terminar a figura, o homem lhe disse: "Você me pintou antes". "Por certo que não", respondeu o pintor. "Sim", respondeu o homem, "e a última vez fui seu modelo para Cristo".

Os anos tinham arruinado a esse homem. A vida sempre envolve um perigo terrível. Os anos podem ser cruéis. Podem fazer desaparecer nossos ideais, nosso entusiasmo, nossos sonhos e lealdades. Podem nos

deixar com uma vida que diminuiu em vez de crescer. Podem nos deixar um coração mesquinho, cujo amor por Deus não cresceu. A vida pode fazer perder a beleza. Deus nos livre disso!

(3) *Decisão*. Esta é a versão que João nos dá da grande confissão de Pedro que nos outros Evangelhos aparece na Cesaréia de Filipe (Marcos 8:27; Mateus 16:13; Lucas 9:18). Uma situação como esta evocou a lealdade no coração de Pedro. Para Pedro, o fato concreto era que não havia nenhum outro a quem acudir. Para ele o único que tinha as palavras de vida era Jesus.

Agora, devemos assinalar uma coisa. A lealdade de Pedro se baseava em uma relação pessoal com Jesus Cristo. Havia muitas coisas que Pedro não compreendia, estava tão intrigado e surpreso como qualquer dos outros. Mas em Jesus havia algo pelo qual estava disposto a morrer.

Em última instância, o cristianismo não é uma filosofia que aceitamos; não é uma teoria a qual nos aderimos; não é uma elaboração do pensamento; não é algo que se alcança intelectualmente. É uma resposta pessoal a Jesus Cristo. É a resposta do coração ao magnetismo de Jesus. É uma lealdade e um amor que o homem entrega porque seu coração não lhe permite agir de outro modo.

João 7

[Não o tempo do homem mas o tempo de Deus - 7:1-9](#)

[Reações para com Jesus - 7:10-13](#)

[Veredictos sobre Jesus - 7:10-13 \(cont.\)](#)

[A autoridade suprema - 7:14-18](#)

[Um argumento sábio - 7:19-24](#)

[A afirmação de Cristo - 7:25-30](#)

[Busca – a tempo - 7:31-36](#)

[A fonte de água viva - 7:37-44](#)

[A fonte de água viva - 7:37-44 \(cont.\)](#)

[Admiração involuntária e defesa tímida - 7:45-53](#)

NÃO O TEMPO DO HOMEM MAS O TEMPO DE DEUS**João 7:1-9**

A festa dos Tabernáculos caía em fins de setembro e princípios de outubro. Era uma das festividades obrigatórias dos judeus e qualquer varão adulto que vivesse a trinta quilômetros de distância de Jerusalém tinha a obrigação legal de assistir a ela. Mas os judeus devotos que viviam a mais de trinta quilômetros concorriam com ardor. Durava oito dias. Mais adiante neste mesmo capítulo falaremos sobre esta festa com mais detalhe. Quando chegou a época da festa, os irmãos de Jesus insistiram com Ele para ir a Jerusalém para assistir a festa; mas Jesus rechaçou suas razões e foi a seu próprio tempo.

Há algo único nesta passagem que não podemos deixar de assinalar. Segundo o versículo 8, Jesus diz “O meu tempo ainda não está cumprido”. Jesus estava acostumado a referir-se com bastante freqüência ao seu *tempo*, ou à sua *hora*. Mas nesta passagem emprega uma palavra muito distinta, e o faz por única vez. Em outras passagens (João 2:4; 7:30; 8:20; 12:27) a palavra que Jesus ou João usa é hora, que significa a *hora assinalada por Deus*. Esse tempo ou hora não era algo mutável, era inevitável, era preciso aceitá-lo sem discussão porque era o momento em que o plano de Deus tinha decidido que algo devia acontecer. Mas nesta passagem a palavra que se emprega não é *hora*, e sim *kairos*, que significa uma *oportunidade*; quer dizer o melhor momento, a oportunidade mais adequada para fazer algo; significa o momento em que as circunstâncias são mais propícias; significa o que estamos acostumados a denominar o *momento psicológico*; significa esse momento em que terá que aproveitar a oportunidade porque pode não repetir-se.

O que Jesus diz aqui não é que chegou a hora de Deus; diz algo muito mais simples, que esse momento não era aquele que daria a Jesus a oportunidade que estava esperando. Isso explica por que mais tarde Jesus vai a Jerusalém.

Muita gente se tem sentido confundida porque primeiro disse a seus irmãos que não iria e depois foi.

Schopenhauer, o filósofo alemão, disse: "Jesus Cristo de propósito pronunciou uma falsidade". Outros sustentam que Jesus disse que não iria à festa em forma *pública*, mas que isso não o impedia de ir de maneira *particular*. Mas se nos remetemos ao texto grego o que Jesus diz é o seguinte: "Se Eu for com vocês neste momento não terei a oportunidade que procuro. O momento não é oportuno". De maneira que adiou sua ida até a metade da festa porque o fato de chegar quando a multidão já estava reunida e expectante lhe dava uma oportunidade muito melhor que ia embora no primeiro dia. Isto não faz mais que nos mostrar que Jesus escolhe seu tempo com prudência e cuidado para obter os melhores resultados possíveis.

Nesta passagem aprendemos duas coisas:

(1) Aprendemos que não podemos forçar a mão de Jesus. Seus irmãos trataram de forçá-lo a ir a Jerusalém. De fato, foi o que podemos chamar um atrevimento e um desafio. De algum modo tinham razão de um ponto de vista humano. Jesus fazia seus grandes milagres na Galiléia. Galiléia é o cenário da conversão da água em vinho (João 2:1 ss.); da cura do filho do nobre (João 4:46); da alimentação dos cinco mil (João 6:1ss). O único milagre que tinha feito em Jerusalém foi a cura do paralisado no lago (João 5:1 ss). Não estava fora do normal dizer que foi a Jerusalém para que aqueles que o apoiavam nessa cidade vissem as coisas que podia fazer. O relato deixa bem sentado que a cura do paralisado foi interpretada mais como uma violação do sábado do que como um milagre. Além disso, se Jesus queria ter êxito em convencer os homens, não podia esperar obtê-lo escondendo-se em um canto; devia agir em forma tal que todo mundo visse o que podia fazer.

Mais ainda, Jerusalém era o lugar chave. Todo mundo sabia que os habitantes da Galiléia eram exaltados e aventureiros. Qualquer pessoa que quisesse que o seguissem não tinha nenhuma dificuldade em conseguir adeptos na atmosfera excitante que se respirava na Galiléia;

mas Jerusalém era algo muito diferente. Galiléia não era em realidade uma prova; Jerusalém era a pedra de toque. Os irmãos de Jesus podiam ter justificado sua insistência; mas não se pode forçar a mão de Jesus. Jesus faz as coisas, não no tempo do homem, e sim no de Deus. A impaciência do homem deve aprender a esperar na sabedoria de Deus. O mundo segue o tempo de Deus, não o nosso.

(2) Aprendemos que é impossível tratar a Jesus com indiferença. Não importava que dia os irmãos de Jesus fossem a Jerusalém. Qualquer dia dava no mesmo, posto que ninguém notaria sua presença. Não havia nada que dependesse de sua ida a Jerusalém; podiam ir em qualquer momento, sem que fizesse nenhuma diferença. Mas se Jesus ia era algo muito diferente. Por que? Porque os irmãos de Jesus formavam parte do mundo, seus interesses estavam no mundo, estavam em sintonia com o mundo, não faziam que o mundo se sentisse incômodo e o mundo não tinha nenhuma queixa contra eles. Mas Jesus entra com um inquietante poder dinâmico. Sua simples presença é uma condenação de nosso modo de vida. Sua simples vinda é um desafio a nosso egoísmo e nossa letargia. Jesus tinha que escolher o momento, porque quando ele chega algo acontece.

REAÇÕES PARA COM JESUS

João 7:10-13

De maneira que, por fim, Jesus escolheu seu próprio tempo e foi a Jerusalém. Aqui temos as reações das pessoas quando se viram frente a Jesus. Agora, grande parte da importância deste capítulo reside na quantidade de reações que nos mostra. Reuniremos aqui os diferentes reações para com Jesus, não só nesta passagem, mas também em todo o capítulo.

(1) Deu-se a reação de seus irmãos (versículos 1-5). Em realidade se tratava de algo desafiante. Quando insistiam com Ele para ir a Jerusalém estavam propondo um desafio. Em realidade não criam nele;

estavam-no provocando, conforme pensavam, como se poderia fazer com um menino precoce. Ainda hoje nos encontramos com essa atitude de brincadeira tolerante para com a religião.

No *Diario de un cura rural*, Georges Bernanos nos relata que às vezes o padre de campanha recebia um convite para ir jantar à casa mais aristocrática da paróquia. O dono de casa o incitava a falar e discutir com seus convidados, mas o fazia com essa tolerância semi-divertida e semi-zombadora com a qual poderíamos incitar a um menino a demonstrar suas habilidades ou a um cão a fazer suas provas.

(2) Deu-se o ódio manifesto. Ocorreu o ódio sem dissimulação dos fariseus e dos sumos sacerdotes (versículos 7, 19). Não o odiavam pelas mesmas razões, porque o certo é que se odiavam entre si. Os fariseus o odiavam porque Jesus passava por alto suas regras e normas mesquinhas. Se Ele tinha razão, eles estavam equivocados, e amavam seu próprio sistema fechado mais que a Deus. Não importava o que Deus lhes dissesse, eles se aferravam a suas regras e normas.

Os saduceus formavam um partido político. Não observavam as regras e normas dos fariseus. Quase todos os sacerdotes eram saduceus. Sempre tinham sido o partido colaboracionista. Colaboravam com seus amos romanos e viviam em forma muito cômoda e até luxuosa. Os saduceus não queriam um Messias; de fato era última coisa que teriam desejado, porque quando o Messias chegasse seu clã partidário se desintegraria em pedaços e perderiam suas riquezas e privilégios. Odiavam a Jesus porque interferia com seus próprios interesses aos quais amavam mais que a Deus. Até é possível que um homem ame mais seus próprios interesses do que ama a Deus, e que os ponha acima do desafio da aventura e do sacrifício.

(3) Ambas as reações se manifestaram no desejo de eliminar a Jesus (vs. 30-32). Quando os ideais de um homem se chocam com os de Jesus podem acontecer duas coisas: ou que o homem se submeta e se entregue, ou que lute contra Cristo e trate de destruí-lo. Hitler não queria ter cristãos a seu redor porque estes professavam uma lealdade superior à

lealdade para com o Estado. Qualquer homem se defronta com uma alternativa muito simples se permitir que Jesus entre em sua vida. Pode fazer o que ele quer ou o que quer Cristo; e se quer continuar fazendo sua vontade a única coisa que fica por fazer é tentar eliminar a Cristo.

(4) Deu-se um orgulho arrogante (vs. 15, 47-49). Que direito tinha este homem, sem a menor formação nas escolas teológicas, de vir e expor a Lei? Jesus não tinha nenhum pano de fundo cultural; não tinha assistido às escolas e colégios rabínicos. Como aprendeu a ler? Sem dúvida alguma, nenhuma pessoa inteligente pensaria em ouvi-lo.

Aqui temos a reação do esnobismo acadêmico. E entretanto, o certo é que muitos dos grandes poetas, escritores e evangelizadores carecem de títulos acadêmicos. Com isto não quer indicar que se deve desprezar ou abandonar por um momento as qualificações acadêmicas, os estudos, a cultura e a educação. Mas quer dizer que devemos nos cuidar muito bem de desprezar a alguém e confiná-lo ao grupo dos que não interessam pela simples razão de que carece da formação acadêmica das escolas.

(5) Deu-se a reação da multidão. Esta reação foi dupla. Em primeiro lugar, manifestou *interesse* (v. 11). A única coisa que é impossível manifestar quando Jesus invade a vida, é indiferença. Enquanto Jesus é uma figura histórica que aparece nos livros se pode demonstrar indiferença; mas quando chega Jesus vivo, já não é possível ser indiferente. Além de qualquer outra coisa, Jesus é a figura mais interessante do mundo. Em segundo lugar se estabeleceu uma *discussão* (versículos 12, 43). Falavam sobre Jesus. Discutiam suas opiniões a respeito de Jesus; expunham seus pontos de vista; trocavam idéias. Nisto há algo positivo e algo perigoso.

O positivo é que não há nada que nos permita esclarecer mais nossas próprias opiniões que o fato de enfrentá-las com as de alguma outra pessoa. A mente afia a mente como o aço ao aço. O perigoso reside em que a religião pode converter-se em um tema de discussão e debate, uma série de questões fascinantes sobre as quais qualquer um pode falar durante toda sua vida — e não fazer nada a respeito. Há uma diferença

abismal entre ser um teólogo discutidor que está disposto a falar até qualquer hora da noite e ser uma pessoa autenticamente religiosa, cuja religião passou de falar sobre Cristo para conhecer Cristo, e de discutir sobre Cristo para viver o cristianismo.

VEREDICTOS SOBRE JESUS

João 7:10-13 (continuação)

Neste capítulo há toda uma série de veredictos sobre Jesus.

(1) Existe a afirmação de que era um *homem bom* (versículo 12). Esse veredicto permanece e é verdadeiro, mas não é toda a verdade. Foi Napoleão quem fez o célebre comentário: "Eu conheço os homens e Jesus Cristo é mais que um homem". Jesus era verdadeiramente um homem, mas nele estava a mente de Deus. Quando Ele fala não é um homem falando com outro. Se assim fosse, poderíamos discutir e questionar seus mandamentos; quando Ele fala é Deus que fala com os homens; e o cristianismo não significa discutir seus mandamentos e sim aceitá-los.

(2) Existe o veredicto de que é um *profeta* (versículo 40). Isso também é verdade. O profeta é quem anuncia a vontade de Deus, é o homem que viveu tão perto de Deus que conhece a mente e o propósito de Deus. Isso é verdade a respeito de Jesus; mas há uma diferença. O profeta diz: "Assim diz o Senhor". Sua autoridade é delegada ou emprestada. Dão-lhe uma mensagem, esta não lhe pertence. Jesus diz: "Eu lhes digo". Tem direito a falar, não com autoridade delegada, mas sim porque é quem é.

(3) Existe o veredicto de que está *louco* (versículo 20). Agora, o certo é que ou Jesus é a única pessoa completamente corda que existe no mundo, ou que estava louco. Escolheu a cruz quando teria podido ser poderoso. Foi um servo sofredor, quando poderia ter sido um rei conquistador. Lavou os pés de seus discípulos, quando tivesse podido ter ao homens ajoelhados a seus pés. Veio para servir, quando teria podido

submeter o mundo à servidão. O que nos dão as palavras de Jesus não é senso comum, e sim senso fora do comum. Jesus mudou os valores do mundo, porque traz para um mundo enlouquecido a suprema saúde de Deus.

(4) Afirma-se que busca *seduzir*. As autoridades judaicas viam nele alguém que apartava os homens da verdadeira religião. O fato concreto é que Jesus foi acusado de cada um dos pecados possíveis contra a religião. Foi acusado de violar o sábado, de ser um bebedor e um glutão, de ter os amigos menos respeitáveis, de destruir a religião ortodoxa. Não resta a menor dúvida de que se preferirmos nossa idéia sobre a religião à idéia dele, aparecerá como alguém que busca seduzir a outros; e uma das coisas mais difíceis para qualquer ser humano é reconhecer que está equivocado.

(5) Afirma-se que é *um homem valente* (versículo 26). Algo do que ninguém jamais duvidou foi de sua coragem franca e clara. Teve a coragem moral de desafiar as convenções e de ser diferente. Tinha a coragem física que podia suportar a dor física mais terrível. Teve a coragem de continuar quando sua família o abandonou, seus amigos falharam e um de seus próprios discípulos o traiu.

Aqui o vemos entrando em Jerusalém com coragem, quando entrar nessa cidade era o mesmo que ir à cova dos leões. Jesus "tinha tanto temor de Deus que jamais experimentou temor perante nenhum homem".

(6) Afirma-se que tem a mais *dinâmica das personalidades* (versículo 46). O veredicto dos oficiais que foram prendê-lo e voltaram com as mãos vazias, foi porque que jamais nenhum homem tinha falado como ele.

Julián Duguid nos relata que em uma oportunidade viajou no mesmo transatlântico que Sir Wilfred Grenfell e diz que quando este entrava em uma habitação alguém o advertia embora estivesse sentado de costas à porta, por uma espécie de onda de vitalidade que emanava de sua pessoa.

Quando refletimos sobre a forma em que este carpinteiro da Galiléia se confrontou com os mais poderosos da região e os dominou até que foram eles os julgados e não ele, não podemos deixar de reconhecer que foi ao menos uma das maiores personalidades da história. A imagem de um Cristo suave e anêmico não serve. Fluía dele um poder que fazia com que aqueles que tinha sido enviados para prendê-lo voltassem com as mãos vazias e confundidos.

(7) Existe o veredicto de que era o *Cristo*, o Ungido de Deus. Nada menos que isto é suficiente. Não há a menor duvida de que Jesus Cristo não se encaixa em nenhuma das categorias humanas. Estas são inúteis para descrevê-lo e seu efeito sobre os homens; só serve a categoria do divino.

Antes de terminar com a análise geral deste capítulo, devemos assinalar outras três reações para com Cristo.

(1) Temos a reação de *temor* por parte da multidão (versículo 13). Falavam dele mas tinham medo de elevar a voz. A palavra que emprega João é onomatopéica — quer dizer, uma palavra que imita o som do que designa. Trata-se da palavra *goggusmos* (em grego, dois g se pronunciam *ng*). Indica uma espécie de protesto, rumor, um tom que denota descontentamento. É a palavra que se emprega para indicar os protestos do povo de Israel no deserto quando se queixavam de Moisés. Murmuravam as queixas que temiam expressar em voz alta. O medo pode impedir que um homem faça uma manifestação clara e aberta de sua fé e pode fazer com que torne um murmúrio indiferenciado, semi-audível. O cristão jamais teme dizer ao mundo em voz muito alta que crê em Cristo.

(2) A reação de alguns dos componentes da multidão foi *crer* (versículo 31). Estes eram os homens e mulheres que não podiam negar ou deixar de crer no testemunho de seus próprios olhos. Escutaram o que dizia Jesus, viram o que fazia, confrontaram-se com essa personalidade dinâmica, e creram. Se alguém se livrar de preconceitos e temores, não tem mais remédio que crer.

(3) Temos a reação de Nicodemos. Sua reação foi a de defender a Jesus (versículo 50). Nessa reunião das autoridades judaicas ele foi o único homem que levantou a voz para defender a Jesus Cristo. Esse é o dever de cada um de nós,

Ian Maclaren estava acostumado a dizer a seus alunos quando tinham que pregar: "Dediquem uma palavra amável a Jesus Cristo". Na atualidade vivemos em um mundo estranho. Vivemos em um mundo que é hostil ao cristianismo de muitas maneiras e em muitos lugares, mas o mais estranho é que o mundo jamais esteve tão disposto a falar sobre Jesus e a discutir a respeito da religião. Vivemos em uma geração na qual cada um de nós pode obter o título de "Defensor da fé". O privilégio que Deus nos deu é o de poder ser, todos nós, advogados defensores de Jesus Cristo perante a crítica — e às vezes a brincadeira — dos homens.

A AUTORIDADE SUPREMA

João 7:15-18

Já vimos que é muito provável que algumas partes do Evangelho de João tenham sido mal situadas. Pode ser que ele nunca tenha tido tempo ordenado, e logo se reuniram as folhas sobre as que tinha escrito, em uma ordem que não era o original. Esta seção e a que segue são um dos exemplos mais claros de uma localização incorreta. Tal como aparecem estas duas passagens aqui carecem de sentido; não têm nenhuma relação com o contexto. É quase seguro que não é este o lugar que lhes corresponde, mas sim deveriam estar situados depois de 5:47.

O capítulo 5 relata a cura do paralítico junto ao lago. O milagre se fez em um sábado e as autoridades judaicas o consideraram uma violação do dia de descanso. Jesus citou para sua defesa as palavras de Moisés e disse que se realmente conhecessem o significado destas Escrituras, e se cressem nelas de verdade, também creriam nele. O capítulo conclui: "Se, de fato, crêsseis em Moisés, também crerieis em mim; porquanto ele escreveu a meu respeito. Se, porém, não credes nos

seus escritos, como creereis nas minhas palavras?" (João 5:46-47). Se daqui passamos a ler João 7:15-24, a relação resulta muito evidente. Jesus acaba de referir-se aos escritos de Moisés e em seguida as surpreendidas autoridades judaicas irrompem: "Como pode este homem ler se não recebeu educação alguma?"

Compreenderemos muito melhor o sentido e a importância de João 7:15-24 se supusermos que está mal situado e que seu lugar original era depois de João 5:47. Tendo esta relação presente, nos concentremos na passagem.

A crítica que as autoridades judaicas faziam era que Jesus carecia de educação. É a mesma acusação que se elevou contra Pedro e João quando se confrontaram com o Sinédrio (Atos 4:13). Jesus não tinha assistido a nenhuma escola rabínica. O costume ditava que só o discípulo de um mestre acreditado, alguém que tinha estudado com um dos grandes rabinos, podia expor as Escrituras e falar sobre a Lei. Nenhum rabino fazia jamais uma afirmação por conta própria. Sempre começava com estas palavras: "Há um ensino que diz que.. " E passava a citar passagens e autoridades para corroborar cada afirmação que pronunciava. E aqui estava este carpinteiro da Galiléia, este homem carente por completo de educação, que ousava citar e expor a Moisés frente a eles.

Jesus poderia ter caído na armadilha com toda facilidade. Poderia ter dito: "Não necessito nenhum mestre; auto-eduquei-me; tirei meus ensinamentos, minha sabedoria e minha doutrina de mim mesmo." Mas não foi isso o que disse. Disse o seguinte: "Perguntam-me quem foi meu mestre? Perguntam-me que autoridade posso invocar para dizer o que digo e para minha exposição das Escrituras? *Meu mestre e minha autoridade é Deus.*" Jesus nunca disse que tinha aprendido por si mesmo; disse que Deus tinha sido seu mestre. De fato, é algo que afirma com bastante frequência. "Porque eu não tenho falado por mim mesmo, mas o Pai, que me enviou, esse me tem prescrito o que dizer" (João 12:49). "As palavras que eu vos digo não as digo por mim mesmo;" (João 14:10).

Frank Salisbury fala sobre a carta que recebeu depois de ter concluído seu grande quadro sobre o enterro do soldado desconhecido na Abadia do Westminster. Um colega lhe escreveu dizendo: "Quero felicitá-lo pelo grande quadro que pintou — ou, melhor, pelo quadro que Deus lhe ajudou a pintar."

Todas as grandes criações da mente ou do espírito são dadas por Deus. Nenhum grande nome diria que descobriu a verdade; ele se limitaria a dizer com toda humildade e gratidão que Deus lhe revelou sua verdade. Se nos gabarmos de ter aprendido por nós mesmos, se dissermos que todo descobrimento que fazemos é nossa obra sem nenhuma outra ajuda, em última instância, só exaltamos nossa própria reputação e nosso próprio eu. O grande homem não pensa nunca no poder de sua mente ou de suas mãos; só pensa no Deus que lhe disse o que sabe e lhe ensinou a fazer o que pode fazer.

Mas, além disso, Jesus estabelece uma verdade universal da vida. Diz que só o homem que faz a vontade de Deus pode entender os ensinamentos de Deus. Agora, esta não é uma verdade teológica, mas uma verdade universal. *Aprendemos fazendo*. Um médico pode aprender a técnica da cirurgia lendo livros de texto. Pode saber, em teoria, como realizar todas as operações possíveis. Mas isso não o torna cirurgião; deve aprender cirurgia praticando operações, deve aprender fazendo. Alguém pode saber como funciona o motor do automóvel; em teoria, pode ser capaz de efetuar todos os acertos e ajustes possíveis; mas isso não o torna engenheiro; deve aprender fazendo.

O mesmo acontece com a vida cristã. Se esperarmos até ter compreendido tudo, jamais começaremos. Mas se começarmos por fazer a vontade de Deus tal como a conhecemos, sua verdade ficará cada vez mais clara para nós. *Aprendemos fazendo*. Se alguém disser: "Não posso ser cristão porque há tantas coisas da doutrina cristã que não compreendo, que devo esperar até entender completamente", a resposta é: "Você nunca a entenderá toda: mas se começar aqui, neste mesmo instante, a viver uma vida cristã, não há dúvida que entenderá cada vez

mais à medida que os dias passem." No cristianismo, como em todas as outras coisas, a forma de aprender é fazendo.

Lembremos que esta passagem deveria vir depois da cura do homem paralítico. Jesus foi acusado de maldade por ter curado a alguém no dia de sábado. Agora ele passa a demonstrar que foi completamente sincero ao procurar só a glória de Deus e que não houve nenhum tipo de maldade em sua ação.

UM ARGUMENTO SÁBIO

João 7:19-24

Antes de analisar esta passagem detalhadamente, devemos assinalar um elemento. Devemos imaginar esta cena como uma discussão entre Jesus e as autoridades judaicas rodeadas pela multidão. A multidão ouve o desenvolvimento da discussão. Jesus se propõe justificar sua ação ao ter curado o paralítico no sábado, pelo qual desobedeceu a Lei sabática. Começa afirmando que Moisés lhes deu a Lei do sábado e que, no entanto, nenhum deles a observa de modo absoluto e literal. Em seguida veremos o que quis dizer com isto. Se ao curar um homem Ele desobedece a Lei, por que eles, que também desobedecem a Lei sabática, querem matá-lo? Neste momento, é a *multidão* que interrompe com a exclamação: "Estás louco!" e a pergunta: "Quem quer te matar?"

A multidão ainda não percebeu o ódio maligno de suas autoridades: ainda não sabem nada dos planos para eliminá-lo. Lembremos que esta passagem pertence em realidade ao capítulo 5 e não ao 7. Crêem que Jesus tem uma mania persecutória, que sua imaginação está perturbada e sua mente alterada; e crêem todo isso porque não conhecem os fatos. Jesus não respondeu à pergunta da multidão. Em realidade não se tratava de uma pergunta; era a interjeição de um espectador. Jesus prossegue com a exposição de seu argumento.

Seu argumento é o seguinte. A Lei dizia que era preciso circuncidar os meninos no oitavo dia do nascimento. "E, no oitavo dia, se

circuncidarão ao menino” (Levítico 12:3). É evidente que com frequência o oitavo dia caía no sábado. E a lei estabelecia com toda clareza que "podia-se fazer todo o necessário para a circuncisão no sábado." Isto está expresso com as mesmas palavras na *Mishna* que é a codificação da Lei dos escribas.

De maneira que o argumento de Jesus expressa o seguinte:

"Vocês dizem que observam com exatidão a Lei que receberam de Moisés. Dizem que observam a Lei que expressa que não se pode fazer nenhum trabalho no dia de sábado, e com o título de trabalho vocês incluíram todo tipo de atenção médica que não seja necessária para salvar uma vida. E entretanto, vocês mesmos permitiram que se leve a cabo a circuncisão no dia de sábado. Agora, a circuncisão são duas coisas. É uma atenção médica a uma parte do corpo de um homem, e o corpo tem duzentas e quarenta e oito partes. (Esse era o cálculo que faziam os judeus.) Mais ainda, a circuncisão é um tipo de mutilação; implica tirar algo do corpo. Como podem me culpar com razão por curar todo o corpo de um homem; e como podem me culpar por tornar o corpo de um homem em algo são e completo quando vocês mesmos o mutilam no dia de sábado?"

Trata-se de um argumento extremamente elaborado e inteligente. Se for legal fazer uma operação que mutila o corpo no dia de sábado, não pode ser ilegal levar a cabo uma operação que cura o corpo.

De maneira que Jesus termina dizendo que busquem olhar além da superfície das coisas, que busquem julgar com justiça; e se o fazem já não poderão acusá-lo de quebrantar a lei.

Pode ser que uma passagem deste tipo nos pareça algo remoto, mas o certo é que quando lemos uma passagem assim vemos em ação a mente aguda, clara, profunda e lógica de Jesus, e o vemos enfrentar os homens mais sábios e inteligentes de sua época com suas próprias armas e em seus próprios termos; e podemos ver como os vence.

A AFIRMAÇÃO DE CRISTO**João 7:14,25-30**

Já vimos que o mais provável é que os versículos 15-24 deveriam ir depois de 5:47. A introdução a esta passagem está em realidade no versículo 14, de maneira que, para ver a relação, começamos no versículo 14 e depois passamos ao 25.

A multidão se surpreendeu ao ver Jesus pregar dentro do templo. De ambos os lados do Pátio dos Gentios se estendiam duas colunatas ou pórticos — o Pórtico Real e o Pórtico de Salomão. Por estes lugares caminhava o povo e ensinavam os rabinos, e devia ser ali onde Jesus estava ensinando. O povo conhecia muito bem a hostilidade das autoridades para com Jesus; e se sentia muito surpreendida ao ver a coragem que manifestava ao desafiar a tais autoridades. E mais surpreso ainda se sentia ao ver que lhe permitiam ensinar sem incomodá-lo e sem lhe pôr obstáculos.

De repente tiveram imaginaram algo: "Poderá ser que, depois de tudo, este homem seja o Messias, o Ungido de Deus, e que as autoridades saibam disso?" Mas tão logo tiveram a idéia a abandonaram. A objeção que puseram foi que sabiam de onde vinha Jesus. Sabiam que seu lar estava em Nazaré, sabiam quem eram seus pais, seus irmãos e irmãs; não havia nenhum mistério a respeito de seus antecedentes. Agora, isso era exatamente o oposto à crença popular que sustentava que o Messias *apareceria*.

A idéia era que estava esperando, escondido em algum lugar, e que algum dia apareceria de repente no mundo e ninguém saberia de onde tinha vindo. Criam saber que o Messias nasceria em Belém, porque essa era a cidade de Davi, mas também estavam convencidos de que não se saberia nada mais sobre Ele. Uma frase rabínica dizia: "Três são as coisas que vêm sem que ninguém as espere: o Messias, a boa sorte e um escorpião". O Messias *apareceria* na mesma forma imprevista e assombrosa em que um homem tropeça com a boa sorte ou pisa em um

escorpião escondido. Vários anos depois, quando o mártir Justino falava e discutia com um judeu sobre suas crenças, o judeu disse com referência ao Messias: "Embora o Messias já tenha nascido e exista em alguma parte, ainda não é conhecido e ele mesmo ignora seu caráter de Messias e carece de todo poder até descer Elias para ungi-lo e dá-lo a conhecer." Todas as crenças populares judaicas estavam tintas da convicção de que se daria uma *aparicação* repentina do Messias. Irromperia no mundo de maneira misteriosa, ninguém saberia de onde tinha saído. No que respeita a Jesus, não se adequava a essa idéia absolutamente. Para os judeus sua origem não constituía nenhum mistério.

Esta crença é própria de certa atitude mental que prevalecia entre os judeus e que por certo ainda não desapareceu: a atitude mental que busca a Deus no anormal e no fora do comum. Nunca poderiam ser persuadidos de que deviam ver a Deus nas coisas mais cotidianas. As coisas deviam ser extraordinárias para poder pensar que Deus estava nelas. O ensino do cristianismo é justamente o contrário disto. Se Deus só vier ao mundo no anormal, no pouco comum, no extraordinário, quer dizer que estará muito pouco no mundo; enquanto que se podemos buscá-lo e encontrá-lo nas coisas cotidianas quer dizer que Deus sempre está presente. O cristianismo não vê este mundo como um lugar ao que Deus vem muito de vez em quando; vê-o como um mundo impregnado de Deus, do qual Deus nunca está ausente.

Como resposta a estas queixas e objeções do povo Jesus afirmou duas coisas que escandalizaram tanto à multidão como às autoridades. Disse que era muito certo que sabia quem Ele era e de onde tinha vindo; mas também era certo que, em última instância, tinha vindo diretamente de Deus. Indubitavelmente, procedia de Nazaré; mas era mais certo ainda que procedia de Deus. Em segundo lugar, disse que eles não conheciam a Deus mas ele sim. Era um insulto muito cruel dizer ao povo escolhido que não conhecia a Deus.

Que maior insulto que dizer ao povo de Deus que não conhecia a Deus? Era uma pretensão incrível a de afirmar que Ele era o único que

conhecia a Deus, que estava em uma relação tão única com Deus, que tinha vindo de maneira tal de Deus e a Ele voltaria, que conhecia a Deus como nenhum outro.

Este é um dos momentos cruciais na vida de Jesus. Até este momento as autoridades o tinham visto como um revolucionário e um rebelde que infringia a Lei do sábado, coisa bastante grave, por certo. Mas de agora em diante é culpado, não de desobedecer a Lei do sábado, mas sim do pecado supremo, *o pecado de blasfêmia*. Tal como eles o viam Jesus falava sobre Israel e sobre Deus em uma forma que nenhum ser humano tinha direito de falar.

De fato, esta é justamente a opção que continua diante de nós. Ou o que disse Jesus a respeito de si mesmo é falso, em cujo caso é culpado de uma blasfêmia como a que nenhum homem se atreveu a pronunciar jamais; ou o que disse a respeito de si mesmo é verdade, em cujo caso é o que disse ser, e só se pode dizer dele que é o Filho de Deus. Jesus nos deixa a opção; devemos aceitá-lo ou rechaçá-lo por completo. É por isso que todos os homens devem decidir-se em favor ou contra Jesus Cristo.

BUSCA — A TEMPO

João 7:31-36

Alguns dos que estavam entre a multidão não podiam deixar de crer que Jesus era o Ungido de Deus. Pensavam que ninguém podia fazer coisas maiores das que Ele estava fazendo. De fato, esse foi o mesmo argumento que empregou Jesus quando João Batista se perguntava se Ele era aquele que devia vir ou se tinha que esperar a outro. Quando João lhe enviou seus mensageiros, Jesus respondeu: *Vão, e façam João saber as coisas que me viram fazer. Isso o convencerá* (Mateus 11:1-6).

O mesmo fato de que houvesse alguns que estavam ao bordo da aceitação incitou às autoridades a atuar. Enviaram seus oficiais — é muito provável que fosse a polícia do templo — para prendê-lo. A resposta de Jesus foi que ele só estava com eles por pouco tempo; e que

viria o dia em que o buscariam, não para prendê-lo, mas para obter o que ele sozinho podia lhes dar, mas que já seria muito tarde. Teria ido a um lugar onde eles não poderiam segui-lo.

Jesus quis dizer que voltaria para seu Pai, de quem eles se apartaram por sua desobediência e rebeldia. Mas não compreenderam. Durante séculos os judeus tinham estado dispersos por todo mundo. Às vezes foram exilados pela força; em outras ocasiões tinham emigrado a outras terras em épocas de grande sofrimento em seu país. Havia um termo que designava a estes judeus que viviam fora da Palestina. Eram chamados *a diáspora*, a dispersão. Os especialistas ainda empregam o termo *judeus da diáspora* quando se referem aos judeus que vivem fora da Palestina. Essa é a frase que o povo usou nesta oportunidade. Perguntavam-se: "Acaso este Jesus irá embora da Palestina? Irá-se à *diáspora*? Irá unir-se aos gregos perdendo-se assim nas multidões do mundo pagão? Escapará tão longe que ninguém poderá encontrá-lo?" É surpreendente como uma brincadeira se converteu em profecia. O que os judeus disseram como uma piada, à medida que passaram os anos se tornou uma bela realidade; o Cristo ressuscitado se aproximou dos pagãos. Esses judeus zombadores não sabiam a verdade que estavam dizendo.

Esta passagem nos enfrenta com *a promessa e a ameaça de Jesus*. Jesus havia dito: "Buscai e achareis" (Mateus 7:7). Agora diz: "Vós me buscareis e não me achareis" (João 7:34). Séculos antes o ancião profeta tinha posto as duas coisas em uma frase muito bonita: "Buscai ao SENHOR *enquanto se pode achar*" (Isaías 55:6). O que caracteriza a esta vida é que o tempo é limitado; a triste realidade da vida é que chega um momento em que a oportunidade de fazer algo, ou até a possibilidade de fazê-lo, desaparecem. A força física declina, e há coisas que um homem pode fazer aos trinta que já não lhe são possíveis aos sessenta. A capacidade mental se debilita e há marcas mentais às quais um homem pode dedicar-se em sua juventude que o superam quando envelhece. A fibra moral é menos vigorosa, e se alguém permite que um hábito o

domine pode chegar o dia em que não poderá desfazer-se dele, embora o princípio ele poderia tê-lo rechaçado, até com facilidade. O mesmo acontece conosco e Jesus Cristo. O que Jesus dizia àquele povo é o seguinte: "Vocês podem despertar para um sentimento de necessidade quando for muito tarde."

Um homem pode rechaçar a Cristo durante tanto tempo, pode tomar o caminho equivocado durante tanto tempo, que no final já nem sequer veja a beleza de Cristo, e o mal se converta em seu bem, e o arrependimento se torne impossível. Enquanto haja vida, enquanto o pecado nos doa e enquanto o bem inalcançável nos chame e esteja presente em nossos desejos, ainda existe a possibilidade de procurar e encontrar. Mas o indivíduo deve cuidar para não acostumar-se tanto ao pecado que já não saiba que está pecando, de não fazer-se tão indiferente a Cristo que já não veja nenhuma beleza nele, de rechaçar a Deus durante tanto tempo que no final não saiba que há um Deus, porque nesse caso desaparece o sentido de necessidade, e se não há sentido de necessidade, não podemos buscar, e se não buscarmos nunca encontraremos. Algo que o homem jamais deve perder é seu sentido do pecado.

A FONTE DE ÁGUA VIVA

João 7:37-44

Todos os acontecimentos que se relatam neste capítulo se desenvolveram durante a festa dos Tabernáculos. Para poder entender bem esta passagem devemos conhecer o significado, e ao menos parte do ritual, desta festa.

A festa dos Tabernáculos era a terceira do trio de grandes festas judias; todos os judeus adultos varões que vivessem dentro de um raio de trinta quilômetros de Jerusalém tinham a obrigação de assisti-las. As três festas eram a Páscoa, a festa de Pentecostes e a dos Tabernáculos ou das

Cabanas. Caía no dia quinze do sétimo mês, quer dizer, ao redor de 15 de outubro. Como todas as grandes festas judias tinha um duplo significado.

Em primeiro lugar tinha um sentido *histórico*. Recebia esse nome porque durante sua celebração o povo abandonava suas casas e vivia em pequenas cabanas. Durante a festa apareciam cabanas por toda parte: sobre os tetos das casas, nas ruas, nas praças, nos jardins e até nos pátios do templo. A Lei indicava que as cabanas não deviam ser estruturas permanentes, mas sim era preciso construí-las especialmente para essa ocasião. As paredes eram feitas de ramos e folhas, e deviam ser feitas de tal maneira que protegessem contra a intempérie mas que deixassem passar o Sol. O teto devia ser de palha mas posto em forma que se pudessem ver as estrelas pelas noites. O significado histórico de tudo isto era lembrar as pessoas de maneira que nunca o esquecessem, que em uma época tinham vagado pelo deserto sem um teto para protegê-los (Levítico 23:40-43). O propósito era "que suas gerações saibam que eu fiz com que o povo do Israel vivesse em cabanas quando os tirei da terra do Egito." Em um princípio tinha durado sete dias, mas na época de Jesus lhe tinham agregado um oitavo. De maneira que o significado histórico da festa das Cabanas era lembrar os judeus que em uma época o povo de Israel tinha vagado pelo deserto antes de estabelecer-se na Terra Prometida.

Em segundo lugar, tinha um significado *agrícola*. Acima de todas as coisas era um festival de agradecimento pelas colheitas. Às vezes é chamada *Festa da Colheita* (Êxodo 23:16; 34:22). Para o povo judeu representava a mais popular das festas. É por isso que às vezes só a chamavam *a festa* (1 Reis 8:2), e às vezes a *Festa do Senhor* (Levítico 23:39). Sobressaía-me dentre todas as outras celebrações. O povo a chamava "a estação de nossa alegria". Como chegava a fins de outono, era a época mais feliz porque assinalava a colheita de todos os frutos; já se tinha recolhido a cevada, o trigo e a uva. Conforme a Lei o estabelecia, era preciso celebrá-la "à saída do ano, quando tiveres colhido do campo o teu trabalho" (Êxo. 23:16); e era preciso observá-la

“quando colheres da tua eira e do teu lagar” (Deut. 16:13). Não era o agradecimento por uma colheita em particular, mas sim por todos os frutos da natureza que faziam possível a vida e que faziam feliz a existência. No sonho de Zacarias sobre o novo mundo este era o festival que era preciso celebrar em todos os rincões do mundo (Zac. 14:16-18). Josefo o chamou “a mais santa e maior festa entre os judeus” (*Antiguidades*, 3.10.4). Não era só uma ocasião para os ricos e poderosos e para aqueles que em geral tinham muito. Era estabelecido que o servo, o estrangeiro, a viúva e o pobre deviam compartilhar a alegria universal.

Havia uma cerimônia especial relacionada com esta festa. Dizia-se aos adoradores que tomassem “ramos de palmeiras, ramos de árvores frondosas e salgueiros de ribeiras” (Levítico 23:40). Os saduceus diziam que se tratava de uma descrição do material com o qual se deviam construir as cabanas. Os fariseus sustentavam que era uma descrição das coisas que deviam trazer os fiéis quando foram ao templo. Naturalmente, o povo aceitava a interpretação dos fariseus, porque lhes permitia participar de uma cerimônia muito vital.

Esta cerimônia especial está muito relacionada com esta passagem e com as palavras de Jesus. É muito provável que tenha tido isto em mente ao falar e, possivelmente, também o tenha tido como pano de fundo físico. Em cada dia da festa o povo se aproximava do templo com seus ramos de palmeiras e de salgueiros. Formavam uma espécie de teto ou pano de fundo com elas, e partiam em volta do altar maior. Ao mesmo tempo um sacerdote tomava uma jarra de ouro que continha três *logs* — um pouco mais de um litro — e descia ao lago de Siloé onde o enchia de água. Levava-o de volta passando pela Porta da Água enquanto os fiéis recitavam Isaías 12:3: “E vós, com alegria, tirareis águas das fontes da salvação”. Levava-se a água ao templo e ao altar e a derramava sobre este como oferta a Deus. Enquanto se levava a cabo esta cerimônia, o coro dos levitas cantava o Hallel — quer dizer, os Salmos 113-118 — com acompanhamento de flautas. Quando chegavam às palavras “Louvai ao SENHOR” (Salmo 118:1), e às palavras “Oh! Salva-nos, SENHOR”

(Salmo 118:25), e por último às palavras finais “Rendei graças ao SENHOR” (Salmo 118:29), os fiéis gritavam e sacudiam sua palmas para o altar. Toda a dramática cerimônia era um vívido agradecimento pelo dom divino da água, uma oração para pedir chuva, e uma lembrança da água que surgiu da rocha quando vagavam pelo deserto. O último dia a cerimônia era ainda mais impressionante porque partiam sete vezes ao redor do altar em lembrança das sete vezes que partiram ao redor das muralhas do Jericó, depois do que estas foram derrubadas e o povo tomou a cidade.

Foi nesse cenário, e possivelmente nesse mesmo momento, quando ressonou a voz de Jesus: "Se alguém tiver sede, venha a *mim* e beba." É como se dissesse: "Vocês agradecem e glorificam a Deus pela água que sacia a sede de seus corpos. Venham a mim se quiserem a água que saciará a sede de suas almas." Jesus estava aproveitando esse momento dramático para dirigir o pensamento dos homens à sua sede de Deus e das coisas eternas.

A FONTE DE ÁGUA VIVA

João 7:37-44 (continuação)

Agora que vimos o vívido pano de fundo desta passagem, devemos estudá-lo com maior detenção.

A promessa de Jesus nos apresenta um problema. Jesus disse: “Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva.” Ele pôs a frase com a expressão "como diz a Escritura". Agora, ninguém pôde encontrar a citação exata a que faz referência; e a pergunta é: O que é que exatamente quer dizer?

Há duas possibilidades muito claras.

(1) Pode referir-se ao homem que vai a Jesus Cristo e o aceita. Esse homem terá em seu interior um rio de água refrescante. Seria outra forma de expressar o que disse Jesus à mulher de Samaria: “A água que eu lhe der será nele uma fonte a jorrar para a vida eterna” (João 4:14). Seria

outra maneira de expressar a formosa frase do Isaías: “O SENHOR te guiará continuamente, fartará a tua alma até em lugares áridos e fortificará os teus ossos; serás como um jardim regado e como um manancial cujas águas jamais faltam” (Isaías 58:11). O sentido seria que Jesus pode dar aos homens a força vitalizadora do Espírito Santo.

Os judeus situavam todos os sentimentos, emoções e pensamentos em determinadas partes do corpo. O *coração* era a sede do pensamento e do intelecto; os *rins* e o *ventre* eram a sede das emoções e sentimentos mais íntimos. Como diz o autor de Provérbios: “O espírito do homem é a lâmpada do SENHOR, a qual esquadrinha todo o mais íntimo do corpo” (Provérbios 20:27). Isto significaria que Jesus nos prometia essa corrente purificadora, refrescante, vitalizadora do Espírito Santo para que nossos pensamentos, emoções e sentimentos se purificassem, revitalizassem e fossem cheios com uma vida nova. É como se Jesus tivesse dito: “Venham a mim; me aceitem; e porei em vós através de meu Espírito uma vida nova que lhes dará pureza e satisfação, e que eliminará todas suas frustrações e desejos insatisfeitos e lhes dará o tipo de vida que sempre vocês desejaram mas que jamais conseguiram.” Qualquer que seja a interpretação que escolhamos, não há dúvida que é verdadeira.

(2) A outra interpretação é que esta oração pode fazer referência ao próprio Jesus. “Do seu interior fluirão rios de água viva”, pode referir-se a Jesus. Pode ser uma descrição do Messias que Jesus tira de alguma parte que nós não podemos identificar, e a aplica a sua pessoa. Os cristãos sempre identificaram a Jesus com a rocha que deu água aos israelitas no deserto (Êxo. 17:6). Paulo tomou essa imagem da rocha e a aplicou a Cristo (1 Cor. 10:4). João relata que quando o soldado abriu o lado de Jesus com uma lança, brotou *sangue e água* (João 19:34). A água representa a purificação que vem com o batismo e o sangue a morte expiatória de Jesus. Este símbolo da água que dá vida que provém de Deus aparece várias vezes no Antigo Testamento (Salmo 105:41; Ezequiel 47:1,12). Joel apresenta a imagem: “sairá uma fonte da Casa do SENHOR” (Joel 3:18).

Pode ser que João conceba a Jesus como a fonte da qual flui a corrente purificadora. A água é aquilo sem o qual o homem não pode viver; e Cristo é aquele sem o qual o homem não pode viver e não se anima a morrer. Dele provém o dom do Espírito que poda e fortalece a vida. Mais uma vez, qualquer que seja a interpretação que escolhamos, também é profundamente verdadeira.

Já seja que consideremos que esta imagem se refere a Cristo ou ao homem que aceita a Cristo, quer dizer que de Cristo fluem o poder, a força e a purificação que são as únicas coisas que podem nos dar a vida no verdadeiro sentido da palavra.

Nesta passagem há algo surpreendente. No versículo 39, no melhor manuscrito grego, encontramos-nos com esta estranha afirmação: "Pois não havia ainda Espírito" (Bíblia de Jerusalém). O que quer dizer isto? Pensemo-lo deste modo. Durante anos e inclusive séculos pode haver um poder muito grande sem que os homens sejam capazes de descobri-lo. O poder está ali embora os homens não saibam. Para tomar um exemplo muito conspícuo — sempre existiu a força atômica neste mundo. Os homens não a inventaram; sempre esteve ali. Mas só em nosso século os homens a descobriram e a empregaram. O Espírito Santo sempre existiu; mas os homens nunca desfrutaram em realidade de todo o poder do Espírito até depois do Pentecostes. Tinham tido visões do Espírito, breves experiências, mas só depois do Pentecostes se abriram as comportas e a corrente do Espírito se precipitou sobre os homens. E, como se disse com muita acuidade: "Não poderia haver Pentecostes sem o Calvário." Só quando os homens conhecem Cristo chegam a conhecer realmente o Espírito.

Antes disso o Espírito tinha sido um poder, mas agora é uma pessoa, porque o Espírito tornou para nós nada menos que na presença e no poder do Cristo ressuscitado que está sempre conosco. Neste dito aparentemente surpreendente, João não diz que o Espírito não *existia*; mas que foi preciso a vida e a morte de Jesus Cristo para chegar o

Pentecostes, e para abrir as comportas para que o Espírito se tornasse algo real e poderoso para todos os homens.

Mas devemos notar como esta passagem termina. Alguns pensavam que Jesus era o Profeta que Moisés tinha prometido (Deut. 18:15). Outros pensavam que era o Ungido de Deus; e a seguir se estabeleceu uma discussão a respeito de se o Ungido de Deus devia vir de Belém ou não. E aqui está o trágico. Uma experiência religiosa fundamental terminou na aridez de uma discussão teológica.

Isso é o que devemos evitar acima de todas as coisas. Jesus Cristo não é alguém sobre quem discutir; é alguém a quem devemos conhecer, amar e desfrutar. Se nós tivermos uma opinião sobre Ele e outra pessoa tem uma opinião diferente, não tem nenhuma importância enquanto ambos encontrarmos nele o Salvador e o aceitemos como Senhor. Mesmo que expliquemos nossa experiência religiosa de modos diferentes, isso não deve nos dividir, porque o que importa sempre é a experiência, e não a explicação que alguém faça dela.

ADMIRAÇÃO INVOLUNTÁRIA E DEFESA TÍMIDA

João 7:45-53

Aqui nos encontramos com reações muito viva para Jesus.

(1) A reação dos soldados foi de surpresa e confusão. Foram para prender Jesus e voltavam sem Ele, porque nunca tinham ouvido ninguém falar como Jesus. Em realidade, escutar a Jesus é uma experiência nova e sem comparação para qualquer homem.

(2) A reação dos sumos sacerdotes e dos fariseus foi de orgulho e zombaria. Os fariseus usavam uma frase para descrever as pessoas comuns, singelas, que não observavam os milhares de normas da Lei ritual. Chamavam-na com ironia *o povo da terra*. Para eles, essas pessoas estavam ainda além do desprezo. Casar uma filha com um indivíduo deles era como expô-la amarrada e indefesa a uma besta. "As massas que não conhecem a Lei são malditas." A Lei rabínica dizia: "A

respeito do povo da terra há seis coisas estabelecidas: não lhes confiemos nenhum testemunho, não tomemos nenhum testemunho deles, não lhes confiemos nenhum segredo, não os façamos guardas de um órfão, não os convertamos em custódios de recursos de caridade, não os acompanhem em viagens."

Era proibido ser hóspede de uma destas pessoas ou alojá-la em sua casa. Inclusive era estabelecido que, quando fosse possível não era preciso comprar ou vender nada das pessoas da terra. Em sua orgulhosa aristocracia, seu esnobismo intelectual e orgulho espiritual os fariseus olhavam da imensa altura de seu desprezo ao homem comum. Seu argumento era: "Ninguém que tenha alguma importância espiritual ou acadêmica creu neste Jesus. Só os parvos ignorantes o aceitam." Em realidade é algo terrível quando alguém se considera muito inteligente ou muito bom para necessitar a Jesus Cristo; e pode acontecer ainda hoje.

(3) Temos a reação de Nicodemos. Foi uma reação tímida. Porque Nicodemos não defendeu a Jesus em forma direta. Só se animou a citar algumas máximas legais que eram pertinentes para a ocasião. A Lei estabelecia que todo homem devia receber justiça (Êxodo 23:1; Deuteronômio 1:16). E uma parte da justiça era que devia ter direito de expor seu caso e que não se podia condená-lo baseando-se em acusações indiretas. Os fariseus se propunham a desobedecer essa Lei. É evidente que Nicodemos não levou mais longe seu protesto. O coração lhe ditava que devia defender a Jesus, mas a cabeça lhe dizia que não devia correr esse risco. Os fariseus lhe lançaram palavras capciosas; disseram-lhe que era muito evidente que da Galiléia não podia sair nenhum profeta e lhe jogaram na cara que devia ter alguma relação com a chusma de Galiléia, e Nicodemos não disse mais nada.

Com muita freqüência alguém se encontra em uma situação em que gostaria de defender a Jesus e em que sabe que deve comprometer-se. Está acostumado a fazer uma defesa sem muito entusiasmo e logo se encerra em um silêncio incômodo e envergonhado. Quando se trata de defender a Jesus, é melhor ser arriscados com nosso coração antes que

prudentes com a cabeça. Defender a Jesus pode nos conduzir uma falta de popularidade e a risada de outros; pode significar inclusive dificuldades e sacrifícios. Mas subsiste o fato de que Jesus disse que confessará perante seu Pai o homem que o tiver confessado na Terra, e que negará perante seu Pai o homem que o tiver negado. A lealdade a Jesus pode conduzir a uma cruz na Terra mas traz uma coroa na eternidade.

João 8

Desgraça e piedade - 8:1-11

Desgraça e piedade - 8:1-11 (cont.)

Desgraça e piedade - 8:1-11 (cont.)

A luz que os homens não reconheceram - 8:12-20

A luz que os homens não reconheceram - 8:12-20 (cont.)

A luz que os homens não reconheceram - 8:12-20 (cont.)

A incompreensão fatal - 8:21-30

A incompreensão fatal - 8:21-30 (cont.)

A incompreensão fatal - 8:21-30 (cont.)

O discípulo autêntico - 8:31-32

Liberdade e escravidão - 8:33-36

O filho autêntico - 8:37-41a

Os filhos do diabo - 8:41b-45

A grande acusação e a fé brilhante - 8:46-50

A vida e a glória - 8:51-55

A tremenda afirmação - 8:56-59

DESGRAÇA E PIEDADE

João 8:1-11

Os escribas e fariseus tinham proposto encontrar alguma acusação com a qual pudessem desacreditar a Jesus. E neste incidente criam que o tinham posto entre a cruz e a espada. Na época de Jesus, quando surgia

algum problema legal difícil se acostumava levá-lo perante algum rabino para que este tomasse uma decisão. De maneira que os escribas e fariseus se aproximaram de Jesus como a um rabino. Trouxeram-lhe uma mulher surpreendida em adultério.

Diante da Lei judia, o adultério era um crime muito grave. Os rabinos diziam: "Todo judeu deve morrer antes que cometer idolatria, assassinato ou adultério." O adultério era um dos três pecados mais graves. A Lei era muito clara neste aspecto. Existiam algumas diferencia a respeito da forma em que se devia cumprir a pena de morte; mas no caso do adultério a Lei estabelecia tal pena. Levítico 20:10 diz: "Se um homem adúltero com a mulher do seu próximo, será morto o adúltero e a adúltera". Ali não se fala da forma em que diziam morrer. Deuteronômio 22:23-24 estabelece a pena no caso de uma mulher que já está desposada. Nesse caso, era preciso tirar a mulher e o homem que a seduziu fora das portas da cidade "e os apedrejarão, e morrerão".

O *Mishna*, quer dizer a Lei escrita judaica, afirma que o castigo para o adultério é o estrangulamento e até estabelece a forma em que o deve levar a cabo.

"O homem deve ser enterrado em esterco até os joelhos, e se deve pôr uma toalha suave dentro de uma mais grossa ao redor de seu pescoço (para que não fique marca, porque se trata de um castigo de Deus). Depois um homem atira para um lado, e outro ao lado contrário, até o homem morrer."

O *Mishna* reitera que para a mulher desposada que comete adultério, o castigo é morrer apedrejada. Do ponto de vista puramente legal, os escribas e fariseus tinham toda a razão do mundo. Esta mulher merecia a pena de morte.

Quando os escribas e fariseus confrontaram Jesus com esta decisão, quiseram embarcá-lo no seguinte dilema: Se Jesus decidia que era preciso apedrejar a mulher, ocorriam duas coisas. Em primeiro lugar, perdia para sempre a fama que se granjeou por seu amor e sua misericórdia, e jamais o voltaria a chamar amigo dos pecadores. Se dizia que devia morrer chocaria com a lei romana pois os judeus não tinham

poder para impor a pena de morte sobre ninguém. De maneira que se Jesus dizia que a mulher devia morrer, perderia o amor e a devoção da maioria das pessoas simples, e se tornaria em um criminoso perante o governo romano. Se Jesus decidia que era preciso perdoá-la, imediatamente se afirmaria que ensinava os homens a desobedecer a Lei de Moisés, e que fomentava e até alentava as pessoas a cometer adultério. Essa era a armadilha em que escribas e fariseus pretendiam fazer Jesus cair. Mas Jesus inverteu seu ataque de tal forma que se voltou contra eles mesmos.

Em primeiro lugar, Jesus girou e escreveu o chão. O que significa isso, em realidade? Por que Jesus fez semelhante coisa? Pode haver quatro razões.

(1) Jesus pode ter querido ganhar tempo, e não tomar uma decisão apressada. Nesse breve instante pode ter pensado o assunto e pode tê-lo apresentado perante Deus.

(2) Alguns manuscritos adicionam, "Como se não os ouvisse." Pode ser que Jesus tenha obrigado os escribas e fariseus a repetir suas acusações para que, ao fazê-lo, pudessem dar-se conta da crueldade sádica que escondiam. Possivelmente queria que tomassem consciência do que estavam dizendo.

(3) Em *Ecce Homo*, Seeley sugere algo interessante. "Jesus experimentou um sentimento de vergonha intolerável. Não podia enfrentar a multidão, os acusadores e possivelmente, nesse momento, a quem menos pudesse enfrentar fosse a mulher... Em sua vergonha e confusão se reclinou para esconder o rosto e começou a escrever no chão com os dedos." Pode ser que o olhar malicioso e lascivo dos escribas e fariseus, a curiosidade ofegante da multidão, a vergonha da mulher, combinaram-se para encher o coração de Jesus de agonia e piedade, de maneira que escondeu seu olhar.

(4) Sem dúvida as sugestões mais interessantes são as que propõem alguns dos manuscritos posteriores. A versão armênia do Novo Testamento traduz esta passagem da seguinte forma: "Ele mesmo,

reclinando a cabeça, escrevia com o dedo sobre o chão para declarar os pecados desses homens e eles viam seus distintos pecados sobre as pedras." O que sugere é que Jesus escrevia no chão os pecados dos homens que acusavam à mulher.

Pode haver algo de verdade nisto. A palavra grega com que se expressa *escrever* é *grafein*; mas a palavra que se emprega aqui é *katagrafein*, que pode significar *escrever uma acusação contra alguém*. (Um dos significados de *kata* é *contra*.) Em Jó 13:26, ele diz: "*Escreves (katagrafein) contra mim coisas amargas.*" Pode ser que Jesus enfrentasse a esses sádicos tão seguros de si mesmos com a lista de seus pecados.

Seja como for, os escribas e fariseus insistiram em obter uma resposta, e a conseguiram. Com efeito, Jesus disse: "Muito bem! Apedrejem! Mas o homem que esteja sem pecado seja o primeiro em atirar a pedra." Não seria difícil que a palavra *sem pecado* (*anamartétos*) signifique não só sem pecado, mas também *sem um desejo pecaminoso*.

O que dizia Jesus era o seguinte: "Sim, podem apedrejá-la, mas só se vós mesmos nunca quiseram fazer o mesmo." produziu-se um silêncio, e logo, lentamente, os acusadores se foram afastando.

Assim, Jesus e a mulher ficaram sozinhos. Como o expressa Agostinho: "Ficou uma grande miséria e uma grande misericórdia." Jesus perguntou à mulher: "Ninguém te condenou?" "Ninguém, Senhor", respondeu. Jesus disse: "No momento eu tampouco te julgarei. Vai, comece mais uma vez, e não voltes a pecar."

DESGRAÇA E PIEDADE

João 8:1-11 (continuação)

A grande contribuição desta passagem é a forma em que mostra as distintas atitudes para com as pessoas. Mostra-nos duas coisas a respeito da atitude dos escribas e fariseus.

(1) Mostra-nos sua *concepção da autoridade*. Os escribas e fariseus eram os eruditos legais da época. Quando surgia um problema se recorria a eles e como autoridade em matéria legal. Toda sua atitude manifesta com clareza que para eles a autoridade era algo essencialmente crítico, e condenatório. Jamais lhes ocorreu pensar que a autoridade deve basear-se na compreensão, que o objetivo da autoridade deveria ser recuperar o criminoso e o pecador. Concebiam sua função como algo que lhes dava o direito de erguer-se sobre outros como vigilantes lúgubres, estar atentos a qualquer engano ou separação da Lei e dar a cada quebrantamento da Lei com um castigo selvagem e desumano. Consideravam que sua função lhes dava o direito de aniquilar o pecador; nunca lhes passou pela cabeça que talvez estavam na obrigação de curá-lo. Ainda existem pessoas que crêem que a posição de autoridade lhes dá o direito de condenar e a obrigação de castigar. Concebem a autoridade como algo que não implica mais que castigo e condenação. Crêem que a autoridade que possuem lhes dá o direito de ser cães guardiães treinados para fazer migalhas ao pecador. Toda autoridade autêntica se baseia na compreensão.

Quando George Whitefield viu o criminoso a caminho ao cadafalso, pronunciou essa frase famosa: "Aí vou eu, se não fosse pela graça de Deus."

O primeiro dever da autoridade é tentar compreender por que atuou de uma forma determinada o homem que cometeu um engano, tratar de entender a força das tentações que o incitaram a pecar, tratar de compreender quais foram as circunstâncias que converteram ao pecado em um pouco tão fácil e atrativo. Ninguém pode julgar a outro se, pelo menos, não buscar compreender o que viveu essa pessoa. O segundo dever da autoridade é buscar recuperar a quem agiu mal. Qualquer autoridade que só se preocupa com o castigo é uma autoridade má. Qualquer autoridade que, ao cumprir sua função, leva o pecador já seja ao desespero ou a um ressentimento amargo e triste, é um fracasso. A função da autoridade não consiste em apartar o pecador de toda

sociedade decente, menos ainda aniquilá-lo; sua função consiste em converter o pecador em um homem bom. O homem que está em uma posição de autoridade deve ser como um médico sábio; seu único desejo deve ser curar a outros.

(2) Este incidente mostra com toda clareza e crueldade *a atitude dos escribas e fariseus com relação ao povo*. Estes escribas e fariseus não olhavam à mulher como uma pessoa; só a viam como uma coisa, como um instrumento mediante o qual pudessem fazer uma acusação a Jesus. Estavam-na usando, como a gente faria com uma ferramenta, para seus próprios fins. Para eles, essa mulher não tinha nome, personalidade, coração, sentimento, nem emoções; não era mais que uma peça no jogo com o qual buscavam destruir a Jesus. Sempre é errado ver as pessoas como coisas; sempre é algo mau, desumano e anticristão ver as pessoas como coisas.

A respeito de Beatrice Webb, que logo se converteu no Lady Passmore, a famosa economista, dizia-se que "via os homens como espécimes que caminhavam". Para ela o homem não era uma pessoa, mas uma instância, um caso, um espécime de algo.

O Dr. Paul Tournier, em seu livro *A Doctor's Casebook*, refere-se ao que ele denomina "o personalismo da Bíblia". Assinala o interesse que a Bíblia demonstra pelos nomes. Deus diz a Moisés: "Eu te conheço pelo teu nome" (Êxodo 33:17). Deus disse ao Ciro: "Eu sou o SENHOR... que te chama pelo teu nome" (Isaías 45:3). Na Bíblia há páginas inteiras com nomes. O Dr. Tournier sustenta que isto demonstra que a Bíblia pensa nas pessoas em primeiro lugar, não como partículas de uma massa, abstrações ou idéias, mas sim como pessoas. "O nome próprio", escreve o Dr. Tournier. "é o símbolo da pessoa. Se me esqueço os nomes de meus pacientes, se me disser, 'Ah! Aí está esse ulceroso ou esse tuberculoso que vi outro dia', estou-me preocupando mais por suas úlceras ou seus pulmões que por eles como pessoas". Insiste que um paciente sempre deve ser uma pessoa, nunca um caso.

É pouco provável que os escribas e fariseus soubessem o nome dessa mulher. Para eles, essa mulher não era mais que o caso de alguém que tinha cometido adultério na forma mais desavergonhada e a quem podiam usar como instrumento e ferramenta para cumprir os seus propósitos. No preciso momento em que as pessoas se transformam em coisas, morre o espírito do cristianismo.

Deus faz uso de sua autoridade para amar os homens a fim de convertê-los em pessoas boas; para Deus ninguém jamais se converte em uma coisa. Devemos usar qualquer tipo de autoridade que tenhamos para compreender e ao menos tentar curar, guiar e ajudar a pessoa que cometeu um engano. E não poderemos fazer nada a menos que lembremos que toda mulher e todo homem é uma pessoa, não uma coisa.

DESGRAÇA E PIEDADE

João 8:1-11 (continuação)

Além disso, este incidente diz muito a respeito de Jesus e sua atitude para com o pecador.

(1) Jesus sustentava como princípio fundamental que só o homem que está livre de falta tem o direito de manifestar seu juízo sobre a falta de outros. “Não julgueis”, disse Jesus, “para que não sejais julgados” (Mateus 7:1). Disse que o homem que pretendia julgar a seu irmão era como um homem que tinha uma trave no olho e tentava tirar uma palha do olho do outro (Mateus 7:3-5). Um dos enganos mais comuns é que somos muitos os que exigimos atitudes em outros que nós mesmos jamais poderíamos cumprir. Muitos de nós condenamos em outros faltas que são mais que evidentes em nossas próprias vidas. Mais de um pai desafia e castiga a seu filho por algo que ele mesmo faz uma e outra vez.

Mais de um membro da Igreja critica a outro por faltas das quais ele mesmo é tão culpado como seu próximo. A qualidade que nos permite julgar não é o conhecimento: isso é algo que todos temos; é a realização da bondade: nenhum de nós podemos nos gabar de possuí-la. A própria

realidade da situação humana significa que Deus é o único que tem o direito de julgar, pela simples razão de que nenhum homem é suficientemente bom para julgar a outro homem.

(2) Jesus sustentava como princípio dirigente que nosso primeiro sentimento para com alguém que cometeu um engano deveria ser a misericórdia. Afirmou-se que o dever do médico é "às vezes, curar; muito freqüentemente, aliviar e sempre, consolar". Quando se leva uma pessoa que padece uma enfermidade a um médico, ou cirurgião, o homem com experiência médica não contempla o doente com asco, inclusive se sofrer de uma enfermidade que produz essa sensação. De fato, guarda-se a repulsão física natural que em alguns casos é inevitável graças ao grande desejo de ajudar e curar.

Quando nos deparamos com alguém que cometeu um engano, nosso primeiro sentimento não deve ser "Eu me ocuparei de que sofra pelo que tem feito; não terei nada que ver com alguém que pôde agir como o fez", mas sim, "O que posso fazer para ajudar esta pessoa? Que posso fazer para restituí-lo ao bom caminho? O que posso fazer para apagar as conseqüências deste engano?" Em poucas palavras, sempre devemos oferecer a outros a mesma piedade compassiva que gostaríamos que nos oferecessem se nos encontrássemos em uma situação similar.

(3) É muito importante que compreendamos como Jesus tratou esta mulher. É fácil usar esta passagem para extrair dele a lição inadequada e para dar a impressão de que Jesus perdoava com facilidade e ligeireza, como se o pecado não tivesse a menor importância. O que Jesus disse foi o seguinte: "Não condenarei você neste momento; vá, e não volte a pecar." De fato, Jesus não anulava o juízo nem dizia: "Não se preocupe, está bem." Para expressá-lo em termos humanos, o que fez foi *diferir a sentença*. Disse, "Não farei um juízo definitivo nem condenarei Jesus agora; vai, e demonstra que você pode se comportar melhor. Você pecou, vá, e não volte a pecar e eu a ajudarei todo o tempo. No fim do dia veremos como você viveu." A atitude de Jesus para com o pecador implicava determinados aspectos.

(a) Implicava *uma segunda oportunidade*. É como se Jesus tivesse dito à mulher: "Eu sei que você fez coisas muito más, mas a vida não acabou; dou-lhe outra oportunidade, a de se redimir." Alguém escreveu estes versos:

Como desejaria que existisse um lugar maravilhoso,
Que seria o País para Voltar a Começar,
Onde todos nossos enganos e todas nossas tristezas
E toda nossa dor egoísta
Pudessem ser abandonadas como um saco velho na porta,
E não o voltássemos a usar jamais.

Em Jesus encontramos o evangelho da segunda oportunidade. Jesus sempre manifestava um interesse intenso, não só no que tinha sido uma pessoa, e sim no que podia chegar a ser. Não dizia que o que tinham feito carecia de importância; as leis quebrantadas e os corações destroçados sempre importam, mas Jesus estava convencido de que todos os homens têm tanto um futuro como um passado.

(b) Implicava a *piedade*. A diferença fundamental entre Jesus e os escribas e fariseus era que estes queriam condenar; Jesus desejava perdoar. Se lermos as entrelinhas fica resulta evidente que estes escribas e fariseus queriam apedrejar esta mulher e que se alegrariam ao fazê-lo. Conheciam a emoção de exercer o poder para condenar; Jesus conhecia a emoção de exercer seu poder para perdoar. Jesus contemplava ao pecador com uma piedade que emanava de seu amor; os escribas e fariseus contemplavam o pecador com desagrado que emanava de sua auto-suficiência.

(c) Implicava um *desafio*. O desafio com o qual Jesus confrontou a esta mulher foi o de uma vida livre de pecado. Não disse: "Está bem, não se preocupe, continue fazendo o mesmo que tem feito até agora." Pelo contrário, disse: "Está mal; saia e lute; mude sua vida de princípio a fim; vá, e não volte a pecar." Não se trata de um perdão fácil. Trata-se de um desafio que encaminhava o pecador a alturas de bondade com as quais

jumas tinha sonhado. Jesus enfrenta a vida má com o desafio da vida boa.

(d) Implicava a *confiança na natureza humana*. Quando nos pomos a pensar, parece esmagador o fato de Jesus dizer a uma mulher descoberta em adultério, a uma mulher de moralidade muito duvidosa: "Vai e não peque mais." O que surpreende e alenta em Jesus é sua confiança nos homens e nas mulheres. Quando se encontrava com alguém que tinha cometido um pecado, não dizia: "Você é uma criatura desgraçada e sem esperança." O que dizia era o seguinte: "Vá e não peque mais." Indubitavelmente cria que com sua ajuda, o pecador se podia converter num santo. O método de Jesus não consistia em queimar os homens com o reconhecimento de sua qualidade de pecadores miseráveis, coisa que sabiam muito bem, e sim lhes inspirar o descobrimento não imaginado de que eram santos em potencial.

(e) Implicava uma *advertência*. Aqui nos deparamos com uma advertência que não se explicita mas que se percebe com clareza. Aqui nos deparamos com a situação eterna do evangelho, a opção eterna. Jesus enfrentou a essa mulher com uma opção: podia voltar para seus velhos hábitos ou podia inclinar-se para com uma vida nova, em união com Jesus. O relato não está terminado, porque nenhuma vida chegou a seu fim até que se confronta com Deus.

(Devemos assinalar que este relato da mulher descoberta em adultério implica uma série de complicadas questões textuais. No final do livro se pode encontrar uma análise dessas questões.)

A LUZ QUE OS HOMENS NÃO RECONHECERAM

João 8:12-20

O cenário desta discussão de Jesus com as autoridades judias é o tesouro do templo. O tesouro do templo estava no Pátio das mulheres que era o segundo pátio do templo. O primeiro era o Pátio dos gentios; o segundo era o Pátio das mulheres. Chamava-se assim porque as mulheres

não tinham autorização para atravessá-lo a menos que fossem oferecer um sacrifício no altar que estava no Pátio dos sacerdotes. Ao redor do Pátio das mulheres havia uma colunata ou peristilo. Nessa colunata, contra a parede, havia treze arcas nos quais as pessoas deixavam cair suas ofertas. Estas arcas eram chamadas *As trombetas*, porque tinham a forma de trombetas, estreitos na boca e mais largos no fundo.

Cada uma das treze arcas tinha atribuídos valores da oferta. Nos dois primeiros lançavam as ofertas de meio siclo que todo judeu devia pagar para a manutenção do templo. No terceiro e no quarto se depositava o dinheiro para adquirir as duas pombas que devia a mulher oferecer para sua purificação depois do nascimento de um filho (Levítico 12:8). No quinto ficavam as contribuições para resolver o pagamento da madeira necessária para manter aceso o fogo do altar. No sexto se depositavam as contribuições para pagar o incenso empregado nos cultos do templo. No sétimo se depositavam as ofertas para a manutenção dos vasos de ouro que se empregavam nos cultos do templo.

Às vezes um homem ou uma família separava uma soma determinada para fazer uma oferta de gratidão ou por alguma falta cometida. Nas outras seis trombetas o povo depositava qualquer dinheiro extra que ficasse depois de ter comprado a oferta, ou qualquer outro dinheiro que queriam oferecer. Fica evidente que o tesouro do templo devia ser um lugar muito ocupado, com um desfile constante de fiéis, porque sempre havia uma quantidade de judeus devotos que queriam fazer suas ofertas a Deus. Não podia haver um lugar melhor para reunir um público piedoso e para lhes repartir ensinamentos que o tesouro do templo.

Nesta passagem Jesus faz sua afirmação fundamental: "Eu sou a luz do mundo." E é muito provável que o ambiente no qual Jesus pronunciou esta frase a tenha feito particularmente eloqüente e impressionante. João relaciona estes discursos e discussões com a festa dos tabernáculos (João 7:2). Já vimos (João 7:37) de que maneira as cerimônias dessa festa fazem mais patéticas as afirmações de Jesus a respeito de que Ele daria aos homens a água viva. Mas havia outra cerimônia relacionada com esta

feita. No entardecer do primeiro dia da festa havia uma cerimônia chamada a Iluminação do Templo. Desenvolvia-se no Pátio das mulheres. O pátio estava rodeado por profundas galerias, construídas para dar localização ao público. No centro do pátio se preparavam quatro grandes candelabros.

Quando chegava o anoitecer se acendiam os candelabros e, conforme se contava, enviavam um resplendor tão patente por toda Jerusalém que todos os pátios da cidade ficavam iluminados por seu brilho. E depois, durante toda a noite, até que o cantar do galo na manhã seguinte, os homens mais destacados, mais sábios e mais santos de todo o Israel dançavam perante o Senhor e entoavam salmos de alegria e de louvor a Deus enquanto o povo os observava. De maneira que durante a festa dos tabernáculos o resplendor das luzes do templo iluminava a cidade e transpassava a escuridão de suas praças, pátios e ruas.

O que Jesus diz é o seguinte: "Viram que o resplendor das luzes do templo atravessa a escuridão da noite. *Eu sou a Luz do mundo* e para o homem que me siga haverá luz, não só durante uma noite de festa, mas também durante todo o trajeto de sua vida. A luz do templo é brilhante, mas ao final se debilita e desaparece. Eu sou para os homens a luz que permanece para sempre."

A LUZ QUE OS HOMENS NÃO RECONHECERAM

João 8:12-20 (continuação)

Jesus disse: "quem me segue não andarás nas trevas; pelo contrário, terá a luz da vida." A frase *a luz da vida* significa duas coisas. Em grego pode querer dizer a luz que surge da fonte de vida ou a luz que dá vida aos homens. Nesta passagem tem ambos os sentidos. Jesus é a própria luz de Deus que chegou aos homens: e Jesus é a luz que dá vida aos homens. Assim como a flor não pode florescer quando não recebe a luz do Sol, nossas vidas tampouco podem florescer com a graça e a beleza

que deveriam fazê-lo até que não as penetra a luz da presença de Jesus Cristo.

Nesta passagem Jesus fala de *seguir-lo*. Falamos com freqüência de seguir a Jesus, freqüentemente insistimos aos homens a que sigam a Jesus. O que queremos dizer quando falamos de seguir a Jesus? A palavra grega que significa *seguir* é *akolouthein*, e quando a analisamos, seus sentidos se combinam para lançar uma corrente de luz sobre o que significa *seguir a Jesus* e converter-se em seu *seguidor*. *Akolouthein* tem cinco sentidos diferentes mas relacionados entre si.

(1) É usado freqüentemente para referir-se a um soldado que segue a seu capitão e líder. O soldado segue a seu capitão nas longas marchas pelas estradas, na batalha, nas campanhas a terras estranhas, segue-o em qualquer lugar que o leve. O cristão é o soldado cujo líder é Cristo.

(2) É usado com freqüência com relação ao escravo que acompanha a seu amo. Em qualquer lugar que vá o amo o escravo está a seu lado para atendê-lo. O escravo sempre está disposto a ir a serviço de seu amo e a cumprir as tarefas que este o encomenda. O cristão é o escravo cuja alegria consiste em servir sempre a Cristo.

(3) É usado freqüentemente com referência à aceitação da opinião, veredicto ou juízo de um conselheiro sábio. Quando um homem tem uma dúvida, dirige-se ao homem sábio e experiente, ao que tem conhecimento, ao perito, e, se for prudente, aceita o juízo e a opinião que recebe. O cristão é o homem cujo conselheiro e perito é Cristo. O cristão é aquele que dirige sua vida e sua conduta segundo o conselho de Cristo.

(4) Costuma-se empregar a respeito da obediência às leis de uma cidade ou de um Estado. Se um homem tiver que converter-se em um membro aceitável e útil de qualquer sociedade ou em um cidadão de alguma comunidade, deve aceitar as leis dessa sociedade ou comunidade e deve obedecê-las. O cristão é o cidadão do Reino dos céus, e aceitou a lei do Reino e a lei de Cristo como lei que regerá sua vida.

(5) Costuma-se empregar a respeito de alguém que segue a linha argumentativa de um professor ou o tema principal de um discurso. O

cristão é o homem que compreendeu o significado do ensino de Cristo. Não ouviu com uma incompreensão tola; não ouviu sem prestar maior atenção; não ouviu de maneira tal a mensagem entra por um ouvido e sai pelo outro. Escuta, leva a mensagem à sua mente e compreende, recebe as palavras em sua memória e as recorda, esconde-as em seu coração e obedece.

Ser seguidor de Cristo significa entregar seu corpo, sua alma e seu espírito à obediência do Mestre. E entrar nesse caminho significa *avançar* na luz. Quando caminhamos sozinhos estamos condenados a tropeçar e andar tateando porque são muitos os problemas da vida que estão além de nossa possibilidade de solução e, se tentarmos arrumá-los por nossa conta fracassaremos sem remédio. Quando partimos sozinhos estamos condenados a tomar o caminho equivocado porque não temos um mapa da vida seguro. Necessitamos a sabedoria do céu para seguir o caminho da Terra. O homem que tem um guia seguro e um mapa correto sem dúvida chegará ao destino são e salvo. Jesus Cristo é esse guia; ele é o único que possui o mapa da vida. Segui-lo significa transitar a salvo pela vida e depois entrar na glória.

A LUZ QUE OS HOMENS NÃO RECONHECERAM

João 8:12-20 (continuação)

Quando Jesus afirmou que era a luz do mundo, os escribas e fariseus reagiram com hostilidade. Para eles essa afirmação devia parecer bem mais surpreendente que para nós. Apareceria como uma afirmação, o que era correto, por parte de Jesus a respeito de que era o Messias e, além disso, a respeito de que cumpriria a tarefa que só Deus podia levar a cabo. No pensamento e no idioma judeus se associava em forma muito especial a palavra *luz* com Deus. “O SENHOR é a minha *luz*” (Salmo 27:1). “O SENHOR será a tua *luz* perpétua” (Isaías 60:19). “Quando eu, guiado por sua *luz*, caminhava pelas trevas” (Jó 29:3). “se morar nas trevas, o SENHOR será a minha *luz*” (Miquéias 7:8). Os

rabinos sustentavam que o nome do Messias é luz. Quando Jesus afirmou que era a luz do mundo estava fazendo a maior afirmação que podia pronunciar.

O tema desta passagem é difícil, complicado e sintético, mas inclui três linhas argumentativas.

(1) Os judeus insistiram, em primeiro lugar, que não se podia considerar correta uma afirmação como a que Jesus fez porque o testemunho sobre o qual se baseava era insuficiente. Segundo o ponto de vista deles, fundamentava-se somente na palavra do próprio Jesus. Agora, a Lei judia requeria que qualquer afirmação estivesse baseada sobre o testemunho de duas testemunhas para considerá-la verdadeira. “Uma só testemunha não se levantará contra alguém por qualquer iniquidade ou por qualquer pecado, seja qual for que cometer; pelo depoimento de duas ou três testemunhas, se estabelecerá o fato” (Deuteronômio 19:15). “Por dito de duas ou de três testemunhas morrerá aquele que tiver que morrer; não morrerá pelo dito de uma só testemunha” (Deuteronômio 17:6). “Uma só testemunha não deporá contra alguém para que morra” (Números 35:30). A acusação dos judeus se baseava em que não se podia aceitar a afirmação de Jesus porque não era sustentada por nenhuma testemunha fora dele próprio.

A resposta que Jesus dá é dupla. Em primeiro lugar, responde que seu testemunho é suficiente. Era tão consciente de sua própria autoridade, de sua estreita relação com Deus, que não necessitava nenhum outra testemunha. Não se trata de orgulho ou confiança em si mesmo. Não é mais que a instância suprema do que acontece todos os dias na vida cotidiana. Um grande cirurgião ou médico confia em sua opinião; não necessita que ninguém o apóie, seu testemunho é sua própria habilidade.

Um advogado importante ou um juiz de renome está seguro de sua própria interpretação e aplicação da lei. Não quer dizer que está orgulhoso de seu conhecimento; é consciente de que sabe.

Jesus estava tão seguro e era tão consciente de sua estreita relação com Deus que não necessitava nenhuma outra autoridade para apoiar suas afirmações fora dessa relação com Deus.

Mas, em segundo lugar, Jesus diz que em realidade *tem* uma segunda testemunha, e essa *testemunha é Deus*. Como podemos afirmar que Deus dá testemunho da autoridade suprema de Jesus?

(a) O testemunho de Deus está nas *palavras* de Jesus. Ninguém podia falar com tal sabedoria a menos que Deus lhe tivesse dado o conhecimento.

(b) O testemunho de Deus está nas *ações* de Jesus. Ninguém podia fazer essas coisas a menos que Deus estivesse com ele e agisse através dele.

(c) O testemunho de Deus está no *efeito de Jesus sobre os homens*. Cristo produz mudanças nos homens que estão claramente muito além do poder de qualquer ser humano. Nenhum poder humano pode fazer com que o homem mau se converta em alguém bom; portanto, o poder de Jesus é divino. O próprio fato de que Jesus pode fazer pelos homens o que os homens jamais podem fazer por si mesmos é a prova definitiva de que seu poder não é meramente o poder de um homem. É o poder de Deus.

(d) O testemunho de Deus está na reação dos homens para com Jesus. Em qualquer lugar e quando quer que Jesus se apresentou aos homens em todo seu esplendor, em qualquer lugar que se pregou a cruz em toda sua grandeza e em todo seu esplendor, houve uma resposta imediata e assustadora no coração dos homens.

O que foi que despertou esta resposta? Essa resposta é o Espírito Santo de Deus que opera e dá testemunho nos corações dos homens. É o Deus que está em nossos corações que nos permite ver a Deus em Jesus. Assim foi como Jesus enfrentou o argumento dos escribas e fariseus no sentido de que não se podiam aceitar suas palavras porque o testemunho que o apoiava não era adequado. Suas palavras estavam baseadas em um

testemunho duplo: o testemunho de sua própria consciência de autoridade e o testemunho de Deus.

(2) Em segundo lugar, Jesus, refere-se a seu direito de julgar. Sua vinda ao mundo não propõe como primeira missão emitir um juízo; sua vinda ao mundo propõe o Amor. Foi porque Deus amou tanto o mundo que Jesus veio. Entretanto, ao mesmo tempo, a reação do homem para com Jesus é um juízo em si mesmo. Se não ver nenhuma beleza em Jesus, mediante essa mesma reação se condenou. Aqui Jesus estabelece um contraste entre dois tipos de juízo.

(a) Existe o juízo que se baseia sobre o conhecimento e os padrões humanos, o juízo que nunca vê além da superfície. Esse era o juízo dos escribas e fariseus. E, em última instância esse é o juízo humano porque os homens não podem ver além da superfície das coisas.

(b) Existe o juízo que se baseia no conhecimento, não no conhecimento superficial, e sim naquele que conhece todos os fatos, inclusive os mais recônditos, e esse juízo só pode corresponder a Deus, porque Ele é o único que tem esse conhecimento. Agora, Jesus afirma que qualquer juízo que Ele emite, não é um juízo humano; é o juízo de Deus; porque Ele é em tal medida um com Deus. Ali se encontra tanto nosso consolo como nossa advertência. Jesus é o único que conhece todos os fatos. Isso o faz misericordioso como ninguém pode sê-lo jamais; mas ao mesmo tempo lhe permite ver pecados que estão escondidos aos olhos dos homens. O juízo de Jesus é perfeito porque está baseado no conhecimento que pertence a Deus.

(3) Por último, Jesus disse com toda franqueza aos escribas e fariseus que eles não tinham um conhecimento real de Deus. O fato de que não reconheciam quem e o que era Jesus demonstrava que em realidade não conheciam a Deus. A tragédia era que toda a história de Israel estava criada para que os judeus reconhecessem o Filho de Deus quando este chegasse: toda sua História apontava a essa vinda. Mas se comprometeram tanto com suas próprias idéias, estavam tão evoltos em seu próprio caminho, tão seguros de sua idéia do que era a religião que

se haviam feito cegos para com Deus, a tragédia dos judeus era que criam que sabiam mais que Deus.

A INCOMPREENSÃO FATAL

João 8:21-30

Esta é uma das passagens controversas tão característicos do Quarto Evangelho que são tão difíceis de explicar e de entender. Nesta passagem há várias linhas argumentativas cruzadas.

Jesus começa dizendo a seus inimigos que vai embora; e que, depois que for, eles se darão conta do que perderam, eles o buscarão e não o encontrarão, e descobrirão seu engano quando já for muito tarde. Esta é a verdadeira nota profética.

Recorda-nos três coisas.

(1) Há certas oportunidades que vêm uma vez e não voltam a repetir nunca. Todos os homens recebem a possibilidade de decidir-se por Cristo e aceitá-lo como Salvador e Senhor. Mas essa é uma oportunidade que se pode rechaçar e perder.

(2) Neste argumento de Jesus está implícito que a verdade e a vida são limitadas. Ninguém tem todo o tempo do mundo; ninguém tem uma vida ilimitada: nossa duração e nossa vida têm, necessariamente, um limite. Devemos tomar essa decisão durante o tempo que nos foi adjudicado. O tempo que temos para nos decidir por Jesus é limitado, e ninguém sabe qual é seu limite. Portanto, temos todas as razões possíveis para tomar a decisão já mesmo.

(3) Justamente porque temos uma oportunidade na vida também existe o juízo. A oportunidade perdida implica o juízo. Quanto maior era essa oportunidade, quanto mais freqüentemente vinha, quanto mais clara e evidente era, maior era o juízo se a rechaçava e a deixava passar. Esta passagem nos enfrenta com a glória de nossa oportunidade, e a limitação do tempo que temos para aceitá-la.

Quando Jesus falou de sua partida, referia-se a sua volta a seu Pai e sua glória. Isso era exatamente o que não podiam compreender seus inimigos, porque mediante sua constante desobediência e sua negativa a aceitá-lo, fecharam-se a si mesmos da presença de Deus. Jesus disse que não podiam segui-lo ao lugar aonde ia, e eles sugeriram que possivelmente se ia suicidar. O que acontece é que, segundo o pensamento judeu, o inferno estava reservado aos suicidas, a aqueles que tiravam suas próprias vidas. De maneira que, com uma espécie de blasfêmia lúgubre e terrível, o que diziam estes judeus a respeito de Jesus era o seguinte: "Possivelmente pensa tirar a vida, possivelmente se dirige para as profundezas do inferno; é muito certo que não podemos segui-lo até ali e não o faremos."

Jesus disse que se persistiam em rechaçá-lo, *morreriam em seus pecados*. Trata-se de uma frase profética (ver Ezequiel 3:18; 18:18). Isto implica duas coisas.

(1) A palavra com que se designa o pecado é *hamartia*. Originariamente esta palavra estava relacionada com a caça e seu significado literal é *errar o alvo*. O homem que se nega a aceitar a Jesus como Senhor e Salvador errou o alvo da vida. Morre com a vida frustrada, inacabada, incompleta, sem realizar; portanto, morre havendo-se inabilitado para entrar na vida superior com Deus.

(2) A essência do pecado é que separa o homem de Deus. Quando, no antigo relato, Adão cometeu o primeiro pecado, seu primeiro instinto foi esconder-se de Deus (Gênesis 3:8-10). O homem que morre em pecado morre em estado de inimizade e terror de Deus. O homem que aceita a Cristo já caminha com Deus, e a morte não faz mais que lhe abrir as portas para caminhar em forma mais íntima. Rechaçar a Cristo significa ser um estranho para Deus; aceitar a Cristo é ser um amigo de Deus; e nessa amizade fica banido para sempre o terror à morte.

A INCOMPREENSÃO FATAL**João 8:21-30 (continuação)**

Jesus enumera uma série de contrastes. Seus inimigos pertencem à Terra; ele pertence ao céu. Eles pertencem ao mundo, Ele não é do mundo.

João fala com freqüência do mundo; a palavra grega com que se designa o mundo é *kosmos*. Emprega a palavra em forma muito pessoal.

(1) O *kosmos*, o mundo, é o contrário do céu. Jesus veio do céu ao mundo (João 1:9). Deus o enviou ao mundo (João 3:17). Ele não é do mundo, seus inimigos são do mundo (João 8:23). O *kosmos* é a vida cambiante, passageira, transitiva que vivemos; o *kosmos* é todo o humano por oposição ao divino.

(2) E entretanto, o *kosmos*, o mundo, não está separado de Deus. Primeiro e principal, o mundo é criação de Deus (João 1:10). O mundo de Deus foi criado por sua palavra. Apesar da diferença entre o mundo e o céu, embora a gente é divino e o outro humano, entretanto não há entre eles um abismo infranqueável.

(3) E o mais importante, é que o *kosmos*, o mundo, é o objeto do amor de Deus. Deus amou o mundo de tal maneira que enviou o seu Filho (João 3:16). Por mais diferente que seja o mundo de tudo o que é divino, Deus jamais o abandonou. É o objeto de seu amor e o receptor de seu dom supremo.

(4) Mas ao mesmo tempo há algo que anda mal no *kosmos*. Há uma *cegueira* no mundo; quando o criador do mundo veio a ele, este não o reconheceu (João 1:10). O mundo não pode receber o Espírito da Verdade (João 14:17). O mundo não conhece a Deus (João 17:25). No mundo existe uma cegueira terrível e trágica que não reconhece a Deus, nem a sua verdade nem a seu Filho. No *kosmos* se manifesta uma hostilidade para com Deus. O mundo é hostil a Deus e a seus filhos. O mundo odeia a Cristo e a seus seguidores (João 15:18-19). Os seguidores

de Cristo só podem encontrar problemas e tribulações no mundo (João 16:33).

(5) Aqui nos encontramos com uma estranha seqüência de acontecimentos. O mundo está separado de Deus; e entretanto, não existe entre Deus e o mundo nenhum abismo infranqueável. Deus criou o mundo, Deus ama o mundo, Deus enviou o seu Filho ao mundo. E entretanto, encontramos esta cegueira e esta hostilidade para com Deus.

Só se pode extrair uma conclusão. G. K. Chesterton disse em uma ocasião que há uma só coisa indubitável sobre o homem: que não é aquilo que estava destinado a ser. Há uma só coisa inegável sobre o *kosmos*, do *mundo*: o *kosmos* não é aquilo para o qual foi criado. Algo mau lhe aconteceu. O que? O pecado. Foi o pecado o que separou o mundo de Deus. É o pecado o que faz que o mundo seja cego com respeito a Deus. O pecado é quem se manifesta hostil para com Deus.

Agora, a este mundo que tomou um caminho equivocado chega Cristo; e chega com o remédio. Traz o perdão para os pecados; traz a purificação do pecado, traz o poder e a graça para que o homem viva como deve fazê-lo e para converter o mundo no que deve ser. Mas o homem pode rechaçar um remédio. Um médico pode oferecer a seu doente um remédio que o curará, pode lhe dizer que um tratamento ou uma operação lhe devolverá a saúde e as forças. Até pode dizer que se não aceitar esse tratamento, só lhe espera a morte. Isso é exatamente o que diz Jesus. "Se não crêem que sou quem sou, morrerão em seus pecados." Se os homens não aceitarem o remédio que Jesus traz, eles morrem.

Há algo que anda mal no mundo. Qualquer o pode comprovar. O remédio consiste em reconhecer a Jesus Cristo como Filho de Deus, reconhecer que a única coisa que pode salvar o mundo é obedecer sua sabedoria perfeita, e que a única coisa que pode curar a alma individual é aceitá-lo como Salvador e Senhor.

Somos perfeitamente conscientes do mal que espreita e arruína ao mundo; o remédio está baixo nossos olhos. Nós carregaremos com a responsabilidade se nos negarmos a aceitá-lo.

A INCOMPREENSÃO FATAL

João 8:21-30 (continuação)

Não há nenhum versículo mais difícil de traduzir no Novo Testamento que João 8:25. Ninguém pode estar completamente seguro do significado das palavras gregas. Poderia significar: "Isso mesmo que já desde o princípio vos disse", que é o sentido que escolhe a versão Almeida Corrigida (1995). Outras traduções que se sugeriram são: "Em primeiro lugar, em essência, sou o que lhes estou dizendo." "Declaro-lhes que eu sou o princípio." "Que é que desde o princípio vos tenho dito?" (RA, 1993). Nós sugerimos que pode significar o seguinte: "Tudo o que lhes estou dizendo não é mais que um começo." Se tomarmos nesse sentido, a passagem diz a seguir que os homens verão o verdadeiro significado de Cristo de três formas.

(1) Vê-lo-ão na cruz. Vemos o que é Jesus em realidade quando é elevado na cruz. Aí é onde vemos o amor que não deixa os homens sozinhos e que os ama até o fim.

(2) Vê-lo-ão no Juízo. Ainda tem que fazer muitos juízos. No momento, pode aparecer como o carpinteiro de Nazaré que está fora da Lei; mas chegará o dia em que o verão como Juiz e saberão o que é.

(3) Quando isso acontecer verão nele a personificação da vontade de Deus. "*Sempre* faço as coisas que lhe agradam", disse Jesus. Os outros homens, por melhores que sejam, não obedecem continuamente a Deus. A obediência de Jesus é contínua, perfeita e completa. Deve chegar o dia em que os homens vejam e reconheçam que em Jesus está corporificada a própria mente de Deus.

O DISCÍPULO AUTÊNTICO**João 8:31-32**

Há poucas passagens do Novo Testamento que descrevam em forma tão completa as características do discípulo como estes dois versículos.

(1) *Para ser um discípulo, em primeiro lugar deve-se crer.* A gente começa a ser um discípulo quando aceita como verdadeiro o que Jesus diz. Quando o homem aceita tudo o que Jesus diz sobre o amor de Deus, tudo o que afirma sobre o terror do pecado, quando aceita tudo o que diz sobre o verdadeiro significado da vida, nesse momento o homem começa a ser um discípulo de Jesus.

(2) *Ser um discípulo significa permanecer constantemente na palavra de Jesus.* O que significa *permanecer* na palavra de Jesus? Implica quatro coisas.

(a) *Ouvir* em forma constante a palavra de Jesus. Conta-se que John Brown de Haddington costumava deter-se de vez em quando enquanto pregava como se ouvisse uma voz. O cristão é o homem que ouve a voz de Jesus durante toda sua vida. É o homem que não toma nenhuma decisão sem ouvir antes o que Jesus diz a respeito.

(b) Implica *aprender* constantemente de Jesus, Em seu sentido literal, o discípulo (*mathetes*) é *aquele que aprende*, porque isso é o que a palavra grega significa. O cristão deve aprender durante toda sua vida mais e mais a respeito de Jesus. A mente que se fecha põe fim ao discípulo.

(c) Implica *penetrar* constantemente na verdade com que estão carregadas as palavras de Jesus. Ninguém pode ouvir as palavras de Jesus de uma vez para sempre, ninguém as pode ler uma só vez, e dizer que entende todo seu sentido. A diferença entre um grande livro e um livro frívolo radica justamente em que ao segundo lemos uma vez e nunca voltamos a sentir desejos de relê-lo; enquanto que o livro transcendente o lemos várias vezes e voltamos a abri-lo de vez em

quando. Permanecer na palavra de Jesus significa estudar e pensar continuamente no que disse e no que nos continua dizendo, até que cada vez fazemos mais nosso o significado de suas palavras.

(d) Implica *obedecer* em forma constante a palavra de Jesus. Não estudamos a palavra de Jesus para obter uma satisfação acadêmica ou uma estima intelectual, mas para descobrir o que Deus quer de nós. O discípulo é aquele que aprende para poder agir. A verdade que trouxe Jesus aponta rumo à ação.

(3) *Do ser discípulo surge o conhecimento da verdade.* Aprender de Jesus é aprender a verdade. "Conhecereis a verdade", disse Jesus. E qual é a verdade que conheceremos? Essa pergunta tem muitas respostas possíveis, mas a forma mais sintética de expressá-lo quer dizer que a verdade que nos traz Jesus nos mostra os verdadeiros valores da vida. Há uma pergunta fundamental a que todo homem deve responder já seja em forma consciente ou inconsciente: "A que dedicarei minha vida?" "Vou dedicá-la a uma carreira? Vou dedicá-la a acumular posses materiais? Vou dedicá-la ao prazer? Vou dedicá-la à obediência e ao serviço a Deus?" A verdade que nos traz Jesus permite estabelecer corretamente nossa escala de valores. É em sua verdade onde vemos quais são as coisas que têm importância e quais carecem dela.

(4) *O ser discípulo proporciona a liberdade.* "A verdade vos libertará." "No serviço a Deus está a liberdade perfeita." O fato de ser discípulos nos outorga quatro liberdades.

(a) Liberta-nos do *temor*. O homem que é discípulo jamais volta a caminhar sozinho. Caminha para sempre em companhia de Jesus, e, com Ele, o temor desaparece.

(b) Liberta-nos de *nosso eu*. Muitos homens reconhecem que seu maior obstáculo e seu inimigo mais acérrimo é seu próprio eu. E são muitos os que exclamam se desesperados: "Não posso trocar. tratei, mas é impossível." O poder e a presença de Jesus podem recriar ao homem até que se converte em alguém novo.

(c) Liberta-nos de outros. A vida de muita gente está dominada pelo que podem pensar e dizer outros.

H. G. Wells disse em uma oportunidade que a voz de nosso próximo soa com maior vigor em nossos ouvidos que a de Deus. O discípulo é aquele homem que já não se preocupa com o que os outros dirão porque só pensa no que diz Deus.

(d) Liberta-nos do *pecado*. São muitos os homens que chegaram ao ponto em que não pecam porque querem fazê-lo mas sim porque não podem evitá-lo. Seus pecados, seus hábitos, suas debilidades, sua irritabilidade chegaram a dominá-los de tal forma que já não podem livrar-se deles. O ser discípulos rompe as cadeias que atam a nossos pecados e nos permitem ser a pessoa que deveríamos ser.

Que surja em mim um homem

Para deixar de ser quem sou.

Essa é a oração cuja resposta receberá o discípulo de Cristo.

LIBERDADE E ESCRAVIDÃO

João 8:33-36

Quando Jesus falava de liberdade os judeus se sentiam irritados. Asseguravam que jamais tinham sido escravos de ninguém. Sem a menor dúvida, em certo sentido isto não era verdade. Tinham sido cativos durante o exílio em Babilônia, e nesse momento estavam sujeitos à autoridade romana. Mas os judeus davam um valor imenso à liberdade que, segundo eles, era um direito que todo judeu tinha pelo simples fato de pertencer a esse povo.

A Lei estabelecia que nenhum judeu, por pobre que fosse, devia denegrir-se até o ponto de converter-se em escravo. “Também se teu irmão empobrecer, estando ele contigo, e vender-se a ti, não o farás servir como escravo. ... Porque são meus servos, que tirei da terra do Egito; não serão vendidos como escravos” (Levítico 25:39-42). A cada momento surgiam rebeliões e insurreições entre os judeus porque

aparecia algum líder fogoso que insistia que os judeus não podiam obedecer a nenhum governante da Terra, porque seu único Rei e Senhor era Deus.

Josefo, ao falar dos seguidores de Judas da Galiléia, que organizou uma famosa rebelião contra os romanos, escreve: "Sentem um apego inviolável com relação à liberdade e dizem que Deus deve ser seu único Líder e Senhor" (Josefo, *Antiguidades dos judeus*, 18:1, 6). Quando os judeus afirmavam que não tinham sido escravos de ninguém expressavam algo que era um artigo fundamental de seu credo. E embora era certo que houve épocas durante as quais tinham estado sujeitos a outras nações, e que nesse momento estavam debaixo do jugo dos romanos, nem por isso deixava de ser verdade que mantinham uma independência de espírito que significava que podiam ser escravos no corpo mas jamais no espírito.

Cirilo de Jerusalém escreveu sobre José: "Venderam José para ser escravo, entretanto era livre, radiante na nobreza de sua alma." O mero fato de sugerir a um judeu que podia ser considerado escravo era um insulto feroz.

Mas Jesus se referia a outra escravidão. "Todo o que comete pecado é escravo do pecado", disse. Todo o que pratica o pecado é um escravo. Aqui Jesus reiterava um princípio que os sábios judeus tinham afirmado uma e outra vez. Os estóicos diziam "Só o sábio é livre; o néscio é um escravo." Sócrates tinha perguntado: "Como podem dizer que um homem é livre quando os prazeres o dominam?" Mais tarde, Paulo agradecerá a Deus pelo fato de o cristão estar livre da escravidão do pecado (Romanos 6:17-20).

Aqui encontramos algo muito interessante e sugestivo. Às vezes, quando se observa um homem por fazer algo mau, ou quando lhe faz uma advertência a respeito, diz: "Farei o que queira. Sem dúvida posso fazer o que ocorre com minha própria vida." Mas o assunto é que o homem que peca *não* faz o que quer; faz o que o pecado quer. Um homem pode permitir que um hábito o domine de tal maneira que não

possa desfazer-se dele. Pode deixar que um prazer o domine até o ponto de não poder viver sem ele. Pode permitir que suas paixões o dominem de tal forma que não possa desprender-se delas. Pode chegar a um estado tal que, como disse Sêneca, odeia e ama seus pecados ao mesmo tempo. De maneira que, em vez de fazer o que quer, o pecador perdeu toda possibilidade de agir de acordo com sua própria vontade. É um escravo dos hábitos, das paixões, dos maus prazeres que o dominaram. O que Jesus destaca é justamente que o homem que peca nunca pode considerar-se livre. De fato, é um escravo do pecado.

E logo Jesus pronuncia uma ameaça velada, mas que os judeus que o ouviam entenderiam muito bem. A palavra *escravo* lhe recorda algo. Em qualquer casa havia uma diferença entre o escravo e o filho. O filho era alguém que vivia sempre na casa, nada o podia tirar dela. Mas o escravo podia ser mandado embora a qualquer momento. O amo podia prescindir dele a qualquer instante e podia lhe dizer que fosse embora. Nenhum homem pode desnaturalizar a um filho; um filho sempre é um filho. Mas o escravo pode ser tirado a qualquer momento.

O que Jesus diz aos judeus é o seguinte: "Vocês crêem que são os filhos na casa de Deus; crêem que nada lhes pode separar da presença de Deus; tenham cuidado: por meio de sua conduta vocês se estão tornando escravos; e o escravo pode ser expulso da presença de seu amo a qualquer momento." Eis aí uma ameaça. É algo terrível negociar com a misericórdia e o favor de Deus; e isso era o que os judeus faziam. Aqui há uma ameaça que não corresponde só aos judeus.

O FILHO AUTÊNTICO

João 8:37-41a

Nesta passagem Jesus atira um golpe mortal a uma afirmação que era fundamental para os judeus. Para o judeu, Abraão era a figura mais importante de toda a história religiosa; e o judeu se considerava a salvo e protegido no favor de Deus simplesmente porque descendia de Abraão.

O salmista podia dirigir-se ao povo como, “Vós, descendência de Abraão, seu servo, vós, filhos de Jacó, seus escolhidos” (Salmo 105:6). Isaías disse ao povo: “Mas tu, ó Israel, servo meu, tu, Jacó, a quem elegi, descendente de Abraão, meu amigo” (Isaías 41:8). A admiração que os judeus dispensavam a Abraão era perfeitamente legítima porque Abraão é um gigante na história religiosa da humanidade, mas as deduções que extraíam da grandeza de Abraão eram bastante equivocadas.

Os judeus consideravam que Abraão tinha obtido tanto mérito por seu bondade que esse mérito era suficiente, não só para si mesmo, mas também para toda sua descendência. Consideravam que a bondade de Abraão foi tão imensa que construiu uma espécie de tesouro de mérito do qual podiam dispor todos os seus descendentes. O crédito de Abraão com Deus era tão imponente que todos os seus descendentes podiam continuar servindo-se dele sem temor que se esgotasse.

Justino Mártir manteve uma discussão com o judeu Trifo a respeito da religião judia e chegaram à seguinte conclusão: "O reino eterno será entregue àqueles que são descendentes de Abraão pela carne, embora sejam pecadores, não creiam e desobedeçam a Deus" (Justino Mártir, *Diálogo com Trifo*, 140). No mais estrito sentido literal, o judeu cria que estava salvo porque descendia de Abraão.

É impossível viver às custas de certas coisas, embora sejam muitos os que tentam fazê-lo. A atitude dos judeus não carece de paralelos na vida atual.

(a) Ainda existem pessoas que tentam viver de uma *ascendência de um nome*. Em algum momento da história de sua família alguém de seus membros desempenhou um papel preponderante na Igreja ou no Estado, e a partir de então outros membros da família exigem um lugar de privilégio. Um grande nome jamais deveria ser desculpa para uma cômoda inação; pelo contrário, sempre deveria ser uma fonte de inspiração e um impulso para uma nova grandeza e um novo esforço.

(b) Há aqueles que tentam viver de *uma história e de uma tradição*. Há muitas Igrejas que têm um sentimento inadequado a respeito de sua

própria importância porque alguma vez tiveram um ministério famoso. Há mais de uma congregação que vive do capital espiritual do passado; mas se sempre se fazem extrações desse capital e nunca adicionam nada, infalivelmente chegará o dia em que dito capital se esgotará.

Nenhum homem, nenhuma Igreja, nenhum país podem viver dos lucros do passado. Isso era o que os judeus tentavam fazer.

Jesus foi muito claro a respeito. Declarou que o verdadeiro descendente de Abraão era o homem que agia como Abraão agiu. Isso era exatamente o mesmo que João Batista expressou. Jesus disse ao povo com toda clareza que se aproximava o dia do juízo e que não adiantaria nada dizer que descendiam de Abraão porque Deus podia fazer surgir descendentes de Abraão das próprias pedras se Ele quisesse (Mateus 3:9; Lucas 3:8). Este era um argumento que Paulo empregaria até o cansar. O que convertia o homem em descendente de Abraão não era a carne e o sangue, mas a qualidade moral e a lealdade espiritual.

Neste caso em particular, Jesus o relaciona com uma coisa. Estão buscando uma meio de matá-lo, isso é exatamente o oposto ao que fez Abraão. Quando chegou um mensageiro de Deus à casa de Abraão, este lhe deu as boas-vindas com toda alegria e respeito (Gênesis 18:1-8). Abraão deu as boas-vindas ao mensageiro de Deus, os judeus da época de Jesus tentavam matar o mensageiro. Como se animavam a proclamar-se descendentes de Abraão quando sua conduta era tão diferente?

Aqui está implícita uma grande afirmação da parte de Jesus. Pelo simples fato de lembrar o relato de Gênesis 18, Jesus está dizendo que ele também é o mensageiro de Deus. Logo afirma de maneira explícita: “Eu falo das coisas que vi junto de meu Pai.” O que é fundamental a respeito de Jesus é que não trouxe para os homens suas próprias opiniões, mas uma mensagem de Deus. Jesus não era simplesmente um homem que dizia a outros o que pensava a respeito das coisas. Era o Filho de Deus que dizia aos homens o que Deus pensava a respeito delas. No melhor dos casos, os homens podem contar a outros como eles vêm a verdade: Jesus contou aos homens a verdade tal como Deus a vê.

Logo, ao final desta passagem, temos uma afirmação surpreendente. "Vocês", disse Jesus, "fazem as obras de seu pai". Logo acaba de dizer que Abraão *não* é seu pai. Quem é seu pai, então? Por um momento se retém o impacto.

Chega no versículo 44: seu pai o diabo. Os mesmos homens que se orgulharam ao afirmar que eram os filhos de Abraão, vêem-se diante da devastadora acusação de que são os filhos do demônio. Suas obras tinham demonstrado de quem eram filhos em realidade, porque o homem só pode demonstrar sua lealdade para com Deus mediante sua conduta.

OS FILHOS DO DIABO

João 8:41b-45

Jesus logo disse aos judeus que mediante sua vida, sua conduta e sua reação para com Ele tinham demonstrado com toda clareza que não eram filhos autênticos de Abraão. A resposta dos judeus foi afirmar algo ainda mais fundamental. Disseram que seu pai era Deus e que eles eram filhos de Deus.

Ao longo de todo o Antigo Testamento se repete a afirmação de que Deus era, de maneira especial, o Pai de seu povo, Israel. Deus ordenou a Moisés que dissesse a Faraó: "Assim diz o SENHOR: Israel é meu filho, meu primogênito" (Êxodo 4:22). Quando Moisés censurou o povo por sua desobediência, seu clamor foi o seguinte: "É assim que recompensas ao SENHOR, povo louco e ignorante? Não é ele teu pai, que te adquiriu, te fez e te estabeleceu?" (Deut. 32:6). Isaías se refere a sua confiança em Deus: "Mas tu és nosso Pai, ainda que Abraão não nos conhece, e Israel não nos reconhece; tu, ó SENHOR, és nosso Pai; nosso Redentor" (Isaías 63:16). "Mas agora, ó SENHOR, tu és nosso Pai" (Isaías 64:8). Perguntou Malaquias: "Não temos nós todos o mesmo Pai? Não nos criou o mesmo Deus?" (Malaquias 2:10). De maneira que os judeus afirmavam que seu Pai era Deus.

"Nós — disseram com orgulho — não somos nascidos de fornicção." Pode haver dois elementos nesta frase.

Uma das descrições mais formosas do povo de Israel no Antigo Testamento é a que se refere a ele como a Prometida de Deus. Por isso se diz que quando Israel abandonou a Deus e foi atrás de deuses estranhos, fornicou com eles. Quando a nação incorreu nessa conduta infiel, chamou-se o povo de apóstata "filhos de prostituição" (Oséias 2:4). De maneira que quando os judeus disseram a Jesus que não eram filhos de uma união adúltera, queriam dizer que não pertenciam a um povo de idólatras; sempre tinham adorado ao Deus verdadeiro. Estavam afirmando que jamais se afastaram de Deus — afirmação tremenda que só se podiam animar a pronunciar aqueles que estavam muito seguros de seu própria bondade. Mas possivelmente quando os judeus pronunciaram essas palavras, referiam-se a algo muito mais pessoal. Não há a menor dúvida de que nos últimos tempos, os judeus fizeram correr o rumor mais malicioso e perverso contra Jesus. Os cristãos proclamaram, desde os primeiros tempos, o nascimento milagroso de Jesus. Os judeus o torceram e disseram que Maria foi infiel a José; que seu amante ilícito foi um soldado romano, Pantera, e que Jesus era o fruto dessa união adúltera. É pelo menos possível que os judeus atirassem na cara de Jesus um insulto sobre seu nascimento, como querendo dizer: "Que direito tem você de falar com gente como nós da maneira como o faz?"

A resposta de Jesus à afirmação dos judeus é que se trata de uma falsidade. A prova é que se Deus tivesse sido realmente seu Pai, teriam amado e recebido a Jesus. Aqui voltamos a encontrar a idéia central do Quarto Evangelho. A prova do homem é sua reação com respeito a Jesus. Se um homem vir em Jesus o absolutamente amoroso, tem algo nele que lhe permite chegar a ser um verdadeiro filho de Deus. Aquele que não vê nada amoroso em Jesus e cujo único desejo é eliminá-lo da vida, não é um filho de Deus. Jesus é a pedra de toque de Deus mediante a qual todos os homens são julgados.

E segue a acusação de Jesus. Pergunta, "por que os judeus não podem entender e reconhecer a verdade do que diz?" A resposta é tremenda: não é que sejam intelectualmente incapazes, mas sim são espiritualmente surdos. Não é que não sejam capazes de ouvir, que não sejam capazes de entender; é que se negam a ouvir e se negam a entender. Um homem pode fazer ouvidos surdos a qualquer advertência; pode negar-se a ouvir a voz da consciência de maneira deliberada. Se o faz durante bastante tempo, torna-se uma pessoa espiritualmente surda.

Em última instância, cada um ouve o que quer ouvir. E se durante um período bastante longo afina seus ouvidos para que escutem seus próprios anelos e desejos e as vozes equivocadas, ao final já não poderá sintonizar a voz de Deus. Isso era o que tinham feito os judeus. Logo vem a acusação aterradora. O verdadeiro pai dos judeus é o diabo. Jesus escolhe duas características do demônio.

(1) O próprio do demônio é ser um homicida. Jesus pode estar pensando em duas coisas. Pode ter presente a velha história de Caim e Abel. Caim foi o primeiro homicida e recebeu sua inspiração do diabo. Mas possivelmente Jesus se refere a algo ainda mais sério. Foi o diabo quem tentou pela primeira vez o homem, no antigo relato do Gênesis. O pecado entrou em mundo pelo demônio, e pelo pecado chegou a morte (Romanos 5:12). Se não tivesse havido tentação, não existiria o pecado, e se não tivesse havido pecado, não existiria a morte. De maneira que, em certo sentido, o diabo é o homicida de toda a raça humana.

Além disso, além dos relatos antigos, subsiste o fato de que Cristo conduz à vida e o diabo à morte. O diabo mata a bondade, a castidade, a honra, a honestidade, a beleza, tudo o que converte a vida em algo bonito. O demônio destrói a paz do espírito, a felicidade e até o amor. A essência do mal é a destruição, a essência de Cristo é trazer a vida.

Nesse preciso momento, os judeus faziam acertos e planos para matar a Cristo. Tentavam converter-se em homicidas bem-sucedidos. Tomavam o caminho do diabo.

(2) O que caracteriza o diabo é o amor à mentira. A palavra falsa, o pensamento falso, a distorção da verdade, a mentira, pertencem ao demônio. Toda mentira é concebida e inspirada pelo demônio e faz seu obra. A falsidade sempre odeia a verdade e tenta destruí-la. É por isso que os judeus odiavam a Jesus. Quando se defrontaram com Jesus, o caminho falso se encontrou com o verdadeiro e, inevitavelmente o falso tentou aniquilar o verdadeiro.

Jesus acusou os judeus de ser filhos do diabo porque seus pensamentos se inclinavam a destruir o bom e manter o falso. Todo homem que busca destruir a verdade, faz a obra do diabo.

A GRANDE ACUSAÇÃO E A FÉ BRILHANTE

João 8:46-50

Esta é uma das passagens nas quais devemos buscar ver como se desenvolve a cena sob nossos olhos. Aqui há uma tragédia e não está só nas palavras mas também nos silêncios. Jesus começa com uma afirmação tremenda. "Há alguém entre vós que me possa acusar de algum pecado?" pergunta. "Há alguém que possa apontar alguma ofensa em minha vida?" Então deve ter-se produzido um silêncio durante o qual Jesus passou o olhar pela multidão a espera de que alguém aceitasse o desafio extraordinário que tinha lançado. Seguiu-se silêncio e ninguém pôde responder ao desafio. Por mais que falassem e escrutinassem não havia ninguém que pudesse formular alguma acusação contra esta pessoa surpreendente que era Jesus. Logo, uma vez que lhes tinha dado uma oportunidade, Jesus voltou a falar. Disse: "Reconhecem que não podem encontrar nenhuma acusação contra mim. Então por que não aceitam o que lhes digo?" Outro silêncio molesto. E Jesus responde sua própria pergunta. "Não aceitam minhas palavras", disse, "porque não são de Deus e em seus corações não há nada do Espírito de Deus."

O que quis Jesus dizer ao formular esta acusação contra os judeus? Devemos pensar da seguinte maneira: não pode entrar nenhuma

experiência na mente ou o coração de ninguém a menos que haja neles algo para responder a essa experiência. E pode acontecer que um homem em particular careça desse elemento essencial que lhe permitiria viver a experiência. Um homem que não tem ouvido musical jamais poderá experimentar o deleite da música. Um homem que é cego às cores não pode apreciar um quadro. O homem que carece de todo sentido do ritmo e os compassos não pode apreciar jamais o balé ou a dança.

Agora, os judeus tinham uma forma muito bonita de pensar no Espírito de Deus. Criam que o Espírito de Deus tinha duas funções. Revelava a verdade de Deus aos homens e os fazia capazes de reconhecer e compreender essa verdade quando se deparavam com ela. Isso quer dizer, com toda clareza, que a menos que o Espírito de Deus esteja no coração do homem, este não *pode* reconhecer a verdade de Deus quando a tem diante de si. E também significa que se o homem fechar a porta de seu coração contra o Espírito de Deus, se seguir seus próprios desejos, então, apesar de que a verdade apareça com toda clareza diante de seus olhos é incapaz de vê-la, de reconhecê-la, de compreendê-la e de fazê-la sua.

O que Jesus dizia aos judeus era o seguinte: "Vocês seguiram o seu próprio caminho, obedeceram suas próprias idéias, construíram um deus próprio, o Espírito de Deus não pôde entrar em seus corações. É por isso que não me podem reconhecer e não querem aceitar minhas palavras."

Os judeus se consideravam um povo religioso; mas como se aferravam a sua idéia da religião antes que à idéia de Deus tinham terminado por afastar-se tanto de Deus que se transformaram num povo sem deus. Encontravam-se na posição terrível de servir, sem deus, a Deus. Quando lhes disse que eram estranhos perante Deus, os judeus reagiram como se lhes tivessem cravado um agulhão. Lançaram seus insultos contra Jesus. Tal como nos chegam suas palavras, acusaram-no de ser samaritano e louco.

O que quiseram dizer ao chamá-lo samaritano? Se foi isso o que disseram, sua intenção foi afirmar que era um inimigo de Israel, porque

existia uma inimizade mortal entre judeus e samaritanos. Também significava que desobedecia a Lei porque não a observava e, sobretudo, que era um herege, porque samaritano e herege se tornaram sinônimos. Seria extraordinário que se acusasse de heresia o Filho de Deus. E sem dúvida alguma, voltaria a acontecer se voltasse a este mundo e a suas Igrejas. Mas é ao menos possível que a palavra samaritano seja uma corrupção de outra coisa.

Em primeiro lugar, devemos assinalar que Jesus respondeu à acusação que o qualificava de louco, de que tinha demônio, mas não respondeu nada à acusação de que era samaritano. Isso nos faz duvidar de que a acusação dos judeus nos tenha chegado como eles formularam. No aramaico original, a palavra que designa samaritano seria *Shomeroni*. Agora, a palavra *Shomeron* também era um dos títulos do príncipe dos demônios, que recebe os nomes do Ashmedai, Sammael e Satanás. De fato, o *Corão*, a bíblia dos maometanos, afirma que foi Shomeron, o príncipe dos demônios, quem seduziu aos judeus e os conduziu à idolatria. De maneira que é possível que a palavra *Shomeroni* signifique uma *criatura do diabo*.

É muito possível que o que os judeus disseram a Jesus tenha sido o seguinte: "Você é uma criatura do diabo, você tem demônio, está louco com a loucura do Maligno."

A resposta de Jesus foi que, longe de ser um servo do demônio, seu objetivo principal era honrar a Deus, enquanto que a conduta dos judeus era uma desonra contínua a Deus. Diz então: "Não sou eu quem tem demônio, são vocês." Não é *minha* obra a que é essencialmente má, é a *sua*."

Logo vem o brilho da fé suprema de Jesus. Diz: "Não busco a glória neste mundo. Sei que serei insultado, rechaçado, desonrado e crucificado. Mas há alguém que um dia dará às coisas sua valor verdadeiro, que um dia atribuirá aos homens sua verdadeira honra, esse alguém é Deus e Ele me dará a glória que é real porque é de Deus." Jesus estava seguro de uma coisa: em última instância, à luz da eternidade,

Deus protegerá a honra do que é dele. Jesus via diante dele, no tempo, nada mais que pena, desonra e rechaço. Na eternidade só via a glória que receberá algum dia aquele que obedece a Deus. Browning, o poeta inglês, escreveu no *Paracelso*:

Se descendo

Ao mar escuro e tremendo das nuvens,

É por um tempo; junto a meu peito

Levo a luz de Deus; seu esplendor, mais cedo ou mais tarde,

Atravessará as trevas: um dia surgirei.

Jesus tinha o otimismo supremo que nasce da fé suprema, o otimismo que tem suas raízes em Deus.

A VIDA E A GLÓRIA

João 8:51-55

Este é um capítulo que salta de um raio de surpresa a outro. Jesus faz uma afirmação após a outra, cada uma mais tremenda que a anterior. Aqui assegura que se alguém guarda suas palavras não conhecerá a morte. Isto scandalizou os judeus. Zacarias havia dito: “Vossos pais, onde estão eles? E os profetas, acaso, vivem para sempre?” (Zac. 1:5). Abraão estava morto, os profetas estavam mortos e acaso não tinham guardado em seu momento e em sua geração, a palavra de Deus? Quem era Jesus para colocar-se acima dos grandes homens da fé? O que bloqueava a inteligência dos judeus era o sentido literal em que tomavam as palavras. Jesus não estava pensando na vida ou a morte físicas. O que queria dizer era que não existia a morte para aquele que o aceitava plenamente. A morte tinha perdido seu caráter final. O homem que entra em comunhão com Jesus, entra em uma comunidade que é independente do tempo. O homem que aceita a Jesus, entra em uma relação com Deus que nem o tempo nem a eternidade podem quebrar. Esse homem não passa da vida à morte mas sim da vida à vida. A morte não é mais que a introdução à presença mais íntima de Deus.

E Jesus passa a fazer uma afirmação muito séria: *toda glória verdadeira deve proceder de Deus*. Não é difícil vangloriar-se a si mesmo. A pessoa pode rodear-se com toda facilidade com uma espécie de halo artificial. É bastante fácil, de fato, é tragicamente fácil, lançar-se ao descanso à luz da própria aprovação. Não é muito difícil obter a honra dos homens. O mundo honra o homem que tem êxito e ambição. Mas a verdadeira honra é aquela que só a eternidade pode revelar e os veredictos da eternidade não são os do tempo.

Logo Jesus faz duas afirmações essenciais que são o próprio fundamento de sua vida.

(1) Afirma que possui um *conhecimento único de Deus*. Assegura que conhece a Deus de um modo como ninguém o conheceu antes nem chegará a conhecê-lo jamais. Tampouco tenta minimizar tal afirmação, porque se o fizesse estaria mentindo. A única via para acessar a um conhecimento tal do coração e da mente de Deus é por meio de Jesus Cristo. Com nossas próprias mentes só podemos alcançar fragmentos do conhecimento de Deus. Só em Jesus Cristo encontramos a totalidade da verdade, porque só nele vemos como é Deus.

(2) Afirma que *obedece de maneira única a Deus*. Guarda a palavra de Deus. Olhar a Jesus é ser capaz de dizer: "Assim é como Deus quer que eu viva." Observar sua vida significa dizer: "Isto é servir a Deus."

Só em Jesus vemos o que Deus quer que conheçamos e o que Deus quer que sejamos.

A TREMENDA AFIRMAÇÃO

João 8:56-59

Todos os raios esclarecedores que vimos antes empalidecem e adquirem significado à luz deslumbrante desta passagem. Quando Jesus disse que Abraão alegrou-se por ver o seu dia, empregava uma linguagem que o judeu podia compreender. Os judeus tinham uma quantidade de crenças a respeito de Abraão que lhes permitiria perceber

o que implicava Jesus. Eram cinco as maneiras pelas quais os judeus podiam interpretar esta passagem.

(a) Abraão vivia no Paraíso e podia ver o que acontecia na Terra. Jesus usou essa idéia na parábola do rico e Lázaro (Lucas 16:22-31). Essa é a forma mais simples de interpretar estas palavras.

(b) Entretanto, não é a interpretação correta. Jesus disse que Abraão se *alegrou* por ver o seu dia. Usa o tempo passado. Agora, os judeus interpretavam muitas passagens das Escrituras de uma maneira que explica isto. Tomavam a grande promessa feita a Abraão em Gênesis 12:3: “Em ti serão benditas todas as famílias da terra”, e diziam que quando se fez essa promessa, Abraão soube que queria dizer que o Messias de Deus nasceria em sua família e se alegrou diante da magnificência da promessa.

(c) Alguns rabinos sustentavam que na visão que se relata em Gênesis 15:8-21, fez-se ver a Abraão todo o futuro do povo de Israel. Portanto, teve uma visão antecipada da época quando viria o Messias.

(d) Alguns rabinos consideravam que Gênesis 17:17, que conta como viu Abraão quando ouviu que teria um filho, não significa que viu porque não cria o que ouvia mas sim pela alegria que lhe produziu saber que dele nasceria o Messias.

(e) Certos rabinos faziam uma interpretação um tanto fantástica de Gênesis 24:1. A versão Cipriano da Valera (1960) diz que Abraão era "velho" e acrescenta "avançado em anos", que é o significado literal da palavra hebraica. Alguns rabinos sustentavam que o sentido dessas palavras era que em uma visão que Deus lhe tinha dado. Abraão *tinha entrado nos dias que jaziam adiante* e que tinha visto toda a história do povo e a vinda do Messias.

Com todos estes dados vemos com toda clareza que os judeus criam que, de algum modo, enquanto ainda estava vivo, Abraão tinha tido uma visão da história de Israel e da vinda do Messias. De maneira que quando Jesus disse que Abraão vira o seu dia, estava afirmando com deliberação que ele era o Messias. O que dizia era o seguinte: "Vocês crêem que

Deus deu uma visão a Abraão na qual viu a vinda do Messias. Era este dia, era a mim, a quem viu Abraão".

Imediatamente depois dessa afirmação, Jesus se refere a Abraão dizendo: "Viu-o (meu dia) e regozijou-se." Alguns dos primeiros cristãos faziam uma interpretação muito fantástica destas palavras. Em 1 Pedro 4:18-22 e 5:6 encontramos as duas passagens que conformam a base da doutrina que se denomina a Descida aos infernos. Essa doutrina se incorporou ao Credo na frase, "Desceu aos infernos." Devemos assinalar que a palavra *inferno* dá uma idéia errônea, deveria falar-se do *Hades*. A idéia não é que Jesus foi ao lugar dos torturados e dos condenados tal como sugere a palavra inferno. Hades era a região das trevas onde foram todos os mortos, tanto os bons como os maus.

O Hades era a região escura na qual o povo cria antes de que recebessem a crença total na imortalidade. A obra apócrifa chamada o *Evangelho de Nicodemos e os Atos de Pilatos* tem uma passagem onde se afirma que Abraão se alegrou ao ver a luz de Cristo no dia que Jesus baixou à região dos mortos. A passagem diz assim:

"Ó Senhor Jesus Cristo, ressurreição e vida do mundo, dê-nos a graça de que possamos relatar sua ressurreição e suas obras maravilhosas, as que fez no Hades. Nós estávamos no Hades junto com todos aqueles que caíram dormidos desde o começo. E na hora da meia-noite surgiu nesses escuros lugares uma luz semelhante a do Sol e brilhou e todos fomos iluminados e nos vimos uns aos outros. E imediatamente nosso pai Abraão, junto com os patriarcas e os profetas, encheram-se de alegria e diziam uns aos outros: 'Esta luz provém da grande iluminação'."

Assim é como esta estranha história relata de que forma os mortos viram Jesus e receberam a oportunidade de crer e arrepender-se. E ao ver isso, Abraão alegrou-se.

Estas idéias nos resultam estranhas. Entretanto, para o judeu eram algo muito normal porque cria que Abraão já tinha visto o dia quando chegaria o Messias.

Mas apesar de que sabiam todo isso, os judeus preferiram tomar estas palavras ao pé da letra. Perguntaram, "Como você pode ter visto

Abraão se você ainda não cumpriu cinquenta anos?" Por que cinquenta anos? Essa era a idade em que os levitas se retiravam de seu serviço (Números 4:3). O que os judeus dizem a Jesus é o seguinte: "Você é um homem jovem, na plenitude da vida, nem sequer tem idade suficiente para se retirar do serviço. Como é possível que você tenha visto Abraão? Você está louco." Foi nesse momento que Jesus pronunciou a afirmação esmagadora. "Antes que Abraão existisse, EU SOU."

Devemos ter muito cuidado e assinalar que Jesus não disse: "Antes que Abraão fosse, eu *era*", mas sim "Antes que Abraão existisse, eu *sou*." Aqui se afirma que Jesus é *atemporal*. Não houve um momento quando chegou a ser; não haverá jamais um tempo no qual não seja. Não podemos dizer que Jesus *foi*. Devemos dizer sempre, *é*. O que quis dizer? É evidente que não quis dizer que Ele, a figura humana chamada Jesus, existiu sempre. Sabemos que Jesus nasceu neste mundo em Belém. Aqui se busca algo mais que isso.

Pensemo-lo deste modo. Há uma só pessoa no universo que está fora do tempo. Há uma só pessoa que está acima e mais à frente do tempo e que sempre pode dizer, *Eu sou. E essa única pessoa é Deus*. O que Jesus diz aqui não é nada menos que a vida que está nele é a vida de Deus; que nele a eternidade atemporal de Deus irrompeu no tempo do homem. Diz, como o expressou com toda simplicidade o autor de Hebreus, que é o mesmo ontem, hoje e sempre. Em Jesus não vemos só um homem que veio, viveu e morreu. Vemos o Deus atemporal, que foi o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó, que era antes do tempo e que será depois do tempo, que sempre é. Em Jesus, o Deus eterno se manifestou aos homens.

João 9

Luz para os olhos cegos - 9:1-5

Luz para os olhos cegos - 9:1-5 (cont.)

O método de um milagre - 9:6-12

Preconceito e convicção - 9:13-17

Os fariseus desafiados - 9:18-34

Revelação e condenação - 9:35-41

Cada vez maior - 9:1-41

LUZ PARA OS OLHOS CEGOS

João 9:1-5

Este é o único milagre que se relata nos Evangelhos no qual se diz que a vítima sofria desde seu nascimento. Em Atos nos encontramos em duas ocasiões com pessoas que sofriam desde seu nascimento (o coxo da porta Formosa do templo em Atos 3:2 e o homem impossibilitado de Listra em Atos 14:8). Mas este é o único homem no relato evangélico que sofria algum mal desde seu nascimento. Deve ter sido um personagem muito conhecido porque os discípulos sabiam muitas coisas sobre sua vida. Quando o viram, aproveitaram a oportunidade para expor a Jesus um problema que sempre tinha preocupado muito os pensadores judeus e que continua sendo um problema até o dia de hoje. Os judeus relacionavam sem hesitações o sofrimento com o pecado. Dirigiam-se com o pressuposto básico de que em qualquer lugar que houvesse sofrimento, existia, de um modo ou de outro, o pecado. De maneira que fizeram sua pergunta a Jesus. "Este homem — disseram — é cego. Sua cegueira se deve a seu próprio pecado ou ao pecado de seus pais?"

Como se podia dever a cegueira a seu próprio pecado se era cego de *nascimento*? Os teólogos judeus davam duas respostas a essa pergunta.

(1) Alguns sustentavam uma concepção estranha sobre o pecado pré-natal. Criam que o homem podia começar a pecar enquanto ainda estava no ventre de sua mãe. Nas conversações imaginárias entre Antonino e o Rabino Judá, o Patriarca, o primeiro pergunta: "A partir de que momento a má influência domina o homem, da formação do embrião no ventre materno ou do momento do nascimento?" Em primeiro lugar, o Rabino responde: "Da formação do embrião." Antonino

objetou este ponto de vista e convenceu a Judá com seus argumentos. Judá reconheceu que se o impulso mau começava com a formação do embrião, o menino chutaria no ventre e abriria caminho para fora. Judá encontrou um texto que apoiava esta posição. Tomou a frase de Gênesis 4:7: "O pecado está à porta." Interpretou essa frase no sentido de que o pecado esperava o homem à porta do ventre, logo que nascesse. Entretanto, a discussão nos indica que se conhecia a estranha idéia do pecado pré-natal.

(2) Na época de Jesus os judeus criam na preexistência da alma. Em realidade, receberam a noção de Platão e os gregos. Criam que, antes da criação do mundo, todas as almas existiam no Éden ou que estavam no sétimo céu ou em uma câmara especial, esperando o momento de ingressar em um corpo. Os gregos tinham considerado que essas almas eram boas e que ao entrar no corpo se corromperam, mas havia alguns judeus que criam que entre essas almas já havia algumas boas e outras más. O autor do Livro da Sabedoria diz: "Eu era um jovem de boas qualidades, coubera-me, por sorte, uma boa alma" (Sabedoria 8:19, BJ). Na época de Jesus havia alguns judeus que criam que o sofrimento do homem, inclusive se o acompanhava do nascimento, podia provir de algum pecado que tinha cometido antes de nascer. É uma idéia estranha e para nós pode ser quase fantástica, mas no fundo, o que subjaz é a noção de um universo corrompido pelo pecado.

A outra possibilidade era que o sofrimento de um homem era devido ao pecado de seus pais. A idéia de que os filhos herdavam as conseqüências do pecado de seus pais está incluída no pensamento do Antigo Testamento. "Eu sou o SENHOR, teu Deus, Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos até à terceira e quarta geração" (Êxodo 20:5; veja-se Êxodo 34:7; Números 14:18). Ao falar do homem mau, o salmista diz: "Na lembrança do SENHOR, viva a iniquidade de seus pais, e não se apague o pecado de sua mãe" (Salmo 109:14). Isaías se refere a suas iniquidades e as "iniquidades de vossos pais" e continua dizendo: "pelo que eu vos medirei totalmente a paga devida às suas

obras antigas” (Isaías 65:7). Uma das constantes do Antigo Testamento é que o pecado dos pais sempre pesa sobre seus filhos. Há algo que sempre devemos ter em mente: que nenhum homem vive jamais para si mesmo nem morre para si mesmo. Quando um homem peca põe em movimento uma série de conseqüências que não têm fim.

LUZ PARA OS OLHOS CEGOS

João 9:1-5 (continuação)

Quando nos detemos a analisar esta passagem vemos que contém dois grandes princípios eternos.

(1) Jesus não busca continuar ou explicar a relação entre pecado e sofrimento. Diz que o sofrimento deste homem lhe veio para que se desse a possibilidade de pôr de manifesto o que Deus pode fazer. E isto é certo em dois sentidos.

(a) Para João os milagres sempre são um sinal da glória e o poder de Deus. Os outros evangelistas tinham um ponto de vista diferente. Viam os milagres como uma amostra da compaixão de Jesus. Quando Jesus viu a multidão faminta *teve compaixão* dela porque eram como ovelhas que não tinham pastor (Marcos 6:34). Quando o leproso se aproximou com seu pedido desesperado para que o limpasse, Jesus teve *misericórdia dele* (Marcos 1:41). Está acostumado a insistir que neste ponto o Quarto Evangelho é muito distinto de outros. Os outros Evangelhos acentuam a compaixão dos milagres; o Quarto Evangelho insiste em que os milagres são manifestações de poder e glória. Sem dúvida alguma, não existe contradição nisto. Não se trata mais que de duas formas de ver o mesmo acontecimento. E no fundo está a verdade suprema de que a glória de Deus está em sua compaixão e que Deus nunca revela sua glória de maneira tão plena como quando revela sua misericórdia.

(b) Mas há outro sentido no qual o sofrimento deste homem manifesta o que Deus pode fazer. A aflição, a tristeza, a dor, a frustração,

a perda sempre permitem que o homem mostre o que Deus pode fazer. Em primeiro lugar, permite à pessoa que sofre mostrar o que Deus pode fazer. Quando os problemas e as tragédias caem sobre alguém que não conhece a Deus, esse homem pode desintegrar-se; mas quando chegam a um homem que vive e marcha junto com Deus, põem de manifesto a fortaleza, a beleza, a força e a nobreza que se encontram dentro do coração do homem quando Deus habita nele.

Conta-se que quando um ancião santo morria em uma agonia de dor, chamou sua família dizendo: "Venham ver como pode morrer um cristão." Quando a vida nos atira um golpe terrível é quando podemos mostrar ao mundo como pode viver um cristão e, se for necessário, como pode morrer. Qualquer tipo de sofrimento é uma oportunidade que nos outorga Deus para demonstrar sua glória em nossa própria vida.

Em segundo lugar, ao ajudar aqueles que sofrem e têm problemas, podemos demonstrar a outros a glória de Deus.

Frank Laubach expressou a idéia sublime de que quando Cristo, que é o Caminho, entra em nós nos convertemos em parte desse caminho. A rota de Deus passa diretamente através de nós. Quando nos entregamos e nos esgotamos ajudando aqueles que têm problemas, dores, sofrimentos, aflições, desesperanças, Deus nos está usando como o caminho através do qual envia sua ajuda aos corações dos homens. Ajudar a outro homem que necessita essa ajuda é manifestar a glória de Deus, porque significa mostrar como é Deus.

Logo Jesus segue dizendo que Ele e seus seguidores devem fazer a obra de Deus enquanto haja tempo. Deus deu aos homens o dia para trabalhar e a noite para descansar. O dia chega a seu fim e o tempo para trabalhar também se termina. Para Jesus, era certo que devia apressar-se com a obra de Deus durante o dia porque a noite da cruz estava muito perto. Mas também se aplica a todos os homens. Recebemos certa quantidade de tempo. Algo que devemos fazer deve cumprir-se dentro desse período.

Na cidade escocesa do Glasgow há um relógio de sol com o seguinte lema: "Pensem no tempo antes que termine." Nunca devemos deixar as coisas para outro momento, porque esse outro momento pode não chegar jamais. O dever iniludível do cristão é empregar o tempo que tem, e ninguém sabe quanto é, no serviço de Deus e de seu próximo. Não existe dor mais aguda que o triste descobrimento de que é muito tarde para fazer algo que poderíamos ter feito.

Mas podemos perder outra oportunidade. Jesus disse: "Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo." Quando Jesus disse isso não quis dizer que o tempo de sua vida e sua obra eram limitados; o que quis dizer foi que nossa oportunidade para nos apropriarmos dessa vida, essa luz e essa obra é limitada. A cada homem chega a oportunidade de decidir-se por Cristo, de recebê-lo, de dar sua vida a Cristo, de aceitá-lo como Salvador, Mestre e Senhor. E se não se aproveita essa oportunidade, pode ser que jamais volte a apresentar-se.

Em seu livro *The Psychology of Religion*, E. D. Starbuck oferece algumas estatísticas muito interessantes sobre a idade que costuma ocorrer a conversão. Pode ocorrer da idade dos sete ou oito anos; aumenta gradualmente à idade de dez ou onze; ocorre com maior freqüência aos dezesseis anos, decresce em forma acelerada aos vinte anos e é muito pouco freqüente depois dos trinta. Deus sempre nos está dizendo: "*Este é o momento.*" Não se busca que decresça o poder de Jesus ou se apague sua luz; é que se adiarmos a decisão fundamental cada vez nos tornamos menos capazes de tomá-la à medida que passam os anos. Devemos trabalhar, devemos tomar decisões enquanto é de dia e antes de que se acabe e chegue a noite.

O MÉTODO DE UM MILAGRE

João 9:6-12

Há dois milagres nos quais se diz que Jesus usou saliva para curar. O outro é o milagre do surdo e gago (Marcos 7:33). Para nós, o emprego

de saliva é algo estranho, repulsivo e anti-higiênico. Entretanto, era algo muito comum na antiguidade. cria-se que a saliva, e em particular a de alguma pessoa famosa, possuía certas propriedades curativas.

Tácito nos conta que quando Vespasiano visitou Alexandria se aproximaram dois homens; um tinha os olhos doentes e o outro tinha uma mão afetada e lhe disseram que seu deus lhes tinha aconselhado que o fossem ver. O homem com os olhos doentes queria que Vespasiano "umedecesse seus olhos com saliva"; o homem com a mão doente desejava que "pisoteasse seu emano com a planta do pé". Vespasiano não sentia o menor desejo de fazer algo semelhante. Por fim, convenceram-no que satisfizesse os doentes. "A mão recuperou seu poder imediatamente; o cego voltou a ver. Até o dia de hoje dão testemunho de ambos os atos, quando a falsidade não pode reportar nenhum benefício, aqueles que estiveram presentes" (Tácito, *Histórias* 4:81).

Plínio, o famoso compilador do que naquela época se chamava informação científica, dedica todo um capítulo ao uso da saliva. Diz que constitui uma defesa insuperável contra o veneno das serpentes; protege contra a epilepsia; as erupções e as manchas de lepra se podem curar mediante a aplicação da saliva de alguém que está em jejum; a oftalmia se cura se se lubrificam os olhos todas as manhãs com a saliva de alguém em jejum; o carcinoma e o torcicolo se curam com saliva. considerava-se que a saliva era muito efetiva para impedir o mal de olho.

Pérsio relata que a tia ou a avó temente aos deuses e que sabe como impedir o mal de olho, levanta o bebê do berço e "com o dedo maior aplica a saliva na frente e os lábios do menino".

O emprego da saliva era muito comum no mundo antigo. Até hoje, se nos queirmos um dedo nosso primeiro instinto é levá-lo a boca e inclusive na atualidade são muitos os que crêem que se podem curar as verrugas aplicando a saliva de uma pessoa que está em jejum.

O concreto é que Jesus se apropriava das métodos e os costumes de sua época e os usava. Era um médico sábio. Tinha que ganhar confiança do paciente. Não se trata de que Jesus cresse nestas práticas, mas acendia as esperanças do paciente ao fazer o que este supunha que devia fazer um médico. Depois de tudo, até na atualidade, a eficácia de qualquer remédio ou tratamento depende tanto da fé do paciente como do tratamento ou a droga em si mesmos.

Após lubrificar os olhos do homem com saliva, Jesus o mandou lavar-se no lago de Siloé. Este lago era um dos marcos de Jerusalém. Em sua época, foi o resultado de uma das grandes façanhas da engenharia da antiguidade. A provisão de água de Jerusalém sempre tinha sido precária em caso de que se produzir um sítio. Provinha principalmente da Fonte da Virgem ou da vertente Giom, localizada-se no vale de Cedrom. Construiu-se uma escada que conduzia a essa vertente com trinta e três degraus cortados na rocha. dali, em uma cavidade de pedra, a gente tirava a água.

Entretanto, se fosse produzia um sítio, a vertente ficava exposta e podia ser inutilizada por completo com conseqüências que teriam sido desastrosas. Quando Ezequias se deu conta de que Senaqueribe tentava invadir a Palestina se propôs cavar um túnel ou um conduto na rocha que fora da vertente até a cidade (2 Crônicas 32:2-8, 30; Isaías 22:9-11; 2 Reis 20:20). O trajeto era composto por rocha maciça. Se os engenheiros tivessem cavado em linha reta teriam tido que cobrir uma distância de 434 metros. Mas o fizeram em ziguezague, já seja porque seguiam uma fissura na rocha ou porque não queriam tocar lugares sagrados: desse modo, o conduto mede 532 metros. Em alguns pontos, o túnel não tem mais de 60 centímetros de largura, mas a altura média é de ao redor de dois metros. Os engenheiros começaram a cavar em ambos os extremos e se encontraram no meio, em uma verdadeira proeza, se for levado em conta as equipes da época.

Em 1880, encontrou-se um tablete em comemoração da terminação do túnel. Descobriram-na por acaso dois meninos que jogavam em um lago. Diz o seguinte:

“A escavação está terminada. Esta é seu historia. Enquanto os operários ainda trabalhavam com seus picos, cada um rumo ao companheiro que tinha na frente, ambos ouviram a voz do outro, quando ainda faltavam três côvados para cavar, porque havia uma fissura na rocha, do lado direito. E no dia que se terminou a escavação, os pedreiros cortavam, cada um com o propósito de encontrar-se com seu companheiro, e correram as águas ao lago, mil e duzentos cotovelos e a altura da rocha em cima das cabeças dos escavadores era de cem cotovelos.”

O lago de Siloé era o lugar onde o túnel proveniente da Fonte da Virgem surgia na cidade. Era um lago ao ar livre de seis metros por nove. Assim foi como recebeu seu nome. Foi chamada *Siloé* que, conforme se dizia, significava *enviado*, porque a água que continha foi *enviada* à cidade através do túnel. De maneira que Jesus mandou este homem lavar-se no lago, que era um dos marcos da cidade. E o homem se lavou e começou a ver.

Uma vez curado, teve algumas dificuldades para convencer as pessoas de que se tratava de uma verdadeira cura. Mas sustentou com vigor o milagre operado por Jesus. Jesus sempre faz coisas que para o não crente são muito bonitas e maravilhosas para ser verdadeiras.

PRECONCEITO E CONVICÇÃO

João 9:13-17

E agora surge o problema iniludível. O dia em que Jesus fazia o lodo e curou o homem era sábado. Sem dúvida alguma, Jesus tinha desobedecido a Lei do sábado, tal como a interpretavam os escribas. De fato, tinha-a desobedecido de três formas diferentes.

(1) Ao fazer lodo tinha incorrido em falta por trabalhar no sábado. O fato de efetuar o trabalho mais ínfimo implicava ser culpado de trabalhar no dia de sábado. Aqui temos algumas das coisas que estavam

proibidas pela Lei e que ninguém devia fazer durante esse dia. "Um homem não pode encher um prato com azeite e pô-lo junto ao lampião e pôr um extremo da mecha nele." "Se um homem apagar um lampião no sábado para economizar o azeite ou a mecha, é culpado." "Não se pode sair no sábado com sandálias que tenham pregos." (O peso dos pregos constituía uma carga e levar uma carga significava desobedecer a Lei do sábado.) Ninguém podia cortar as unhas ou arrancar um cabelo da cabeça ou da barba. É obvio que, à luz de semelhante Lei, fazer lodo significava trabalhar e quebrar a Lei.

(2) Era proibido curar no sábado. Só se podia dispensar atenção médica se a vida corria sério perigo. E inclusive nesse caso, a ajuda devia ser de tal natureza que impedisse que o doente piorasse mas não devia significar uma melhoria.

Um homem com dor de dente, por exemplo, não podia chupar vinagre com os dentes. Era proibido curar uma perna ou um braço quebrados. Se alguém se deslocar a mão ou o pé não pode entornar-se água fria. A água fria ajudaria a curar a fratura. Como é evidente, o homem que nasceu cego não tinha sua vida em perigo; assim, Jesus tinha desobedecido a Lei do sábado ao curá-lo.

(3) Estabelecia-se com toda clareza, quanto à Lei do sábado e a cura, que: "No que se refere à saliva de alguém em jejum, não é legítimo nem sequer pô-la sobre as pálpebras."

Os escribas e fariseus pretendiam honrar a Deus mediante a observação destas regras e normas ridículas. Para Jesus eram algo ilógico e impróprio. De maneira que, para os escribas e fariseus, Jesus era culpado de desobedecer a Lei do sábado.

Os fariseus são os representantes típicos das pessoas que, em todas as épocas, condenam a qualquer um cuja idéia da religião não coincide com a deles. Os fariseus eram o tipo de gente que crêem que há uma só forma de servir a Deus, e que é a que eles seguem. Alguns opinavam o contrário e afirmaram que ninguém que fosse um pecador podia fazer as coisas que Jesus fazia.

De maneira que levaram o homem a sua presença e o interrogaram. Quando lhe perguntaram qual era sua opinião sobre Jesus, manifestou-a sem titubear. Disse que Jesus era um profeta. No Antigo Testamento, comprovava-se se alguém era um profeta pelos sinais que podia fazer. Moisés garantiu a faraó que era o autêntico mensageiro de Deus mediante os sinais e as maravilhas que efetuou (Êxodo 4:1-17). Elias demonstrou que era profeta do Deus verdadeiro ao fazer coisas que os profetas de Baal não podiam fazer (1 Reis 18). Sem dúvida alguma, o homem pensava nestas coisas quando disse que Jesus era profeta.

Há algo indubitável perto deste homem: fosse o que fosse, era uma pessoa valente. Sabia muito bem o que pensavam os fariseus sobre Jesus. Sabia com certeza que se se apresentasse como discípulo de Jesus o excomungariam sem mais trâmite. Entretanto, pronunciou sua afirmação e assumiu um compromisso. Foi como se tivesse dito: "Estou obrigado a crer nele, estou obrigado a me comprometer por Ele por tudo o que tem feito por mim." Assim se converte em um grande exemplo para nós.

OS FARISEUS DESAFIADOS

João 9:18-34

Em toda a literatura não existe outra descrição de diferentes personalidades mais eloqüentes que esta. Com pinceladas certeiras e reveladoras, João descreve cada uma das pessoas envolvidas nesta cena de maneira tal que parecem cobrar vida sob nossos olhos.

(1) Em primeiro lugar, temos o próprio cego. Começa a irritar-se diante da insistência dos fariseus. "Vocês podem dizer o que quiserem perto deste homem", diz. "Eu não sei nada exceto que me permitiu ver."

Há uma realidade muito simples na experiência cristã: mais de uma pessoa não pode expressar com uma linguagem correta do ponto de vista teológico o que crê que é Jesus Cristo, entretanto, pode dar testemunho do que Jesus fez com sua alma. Não se precisa ser um teólogo para experimentar os benefícios de Jesus Cristo. Apesar de o homem não

poder entender com seu intelecto, pode sentir com o coração. É melhor amar a Jesus Cristo que amar teorias sobre Ele.

(2) Logo temos os pais do cego. É evidente que não querem colaborar com os fariseus, mas ao mesmo tempo sentem medo. As autoridades da sinagoga judia tinham uma arma muito poderosa: a arma da excomunhão mediante a qual se excluía a qualquer pessoa da congregação do povo de Deus. Podemos ler uma ordenança dos tempos de Esdras que decretava que quem não obedecesse as ordens das autoridades “os seus bens seriam totalmente destruídos, e ele mesmo separado da congregação dos que voltaram do exílio” (Esdras 10:8).

Jesus advertiu a seus discípulos que seu nome seria rejeitado como indigno (Lucas 6:22). Disse-lhes que os expulsariam das sinagogas (João 16:2). Muitos dos governantes de Jerusalém criam sinceramente em Jesus, mas temiam dizê-lo "para não ser expulsos da sinagoga" (João 12:42). Havia duas classes de excomunhão. A proibição, o *cherem*, mediante a qual se expulsava alguém da sinagoga pelo resto de sua vida. Nesse caso era anatematizado em público. Era amaldiçoado perante todo o povo e excluído da presença de Deus e dos homens. Também havia uma sentença de excomunhão temporária que podia durar um mês ou um período determinado. O terror que produzia essa situação era que o judeu considerava que a excomunhão não só o excluía da sinagoga mas também da presença de Deus. Essa é a razão pela qual os pais deste homem responderam que seu filho já tinha idade suficiente para ser uma testemunha legal e responder suas perguntas. Os fariseus sentiam um rancor tão amargo contra Jesus que estavam dispostos a fazer o que em alguns de seus piores momentos têm feito as autoridades eclesiásticas: estavam dispostos a apelar ao procedimento eclesiástico para seus próprios fins.

(3) Temos os fariseus. A princípio, não creram que o homem era cego. Quer dizer que suspeitavam que tinha existido algum entendimento entre este homem e Jesus. Criam que este milagre tinha sido um engano urdido entre Jesus e o homem em questão. Mais ainda, sabiam muito

bem que um falso profeta podia fazer milagres falsos em benefício próprio (Deuteronômio 13:1-5 adverte contra o falso profeta que produz sinais falsos para conduzir as pessoas a deuses estranhos). De maneira que a primeira atitude dos fariseus foi de suspeita. "Dêem glória a Deus", diziam. "Sabemos que este homem é um pecador." "Dêem a glória a Deus", era uma frase que se usava nos interrogatórios. Seu verdadeiro sentido era o seguinte: "Digam a verdade na presença e em nome de Deus." Quando Josué interrogava Acã sobre o pecado que desencadeou a desgraça sobre Israel, disse-lhe: "Filho meu, dá glória ao SENHOR, Deus de Israel, e a ele rende louvores; e declara-me, agora, o que fizeste; não mo ocultes" (Josué 7:19).

Sentiam-se indignados e desarmados porque não podiam rechaçar a afirmação de seu acusado, baseada nas escrituras. A afirmação de que tinha sido cego era a seguinte: "Jesus fez algo muito maravilhoso. O fato de que o fez significa que Deus o ouve. Agora, Deus nunca ouve as preces de um homem mau, portanto Jesus não pode ser mau, deve ser bom." O fato de que Deus não ouvia os rogos do homem mau é um conceito fundamental do Antigo Testamento. Quando Jó se refere ao hipócrita, diz: "Acaso, ouvirá Deus o seu clamor, em lhe sobrevindo a tribulação?" (Jó 27:9). O salmista diz: "Se eu atender à iniquidade no meu coração, o Senhor não me ouvirá" (Salmo 66:18). Isaías ouve que Deus diz ao povo pecador: "Quando estendeis as mãos (os judeus oravam com as mãos estiradas e as palmas para cima), escondo de vós os olhos; sim, quando multiplicais as vossas orações, não as ouço, porque as vossas mãos estão cheias de sangue" (Isaías 1:15).

Ao falar do povo desobediente, Ezequiel diz: "Ainda que me grem aos ouvidos em alta voz, nem assim os ouvirei" (Ezequiel 8:18). Pelo contrário, criam que sempre era ouvida a oração de um homem bom. "Os olhos do SENHOR repousam sobre os justos, e os seus ouvidos estão abertos ao seu clamor" (Salmo 34:15). "Ele acode à vontade dos que o temem; atende-lhes o clamor e os salva" (Salmo 145:19). "O SENHOR está longe dos perversos, mas atende à oração dos justos" (Provérbios

15:29). O homem que fora cego expressou uma opinião que os fariseus não puderam responder.

Agora, vejamos o que fizeram ao ver-se diante deste argumento. Em primeiro lugar, apelaram à *injúria*. "Injuriaram-lhe." Logo foram ao *insulto*. Acusaram o homem de ter nascido em pecado. Quer dizer que o acusaram de um pecado pré-natal. Em terceiro lugar, recorreram à *força*. Ordenaram-lhe que desaparecesse da vista dos fariseus.

Costumamos ter algumas diferenças com outras pessoas e é normal que aconteça. Mas quando o insulto, a injúria e a ameaça se introduzem nesta discussão deixa de ser tal para converter-se em uma luta rancorosa. Se quando estamos discutindo nos zangamos e fazemos uso de palavras injuriantes e de ameaças tudo o que demonstramos é que nossa posição é muito fraco para expô-la como corresponde.

REVELAÇÃO E CONDENAÇÃO

João 9:35-41

Esta seção começa com duas grandes e preciosas verdades espirituais.

(1) Jesus buscou o homem. Como o expressou Crisóstomo: "Os judeus o expulsaram do templo, o Senhor do templo o achou." Jesus jamais permite que alguém carregue sozinho o seu testemunho. Se o testemunho cristão separar alguém de seu próximo, aproxima-o mais de Jesus Cristo. Quando se expulsa alguém da sociedade por sua fidelidade para com Cristo, essa pessoa se aproxima muito mais de Jesus. Jesus sempre é fiel a quem lhe é fiel.

(2) Este homem recebeu a grande revelação de que Jesus era o Filho de Deus. Eis aqui uma verdade tremenda. A lealdade sempre produz a revelação. Jesus se revela com maior plenitude ao homem que lhe é fiel. O castigo de tal lealdade pode ser a perseguição e o ostracismo da parte dos homens. A recompensa é uma maior aproximação a Cristo e um aumento do conhecimento de quão maravilhoso é.

João conclui este relato com dois de seus conceitos preferidos.

(1) Jesus veio a este mundo para julgar. Cada vez que o homem se defronta com Jesus, emite um juízo sobre si mesmo. Se não ver em Jesus nada que mereça ser desejado, admirado ou amado, condena-se. Se vir nele algo digno de admiração, algo a que deve responder, algo que deve buscar alcançar, está no caminho que o conduzirá a Deus. O homem que é consciente de sua própria cegueira e que deseja ver melhor e conhecer mais, é o homem cujos olhos podem abrir-se e a quem se pode conduzir cada vez mais perto da verdade. Aquele que pensa que sabe tudo, quem não se dá conta de que não pode ver, é o homem realmente cego e que está além de toda esperança e de toda ajuda. Só aquele que percebe sua própria debilidade pode fazer-se forte. Só quem toma consciência de sua própria cegueira pode aprender a ver. Só aquele que vê seu próprio pecado pode ser perdoado.

(2) Quanto maior seja o conhecimento, maior será a condenação de quem não reconhece o bem quando o tem diante de seus olhos. Se os fariseus fossem criados na ignorância, não poderiam ter sido condenados. Sua condenação se fundamentava no fato de que sabiam tanto e afirmavam ver tão bem, e, não obstante, não puderam reconhecer o Filho de Deus quando veio. A lei de que a responsabilidade é a outra cara do privilégio está escrita no livro da vida.

CADA VEZ MAIOR

João 9:1-41

Antes de passar a outro capítulo, conviria que lêssemos este, muito maravilhoso, de principio a fim. Se o fizermos com cuidado e meditação, veremos a mais bela progressão da idéia do homem cego sobre Jesus. Sua idéia de Jesus passa por três etapas, cada uma mais elevada que a anterior.

(1) Começa dizendo que Jesus é um *homem*. “O homem chamado Jesus fez” me abriu os olhos (versículo 11). Em um princípio, viu Jesus como um homem muito maravilhoso. Qualquer um pode começar por

ali. O cego jamais conheceu ninguém que pudesse fazer as coisas que Jesus fazia. E começou considerando que Jesus era um ser supremo entre os homens. Fazemos bem em pensar, às vezes, no caráter maravilhoso de Jesus enquanto homem. Em qualquer galeria dos heróis universais deve haver um lugar para Jesus. Em qualquer antologia sobre as vidas mais bonitas, deverá incluir-se a de Jesus. Em qualquer coleção das partes literárias mais excelsas, devem incluir-se suas parábolas.

Shakespeare faz dizer a Marco Antonio em sua obra *Júlio César*, ao referir-se a este:

Sua vida foi bela, e os elementos
combinaram-se nele de maneira tal que a Natureza
poderia erguer-se
e proclamar ao mundo inteiro: "Este era um homem".

Podemos duvidar sobre qualquer outra coisa, mas jamais duvidar de que Jesus foi um homem entre os homens.

(2) Logo passa a chamar Jesus de *profeta*. Quando lhe perguntaram qual era sua opinião sobre Jesus diante do fato de que lhe tinha dado a vista, respondeu: "É profeta" (versículo 17). Agora, profeta é um homem que traz a mensagem de Deus aos homens. "Porque não fará nada Jeová o Senhor", diz Amos, "sem que revele seu segredo a seus servos os profetas" (Amos 3:7). O profeta é um homem que vive perto de Deus. É um homem que penetrou na mente de Deus. Quando lemos a sabedoria das palavras de Jesus, quando ouvimos sua voz pronunciando estas frases imortais, somos levados a dizer: "Este é um profeta." Podemos duvidar de todo o resto, mas há algo que está além de toda dúvida: se os homens seguissem os ensinamentos de Jesus se solucionariam todos os problemas pessoais, sociais, nacionais, internacionais. Se alguma vez um homem teve o direito de ser chamado profeta, se houve alguém que falou com os homens com a voz de Deus, esse homem é Jesus.

(3) Por último, o cego confiou que Jesus era o *Filho de Deus*. Chegou a perceber que as categorias humanas não eram adequadas para descrever a Jesus. Viu que Jesus fazia coisas que estavam além da

capacidade humana e que sabia coisas que superam a possibilidade de conhecer dos homens.

Em uma oportunidade, Napoleão formava parte de um grupo no qual alguns cétricos muito brilhantes discutiam a respeito de Jesus. Terminaram por catalogá-lo como um grande homem, mas nada mais. "Cavaleiros", disse Napoleão, "eu conheço os homens e Jesus era mais que um homem."

Se Jesus Cristo for um homem
E só um homem afirmo
Que de todos os homens, me uno a ele
E a ele me unirei sempre.
Se Jesus Cristo for um deus —
E o único Deus — juro
Que o seguirei pelo céu e o inferno,
A terra, o ar e o mar.

O tremendo sobre Jesus é que quanto mais o conhecemos mais Ele se converte em alguém magnífico. O problema com as relações humanas é que muito freqüentemente quanto mais conhecemos uma pessoa, fazemo-nos mais conscientes de suas debilidades, de suas faltas, de seus fracassos, de suas limitações; mas quanto mais conhecemos Jesus, mais Ele nos maravilha. E será assim, não só agora, mas também na eternidade.

João 10

[O pastor e suas ovelhas - 10:1-6](#)

[O pastor das ovelhas - 10:1-6 \(cont.\)](#)

[A porta rumo à vida - 10:7-10](#)

[O pastor verdadeiro e o pastor falso - 10:11-15](#)

[A unidade final - 10:16](#)

[A escolha do amor - 10:17-18](#)

[Louco ou Filho de Deus - 10:19-21](#)

[A afirmação e a promessa - 10:22-28](#)

[A afirmação e a promessa - 10:22-28 \(cont.\)](#)

A grande confiança e a tremenda afirmação - 10:29-30

Um convite à prova amarga - 10:31-39

A paz que precede a tormenta - 10:40-42

O PASTOR E SUAS OVELHAS

João 10:1-6

A imagem de Jesus que mais agrada é a que o apresenta como o Bom Pastor. A imagem do pastor está profundamente enraizada na linguagem e nas imagens bíblicas. Não podia ser de outro modo. A maior parte da Judéia é uma planície central, estende-se desde Betel ao Hebron, cobrindo 56 Km. Sua largura é de 22 a 27 Km. A maior parte do terreno é rochoso e desnivelado. Portanto, e como é natural, Judéia é uma região muito mais dedicada ao pastoreio que à agricultura. De modo que era inevitável que a imagem mais cotidiana da zona montanhosa da Judéia fosse o pastor. A vida do pastor palestino era muito dura.

Na Palestina, nenhum pastor pastoreia sem um rebanho, e o pastor nunca está fora de seu posto. Há pouco pasto e as ovelhas vão muito longe. Não há cercos protetores e é necessário cuidar dos animais o tempo todo. De ambos os lados da estreita planície, o terreno se confunde com o deserto rochoso e sempre é possível que as ovelhas se afastem e se percam. O trabalho dos pastores era constante e perigoso visto que, além disso, deviam proteger a seus rebanhos dos animais selvagens, em particular contra os lobos, e sempre havia ladrões e assaltantes dispostos a roubar as ovelhas.

Sir George Adam Smith, que viajou pela Palestina, escreve:

“No topo de algum monte através do qual se ouve o grito das hienas durante as noites, quando o encontra sem dormir, com o olhar fixo na distância, açoitado pelo clima, apoiado sobre sua fortificação e cuidando das ovelhas dispersas, cada uma das quais ocupa um lugar em seu coração, entende-se por que o pastor da Judéia chegou a ocupar o primeiro lugar na história de seu povo; por que deram seu nome ao rei e o converteram no

símbolo da providência; por que Cristo o tomou como exemplo de renúncia.

A vigilância constante, a coragem ilimitada, o amor paciente para com seu rebanho, eram as qualidades necessárias do pastor.

No Antigo Testamento, costuma-se falar de Deus como o pastor, e do povo como seu rebanho. "O SENHOR é meu pastor; nada me faltará" (Salmo 23:1). "Guiaste o teu povo, como a um rebanho, pela mão de Moisés e de Arão" (Salmo 77:20). "Assim, nós, teu povo e ovelhas de teu pasto, te louvaremos eternamente" (Salmo 79:13). "Dá ouvidos, ó pastor de Israel, tu que conduzes a José como um rebanho" (Salmo 80:1). "Ele é o nosso Deus, e nós, povo do seu pasto e ovelhas de sua mão" (Salmo 95:7). "Somos o seu povo e rebanho do seu pastoreio" (Salmo 100:3). O Ungido de Deus, o Messias, também é apresentado como o pastor das ovelhas. "Como pastor, apascentará o seu rebanho; entre os seus braços recolherá os cordeirinhos e os levará no seio; as que amamentam ele guiará mansamente" (Isaías 40:11). "Apascentará o rebanho do Senhor com fidelidade e justiça e não permitirá que nenhuma tropece. Conduzirá todas com segurança" (Salmo de Salomão 17:45). Os líderes do povo são descritos como pastores do povo e da nação de Deus. "Ai dos pastores que destroem e dispersam as ovelhas do meu pasto!" (Jeremias 23:1-4). Ezequiel expressa uma terrível condenação para os líderes falsos que perseguem seu próprio bem antes que o de seu rebanho. "Ai dos pastores de Israel que se apascentam a si mesmos! Não apascentarão os pastores as ovelhas?" (Ezequiel 34:2).

Esta imagem passa ao Novo Testamento. Jesus é o Bom Pastor. É o pastor que arriscará sua vida para buscar e salvar a ovelha extraviada (Mateus 18:12; Lucas 15:4). Compadece-se do povo porque são como ovelhas sem pastor (Mateus 9: 36; Marcos 6:34). Os discípulos são seu pequeno rebanho (Lucas 12:32). Quando se fere o pastor, dispersam-se as ovelhas (Marcos 14:27; Mateus 26:31). Ele é o Pastor das almas dos homens (1 Pedro 2:25) e o grande Pastor das ovelhas (Hebreus 13:20).

Tal como na imagem do Antigo Testamento, os líderes da Igreja são os pastores e o povo é o rebanho. O dever do líder é alimentar ao rebanho de Deus, aceitar seu cuidado voluntariamente, não por força, fazê-lo com o ânimo bem disposto, não por amor ao dinheiro, nem fazer uso de sua posição para exercer poder sobre o povo; deve tornar-se exemplo para sua grei (1 Pedro 5:2-3). Paulo incita aos anciãos de Éfeso a cuidar de todo o rebanho sobre o qual os pôs o Espírito Santo (Atos 20:28). A última ordem de Jesus a Pedro é que alimente a seus cordeiros e suas ovelhas (João 21:15-19).

Os judeus tinham uma bonita lenda para explicar por que Deus tinha escolhido a Moisés para conduzir a seu povo. "Quando Moisés apascentava as ovelhas de seu sogro no deserto, escapou um cordeiro. Moisés o seguiu até que chegou a uma garganta onde encontrou um poço para beber água. Quando o alcançou disse: 'Não sabia que escapou porque tinha sede. Agora deve estar muito cansado.' Carregou o cordeiro sobre os ombros e o levou até o rebanho. Então Deus disse: 'Porque mostrou compaixão ao carregar a uma criatura de um rebanho que pertencia a um homem, conduzirá a *meu* rebanho, Israel.' "

Quando pensamos na palavra pastor deveria evocar em nós a vigilância e a paciência incessantes do amor de Deus. E deveria nos recordar nosso dever para com nosso próximo, em especial se ocuparmos algum posto na Igreja de Cristo.

O PASTOR DAS OVELHAS

João 10:1-6 (continuação)

O pastor palestino tinha certos hábitos que o diferenciavam do de outras regiões. A fim de compreender bem esta imagem devemos ver esse pastor e a forma em que trabalhava.

O equipamento do pastor era muito simples. Tinha sua bolsa. Esta era feita da pele de animal e a usava para levar comida. Não continha nada mais que pão, fruta seca, algumas azeitonas e queijo. Tinha uma

funda. A habilidade de muitos homens da Palestina era tal que “atiravam com a funda uma pedra num cabelo e não erravam.” (Juízes 20:16). O pastor usava a funda para defender-se e atacar, mas também, dava-lhe um uso estranho. Na Palestina não havia cães pastores e quando o pastor queria chamar uma ovelha que se afastou muito punha uma pedra na funda e a fazia cair justo frente ao focinho do animal que se estava afastando como advertência para que retornasse. Tinha um cajado. Era um pau de madeira, bastante curto. Em um extremo tinha uma cunha na qual se costumavam pregar os pregos. No extremo superior havia um corte através do qual passava um cordão. Este cordão se usava para pendurar o cajado do cinturão. O cajado era uma arma que empregava para defender-se a si mesmo e a seu rebanho contra os animais e os ladrões. Tinha sua *vara*. Esta era como o gancho do pastor. Podia usar para agarrar e fazer retornar qualquer ovelha que se afastava mais do conveniente. Ao cair o dia, quando as ovelhas voltavam ao redil, o pastor atravessava a vara na porta, perto do chão, e as ovelhas tinham que passar por baixo (Ezequiel 20:37; Levítico 27:32). À medida que passavam, o pastor olhava se tinham recebido algum golpe ou se tinham sido feridas durante o dia.

A relação entre o pastor e as ovelhas da Palestina é muito peculiar. Em muitos países se criam ovelhas para sacrificá-las; na Palestina, ao contrário, se criam ovelhas em grande medida para obter lã. É por isso que as ovelhas podem estar durante anos com o pastor. Este está acostumado a lhes dar diferentes nomes com os quais descreve alguma de suas características: "pata marrom", "orelha negra".

Na Palestina, os pastores caminhavam diante das ovelhas e estas o seguiam. O pastor ia na frente para assegurar-se de que o caminho era seguro e que não havia nenhum perigo. Às vezes tinha que alentar as ovelhas para que o seguissem.

Uma viajante relata que em uma oportunidade viu um pastor que guiava a suas ovelhas chegar a um vau. As ovelhas resistiam a cruzar.

Por fim o pastor solucionou o problema carregando um dos cordeiros. Quando a mãe viu sua cria do outro lado também cruzou; o resto do rebanho não demorou para seguir seu exemplo.

É estritamente certo que as ovelhas conhecem e entendem a voz do pastor oriental e que jamais responderão à voz de um estranho.

H. V. Morton nos dá uma bela descrição da forma em que o pastor fala com as ovelhas.

“Às vezes lhes fala com voz elevada, seguindo algum tipo de ritmo e com uma linguagem estranha que não se parece com nenhuma outra. A primeira vez que escutei este idioma de ovelhas e cabras estava nas serras que jazem detrás de Jericó. Um pastor de cabras tinha descido a um vale e estava escalando a ladeira da serra de frente quando, ao dar a volta, viu que as cabras ficaram atrás para comer um pasto muito tenro. Elevou a voz e falou com suas cabras na mesma linguagem que Pão deve ter empregado para dirigir-se às montanhas da Grécia. Era estranho porque não tinha nenhum característico humano. As palavras eram sons animais dispostos em algum tipo de ordem. Logo que falou se ouviu um balido no rebanho e um ou dois animais voltaram suas cabeças em direção ao pastor. Entretanto, não o obedeceram.

“Então o pastor gritou uma palavra e emitiu um som misturado com um tipo de risada. Imediatamente uma cabra que tinha um guizo ao redor do pescoço deixou de comer, abandonou o rebanho e trotou rumo ao vale, cruzou-o e subiu a outra serra. O homem, acompanhado por este animal, continuou caminhando e desapareceu depois de uma rocha. Em seguida estendeu o pânico no rebanho. Esqueceram-se do pasto. Buscaram o pastor com o olhar. Tinha desaparecido. Deram-se conta de que a cabra que levava o guizo já não estava ali. De longe chegou o estranho chamado do pastor e ao ouvi-lo o rebanho inteiro saiu em uma correria, cruzou o vale e subiu a serra” (H. V. Morton, *In the Steps of the Master*, págs. 154-155).

W. M. Thomson, em seu livro *The Land and the Book* descreve a mesma imagem.

“O pastor dá um guincho de vez em quando, para lhes recordar que está ali. Reconhecem sua voz e a seguem. Mas se aquele que grita é um

estranho, ficam imobilizadas, levantam as cabeças assustadas e, se for repetir, saem correndo porque não reconhecem a voz de um estranho. Fiz a prova várias vezes.”

Trata-se a mesma imagem que João descreve.

H. V. Morton descreve uma cena que viu em uma cova perto de Belém. Dois pastores tinham reunido a suas ovelhas para passar a noite. Como as separariam? Um dos pastores se afastou um pouco e emitiu seu chamado peculiar que só suas próprias ovelhas conheciam. Em pouco tempo, todo o rebanho tinha deslocado para ele porque conheciam sua voz. Não se tivessem aproximado se se tratasse de qualquer outro, mas conheciam o chamado de seu próprio pastor.

Um viajante do século XVIII relata de que maneira as ovelhas da Palestina dançavam, com distinto ritmo, quando escutavam um assobio ou uma melodia que seu próprio pastor interpretava na flauta.

Todos os detalhes da vida do pastor arrojam luz sobre a imagem do Bom Pastor cuja voz suas ovelhas ouvem e cuja preocupação constante se dirige ao rebanho.

A PORTA RUMO À VIDA

João 10:7-10

Os judeus não compreenderam o sentido do relato do Bom Pastor. Por isso Jesus abertamente, de maneira franca e sem rodeios, aplicou-o a si mesmo.

Começou dizendo: "Eu sou a porta." Nesta parábola Jesus se referiu a duas classes de redis. Nas aldeias e nos povoados havia currais comunais nos quais se refugiavam todos os rebanhos da aldeia quando retornavam de noite. Estes currais estavam protegidas por uma porta muito forte cuja chave estava na mão do guardião da porta e de ninguém mais. A essa classe de curral é ao que se refere Jesus nos versos 2 e 3. Mas quando as ovelhas estavam nas serras na estação cálida e não

voltavam de noite para a aldeia, eram reunidas em currais construídos nas serras. Estes eram espaços abertos cercados por uma parede. Tinham uma abertura pela qual entravam e saíam as ovelhas mas careciam de qualquer espécie de porta. O próprio pastor se deitava através da abertura e nenhuma ovelha podia sair ou entrar sem passar por cima dele. No sentido mais literal, o pastor era a porta; não se podia ter acesso ao curral exceto através dele.

Era nisso que Jesus pensava ao dizer: "Eu sou a porta." Através dele, e só através dele, os homens se encontram com Deus. "Por meio dele", disse Paulo, "os uns e os outros temos entrada por um mesmo Espírito ao Pai" (Efésios 2:18). O autor disse aos hebreus, "Ele é o novo e vivo caminho" (Hebreus 10:20). Jesus abre o caminho rumo a Deus. Até Jesus chegar, os homens só podiam pensar em Deus de duas maneiras: no melhor dos casos, como um estranho e, no pior dos casos, como um inimigo. Mas Jesus precisou dizer e mostrar aos homens como era Deus e lhes abrir o caminho rumo a Ele. É como se Jesus nos apresentasse a Deus, coisa que jamais teríamos podido descobrir ou obter por nossa conta. Jesus abriu aos homens a porta que conduz para Deus. É a única porta através da qual os homens podem aproximar-se a Deus.

A fim de descrever, em parte, o que significa esse acesso a Deus, Jesus emprega uma frase muito conhecida pelos hebreus. Diz que através dele *podemos entrar e sair*. A possibilidade de ir de um lado para outro sem problemas era a forma que tinham os judeus de descrever uma vida absolutamente segura e protegida. Quando um homem pode sair e entrar sem temor significa que seu país está em um estado de paz, que as forças da lei e a ordem exercem uma autoridade suprema e que desfruta de uma segurança perfeita em sua vida. O líder de uma nação deve ser alguém que possa sair diante deles e entrar diante deles (Números 27:17). Ao referir-se ao homem que obedece a Deus se diz que é bendito quando entra e bendito quando sai (Deuteronômio 28:6). Um menino é alguém que ainda não é capaz de sair e entrar por seus próprios meios (1 Reis 3:7). O salmista está seguro de que Deus guardará sua saída e sua

entrada (Salmo 121:8). Uma vez que o homem descobre, através de Jesus Cristo, como é Deus, experimenta um sentimento novo de segurança e amparo em sua vida. Se a vida estiver nas mãos de um Deus como esse, desaparecem os temores e as preocupações.

Há uma grande diferença entre Jesus e os homens que o precederam. Jesus disse que esses eram ladrões e salteadores. É obvio que ao dizer isso não se referia à grande sucessão de profetas e de heróis. Fazia referência aos aventureiros que apareciam com freqüência na Palestina e prometiam uma idade de ouro àqueles que os seguissem. Todos eles eram revolucionários e insurretos. Criam que para chegar à idade de ouro os homens deveriam atravessar rios de sangue. Nesta mesma época, Josefo relata que houve dez mil desordens na Judéia; tumultos provocados por guerreiros. Fala de homens como os zelotes que não se importavam perder a própria vida e matar a seus seres queridos se com isso podiam cumprir seus planos de triunfo e conquista. O que diz Jesus é o seguinte: "Houve homens que afirmavam que eram líderes que Deus lhes enviava. Criam na guerra, no assassinato, na morte. Seu caminho só conduz cada vez mais longe de Deus. Meu caminho é o da paz, do amor e da vida. E meu caminho, se vocês se animarem a escolhê-lo, conduz cada vez mais perto de Deus."

Houve e ainda há gente que pensa que terá que alcançar a idade de ouro por meio da violência, da luta de classes, do ódio, da destruição. A mensagem de Jesus é que o único caminho que conduz a Deus no céu e à idade de ouro na Terra é o caminho do amor.

Jesus afirma que veio para que os homens tivessem vida e para que a tivessem com abundância. A frase que se emprega para expressar *que a tenham em abundância* é uma expressão grega que significa ter *um excedente, uma superabundância de algo*. Seguir a Jesus, saber quem é e o que significa é ter uma superabundância de vida.

Conta-se a história de um soldado romano que se apresentou a Júlio César para lhe pedir permissão para suicidar-se e pôr fim a sua vida.. Era

uma criatura desgraçada, triste, desanimada, sem a menor vitalidade. César o olhou. "Homem", disse, "alguma vez esteve vivo?"

Quando tratamos de viver nossa própria vida, é-nos um pouco aborrecida, escura. Quando caminhamos junto a Jesus, quando reconhecemos sua presença em nossas vidas, estas se enchem de uma nova vitalidade, de uma superabundância de vida. Só quando vivemos com Cristo, a vida se converte em algo vale a pena viver e começar a vivê-la em todo o sentido do termo.

O PASTOR VERDADEIRO E O PASTOR FALSO

João 10:11-15

Esta passagem estabelece o contraste entre o bom pastor e o mau pastor, o pastor leal e o pastor desleal. Na Palestina, o pastor era o único responsável pelas ovelhas. Se a estas acontecia algo, tinha que apresentar algum tipo de prova para demonstrar que não tinha sido culpa dela. Amós diz que o pastor resgata da boca de um leão duas pernas ou a ponta de uma orelha (Amos 3:12). A Lei estabelecia: "Se for dilacerado, trá-lo-á em testemunho disso" (Êxodo 22:13).

A idéia é que o pastor devia levar uma prova de que a ovelha tinha morrido e que ele tinha sido incapaz de evitá-lo. Davi relata a Saul que quando cuidava as ovelhas de seu pai lutava contra o leão e o urso (1 Samuel 17:34-36). Isaías fala do grupo de pastores que foram chamados para lutar contra o leão (Isaías 31:4). Para o pastor, o mais natural do mundo era arriscar sua vida por seu rebanho. Às vezes o pastor tinha que fazer algo mais que arriscar sua vida pelas ovelhas, devia entregar sua vida por elas. Isto acontecia em particular quando os ladrões e os salteadores se aproximavam para atacar o rebanho.

Em seu livro *The Land and the Book*, o Dr. W. M. Thomson escreve:

"Ouvi com profundo interesse suas descrições gráficas das lutas cruéis e desesperadas com estas bestas selvagens. E quando o ladrão e o salteador se aproximam (coisa que fazem, por certo! o pastor está

acostumado a ter que arriscar sua vida para defender o rebanho. Conheci mais de um caso no qual entregou a vida na luta. Um pobre moço lutou a primavera passada entre Tiberíades e Tabor, contra três salteadores beduínos até que o destroçaram com suas armas e morreu entre as ovelhas que defendia”.

O pastor autêntico jamais titubeia em arriscar, e até oferecer, a vida por suas ovelhas.

Mas, por outro lado, também havia o pastor falso e desleal. A diferença é a seguinte. O verdadeiro pastor nascia para desempenhar sua tarefa. Era enviado a cuidar o rebanho logo que tinha a idade suficiente para fazê-lo. A vocação de pastor ia desenvolvendo-se nele: as ovelhas se convertiam em suas amigas e companheiras e assumiam como algo natural o fato de pensar nas ovelhas antes que em si mesmo. O falso pastor, ao contrário, ocupava-se do rebanho não como vocação mas sim como um meio de ganhar dinheiro. A única e exclusiva razão pela qual se ocupavam das ovelhas era para cobrar dinheiro. Até podia ser alguém que foi às montanhas porque a cidade lhe resultava muito hostil. Não tinha noção da importância e da responsabilidade inerentes a seu chamado. Era um mercenário. Os lobos constituíam uma ameaça para o rebanho. Jesus disse que enviava a seus discípulos como ovelhas em meio de lobos (Mateus 10:16). Paulo advertiu aos anciãos de Éfeso que chegariam lobos rapaces que não perdoariam às ovelhas (Atos 20:29). Estes lobos atacavam e o pastor mercenário abandonava tudo para salvar sua própria vida. Zacarias assinala como característica de um pastor falso o fato de que não faz nenhum esforço para reunir as ovelhas dispersas (Zacarias 11:6).

Em uma oportunidade, o pai de Carlyle usou esta imagem de maneira amarga. No Ecclefechan tinham problemas com o ministro e se tratava da pior espécie de problemas, um problema de dinheiro. O pai de Carlyle ficou de pé e disse com acuidade: "Dêem seu salário ao mercenário e deixem-no ir."

A idéia central de Jesus é que o homem que só trabalha pela recompensa pensa mais no dinheiro que em qualquer outra coisa. O

homem que trabalha por amor pensa mais nas pessoas às quais busca servir que em qualquer outra coisa. Jesus era o Bom Pastor que amou de tal modo a suas ovelhas que estava disposto a arriscar, e até a entregar sua vida por elas.

Podemos assinalar dois detalhes mais antes de passar a outra passagem. Jesus se descreve a si mesmo como o *bom* pastor. Agora, o grego tem duas palavras para expressar bom. A palavra *agathos* que descreve a qualidade moral de algo. A palavra *kalos* que assinala que a coisa ou a pessoa não só é boa mas também na bondade há uma qualidade de atração, de beleza, que a convertem em algo formoso. Quando se diz que Jesus é o *bom* pastor a palavra que se emprega é *kalos*. Em Jesus há algo mais que eficiência, mais que fidelidade; há uma certa formosura. Às vezes, nos povos, a gente fala do *bom doutor*. Quando o dizem, não se referem somente à eficiência e à habilidade do médico, fazem referência à simpatia, a bondade, a gentileza que o acompanham e que o fazem granjear a amizade de todos. Na imagem de Jesus como o bom pastor há um elemento de beleza além de força e poder.

O segundo detalhe é o seguinte. Na parábola, o rebanho é a Igreja de Cristo. Este rebanho se vê ameaçado por um duplo perigo. Está constantemente exposto ao ataque do exterior por parte dos lobos, dos salteadores e dos saqueadores. Sempre está exposto a ter problemas em seu interior provocados pelo falso pastor. A Igreja corre um duplo perigo. Sempre a atacam de fora. Está acostumada a sofrer a tragédia de uma má liderança, do desastre dos pastores que concebem seu chamado como uma carreira e não como uma forma de serviço. O segundo perigo é o pior porque se o pastor for fiel e bom, o rebanho é forte para resistir os ataques do exterior. Pelo contrário, se o pastor for infiel e só está por causa do dinheiro, os inimigos exteriores podem penetrar e destruir o rebanho. O elemento fundamental da Igreja é uma liderança baseada no exemplo de Jesus Cristo.

A UNIDADE FINAL**João 10:16**

Uma das coisas das quais é mais difícil desprender-se é o sentimento de exclusividade. Quando um povo, ou um grupo dentro de um povo, consideram que gozam de um privilégio especial e que são diferentes do resto das pessoas, é-lhes muito difícil dar-se conta de que os privilégios que consideravam exclusivos estão abertos a todos os homens. Isso foi algo que os judeus nunca aprenderam. Criam que eram o povo eleito de Deus e que Deus não queria nenhum relacionamento com outra nação ou grupo humano. Consideravam que, no melhor dos casos, o destino de outros povos era ser escravos dos judeus e, no pior, ser eliminados e apagados do mundo. No entanto, aqui está Jesus afirmando que chegará o dia quando reunirá a todos os homens e todos o reconhecerão como seu pastor.

Nem sequer o Antigo Testamento carece de visões desse dia. Um grande profeta a quem conhecemos com o nome do Isaías teve esse mesmo sonho. Estava convencido de que Deus tinha posto a Israel como *luz das nações* (Isaías 42:6; 49:6; 56:8). Sempre houve vozes isoladas que insistiram em que Deus não era propriedade exclusiva do povo de Israel mas sim o destino desse povo era fazer conhecer a Deus a todos os homens.

À primeira vista, pode parecer que no Novo Testamento se expressam duas opiniões sobre este tema. Pode ocorrer que algumas passagens nos surpreendam e nos preocupem quando as lemos. Segundo o relato de Mateus, quando Jesus enviou a seus discípulos a pregar, disse-lhes: “Não tomeis rumo aos gentios, nem entreis em cidade de samaritanos; mas, de preferência, procurai as ovelhas perdidas da casa de Israel” (Mateus 10:5-6). Quando a mulher cananéia implorou a ajuda de Jesus, sua primeira resposta foi que não tinha sido enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel (Mateus 15:24). Mas há muitos argumentos que indicam o contrário. O próprio Jesus permaneceu e

ensinou em Samaria (João 4:40). Declarou que o fato de ser descendente de Abraão não era uma garantia para entrar no Reino (João 8:39). Jesus falava de um centurião romano ao dizer que jamais havia visto semelhante fé em Israel (Mateus 8:10). O único que voltou para agradecer foi um leproso samaritano (Lucas 17:19). Foi o viajante samaritano quem demonstrou a bondade que todos os homens devem copiar (Lucas 10:37). Muitos viriam do Leste e do Oeste, do Norte e do Sul para sentar-se no Reino de Deus (Mateus 8:11; Lucas 13:28). A ordem final foi que deviam sair a pregar o evangelho a todas as nações (Marcos 16:5; Mateus 28:19).

Jesus não era a luz dos judeus e sim a luz do mundo (João 8:12). A que se deve esta diferença? Qual é a explicação das afirmações que parecem limitar a obra de Jesus aos judeus? Em realidade, a explicação é muito singela. O fim *último* de Jesus era ganhar o mundo para Deus. Mas qualquer capitão sabe que ao princípio deve restringir seus objetivos. Se busca atacar em uma frente ampla, se se propõe golpear em todas partes de uma vez, a única coisa que consegue é dispersar sua força, atomizar seu poder e não triunfa em nenhuma parte. Para obter uma vitória final completa deve começar concentrando suas forças sobre certos objetivos determinados e circunscritos. Isso foi o que Jesus fez. Quando veio e quando enviou a seus discípulos, escolheu de maneira premeditada o objetivo limitado. Se tivesse ido a todas partes e se tivesse enviado a seus discípulos a todos os lados sem impor limitações a sua esfera de ação, não teria sucedido nem conseguido nada. Nesse momento, concentrou-se com plena consciência e predeterminação, no povo judeu, mas seu objetivo final era reunir o mundo inteiro sob seu amor.

Esta passagem contém três grandes verdades.

(1) O mundo pode converter-se em um só unicamente por meio de Jesus Cristo.

Edgerton Young foi o primeiro missionário que se aproximou dos corte vermelhas. Saiu a seu encontro no Saskatchewan e lhes falou sobre o amor de Deus Pai. Para os indígenas foi como uma nova revelação.

Quando o missionário terminou de pronunciar sua mensagem, um velho cacique disse: "Quando você falou há pouco do grande Espírito, eu o ouvi dizer 'Nosso Pai'?" "Sim", respondeu Edgerton Young. "Para mim isso é muito novo e muito agradável", disse o cacique. "Nunca pensamos no grande Espírito como um Pai. Nós o ouvimos no trovão, o vimos no raio, na tempestade e no vento e sentimos medo. Por isso quando você nos diz que o grande Espírito é *nosso Pai*, é-nos muito bonito". O ancião fez uma pausa e logo prosseguiu enquanto um raio de glória lhe iluminou o rosto. "Missionário, disse que o grande Espírito é seu Pai?" "Sim", respondeu o missionário. "E você disse que é o Pai *dos índios*?" prosseguiu o cacique. "Isso disse", respondeu o missionário. "Então", disse o ancião cacique, como alguém a quem lhe revelou uma grande alegria, "*Você e eu somos irmãos!*"

A única unidade possível para os homens radica em que são filhos de Deus. No mundo, existem divisões entre uma nação e outra; dentro da nação há divisões entre as classes sociais. Nunca pode haver uma só nação, uma só classe. A única coisa que pode transpor as barreiras e fazer desaparecer as diferenças é o evangelho de Jesus Cristo que fala com os homens sobre a paternidade universal de Deus.

(2) Em algumas traduções da Bíblia se comete um engano de tradução neste versículo. Diz-se: "Haverá um só rebanho e um só pastor." O engano se remonta a Jerônimo e à Vulgata. E sobre essa tradução incorreta a Igreja de Roma baseia seu ensino no sentido de que, visto que há um só rebanho só pode haver uma Igreja, a Igreja Católica Romana, e que não existe a salvação fora dela. Mas não há a menor dúvida de que a tradução correta é: "Haverá um rebanho e um pastor, ou, melhor ainda, "Converter-se-ão em um rebanho e haverá um pastor."

A unidade não provém do fato de que se obriga a todas as ovelhas a entrar num mesmo redil mas sim todas as ovelhas ouvem, respondem e obedecem a um só pastor. Não se busca uma unidade eclesiástica mas sim a unidade que provém da lealdade a Jesus Cristo.

Um exemplo humano ilustra isto de maneira clara. A Comunidade Britânica de Nações não é uma unidade na qual cada nação tem o mesmo sistema de governo e obedece à mesma administração. Os países que compõem a comunidade são independentes; podem fazer o que querem, têm seus próprios governos, mas estão unidos por uma lealdade comum à Rainha e à Coroa.

O fato de que há um rebanho não significa que não pode haver mais que uma Igreja, uma forma de culto, um sistema de administração eclesiástica. O que significa é que todas as Igrejas estão unidas por e em uma lealdade comum a Jesus Cristo. A unidade cristã não se baseia na obediência a algum tipo de procedimento eclesiástico, baseia-se sobre a lealdade a uma pessoa: Jesus Cristo.

(3) Mas esta frase de Jesus se converte em algo muito pessoal: um sonho que podemos ajudar a converter em realidade para todos. Os homens não podem ouvir se carecerem de um pregador. As outras ovelhas não se podem unir ao rebanho se não houver quem sai para buscá-las. Aqui nos apresenta a tremenda tarefa missionária da Igreja. E não podemos vê-la só como missões *estrangeiras*. Se conhecermos alguém, aqui e agora, que está fora do amor de Cristo, Cristo o quer para si e devemos agradá-lo. Seu sonho depende de nós. Somos nós aqueles que podemos ajudá-lo a converter o mundo em um rebanho cujo pastor é Cristo.

A ESCOLHA DO AMOR

João 10:17-18

Há poucas passagens no Novo Testamento que em tão poucas palavras nos digam tanto sobre Jesus.

(1) Diz-nos que Jesus viu toda sua vida como um ato de obediência a Deus. Deus lhe tinha encomendado uma tarefa e estava disposto a levá-la a cabo até suas últimas conseqüências, inclusive se isso incluía a morte. Jesus mantinha uma relação única com Deus. A única forma na

qual podemos descrevê-la é dizendo que era o Filho de Deus. Mas a relação não lhe dava o direito de fazer o que quisesse; baseava-se sobre o fato de que, qualquer que fosse o preço, sempre fazia a vontade de Deus. Para Jesus, o fato de ser o Filho de Deus era de uma vez o maior dos privilégios e a maior responsabilidade. Para ele, e para nós, o fato de ser filhos de Deus só pode basear-se na obediência.

(2) Diz-nos que Jesus sempre viu a cruz e a glória juntas. Nunca duvidou de que devia morrer, tampouco duvidou de que ressuscitaria. A razão desta certeza radicava na confiança que Jesus depositava em Deus. Jamais creu que Deus o abandonaria. Cria que, sem dúvida alguma, a obediência a Deus lhe reportaria sofrimento, mas também cria que essa obediência significaria a glória. Mais ainda, cria que esse sofrimento era momentâneo e que a glória era eterna. Toda a vida se baseia sobre o fato de que algo que vale a pena obter-se requer sacrifícios. Deve pagar-se um preço por tudo. O conhecimento só se obtém por meio do estudo; a habilidade em qualquer técnica ou artesanato só se obtém com a prática; a capacidade em qualquer esporte só se obtém com o treinamento e a disciplina. O mundo está cheio de gente que perdeu a oportunidade de cumprir o seu destino porque não estava disposta a pagar o preço que este lhe impunha. Ninguém pode escolher o caminho fácil e alcançar algum tipo de glória ou grandeza. Ninguém pode optar pelo caminho difícil e não alcançar a glória e a grandeza.

(3) Diz-nos de maneira inconfundível que a morte de Jesus foi absolutamente voluntária. Isso é algo que Jesus repete uma e outra vez. No jardim obrigou a seu defensor a guardar a espada. Se quisesse, poderia convocar as legiões do céu para defendê-lo (Mateus 26:53). Quando se defrontou com Pilatos, Jesus deixou bem claro que não era Pilatos quem o condenava mas foi Jesus quem aceitava a morte (João 19:9-10). Jesus não foi uma vítima das circunstâncias. Não foi como um animal a quem se arrasta ao sacrifício contra sua vontade e que se debate nos braços do sacerdote sem saber o que acontece. Jesus entregou sua vida voluntariamente porque escolheu fazê-lo.

Conta-se que durante a Primeira Guerra Mundial havia um soldado francês muito ferido. Tinha o braço tão destroçado que era preciso amputar. Era um magnífico exemplo de virilidade e o cirurgião se sentia dolorido ao pensar que o jovem teria que ir pela vida com um só braço. Esperou junto à cama até que recuperou a consciência para lhe dar a má notícia. Quando o moço abriu os olhos, o cirurgião lhe disse: "Sinto lhe dizer que perdeu o braço." "Senhor", respondeu o jovem, "não o perdi; entreguei-o pela França."

Jesus não caiu indefeso em uma série de circunstâncias das quais não se pôde liberar. Além de qualquer outra coisa, independentemente de qualquer poder e ajuda divina que poderia ter solicitado, é evidente que, até o último momento, pôde ter retrocedido salvando assim sua vida. Não perdeu sua vida; entregou-a. Não o mataram; escolheu morrer. Não lhe foi imposto a cruz, aceitou-a voluntariamente, por nós.

LOUCO OU FILHO DE DEUS

João 10:19-21

As pessoas que ouviram a Jesus nesta oportunidade se defrontavam com o mesmo dilema diante do qual sempre se encontram os homens. Jesus era um louco megalomaniaco ou era o Filho de Deus. Não há forma de escapar a essa opção. Se alguém falar a respeito de Deus e de si mesmo como o fez Jesus cabem duas possibilidades: ou essa pessoa está completamente transtornada ou tem uma razão profunda para fazê-lo. As afirmações de Jesus podem atribuir-se ou à loucura ou à divindade. Como podemos estar seguros de que essas afirmações eram justificadas e que não provinham do maior dos farsantes?

(1) As palavras de Jesus não pertencem a um louco. Poderíamos mencionar uma testemunha atrás de outra para demonstrar que os homens sempre foram muito conscientes de que o ensino de Jesus corresponde a maior prudência.

Em um livro chamado *What I Believe*, algumas pessoas escreveram aquelas crenças que consideravam fundamentais. Lionel Curtem afirmou que cria que o objetivo da humanidade deveria ser converter o mundo no que ele denomina a *Comunidade de Deus*. Continua dizendo, "Quando me perguntam o que quero dizer com esta comunidade, respondo: 'O Sermão da Montanha reduzido a princípios políticos.' "

A Senhora Chiang Kai-shek disse: "Como temos que obedecer os postulados da lei moral a fim de construir um mundo mais moral? Minha resposta, e a resposta absoluta, em minha opinião, é o Sermão da Montanha."

A verdade é que o testemunho de pensadores e pensadoras de todas as épocas assinalam que o ensino de Jesus é a única coisa corda que leva prudência a um mundo enlouquecido. É a única voz que pronuncia o bom sentido de Deus em meio do desespero humano. Não há o menor rastro de loucura nisso.

(2) Os atos de Jesus não são os de um louco. Curou os doentes, deu de comer os famintos, consolou aos afligidos. A loucura do megalômano é egoísta. Busca sua glorificação e prestígio. A vida de Jesus, ao contrário, estava dedicada a servir a outros. Como diziam os próprios judeus, um homem louco não poderia abrir os olhos dos cegos.

(3) O efeito que Jesus tem não é aquele que corresponde a um louco. A realidade inegável é que o poder de Jesus mudou a vida de milhões e milhões de pessoas; milhares de fracos se fortaleceram, pessoas egoístas se esqueceram de si mesmos, gente fracassada triunfou, pessoas afligidas se acalmaram, homens maus se tornaram bons. Não é a loucura quem produz semelhante mudança, é a sabedoria e a prudência perfeitas.

A opção continua vigente: Jesus era louco ou divino. E não existe a pessoa honesta que possa analisar os testemunhos e chegar a outra conclusão que não seja a de que o que Jesus trouxe para o mundo não foi uma loucura alucinada e sim a prudência perfeita de Deus.

A AFIRMAÇÃO E A PROMESSA**João 10:22-28**

João começa dando-nos o lugar e a data desta discussão. A data era a festa da dedicação. Esta era a festividade judia de mais recente instituição. Às vezes era denominada a festa das luzes. O nome judeu era *Hanukkah*. Celebrava-se no dia 25 do mês judeu chamado *kislev*. Este mês corresponde a dezembro, de maneira que a festa caía muito perto de nossa celebração do Natal. Os judeus do mundo inteiro continuam celebrando tal festa até o dia de hoje.

A origem da festa da dedicação se encontra em uma das épocas mais sublimes de sofrimento e heroísmo da história judia. Havia um rei da Síria chamado Antíoco Epifanes que reinou desde 175 até 164 A. C. Amava e venerava tudo que fosse grego. Decidiu eliminar a religião judia para sempre e introduzir os costumes, as idéias, a religião e os deuses gregos na Palestina. A princípio, tentou levá-lo a cabo mediante uma penetração pacífica de idéias. Alguns judeus receberam estas novidades de bom grado, mas a maioria se manteve tenazmente fiel à sua fé ancestral.

No ano 170 A. C. se desencadeou a tormenta. Nesse ano Antíoco atacou Jerusalém. Afirma-se que morreram 80.000 judeus e outros tantos foram vendidos como escravos. Roubaram-se 1.800 talentos do tesouro do templo. Possuir uma cópia da Lei ou circuncidar um menino se converteram em ofensas muito graves. As mães que ousavam circuncidar seus filhos eram crucificadas com o menino pendurado ao redor do pescoço. Os pátios do templo foram profanados, as habitações do templo se converteram em bordéis. Por último, Antíoco deu um passo terrível: converteu o grande altar das ofertas em um altar ao Zeus Olímpico e ofereceu carne de porco aos deuses pagãos. Poluíram-se os pátios do templo de forma tremenda e com absoluta deliberação. Foi então quando Judas Macabeu e seus irmãos se levantaram para levar a cabo uma luta heróica pela liberdade de seu povo. No ano 164 se obteve a vitória; esse

ano se limpou e se purificou o templo. Reconstruiu-se o altar e se substituíram as vestimentas e os utensílios depois de quatro anos de contaminação. A festa da dedicação se instituiu para comemorar essa purificação do templo. Judas Macabeu estabeleceu que "cada ano, ao seu devido tempo e durante oito dias a contar do vinte e cinco do mês de Kislev, celebrasse com alvoroço e regozijo o aniversário da dedicação do altar" (1 Macabeus 4:59). É por isso que se havia acostumado a chamar a festividade de festa da dedicação do altar ou da Comemoração da purificação do templo.

Entretanto, já vimos que tinha outro nome. Era costume denominá-la a festa das luzes. Havia uma grande iluminação no templo e também em cada lar judeu, coisa que se pode ver até na atualidade. Ficavam luzes na janela de cada casa judia. Segundo Shamai, ficavam oito luzes na janela e cada dia se apagava uma até que só ficava acesa a do último dia. Segundo a versão do Hillel, acendia-se uma luz o primeiro dia e se adicionava uma cada dia até que o último dia estavam acesas as oito luzes. Ainda podemos ver as luzes no lar de qualquer judeu piedoso.

Estas luzes tinham dois sentidos. Em primeiro lugar, afirmava-se que com elas se recordava que a primeira vez que se celebrou a festa a luz da liberdade tinha retornado a Israel. Em segundo lugar, remontavam a uma lenda muito antiga. Contava-se que quando se purificou o templo e era preciso acender o grande candelabro dos sete braços, só se encontrou um pequeno cântaro com azeite para as lâmpadas que tinha escapado à contaminação. Estava intacto e conservava o selo com a marca do anel do sumo sacerdote. Segundo todas as medidas normais, o azeite que continha era suficiente apenas para acender as lâmpadas de um só dia. Entretanto, e devido a um milagre, durou oito dias até que se preparou o azeite novo segundo a fórmula correta e foi consagrado para seu uso sagrado. Portanto, afirmava-se que as luzes iluminavam o templo e os lares durante oito dias em comemoração desse cântaro que Deus tinha feito durar oito dias em lugar de um.

Não deixa de ser significativo que deve ter sido muito perto deste período de iluminação quando Jesus disse: "Eu sou a luz do mundo." No momento em que se acendiam todas as luzes da cidade em comemoração da liberdade que se obteve para adorar a Deus da única maneira correta, Jesus disse: "Eu sou a luz do mundo, sou o único que pode iluminar os homens para que cheguem ao conhecimento e à presença de Deus."

João também nos diz qual foi o lugar onde se desenvolveu esta discussão. Foi no pórtico de Salomão. Quando o povo ingressava nos recintos do templo, o primeiro pátio que encontrava era o dos gentios. Ao longo de dois de seus lados, estendiam-se duas colunatas magníficas chamadas o pórtico real e o pórtico de Salomão. Tratava-se de fileiras de esplêndidos pilares de quase doze metros de altura, cobertas. O povo caminhava por ali para orar e meditar. Os rabinos passeavam pelos pórticos enquanto conversavam com seus discípulos e expor as doutrinas da fé. Ali era onde Jesus caminhava porque, como diz João com um toque pictórico, "era inverno". De maneira que a discussão se desenvolveu neste momento de comemoração e ação de graças nacional, e entre os rabinos e seus discípulos.

A AFIRMAÇÃO E A PROMESSA

João 10:22-28 (continuação)

Enquanto Jesus caminhava pelo pórtico de Salomão os judeus se aproximaram. "Durante quanto tempo", perguntaram-lhe, "manterá-nos em suspense? nos diga abertamente é ou não é o Ungido de Deus que este nos prometeu?" Não há a menor dúvida que havia duas posições por trás dessa pergunta. Havia aqueles que, autenticamente, queriam saber a verdade. Estavam ansiosos pela expectativa. Sua idéia sobre o Ungido de Deus não seria semelhante a de Jesus. Mas estavam desejosos de saber se por fim tinha chegado o Salvador prometido e longamente esperado. Mas também havia os outros, e eles formularam a pergunta como uma armadilha. Queriam cercar Jesus para que pronunciasse uma afirmação

que logo pudessem tergiversar; já seja para convertê-la em uma blasfêmia da que se podiam ocupar seus próprios tribunais ou para acusá-lo de insurreição, em cujo caso seria o governador romano quem se ocuparia do problema.

A resposta de Jesus foi que já lhes havia dito quem era. É certo que não o tinha feito abertamente. Segundo a versão de João, as duas grandes afirmações de Jesus se pronunciaram em particular. Revelou-se à mulher samaritana como o Messias (João 4:26) e ao cego de nascimento tinha dito que era o Filho de Deus (João 9:37). Não obstante, há certas afirmações que não é necessário expressar em palavras, em especial quando o público que as recebe está qualificado e capacitado para recebê-las. Havia duas coisas que livravam de toda dúvida a afirmação de Jesus mesmo se a pronunciasse ou não. Em primeiro lugar, suas *ações*. O sonho do Isaías sobre a idade de ouro era o seguinte: “Então, se abrirão os olhos dos cegos, e se desimpedirão os ouvidos dos surdos; os coxos saltarão como cervos, e a língua dos mudos cantará” (Isaías 35:5-6). Isso era exatamente o que estava fazendo Jesus. Cada um de seus milagres era uma afirmação que exclamava pessoalmente que tinha chegado a idade de Deus, que tinha vindo o Messias. Em segundo lugar, suas *palavras*. Moisés tinha prometido e profetizado que Deus levantaria o profeta a quem se deveria ouvir (Deuteronômio 18:15).

O mesmo acento de autoridade que continham as palavras de Jesus, a maneira em que deixou de lado a Lei antiga e pôs seus próprios ensinamentos em seu lugar, indicavam com toda clareza que Deus falava por meio dEle, que nEle tinha chegado aos homens a voz encarnada de Deus. Qualquer um que ouvia Jesus falar e via Jesus agir, não necessitava nenhuma afirmação verbal. As palavras e as ações de Jesus eram uma afirmação contínua de que Ele era o Ungido de Deus.

Mas a grande maioria dos judeus não tinham aceito essa afirmação. Como vimos, as ovelhas da Palestina conheciam o chamado especial de seu próprio pastor e respondiam a ele. Pertenciam ao pastor e conheciam sua voz. Estes judeus não pertenciam ao rebanho de Jesus. Atrás de todo

o Quarto Evangelho aparece uma doutrina da predestinação. As coisas aconteciam todo o tempo tal como Deus as tinha previsto.

O que João diz, em realidade, é que estes judeus estavam predestinados a não seguir e não responder a Jesus. De uma ou outra maneira todo o Novo Testamento mantém um equilíbrio entre duas idéias opostas: o fato de que tudo se desenvolve segundo o plano de Deus e, entretanto, tudo acontece de maneira tal que o responsável é o livre arbítrio do homem. Estes judeus se desenvolveram de maneira tal que estavam predestinados a não aceitar a Jesus. Entretanto, tal como o João vê, isso não significa que serão condenados.

Não obstante, embora eles não aceitavam a Jesus havia aqueles que estava dispostos a aceitá-lo. E a eles, Jesus ofereceu e prometeu três coisas.

(1) Prometeu-lhes a *vida eterna*. Prometeu-lhes a possibilidade de perceber uma amostra dessa vida que é própria de Deus. Prometeu-lhes que se o aceitavam como Mestre e Senhor, se eles se uniam a seu rebanho, toda a pequenez da vida terrestre desapareceria e conheceriam o esplendor e a magnificência da vida de Deus.

(2) Prometeu-lhes uma *vida que não teria fim*. Jamais pereceriam. Para eles, a morte não significaria nada; não seria o fim e sim o começo. Jamais desapareceriam ou penetrariam nas trevas. Conheceriam a glória da vida indestrutível.

(3) Prometeu-lhes uma *vida segura*. Nada os poderia arrancar de sua mão. Isto não significava que seriam livres da dor, o sofrimento ou a morte. Significava que no momento mais amargo e na hora mais escura continuariam sendo conscientes dos braços eternos que os rodeavam e os sustentavam. Conheceriam uma segurança que todos os perigos e os alarmes do mundo não poderiam fazer naufragar. Até em um mundo que se desmoronada rumo ao desastre, eles conheceriam a serenidade de Deus.

A GRANDE CONFIANÇA E A TREMENDA AFIRMAÇÃO**João 10:29-30**

Esta passagem nos mostra tanto a grande confiança de Jesus como sua tremenda afirmação a respeito de si mesmo.

A confiança de Jesus buscava a origem de todas as coisas em Deus. Logo tinha falado sobre *suas* ovelhas e seu rebanho. Acabava de dizer que nunca ninguém arrebatará a suas ovelhas de *sua* mão, que Ele é o pastor que sempre manterá a salvo as ovelhas. À primeira vista e se ficasse ali, teria parecido que Jesus cifrava toda sua confiança em sua própria atração e em seu poder de liderança. Mas agora vemos o outro lado. Foi seu Pai quem lhe deu as ovelhas; tanto Ele como suas ovelhas estão a salvo na mão de seu Pai. Jesus estava tão seguro de si mesmo porque estava muito seguro de Deus. A atitude de Jesus rumo à vida não era de confiança em si mesmo mas sim de confiança em Deus. Jesus estava seguro não por seu próprio poder mas sim pelo poder de Deus. Jesus não duvidava da segurança e da vitória finais não porque se atribuía todo o poder mas sim porque atribuía todo o poder a Deus.

E agora chegamos à suprema afirmação. "Eu e o Pai somos um", disse Jesus. O que quis dizer com isso? Tratava-se de um mistério absoluto ou podemos entender pelo menos uma parte? Vemo-nos impelidos a interpretá-lo em termos de essência e hipóstase e todas as demais noções metafísicas e filosóficas sobre as quais lutaram, discutiram e brigaram aqueles que elaboraram os credos? Acaso é necessário ser um teólogo profundo e um filósofo para compreender sequer um fragmento do significado desta tremenda afirmação?

Se nos remetermos à própria Bíblia para interpretar esta passagem descobriremos que é tão simples que até a mente mais simples o pode compreender. O que Jesus quis dizer ao afirmar que ele e o Pai são um? Nos adiantemos um pouco e leiamos João capítulo 17. Aí João nos fala sobre a oração que Jesus ensinou aos seus antes de ir rumo à morte. Orou assim: "Pai santo, guarda-os em teu nome, que me deste, *para que eles*

sejam um, assim como nós” (João 17:11). Aí fica claro que Jesus concebia a unidade entre os cristãos como algo idêntico à unidade entre Ele e seu Pai. Ele o expressa com a maior clareza. Na mesma passagem continua: “Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio da sua palavra; a fim de que *todos sejam um*; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, *também sejam eles em nós*; para que o mundo creia que tu me enviaste. Eu lhes tenho transmitido a glória que me tens dado, *para que sejam um, como nós o somos*” (João 17:20-22).

Aí Jesus diz com simplicidade e clareza que ninguém pode duvidar que a meta final da vida cristã é que os cristãos devem ser um como o são Ele e seu Pai.

Agora, qual é essa unidade que deve existir entre os cristãos? O que é o que faz que um cristão seja um com seu próximo? O segredo dessa unidade é o amor. “Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros” (João 13:34). Os cristãos são um porque se amam uns aos outros. Do mesmo modo, Jesus é um com Deus por seu amor para com Deus.

Mas podemos ir mais longe. Qual é a única prova e garantia do amor? Voltemos às palavras de Jesus. “Se guardardes os meus mandamentos, permaneceréis no meu amor; assim como também eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai e no seu amor permaneço” (João 15:10). “Se alguém me ama, guardará a minha palavra” (João 14:23-24). “Se me amais, guardareis os meus mandamentos” (João 14:15). “Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama” (João 14:21).

Este é o nó da questão. O laço de união é o amor; a prova do amor é a obediência. Os cristãos são um quando estão unidos pelo laço da unidade e quando obedecem as palavras de Cristo. Jesus é um com Deus porque obedeceu e amou a Deus como ninguém o fez antes. Sua unidade com Deus é uma união de amor perfeito que se manifesta em uma obediência perfeita.

Quando Jesus disse: "Eu e o Pai somos um", não se estava movendo no mundo da filosofia, da metafísica e das abstrações; movia-se no âmbito das *relações pessoais*. Ninguém pode entender com clareza o que significa a frase "unidade de essência", mas qualquer um compreende o que significa a unidade de corações. A unidade de Jesus com Deus surgia de duas coisas: o amor perfeito e a obediência perfeita. Era um com Deus porque o amava e o obedecia à perfeição. E veio a este mundo para nos fazer igual a Ele.

UM CONVITE À PROVA AMARGA

João 10:31-39

Para os judeus, a afirmação de Jesus de que ele e o Pai eram um constituía uma blasfêmia, um insulto contra Deus. Era a invasão da parte de um homem do lugar que pertencia exclusivamente a Deus. Tratava-se de um ser humano que afirmava ser igual a Deus. A Lei judia estabelecia que a blasfêmia se devia castigar com o apedrejamento. "Aquele que blasfemar o nome do SENHOR será morto; toda a congregação o apedrejará" (Levítico 24:16). De maneira que os judeus se prepararam para apedrejar a Jesus. A frase grega significa, em realidade, que foram buscar pedras para lançar-lhe. Jesus saiu ao encontro de sua hostilidade com três argumentos.

(1) Disse-lhes que tinha passado todos os dias de sua vida fazendo coisas bonitas: curando os doentes, alimentando os famintos e consolando aqueles que sofriam. Estas ações estavam tão cheios de poder, beleza e ajuda que era evidente que provinham de Deus. Por qual dessas boas obras queriam apedrejá-lo? A resposta dos judeus foi que não era por nenhuma de suas obras que queriam apedrejá-lo mas sim pelas afirmações que fazia.

(2) Qual era essa afirmação? Afirmava ser o Filho de Deus. Jesus empregou dois argumentos para sustentar essa afirmação. O primeiro é estritamente judeu e nos é difícil entendê-lo. Citou o Salmo 82:6. Esse

salmo é uma advertência contra os juízes injustos. É uma advertência àquelas pessoas a quem foi confiado a função de juízes para que cessem em suas práticas injustas e defendam os pobres e os inocentes. O chamado termina assim: "Eu disse: Vós sois deuses, e todos vós filhos do Altíssimo". Deus encarrega o juiz de levar seu ajuda e sua justiça aos homens. O juiz é Deus para os homens. Esta idéia aparece com toda clareza em algumas dos regulamentos de Êxodo. Êxodo 21:1-6 diz de que maneira o servo hebreu pode ficar livre ao sétimo ano. O versículo 6 diz: "Então seu amo o levará perante os *juízes*". Mas na versão hebraica, a palavra que se traduz por *juízes* é *elohim*, que significa *deuses*. Em Êxodo 22:9,28 se usa a mesma expressão. Até as Escrituras, ao falar dos homens aos quais Deus encarregou uma tarefa, referiam-se a eles como deuses. Portanto, Jesus disse: "Se as Escrituras podem falar assim sobre os homens, por que não posso usar os mesmos termos para falar de mim mesmo?"

Jesus afirmou duas coisas a respeito de si mesmo.

(a) Deus o *santificou* para cumprir uma tarefa especial. A palavra que designa *santificar* é *hagiazem*. Deste verbo procede o adjetivo *hagios*, que significa santo. Agora, esta palavra sempre indica a idéia de converter uma pessoa, um lugar ou uma coisa em algo diferente de outros porque é separada para um fim especial ou para cumprir uma tarefa determinada. Uma coisa ou uma pessoa é santa porque foi separada para cumprir uma tarefa que é diferente das tarefas comuns de todos os dias. É assim como o sábado, por exemplo, é santo (Êxodo 20:11). É distinto dos outros dias porque era separado para algo especial. O altar é santo (Levítico 16:19). Não é igual a qualquer outra parte de pedra ou a qualquer outra estrutura porque foi construído e separado para um fim determinado. Os sacerdotes são *santos* (2 Crônicas 26:18). São diferentes dos outros homens porque foram separados para cumprir um trabalho e uma tarefa especiais. O profeta é santo (Jeremias 1:5). É distinto dos outros homens porque lhe foi encomendada uma tarefa especial e diferente.

Quando Jesus disse que Deus o tinha *santificado, consagrado*, quis dizer que Deus o tinha separado dos outros homens porque lhe tinha encomendado uma tarefa especial. O fato mesmo de que Jesus usasse esta palavra demonstra quão consciente era de que Deus lhe tinha encarregado um trabalho especial.

(b) Jesus disse que Deus o enviou ao mundo. A palavra que se emprega é a que se aplicaria quando se fala de despachar um mensageiro, um embaixador, um exército ou uma brigada de trabalho. Quando Jesus empregou essa palavra demonstrou que não se via si mesmo tanto como alguém que tinha *vindo* ao mundo, mas sim como alguém que tinha sido enviado. Sua vinda foi um ato de Deus, veio para representar a Deus, veio para cumprir com a tarefa que Deus lhe encomendou.

De maneira que Jesus disse: "Nos tempos da antiguidade a Escritura podia referir-se aos juízes como a deuses porque Deus lhes tinha encarregado que levassem sua verdade e sua justiça ao mundo. Agora, me separado de outros para cumprir uma tarefa especial. Deus me enviou ao mundo como podem objetar se digo ser o Filho de Deus? Só faço o mesmo que fazem as Escrituras." Busca-se um argumento bíblico cujo poder nos é difícil perceber. Entretanto, seria absolutamente convincente para qualquer rabino judeu. Tratava-se do tipo de argumentação, baseado sobre as palavras das Escrituras, que os rabinos usavam com maior prazer e que era quase impossível contradizer.

(3) Logo Jesus os convidou a passar por uma prova amarga. "Não lhes peço", disse, "que aceitem minhas palavras. O que sim lhes peço é que aceitem minhas obras". Qualquer um pode discutir a respeito das palavras; mas não há nenhuma discussão a respeito das obras. Qualquer um pode duvidar e discutir com todo direito sobre as afirmações que alguém faz a respeito de si mesmo; mas não pode discutir quando se enfrenta com as obras dessa mesma pessoa. Jesus é o mestre perfeito porque não baseia suas afirmações sobre o que disse e sim sobre o que é e o que faz. Convoca à prova amarga, a prova das obras. O convite que

fez aos judeus foi que fundassem seu veredicto a respeito dele, não baseando-se em suas palavras e sim em suas obras. E todos os seus discípulos deveriam ser capazes de passar por essa prova. A tragédia da Igreja é que são muito poucos aqueles que podem fazê-lo, e menos ainda aqueles que podem convidar a outros a passar por ela.

A PAZ QUE PRECEDE A TORMENTA

João 10:40-42

O tempo de Jesus chegava a seu fim, mas Jesus sabia qual era seu tempo. Não estava disposto a brincar com o perigo de maneira irresponsável e desperdiçar sua vida. Tampouco evitaria o perigo com covardia para conservar a vida. Mas desejava afastar-se para um lugar tranqüilo antes de enfrentar a luta final. Jesus sempre saía da presença de Deus para chegar à presença dos homens. Sempre se fortalecia e se preparava para encontrar-se com os homens mediante um encontro com Deus. Essa é a razão pela qual se retirou ao outro lado do Jordão. Não estava escapando; preparava-se para o último combate.

Entretanto, o lugar aonde foi é muito significativo. Foi ao lugar onde João estava acostumado a batizar; onde ele mesmo tinha sido batizado. Ali foi onde ouviu a voz de Deus que lhe assegurou que tomou o caminho reto e a decisão adequada. É muito o que se pode dizer sobre o homem que retorna de vez em quando ao lugar onde teve a maior experiência de sua vida.

Quando Jacó estava na parte mais bravia de sua luta, quando todas as coisas andavam muito mal, voltou para Betel (Gênesis 35:1-5). Quando necessitava a Deus, retornou ao lugar onde encontrou a Deus. Antes do fim, Jesus retornou ao lugar onde se produziu o princípio. Em mais de uma ocasião, significaria um imenso bem para nossas almas se retornássemos ao lugar onde Deus nos encontrou e onde nós o encontramos.

Apesar de que estava em um ponto afastado do Jordão, os judeus se aproximaram de Jesus e eles também pensaram em João. Recordaram que tinha falado com as palavras de um profeta mas não tinha feito obras maravilhosas. Viam que havia uma diferença entre Jesus e João. À proclamação de João, Jesus adicionava o poder de Deus. João tinha podido diagnosticar a situação; Jesus havia trazido o poder necessário para enfrentá-la. Estes judeus tinham considerado que João era um profeta. Agora viam que tudo o que João tinha profetizado sobre Jesus era certo. E muitos deles creram.

Acontece com muita freqüência que o homem a quem se augurou um grande futuro e em quem muitos cifraram suas esperanças, defrauda esse futuro e frustra as esperanças. A grandeza de Jesus, ao contrário, radica em que inclusive superou o que João tinha anunciado. Jesus é a única pessoa que jamais defrauda àqueles que cifram suas esperanças nEle. É a única pessoa que faz com que os sonhos sempre se convertam em realidade.

João 11

No caminho rumo à glória - 11:1-5

Tempo bastante porém não muito - 11:6-10

O dia e a noite - 11:6-10 (cont.)

O homem que não estava disposto a abandonar - 11:11-16

A casa de luto - 11:17-19

A ressurreição e a vida - 11:20-27

A ressurreição e a vida - 11:20-27 (cont.)

A emoção de Jesus - 11:28-33

A voz que desperta os mortos - 11:34-46

A ressurreição de Lázaro - 11:1-44

A trágica ironia - 11:47-53

Jesus o proscrito - 11:54-57

NO CAMINHO RUMO À GLÓRIA**João 11:1-5**

Uma das coisas mais valiosas é contar com uma casa e um lar onde se possa ir a qualquer momento e encontrar descanso, compreensão, paz e amor. Isto se aplicava em um duplo sentido no caso de Jesus pois carecia de casa própria. Não tinha onde reclinar a cabeça (Lucas 9:58). Jesus tinha esse porto no lar da Betânia. Ali havia três pessoas que o amavam e podia descansar das tensões que lhe impunha a vida.

O maior dom que pode oferecer um ser humano a outro é o dom da compreensão e da paz. Contar com alguém a quem podemos recorrer em qualquer momento com a segurança de que não rirá de nossos sonhos ou que não dará uma interpretação errônea a nossas confidências é algo maravilhoso. Contar com um lugar onde se podem esquecer as tensões da vida é algo formoso. Em todos nós está a possibilidade de converter nossos lares em um lugar assim. Trata-se de algo que não custa dinheiro e que não exige uma hospitalidade luxuosa ou cara. A única coisa que se precisa é um coração pormenorizado.

Em seu poema *A tumba de Wordsworth*, Sir William Watson rendeu um grande homenagem a esse poeta inglês:

Que tinha você que podia suprir com acréscimo
o que possuíam seus pares e você não?
Movimento e fogo, meios certos para fins radiantes?
Para os pés fatigados você tinha o dom do descanso.

Ninguém pode oferecer um dom maior a seu próximo que o dom do descanso para os pés fatigados. E esse foi o dom que encontrou Jesus na casa da Betânia onde viviam Marta, Maria e Lázaro.

O nome *Lázaro* significa Deus é *minha ajuda* e é idêntico ao nome *Eleazar*. Lázaro caiu doente e as irmãs mandaram uma mensagem a Jesus informando-o sobre a enfermidade. É bonito notar que a mensagem não solicitava a Jesus que fosse a Betânia. Sabiam que era desnecessário pedir-lhe Sabiam que a mera afirmação de que necessitavam ajuda

levaria a Jesus até elas. Agostinho assinalou isto dizendo que bastava que Jesus soubesse o que acontecia porque não é possível que alguém ame a um amigo e o abandone.

Em algum escrito, C. F. Andrews fala sobre dois amigos que lutaram juntos durante a Primeira Guerra Mundial. Um deles caiu ferido e o deixaram desamparado e sofrendo em meio das trincheiras. O outro se arrastou nas trevas, expondo sua vida para ajudar o amigo. Quando se aproximou dele, o homem ferido o olhou e disse: "Eu sabia que você viria." O mero fato da necessidade humana aproxima de Jesus a nosso lado em um instante.

Quando Jesus foi a Betânia sabia o que estava fazendo. Sabia que fosse qual fosse a enfermidade do Lázaro Ele contava com o poder necessário para curá-la. Mas também disse algo. Afirmou que essa enfermidade se produziu para glória de Deus e dEle próprio. Agora, isto era certo em um duplo sentido, e Jesus o sabia.

(a) Sem dúvida alguma, a cura permitiria aos homens ver a glória de Deus em ação.

(b) Mas havia algo mais. Uma e outra vez com o passar do Quarto Evangelho Jesus fala de sua glória com relação à cruz. Em 7:39 João nos diz que o Espírito ainda não tinha vindo porque Jesus ainda não tinha sido *glorificado*: quer dizer, ainda não tinha morrido na cruz. Quando se aproximaram os gregos, Jesus disse: "É chegada a hora de ser *glorificado* o Filho do Homem" (João 12:23). E se referia à sua cruz porque imediatamente passou a falar sobre o grão de trigo que deve cair na terra e morrer. Em João 12:16 diz que os discípulos recordaram estas coisas quando Jesus foi *glorificado*, quer dizer, depois que tinha morrido e tinha ressuscitado. No Quarto Evangelho se manifesta com toda clareza que Jesus contemplava à cruz tanto como sua glória suprema como o caminho que o levaria a ela. De maneira que quando Jesus disse que a cura do Lázaro o glorificaria, demonstrava saber muito bem que o fato de ir a Betânia e curar a Lázaro significava dar um passo que terminaria na cruz, coisa que aconteceu.

Jesus, com plena consciência, aceitou a cruz para ajudar a seu amigo. Jesus sabia qual era o preço que era preciso pagar para ajudar ao homem e estava disposto a pagá-lo.

Quando recebemos alguma dor ou alguma prova, especialmente se forem o resultado direto da lealdade a Jesus Cristo, faria uma imensa diferença se víssemos a cruz que devemos carregar como nossa glória e o caminho que conduzirá a uma glória ainda maior. Não há a menor dúvida de que não pode haver maior glória que sofrer por Cristo. E sem dúvida alguma, se crerem o que Jesus nos disse, podemos estar seguros de que aquele que toma sua cruz e o segue receberá a glória e a coroa no fim do caminho. Para Jesus, não havia outro caminho que levasse a glória fora de que passava pela cruz. O mesmo devem pensar aqueles que o seguem.

TEMPO BASTANTE PORÉM NÃO MUITO

João 11:6-10

Pode ser-nos estranho comprovar que João assinala que Jesus permaneceu dois dias no lugar onde recebeu as notícias sobre Lázaro. Distintos comentaristas deram razões diferentes para explicar esta demora.

(a) Sugeriu-se que Jesus esperou para que, ao chegar, Lázaro estivesse morto.

(b) portanto — se afirmou — Jesus esperou porque a demora faria mais impressionante o milagre que pensava realizar. A glória de ressuscitar a alguém que tinha estado morto durante quatro dias seria muito maior.

(c) A verdadeira razão pela qual João relata esta história deste modo é que sempre mostra Jesus empreendendo uma ação por iniciativa própria e não porque alguém o convence.

No relato sobre a conversão da água em vinho em Caná da Galiléia (João 2:1-11), João mostra de que maneira Maria se aproximou de Jesus

e lhe falou do problema. A primeira resposta de Jesus é: "Não se preocupe por isso. Deixa que eu dou um jeito a meu modo." Não age porque alguém o persuade ou o obriga mas sim por iniciativa própria.

Quando João nos fala dos intentos que fizeram os irmãos de Jesus para fixar uma data para sua viagem a Jerusalém (João 7:1-10), mostramos como Jesus primeiro se negou a ir e depois foi quando lhe pareceu conveniente. O objetivo de João sempre é mostrar que Jesus não fazia as coisas porque o pressionavam, convenciam-no ou o obrigavam, mas sim porque escolhia fazê-las no seu devido tempo. Isso é o que está fazendo neste relato. Mostra-nos que Jesus faz as coisas no seu próprio tempo. Faz-nos uma advertência. Ocorre com freqüência que gostaríamos que Jesus fizesse as coisas à nossa maneira; devemos deixar que as faça à sua maneira.

Quando por último Jesus anunciou que iria a Judéia, seus discípulos se assustaram e sentiram espanto. Recordavam que a última vez que Jesus tinha estado nesse lugar, os judeus buscaram encontrar a forma de matá-lo. Parecia-lhes que ir a Judéia nesse momento era a forma mais segura de lançar-se ao suicídio, o que era absolutamente certo do ponto de vista humano.

Logo Jesus disse algo que contém uma grande verdade e que continua vigente. Perguntou, "O dia não tem doze horas?" Esta pergunta implica grandes verdades.

(1) Um dia não pode terminar antes de começar. O dia tem doze horas e estas transcorrerão passe o que passe. O lapso do dia é fixo, nada poderá alongá-lo ou cortá-lo. Se alguém decide servir a Deus, o dia dessa pessoa não terminará antes de que Deus o deseje. Na economia do tempo de Deus cada homem tem seu dia, embora este pode ser longo ou curto.

(2) Se o dia tiver doze horas há bastante tempo para tudo o que o homem deve fazer. Não há necessidade de apressar-se. Se se usarem as doze horas pode fazer-se todo o necessário. Se o virmos deste ponto de vista, doze horas é muito tempo, o suficiente para fazer a tarefa que Deus nos encomendou.

(3) Entretanto, inclusive se o dia tem doze horas, só tem essa quantidade. Não se podem alongar. Portanto, não se pode perder tempo. Há tempo bastante, porém não muito. O tempo que temos deve usar-se até o máximo.

Christopher Marlowe converteu a lenda do Dr. Fausto em um grande drama poético. Fausto tinha feito um trato com o diabo. Este o serviria durante vinte e quatro anos e cumpriria todos os seus desejos, mas ao expirar esse prazo reclamaria sua alma. Passaram-se as vinte e quatro anos e chegou a última hora; Fausto toma consciência do pacto terrível que tem feito.

Ó Fausto

Agora fica uma só hora de vida,

E te condenarás para sempre!

Detende-vos, esferas do céu,

Para que cesse o tempo e não chegue a noite jamais;

Olho a bela natureza, sai, sai mais uma vez e faz

Um dia eterno; ou faz que esta hora seja ao menos

Um ano, um mês, uma semana, um dia natural,

Para que Fausto se arrependa e salve sua alma!

O lente, lente currite noctis equi!

As estrelas ainda se movem, corre o tempo, soará o relógio,

Virá o demônio e Fausto se condenará.

Nada podia dar mais tempo a Fausto. Esse é um dos atos mais conspícuos e ameaçadores da vida do homem. O dia tem doze horas, mas só doze horas. Não há necessidade de apressar-se; mas tampouco se pode desperdiçar o tempo. Há bastante tempo para viver, mas nunca há tempo a perder.

O DIA E A NOITE**João 11:6-10 (continuação)**

Jesus passa a desenvolver o que acaba de dizer sobre o tempo. Diz que se alguém caminhar de dia não tropeça; mas se busca caminhar de noite, tropeçará e não poderá caminhar.

João tem o costume, que repete com freqüência, de dizer coisas que têm duplo sentido. Está acostumado a haver um sentido que aparece na superfície e que é certo. Mas também há um significado mais oculto que é mais verdadeiro ainda. Isso é o que acontece neste caso.

(1) Temos o sentido superficial que é perfeitamente certo e que devemos aprender. O dia judeu, igual ao romano, estava dividido em doze horas iguais, da saída até o pôr-do-sol. Isso quer dizer que a duração da hora variava segundo o dia e a estação. O dia transcorria com o Sol e o tempo que durava o Sol se dividia em doze horas da mesma duração. Agora, quando Jesus diz que ninguém tropeçará enquanto tenha a luz deste mundo, na superfície quer dizer que ninguém tropeçará enquanto brilhe o Sol, mas quando cai a noite, não pode ver para onde vai. Não havia iluminação de ruas naqueles tempos, ao menos nas zonas rurais. Quando chegava a escuridão, terminavam as viagens.

Aqui vemos Jesus dizendo que terá que terminar a tarefa diária durante o dia porque a noite chega e termina o trabalho. Qualquer um poderia ter como meta chegar ao fim do dia com o trabalho completo e terminado. Com muita freqüência, a intranqüilidade, o desassossego e o apuro da vida se devem a que tratamos de compensar o tempo perdido. Cada um deveria administrar de tal modo seu precioso capital de tempo que não o esbanjasse em extravagâncias inúteis, por mais agradáveis que sejam, mas sim o ocupasse nas coisas fundamentais de forma que no fim de cada dia não se encontrasse em dívida com o tempo.

(2) Mas debaixo do significado superficial há outro. Quem pode escutar a frase *a luz do mundo* sem pensar em Jesus? João usa uma e outra vez as palavras a *escuridão* e a *noite* para descrever a vida sem

Cristo, a vida dominada pelo mal. Em seu dramático relato da Última Ceia que celebraram juntos, João descreve como Judas saiu para fazer os terríveis preparativos para a traição. “Ele, tendo recebido o bocado, saiu logo. *E era noite*” (João 13:30). A noite é o momento quando o homem se afasta de Cristo e quando o mal se apodera dele.

Todo o evangelho se baseia sobre o amor de Deus. Entretanto, gostemos ou não, o evangelho também contém uma ameaça. O homem só conta com um tempo limitado para fazer as pazes com Deus mediante Cristo; se não o fizer, sobrevirá o juízo. De maneira que Jesus diz: "Termine o maior de seus trabalhos; termine o trabalho de fazer as pazes com Deus enquanto existe a luz do mundo, porque também chega o tempo para você, as trevas baixarão e então será muito tarde."

Nenhum outro evangelho está tão seguro como este de que Deus amou tanto o mundo. Mas tampouco há outro evangelho que esteja tão seguro de que se pode rechaçar, perder ou passar por alto o amor de Deus. O evangelho o expressa em duas frases: a glória de chegar a tempo e a tragédia de chegar *muito tarde*.

O HOMEM QUE NÃO ESTAVA DISPOSTO A ABANDONAR

João 11:11-16

Aqui João emprega o método mais usual para relatar uma conversação de Jesus. No Quarto Evangelho, quando Jesus fala com alguém, a conversação sempre obedece o mesmo esquema. Suas palavras são mal interpretadas e então Jesus explica de maneira mais completa e inconfundível o que quis dizer a primeira vez. Assim foi como se desenvolveu a conversação com Nicodemos quando falaram sobre voltar a nascer (João 3:3-8). Ocorreu o mesmo com a conversa com a mulher junto ao poço quando falaram sobre a água da vida (João 4:10-15).

De maneira que aqui Jesus começou dizendo que Lázaro dormia. Os discípulos o receberam como uma boa notícia porque não há melhor cura que o sono. Mas a palavra *sono* sempre tem um significado mais

profundo e mais sério. Jesus disse que a filha do Jairo dormia (Mateus 9:24). No fim do martírio de Estêvão nos diz que ficou adormecido (Atos 7:60). Paulo fala sobre aqueles que dormem em Jesus (1 Tessalonicenses 4:13). Também menciona aqueles que foram testemunhas da ressurreição e que agora dormem (1 Coríntios 15:6). Portanto, Jesus teve que lhes dizer com toda clareza que Lázaro estava morto. E logo disse que se tratava de uma circunstância boa para eles porque produziria um acontecimento que os fortaleceria ainda mais na fé.

A prova final do poder do cristianismo é a visão do que Jesus Cristo pode fazer. As palavras podem não convencer mas não há forma de refutar a Deus quando age. O fato concreto é que o poder de Jesus Cristo converteu o covarde em um herói, o que duvidava em homem seguro do que crê, ao egoísta no servo de todos. Acima de todas as coisas, a realidade irrefutável, confirmada pela história, é que uma e outra vez o poder de Cristo converteu o homem mau em um homem bom. Isso é o que faz com que o cristão individual tenha uma responsabilidade tão tremenda.

O plano de Deus é que cada um de nós sejamos uma prova vivente de seu poder. Nossa tarefa não consiste em recomendar Cristo a outros com palavras; contra estas sempre se pode discutir já que ninguém pode escrever jamais "que era o que queríamos demonstrar" ao final de uma prova verbal sobre Cristo. O que devemos fazer é demonstrar com nossa vida o que Cristo fez por nós.

Sir John Reith disse em uma oportunidade: "Eu não gosto das crises; mas eu gosto das oportunidades que nos brindam." A morte de Lázaro significou uma crise para Jesus mas se alegrou porque lhe dava a oportunidade de demonstrar da forma mais esmagadora o que Deus pode fazer. Cada crise deveria significar para nós uma oportunidade.

Nesse momento, poderia ter ocorrido que os discípulos se negaram a seguir a Jesus; mas se elevou uma voz solitária. Todos sentiam que ir a Jerusalém significava dirigir-se rumo à morte e não se mostravam muito dispostos já que a ninguém gosta de tomar um caminho que o leva rumo

ao suicídio. Então se ouviu a voz escura de Tomé: "Vamos também nós para morreremos com ele."

Naqueles tempos, todos os judeus tinham dois nomes. Um era hebreu e era o nome com o qual era conhecido em seu próprio círculo. O outro era grego e com ele era conhecido em um círculo mais amplo. *Tomé é o hebreu e Dídimos, o grego, que significa gêmeo. Do mesmo modo, Pedro é o nome grego e Cefas o hebreu, que significa rocha. E Tabita é o hebreu, enquanto Dorcas é o nome grego que significa gazela.* Em épocas posteriores, os Evangelhos apócrifos teceram lendas a respeito de Tomé e por último chegaram a afirmar que era o irmão gêmeo de Jesus.

No momento em que se produziu este incidente, Tomé demonstrou a maior das coragens. Como disse R. H. Strachan, no coração de Tomé "não havia uma fé esperançosa mas um desespero leal". Mas Tomé estava seguro de uma coisa: seja o que for que aconteça, ele não abandonaria a Jesus.

Gilbert Frankau relata a história de um oficial que era seu amigo na Primeira Guerra Mundial. Tratava-se de um oficial de observação da artilharia. Sua missão consistia em subir a um globo cativo e fixar onde caíam as balas para poder indicar aos atiradores se acertavam o alvo ou não. Era uma das tarefas mais perigosas que se podiam encomendar. Como era um globo de observação preso à terra não havia nenhuma possibilidade de esconder-se. Era um alvo perfeito para os fuzis e os aviões do inimigo. E Gilbert Frankau, ao referir-se a seu amigo, diz: "Cada vez que subia a esse globo ficava com medo, mas não estava disposto a abandonar sua missão."

Essa é a manifestação suprema da coragem. A coragem não significa não ter medo. Se não experimentarmos medo, fica muito fácil fazer algo. A verdadeira coragem significa ser plenamente consciente de que pode acontecer o pior, sentir muito medo por isso e, entretanto, fazer o correto. Isso foi o que fez Tomé naquele dia. Ninguém deve sentir-se envergonhado por ter medo; mas sim deve sentir-se envergonhado se seu

medo lhe impede de fazer o que, no fundo de seu coração, sabe que deve fazer.

A CASA DE LUTO

João 11:17-19

Para poder visualizar esta cena devemos ver como era uma casa de luto judia. Em geral, na Palestina se enterrava o morto o mais breve possível. Tratava-se de uma exigência imposta pelo clima. É obvio que às vezes se atrasavam as coisas mas se fazia todo o possível para que o enterro fosse realizado o mais rápido possível. Em uma época, o enterro e o funeral eram coisas extremamente caras na Palestina. Empregavam-se as especiarias e os unguentos mais custosos; cobria-se o corpo com vestidos magníficos; enterravam-se toda classe de tesouros e posses valiosas junto com o cadáver. Em meados do primeiro século, este costume se converteu em um gasto que arruinava a muitos. Ninguém queria que seu vizinho o superasse e as vestimentas e mortalhas que cobriam o corpo, assim como os tesouros que se depositavam nas abóbadas, fizeram-se cada vez mais caros.

Todo o assunto se converteu em uma carga intolerável que ninguém queria alterar. Quem por fim o fez foi um rabino famoso, Segundo Gamaliel. Repartiu ordens para que o enterrassem no vestido de linho mais simples possível e assim rompeu a extravagância das vestimentas funerárias. Até o dia de hoje, nos funerais judeus se bebe uma taça em honra do rabino Gamaliel que resgatou os judeus de sua extravagância ostentosa. .A partir de então, cobria-se o corpo com uma vestimenta de linho muito singelo a qual se estava acostumado a dar o bonito nome de *traje de viagem*.

A maior quantidade de gente possível assistia ao funeral. Esperava-se que todos os que pudessem se unissem à procissão em sinal de cortesia e respeito. Havia um costume muito curioso. As mulheres encabeçavam a procissão porque se considerava que eram elas aqueles

que, pelo primeiro pecado, tinham introduzido a morte no mundo. Portanto lhes correspondia guiar os parentes rumo à tumba. Uma vez chegados ao lugar, era costume pronunciarem discursos em honra do morto. Esperava-se que todos expressassem o mais profundo pêsames e ao abandonar a tumba, os parentes mais diretos caminhavam entre duas longas filas de acompanhantes. Mas existia uma norma estranha e muito sábia: não se podia atormentar os parentes com conversações inúteis, frívolas e indesejáveis. Nesse momento era preciso deixá-los sós com sua dor.

Existiam costumes fixos para as casas de luto. Enquanto o corpo estava na casa estava proibido comer carne ou beber vinho, usar filactérios ou dedicar-se a qualquer tipo de estudo. Não se podia preparar nenhuma espécie de comida na casa e, se fosse comido algo, não devia ser em presença do morto. Apenas se tirava o cadáver, davam-se volta todos os móveis e os parentes se sentavam sobre o piso ou em pequenas banquetas.

Ao voltar da tumba, servia-se uma comida preparada pelos amigos da família. Consistia em pão, ovos duros e lentilhas. Tratava-se de uma comida muito singela: os ovos e as lentilhas, com sua forma ovalada ou redonda, simbolizavam a vida que sempre gira rumo à morte.

O luto mais profundo durava sete dias: os primeiros três eram dias de pranto. Durante esses sete dias estava proibido ungir-se, calçar-se, dedicar-se a qualquer classe de estudo ou trabalho e até lavar-se. A semana de luto profundo se completava com trinta dias de luto mais leve.

De maneira que quando Jesus se encontrou com uma multidão na casa de Betânia, não fez mais que enfrentar-se com o que qualquer um podia esperar em uma casa de luto judia. Para o judeu, era um dever sagrado ir expressar tristeza pormenorizada aos amigos e parentes do morto.

O *Talmud* afirma que qualquer que visite os doentes liberará sua alma do Gehenna. E Maimonides, o grande estudioso judeu da Idade Média, declarou que visitar os doentes é a primeira das boas obras. As

visitas de simpatia aos doentes e os afligidos formavam uma parte essencial da religião judia.

Certo rabino explicou o texto de Deuteronomio 13:4: “Andareis após o SENHOR, vosso Deus.” Segundo sua opinião, esta frase nos ordena imitar as coisas que Deus faz nas Escrituras. Deus vestiu os nus (Gênesis 3:21); visitou os doentes (Gênesis 18:1). Consolou os parentes (Gênesis 25:11); enterrou os mortos (Deuteronomio 35:6). E em todas estas coisas devemos imitar as obras de Deus.

Quando a morte chegava, o respeito para com o morto e a simpatia para com o parente eram uma parte essencial do dever do judeu. À medida que os parentes se afastavam da tumba davam volta e diziam: "Vão em paz", e nunca voltavam a mencionar o nome do morto sem invocar uma bênção. Durante os dias que durava o luto, o primeiro dos deveres era expressar compaixão e simpatia. Há algo muito bonito na forma em que os judeus acentuavam o dever de manifestar simpatia rumo ao parente.

De maneira que Jesus chegou a uma casa cheia e repleta de pessoas que expressavam sua simpatia aos parentes.

A RESSURREIÇÃO E A VIDA

João 11:20-27

Neste relato, Marta também é o personagem principal. Quando Lucas nos fala sobre Maria e Marta (Lucas 10:38-42), mostra-nos que Marta é a pessoa ativa enquanto sua irmã prefere permanecer sentada, sem agir. O mesmo acontece aqui. Apenas se anunciou que Jesus se aproximava, Marta já se levantou para sair a recebê-lo porque não podia permanecer sentada. Sua irmã, pelo contrário, não se moveu.

Quando Marta se encontrou com Jesus, foi seu coração que falou através dos lábios. Este é um dos discursos mais humanos de toda a Bíblia porque Marta falou com uma certa medida de recriminação que não podia controlar e com outra medida de fé incomovível. “Se estiveras

aqui”, disse, “não teria morrido meu irmão”. Podemos ler seu pensamento através das palavras. O que Marta queria dizer era: “Por que você não veio imediatamente quando recebeu a mensagem? Agora já é muito tarde.” E então, apenas expressa essas palavras, vêm as palavras de fé: uma fé que desafiava os atos e a experiência: “Mas também sei que, mesmo agora”, disse com uma espécie de fé desesperada, “tudo quanto pedires a Deus, Deus to concederá.” Então Jesus fez uma afirmação direta: Disse: “Teu irmão há de ressurgir.” Marta respondeu: “Eu sei que há de ressuscitar na ressurreição do último Dia.”

Agora, esta é uma afirmação extraordinária. Uma das coisas mais estranhas das Escrituras é que os santos do Antigo Testamento virtualmente não criam na vida após a morte. Uma das evoluções mais notáveis das Escrituras é o surgimento desta crença na imortalidade. Nos tempos primitivos, os hebreus criam que as almas de todos os homens, tanto dos bons como dos maus, iam ao Sheol.

Costuma-se traduzir incorretamente Sheol como *inferno*. Mas Sheol não era um lugar de tortura. Era a região das trevas e todos iam para ali por igual. Levavam uma vida vaga, sombria, sem alegrias, semelhante a de espectros ou fantasmas. Esta é a crença da maior parte do Antigo Testamento. “Na morte, não há recordação de ti; no sepulcro [Sheol], quem te dará louvor?” (Salmo 6:5). “Que proveito obterás no meu sangue, quando baixo à cova? Louvar-te-á, porventura, o pó? Declarará ele a tua verdade?” (Salmo 30:9) O salmista fala dos “feridos de morte que jazem na sepultura, dos quais já não te lembrás; são desamparados de tuas mãos” (Salmo 88:5). “Mostrarás tu maravilhas aos mortos?”, pergunta, “Será anunciada a tua benignidade na sepultura?” ... Saber-se-ão as tuas maravilhas nas trevas?” (Salmo 88:10-12). “Os mortos não louvam ao SENHOR, nem os que descem ao silêncio” (Salmo 115:17). O pregador diz com tristeza: “Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças, porque no além, para onde tu vais, não há obra, nem projetos, nem conhecimento, nem sabedoria alguma.” (Eclesiastes 9:10). A convicção pessimista de Ezequias é que: “A

sepultura não te pode louvar, nem a morte glorificar-te; não esperam em tua fidelidade os que descem à cova.” (Isaías 38:18). Depois da morte vinha a região do silêncio, a terra do esquecimento, onde as sombras dos homens se separavam tanto de outros homens como de Deus.

Como escreveu J. E. McFayden: "Há poucas coisas mais maravilhosas que esta na longa história da religião: o fato de que durante séculos os homens levaram as vidas mais nobres, cumprindo o seu dever e carregando suas tristezas sem esperar uma recompensa futura."

Só ocasionalmente no Antigo Testamento alguém dava um salto ousado de fé. O salmista exclama: “Até o meu corpo repousará seguro. Pois não deixarás a minha alma na morte [Sheol], nem permitirás que o teu santo veja corrupção. Tu me farás ver os caminhos da vida; na tua presença há plenitude de alegria, na tua destra, delícias perpetuamente.” (Salmo 16:9-11). “Estou sempre contigo, tu me seguras pela minha mão direita. Tu me guias com o teu conselho e depois me recebes na glória.” (Salmo 73: 23-24). O salmista estava persuadido de que quando a pessoa entrava em uma relação autêntica com Deus, nem sequer a morte podia quebrá-la. Sentia que o laço entre Deus e o homem de Deus devia vencer o tempo. Mas nesse momento, tratava-se mais de um salto de fé desesperado que de uma convicção estabelecida.

Por último, no Antigo Testamento nos encontramos com a esperança imortal de Jó. Frente a todas suas desgraças, Jó exclama:

Eu sei que o meu Redentor vive
e por fim se levantará sobre a terra.
Depois, revestido este meu corpo da minha pele,
em minha carne verei a Deus.
Vê-lo-ei por mim mesmo, os meus olhos o verão.
(Jó 19:25-27)

Agora, em Jó encontramos o verdadeiro germe da crença judia na imortalidade.

A história judia estava composta por desastres, cativos, escravidão e derrotas. Entretanto, o povo judeu estava profundamente

convencido de que era o povo de Deus. Esta terra jamais o tinha demonstrado e nunca o faria. Portanto, era inevitável que apelassem ao mundo novo para corrigir as injustiças do antigo. Chegaram a conceber que se o plano de Deus devia realizar-se plenamente algum dia, se sua justiça devia manifestar-se em toda sua magnitude, se alguma vez devia manifestar-se por completo o amor de Deus, necessitava-se outro mundo e outra vida.

McFayden afirma que Galloway disse: "Ao menos os enigmas da vida são menos intrigantes quando chegamos a descansar na noção de que este não é o último ato do drama humano." Esse foi exatamente o sentimento que levou os hebreus a crer em uma vida por vir.

É certo que na época de Jesus os saduceus ainda se negavam a crer em algum tipo de vida após a morte. Entretanto, os fariseus e a maioria dos judeus criam nela. Diziam que no momento da morte se encontravam os dois mundos, o do tempo e o da eternidade, e se beijavam. Afirmavam que aqueles que morria viam a Deus e se negavam a chamá-los mortos, chamavam-nos vivos. Quando Marta respondeu a Jesus, deu testemunho da culminação da fé de seu povo.

A RESSURREIÇÃO E A VIDA

João 11:20-27 (continuação)

Quando Marta declarou sua adesão à crença dos judeus ortodoxos na vida futura, Jesus disse algo que deu nova vida e um significado flamejante a essa crença. "Eu sou a ressurreição e a vida", disse. "Quem crê em mim, ainda que morra, viverá; e todo o que vive e crê em mim não morrerá, eternamente." O que quis dizer Jesus exatamente quando pronunciou essas palavras? Nem sequer se dedicássemos toda a vida a pensar nelas poderíamos esgotar seu significado. Entretanto, devemos buscar compreender tudo o que possamos.

Há uma coisa clara: Jesus não estava pensando em termos da vida física. Pois, do ponto de vista físico não é certo que aquele que crê em

Jesus não morrerá nunca. O homem que crê em Jesus enfrenta e experimenta a morte física como qualquer outro. Não se detêm os anos e sua vida no mundo não durará para sempre. Nesta frase, devemos buscar algo mais que um sentido biológico.

(1) Jesus pensava na morte do pecado. Dizia o seguinte: "Inclusive se o homem morre no pecado, inclusive se, por culpa do pecado, perdeu tudo o que faz a vida merecer a tristeza de ser vivida, eu posso fazê-lo voltar a viver." Esta é a promessa de Jesus: pode ressuscitar a vida que morreu no pecado. Do ponto de vista da realidade histórica, as provas de que isto é certo som muito numerosas.

A. M. Chirgwin cita o exemplo contemporâneo do Tokichi Ishii. Ishii tinha um prontuário de crimes quase sem comparação. Tinha assassinado homens, mulheres e meninos da maneira mais brutal. Qualquer um que se cruzava em seu caminho ficava eliminado sem piedade. Estava preso, esperando que o matassem. Visitaram-no duas senhoras canadenses que trataram de lhe falar através da grade mas ele se limitou a cravar-lhes o olhar como um animal selvagem dentro de uma jaula. Por último, as senhoras abandonaram o intento de falar com ele mas lhe deixaram uma Bíblia com a esperança de que triunfasse onde elas falaram fracassado.

Começou a lê-la e não pôde deter-se. Leu até chegar ao relato da crucificação. Encontrou-se com as palavras: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem", e se sentiu derrotado. "Detive-me", relatou. "Sentia-me como se me tivessem introduzido um prego enorme. Eu o chamarei o amor de Cristo? Acaso direi que foi sua paixão? Não sei que nome lhe dar. Tudo o que sei é que cri e que a dureza de meu coração ficou transformada." Mais tarde, quando o carcereiro foi buscá-lo para levá-lo ao cadafalso, não se encontrou com a fera selvagem e endurecida que pensava achar mas com um homem sorridente e radiante porque o assassino havia tornado a nascer. No sentido literal da palavra, Cristo ressuscitou a Tokichi Ishii.

Não tem por que ser tão dramático. Qualquer um pode chegar a tornar-se um ser tão egoísta que está morto às necessidades de outros. Pode insensibilizar-se de tal modo que morre aos sentimentos de outros. Qualquer um pode comprometer-se tanto com as pequenas deslealdades e desonestidades da vida que morre para a honra. Pode chegar a perder toda esperança até se tornar um abúlico, que é um morto espiritual. Jesus Cristo pode ressuscitar a qualquer destas pessoas. Todos os testemunhos da história nos demonstram que ressuscitou a milhões de pessoas assim e sua mão jamais perdeu o poder.

(2) Mas Jesus também pensava na vida por vir. Trouxe para a vida a certeza de que a morte não significa o fim.

As últimas palavras do Eduardo o Confessor foram: "Não chorem, não morrerei; ao deixar a terra dos mortos confio ver as bênçãos do Senhor na região dos vivos." Nós chamamos este mundo *a terra dos vivos*: entretanto, seria mais correto chamá-la a *terra dos mortos*. Por Jesus Cristo sabemos que quando chega a morte não *saímos* da terra dos vivos mas sim *entramos* nela. Por Jesus Cristo sabemos que nos dirigimos, não rumo ao ocaso, mas rumo à aurora.

Sabemos, como o expressasse Mary Webb, que a morte é uma porta na linha do horizonte. Sabemos que, no sentido mais real, não vamos a caminho da morte mas a caminho da vida.

Como acontece isto? Acontece quando cremos em Jesus Cristo. O que significa isso? Que sentido devemos dar à palavra *crer*? Crer em Jesus significa aceitar tudo o que disse como absolutamente verdadeiro e lançar nossas vidas por isso com uma confiança total. Quando o fazemos entramos em duas novas relações.

(1) Entramos em uma nova relação com Deus. Quando cremos que Deus é tal como nos descreveu Jesus adquirimos a certeza de que Deus é, acima de tudo, um Deus redentor. Desaparece o temor à morte porque esta significa ir para com Aquele que ama as almas dos homens mais que ninguém no mundo.

(2) Entramos em uma nova relação com a vida. Quando aceitamos a forma de vida de Jesus, quando nos comprometemos com ela, quando convertemos os seus mandamentos nas leis que regerão nossas vidas e quando nos damos conta de que Ele está ali para nos ajudar a levar a vida que nos ordenou levar, esta se torna algo completamente novo. Cobre-se com uma nova beleza, uma nova formosura, uma nova força. Podemos expressá-lo deste modo: quando aceitamos o caminho de Jesus como o caminho de nossa vida, esta vale a pena ser vivida. Converte-se em algo tão bonito que não podemos conceber que termine de maneira incompleta.

Quando cremos em Jesus, quando aceitamos o que diz a respeito de Deus e da vida e quando jogamos tudo por Ele, somos ressuscitados porque nos libertamos do temor que caracteriza a vida sem Deus; libertamo-nos da frustração própria da vida dominada pelo pecado, libertamo-nos da superficialidade da vida sem Cristo. A vida surge da morte do pecado e se converte em algo tão rico que não pode morrer mas sim deve encontrar na morte só a transição a uma vida superior.

A EMOÇÃO DE JESUS

João 11:28-33

Marta voltou para casa para dizer a Maria que Jesus tinha chegado. Queria lhe dar a notícia em segredo, sem que as visitas se inteirassem porque queria que Maria estivesse uns minutos a sós com Jesus antes de que fosse rodeada por uma multidão e impedisse toda intimidade. Não obstante, quando as visitas viram que Maria se levantava depressa e saía, imediatamente supuseram que tinha ido visitar o sepulcro de Lázaro. Era costume, especialmente entre as mulheres, ir chorar no sepulcro em todo momento durante a semana posterior ao enterro. A saudação de Maria foi idêntico a da Marta. Se Jesus tivesse chegado a tempo, não teria ocorrido a desgraça e Lázaro ainda viveria.

Jesus viu Maria e a todo o grupo chorando. Devemos recordar que não se trataria de um pranto discreto e controlado. Seria um grito e um pranto sem inibições, quase histérico, porque os judeus consideravam que quanto mais descontrolado era o pranto maior era a honra que se rendia ao morto.

Aqui nos encontramos com um problema de tradução. A palavra que a Versão A Bíblia na Linguagem de Hoje traduz como *muito comovido* vem do verbo *embrimasthai*. Agora, resulta muito difícil decidir como deve traduzir-se este verbo. É usado três vezes no Novo Testamento. Em Mateus 9:30 quando se diz que Jesus *encarregou rigorosamente* aos cegos que não publicassem que Ele os tinha curado. Em Marcos 1:43 quando se diz que Jesus *encarregou rigorosamente* ao leproso que não comentasse que o tinha curado. Em Marcos 14:5 quando se afirma que os espectadores *murmuravam* contra a mulher que ungiu a cabeça de Jesus com o perfume custoso porque consideravam que esse ato de amor era uma extravagância custosa.

Notamos que em cada um destes casos, a palavra tem uma conotação de severidade, quase de irritação. Significa desafiar, corrigir, dar uma ordem estrita. Alguns querem interpretá-lo desse modo. Queriam traduzir a frase assim: "Jesus sentiu ira em seu espírito."

A que se devia a ira? Podia dever-se a dois motivos. Sugere-se que as lágrimas e as exclamações de dor dos judeus de Betânia não eram mais que uma manifestação hipócrita, que não sentiam, em realidade, a dor que expressavam, não faziam mais que simular sua tristeza, expressavam esses sentimentos com a mesma facilidade com que tivessem aberto uma tibia. Sugere-se que esta dor artificial provocou a ira de Jesus.

Tudo isto pode ser certo com referência aos visitantes judeus, embora na passagem não há nenhuma indicação que nos permita assegurar que sua dor era simulada, mas não há a menor dúvida de que não se pode aplicar à dor de Maria. Em seu caso, não se pode interpretar que *embrimasthai* signifique irritação. No uso comum do grego clássico

embrimasthai se aplica ao *bufar* de um cavalo. O único sentido que pode ter aqui é que Jesus se sentiu invadido por uma emoção tão intensa que arrancou de seu coração um gemido involuntário.

Agora, encontramos-nos com uma das coisas mais bonitas do Evangelho. Jesus se comprometia tão profundamente com a dor e a tristeza das pessoas que seu coração se enchia de angústia.

Em cada tristeza que parte o coração
O Homem das Dores participa.

Mas há algo mais que isso. Para qualquer grego que lesse estas linhas — e devemos recordar que este Evangelho foi escrito para os gregos — a imagem que se apresenta nelas resultaria algo surpreendente e incrível. João escreveu todo seu Evangelho em torno de uma idéia central: que em Jesus vemos a mente de Deus. Agora, para o grego a característica fundamental de Deus era algo que chamava *apatheia*. Esta palavra indica uma absoluta incapacidade para sentir qualquer tipo de emoção.

Como foi que os gregos chegaram a atribuir este característico a Deus? Sua fundamentação era a seguinte. Se podemos sentir dor ou alegria, felicidade ou tristeza, significa que alguém pode ter algum efeito sobre nós. Outra pessoa pode nos provocar alegria ou dor. Se for assim, significa que, nesse momento, tem algum poder sobre nós ou, dito de outro modo, nesse momento, é mais forte que nós. Bem, ninguém pode exercer nenhum poder sobre Deus, seria algo impossível. E se for assim, terá que interpretar que Deus é, em essência, incapaz de sentir nenhuma emoção porque ninguém pode ser capaz de produzir alegria ou tristeza em Deus. Os gregos criam em seu deus solitário, isolado, sem paixão nem compaixão.

Que diferença com a imagem que deu Jesus de Deus! Jesus nos mostrou um Deus cujo coração se vê invadido pela angústia diante do sofrimento de suas criaturas, um Deus que, no sentido mais literal, sofre em nossas aflições. Quando João descreve esta cena, apresenta uma

imagem de Deus completamente nova. O mais importante que Jesus fez por nós foi nos trazer a notícia de um Deus que se preocupa.

A VOZ QUE DESPERTA OS MORTOS

João 11:34-46

E chegamos ao último ato. Mais uma vez nos mostra a imagem de Jesus invadido pela angústia ao compartilhar a tristeza do coração humano. Para o leitor grego, a breve frase: "Jesus chorou", devia ser o elemento mais surpreendente de um relato esmagador. Para o grego, o fato de que o Filho de Deus pudesse chorar devia ser algo que estava além de toda sua capacidade de crer.

A fim de compreender bem esta cena devemos ter em mente a imagem do sepulcro palestino. Eram covas naturais ou cavadas na rocha. Constavam de uma entrada na qual se colocava o féretro, em um primeiro momento. Depois da entrada havia uma cova que em geral tinha 1,80 m. de comprimento, 2,70 de largura e 3 de altura. Quase sempre havia oito prateleiras cortadas na rocha, três de cada lado e duas na parede em frente da entrada e ali ficavam os cadáveres. Estes eram envolvidos em vestimentas de linho com exceção das mãos e dos pés que se cobriam com uma espécie de vendagem e a cabeça, a qual se cobria com uma toalha. O sepulcro não tinha porta mas na entrada havia uma fenda na qual ficava uma enorme pedra semelhante a uma roda de carro. Fazia-se fazer rodar a pedra na entrada e com isso se selava o sepulcro.

Jesus pediu que movessem a pedra. Marta só podia imaginar um motivo para esse pedido: que Jesus queria ver a cara de seu amigo morto pela última vez. Não cria que isso fosse algum consolo. Que consolo podia procurar o fato de contemplar o espetáculo lúgubre e repulsivo de um cadáver em putrefação. Assinalou que Lázaro tinha estado no sepulcro durante quatro dias.

O significado de suas palavras é o seguinte. Os judeus criam que os espíritos dos mortos permaneciam nas cercanias dos sepulcros durante

quatro dias em busca de uma oportunidade para voltar a entrar no corpo dos mortos. Mas depois de quatro dias abandonavam o lugar porque a cara do morto estava tão chateada que já não a reconheciam.

Então Jesus pronunciou sua ordem, uma ordem que nem sequer a morte podia desobedecer.

Fala e, ao ouvir sua voz,
Os mortos recebem uma vida nova.

E Lázaro se aproximou. É estranho e quase truculento pensar no corpo enfaixado que se cambaleia fora do sepulcro. De maneira que Jesus ordenou que lhe tirassem as vestimentas mortuárias e a vendagem que o impediam e que o deixassem ir.

Devemos assinalar certos elementos.

(1) Jesus orou. O poder que fluía dEle não lhe pertencia, era o poder de Deus. Godet disse: "Os milagres são outras tantas orações que receberam resposta."

(2) Jesus só buscava a glória de Deus. Não fez isto para glorificar-se a si mesmo. Quando Elias manteve seu combate épico com os profetas do Baal, orou: "Responde-me, ó SENHOR, responde-me, para que este povo saiba que tu, o SENHOR, és Deus" (1 Reis 18:37). Tudo o que Jesus fazia devia-se ao poder de Deus e seu objetivo era glorificá-lo.

Que diferentes são os homens! São tantas as coisas que tentamos fazer por nossas próprias forças e para aumentar nosso próprio prestígio. Jesus agia por Deus e para Deus. Possivelmente haveria mais coisas maravilhosas em nossas vidas se deixássemos de agir por nossa conta e para nosso próprio proveito e dêssemos a Deus o lugar principal.

A RESSURREIÇÃO DE LÁZARO

João 11:1-44

Tratamos que expor a ressurreição de Lázaro tal como aparece o relato no Novo Testamento. Mas não podemos ignorar que de todos os

milagres de Jesus este é aquele que expõe o maior problema. Enfrentemos as dificuldades com toda honestidade.

(1) Nos outros três Evangelhos há relatos de pessoas ressuscitadas. Temos o relato da ressurreição da filha de Jairo (Mateus 9:18-26; Marcos 5:21-43; Lucas 8:40-56). Temos o relato da ressurreição do filho da viúva de Naim (Lucas 7:11-16). Em ambos os casos, a ressurreição ocorreu *imediatamente* depois da morte. É bem possível crer que nestes dois milagres a pessoa ressuscitada estava em um estado de coma ou em um transe.

Já vimos que o enterro devia fazer-se logo que tinha ocorrido a morte devido ao clima da Palestina. E as provas dos sepulcros palestinos indicam que era acostume dar-se o caso de enterros em vida devido à pressa com que eram celebrados. Pode ser que estes dois milagres fossem milagres de diagnóstico, nos quais Jesus salvou a dois jovens de uma morte espantosa. Mas não há nenhum outro caso que possa comparar-se à ressurreição de alguém que fazia quatro dias que estava morto e cujo corpo já tinha entrado em decomposição. Não há nada no Evangelho que possa comparar-se com o relato sobre Lázaro.

(2) Nos outros três Evangelhos não há nenhum relato, nem sequer uma menção da ressurreição do Lázaro. Se os outros evangelistas conheciam este milagre como puderam passá-lo por alto? Se realmente se produziu como puderam ignorá-lo? Sugeriu-se a seguinte resposta a estas perguntas. Sabemos que Marcos obteve sua informação de Pedro. Agora, acontece que Pedro não aparece absolutamente no Quarto Evangelho no capítulo cinco e nos capítulos que vão do sétimo ao décimo segundo. Sugeriu-se que Pedro não estava presente nessa ocasião. De fato, Tomé é o porta-voz dos discípulos. Sugeriu-se que Pedro não estava com Jesus nesse momento e que chegou mais tarde para a festa da Páscoa.

Esta idéia não parece provável e, por outro lado, inclusive se Pedro não estava no lugar, não há dúvida de que os autores dos Evangelhos devem ter ouvido de outras fontes um milagre tão surpreendente.

(3) Possivelmente a maior dificuldade radica no fato de que João vê neste milagre a causa principal que moveu as autoridades judias a tomar medidas definitivas para eliminar a Jesus (João 11:47-54). Dito de outro modo, a ressurreição do Lázaro foi a causa direta da cruz. Nos outros três evangelhos, a causa fundamental da crucificação foi a purificação do templo. É difícil compreender por que os outros evangelhos não dizem nada sobre este milagre se foi, em realidade, a causa imediata da decisão das autoridades judias de crucificar a Jesus.

(4) Por outro lado, poder-se-ia sustentar com razão que a Entrada Triunfal fica inexplicável sem o antecedente deste milagre. Por que recebeu Jesus essa recepção imensa quando entrou em Jerusalém? Pode-se aduzir que foi devido à fama que adquiriu por este milagre. E entretanto, permanece o fato concreto: nos outros três Evangelhos, tal como o relatam seus autores, não há nenhum lugar ou momento quando se poderia incluir este milagre.

Se este relato não for uma crônica de um fato histórico real como podemos explicá-lo?

(1) Renan, o acadêmico francês, sugeriu que todo o milagre era uma fraude planejada por Jesus, Marta, Maria e Lázaro. Semelhante explicação não precisa ser refutada. Basta qualificá-la como incrível. Mais adiante, o próprio Renan a abandonou.

(2) Sugeriu-se que Lázaro estava em estado de coma ou transe. Seria impossível sustentar tal opinião a partir do relato tal como o lemos no Evangelho. Os detalhes da morte são muito vívidos.

(3) Sugeriu-se que se trata de uma alegoria elaborada ao redor da frase de Jesus: "Eu sou a ressurreição e a vida." Tratar-se-ia de uma história escrita com a intenção de ilustrar essa frase e lhe dar um cenário. Esta pode ser uma versão simplificada da verdade.

(4) Sugeriu-se que se deve que relacionar esta historia com a parábola do rico e Lázaro (Lucas 16:19-31). Esse relato termina dizendo que nem sequer se alguém se levantasse dos mortos os judeus criariam. Afirma-se que o objetivo do relato é mostrar que se ressuscitou a alguém

dos mortos e os judeus não creram. Toma o relato como uma espécie de desenvolvimento alegórico da parábola.

Ao analisar todas as dificuldades que apresenta esta história somos obrigados a dizer que não sabemos o que foi o que aconteceu em Betânia mas que, sem dúvida nenhuma, ocorreu algo tremendo. Vale a pena assinalar que, até o dia de hoje, Betânia continua sendo chamada Azariyeh, que deriva da palavra Lázaro. Não obstante, não conhecemos com certeza a verdade que esta história ensina.

Robert McAfee Brown, um professor americano, conta um fato provocado por este relato. Era capelão do exército dos Estados Unidos e estava a bordo de um barco no qual 1.500 marinheiros retornavam do Japão a seu país onde receberiam baixa. Ante sua grande surpresa, um pequeno grupo lhe pediu que organizasse um estudo bíblico. Não titubeou em aproveitar a oportunidade. Quando se aproximava o final da viagem, estavam estudando este capítulo.

Ao finalizá-lo, um marinheiro se aproximou dele. "Cada parte desse capítulo se refere a mim", disse-lhe. Contou-lhe que durante os últimos seis meses tinha vivido no inferno. Ao sair do colégio secundário tinha ingressado diretamente na marinha. Enviaram-no ao Japão. Havia-se enfasiado da vida e tinha saído para buscar problemas e caiu em graves problemas. Ninguém sabia, mas Deus sim. Sentia-se culpado, sentia que sua vida estava arruinada, que jamais poderia enfrentar sua família. Embora não havia razão para que soubessem, sentia que se havia suicidado e que estava morto. "E depois de ler este capítulo", continuou este jovem marinho, "voltei à vida. Sei que esta ressurreição da que falava Jesus é real, aqui e agora, porque me ressuscitou da morte à vida." Os problemas desse jovem não tinham terminado, devia percorrer um caminho duro, mas em meio de seu pecado e de seu sentimento de culpa, tinha encontrado a Jesus como a ressurreição e a vida.

E esse é o fim do problema. Não importa, em realidade, se Jesus ressuscitou um corpo no ano 30 de nossa era. O que importa, e muito, é que Jesus é a ressurreição e a vida para todos os homens que estão

mortos no pecado e mortos para Deus, agora. Pode haver dificuldades neste relato. Possivelmente jamais saibamos o que aconteceu em Betânia faz tantos anos. Mas sim sabemos, sem a menor duvida, que Jesus é, até o dia de hoje, a ressurreição e a vida. Isso é o que nos diz a história, e o resto não interessa.

A TRÁGICA IRONIA

João 11:47-53

Nesta passagem descreve as autoridades judias de maneira muito eloqüente. O acontecimento maravilhoso de Betânia tinha acelerado a ação dos judeus. Não se podia permitir que Jesus continuasse agindo sem controle. Se fosse permitido continuar agindo como o estava fazendo até esse momento, inevitavelmente cada vez mais pessoas o seguiriam. De maneira que convocaram o concílio para que solucionasse o problema.

Este concílio estava integrado por fariseus e saduceus. Os fariseus não compunham um partido político; seu único objetivo era viver de acordo com cada um dos detalhes da Lei. Não se preocupavam com o governante que tivessem sempre que lhes permitisse continuar com sua obediência meticulosa à Lei. Os saduceus, pelo contrário, constituíam um partido político muito comprometido. Conformavam o grupo rico e aristocrático. Também eram o partido colaboracionista. Sempre que lhes era permitido desfrutar e conservar sua riqueza, suas comodidades e sua posição de autoridade estavam muito dispostos a colaborar com Roma. Todos os sacerdotes eram saduceus e é evidente que eram eles os que dominavam esta reunião do concílio. Isso quer dizer que os que falaram foram os saduceus.

João esboça seus característicos com um punhado de pinceladas muito hábeis. Em primeiro lugar, os saduceus eram muito pouco cortesês. Ao referir-se a eles, Josefo afirmou: "A conduta dos saduceus entre si é bastante descortês e sua conversação com seus pares é grosseira; o mesmo acontece com os estranhos" (*As guerras dos judeus*

2:8, 14). “Vós nada sabeis”, disse Caifás (Versículo 49). "Sois criaturas sem inteligência, sem cérebro." Assim, vemos a arrogância inata, dominadora dos saduceus. Isso era exatamente o que diria um deles. A arrogância orgulhosa dos saduceus estabelece um contraste implícito com os acentos de amor de Jesus. Em segundo lugar, havia uma coisa a que sempre tendiam os saduceus: a manutenção de seu poder e prestígio político e social. Temiam que Jesus obtivera seguidores e provocasse distúrbios contra o governo.

Agora, Roma era tolerante, em termos gerais, mas, sendo que governava um império tão enorme, não podia aceitar nenhuma classe de desordem civil e sempre os reprimia com mão firme e sem piedade. Se Jesus provocava alguma desordem a mão de Roma cairia com todo seu poder e, sem a menor dúvida, os saduceus perderiam a posição de autoridade da qual desfrutavam nesse momento. Jamais imaginaram perguntar-se se Jesus tinha razão ou não ou se seus planos respondiam à vontade de Deus. Sua única pergunta foi a seguinte: "Que efeito terá isto sobre minha tranqüilidade, meus benefícios e minha autoridade?" Não julgavam as coisas segundo o critério do bem e o mal, nem à luz de princípios, mas segundo sua própria comodidade e à luz de sua própria carreira. É possível, ainda hoje, que alguém ponha sua carreira de preferência à vontade de Deus.

E logo vem o primeiro exemplo terrível de ironia dramática. Às vezes, em uma peça de teatro, um dos personagens diz algo sem perceber o significado total de suas palavras. O público o percebe mas o personagem não; diz algo que tem um sentido ou uma importância muito maiores do que ele crê. Isso recebe o nome de ironia dramática. Assim foi como os saduceus insistiram em que era preciso eliminar a Jesus, do contrário, viriam os romanos e lhes tirariam sua autoridade. Isso foi exatamente o que aconteceu no ano 70 de nossa era. Os romanos, cansados da intransigência e a teimosia dos judeus sitiaram Jerusalém. Quando o sítio chegou ao fim, a cidade era um montão de ruínas e se passou um arado pelo centro do templo.

Que diferentes puderam ter sido as coisas se os judeus tivessem aceito a Jesus! Mas os passos que deram para salvar a sua nação foram os que a destruíram. Esta destruição teve lugar no ano 70; o Evangelho de João foi escrito ao redor do ano 100 de nossa era: todos seus leitores perceberiam a ironia dramática contida nas palavras dos saduceus.

Então Caifás, o sumo sacerdote, fez sua afirmação de duplo sentido. "Se vocês tivessem algum sentido", disse, "chegariam à conclusão de que é muito melhor que um homem morra por sua nação e não que a nação inteira pereça."

Agora, os judeus criam que quando o sumo sacerdote pedia o conselho de Deus para a nação, Deus falava por meio dele e mandava sua mensagem através do sumo sacerdote e que, de fato, nessas ocasiões o sumo sacerdote era também um profeta. Há um antigo relato que conta como escolheu Moisés a Josué para que o sucedesse na liderança de Israel. Josué compartilharia sua honra e quando desejasse obter algum conselho de Deus, devia dirigir-se a Eleazar, o sumo sacerdote: "Ele ficará diante do sacerdote Eleazar, e lhe consultará (...); pelo dito dele sairão, e pelo dito dele entrarão" (Números 27:18-21). O sumo sacerdote devia ser o mediador e o canal da palavra de Deus ao líder e ao povo. Esse era o papel que Caifás desempenhava nesta oportunidade.

Aqui nos encontramos com outro exemplo tremendo de ironia dramática. Caifás quis dizer que era melhor que Jesus morresse de preferência a ter problemas com Roma. Devia morrer para salvar o povo. Isso era certo, mas não no sentido que lhe deu Caifás. Era verdadeiro em um sentido muito mais profundo e mais maravilhoso. Deus pode falar por meio das pessoas mais insuspeitadas. Às vezes, Deus manda uma mensagem através de uma pessoa sem que esta saiba. Deus pode usar até as palavras de homens maus.

Jesus morreria pelo povo e também por todos os homens de Deus disseminados em todo mundo. A Igreja primitiva empregou estas palavras de maneira muito bonita. O primeiro livro de serviços da Igreja se chamou *Didaquê ou O ensino dos doze apóstolos*. Remonta-se a

poucos anos depois do ano 100 d. C. Estabelecia-se que, ao partir o pão, era preciso dizer: "Assim como este pão estava espalhado pelas montanhas e se uniu, permite que a Igreja se una dos limites da terra e entre no reino" (Didaquê 9:4). O pão estava composto por todos os elementos que tinham estado disseminados. Do mesmo modo, os elementos da Igreja que agora estão disseminados algum dia se unirão em um tudo. Isso é algo no qual podemos pensar quando vemos que se parte o pão da Eucaristia.

JESUS O PROSCRITO

João 11:54-57

Jesus não brincava com o perigo quando não era necessário. Estava disposto e ansioso por entregar sua vida mas não era tão absurdamente arriscado para desperdiçar sua vida entregando-a antes de ter concluído seu obra. Não há nada virtuoso no risco sem sentido. De maneira que se afastou até uma aldeia chamada Efraim. Esta cidade estava situada na região montanhosa ao norte de Jerusalém. Estava perto de Betel e em 2 Crônicas 13:19 são mencionadas juntas.

Durante esses dias, Jerusalém estava começando a encher-se de gente. Antes que o judeu pudesse assistir a alguma festa devia estar cerimonialmente limpo e podia tornar-se impuro mediante o contato com uma enorme quantidade de coisas e de gente. De maneira que muitos judeus chegavam à cidade com antecipação para fazer as ofertas necessárias e passar pelas lavagens que lhes assegurariam a pureza ritual. A Lei estabelecia: "Todo homem deve purificar-se antes da Festa."

Estas purificações se levavam a cabo no Templo. Levavam bastante tempo e no ínterim os judeus se reuniam em pequenos grupos muito entusiastas. Sabiam o que acontecia. Inteiraram-se deste combate mortal de vontades entre Jesus e as autoridades, e o povo sempre se interessa por aquele que enfrenta com valentia uma luta desigual. Perguntavam-se se apareceria na festa mas chegaram à conclusão de que era

absolutamente impossível que o fizesse. Este carpinteiro da Galiléia não podia desafiar a toda a força da oficialidade eclesiástica e política judia. Tinham subestimado a Jesus. Quando chegasse o momento em que devia apresentar-se, nada no mundo o poderia deter. Se Deus ordenava a Jesus que fosse, não existiria ameaça humana que o detivera.

Martinho Lutero era um homem que desafiava as almas cautelosas que pretendiam deter seus impulsos. Tomou o que para ele era o caminho correto "apesar de todos os cardeais, os papas, os reis e os imperadores junto com todos os demônios e o próprio inferno." Quando o citaram para que se apresentasse em Worms para responder sobre o ataque que tinha arrojado contra os abusos da Igreja Católica Romana, sabia muito bem quais eram os perigos que enfrentava ao assistir à convocatória. Sua resposta foi a seguinte: "Iria embora houvesse tantos demônios em Worms como telhas nos telhados."

Quando lhe disseram que o Duque Jorge o capturaria, afirmou: "Iria embora chovessem duques Jorge." Não se tratava de que Lutero não experimentasse temor porque mais de uma vez pronunciava suas palavras com a voz entrecortada enquanto lhe tremiam os joelhos. Entretanto, possuía essa coragem que vence o temor. O cristão não teme que as conseqüências que sobrevêm ao fazer o correto mas as que se desprendem de *não* fazê-lo.

Os versículos finais deste capítulo parecem indicar que a esta altura dos acontecimentos Jesus tinha sido proscrito. Pode ser que as autoridades tenham devotado uma recompensa a qualquer um que desse informação que permitisse capturá-lo. Possivelmente essa foi a recompensa que buscava Judas e a que por ultimo recebeu. Neste momento, Jesus era um homem proscrito por cuja cabeça se oferecia uma recompensa. Entretanto, e apesar disso, foi a Jerusalém e não o fez na escuridão das ruas afastadas ou escondendo-se dos olhos dos homens. Chegou a Jerusalém a plena luz, de maneira tal que os olhos de todos os homens se centrassem sobre ele. Seja o que for que digamos sobre Jesus, devemos nos inclinar em admiração perante sua coragem que desafiou a morte.

Durante os últimos dias de sua vida, Jesus foi o proscrito mais glorioso de todos os tempos.

João 12

A extravagância do amor - 12:1-8

A extravagância do amor - 12:1-8 (cont.)

Um plano para destruir as provas - 12:9-11

As boas-vindas de um rei - 12:12-19

As boas-vindas de um rei - 12:12-19 (cont.)

Os gregos que buscam - 12:20-22

O paradoxo surpreendente - 12:23-26

O paradoxo surpreendente - 12:23-26 (cont.)

Da tensão à certeza - 12:27-34

Da tensão à certeza - 12:27-34 (cont.)

Filhos da luz - 12:35-36a

A incredulidade cega - 12:36b-41

A fé do covarde - 12:42-43

O juízo iniludível - 12:44-50

A EXTRAVAGÂNCIA DO AMOR

João 12:1-8

Vimos em outras oportunidades que alguns estudiosos consideram que algumas partes do Evangelho de João estão mal situadas e que certos capítulos e versículos não estão no lugar que lhes corresponde. Alguns suspeitam que há algo fora de lugar neste capítulo. Moffatt, por exemplo, ordena-o desta forma: versículos 19-29; 1-18 e o versículo 30 e logo os versículos 31 ao 42. Aqui se conserva a ordem da versão Cipriano da Valera mas se o leitor ler o capítulo segundo o reordenamento mencionado verá com maior clareza a sucessão e a relação dos acontecimentos e a linha de pensamento.

O fim de Jesus estava muito próximo. O fato de ter ido a Jerusalém no momento da Páscoa era um ato de coragem suprema porque as autoridades o haviam proscrito (João 11:57). As multidões que chegavam a Jerusalém para a festa eram tão numerosas que não havia forma de conseguirem alojamento dentro da própria cidade. Betânia era um dos lugares fora dos limites da cidade que a Lei estabelecia como sítio apropriado para alojar os peregrinos.

Quando Jesus chegou a Betânia ofereceram uma festa e uma refeição. João não o diz de maneira explícita mas deve ter passado na casa de Marta, Maria e Lázaro porque em que outra parte podia servir Marta se não foi em sua própria casa? Nesse instante o coração de Maria se sentiu inundado de amor. Tinha uma libra de unguento de nardo, muito valioso. Tanto João como Marcos o descrevem com o adjetivo *pistikos* (Marcos 14:3). É estranho, mas ninguém sabe com certeza qual é o significado dessa palavra. Há quatro possibilidades. Pode vir do adjetivo *pistos* que significa *leal* ou *confiável* e portanto pode indicar algo *genuíno*. Pode derivar do verbo *pinein* que significa *beber* e assim indicaria *liquido*. Pode tratar-se de uma marca e talvez deve limitar-se a traduzir *nardo puro*. Pode provir de uma palavra que significa *noz pistacho* e seria um tipo especial de essência que se extrai dela. Seja como for, era um tipo de perfume muito valioso. Maria ungiu os pés de Jesus com este perfume. Judas, com muito pouca bondade, questionou esta ação dizendo que era um simples esbanjamento. Entretanto, Jesus refutou seu comentário afirmando que se podia dar dinheiro aos pobres em qualquer momento mas que qualquer atenção que se fizesse a Ele devia levar-se a cabo nesse momento porque logo já não haveria oportunidade para fazê-lo.

Aqui nos encontramos com toda uma série de pequenas descrições de personagens.

(1) Temos a personalidade de Marta. Servia a mesa. Marta sempre foi coerente. Amava a Jesus; era uma mulher com os pés sobre a terra; a única forma em que podia demonstrar seu amor era mediante o trabalho

de suas mãos. Marta sempre dava tudo o que podia dar. Mais de um homem eminente que se destacou no mundo só chegou a ser o que foi porque alguém se ocupava dele e de suas necessidades vitais com amor no lar. Pode-se servir a Jesus tanto da cozinha como do estrado público ou de uma carreira que se exerce sob o olhar de todos os homens.

(2) Temos a personalidade de Maria. Maria é aquela que, acima de todas as coisas, amava a Jesus. E nesta ação de Maria vemos três coisas sobre o amor.

(a) Vemos a extravagância do amor. Maria tomou o objeto mais prezado que possuía e o gastou todo em Jesus. O amor não é autêntico se calcular os custos com cuidado. O amor dá tudo e a única coisa que lamenta é que não tem mais para dar.

O. Henry, um professor do conto, tem um muito comovedor que se intitula *O presente dos Reis Magos*. Trata-se de um casal jovem, Della e Jim, que eram muito pobres mas estavam profundamente apaixonados. Cada um deles tinha uma só coisa que lhes pertencia de maneira especial. O cabelo da Della era seu orgulho. Quando o soltava era quase como um manto. Jim tinha um relógio de ouro que tinha herdado de seu pai e do qual se orgulhava. A véspera de Natal, Della tinha só um dólar e oitenta e sete centavos para comprar um presente para Jim. Fez a única coisa que estava em seu poder fazer: saiu à rua e vendeu sua cabeleira por vinte dólares. Com o que obteve comprou uma cadeia de platina para o precioso relógio de Jim. Quando seu marido voltou para a casa de noite e viu o cabelo curto da Della se deteve como petrificado. Não se tratava de que não gostasse ou que tivesse deixado de amar à sua esposa. Estava mais formosa que nunca. Lentamente lhe entregou seu presente: era um par de pentes de prender cabelos, muito caros, com pedras incrustadas nas bordas. Tinha-as comprado para que as luzisse em sua cabeleira. E tinha vendido seu bonito relógio de ouro para adquiri-las. Cada um entregou ao outro tudo o que possuía. O amor autêntico não pode conceber outra forma de dar.

(b) Vemos a humildade do amor. Era um sinal de honra ungir a cabeça de alguém. "Unge minha cabeça com óleo", diz o salmista (Salmo 23:5). Mas Maria não ousava tocar a cabeça de Jesus; ungiu seus pés. Jamais pensou em conferir uma honra a Jesus. Nem sonhou que era digna de fazer algo assim.

(c) Vemos a falta absoluta de consideração de si mesmo do amor. Maria enxugou os pés de Jesus com seu cabelo. Nenhuma mulher respeitável da Palestina se animaria a aparecer em público com sua cabeleira solta. No dia de seu casamento, atava-se o cabelo da mulher, e nunca mais era vista em público com o cabelo solto. Era um sinal de imoralidade a mulher aparecer em público com seu cabelo sem recolher. Mas Maria nem sequer pensou nisso. Quando duas pessoas se amam de verdade vivem em um mundo próprio. Caminham com lentidão por uma rua lotada de gente, tomados pela mão, e nem lhes passa pela cabeça pensar no que dirão os outros. Regozijam-se em que outros vejam seu amor. Há muitas pessoas que se protegem de mostrar que são cristãos. Sempre têm em conta o que pensarão outros. Maria amava a Jesus. Para ela a opinião de outros carecia de toda importância.

Mas há algo mais sobre o amor nesta passagem. João escreve: "A casa se encheu do aroma do perfume." Já vimos que muitas das frases de João têm dois sentidos. Um deles é o superficial, o outro é mais profundo. Muitos dos Pais da Igreja e muitos estudiosos viram um duplo sentido nesta frase. Consideram que estas palavras significam que toda a Igreja levou a doce lembrança da ação formosa de Maria. Uma ação bonita passa a pertencer ao mundo inteiro. Adiciona algo à beleza da vida. Uma ação bonita leva um elemento sempre precioso ao mundo, algo que não desaparece com o tempo. As histórias de amor são as histórias imortais do mundo.

A EXTRAVAGÂNCIA DO AMOR**João 12:1-8 (continuação)**

(3) Temos a personalidade de Judas. Aqui encontramos três coisas sobre Judas.

(a) Vemos a confiança que Jesus deposita nele. Já desde João 6:70-71, este evangelista nos mostra que Jesus sabia muito bem que entre seus homens havia um traidor. Pode ser que Jesus tenha querido chegar ao coração de Judas ao fazê-lo tesoureiro do grupo de apóstolos. Pode ser que Jesus tenha querido apelar a seu sentido da honra. Possivelmente o que Jesus dizia a Judas era o seguinte: "Judas, aqui há algo que você pode fazer por mim. Esta é uma prova de que preciso de você, gosto de você e confio em você." No caso de Judas, a apelação fracassou mas é certo que muito freqüentemente a melhor forma de ganhar alguém que está equivocado não é tratá-lo com suspeita e sim com confiança. Tratá-lo, não esperando o pior dele, mas sim esperando o melhor.

(b) Aqui vemos uma das leis da tentação. Jesus não teria posto a Judas a cargo da bolsa do dinheiro a menos que este tivesse certa capacidade para ocupar-se dela. Em seu comentário, Westcott diz: "Em geral, a tentação vem por meio daquilo para o qual estamos naturalmente capacitados." Se um homem tiver a capacidade necessária para se ocupar do dinheiro, chega-lhe a tentação de considerar o dinheiro como a coisa mais importante do mundo. Se alguém tiver uma capacidade natural para ocupar um lugar público e proeminente, se sentirá tentado a considerar que o principal é a reputação. Se alguém tiver algum dom especial, se sentirá tentado a orgulhar-se ou vangloriar-se dele. Judas tinha o dom de administrar o dinheiro e chegou a querê-lo tanto que se converteu primeiro em ladrão e logo em traidor por ele. O verbo que a versão Almeida Revista e Corrigida (1995) traduz como *tinha* a bolsa é *bastazein*. Seu sentido é ter, levar ou carregar mas também significa *levantar* no sentido de roubar. Judas não só levava a bolsa mas também roubava seu conteúdo. Veio-lhe a tentação por meio de seu dom natural.

(c) Aqui vemos como se pode torcer a visão das coisas de uma determinada pessoa. Judas acabava de ver uma ação que transbordava amor e disse que era um esbanjamento extravagante. Era um homem amargurado e sua visão das coisas respondia a essa amargura. O ponto de vista do homem depende do que tenha em seu interior. Vê só aquilo para o qual está capacitado e que pode ver. Se gostarmos de uma pessoa, não lhe poderemos fazer nenhum mal. Se não gostarmos dela, daremos uma má interpretação até de sua ação mais elevada. Se nossa mentalidade for cínica, adjudicaremos à pessoa as mais baixas motivações. Se formos generosos, resistiremos a pensar mal de outros. A mente torcida produz um ponto de vista torcido. Se virmos que criticamos muito a outros, se lhes adjudicarmos motivações indignas deveríamos nos deter um instante e em lugar de analisar a outros nos dedicar por um momento a nos analisar nós mesmos.

Por último, aqui encontramos uma grande verdade sobre a vida. Há certas coisas que podemos fazer em qualquer momento e há outras que não faremos jamais a menos que aproveitemos a oportunidade quando se nos apresenta. Muito freqüentemente sentimos o desejo de fazer algo belo, generoso e bom. Acontece com freqüência que o adiamos, dizemos que o faremos no dia seguinte. O impulso desaparece e a ação fica sem fazer. A vida é algo incerto. Muito freqüentemente nos sentimos impulsionados a pronunciar uma palavra de agradecimento, de louvor ou de amor. Adiamo-lo e pode suceder que nós ou a pessoa em quem pensávamos parta deste mundo e a palavra cálida fique sem pronunciar.

Há um exemplo trágico de um homem que se deu conta muito tarde que as coisas que nunca havia dito ou feito. Thomas Carlyle amava ao Jane Welsh Carlyle mas era um homem irascível, mal-humorado, e jamais a fez feliz. A mulher morreu de maneira imprevista.

J. A. Froude nos fala sobre os sentimentos de Carlyle quando a perdeu:

“Revisava seus papéis, seus cadernos de apontamentos e seus jornais; velhas cenas voltavam sem piedade à sua memória. Em suas longas noites

de insônia reconheceu muito tarde o que ela havia sentido e sofrido por seus arroubos infantis. Suas faltas surgiam em um juízo sem remorso e, assim como antes não lhes tinha dado importância, agora as exagerava em seu arrependimento. .. 'Ai!' exclamava uma e outra vez, 'se pudesse vê-la só mais uma vez, embora não fossem mais que cinco minutos para que soubesse que sempre a amei apesar de todas essas coisas. Nunca soube, nunca.' ”

Há um momento para fazer e dizer as coisas; quando passa esse momento, jamais elas podem voltar a dizer nem fazer. ..

A queixa má intencionada de Judas foi que o dinheiro que se poderia ter obtido desse unguento poderia ter sido repartido entre os pobres. Mas, como diziam as Escrituras: “Pois nunca deixará de haver pobres na terra; por isso, eu te ordeno: livremente, abrirás a mão para o teu irmão, para o necessitado, para o pobre na tua terra.” (Deuteronômio 15:11).

Em qualquer momento se podia ajudar os pobres. Se se quisesse demonstrar a devoção do coração a Jesus era preciso fazê-lo antes da cruz do Calvário tomá-lo em seus braços cruéis. Recordemos que devemos fazer as coisas agora porque muitas vezes a oportunidade não volta a apresentar-se nunca e o fato de não as fazer, em especial não expressar amor, produz o mais amargo dos arrependimentos.

UM PLANO PARA DESTRUIR AS PROVAS

João 12:9-11

Para os líderes judeus as coisas estavam assumindo uma aparência insustentável. Isto se aplicava de maneira especial aos saduceus. Todos os sacerdotes eram saduceus. Para este grupo, a situação representava uma dupla ameaça.

Em primeiro lugar, consideravam-na ameaçadora do ponto de vista político. Os saduceus eram a classe aristocrática e enriquecida entre os judeus. Além disso, sem dúvida alguma, eram o partido colaboracionista.

Trabalhavam em colaboração com o governo romano. Seu objetivo era assegurar-se sua própria riqueza, comodidade e bem-estar. Enquanto lhes permitisse conservar os postos principais no governo estavam dispostos a colaborar. Os romanos outorgavam uma boa medida de liberdade aos povos que estavam sob o seu poder. Em termos gerais, permitiam que se governassem a si mesmos, sob a autoridade de um governador romano. Entretanto, ante o menor indício de desordem civil a mão de Roma caía com todo vigor e se voltava sem mais trâmite contra os responsáveis pelo bom governo que não foram capazes de mantê-lo. Estes saduceus viam Jesus como o possível líder de uma rebelião. Estava roubando os corações das pessoas. A atmosfera estava carregada e os saduceus estavam dispostos a livrar-se dele se havia algum levantamento e se sua própria segurança e comodidade se vissem ameaçadas.

Em segundo lugar, consideravam que teologicamente era intolerável. Diferente dos fariseus, os saduceus não criam na ressurreição dos mortos. Criam que não havia ressurreição e, tal como João relata, depararam-se com Lázaro que tinha ressuscitado dos mortos. A menos que pudessem fazer algo a respeito, lhes escapava das mãos o próprio fundamento de seu poder, seu influencia e seu ensino.

O que os saduceus planejavam fazer? *Planejavam destruir as provas.* Planejavam livrar-se de Lázaro.

H. G. Wood relata o comentário que fizeram duas senhoras de idade quando Darwin fez pública sua concepção da evolução. Naqueles dias as pessoas pensavam que o ponto de vista do Darwin significava que o homem tinha surgido do animal e era idêntico a ele. As senhoras em questão comentaram: "Esperemos que não seja certo e se o for, não deixemos que outros fiquem sabendo."

Quando alguém está disposto a sustentar uma posição destruindo as provas que a ameaçam, significa que está preparado para usar meios desonestos para sustentar uma mentira, e sabe disso.

Os saduceus estavam dispostos a fazer calar a verdade para defender seus próprios interesses. Para muita gente, sua próprio interesse

é a razão mais poderosa de sua vida. Parece ser um fato certo que muitos descobrimentos que permitiriam fabricar coisas a menor preço jamais se dão a conhecer porque aqueles cuja mercadoria se veria ameaçada compram patentes e se ocupam de que não vejam a luz do dia.

Diz-se, por exemplo, que há anos se conhece o segredo para fabricar um fósforo eterno mas que aqueles cujos juros se veriam ameaçados se se comercializasse semelhante produto, compraram os direitos para fabricá-lo e não têm nenhuma intenção de dá-lo a conhecer. Não se pode afirmar com exatidão se esse caso particular for certo ou não, mas não há a menor dúvida de que esse tipo de coisas acontecem com freqüência. O próprio interesse dita a política e as ações dos homens.

A fim de manter seu próprio lugar e sua influência, os sacerdotes e os saduceus estavam dispostos a fazer tudo o que podiam para destruir as provas da verdade. O homem que teme a verdade chegou a uma situação lamentável, o mesmo acontece quando põe o prestígio e o benefício pessoal de preferência à verdade.

AS BOAS-VINDAS DE UM REI

João 12:12-19

A Páscoa, o Pentecostes e a Festa dos Tabernáculos eram as três festividades obrigatórias dos judeus. Os judeus de todos os rincões do mundo chegavam a Jerusalém para a páscoa. Em qualquer lugar que o judeu vivia sua grande ambição era festejar uma páscoa em Jerusalém. Até o dia de hoje, quando os judeus que vivem no estrangeiro celebram a páscoa, dizem: "Este ano aqui, o próximo ano em Jerusalém."

Nesses dias, a cidade de Jerusalém e as populações vizinhas estavam cheias de gente. Em uma oportunidade se fez um censo da quantidade de cordeiros sacrificados para a páscoa. Calculou-se que eram 256.500. Devia haver um mínimo de dez pessoas por cordeiro. Se essa cifra for correta, significa que havia quase 2.700.000 pessoas para a

feita. Inclusive se a cifra é exagerada, não há dúvida de que a quantidade de pessoas tem que ter sido imensa. Correu a voz de que Jesus, o homem que tinha ressuscitado a Lázaro, aproximava-se de Jerusalém.

Havia duas multidões. O grupo que acompanhava a Jesus desde Betânia e aquele que saiu de Jerusalém para vê-lo. Ambas devem ter-se movido como duas marés. Jesus se aproximou sobre o lombo de um jumentinho. Quando as multidões se cruzaram com ele o receberam como a um conquistador. A visão destas boas-vindas tumultuosas sumiu as autoridades judias no desespero porque parecia que não podia fazer nada para deter esta maré do povo que saiu para seguir a Jesus. Este acontecimento reveste-se de tal importância na vida de Jesus que devemos buscar compreender o que acontecia.

(1) Alguns dos integrantes da multidão não eram mais que curiosos. Tratava-se de um homem que, segundo os rumores que corriam, tinha ressuscitado alguém dentre os mortos. Muitos saíram para observar a uma figura que causava sensação. Sempre é possível atrair as pessoas, *por algum tempo*, mediante o sensacionalismo, a publicidade, deslumbrando-a. Nunca dura muito. A multidão que nesse dia olhava a Jesus como a sensação do momento clamava por sua morte na semana seguinte.

(2) Muitos dos integrantes destas multidões saudavam Jesus como a um conquistador. De fato, esse é o clima que prepondera em toda a cena. Saudavam-no com estas palavras: "Hosana! Bendito aquele que vem no nome do Senhor!" A palavra *Hosana* é o equivalente hebreu de "Salve agora!" A exclamação do povo era quase: "Deus salve o Rei!"

As palavras com as quais a multidão saúda Jesus são esclarecedoras. São uma citação do Salmo 118:25-26. Agora, esse salmo tinha muitas ligações com diferentes acontecimentos e não há dúvida de que o povo as tinha em mente ao repeti-lo. Era o último salmo do grupo denominado *Hallel*. Os salmos 113-118 recebiam esse nome. A palavra *Hallel* significa *Louve a Deus!* Todos estes salmos são de louvor. Eram uma parte do primeiro grupo de coisas que todo menino judeu devia

memorizar. Eram entoados com frequência nos grandes atos de louvor e agradecimento celebrados no Templo. Formavam parte do grande ritual de páscoa. Mais ainda, este salmo estava intimamente relacionado com o ritual da festa dos tabernáculos.

Nessa ocasião, os fiéis levavam maços de folhas de palma e ramos de salgueiro aos que chamavam *lulabs*. Foram todos os dias ao templo com eles. Durante cada dia da festa partiam ao redor do grande altar da oferta, uma vez durante cada um dos seis primeiros dias e sete vezes no sétimo dia. Enquanto caminhavam cantavam com voz triunfante este salmo e estes mesmos versos de maneira especial. Em realidade, pode ser exata a versão que assegura que este salmo foi escrito para a primeira celebração da festa dos tabernáculos quando Neemias tinha reconstruído as muralhas e a cidade destruídas e quando os judeus vieram de Babilônia e puderam voltar a adorar (Neemias 8:14-18).

Este era o salmo das grandes ocasiões e o povo sabia Mas há algo mais, este era o salmo próprio do conquistador Basta um só exemplo: estes mesmos versos cantaram quando a multidão de Jerusalém deu as boas-vindas a Simão Macabeu depois que conquistou Acra e a arrancou da dominação Síria, uns cem anos antes deste momento. Não há a menor dúvida de que quando o povo entoava este salmo via Jesus como o Ungido de Deus, o Messias, o Libertador, Aquele que devia vir. E tampouco se pode duvidar de que viam nEle o Conquistador. Para eles, em questão de minutos soariam as trombetas, chamando todos a tomar as armas e a nação judia se lançaria à muito ansiada vitória sobre Roma e sobre o mundo inteiro. Jesus se aproximou de Jerusalém com o clamor da multidão que saudava o conquistador soando em seus ouvidos; e isso deve lhe ter produzido tristeza porque viam e buscavam nEle justamente aquilo que se negava a ser.

AS BOAS-VINDAS DE UM REI**João 12:12-19 (continuação)**

(3) É evidente que numa situação semelhante era impossível falar com a multidão. Uma multidão agitada não se detém a ouvir a ninguém uma vez que está em marcha. A voz de Jesus não teria chegado a essa imensa multidão. De maneira que Jesus fez algo que todos pudessem ver. Aproximou-se sobre o lombo de um jumentinho. Agora, isso tinha dois sentidos. Em primeiro lugar, era uma afirmação deliberada de que era o Ungido de Deus, o Messias. Era uma atuação das palavras do profeta Zacarias (Zacarias 9:9). João não cita com exatidão porque sem dúvida o faz de cor. Zacarias havia dito: “Alegra-te muito, ó filha de Sião; exulta, ó filha de Jerusalém: eis aí te vem o teu Rei, justo e salvador, humilde, montado em jumento, num jumentinho, cria de jumenta.”

Sem dúvida alguma a ação de Jesus era um afirmação messiânica. Mas, em segundo lugar, afirmava que era uma classe especial e peculiar de Messias. Não devemos fazer uma interpretação errônea desta imagem. Para nós, o jumento é um animal um tanto desprezado mas esse não era o caso no Oriente. Ali era um animal nobre. Jair, o juiz, tinha trinta filhos que cavalgavam sobre jumentos (Juizes 10:4). Aitofel cavalgava sobre um jumento (2 Samuel 17:23). Mefibosete, o príncipe real, filho do Saul, chegou até Davi cavalgando um asno (2 Samuel 19:24). Entretanto, o importante é que o rei montava sobre um cavalo quando estava em pé de guerra, chegava sobre um burro quando se propunha levar a paz. Toda esta atitude de Jesus indica que trazia intenções de paz; que não era a imagem guerreira com a qual os homens sonhavam, mas o Príncipe da Paz. Ninguém percebeu essa intenção naquele momento. Nem sequer os discípulos, que deveriam ter estado capacitados para fazê-lo, interpretaram-no assim. As mentes de todos estavam repletas de uma espécie de histeria coletiva. Aqui estava aquele que devia vir. Mas eles buscavam o Messias de seus próprios sonhos e desejos. Não buscavam o

Messias enviado por Deus. Jesus apresentou uma imagem eloqüente do que afirmava ser mas não houve ninguém que a compreendesse.

(4) No pano de fundo estavam as autoridades judias. Sentiam-se frustrados e impotentes. Não podiam fazer nada que detivesse o magnetismo produzido por este homem chamado Jesus. "O mundo inteiro", diziam, "vai atrás dele". Nesta frase das autoridades vêem um exemplo esplêndido dessa ironia na qual João é tão hábil. Nenhum autor do Novo Testamento pode dizer tanto com uma reticência tão surpreendente. Foi porque Deus amou tanto *o mundo* que Jesus veio a ele. E aqui, sem propor-lhe, seus inimigos dizem que o mundo vai atrás dele. Na próxima seção, João relatará a vinda dos gregos a Jesus. Chegam os primeiros representantes desse mundo mais vasto, os primeiros pesquisadores do mundo exterior. As autoridades judias pronunciaram uma verdade mais profunda do que imaginavam quando disseram que o mundo inteiro se separava deles para seguir a Jesus. Aqui, nos lábios dos inimigos de Jesus, encontramos um vaticínio do que acontecerá.

Não podemos deixar esta passagem sem assinalar o elemento mais singelo. São muito escassas as ocasiões na história do mundo quando se pôs de manifesto uma coragem tão magnífica e deliberada como nesta entrada triunfal. Devemos lembrar que Jesus era um proscrito, que as autoridades estavam decididas a matá-lo. A prudência lhe teria aconselhado voltar atrás, voltar para a Galiléia ou às paragens desérticas. Se, apesar de tudo, entrava em Jerusalém, a mais mínima cautela teria indicado que devia fazê-lo em segredo e buscar um esconderijo; entretanto, entrou de maneira tal que todos os olhos se posaram sobre ele. Era um ato da coragem mais elevada, porque desafiava tudo o que o homem podia fazer. E era um ato do mais elevado amor, porque era o último chamado do amor antes do fim.

OS GREGOS QUE BUSCAM**João 12:20-22**

Nenhum dos outros Evangelhos relata este incidente mas é muito natural e coerente encontrá-lo aqui. O Quarto Evangelho foi escrito para apresentar a verdade do cristianismo de maneira tal que os gregos pudessem apreciá-la e entendê-la. Portanto, é natural que em um Evangelho que propõe esse objetivo sejam mencionados os primeiros gregos que se aproximaram de Jesus.

Não deve ser estranho encontrar gregos em Jerusalém na época da páscoa. Nem sequer tinham que ser prosélitos. O grego era um caminhante incansável. Sentia-se incitado pelo amor à aventura e o desejo de descobrir coisas novas. Um dos anciãos dizia. "Vocês os atenienses jamais descansarão nem deixarão descansar a ninguém." "Vocês, os gregos", dizia outro, "são como os meninos, sempre jovens de espírito".

Mais de quinhentos anos antes, Heródoto tinha percorrido o mundo para descobrir coisas, conforme ele mesmo o expressou. Até o dia de hoje, perto do nascimento do Nilo há uma grande estátua egípcia sobre a qual um turista grego esculpiu seu nome, tal como o fazem os turistas contemporâneos. É obvio que o grego viajava com fins comerciais e de intercâmbio. Mas também foi o primeiro em viajar pelo puro prazer da aventura no mundo antigo. Não deve nos surpreender encontrar um grupo de turistas gregos na mesma Jerusalém.

Entretanto, o grego era algo mais que isso. Por essência, o grego buscava a verdade. Não era estranho encontrar um grego que tinha passado de uma filosofia a outra, de uma religião a outra, de um professor a outro, em busca da verdade. O grego era um homem cuja mente sempre buscava a verdade.

Como era que os gregos tinham chegado a ouvir falar sobre Jesus e a interessar-se nele?

J. H. Bernard faz uma sugestão muito interessante. Durante a última semana de seu ministério, Jesus purificou o templo e expulsou os cambistas de dinheiro e os vendedores de pombas do pátio do templo. Estes comerciantes tinham seus postos no Pátio dos Gentios, o grande pátio que estava à entrada do templo. Permitia-se a entrada dos gentios a este pátio, mas não podiam passar além dele. Agora, se estes gregos estavam em Jerusalém sem dúvida alguma visitariam o templo e se deteriam no Pátio dos Gentios. Possivelmente tinham visto o tremendo dia quando Jesus tinha expulso os comerciantes do pátio do templo e possivelmente tinham experimentado o desejo de conhecer mais sobre um homem que podia fazer coisas como essa.

Seja como for, este é um dos marcos do relato evangélico porque aqui temos a primeira leve sugestão de um evangelho que se espalhará pelo mundo inteiro.

Os gregos se aproximaram com seu pedido a Filipe. Por que o escolheram? Ninguém pode saber com certeza. Pode ser que fosse porque Filipe é um nome grego e pensaram que alguém com esse nome os trataria com amabilidade. Mas Filipe não sabia o que fazer e se dirigiu a André. André não titubeou. Levou-os à presença de Jesus.

André tinha descoberto algo a respeito de Jesus; sabia que ninguém podia ser jamais uma moléstia para o Mestre. Sabia que Jesus jamais lançaria fora uma alma que o buscava. André sabia que há uma porta aberta rumo à presença de Jesus e que ninguém pode jamais fechá-la.

O PARADOXO SURPREENDENTE

João 12:23-26

Há poucas passagens no Novo Testamento que possam ter significado um golpe tão forte para os ouvintes como este. Começa com uma frase que todos podiam esperar e termina com uma série de afirmações que ninguém poderia ter imaginado.

“É chegada a hora”, começou dizendo Jesus, “de ser glorificado o Filho do Homem”. Era evidente que as coisas tinham ido crescendo até provocar uma crise e agora esta estalava. Entretanto, a idéia que tinha Jesus a respeito do que implicava essa crise era muito diferente da opinião de outros. Quando falava sobre o *Filho do Homem*, não se referia ao mesmo a que se referiam os outros. Para compreender o caráter surpreendente desta breve passagem devemos entender algo do que os judeus conotavam ao falar do Filho do Homem. O termo tinha sua origem em Daniel 7:13.

O sentido da passagem é o seguinte. Em Daniel 7:1-8, o autor descreveu os poderes que governaram o mundo: os assírios, os babilônios, os medos e os persas. Eram tão cruéis, tão selvagens, tão sádicos que só se podia descrevê-los apelando a imagens de bestas selvagens; o leão com asas de águias, o urso com as três costelas entre os dentes, o leopardo com quatro asas e quatro cabeças e a besta terrível com dentes de aço e dez chifres. Estes eram os símbolos dos poderes que tinham governado o mundo no passado. Não obstante, o vidente sonhou que chegaria um novo poder ao mundo. Esse poder seria amável, humano e generoso; de modo que não o podia simbolizar como uma fera selvagem mas sim como um homem. Toda a passagem de Daniel significa que passaria a época da selvageria e se aproximaria o dia da humanidade.

Agora, esse era o sonho dos judeus. Sonhavam com a idade de ouro quando a vida seria doce e eles seriam os amos do mundo. Mas como deveria chegar essa idade? Cada vez viram com maior clareza que sua nação era tão pequena e tão débil seu poder que essa idade de ouro não chegaria jamais por meios humanos e mediante um poder humano: devia chegar pela intervenção direta de Deus. Deus mandaria a seu emissário para fazê-lo chegar. De maneira que se remontaram à imagem do livro de Daniel e o que podia ser mais natural que chamar *Filho de Deus* a esse emissário? A frase que em um princípio só tinha sido um símbolo

chegou a descrever uma pessoa. O Filho de Homem seria o emissário conquistador de Deus.

Entre o Antigo e o Novo Testamento surgiu toda uma série de livros que falavam da idade de ouro e como chegaria. Em meio de seus problemas e pesares, suas escravidões e submissões, os judeus jamais esqueceram nem renunciaram a seu sonho. Um destes livros exerceu uma influência especial: o *Livro de Enoque*. Uma e outra vez, esse livro fala sobre esse *Filho de Homem*. Em *Enoque*, o Filho de Homem é uma figura tremenda que parecia estar controlado por Deus. Mas chegará o dia quando Deus vai liberar a esse Filho de Homem e virá com um poder divino e sobre-humano contra o qual não poderá prevalecer nenhum homem e nenhum reino e conquistará o império do mundo para os judeus.

No pensamento judeu, o Filho de Homem representava o conquistador invencível do mundo, enviado por Deus. De maneira que Jesus diz: “É chegada a hora de ser glorificado o Filho do Homem.” Quando disse isso, seus ouvintes devem ter retido a respiração. Devem ter crido que tinha divulgado o chamado da trombeta da eternidade, que o poderio celestial estava em marcha e que se pôs em movimento a campanha da vitória. Não obstante, o sentido que Jesus dava à palavra *glorificar* não era igual ao que eles lhe davam. Os judeus se referiam com esse termo à idéia que os reinos conquistados de todo o mundo se retorceriam aos pés do conquistador. Jesus queria dizer *crucificar*. Quando mencionou o Filho de Homem, os judeus pensaram na conquista levada a cabo pelos exércitos de Deus. Jesus se referia à conquista da cruz.

De maneira que a primeira frase pronunciada por Jesus exaltou os ânimos daqueles que o ouviram. Logo começou uma sucessão de frases que devem tê-los deixado abobalhados, intrigados, surpreendidos pela impossibilidade de crer nelas. Tratava-se de palavras que não falavam em termos de conquista, mas sim de sacrifício e de morte. Nunca entenderemos a Jesus nem a atitude dos judeus para com Ele se não

compreendermos como transtrocou suas idéias, como converteu um sonho de conquista em visão da cruz. Não surpreende que não o tenham compreendido; a tragédia é que se negaram a fazê-lo.

O PARADOXO SURPREENDENTE

João 12:23-26 (continuação)

Em que consiste, então, este paradoxo surpreendente? Que Jesus estava ensinando? Jesus dizia três coisas que são variações de uma verdade central e que estão na medula da fé e da vida cristãs.

(1) Jesus dizia que a Vida só chega por meio de uma morte. O grão de trigo era inútil e não dava fruto enquanto era conservada, por assim dizer, seguro e a salvo. Dava frutos quando era jogado no chão frio, e era enterrado ali como em uma tumba. A Igreja cresceu graças à morte dos mártires. Segundo a famosa frase: "O sangue dos mártires foi a semente da Igreja." Foi porque eles morreram que a Igreja se converteu na Igreja viva. As grandes coisas sempre viveram porque os homens estiveram dispostos a morrer por elas. Mas se converte em algo ainda mais pessoal. É comum suceder que um homem determinado chega a ser realmente útil para Deus só quando enterra seus objetivos e ambições pessoais.

Cosmo Lang chegou a ser Arcebispo do Canterbury. Em uma época tinha grandes ambições mundanas. A influência de um amigo, que era um homem de Deus, impulsionou-o a abandonar suas ambições mundanas e ingressar na Igreja da Inglaterra. Enquanto estudava para o ministério no Cuddesdon um dia em que estava orando na capela ouviu uma voz que lhe dizia com toda clareza: "Eu preciso de você!" Só quando enterrou suas ambições pessoais se converteu em um homem útil para Deus.

Mediante a morte chega a Vida. Mediante a lealdade que esteve disposta a enfrentar a morte se conservaram e surgiram os bens mais apreciados da humanidade. Por meio da morte do desejo e da ambição pessoais o homem se converte em servo de Deus.

(2) Jesus dizia que só entregando a vida a retemos. O homem que ama a vida está impulsionado por dois objetivos: o egoísmo e a busca da segurança. Seu próprio progresso e segurança são os dois móveis de sua vida. Não foi em uma ou duas mas em muitas ocasiões que Jesus disse que o homem que cuidava sua vida terminaria por perdê-la e que aquele que a entregava, ganhava.

Houve um famoso evangelista chamado Christmas Evans. Sempre estava pregando para Cristo. Seus amigos o aconselhavam e lhe rogavam para levar as coisas com mais calma. Sua resposta sempre era a mesma: "É melhor queimar-se que oxidar-se."

Quando Juana d'Arc soube que seus inimigos eram fortes e que seu tempo era breve, rogou a Deus: "Só durarei um ano, use-me como puder".

Jesus estabeleceu essa lei várias vezes (Marcos 8:35; Mateus 16:25; Lucas 9:24; Mateus 10:39; Lucas 17:33). Basta pensarmos o que este mundo teria perdido se não tivessem existido homens dispostos a esquecer sua segurança pessoal, o ganho egoísta e seu próprio progresso. O mundo deve tudo aos homens que queimaram toda sua força sem reticências e se entregaram a Deus e ao próximo. Sem dúvida alguma existiremos por mais tempo se andarmos com mais calma, se evitarmos todo tipo de esforços, se nos sentarmos junto ao fogo e cuidarmos a vida, se nos cuidarmos como um hipocondríaco cuida sua saúde. Sem dúvida *existiremos* mais tempo, mas jamais *viveremos*

(3) Jesus dizia que a grandeza só chega mediante o serviço. A pessoa que o mundo recorda com amor é aquela que serve a outros.

Uma certa Sra. Berwick tinha completo um trabalho muito ativo no Exército de Salvação de Liverpool. Quando se aposentou foi viver a Londres. Chegou a guerra e os ataques aéreos. A gente chega a ter idéias estranhas e por alguma razão se creu que a humilde casa e o refúgio da Sra. Berwick eram especialmente seguros. Já era anciã, seus dias de serviço social em Liverpool tinham passado fazia muito tempo, mas sentia que devia fazer algo acerca deste fenômeno. De modo que reuniu

uma caixa muito simples com elementos de primeiros auxílios e pôs um aviso sobre a janela: "Se necessitarem ajuda, batam aqui".

Essa é a atitude cristã para com o nosso próximo. Em uma oportunidade, perguntou-se a um estudante que elementos gramaticais eram *meu* e *minha*. Respondeu, com maior exatidão do que se propôs, que eram pronomes *agressivos*. É muito certo que no mundo moderno a idéia de serviço corre perigo de perder-se. Há tanta gente que neste momento está na vida, no trabalho, e nos negócios nada mais que pelo benefício que pode obter deles. Pode ser que cheguem a ser ricos mas há algo indubitável: nunca serão amados, e o amor é a verdadeira riqueza da vida.

Jesus chegou aos judeus com uma nova visão da vida. Viam a glória como uma conquista, a aquisição de poder, o direito a governar. Jesus via a glória como uma cruz. Ensinou aos homens que a vida só chega por meio da morte; que unicamente se entregarmos a vida ganharemos; que a grandeza só chega pelo serviço.

E o mais extraordinário é que quando nos pomos a pensá-lo, o paradoxo de Cristo não é outra coisa que a verdade do sentido comum.

DA TENSÃO À CERTEZA

João 12:27-34

Nesta passagem, João nos mostra tanto a tensão como o triunfo de Jesus e nos assinala como passou de um a outro.

(1) João não nos relata a história da agonia no Getsêmani. É aqui onde nos mostra a luta de Jesus contra seu desejo humano de evitar a cruz. Ninguém quer morrer, muito menos aos trinta e três anos e sobre uma cruz. Não teria havido mérito alguém na obediência a Deus da parte de Jesus se lhe tivesse surgido com facilidade e sem sacrifício. A verdadeira coragem não implica em não ter medo. Não há nenhum mérito em fazer algo se for fácil. A coragem autêntica ocorre quando a gente sente um profundo temor e entretanto faz o que deve fazer. Assim

era a coragem de Jesus. Como o expressasse Bengel: "Aqui se encontraram o horror à morte e o ardor da obediência". Aqui vemos a luta que Jesus teve que travar para obedecer a vontade de Deus. Esta vontade implicava a cruz e Jesus teve que armar-se de coragem para aceitá-la.

(2) Não obstante, o final da história não é a tensão mas o triunfo e a certeza. Jesus estava seguro de que se seguia adiante, aconteceria algo que destroçaria o poder do mal de uma vez para sempre. Se fosse obediente e até a morte se chegasse até a cruz, estava seguro de que lançaria um golpe mortal ao Amo deste mundo, a Satanás, ao Demônio. Devia ocorrer uma última luta, um último esforço que destruiria para sempre o poder do mal. Mais ainda, sabia que se chegasse até a cruz, a visão de seu corpo elevado e crucificado terminaria reunindo a todos os homens a seu ao redor. Jesus também desejava a conquista; também queria submeter aos homens e sabia que a única maneira de fazê-lo para sempre era mostrando-se a eles na cruz. Começou com a tensão, terminou com o triunfo.

(3) O que aconteceu, então, entre a tensão e o triunfo? O que foi que permutou uma coisa na outra? Entre ambas, surgiu a voz de Deus. Por trás desta voz de Deus há algo muito grande e profundo. Houve um tempo quando os judeus creram com absoluta certeza que Deus falava diretamente com os homens. Deus falou de maneira direta ao jovem Samuel (1 Samuel 3:1-14). Deus falou diretamente a Elias quando este escapou da vingança de Jezabel (1 Reis 19:1-18). Elifaz temanita afirmou que tinha ouvido diretamente a voz de Deus (Jó 4:16). Mas para a época de Jesus, os judeus já não criam que Deus falava com os homens de maneira direta. Os grandes dias eram coisa do passado; Deus estava muito longe agora; a voz que tinha falado aos profetas permanecia em silêncio. Nessa época criam em algo que chamavam o *Bath qol*. Trata-se de uma frase hebraica que significa *a voz filha* ou *a filha de uma voz*. Quando falava *Bath qol*, em geral citava as Escrituras. Não era, em realidade, a voz direta de Deus; poderia-se dizer que era o eco

dessa voz. Um murmúrio longínquo, vago, em lugar da comunicação direta e vital de Deus. Mas com Jesus não acontecia o mesmo. Jesus não ouvia o eco da voz de Deus mas a própria voz de Deus. Esta é uma verdade muito profunda. O que chega aos homens, com Jesus, não é um murmúrio longínquo da voz de Deus, algum eco vago que provém das alturas. O que chega aos homens é o acento inconfundível da voz de Deus.

Por outro lado, devemos assinalar que a voz de Deus chegou a Jesus em todos os grandes momentos de sua vida. Chegou durante seu batismo quando se aproximou pela primeira vez à tarefa que Deus lhe tinha encomendado (Marcos 1:11). Chegou-lhe no monte da transfiguração quando decidiu tomar o caminho que o conduziria a Jerusalém e à cruz (Marcos 9:7). E agora lhe chega quando sua carne e seu sangue humano precisam fortalecer-se mediante a ajuda divina para a prova da cruz. O que Deus fez por Jesus é o mesmo que faz por todos os homens. Quando Deus nos envia por um caminho não o faz sem nos dar instruções e uma guia. Quando nos encomenda uma tarefa, não deixa que a cumpramos na debilidade solitária de nossas próprias forças. Deus não é um Deus silencioso. Uma e outra vez, quando a carga da vida nos resulte muito pesada, quando o esforço do caminho de Deus supere nossas forças, se escutarmos com atenção ouviremos sua voz, seguiremos adiante com o som dessa voz em nossos ouvidos e seu força em nosso espírito. Nosso problema não é que Deus não fale mas nós não ouvimos o suficiente.

DA TENSÃO À CERTEZA

João 12: 27-34 (continuação)

Jesus afirmou que quando fosse elevado na cruz atrairia a todos os homens a si mesmo. Alguns consideram que esta frase se refere à Ascensão e que significa que quando Jesus foi exaltado no poder de sua ressurreição, convocaria a todos os homens a seu redor. Mas isso está muito longe da verdade. Jesus se referia a sua cruz, e o povo sabia.

E mais uma vez, como era inevitável, sumiram-se em uma surpresa incrível. Como se podia conectar o Filho do Homem com uma cruz? Acaso o Filho do Homem não era o líder invencível que dirigia os irresistíveis exércitos celestiais? O que tinham em comum o Filho do Homem e uma cruz? Acaso o Reino do Filho do Homem não duraria para sempre? “O seu domínio é domínio eterno, que não passará, e o seu reino jamais será destruído” (Dan. 7:14). Acaso não se disse sobre o príncipe da idade de ouro: “Davi, meu servo, será seu príncipe eternamente” (Ez. 37:25). Não havia dito Isaías ao referir-se ao líder do novo mundo: “Aumente o seu governo, e venha paz sem fim”? (Isa. 9:7). Acaso não cantou o salmista sobre este reino sem fim? “Para sempre estabelecerei a tua posteridade e firmarei o teu trono de geração em geração” (Salmo 89:4).

Os judeus relacionavam o Filho do Homem com um reino eterno e aqui se apresentava alguém que afirmava ser o Filho do Homem e dizia que o elevariam em uma cruz. Quem era este Filho do homem cujo reino terminaria antes de ter começado?

Mas a história ensina que Jesus tinha razão. Jesus cifrava suas esperanças no magnetismo da cruz. E estava no certo porque o amor continua vivendo muito depois do desaparecimento do poder, das armas e da força. Como o expressou Kipling:

Nossas naves se esfumam:

Sobre as dunas e os montes desaparece o fogo;

Vejam, toda nossa pompa de ontem

uniu-se a Nínive e a Tiro.

Nínive e Tiro não são mais que nomes, mas Cristo vive ainda.

É um fato irrefutável que os impérios baseados na força desapareceram e deles só fica a lembrança, cada vez mais débil. Entretanto, o império de Cristo, baseado sobre uma cruz, estende-se mais cada ano que passa.

Quando Juana d’Arc fica sabendo que os líderes de seu povo a traíram e a levarão à fogueira, volta-se para eles e, segundo a versão da

obra do George Bernard Shaw, diz-lhes: "Agora irei com as pessoas simples e deixarei que o amor de seus olhares me console do ódio que vejo nas suas. Alegrar-se-ão ver como me queimam; mas se passo pelo fogo entrarei nos corações dessa gente para sempre".

Isso é uma parábola do que aconteceu com Jesus. Sua morte sobre a cruz fez que entrasse para sempre no coração dos homens. O Messias conquistador dos judeus é uma imagem a respeito da qual os estudiosos escrevem livros; mas o Príncipe do Amor na cruz é um rei cujo trono está instalado para toda a eternidade nos corações dos homens. O único fundamento seguro de qualquer reino é o do amor sacrificial.

FILHOS DA LUZ

João 12:35-36a

Nesta passagem estão implícitas a promessa e a ameaça que nunca estão muito afastadas da medula da fé cristã.

(1) Temos a promessa e o oferecimento da luz. O homem que caminha com Jesus caminha na luz. Tal homem se vê livre de sombras. Há certas sombras que, mais cedo ou mais tarde, obscurecem qualquer luz. Existe a sombra do temor. Chegam momentos em que todos sentimos medo de olhar para frente. Às vezes, quando vemos o que podem fazer a outros, todos sentimos temor dos avalizar e as mudanças da vida. Temos as sombras das dúvidas e das incertezas. Em certos momentos, o caminho que jaz pela frente não é nada claro. Às vezes nos sentimos como alguém que busca situar-se em meio das trevas, sem nada firme a que possa agarrar-se. Existem as sombras da tristeza. Mais cedo ou mais tarde, o Sol se põe ao entardecer e se apagam todas as luzes. Mas o homem que parte com Jesus se vê livre da tristeza, da dúvida. Tem uma alegria que ninguém lhe pode tirar. Seu caminho passa pela luz, não pela escuridão e até no vale das sombras mais profundas, as trevas se iluminam pela presença de Cristo.

(2) Mas também há uma ameaça implícita. A decisão consiste em confiar a vida e todas as coisas a Jesus, tomá-lo como Mestre, Guia e Salvador; mas essa decisão terá que fazê-la a tempo. Na vida, terá que fazer as coisas a tempo ou não as fará jamais. Há certos trabalhos que só podemos fazer quando contamos com a energia física necessária. Há certos estudos que só podemos levar a cabo quando nossas mentes são o suficientemente agudas e nossas memórias estão bastante frescas para nos ocuparmos dessa tarefa. Há certas coisas que devem dizer-se ou fazer-se, do contrário, o tempo de fazê-las ou dizê-las passará para sempre. E o mesmo acontece com Jesus.

No momento em que Jesus pronunciou estas palavras estava fazendo um chamado aos judeus para que o aceitassem e cressem nele antes de chegar a cruz e o levasse para sempre. Não obstante, esta é uma verdade eterna. As estatísticas indicam que há um aumento constante das conversões até os dezessete anos e uma diminuição igualmente constante depois dessa idade. Quanto maior é a medida na qual o homem se deixa apanhar por seus próprios hábitos, mais difícil é sair deles. Em Cristo se oferece aos homens a bênção suprema. Em certo sentido, nunca é muito tarde para recebê-la, mas apesar disso é certo que terá que recebê-la a tempo.

A INCREDELIDADE CEGA

João 12:36b-41

Esta passagem, inevitavelmente, perturbará a muitos. João cita duas passagens de Isaías. O primeiro corresponde a Isaías 53:1-2. Em dita passagem o profeta pergunta se houve alguém que creu em suas palavras e se houve alguém que reconhece o poder de Deus quando lhe revela. Entretanto, a parte perturbadora é a segunda. A passagem original está em Isaías 6:9-10 Diz assim: “Disse ele [Deus]: Vai e dize a este povo: Ouvi, ouvi e não entendais; vede, vede, mas não percebais. Torna insensível o coração deste povo, endurece-lhe os ouvidos e fecha-lhe os

olhos, para que não venha ele a ver com os olhos, a ouvir com os ouvidos e a entender com o coração, e se converta, e seja salvo.”

Esta passagem aparece em todo o Novo Testamento. Aparecem citações ou ecos dele em Mateus 13:14-15; Marcos 4:12; Lucas 4:10; Romanos 11:8; 2 Coríntios 3:14. O terrível e perturbador é que pareceria afirmar que a incredulidade do homem se deve à ação de Deus; que quando um homem não crê é porque Deus fechou seus ouvidos e sua mente e endureceu seu coração. Pareceria dizer que Deus ordenou que algumas pessoas não devem crer e que não o farão. Agora, qualquer que seja a explicação que demos desta passagem não podemos crer uma afirmação semelhante, nem devemos fazê-lo. Não podemos crer que o Deus de quem nos falou Jesus fará que seus filhos não possam crer.

Devemos dizer duas coisas sobre esta passagem.

(1) Devemos buscar compreender as palavras de Isaías. Devemos buscar entrar em seu coração e em sua mente. Tinha pregado e proclamado a palavra de Deus. Tinha posto tudo o que tinha em sua mensagem. Tinha-o entregue aos homens com todo o poder e a capacidade de convicção que possuía. E os homens se negaram a escutar. No fim de sua tarefa Isaías se viu obrigado a dizer: "Pelo que conseguiria exatamente igual se não tivesse feito nada. Em lugar de fazer melhores aos homens parece que minha mensagem os fez piores. Seria o mesmo se não a tivessem ouvido. Afirmaram-se ainda mais em sua letargia, sua desobediência e sua incredulidade. Pareceria que a intenção de Deus era que não cressem."

As palavras de Isaías brotam de um coração desiludido. São as palavras de um homem que se sente aflito porque sua mensagem parece ter piorado os homens em vez de melhorá-los. Se as interpretarmos em seu sentido literal não compreendemos absolutamente o coração destroçado de onde surgem. São as palavras de um pregador cujo coração causa pena pela falta de resposta de seu povo.

(2) Entretanto, há algo mais. Os judeus tinham uma crença básica: consideravam que Deus estava por trás de tudo. Criam que não podia

acontecer *nada* independentemente do plano de Deus. Em vista desta crença, viam-se obrigados a considerar que quando os homens não criam na mensagem de Deus, essa incredulidade também estava dentro dos propósitos de Deus. Até a incredulidade caía, de algum modo, dentro do controle e do propósito de Deus. Se o expressássemos em termos contemporâneos e segundo nossa maneira de pensar, o diríamos assim: não diríamos que a incredulidade é o propósito de Deus, mas sim em sua sabedoria e seu poder Deus pode empregar *inclusive* a incredulidade do homem para seus fins divinos. De fato, assim foi como o interpretou Paulo. Paulo viu que Deus usava a incredulidade dos judeus para converter os gentios. Como os judeus não aceitaram a verdade de Deus, esta se disseminou pelo mundo inteiro.

Quando lemos uma passagem como esta, devemos compreender que seu significado não é que Deus predestinou e preordenou a certos homens para que não cressem, mas sim até a incredulidade do homem se pode usar para cumprir os propósitos eternos de Deus. Estes judeus não criam em Jesus; isso não era culpa de Jesus; era culpa deles. Mas isso também encontra seu lugar dentro do plano de Deus. "O mal que ele abençoa é nosso bem." Deus é tão grande que pode usar até o pecado do homem para seus próprios fins. Não há nada neste mundo, nem sequer o pecado, que esteja fora do poder de Deus.

A FÉ DO COVARDE

João 12:42-43

Jesus nem sempre encontrou ouvidos surdos. Havia alguns, até dentro das próprias autoridades judias, que criam em suas palavras no fundo de seus corações. Não obstante, temiam confessar sua fé porque não desejavam ser expulsos da sinagoga. Estas pessoas tratavam de seguir uma política impossível: pretendiam ser discípulos em segredo. Tem-se dito, e é uma grande verdade, que um discípulo secreto é algo contraditório porque "ou o segredo mata a condição de discípulo ou esta

mata o segredo". Jamais é possível, dentro da fé cristã, obter o melhor de ambos os mundos e isso era o que tentavam fazer estes homens.

Temiam tornar-se cristãos porque pensavam que ao confessá-lo perderiam muito. É estranho ver como às vezes os homens misturam os seus valores. Uma e outra vez os homens não apóiam uma causa digna porque interfere com algum interesse menor.

Quando Joana d'Arc viu que estava abandonada e sozinha, disse: "Se, estou sozinha no mundo; sempre estive sozinha. Meu pai disse a meus irmãos que me afogassem se não queria ficar cuidando de suas ovelhas enquanto a França se sangrava. França podia morrer sempre que nossos cordeiros estivessem a salvo."

O camponês francês preferia a segurança de suas ovelhas antes que a de sua pátria. Estes líderes judeus lhe pareciam um pouco. Sabiam que Jesus tinha razão; sabiam que seus colegas tinham a intenção de aniquilá-lo e de destruir tudo o que Jesus tratava de fazer em nome de Deus. Entretanto, não estavam dispostos a correr o risco de declarar-se em seu favor. Teriam sido expulsos da sociedade e da religião ortodoxa. Era um preço muito elevado. Teria significado o fim do lugar que ocupavam, dos benefícios que recebiam e de seu prestígio. Portanto, viveram na mentira porque não eram o suficientemente grandes para erguer-se em nome da verdade.

João faz um diagnóstico da posição deles numa frase muito eloqüente. Preferiam ficar bem perante os olhos dos homens de preferência aos de Deus. Tinham muito mais em conta a opinião que outros homens tinham deles que a opinião de Deus. Sem dúvida estes líderes consideravam que eram homens sábios e prudentes; pensariam que se protegiam de todo risco. Mas sua sabedoria não lhes era suficiente para lembrar que a opinião dos homens podia importar durante os poucos anos que vivessem na Terra mas o juízo de Deus conta para toda a eternidade. Desprezaram a recompensa da eternidade pela recompensa desse momento. A única sabedoria e prudência consiste em preferir a

boa opinião de Deus à dos homens. Sempre é melhor estar bem durante a eternidade que durante o tempo.

O JUÍZO INILUDÍVEL

João 12:44-50

Segundo João, estas são as últimas palavras que Jesus pronuncia durante sua pregação em público. Daqui em diante ensinará a seus discípulos. Também enfrentará a Pilatos; mas estas são as últimas palavras que pronuncia diante de um grupo numeroso.

Nestas palavras, Jesus afirma algo que constitui o fundamento e a essência de toda sua vida. Diz que nele nos defrontamos com Deus. Ouvir a Jesus é ouvir a Deus; ver Jesus é ver a Deus. Essa é a importância suprema de Jesus. Nele, Deus encontra o homem e o homem encontra a Deus. Agora, esse enfrentamento lança dois resultados e ambos incluem a medula do juízo, tal como o cristão o vê.

(1) Aqui, mais uma vez, Jesus volta para uma idéia que nunca se afasta muito em todo o Quarto Evangelho. Jesus não veio ao mundo para condenar os homens mas para salvá-los. Não foi a ira de Deus a que enviou Jesus aos homens mas seu amor. E entretanto, é absolutamente certo que a vinda de Jesus implica um juízo iniludível. Por que deve ser assim? É assim porque mediante sua atitude para com Jesus o homem demonstra o que é e desse modo se julga a si mesmo. Se alguém encontrar em Jesus um magnetismo e uma atração infinitos, inclusive se jamais chega a fazer de sua vida o que deveria ser, experimentou o chamado de Deus em seu coração e portanto se salvou. Se, pelo contrário, não vê nada amoroso em Jesus significa que esse homem é impermeável a Deus, seu coração não se comove absolutamente diante da presença de Jesus: esse homem se julgou a si mesmo. No Quarto Evangelho sempre está presente este paradoxo essencial. Jesus veio em um ato de amor mas sua vinda é um juízo.

Como dissemos antes, podemos oferecer a alguém alguma experiência muito rica com um amor perfeito, incorrupto e descobrir que, ao deparar-se com essa experiência, a pessoa não vê nada nela. O resultado é que a partir desse momento sabemos que há algo maravilhoso que essa pessoa não é capaz de apreciar. Oferecemos-lhe essa experiência com amor, mas o fato de deparar-se com ela demonstrou a carência que padece. A experiência oferecida com amor se converteu em um juízo. Jesus é a pedra de toque de Deus. Por sua atitude para com Jesus o homem se revela a si mesmo. Mediante sua reação para com Jesus, julga-se a si mesmo.

(2) Jesus disse que no último dia as palavras que estes homens tinham ouvido seriam seu juízes. Essa é uma das grandes verdades da vida. Não se pode culpar a ninguém por não saber ou por não agir segundo uma verdade que nunca teve a oportunidade de ouvir. Mas se alguém sabe qual é o bem e faz o mal, sua pena é mais grave. De maneira que cada coisa sábia que ouvimos, cada oportunidade que recebemos para conhecer a verdade, se converterá em nossa testemunha.

Um ancião do século dezoito escreveu uma espécie de catecismo da fé cristã para o povo simples. No fim havia uma pergunta a respeito do que aconteceria a quem ignorasse as verdades e a mensagem cristãs. A resposta era que se condenaria "e com mais razão porque leram este livro".

É uma advertência grave o fato de lembrar que tudo o que soubemos e não fizemos será uma testemunha contra nós no fim dos tempos.

João 13

[A realeza do serviço - 13:1-17](#)

[A realeza do serviço - 13:1-17 \(cont.\)](#)

[A lavagem essencial - 13:1-17 \(cont.\)](#)

[A vergonha da deslealdade e a glória da fidelidade - 13:18-20](#)

[O último chamado do amor - 13:21-30](#)

O último chamado do amor - 13:21-30 (cont.)

A quádrupla glória - 13:31-32

A ordem da despedida - 13:33-35

A lealdade vacilante - 13:36-38

A REALEZA DO SERVIÇO

João 13:1-17

Teremos que analisar esta passagem em mais de um aspecto mas, em primeiro lugar, devemos lê-la como um todo.

Há poucos incidentes no relato evangélico que põem tão clara a personalidade de Jesus e que mostram seu amor de maneira tão perfeita. Quando pensamos o que poderia ter sido e o que poderia ter feito Jesus nos damos conta da maravilha suprema que foi.

(1) Jesus sabia que todas as coisas estavam em suas mãos. Sabia que a hora de sua humilhação estava perto mas também sabia que se aproximava a hora de sua glória. Sabia que não faltava muito tempo para que chegasse a sentar-se no próprio trono de Deus. Esse pensamento e perspectiva o poderiam ter enchido de orgulho. Entretanto, sabendo qual era seu poder e sua glória, lavou os pés de seus discípulos. Nesse momento, quando poderia ter experimentado um orgulho supremo, demonstrou a maior humildade.

O amor é sempre assim. Quando alguém adoece, por exemplo, a pessoa que o ama fará as tarefas mais desagradáveis e se alegrará nelas porque assim é o amor. Às vezes os homens consideram que são muito distinguidos para fazer coisas modestas, consideram-se muito importantes; Jesus não era assim. Sabia que era Senhor de tudo o que era criado e, apesar disso, tomou uma toalha, a atou à cintura e lavou os pés de seus discípulos.

(2) Jesus sabia que tinha vindo de Deus e que voltaria para Ele. Podia haver sentido algum menosprezo pelos homens e as coisas deste mundo. Poderia ter considerado que tinha terminado sua tarefa no mundo

porque estava em seu caminho para com Deus. No momento quando Deus estava mais perto dEle, Jesus desceu às profundidades e os limites de seu serviço aos homens. Lavar os pés dos convidados a uma festa era o trabalho dos escravos. Esperava-se que os discípulos de um rabino o atendessem em suas necessidades pessoais, mas jamais se sonhou em um serviço como este. O maravilhoso a respeito de Jesus é que sua aproximação a Deus, longe de separar o dos homens, aproximava-o mais que nunca. Sempre é certo que ninguém está mais perto dos homens que aquele que está perto de Deus.

T. R. Glover, ao falar de certos intelectuais brilhantes, dizia: "Criam que eram religiosos quando, em realidade, só eram enfadonhos."

Existe uma lenda sobre São Francisco de Assis. Durante sua juventude era muito rico, nada era o suficientemente bom para ele; era um aristocrata entre os aristocratas. Mas se sentia mal e sua alma não conhecia a paz. Um dia cavalgava a sós fora da cidade e viu um leproso, um conjunto de chagas: era repulsivo olhar para ele. Em geral, o suscetível Francisco teria rechaçado este horror humano. Mas houve algo nele que fez que desmontasse e abraçasse o leproso: este adquiriu a imagem de Jesus ao ser abraçado. Não nos aproximamos a Deus quando nos afastamos dos homens. Quanto mais perto estamos da humanidade sofredor, mais nos aproximamos a Deus.

(3) Jesus sabia outra coisa. Jesus sabia muito bem que ia ser traído muito em breve. O saber algo assim poderia tê-lo mergulhado na amargura, o ressentimento e o ódio para com os homens. Pelo contrário, inflamou mais amor que nunca em seu coração. O surpreendente a respeito de Jesus era que quanto mais o feriam os homens, mais os amava. E era tão fácil e tão natural sentir o mal e amargurar-se diante do insulto e a ofensa. Pelo contrário Jesus enfrentou o maior insulto, a traição suprema, com o maior amor e a mais profunda humildade.

A REALEZA DO SERVIÇO**João 13:1-17 (continuação)**

Não obstante, no pano de fundo desta passagem há inclusive mais coisas que as que João nos relata. Se nos remetermos à versão da Última Ceia juntos que Lucas nos dá encontramos a frase trágica: “Suscitaram também entre si uma discussão sobre qual deles parecia ser o maior.” (Lucas 22:24). Até na última comida que celebraram juntos, com a cruz diante de seus olhos, os discípulos continuavam discutindo questões de precedência e prestígio.

Pode ser que tenha sido esta mesma discussão a que produziu a situação que levou Jesus a agir como o fez. Os caminhos da Palestina eram bastante desnivelados e poeirentos. Quando o tempo estava seco eram colchões de pó e quando chovia se convertiam em um barro liquido. O povo simples não usava sapatos e sim sandálias. Estas não eram mais que solas atadas ao pé mediante algumas correias. Por essa razão sempre havia grandes talhas de água em frente de cada casa e um servo permanecia na porta com um cântaro e uma toalha para lavar os pés sujos dos convidados à medida que chegavam.

Agora, o pequeno grupo de Jesus não tinha servos. As tarefas que nas casas mais enriquecidas faziam os servos, deviam ser compartilhadas por todos. E pode ser que a noite dessa última refeição se inundaram em um estado tal de orgulho competitivo que ninguém tenha querido aceitar o dever de ocupar-se de que houvesse água e uma toalha para lavar os pés daqueles que fosse chegando. Jesus o percebeu e solucionou a omissão da maneira mais eloqüente e dramática.

Ele mesmo fez o que nenhum estava disposto a fazer. E logo lhes disse: "Vêem o que acabo de fazer. Vocês me chamam mestre e Senhor e têm razão porque isso é o que sou. Não obstante, eu estou disposto a fazer isto por vós e sem dúvida não crêem que o discípulo merece mais honra que o mestre ou um servo mais que seu amo. Se eu fizer isto,

vocês deveriam estar preparados para fazê-lo também. Dou-lhes este exemplo para que vejam como deveriam se comportar entre vocês."

Uma coisa assim deve nos fazer pensar. Acontece com muita frequência, até nas Igrejas, que se apresentam problemas porque alguém não obtém a posição que deseja. Pode acontecer que freqüentemente até os dignitários eclesiásticos se sintam ofendidos porque não receberam a deferência que merecem seus cargos. Aqui nos ensina e nos demonstra que a única grandeza é a que outorga o serviço. O mundo está cheio de gente que está de pé sobre sua dignidade quando deveria estar ajoelhada aos pés de seus irmãos.

Em todas as esferas da vida esta desejo de figurar no primeiro lugar e esta falta de disposição para ocupar um posto secundário faz fracassar muitos planos. Se se deixar fora a um jogador durante um só dia, ele se negará a voltar a jogar para essa equipe. O aspirante a algum cargo política que crê merecer e não o recebe, nega-se a aceitar qualquer outro cargo secundário. O integrante de um coro não pode interpretar um solo e não volta a cantar. Em qualquer sociedade pode acontecer que se deixa de lado a alguém sem má intenção e estala em cólera ou se encerra em seu ressentimento durante vários dias. Quando nos sentirmos tentados a pensar em nossa dignidade, nosso prestígio, nosso lugar, nossos direitos, voltemos a observar a imagem do Filho de Deus, apertado com uma toalha e ajoelhado aos pés de seus discípulos.

O homem que é realmente grande e amado é aquele que tem esta humildade autêntica que o torna de uma vez em servo e rei dos homens.

Em seu livro, *The Beloved Captain*, Donald Hankey inclui uma passagem que descreve a forma em que o capitão amado por seus súditos se ocupava de seus homens depois de uma marcha.

"Todos sabíamos por instinto que era nosso chefe; um homem de fibra mais forte que nós, um chefe por direito próprio. Suponho que essa era a razão pela qual podia ser tão humilde sem perder a dignidade. Porque também era humilde, se essa for a palavra correta, e creio que o é. Nenhum problema nossa era insignificante para ele. Quando empreendíamos marchas, por exemplo, e tínhamos os pés machucados e doloridos, como

estavam acostumados a estar no princípio, teria dito que eram seus próprios pés pelo trabalho que se tomava. É obvio que depois de cada marcha havia uma inspeção de pés. Isso é rotineiro. Mas para ele não era uma simples rotina. Entrava em nossa habitação e se alguém tinha um pé machucado se ajoelhava e o olhava com o mesmo cuidado com que o teria feito um médico. Depois disso indicava algum remédio que sempre estava disponível nas mãos de um sargento. Se era preciso furar uma chaga o mais provável era que o fizesse pessoalmente para estar seguro de que se empregava uma agulha limpa e que não se deixava entrar nenhuma sujeira. Não havia nada artificial em sua atitude; não pretendia causar nenhuma impressão. Só sentia que nossos pés eram muito importantes e sabia que nós fomos bastante descuidados. Por isso pensava que o melhor era ocupar-se ele próprio deles. Entretanto, para nós havia algo quase religioso nesse cuidado de nossos pés. Parecia haver nele um pouco de Cristo e por isso o apreciávamos e o respeitávamos mais.”

O estranho é que o homem que se inclina diante de outros, como Cristo, é a quem a fim de contas os homens honram como a um rei e sua lembrança não se perde com o tempo.

A LAVAGEM ESSENCIAL

João 13:1-17 (continuação)

Já vimos que sempre devemos buscar dois significados em João. Aquele que está na superfície e aquele que jaz por baixo dela. Não há dúvida de que nesta passagem há um segundo sentido. Na superfície, é uma lição suprema, dramática e inesquecível de humildade. Mas isso não é tudo.

Inclui uma passagem muito difícil. A princípio, Pedro quer negar-se a aceitar que Jesus lave os seus pés. Então Jesus lhe diz que a menos que aceite essa lavagem não terá parte com Ele. Em face dessa resposta, Pedro roga que não lhe lave só os pés mas também as mãos e a cabeça. Mas Jesus responde que lavar os pés é suficiente. A frase difícil,

importante e com um significado interior é a seguinte: “Quem já se banhou não necessita de lavar senão os pés.”

Sem dúvida, isto implica uma referência ao batismo cristão. “Se eu não te lavar, não tens parte comigo.” Isso é uma forma de dizer o seguinte: "Se você não passar pela porta do batismo, não forma parte da Igreja".

O importante sobre o lavagem de pés é o seguinte. Na Palestina as pessoas costumavam banhar-se antes de assistir a uma festa. Quando chegavam à casa de seu anfitrião não precisavam tomar outro banho, bastava lavarem os pés. A lavagem de pés era a cerimônia que precedia a entrada à casa a qual eram convidadas. Era o que poderíamos chamar *a lavagem de entrada à casa*. De maneira que Jesus diz a Pedro: "O que necessita não é o banho de seu corpo; isso você pode fazer sozinho. O que lhe falta é a lavagem que indica o acesso à casa da fé." Isto explica outro elemento mais. Em primeiro lugar, Pedro se dispõe a não permitir que Jesus lave os seus pés. Jesus lhe diz que se se negar, não terá parte, nele. É como se lhe dissesse: "Pedro, será você tão orgulhoso como para não permitir que eu faça isto por você? Se o fizer, perderá tudo."

Na Igreja primitiva e até na atualidade, a entrada à Igreja passava pelo caminho do batismo. Poderíamos dizer que é a lavagem de entrada. Isso não significa que não pode haver salvação se a gente não está batizado. Pode ser que seja impossível a alguém ser batizado. O que quer dizer é que se alguém pode ser batizado e é muito orgulhoso para passar por essa porta, seu orgulho o isola da família da fé.

Agora as coisas são diferentes. Nos primeiros dias da Igreja aqueles que se aproximavam para ser batizados eram homens e mulheres adultos porque foram do paganismo à fé.

Agora também levamos a nossos filhos, a muitas Igrejas. Mas nesta passagem Jesus mostra a lavagem que abre a porta da Igreja e diz aos homens que não devem ser muito orgulhosos como para não submeter-se a Ele.

A VERGONHA DA DESLEALDADE E A GLÓRIA DA FIDELIDADE

João 13:18-20

Nesta passagem se destacam três elementos.

(1) Descreve-se com rasgos eloqüentes a absoluta crueldade da traição de Judas. A descrição se faz de uma maneira que resultaria especialmente aguda para a mentalidade oriental. Para fazê-lo, Jesus empregou uma citação do Salmo 41:9. A citação completa é: “Até o meu amigo íntimo, em quem eu confiava, que comia do meu pão, levantou contra mim o calcanhar.”

No mundo oriental, comer pão com alguém era um sinal de amizade e um ato de lealdade. 2 Samuel 7:13 relata como Davi permitiu a Mefibosete comer pão em sua mesa quando poderia tê-lo eliminado por ser descendente de Saul. 1 Reis 18:19 conta que os profetas de Baal comiam pão na mesa de Jezabel. Que uma pessoa que comeu pão na mesa de outra se voltasse contra esta última, a quem jurou amizade por essa mesma ação, era algo amargo. Esta traição dos amigos é a mais dolorosa das feridas. “Com efeito, não é inimigo que me afronta; se o fosse, eu o suportaria; nem é o que me odeia quem se exalta contra mim, pois dele eu me esconderia; mas és tu, homem meu igual, meu companheiro e meu íntimo amigo. Juntos andávamos, juntos nos entretínhamos e íamos com a multidão à Casa de Deus.” (Sal. 55:12-14).

Significa uma dor muito profunda quando um amigo é culpado de uma traição assim, que destroça o coração. Por outro lado, a mesma frase que se emprega está carregada de crueldade. “Levantou contra mim o calcanhar.” No hebreu literal a frase é: “Usou o calcanhar com força”, e se refere a uma “violência brutal”. Nesta passagem não há nenhum sinal de irritação, só se percebe dor. Jesus, com um último chamado, revela a Judas a ferida de seu coração.

(2) Mas a passagem também assinala o fato de que toda esta tragédia, de algum modo, também forma parte dos intuitos de Deus. E,

por outro lado, que Jesus o aceitava por completo e sem reticências. Acontecia o que haviam dito as Escrituras. Jamais se duvidou de que o fato de ganhar e redimir o mundo se obteria às custas do coração destruído de Deus. Jesus sabia o que acontecia. Não era a vítima e sim o dono das circunstâncias. Sabia qual era o preço e estava disposto a pagá-lo. Não queria que os discípulos cressem que estava apanhado em uma combinação cega de circunstâncias da qual não podia escapar. Não iam matá-lo; escolheria morrer. Nesse momento não o viram assim, e depois tampouco mas queria estar seguro de que chegaria o dia quando olhariam para trás e então recordariam e compreenderiam o que tinha acontecido.

(3) Se esta passagem assinala a amargura da traição, também destaca a glória da lealdade. Um dia estes mesmos discípulos disseminariam a mensagem de Jesus por todo mundo. Quando o fizessem não seriam nada menos que os representantes de Deus. Quando um embaixador sai de seu país para ir a outro não o faz como um cidadão individual, não vai por suas próprias qualidades somente. Vai com toda a glória e a honra de seu país. Pode acontecer que em um país estrangeiro nem sequer saibam como se chama: a única coisa que sabem é que representa a um país determinado que sim conhecem. Escutá-lo significa escutar a seu país: dar-lhe as boas-vindas significa saudar o governo que o enviou. A grande honra e a imensa responsabilidade de ser cristão radica em que estamos no mundo representando a Jesus Cristo. Falamos e agimos em seu nome. A honra do Eterno está nas mãos dos homens.

O ÚLTIMO CHAMADO DO AMOR

João 13:21-30

Quando visualizamos esta cena surgem certas coisas de um profundo dramatismo.

Vemos em seu pior aspecto a traição de Judas. Deve ter sido um ator e um perfeito hipócrita. Há algo indubitável: se outros discípulos soubessem o que estava fazendo Judas, se tivessem estado inteirados de seu plano traidor, não teria saído vivo desse aposento. Eles o teriam matado antes de ele poder levar a cabo seu plano sanguinário. Judas deve ter-se comportado como um santo com um coração demoníaco. Durante todo o tempo deve ter agido com amor, lealdade e piedade que enganaram a todos salvo a Jesus. Judas não era só um vilão descarado; também era um profundo hipócrita. Aqui nos deparamos com uma advertência. Podemos enganar os homens com nossa atitude exterior, mas não podemos ocultar nada aos olhos de Cristo.

Não obstante, há algo mais. Quando compreendemos bem o que acontece vemos que Jesus faz a Judas um chamado após outro. Em primeiro lugar, temos a localização dos comensais. Os judeus não se sentavam à mesa, reclinavam-se nela. A mesa era um bloco sólido e baixo com poltronas em volta. Tinha forma de U e o lugar de honra, o lugar do anfitrião, estava no meio. Os comensais se reclinavam do lado esquerdo sobre o cotovelo e assim tinham a mão direita livre para tomar a refeição. Ao sentar-se assim a cabeça de cada um estava, literalmente, apoiada sobre o ombro da pessoa reclinada à sua esquerda. Jesus estaria sentado no lugar do anfitrião, no centro do único lado da mesa. O discípulo a quem Jesus amava deve ter estado sentado à sua *direita* porque ao apoiar-se sobre o cotovelo na mesa tinha a cabeça sobre o peito de Jesus.

Nunca se nomeia o discípulo a quem Jesus amava. Alguns pensaram que se tratava de Lázaro porque se diz que Jesus amava a Lázaro (João 11:36). Outros supuseram que se tratava do jovem rico. Diz-se que Jesus o amava (Marcos 10:21); supõe-se que por último o jovem decidiu abandonar tudo por Jesus. Outros pensam que se busca um discípulo jovem desconhecido a quem Jesus amava de maneira especial. Outros consideraram que não se busca uma pessoa real, de carne e osso, mas só de uma imagem ideal do que devia ser o discípulo

perfeito. Entretanto, ao longo dos anos a opinião geral sempre afirmou que o discípulo amado era o próprio João e podemos crer que esta é a versão correta.

Não obstante, o que forma um interesse particular é o lugar de Judas. É evidente que Judas estava em uma posição que permitia que Jesus lhe falasse em particular sem ser ouvido pelos outros. Aqui vemos o desenvolvimento de uma espécie de conversação particular entre Jesus e Judas. Agora, se isto for assim Judas só podia estar sentado em um lugar. Deve ter estado à *esquerda* de Jesus de maneira que, assim como a cabeça de João estava reclinada sobre o peito de Jesus, a cabeça de Jesus se reclinava sobre o peito de Judas. E o que resulta esclarecedor é que *o lugar à esquerda do anfitrião era o lugar de maior honra, reservado para o amigo mais íntimo*. Quando começou a refeição, Jesus deve ter dito a Judas: "Judas, venha sentar-se a meu lado esta noite; quero falar com você de maneira especial". O mesmo fato de convidar a Judas a ocupar esse lugar era um chamado.

Mas há algo mais. Se o anfitrião oferecia ao convidado um bocado especial, uma parte de refeição da fonte, demonstrava-lhe uma amizade especial. Quando Boaz quis demonstrar quanto honrava a Rute, convidou-a a molhar seu bocado no vinho (Rute 2:14).

T. E. Lawrence, o escritor, relata que quando se sentava com os árabes em suas tendas, às vezes o chefe arrancava uma parte especial do cordeiro gorduroso que tinham diante e o alcançava. Acrescenta que era um favor muito embaraçoso para o paladar ocidental porque era preciso comê-lo. De maneira que quando Jesus alcançou o bocado a Judas era uma amostra especial de afeto. E vemos que inclusive quando Jesus fez isto os discípulos não compreenderam a importância de suas palavras. Sem dúvida isso indica que Jesus o fazia com tanta freqüência que os discípulos não viram nada estranho nisso. Judas sempre foi tratado com deferência.

Há algo trágico aqui. Jesus chamava uma e outra vez ao coração escuro e Judas não se comovia. Que Deus não permita que permaneçamos indiferentes ao chamado do amor.

O ÚLTIMO CHAMADO DO AMOR

João 13:21-30 (continuação)

Assim esta tragédia chega a seu fim. Jesus mostrou seu amor a Judas várias vezes. Buscava salvar, não sua própria vida, mas a Judas, para evitar que levasse a cabo seu projeto.

E, de maneira repentina, chegou o momento crucial. Esta é a derrota mais terrível da história: quando o amor de Jesus reconheceu seu derrota. E Jesus disse a Judas: “O que pretendes fazer, faze-o depressa.” Não tinha sentido atrasá-lo. Por que perder o tempo? Por que reiterar os chamados vãos nessa tensão crescente? Se era preciso fazê-lo, era melhor fazê-lo logo.

E os discípulos não o percebiam. Criam que Jesus mandava Judas fazer os acertos para a festa. Na páscoa era habitual que aqueles que possuíam bens os compartilhassem com aqueles que não tinham nada. Era o momento quando as pessoas davam aos pobres. Inclusive em nossa época, em algumas Igrejas é costume levar uma oferenda especial para os carentes nos cultos onde se celebra a Santa Ceia. De maneira que alguns discípulos pensaram que Jesus enviava Judas a dar a oferenda habitual aos pobres para que eles também pudessem celebrar a páscoa.

Quando Judas recebeu o bocado, Satanás entrou nele. É terrível comprovar que o que ocorreu como último chamado do amor se converteu no móbil do ódio. Isso é o que o demônio pode fazer. Pode tomar as coisas mais bonitas e torcê-las e deformá-las até que se convertem nos agentes do inferno. Pode tomar o amor e convertê-lo em luxúria; pode tomar a santidade e convertê-la em orgulho; pode tomar a disciplina e convertê-la em uma crueldade sádica; pode tomar o afeto e convertê-lo em uma complacência superficial. Devemos estar atentos

para que o demônio não fique a cargo das coisas belas de nossa vida e as use para seus próprios fins.

De maneira que Judas saiu e era de noite. João tem uma forma de usar as palavras que as faz aparecer prenhes de sentido. Era de noite pelo avançado da hora mas também havia outra noite. Sempre é de noite quando alguém se separa de Jesus para seguir seus próprios fins. Sempre é de noite quando o homem escuta o chamado do mal antes que o do bem, quando dá as costas a Jesus Cristo.

Se nos entregarmos a Cristo, caminhamos na luz; se lhe dermos as costas, saímos às trevas. Diante de nós aparece o caminho do amor e o das trevas. Que Deus nos dê sabedoria para fazer a escolha correta, porque o homem sempre se perde nas trevas.

A QUÁDRUPLA GLÓRIA

João 13:31-32

Esta passagem nos fala da quádrupla glória.

(1) Chegou a glória de Jesus: a cruz. Já desapareceu a tensão; dissiparam-se todas as dúvidas. Judas saiu e a cruz é uma certeza. A glória de Jesus era a cruz. Aqui nos encontramos com algo que constitui a própria essência da vida. A maior glória da vida é a que vem do sacrifício. Em qualquer luta, a glória suprema não pertence aos sobreviventes mas àqueles que entregaram suas vidas e não voltarão jamais. Como escrevesse Binyon:

Não envelhecerão como nós;
A idade não os cansará nem os condenarão os anos,
Quando o Sol se pôr e à manhã
Nós os recordaremos.

Não é aos médicos que construíram fortunas que a história da medicina recorda mas sim àqueles que entregaram sua vida para curar e

aliviar a dor dos homens. A história ensina uma lição muito simples: aqueles que fizeram grandes sacrifícios entraram na glória. A humanidade esquece o homem que teve êxito na vida mas nunca esquece o que fez sacrifícios.

(2) Em Jesus, Deus foi glorificado. A obediência de Jesus deu glória a Deus. Só há uma forma de demonstrar que se aprecia, admira-se e se confia em um líder: obedecendo-o, até o final amargo, se for necessário. A única maneira em que um exército pode honrar a um líder é obedecendo sua autoridade sem reticências. A única forma de honrar os pais é obedecendo-os. Jesus deu a glória e a honra supremas a Deus porque lhe deu a obediência suprema, uma obediência que chegou até a cruz.

(3) Em Jesus, Deus se glorifica a si mesmo. É uma noção estranha pensar que a glória suprema de Deus radica na Encarnação e na cruz. Não há glória comparável a de ser amado. Se Deus tivesse permanecido distante e majestoso, sereno e incombustível, se não se tivesse sentido afetado por nenhuma dor nem ferido por nenhuma tristeza, os homens poderiam tê-lo temido ou admirado, mas jamais o teriam amado. A lei do sacrifício não é só uma lei da Terra, é do céu e da Terra. A glória suprema de Deus se manifesta na Encarnação e na cruz.

(4) Deus glorificará a Jesus. Aqui está o outro lado desta questão. Nesse momento, a cruz era a glória de Jesus; mas havia algo mais: a ressurreição, a ascensão; o triunfo completo e final de Cristo que é o que o Novo Testamento evoca ao falar da Segunda Vinda de Cristo. Na cruz, Jesus encontrou sua própria glória: mas chegou o dia e ainda chegará quando essa glória se manifestará a todo mundo e ao universo inteiro. A reivindicação de Cristo deve seguir à humilhação de Cristo; sua entronização deve ser a contrapartida de sua crucificação; a coroa de espinhos deve converter-se em uma coroa de glória. A campanha é a da cruz mas o Rei entrará em um triunfo que todo mundo poderá ver.

A ORDEM DA DESPEDIDA**João 13:33-35**

Aqui Jesus estabelece o mandamento da despedida para seus discípulos. O tempo estava escasso, se tinham que escutar sua voz deviam fazê-lo agora. Partia em uma viagem no qual ninguém podia acompanhá-lo. Tomava um caminho que devia transitar a sós. E antes de partir lhes deu a ordem de que deviam amar-se uns aos outros como Ele os amou.

O que significa isto para nós e quanto a nossa relação com nosso próximo? Como amou Jesus a seus discípulos?

(1) Jesus amou a seus discípulos *sem egoísmo*. Até no mais nobre dos amores humanos há um resquício de egoísmo. É comum que pensemos, embora seja de maneira inconsciente, no que obteremos do amor. Pensamos na felicidade, a emoção que receberemos ou o vazio e a solidão que experimentaremos se o amor não recebe resposta ou fracassa. Pensamos com freqüência, ou possivelmente sempre: O que significará este amor para mim? Acontece com muita freqüência que o que buscamos por trás de todas as coisas é *nossa* própria felicidade. Jesus, pelo contrário, nunca pensava em si mesmo. Seu único desejo era dar-se a si mesmo e tudo o que tinha àqueles a quem amava. Seu único desejo era fazer algo por eles, algo que sabia que era o único que o podia fazer.

(2) Jesus amava a seus discípulos com um amor *sacrificial*. O que podia dar seu amor e as distâncias que podia percorrer não tinham limite. Nada do que lhe era pedido podia ser muito. Se o amor significava a cruz, Jesus estava disposto a enfrentá-la. Nós estamos acostumados a cometer um engano. Cremos que o amor deve nos proporcionar felicidade. Em última instância acontece assim, mas pode ser que nos acarrete dor e que implique uma cruz.

(3) Jesus amava a seus discípulos com um amor *pormenorizado*. Conhecia a fundo a seus homens. Conhecia todas as suas debilidades e, apesar delas, Ele os amava. Aqueles que nos amam em realidade são aqueles que conhecem nossos aspectos menos favoráveis e entretanto nos amam igualmente. Nunca chegamos a conhecer a fundo a uma pessoa até que não vivemos com ela. Quando só a vemos de maneira esporádica, não conhecemos mais que seus melhores aspectos. Só quando vivemos com alguém descobrimos suas manias, seu mau humor e seus pontos fracos. O mesmo acontece a outros conosco.

Jesus tinha vivido dia após dia com seus discípulos durante muitos meses. Conhecia tudo o que podia conhecer-se deles e continuava amando-os. Às vezes dizemos que o amor é cego. Mas isso não é certo, porque o amor cego só pode terminar em uma desilusão total e lamentável. O verdadeiro amor tem os olhos bem abertos. Não ama o que imagina sobre o outro mas o que este é realmente. Não ama uma parte da pessoa mas à pessoa em sua totalidade. Não toma o outro só nas boas mas também nas más. O coração de Jesus é o suficientemente grande para nos amar tal qual somos.

(4) Jesus amava a seus discípulos com *espírito de perdão*. O líder do grupo o trairia; todos o abandonariam e se afastariam dele quando os necessitasse. Durante o tempo que viveu na Terra como homem nunca o chegaram a entender totalmente. Eram cegos, insensíveis, lentos para aprender e incapazes de entender. No final, foram uns covardes. Mas não experimentou nenhum rancor para com eles. Não havia fracasso que não pudesse perdoar. O amor que não aprendeu a perdoar não pode fazer nada, exceto debilitar-se e morrer. Somos criaturas débeis e existe uma espécie de lei da natureza pela qual machucamos mais a quem mais amamos. E é por essa razão que qualquer amor verdadeiro deve construir-se sobre o sentimento de perdão porque se não existir o perdão está condenado à morte.

A LEALDADE VACILANTE**João 13:36-38**

Qual era a diferença entre Pedro e Judas? Judas traiu a Jesus, e Pedro, no momento de necessidade, negou-o até com juramentos e maldições. Entretanto, enquanto o nome de Judas está carregado de um sentimento inconfessável, em Pedro há algo imensamente amoroso. A diferença é a seguinte: A traição de Judas foi absolutamente deliberada. Levou-a a cabo a sangue frio; deve ter sido o resultado de um plano e um esquema cuidadosos. No final, rechaçou com plena consciência e sem nenhum reparo o chamado mais penetrante. Pelo contrário, por parte de Pedro jamais houve algo menos premeditado que a negação de Jesus. Jamais se propôs fazer algo semelhante. Viu-se impulsionado por um instante de debilidade. Por um momento, sua vontade foi muito fraco, mas o coração sempre apontava rumo à direção correta. A diferença entre Judas e Pedro é que o pecado do primeiro foi algo premeditado enquanto que o do segundo foi o resultado de um momento de debilidade e provocou um arrependimento que durou toda a vida.

Sempre há uma diferença entre um pecado que se calcula com frieza e premeditação e aquele que se apropria do homem contra sua vontade em um momento de debilidade ou paixão. Sempre existe uma diferença entre o pecado que sabe o que faz e aquele que se comete quando o homem está tão debilitado ou tão possuído pela paixão que não é consciente de seus atos. Que Deus nos proteja de ferir com premeditação a Ele ou àquelas pessoas que nos amam!

Há algo muito bonito na relação entre Jesus e Pedro. Ninguém conheceu melhor outra pessoa do que Jesus conheceu Pedro.

(1) Conhecia-o em todos os seus pontos débeis. Conhecia sua precipitação; sua instabilidade. Sabia que Pedro tinha o costume de falar com o coração antes de pensar o que ia dizer. Conhecia muito bem a força da lealdade de Pedro e a debilidade de suas resoluções. Jesus conhecia Pedro tal qual era.

(2) Conhecia todo o amor de Pedro. Sabia que, fizesse o que fizesse, Pedro o amava. Se só pudéssemos entender isso! Às vezes as pessoas nos machucam, falha-nos, fere-nos ou nos desilude. Se pudéssemos entender que quando alguém age desse modo está fora de si. A pessoa autêntica não é a que nos fere ou falha conosco, mas a que nos ama. O essencial não é sua falha mas o seu amor. Jesus sabia isso a respeito de Pedro. Evitaríamos muitos desgostos e muitos abismos trágicos se pudéssemos recordar o amor essencial e esquecer o fracasso momentâneo.

(3) Jesus não só sabia como era Pedro mas também como podia chegar a ser. Sabia que nesse momento, Pedro não o podia seguir, mas estava seguro de que chegaria o dia quando Pedro também empreenderia o caminho vermelho rumo ao martírio. A grandeza de Jesus consiste em que vê o lado heróico até no mais covarde. Não vê em nós somente aquilo que somos mas aquilo no qual nos pode converter. Jesus possui o amor que lhe permite ver o que podemos ser e o poder que lhe permite nos impulsionar a sê-lo.

João 14

[A promessa de glória - 14:1-3](#)

[A promessa de glória - 14:1-3 \(cont.\)](#)

[O caminho, a verdade e a vida - 14:4-6](#)

[A visão de Deus - 14:7-11](#)

[A visão de Deus - 14:7-11 \(cont.\)](#)

[As promessas tremendas - 14:12-14](#)

[O Consolador prometido - 14:15-17](#)

[O caminho rumo à fraternidade e à revelação - 14:18-24](#)

[Os dons do Espírito - 14:25-31](#)

A PROMESSA DE GLÓRIA**João 14:1-3**

Em muito poucos instantes se derrubaria a vida dos discípulos. O Sol se poria ao meio-dia e seu mundo cairia no caos. Nesse momento, só se podia fazer uma coisa: confiar em Deus com todas as forças. Como disse o salmista: “Eu creio que verei a bondade do SENHOR na terra dos viventes.” (Salmo 27:13). “Pois em ti, SENHOR Deus, estão fitos os meus olhos: em ti confio; não desampares a minha alma.” (Salmo 141:8).

Há momentos quando temos que crer apesar de que não podemos comprovar o que cremos e temos que aceitar o que não compreendemos. Se inclusive nas horas mais terríveis cremos que, de algum modo, há um objetivo na vida e que esse objetivo é o amor, até o mais insuportável se faz suportável e na escuridão mais extrema se percebe uma luz. Mas Jesus acrescenta algo. Jesus não se limita a dizer, “Credes em Deus”. mas diz também: “Crede também em mim.” Se ao salmista pôde crer na bondade última de Deus, quanto mais fácil é para nós. Pois Jesus é a prova de que Deus está disposto a nos dar tudo o que tem. Como o Paulo o expressou: “Aquele que não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura, não nos dará graciosamente com ele todas as coisas?” (Romanos 8:32).

Se crerem que Deus é como Jesus nos disse, se crerem que em Jesus vemos a imagem de Deus, perante esse amor esmagador se faz, não fácil, mas ao menos possível, aceitar até o que não podemos entender e manter uma fé serena nas tormentas da vida.

Jesus continuou dizendo: “Na casa de meu Pai há muitas moradas.” Ao falar da casa de seu Pai se referia ao céu. Mas o que quis dizer ao falar das muitas moradas no céu? A palavra que se emprega para designar *moradas* é *monai*. São dadas três sugestões.

(a) Os judeus afirmavam que no céu há diferentes graus ou níveis de beatitude que se darão aos homens segundo sua bondade e sua fidelidade na Terra. No *Livro dos segredos de Enoque* diz: "No mundo

por vir há muitas mansões preparadas para os homens: boas para os bons, más para os maus". Segundo essa imagem podemos comparar o céu com um palácio imenso que tem muitas habitações. A cada um lhe atribui a habitação que mereceu segundo a vida que levou.

(b) O escritor grego Pausanias emprega a palavra *monai* no sentido de *estágios no caminho*. Se isso for o que significa nesta passagem, quer dizer que há muitas etapas no caminho que conduz ao céu e que até no céu existe o progresso, o desenvolvimento e o adiantamento.

Pelo menos alguns dos grandes pensadores cristãos dos primeiros tempos criam nesta acepção. Um deles era Orígenes. Dizia que quando alguém morria, sua alma ia a um lugar chamado Paraíso, que está na Terra. Ali recebia ensinamentos e preparações e, quando o merecia e estava preparado para fazê-lo, a alma subia ao ar. Logo passava por vários estágios, *monai*, que os gregos chamavam *esferas* e às quais os cristãos deram o nome de *céus*, até que por fim chegava ao reino celestial. Ao fazer tudo isto, a alma copiava a Jesus que, como disse o autor de Hebreus: "penetrou os céus" (Hebreus 4:14).

Irineu faz referência a certa interpretação da frase que diz que a semente que se semeia às vezes produz cem, outras sessenta e outras trinta por um (Mateus 13:8). A colheita era diferente e portanto também o era a recompensa. Alguns homens serão considerados dignos de passar toda a eternidade na presença de Deus; outros ressuscitarão no Paraíso e outros se farão cidadãos de "a cidade".

Clemente de Alexandria cria que havia graus de glória, recompensas e estágios segundo o grau de santidade que tinha alcançado cada homem durante sua vida na Terra. Aqui há algo muito atrativo. Em certo sentido, a alma rechaça a idéia do que poderíamos denominar um céu estático. Há algo interessante na idéia de um progresso, de um desenvolvimento que continua inclusive nos lugares celestiais. Para dizê-lo em termos puramente humanos e inadequados, às vezes pensamos que nos sentiríamos esmagados com muito esplendor se ingressássemos imediatamente à presença de Deus. Sentimos que, até no próprio céu,

precisaríamos nos limpar, nos purificar e receber alguma ajuda antes de nos defrontar com a glória maior. Ninguém saberá se estas idéias são corretas ou não, mas tampouco há quem pode afirmar que estão proibidas.

(c) Entretanto, pode ser que o significado destas palavras seja muito simples e valioso: “Na casa de meu Pai há muitas moradas.” Pode significar que no céu há lugar para todos. Qualquer casa da Terra se pode encher muito, uma estalagem pode ter que rechaçar a algum viajante esgotado porque carece de lugar. Isto não acontece com a casa de nosso Pai, porque o céu é tão vasto como o coração de Deus e há lugar para todos. De maneira que o que Jesus dizia a seus amigos era o seguinte: “Não temam. Os homens possivelmente lhes fechem as portas mas jamais os expulsarão do céu.”

A PROMESSA DE GLÓRIA

João 14:1-3 (continuação)

Esta passagem também inclui outras grandes verdades.

(1) Fala-nos da honestidade de Jesus. Ele disse: “Se assim não fora, eu vo-lo teria dito.” Ninguém pode afirmar que o enganaram com promessas falsas para que se convertesse ao cristianismo. Jesus falou com toda franqueza aos homens sobre o adeus que o cristão deve dar à comodidade (Lucas 9:57-58). Falou-lhes sobre as perseguições, o ódio, os castigos que deveriam suportar (Mateus 10:16-22). Advertiu-os a respeito da cruz iniludível que deveriam carregar (Mateus 16:24). Mas também lhes falou sobre a glória final do caminho cristão. Jesus falou aos homens com franqueza e honestidade a respeito do que podiam esperar quanto a glória e dor se eles se propunham segui-lo. Não era um líder que tentava enrolar os homens, prometendo um caminho fácil; buscava desafiá-los para que obtivessem a grandeza.

(2) Fala-nos sobre a função de Jesus. “Pois vou preparar-vos lugar.” Uma das noções principais do Novo Testamento é que Jesus vai adiante

para que nós o sigamos. Abre um caminho que podemos tomar e seguir os seus passos.

Uma das palavras mais importantes que se empregam para descrever a Jesus é *pródromos* (Hebreus 6:20). A versão Almeida Atualizada (1995) a traduz como *precursor*. Esta palavra tem dois usos que podem iluminar a imagem. No exército romano, os *pródromos* eram as tropas de reconhecimento. Foram na frente do grosso da tropa para queimar o atalho e assegurar-se de que as tropas podiam seguir por ele sem perigo. Era muito difícil aproximar-se do porto de Alexandria. Quando chegavam os grandes barcos trigueiros, enviava-se um pequeno bote piloto para guiá-lo. Ia diante dos barcos e estes o seguiam com o passar do canal até chegar às águas que não apresentavam nenhum risco. Esse bote piloto se chamava *pródromos*. Ia adiante para que outros pudessem segui-lo sem perigo. Isso foi o que fez Jesus. Abriu o caminho que leva a céu e a Deus para que nós possamos seguir seus passos.

(3) Fala-nos sobre a vitória final de Jesus. Disse: "Virei outra vez". Esta é uma referência muito clara à Segunda Vinda de Jesus. Trata-se de uma doutrina que, em grande medida, desapareceu do pensamento e da pregação cristãos. O que é estranho a respeito dela é que os cristãos assumem duas posições opostas com referência à Segunda Vinda: ou a ignoram por completo ou não pensam em outra coisa. É certo que não podemos predizer quando acontecerá; também é muito certo que não podemos dizer o que acontecerá ao chegar esse momento. As mesmas extravagâncias nas quais se incorreu ao calcular o momento e a época e ao descrever os acontecimentos que se desenvolveriam na Segunda Vinda têm feito com que as pessoas a deixassem de lado como uma idéia própria de fanáticos. Mas há algo indubitável: a história tem uma direção. A história é necessariamente incompleta se não tem um fim e um momento culminante. Deve ter uma consumação e essa consumação deve ser o triunfo de Jesus Cristo. E o que Jesus promete é que o dia de sua vitória dará as boas-vindas a seus amigos.

(4) Jesus disse: "... para que, onde eu estou, estejais vós também". Esta é uma verdade muito profunda expressa com a maior simplicidade. Para o cristão, o Céu é o lugar onde está Jesus. Não temos por que especular a respeito de como será o céu. Basta saber que estaremos com Ele para sempre. Quando amamos a alguém de todo nosso coração, a vida começa quando estamos com essa pessoa; só em sua companhia vivemos verdadeiramente. Isso é o que acontece com Cristo. Nosso contato com Ele neste mundo se faz nas sombras, porque só o vemos através de um vidro escuro. É espasmódico, porque somos criaturas débeis e não podemos viver sempre nas cúpulas. A melhor definição de *Céu* quer dizer que é esse estado no qual estaremos sempre com Jesus e nada nos voltará a separar dEle.

O CAMINHO, A VERDADE E A VIDA

João 14:4-6

Jesus disse várias vezes a seus discípulos para com onde se dirigia mas, de algum modo, ainda não o tinham compreendido. Disse: "Ainda por um pouco de tempo estou convosco e depois irei para junto daquele que me enviou." (João 7:33). Disse-lhes que ia para o Pai que o enviou e com quem era um; entretanto, os discípulos ainda não entendiam o que sucedia. Menos ainda podiam entender o caminho pelo qual transitava Jesus, porque esse caminho era a cruz. Neste momento, os discípulos eram homens afligidos e incapazes de compreender. Havia um entre eles que jamais podia dizer que entendia algo quando não era certo: esse homem era Tomé. Era um homem muito honesto e que fazia as coisas muito a sério para ficar satisfeito com expressões vagas e piedosas. Tinha que estar seguro. De maneira que Tomé expressou suas dúvidas e sua incapacidade para entender e o maravilhoso é que a pergunta de um homem que duvidava provocou uma das coisas mais importantes que Jesus disse em toda sua vida. Ninguém deve envergonhar-se de suas

dúvidas porque há uma verdade surpreendente e bendita: aquele que busca encontrará.

Jesus disse a Tomé: "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida". Para nós é uma frase muito profunda, mas o seria em maior medida para o judeu que a ouvia pela primeira vez. Nessas palavras, Jesus tomou três das concepções principais da religião judia e fez a tremenda afirmação de que nele as três alcançavam sua realização e expressão totais.

Os judeus falavam muito sobre o *caminho* que deviam tomar os homens e os *caminhos* de Deus. Deus disse a Moisés: "Cuidareis em fazerdes como vos mandou o SENHOR, vosso Deus; não vos desviareis, nem para a direita, nem para a esquerda. Andareis em todo o *caminho* que vos manda o SENHOR, vosso Deus" (Deuteronômio 5:32-33). Moisés disse ao povo: "Sei que, depois da minha morte, por certo, procedereis corruptamente e vos desviareis do *caminho* que vos tenho ordenado" (Deuteronômio 31:29). Isaías havia dito: "Os teus ouvidos ouvirão atrás de ti uma palavra, dizendo: Este é o *caminho*, andai por ele." (Isaías 30:21). No mundo novo haveria uma estrada chamada o *Caminho de Santidade*. Nela, os caminhantes, por simples que fossem suas almas, não se extraviariam (Isaías 35:8). O salmista orou: "Ensina-me, SENHOR, o teu *caminho*" (Salmos 27:11). Os judeus sabiam muito sobre o caminho de Deus que o homem devia seguir. E Jesus disse: "Eu sou o caminho".

O que quis dizer com essas palavras? Suponhamos que estamos em uma cidade estranha e pedimos indicações. Suponhamos que nosso guia nos diz: "Tome a primeira rua à direita e a segunda à esquerda. Cruze a praça, passe na frente da Igreja e dobre na terceira quadra à direita; o caminho que você busca é o quarto à esquerda". Se nos disser isso, o mais provável é que nos percamos na segunda quadra. Mas suponhamos que a pessoa a quem lhe fazemos a pergunta nos diz: "Venha. Eu o levarei até ali". Nesse caso, a pessoa que nos leva é o caminho e não nos podemos perder. Isso é o que Jesus faz por nós. Não se limita a nos dar conselhos e indicações. Pega-nos pela mão e nos guia, caminha conosco,

fortalece-nos, conduz-nos e nos dirige todos os dias de nossa vida. Não nos fala sobre o caminho, Ele é o caminho.

Jesus disse: "Eu sou a verdade". O salmista disse: "Ensina-me, SENHOR, o teu caminho, e andarei na tua *verdade*" (Salmo 86:11). "Pois a tua benignidade, tenho-a perante os olhos e tenho andado na tua *verdade*" (Salmo 26:3). "Escolhi o caminho da *verdade*" (Salmo 119:30, RC). Há muitos que nos disseram a verdade, mas nenhum foi a encarnação da verdade.

Há algo fundamental a respeito da verdade moral. A personalidade do homem que ensina a verdade acadêmica ou científica não afeta muito a sua mensagem. A personalidade não tem maior peso quando se busca ensinar geometria, astronomia ou os verbos latinos. Pelo contrário, se alguém se propõe ensinar a verdade moral, sua personalidade é essencial. Um adúltero que prega a necessidade da pureza, uma pessoa egoísta que prega o valor da generosidade, uma pessoa dominante que ensina a beleza da humildade, uma criatura irascível que prega a beleza da serenidade, uma pessoa amargurada que prega a beleza do amor estão condenadas a não ter êxito. A verdade moral não se pode transmitir unicamente em palavras, deve-se transmiti-la com o exemplo. E ali é onde falha grandemente até o mais excelso dos professores humanos.

Nenhum professor foi jamais a encarnação de seus ensinamentos, com exceção de Jesus. Muitos homens poderiam dizer: "Ensinei-lhes a verdade." Jesus era o único que podia afirmar: "Eu sou a verdade." O tremendo a respeito de Jesus não é que a *afirmação* da perfeição moral encontra sua cúspide nele, embora isso seja certo, mas sim o *fato* da perfeição moral se vê realizada nele.

Jesus disse: "Eu sou a vida". O autor dos Provérbios disse: "Porque o mandamento é lâmpada, e a instrução, luz; e as repreensões da disciplina são o caminho da *vida*" (Provérbios 6:23). "O caminho para a *vida* é de quem guarda o ensino" (Provérbios 10:17). "Tu me farás ver os caminhos da *vida*", disse o salmista (Salmos 16:11). Em última instância, o homem sempre busca a vida. O que querem os homens é encontrar

aquilo que faça que a vida mereça a pena vive. Um novelista faz dizer a um de seus personagens, que se apaixonou: "Nunca soube o que era a vida até que a vi em seus olhos." O amor havia trazido a vida. Isso é o que faz Jesus. A vida com Jesus merece viver-se; é vida autêntica.

E há uma maneira de expressar tudo isto. "Ninguém vem ao Pai", disse Jesus, "senão por mim". Jesus é o único caminho que conduz a Deus. Só nele vemos como é Deus, temos acesso a Deus. Ele é o único que pode mostrar Deus aos homens e o único que pode conduzir aos homens à presença de Deus sem temor nem vergonha.

A VISÃO DE DEUS

João 14:7-11

Pode ser que esta tenha sido a coisa mais esmagadora que Jesus disse segundo a interpretação do mundo antigo. Para os gregos Deus era, por definição, *o invisível*. Para o judeu era um artigo de fé que ninguém jamais viu a Deus. Jesus se dirigiu a pessoas que pensavam desse modo dizendo: "Se vós me tivésseis conhecido, conheceríeis também a meu Pai." Então Filipe pediu algo que deve ter considerado como um impossível. Possivelmente pensava naquele dia grandioso quando Deus revelou sua glória a Moisés (Êxodo 33:12-23). Mas inclusive naquele grande dia, Deus havia dito a Moisés: "Tu me verás pelas costas; mas a minha face não se verá". Na época de Jesus os homens estavam oprimidos e fascinados pelo que se denomina a transcendência de Deus. Sentiam-se esmagados pela idéia da diferença e a distância entre Deus e o homem. Jamais teriam ousado pensar que podiam ver a Deus. Nesse contexto, Jesus diz com toda simplicidade: "Quem me vê a mim vê o Pai" Ver Jesus é ver como é Deus. Um autor contemporâneo disse que Lucas havia "domesticado a Deus" em seu Evangelho. Quis dizer que Lucas nos mostra a Deus, em Jesus, tomando parte e compartilhando as coisas mais íntimas e cotidianas.

Quando vemos Jesus podemos dizer: "Este é Deus tomando sobre si e vivendo nossa vida". Se for assim, e o é, podemos dizer as coisas mais valiosas a respeito de Deus.

(1) Deus entrou em um lar e em uma família singela. Como o expressou de maneira formosa Francis Thompson em *Ex Ore Infantum*:

Menino Jesus: foste tímido
alguma vez e tão pequeno como eu?
e como te sentias ao estar
fora do Céu e ser como eu?

Qualquer habitante do mundo antigo teria pensado que se Deus chegava a vir a este mundo Ele o faria como um rei, num grande palácio, com todo o poder, a majestade e a força que, aos olhos do mundo, conforma a grandeza. Como escreveu George Macdonald:

Todos buscavam um rei
Para matar a seus inimigos e lhes dar glória:
Vieste tu, um bebê pequeno,
Que fez chorar a uma mulher.

Segundo as palavras da canção infantil:

Houve um cavaleiro em Belém
Cujo poder foram lágrimas e tristezas;
Seus homens armados foram ovelhinhas,
Suas trombetas, andorinhas.

Em Jesus, Deus santificou uma vez para sempre o nascimento humano, o lar humilde da gente simples e a infância.

(2) Deus não se envergonhava de fazer a tarefa de um homem. Deus entrou em mundo como um trabalhador. Jesus era o carpinteiro de Nazaré. Nunca chegaremos a compreender totalmente a maravilha que significa o fato de que Deus compreende nosso trabalho cotidiano. Conhece o problema de fazer o dinheiro ser suficiente, o incômodo do cliente mal-humorado e do que não paga as contas. Sabe tudo o que

significa viver em uma casa singela com uma família numerosa e cada um dos problemas que nos acoosam em nosso trabalho de cada dia. Segundo o Antigo Testamento, o trabalho é uma maldição. Segundo o velho relato, a maldição que recebeu o homem por seu pecado no Paraíso foi: “No suor do rosto comerás o teu pão” (Gênesis 3:19). Entretanto, no Novo Testamento, o trabalho está tingido de glória porque foi tocado pela mão de Deus.

(3) Deus sabe o que significa uma tentação. O extraordinário a respeito da vida de Jesus é que não nos mostra a serenidade mas a luta de Deus. Qualquer um poderia imaginar um Deus que vivesse em uma serenidade e uma paz que estivessem livres das tensões deste mundo: Jesus, pelo contrário, mostra-nos um Deus que passa pela luta eterna pela qual todos devemos passar. Deus não é como um comandante que dá suas ordens atrás das linhas de fogo: Ele também conhece as linhas de batalha da vida.

(4) Em Jesus vemos a Deus amando. Quando o amor entra na vida o faz acompanhado pela dor. Se pudéssemos nos libertar por completo da tristeza e da dor humanas, se pudéssemos organizar a vida de maneira tal que nada nem ninguém nos afetasse, não existiria nada semelhante à dor, à tristeza e à ansiedade. Mas em Jesus vemos um Deus que se preocupa com intensidade, que se desvela pelos homens, sente profundamente com eles e por eles, ama-os até que em seu coração aparecem as feridas do amor.

(5) Em Jesus vemos a Deus sobre uma cruz. Não há nada no mundo que seja tão incrível como isto. É fácil imaginar um Deus que condena os homens: mais fácil ainda imaginar um Deus que queima os homens e que, se se opõem, elimina-os. Ninguém teria sonhado jamais com um Deus que, em Jesus Cristo, escolheu a cruz por nós e por nossa salvação.

“Quem me vê a mim vê o Pai”. Jesus é a revelação de Deus e essa revelação deixa a mente do homem esmagada e surpreendida em um sentimento de maravilha, amor e adoração.

A VISÃO DE DEUS**João 14:7-11 (continuação)**

Não obstante, Jesus diz algo mais. Havia algo que nenhum judeu nunca deixaria de ter claro: a absoluta solidão de Deus. Os judeus eram monoteístas inamovíveis. Um perigo da fé cristã é que situamos a Jesus como uma espécie de Deus secundário. Mas Jesus continuou falando. Insiste que as coisas que disse e fez não surgiram de sua própria iniciativa, poder ou conhecimento, mas sim de Deus. Suas palavras eram a voz de Deus que falava com os homens; suas ações eram o poder de Deus que fluía através dele para os homens. Foi o canal pelo qual Deus chegou aos homens. Tomemos uma analogia muito singela e imperfeita. Há dois exemplos que nos ajudarão: provêm da relação entre o estudante e o professor.

Ao referir-se ao grande pregador cristão, A. B. Bruce, o Dr. Lewis Muirhead disse que o povo "ia ver nesse homem a glória de Deus." Qualquer professor tem a responsabilidade de transmitir uma parte da glória de seu tema àqueles que o ouvem e aquele que ensina sobre Jesus Cristo pode, se for o suficientemente santo, transmitir a visão e a presença de Cristo àqueles que o ouvem e àqueles que convivem com ele. Isso foi o que fez A. B. Bruce por seus alunos e, em uma medida imensamente maior, foi o que fez Jesus. Transmitiu a glória e o amor de Deus aos homens. Mas há outra analogia.

Um grande professor deixa uma marca própria em seus alunos. W. M. Macgregor foi discípulo do A. B. Bruce. Em suas memórias de W. M. Macgregor, A. J. Gossip nos diz que "quando se correu o rumor que Macgregor pensava abandonar o púlpito para fazer-se acusação dou uma cadeira a gente se perguntou por que, com grande surpresa. Macgregor respondeu com modéstia que tinha aprendido algumas coisas de Bruce e que desejava as transmitir a outros."

O reitor John Cairns escreveu a seu professor, Sir Williams Hamilton: "Não sei que vida ou que vidas o destino me proporciona, mas

sim sei algo: até o fim de meus dias levarei o sinal que você deixou em mim."

Em algumas oportunidades, quando um estudante de teologia foi formado por um grande pregador por quem sentia uma profunda avaliação, podemos ver algo do professor em seu discípulo e ouvimos algo de sua voz. Às vezes a gente diz: "Se fechar os olhos, parece que se ouve a seu professor." Jesus fez algo disso com respeito a Deus, só que em uma medida imensamente maior. Trouxe para os homens o acento, a mensagem, a mente e o coração de Deus. Convém que recordemos de vez em quando, *devemos* fazê-lo, que todo isso provém de Deus. Jesus não escolheu fazer uma expedição ao mundo. Não o fez para abrandar o coração endurecido de Deus. Veio à Terra porque Deus o enviou, porque Deus amou tanto o mundo. Atrás de Jesus e nele está Deus.

E, ato seguido, Jesus fez uma afirmação e propôs uma prova; tratava-se de duas coisas que sempre afirmava e oferecia. A afirmação de Jesus se baseava em duas coisas: suas *palavras* e suas *obras*.

(1) Pedia que fosse provado pelo que *dizia*. É como se tivesse dito: "Quando me ouvem vocês não de dão conta imediatamente que o que lhes digo é a verdade de Deus?" As palavras de qualquer gênio sempre são sua própria prova. Quando lemos um grande poema na maioria dos casos não podem dizer por que é excelente e por que nos arrebatava o coração. É certo que podemos analisar os sons e coisas por estilo, mas sempre fica algo que resiste a toda análise e que, apesar disso, reconhece-se imediatamente e com suma facilidade. O mesmo acontece com as palavras de Jesus. Quando as ouvimos não podemos evitar pensar: "Se o mundo vivesse segundo esses princípios, que diferente seria. Se eu vivesse segundo essas linhas, que distinto seria".

(2) Pediu que o provasse por suas *obras*. Disse a Filipe: "Se não pode crer em mim pelo que digo, sem dúvida deve reconhecer o que posso fazer para convencê-lo." Essa foi a mesma resposta que Jesus enviou a João. Este tinha mandado mensageiros para perguntar se Jesus era o Messias ou se deviam buscar a outro. A resposta de Jesus foi muito

simples. "Voltem", disse, "e digam a João o que acontece: isso o convencerá" (Mateus 11:1-6). A prova de que Jesus é quem é é sua capacidade para curar o corpo e a mente doentes. Ninguém jamais conseguiu converter o homem mau em uma pessoa boa.

Jesus disse a Filipe: "Ouça-me! Olhe para mim! E creia!" Até o dia de hoje, esse é o caminho que conduz à fé cristã. Não se busca discutir a respeito de Jesus mas sim de ouvi-lo e olhar para Ele. Se o fizermos, o mero impacto pessoal que terá sobre nós nos obrigará a crer.

AS PROMESSAS TREMENDAS

João 14:12-14

Seria impossível encontrar duas promessas que superem as que aparecem nesta passagem. Não obstante, sua índole é tal que devemos buscar compreender o que significam e o que prometem. A menos que entendamos seu sentido a experiência da vida sempre nos defraudará.

(1) Em primeiro lugar, Jesus disse que chegaria o dia quando seus discípulos fariam o que Ele tinha feito e que inclusive fariam obras superiores. O que quis dizer Jesus com essas palavras?

(a) É um fato certo que, na primeira época, a Igreja primitiva tinha o poder de curar os doentes. Entre os dons que tinham as pessoas, Paulo inclui o de curar (1 Coríntios 12:9,28,30). Tiago estabelece que quando qualquer cristão estivesse doente, os anciãos deviam rogar por ele e ungi-lo com óleo (Tiago 5:14). Entretanto, é evidente que esse não foi todo o sentido das palavras de Jesus. Embora é certo que a Igreja primitiva fez as mesmas coisas que Jesus fez, não se pode dizer, sem dúvida alguma, que fez coisas maiores pois isso seria algo impossível.

(b) É um fato real que, com o transcurso do tempo, o homem aprendeu a controlar cada vez mais enfermidades. O clínico e o cirurgião de nossos dias têm poderes que para o mundo antigo eram milagrosos e até divinos. O cirurgião com suas novas técnicas e o clínico com seus tratamentos e suas drogas milagrosas podem efetuar as curas mais

surpreendentes. Ainda fica um longo trecho para transitar mas se derrubou uma após outra fortalezas de dor e enfermidades e os inimigos físicos do homem se renderam.

Agora, o essencial de tudo isto é que aconteceu pelo poder e a influência de Jesus Cristo. Por que teriam que tratar os homens de salvar os fracos, os doentes e os moribundos, aqueles cujos corpos estão destroçados e suas mentes em trevas? Sob o regime do Hitler se eliminava essa gente. Pelo contrário, os médicos mais eminentes de diferentes países se opõem com esforço à eutanásia. Como se explica que homens capazes e sábios se sentiram movidos, e até persuadidos, a dedicar seu tempo e suas forças, a arruinara a saúde e às vezes até a entregar suas vidas para descobrir a forma de curar enfermidades e de aliviar a dor? A resposta é que, embora não fossem conscientes disso, Jesus lhes falava por meio de seu Espírito: "Tenho que ajudar e curar estas pessoas. Deve fazê-lo. Não pode permitir que a dor avance e não receba ajuda. Seu dever, sua tarefa e sua responsabilidade é fazer tudo o que possa por eles." O Espírito de Jesus é quem esteve por trás da conquista da enfermidade. É certo que na atualidade os homens podem fazer coisas que ninguém teria sonhado nos tempos de Jesus.

(c) Apesar de tudo, ainda não chegamos ao significado desta passagem. Pensemos no que Jesus tinha *feito concretamente* durante os dias que viveu na Terra. Nunca tinha pregado fora da Palestina. Sua voz jamais tinha saído a todo mundo dos homens. Durante sua vida. Europa não tinha ouvido o evangelho. Fosse qual fosse a realidade da Palestina, Jesus nunca teve que enfrentar pessoalmente a situação de degeneração moral que apresentava Roma. Até os inimigos de Jesus na Palestina eram homens religiosos. Os fariseus e os escribas tinham entregue suas vidas à religião, tal como eles a viam, e jamais se duvidou de que reverenciavam e praticavam a pureza. Não foi durante a vida de Jesus quando o cristianismo saiu a um mundo no qual não se dava a menor importância ao laço matrimonial, onde o adultério nem sequer era um pecado formal,

um mundo dominado pela homossexualidade e no qual o vício proliferava como uma selva tropical.

Os primeiros cristãos foram a esse mundo. Esse foi o mundo que ganharam para Cristo. Quando se falava de números, extensões e mudanças de poder, os triunfos da mensagem da cruz superavam aos de Jesus durante seus dias na Terra. Jesus fala sobre a recriação moral, a vitória espiritual. E diz que tudo isto acontecerá porque Ele vai ao Pai. O que quer dizer com isso? Significa o seguinte: durante os dias que viveu neste mundo estava limitado a Palestina. Uma vez que morreu e ressuscitou ficava liberto das limitações da carne e seu Espírito podia operar de maneira poderosa em qualquer parte. Justamente porque foi ao Pai, seu Espírito ficava livre para operar com poder em todo mundo.

Em sua segunda promessa, Jesus diz que qualquer oração que se ofereça em seu nome receberá resposta. Isto é algo que devemos entender com a maior clareza. Vejamos com atenção o que Jesus disse. Não disse que *todas* nossas orações receberiam resposta. Disse que a receberiam aquelas orações *feitas em seu nome*. A maneira de provar qualquer oração é perguntar-se: Posso fazer esta oração em nome de Jesus? Ninguém poderia orar, por exemplo, para obter uma vingança pessoal, uma ambição, um desejo de superar a outro, a algum ser indigno, anticristão e oposto a Cristo, no nome de Jesus.

Quando oramos, sempre devemos perguntar: Posso orar, com honestidade, *em nome de Jesus?* ou Estou pedindo isto empurrado por meus próprios desejos, fins e ambições? A oração que resiste esta prova e aquela que no final diz: "Faça-se sua vontade", sempre receberá resposta. Pelo contrário, a oração que se baseia sobre o egoísmo não pode pretender ser escutada porque se faz em nome próprio e não no de Jesus.

O CONSOLADOR PROMETIDO**João 14:15-17**

Para João há uma só forma de provar o amor: a obediência. Jesus demonstrou seu amor a Deus mediante sua obediência. Nós devemos mostrar nosso amor por Jesus mediante essa mesma obediência.

C. K. Barrett diz: "João nunca permitiu que o amor se convertesse em um sentimento ou uma emoção. Sua expressão sempre é moral e se revela na obediência." Sabemos muito bem que sempre há pessoas que juram seu amor com palavras e empregam as ações exteriores do amor mas que, ao mesmo tempo, infligem dor e destroçam o coração daquelas pessoas a quem dizem amar. Há meninos e jovens que afirmariam com toda certeza que amam a seus pais mas que, apesar disso, causam-lhes dor e ansiedade. Há maridos que asseguram amar a suas esposas e esposas que dizem amar a seus maridos mas que, mediante sua falta de consideração e sua irritabilidade fazem sofrer a seu casal. Para Jesus, o amor autêntico não é algo fácil. O verdadeiro amor só se mostra na obediência real. E, como resultado disso, o que os homens denominam amor não o é, pois o amor genuíno é o menos comum do mundo.

É óbvio que este amor que se manifesta na obediência não é algo fácil. Mas Jesus não permitiria que lutássemos com a vida cristã a sós. Ele nos enviaria outro *Consolador*. Esta é uma palavra que não tem tradução. O termo grego é *parakletos*. A Versão Almeida Atualizada (1995) traduz como *Consolador*. Embora o tempo e o uso a elogiaram, não é uma boa tradução. Moffatt o traduz como *Ajudante*. (A Bíblia de Jerusalém escreve *Paráclito*.)

Só quando examinamos em detalhe esta palavra *parakletos* percebemos parte da riqueza da doutrina do Espírito Santo. Este termo significa *alguém a quem se chama*. Não obstante, o que lhe confere as associações que a distinguem são as razões pelas quais se chama a essa pessoa. Os gregos empregavam esta palavra de maneiras muito variadas. Um *parakletos* podia ser uma pessoa a quem se *chamava para dar*

testemunho a favor de alguém em um tribunal; podia tratar-se de um advogado a quem se *chamava para* defender uma causa quando o acusado tinha possibilidades de receber uma pena muito grave; podia ser um perito a quem se *chamava para* aconselhar sobre alguma situação difícil. Podia ser uma pessoa a quem se *chamava* quando um batalhão de soldados se sentia deprimido e descoroçoado e lhe pedia que os alentasse e lhes infundisse coragem. Em todos os casos, um *parakletos é alguém a quem se chama para prestar ajuda* quando a pessoa que o convoca tem problemas, está sumido na tristeza, na dúvida ou na confusão.

Agora, durante algum tempo a palavra *Consolador* era uma tradução excelente. De fato, remonta-se até Wicliffe que foi o primeiro a empregá-la. Mas em seus dias tinha um sentido muito mais rico do que lhe damos agora. Este termo provém da palavra latina *fortis* que significa *valente*: o consolador era alguém que conseguia fazer com que alguma criatura desconsolada adquirisse coragem. Na atualidade, a palavra se relaciona quase exclusivamente com a tristeza e a dor. O consolador é alguém que nos compreende quando estamos tristes ou desalentados. Sem dúvida alguma, o Espírito Santo cumpre esse papel mas limitá-lo a essa função implica minimizá-lo. Temos uma frase moderna que empregamos com freqüência. Dizemos que podemos *enfrentar* as coisas. Essa é justamente a tarefa do Espírito Santo. O Espírito vem a nós, tira o que é inadequado e nos permite enfrentar a vida. O Espírito Santo substitui a vida derrotada por uma vida vitoriosa.

De maneira que o que diz Jesus é o seguinte; "Encomendo-lhes uma tarefa dura e lhes comprometo em um pouco muito difícil. Mas lhes enviarei a alguém, o *parakletos*, que lhes mostrará o que devem fazer e lhes fará capazes de enfrentar a batalha da verdade." Entretanto, Jesus seguiu dizendo que o mundo não pode reconhecer ao Espírito. Ao falar do mundo, João se refere a esse grupo de homens que vive como se Deus não existisse, essa gente que, ao organizar suas vidas, deixam de lado a Deus por considerá-lo inadequado. Agora, o essencial das palavras de Jesus é o seguinte: só vemos aquilo para o qual estamos capacitados. Um

astrônomo verá muitas mais coisas no céu que um homem comum. Um botânico verá muito mais em qualquer planta que alguém que não sabe nada de botânica. Um médico descobrirá muitas mais coisas ao observar uma pessoa das que pode ver uma pessoa que não está capacitada. Alguém que entende de arte verá muito mais em um quadro que uma pessoa ignorante nesse campo. Alguém que sabe um pouco de música encontrará muitas mais coisas em uma sinfonia que outra pessoa que não sabe nada sobre esse tema.

Em qualquer ocasião, o que vemos e experimentamos depende do que ponhamos na visão e na experiência. Uma pessoa que eliminou a Deus nunca dispõe de um momento durante o dia para atender a Deus e ouvi-lo. Consideraria que fazer algo semelhante seria uma perda de tempo. Não podemos receber o Espírito Santo a menos que esperemos em silêncio, com o ânimo disposto e em oração que o Espírito venha a nós. O fato muito simples é que o mundo está muito ocupado para dar uma oportunidade ao Espírito Santo para que penetre nele. Pois o Espírito não derruba as portas do coração de ninguém, espera até a pessoa recebê-lo.

De maneira que quando pensamos nas coisas maravilhosas que faz o Espírito Santo, sem dúvida dedicaremos uma parte de nosso tempo ruidoso e apressado para esperar sua vinda e seu poder em silêncio.

O CAMINHO RUMO À FRATERNIDADE E À REVELAÇÃO

João 14:18-24

Neste momento, deve-se ter dado procuração dos discípulos um sentimento premonitório. Até eles devem ter percebido que havia uma tragédia pela frente. Não obstante, Jesus diz: “Não vos deixarei órfãos”. A palavra que emprega é *orfanos* que significa *sem pai*. Mas também se aplicava aos discípulos e estudantes privados da presença e os ensinamentos de um professor amado. Platão diz que ao morrer Sócrates seus discípulos "criam que teriam que passar o resto de suas vidas órfãos, como filhos

sem pai, e não sabiam o que fazer". Jesus, pelo contrário, disse a seus discípulos que não lhes aconteceria algo semelhante. "Voltarei", afirmou. Esta vez fala de sua ressurreição e sua presença ressuscitada. Vê-lo-ão porque estará vivo, pois a morte jamais poderia vencê-lo e o verão porque eles estarão vivos. O que quer dizer Jesus é que estarão espiritualmente vivos. Nesse momento se sentem afligidos e emudecidos pelo pressentimento de uma tragédia iminente. Mas chegará o dia quando seus olhos se abrirão, suas mentes compreenderão, seus corações se acenderão: e então o verão. Isso foi, em realidade, o que aconteceu quando Jesus ressuscitou dos mortos. A ressurreição permutou a desesperança em esperança e foi então quando compreenderam sem lugar a dúvidas que ele era o Filho de Deus.

Nesta passagem, João lança com certas idéias que nunca se afastam muito de seu pensamento.

(1) Primeiro e principal é o amor. Para João o amor é a base de tudo. Deus ama a Jesus; Jesus ama a Deus; Deus ama aos homens; Jesus também os ama; os homens amam a Deus através de Jesus e os homens se amam entre si. O céu e a Terra, o homem e Deus, o homem e outros homens estão unidos por este laço de amor.

(2) Mais uma vez João recalca a necessidade da obediência. É a única prova do amor. Quando ressuscitou dos mortos Jesus apareceu diante daqueles que o amavam, não diante dos escribas, dos fariseus e dos judeus que lhe tinham sido hostis.

(3) Este amor obediente e crédulo conduz a duas coisas. Em primeiro lugar, chega à segurança última. O dia do triunfo de Cristo àqueles que o amaram com obediência estarão a salvo em um mundo que se derruba. Em segundo lugar, este amor conduz a uma revelação cada vez mais plena; Jesus se revela de maneira cada vez mais completa ao homem que o ama. O conhecimento, a revelação de Deus é algo que custa. Sempre existe uma base moral para a revelação. Cristo se revela ao homem que guarda seus mandamentos. Um homem mau não pode receber a revelação de Deus. Pode estar acostumado a Deus mas não

pode viver em comunhão com Ele. Deus se revela unicamente ao homem que o busca e só chega àquele que, apesar do fracasso, dirige-se para Ele. A comunidade com Deus, sua revelação, dependem do amor e este depende da obediência. Quanto mais obedecemos a Deus, melhor o entendemos e o homem que transita pelo caminho de Deus, inevitavelmente caminha com Deus.

OS DONS DO ESPÍRITO

João 14:25-31

Esta passagem está plena de verdades. Jesus faz referência a cinco coisas.

(1) Fala de seu *aliado*, o Espírito Santo. Aqui Jesus diz duas coisas fundamentais sobre o Espírito Santo.

(a) O Espírito Santo nos ensinará todas as coisas. O cristão deve aprender até o final de seus dias porque até esse momento, o Espírito Santo o conduzirá cada vez mais longe na verdade de Deus. Jamais chega um momento na vida quando o cristão pode dizer que conhece toda a verdade. A fé cristã não proporciona a menor desculpa que justifique uma verdade fechada. O cristão que considera que não fica nada por aprender é uma pessoa que nem sequer começou a compreender o que significa a doutrina do Espírito Santo.

(b) O Espírito Santo nos recordará as palavras de Jesus. Isto tem dois significados. Nos temas relacionados com a fé, o Espírito Santo nos lembra constantemente o que disse Jesus. Temos obrigação de pensar mas todas nossas conclusões devem verificar-se à luz das palavras de Jesus. O que devemos descobrir não é tanto a verdade; isso o disse Jesus. O que temos que descobrir é o significado da verdade, o significado das coisas que Jesus disse. O Espírito Santo nos protege contra a arrogância e o pensamento equivocado.

(c) O Espírito Santo nos manterá no bom caminho no que se refere à conduta. Quase todos nós temos uma experiência reiterada na vida.

Quando nos sentimos tentados a fazer algo mau, quando estamos a ponto de levá-lo a cabo, apresenta-se em nossa mente a frase de Jesus, o versículo do salmo, a imagem de Jesus, as palavras de alguém para com quem sentimos admiração e carinho, os ensinamentos que recebemos durante a juventude. No momento de perigo estas coisas passam por nossa mente sem que as tenhamos convocado. Esta é a obra do Espírito Santo. No momento de prova, o Espírito Santo apresenta em nossa memória aquilo que jamais deveríamos ter esquecido.

(2) Fala de seu *dom* e seu dom é a paz. A palavra *paz*, *shalom*, na Bíblia jamais significa a ausência de problemas. A paz significa tudo aquilo que contribui a nosso bem supremo. A paz que nos oferece o mundo é uma paz escapista, uma paz que surge de evitar problemas, de negar-se a enfrentar as coisas. A paz que Jesus nos oferece é a paz da conquista. Aquela paz que nenhuma experiência de nossa vida nos pode tirar. Uma paz que nenhuma dor, perigo ou sofrimento pode diminuir. É uma paz independente das circunstâncias exteriores.

(3) Fala-nos de seu *destino*. Jesus volta a seu Pai. E Jesus diz que se seus discípulos o amassem autenticamente se regozijarão de que seja assim. Era liberto das limitações impostas por este mundo; era devolvido à sua glória. Se realmente compreendêssemos a verdade da fé cristã, sempre nos alegraríamos quando as pessoas que amamos vão para Deus. Isso não significa que não experimentaríamos o aguilhão da dor e a amargura da perda. O que quer dizer é que, até em nossa dor e solidão, nos alegraríamos de que depois dos problemas e sofrimentos deste mundo os seres queridos foram para Deus. Não nos lamentaríamos de seu descanso e libertação. Recordaríamos que não entraram na morte mas na bem-aventurança.

(4) Fala-nos de seu *luta*. A cruz era a batalha final entre Jesus e as forças do mal. Não obstante, Jesus não temia a cruz porque sabia que o mal não prevaleceria contra Ele. Dirigiu-se rumo à cruz com a certeza, não da derrota, mas sim da conquista.

(5) Fala-nos de sua *reivindicação*. Nesse momento, os homens só viam a humilhação e a vergonha de Cristo na cruz. Mas chegaria o momento quando veriam nela sua obediência a Deus e seu amor pelos homens. As coisas-chaves na vida de Jesus encontraram sua expressão suprema na cruz. Ali, de maneira incomparável, demonstrou-se a obediência de Jesus para com Deus e seu amor pelos homens.

João 15

A videira e os ramos - 15:1-10

A videira e os ramos - 15:1-10 (cont.)

A videira e os ramos - 15:1-10 (cont.)

A vida dos escolhidos de Jesus - 15:11-17

A vida dos escolhidos de Jesus - 15:11-17 (cont.)

O ódio do mundo - 15:18-21

O ódio do mundo - 15:18-21 (cont.)

O ódio do mundo - 15:18-21 (cont.)

Conhecimento e responsabilidade - 15:22-25

Testemunha divina e humana - 15:26-27

A VIDEIRA E OS RAMOS

João 15:1-10

Tal como fazia com freqüência, nesta passagem Jesus trabalha com imagens e idéias que formavam parte da herança religiosa do povo judeu. No Antigo Testamento se faz referência a Israel uma e outra vez como a vinha ou a videira de Deus. Isaías apresenta uma grande imagem de Israel como a vinha de Deus. “A vinha do SENHOR dos Exércitos é a casa de Israel” (Isaías 5:7). “Eu mesmo te plantei como vide excelente” chega a mensagem de Deus a Israel por meio de Jeremias (Jeremias 2:21). Ezequiel 15 compara a Israel com a vinha, igual a Ezequiel 19:10. “Israel é uma vide frutífera” diz Oséias (Oséias 10:1, TB). “Trouxeste uma videira do Egito”, cantou o salmista pensando na libertação de seu

povo escravizado levada a cabo por Deus (Salmo 80:8). Tanto era assim, que a vinha se converteu no símbolo do povo de Israel. O emblema nas moedas dos macabeus era a vinha. Uma das glórias do templo era a grande vinha de ouro no fronte do Santíssimo. Muitos homens importantes se haviam sentido honrados de contribuir com algo de ouro para modelar um novo cacho nessa vinha ou até uma uva nova. A vinha formava parte do imaginário judaico; era o próprio símbolo do povo de Israel.

Não obstante, Jesus se refere a si mesmo como a videira verdadeira, real, genuína. O que significado tem essa palavra, *alethinos; verdadeiro*, real, germino? Quer dizer o seguinte. Há um fato estranho no Antigo Testamento: nunca se usa o símbolo da videira sem que vá acompanhado pela idéia de *degeneração*. O que indica a imagem de Isaías é que a vinha se converteu em uma planta selvagem. Jeremias se queixa de que o povo se converteu em "sarmento de videira estranha". Oséias se queixa de que Israel é uma vinha *vazia*.

É como se Jesus tivesse dito o seguinte: "Vocês crêem que porque pertencem ao povo de Israel são um ramo na videira verdadeira de Deus. Vocês crêem que só porque são judeus e membros, segundo sua opinião, do povo eleito de Deus e devido a sua raça, nascimento e nacionalidade vocês são um ramo na videira de Deus. Mas a verdadeira videira não é o povo. Esta é uma videira degenerada, como perceberam todos os seus profetas. Eu sou a videira verdadeira. Não é o fato de ser judeu o que os salvará. A única coisa que pode salvá-los é manter uma comunhão íntima e viva *comigo* porque eu sou a videira de Deus. E vocês devem ser ramos unidos a mim."

Jesus estabelecia que o caminho rumo à salvação de Deus não passava pelo sangue judeu mas sim pela fé nEle. Nenhuma qualidade externa pode justificar a um homem perante Deus; a única coisa que pode fazê-lo é a amizade com Jesus.

A VIDEIRA E OS RAMOS**João 15:1-10 (continuação)**

Quando Jesus traçou sua imagem da videira sabia do que estava falando. Havia vinhas por toda a Palestina. É uma planta que necessita muitos cuidados se quer obter fruta da melhor qualidade. Em geral é cultivada em terraços. O solo deve estar perfeitamente limpo. Às vezes é enredado em postes; em outros casos é deixado estender-se sobre o solo e sustentada por paus por baixos que terminam em bifurcação. Em outras, até cresce de ambos os lados das portas das casas. Mas em qualquer lugar que floresça necessita uma cuidadosa preparação do terreno. Cresce com grande rapidez e é necessário podar a de maneira drástica. É tão luxuriosa que os galhos se plantam a três metros e meio de distância porque cresce com muita celeridade. Uma vinha nova não era deixada a florescer durante os três primeiros anos. Cada ano era podava para que se desenvolvesse e conservasse a vitalidade e a energia. Quando está amadurecida é podada em dezembro e janeiro. Dá dois tipos de ramos: uns dão frutos e os outros não. Estes últimos são eliminados sem piedade nem consideração para que não privem à planta de nenhuma de força. A vinha nunca produzirá a colheita que é capaz de dar se não se leva a cabo esta poda drástica — e Jesus sabia.

Por outro lado, a madeira da videira tem a estranha característica de não servir absolutamente. É muito branda para algo que queira fazer com ela. Estava estabelecido que em certas épocas do ano o povo devia levar ofertas de madeira ao templo para os fogos dos sacrifícios nos altares. E a Lei determinava de maneira específica que não se devia levar madeira de videiras. Não servia para o fogo. A única coisa que se podia fazer com a madeira dos ramos podados era uma fogueira que a destruía. Jesus o sabia e isso agrega algo à imagem que desenvolve.

Jesus diz que seus seguidores são iguais a estes ramos. Alguns são ramos formosos que produzem fruto, como Ele. Outros são inúteis porque não produzem fruto. Em quem pensava Jesus ao falar dos ramos

que não dão fruto? Podemos dar duas respostas. Em primeiro lugar, pensava nos judeus. Eram ramos da videira de Deus. Acaso não era essa a imagem que tinham pintado os profetas, um após outro? Entretanto, negaram-se a ouvi-lo: negaram-se a aceitá-lo e por isso eram ramos podres e inúteis. Em segundo lugar, pensava em algo mais geral. Pensava naqueles cristãos cujo cristianismo consiste em profissão sem prática, em palavras sem atos. Pensava em cristãos que são ramos inúteis, só folhas sem frutos. E pensava naqueles cristãos que se converteram em apóstatas, que ouviram a mensagem, aceitaram-na e caíram a um flanco do caminho, que abandonaram a fé e traíram ao Mestre que uma vez tinham prometido servir.

De maneira que podemos ser ramos inúteis de três formas Podemos nos negar por completo a ouvir a Jesus. Podemos ouvi-lo e logo servi-lo da boca para fora sem demonstrar nossa devoção nos atos. Podemos aceitá-lo como Mestre e logo, diante das dificuldades que o caminho oferece, ou movidos pelo desejo de fazer nossa vontade e não a sua, podemos abandoná-lo Não obstante, devemos lembrar algo. Um princípio fundamental no Novo Testamento é que *a inutilidade convida ao desastre*. E o ramo sem fruto se dirige para a destruição.

A VIDEIRA E OS RAMOS

João 15:1-10 (continuação)

Nesta passagem se fala muito de permanecer em Cristo. O que quer dizer essa frase? É certo que tem um sentido místico; há um sentido místico no qual o cristão está em Cristo e Cristo está no cristão. Mas há muitos, possivelmente a maioria, que não são místicos e que nunca vivem esta experiência. Se somos assim não nos devemos reprovar. Há uma forma muito mais simples de ver isto e de experimentá-lo, e essa forma é acessível a todos.

Tomemos uma analogia humana. Todas as analogias são imperfeitas mas devemos trabalhar com idéias que já possuímos.

Suponhamos que uma pessoa, por si só, é débil. Suponhamos que caiu em tentação; agiu muito mal, encaminha-se para a degeneração da mente, do coração e da têmpera espiritual. Agora suponhamos que essa pessoa tem um amigo forte, que ama e se faz amar e suponhamos que este amigo forte resgata a pessoa em questão de sua situação degradada. Há uma só forma mediante a qual a pessoa mais fraca pode manter seu novo estado e permanecer no bom caminho. *Deve manter-se em contato com seu amigo.* Se o perder, o mais provável é que sua debilidade o vença; as velhas tentações voltarão a rondar a seu redor e cairá. Sua salvação radica no contato constante com a força de seu amigo.

Muitas vezes se levou a uma pessoa completamente perdida a viver com alguém reto. Enquanto permanecia nesse lar reto e perto da pessoa forte estava a salvo. Mas se esquecia tudo o que lhe tinha passado, se queria recuperar sua independência, se ia viver por seu conta, caía. Devia manter o contato com o bom para derrotar ao mau e o baixo.

Robertson de Brighton foi um pregador notável. Um comerciante tinha uma pequena loja e na habitação dos fundos guardava uma foto do Robertson porque era seu herói e sua inspiração. Quando se sentia tentado a fazer algo desonesto, corria à habitação e contemplava a foto do Robertson; então não podia levar a cabo esse ato indigno.

Quando se perguntou a Kingsley qual era o segredo de sua vida disse, referindo-se a F. D. Maurice: "Tive um amigo". O contato com a beleza o fez belo.

Permanecer em Cristo significa algo semelhante a isso. O segredo da vida de Jesus foi seu contato com Deus. Várias vezes se retirava a um lugar solitário para encontrar-se com Deus. Jesus sempre permanecia em Deus. O mesmo deve dar-se entre nós e Jesus. Devemos manter o contato com Ele. Não poderemos fazê-lo a menos que tomemos essa decisão e tomemos medidas necessárias. Não deve passar nenhum dia sem que pensemos em Jesus e sintamos sua presença.

Tomemos um só exemplo: orar à manhã, embora só seja durante escassos minutos, significa contar com um anti-séptico para o resto da

jornada, pois não podemos sair da presença de Cristo e fazer coisas más. Para um punhado de nós, permanecer em Cristo será uma experiência mística que não poderemos expressar com palavras. Para a maioria significará um contato contínuo com Jesus Cristo. Significará organizar a vida, a oração, o silêncio de maneira tal que não chegará o dia em que tenhamos a oportunidade de esquecê-lo.

Por último, devemos notar que nesta passagem se estabelecem duas coisas sobre o bom discípulo. Em primeiro lugar, enriquece sua própria vida. Seu contato o converte em um ramo cheio de frutos. Em segundo lugar, dá glória a Deus. Ao contemplar sua vida, os pensamentos dos homens se voltam para Deus que o fez assim. Deus é glorificado, como Jesus indicou, quando produzimos muito fruto e quando demonstramos ser discípulos de Jesus. Sem dúvida, a maior glória da vida cristã é que, por meio de nossa vida e de nossa conduta, podemos dar glória a Deus.

A VIDA DOS ESCOLHIDOS DE JESUS

João 15: 11-17

As palavras centrais desta passagem são aquelas nas quais Jesus diz que seus discípulos não o escolheram mas Ele é que escolheu os seus discípulos. Não somos nós que escolhemos a Deus mas é Deus que, em sua graça, aproximou-se de nós com um chamado e um oferecimento que brotam de seu amor.

O interessante desta passagem é que nos permite redigir uma lista das coisas para as quais fomos escolhidos e chamados.

(1) Fomos escolhidos para a alegria. Por mais duro que seja o caminho do cristão, tanto em seu transcurso como em seu ponto final é o caminho da alegria. Sempre se alegra ao agir bem. Se tivermos evadido alguma obrigação ou tarefa nos regozijamos quando por fim podemos cumpri-la. O cristão é um homem contente; é o cavaleiro sorridente de Cristo. Um cristão lúgubre é uma contradição de termos e não há nada na história religiosa que tenha sido mais prejudicial ao cristianismo que sua

relação com as vestimentas negras e as caras compridas. É certo que o cristão é um pecador, mas é um pecador *redimido*: nisso consiste sua alegria. Como pode deixar um de ser feliz quando transita pelo caminho da vida com Jesus?

(2) Fomos escolhidos para o *amor*. Somos enviados ao mundo para nos amar uns aos outros. Às vezes vivemos como se fôssemos enviados ao mundo para competir com nosso próximo, para discutir ou até para brigar com outros. Mas o cristão é enviado ao mundo para que viva de maneira tal que demonstre o que significa amar o próximo. Aqui Jesus faz outra de suas afirmações fundamentais. Uma das coisas que instintivamente perguntamos a qualquer pessoa que nos exige um pouco de envergadura é: Que direito tem você para me pedir isso? De maneira que se perguntarmos a Jesus: Que direito tem de nos pedir que nos amemos uns aos outros? Sua resposta é: "Ninguém pode demonstrar maior amor que quem entrega sua vida por seus amigos, e isso foi o que eu fiz." Há muitos homens que do púlpito dizem a outros que se amem entre si quando toda sua vida mostra que jamais põem em prática seu próprio conselho. Jesus, pelo contrário, deu aos homens um mandamento que Ele tinha sido o primeiro em cumprir.

(3) Jesus nos chamou para ser seus *amigos*. Diz a seus homens que já não os chama servos, *doulos*: chama-os amigos. Agora, essa frase resultaria muito mais transcendental para aqueles que a ouviram pela primeira vez que para nós. O título *doulos*, o escravo, o servo de Deus não era, por certo, um título vergonhoso; de fato, indicava a maior das honras. Moisés era o *doulos*, o servo, o escravo de Deus (Deut. 34:5); o mesmo era Josué (Josué 24:29) e Davi (Salmo 89:20). Paulo considerava que era uma honra usar esse título (Tito 1:1) e o mesmo diz Tiago (Tiago 1:1). Os homens mais excelsos do passado tinham sentido orgulho de considerar-se *doulos* de Deus. E Jesus diz: "Tenho algo maior ainda para vocês: já não são *escravos*, vocês são *amigos*." O oferecimento de Cristo é uma bem-aventurança que nem sequer os homens maiores do passado

tinham conhecido antes de que Jesus viesse ao mundo. Oferece uma intimidade com Deus que resultava impossível antes de sua vinda.

Não obstante, a idéia de ser amigo de Deus também tem seus antecedentes. Abraão foi o *amigo* de Deus (Isaías 41:8). Em Sabedoria 7.27 se afirma que a sabedoria tornou os homens amigos de Deus. Mas esta frase se remonta a um costume muito comum nas cortes do Império Romano e dos reis orientais. Em tais cortes havia um grupo muito seletivo de homens àqueles que se denominava *amigos do rei ou do imperador*. Podiam ver o rei em qualquer momento; até tinham direito de entrar em seu aposento de manhã cedo. O rei falava com eles antes de dirigir-se a seus generais, governantes ou estadistas. Os amigos do rei eram aquelas pessoas que tinham a relação mais estreita e íntima com ele e que tinham direito de aproximar-se dele em qualquer momento.

Jesus nos chamou para que fôssemos seus amigos e os amigos de Deus. Trata-se de um oferecimento tremendo. Significa que já não temos que contemplar a Deus, anelantes, à distância; não somos como escravos que não têm nenhum direito de aproximar-se de seus amos; não somos como uma multidão que só pode desfrutar de um olhar do rei ao passar em uma festividade especial e que se procurasse aproximar-se mais iria preso. Jesus fez o surpreendente: deu-nos esta intimidade com Deus de maneira tal que Deus já não é um estranho longínquo mas nosso íntimo amigo.

A VIDA DOS ESCOLHIDOS DE JESUS

João 15: 11-17 (continuação)

(4) Entretanto, Jesus não nos chamou nem nos escolheu unicamente para desfrutar de enormes privilégios. Chamou-nos para ser seus *companheiros*. O servo nunca podia ser um companheiro. A lei grega o descrevia como *uma ferramenta viva*. Seu amo nunca lhe fazia confidências; o servo devia fazer o que lhe ordenavam sem pedir razões nem explicações. Jesus, pelo contrário, disse-nos: "Vocês não são meus

escravos; vocês são meus companheiros. Tenho-lhes dito tudo; tenho-lhes dito o que busco fazer e por que. Tenho-lhes dito tudo o que Deus me disse." Jesus nos conferiu a honra de nos tornar seus companheiros em sua tarefa. compartilhou suas idéias conosco, abriu-nos seu coração e nos contou seus planos, suas metas e suas ambições. A opção tremenda que temos pela frente é que podemos aceitar ou rechaçar acompanhar a Cristo em sua tarefa de conduzir o mundo para Deus.

(5) Jesus nos escolheu para ser *embaixadores*. "Eu vos escolhi a vós", disse: "para que *vades*". Não nos escolheu para que levássemos uma vida separada do mundo; escolheu-nos para representá-lo no mundo.

Quando um cavaleiro chegava a corte do Rei Artur não o fazia para passar o resto de seus dias em festas e camaradagem. Aproximava-se do rei dizendo: "Envia-me em alguma tarefa grande que possa fazer em nome da cavalaria e por ti." Jesus nos escolheu, em primeiro lugar, para entrar nele e logo para sair ao mundo. Esse deve ser o esquema e o ritmo de cada dia de nossa vida.

(6) Jesus nos escolheu para ser seus *anunciadores*. Escolheu-nos para sair e *dar fruto* e um fruto que permaneça, que supere o passado do tempo. A única forma de difundir o cristianismo é sendo cristão. A única maneira de trazer outros à fé cristã é mostrando o fruto da vida cristã. Jesus não nos envia para discutir com os homens a fim de que se unam ao cristianismo e muito menos a assustá-los com o mesmo fim, nem tampouco para falar sobre o cristianismo mas para atrair os homens para Ele, para viver o cristianismo de maneira tal que seus frutos sejam tão formosos que outros os desejem para si.

(7) Jesus nos escolheu para ser os *membros privilegiados da família de Deus*. Escolheu-nos para que seja o que for que peçamos ao Pai em seu nome nos seja concedido. Aqui voltamos a enfrentar uma dessas afirmações fundamentais sobre a oração que devemos compreender. Se olharmos esta frase sem cuidado, pareceria indicar que o cristão, o

escolhido de Cristo, receberá tudo o que peça em oração. Já refletimos sobre isto mas convém que voltemos a fazê-lo.

O Novo Testamento estabelece algumas leis muito definitivas sobre a oração.

(a) A oração deve ser *oração de fé* (Tiago 5:15). Quando a prece é uma formalidade, a mera repetição rotineira e convencional de frases feitas, não pode receber resposta. Quando não está inundada de esperança não pode ser efetiva. Não é de muito valor que alguém ore para mudar se não crer que é possível mudar. A fim de orar com poder a pessoa deve ter a certeza invencível do amor absoluto de Deus.

(b) A oração deve fazer-se *em nome de Cristo*. Não podemos orar por coisas que sabemos que Jesus não aceitaria. Não podemos orar para obter uma pessoa ou uma coisa proibidas; nem para que se cumpra alguma ambição pessoal se tal cumprimento implicar que alguém sofrerá ou será ferido. Não podemos orar em nome dAquele que é amor para nos vingar de nossos inimigos. Quando tentamos converter a oração em um instrumento que nos permita realizar nossas próprias ambições ou satisfazer nossos desejos, a prece não tem nenhum efeito porque não é autêntica.

(c) A oração deve dizer: "*Faça-se a tua vontade.*" A primeira coisa que devemos fazer ao orar é nos dar conta de que jamais poderemos saber mais que Deus. A essência da oração não consiste em dizer a Deus: "Que se mude a tua vontade" mas sim "Faça-se a tua vontade." De maneira que com freqüência a verdadeira oração não deveria pedir que Deus nos envie as coisas que desejamos mas sim que nos permita aceitar aquelas coisas que Ele deseja.

(d) A oração jamais deve ser *egoísta*. Quase ao passar, Jesus disse algo muito esclarecedor. Disse que se duas *pessoas ficavam de acordo* para pedir algo em seu nome, ser-lhes-ia concedido (Mateus 18:19). Não devemos tomar isto ao pé da letra porque isso significaria que se podemos mobilizar uma boa quantidade de gente para que ore por algo, nossa prece será concedida.

O que significa é o seguinte: ninguém deve pensar exclusivamente em suas próprias necessidades ao orar. Tomemos o exemplo mais simples: alguém que quer sair de férias pode orar para que haja Sol enquanto o camponês roga que chova. Ao orar não devemos nos perguntar: “É pelo meu bem?” mas “É pelo bem de todos os homens?” A maior tentação que padecemos todos quando oramos é fazê-lo como se as únicas coisas que contam fôssemos nós mesmos. Uma oração assim não pode surtir efeito.

Jesus nos escolheu para que fôssemos membros privilegiados da família de Deus. Podemos e devemos levar tudo a Deus em oração. Mas uma vez que o fazemos, devemos aceitar, não a resposta que nosso conhecimento e nossa sabedoria limitados desejam, mas aquela resposta que Deus nos envia em sua sabedoria e seu amor perfeito. Quanto mais amemos a Deus, mais fácil nos será fazê-lo.

O ÓDIO DO MUNDO

João 15:18-21

João sempre vê as coisas em branco ou negro, sem matizes. Para ele há duas grandes entidades: a Igreja e o mundo. E não existe nenhum contato ou camaradagem entre ambos. Para João não é possível a neutralidade, a possibilidade intermédia, a solução de compromisso. Em sua opinião se trata do seguinte:

Fique daquele lado porque eu estou deste.

Tal como ele via as coisas o homem é do mundo ou de Cristo e não há um ponto intermediário.

Por outro lado, devemos ter em mente que nessa época a Igreja vivia sob a ameaça constante de uma perseguição. É bem verdade que se perseguia os cristãos por causa do nome de Cristo. Nesses tempos, o cristianismo como tal era algo ilícito. O magistrado não tinha necessidade de perguntar que crimes tinha cometido o acusado. Bastava-lhe perguntar se era cristão ou não e não importava que tipo de homem

fosse ou o que tivesse feito ou deixado de fazer, se era cristão merecia a morte. João não ameaça com uma situação inexistente. Existia da maneira mais evidente e tremenda.

Há algo indubitável: nenhum cristão que se via envolto em uma perseguição podia alegar que não foi advertido. Jesus foi muito explícito sobre este tema. Disse a seus seguidores o que podiam esperar. “Estai vós de sobreaviso, porque vos entregarão aos tribunais e às sinagogas; sereis açoitados, e vos farão comparecer à presença de governadores e reis, por minha causa, para lhes servir de testemunho... Um irmão entregará à morte outro irmão, e o pai, ao filho; filhos haverá que se levantarão contra os progenitores e os matarão. Sereis odiados de todos por causa do meu nome” (Mar. 13:9-13; ver também Mateus 10:17-22; 23-29; Lucas 12:2-9; 51-53). Jesus advertiu a seus seguidores sobre o que lhes esperava nos dias que tinham pela frente.

Quando João escreveu seu Evangelho fazia muito tempo que tinha começado este ódio. Tácito falava de pessoas "odiadas por seus crimes àqueles que a chusma chama de cristãos". Suetônio se tinha referido a "uma raça de homens que pertencem a uma superstição nova e maligna".

Por que era tão cru este ódio? O governo romano odiava aos cristãos porque os considerava cidadãos desleais. A posição do governo era muito simples e muito compreensível. O Império era vasto, estendendo-se do Eufrates até a Grã-Bretanha, da Alemanha até o norte da África. Incluía em seu seio toda tipo de povos e países. Era necessário encontrar alguma idéia e força unificadora que amalgamasse esta massa heterogênea: foi encontrada no culto a César. É necessário compreender que este culto não se impôs, surgiu do próprio povo. Não foi elaborado pelo governo, o povo o produziu. Nos tempos antigos tinha existido a deusa Roma, o espírito de Roma. É fácil imaginar como o povo pôde ver esse espírito de Roma encarnado, simbolizado no imperador. Representava Roma, encarnava-a, o espírito de Roma encontrava seu lar e seu porto nele. É um grande engano considerar que os povos submetidos odiavam o governo de Roma; em sua grande maioria se

sentiam enormemente agradecidos para com ele. Roma lhes levou a justiça e os libertou dos caprichos dos reis. Levou a paz e a prosperidade. Desapareceram os ladrões na terra e os piratas no mar. A *pax romana*, a paz romana, estendia-se pelo mundo inteiro.

Foi na Ásia Menor onde o povo ao pensar no César, o imperador, como o deus que encarnava a Roma e o fizeram em razão da imensa gratidão que sentiam para com ele pelas bênçãos que tinha deitado sobre eles. A princípio os Imperadores tentaram impedir este culto e o desprezaram; insistiam em que eram homens e que não deviam ser adorados como deuses. Entretanto, viram que era impossível deter esse movimento. Em um princípio, limitaram-no aos asiáticos da Ásia Menor, de caráter feroso, mas se difundiu por toda parte. Logo o governo viu que podia fazer uso dele. Aqui estava o princípio unificador que lhes fazia falta.

Assim, lentamente, chegou o dia quando cada habitante do Império devia queimar uma vez ao ano sua medida de incenso à deidade de César. Ao fazê-lo, demonstrava ser um cidadão leal de Roma. Recebia um certificado para testemunhar que tinha completado o requisito. Este era o costume, a prática e a convenção que fazia sentir a todos os homens que formavam parte de Roma e garantia sua lealdade ao Império.

Agora, Roma era tolerante ao máximo. Depois de queimar sua medida de incenso e dizer "César é o Senhor" a pessoa podia adorar ao deus que quisesse sempre que esse culto não afetasse à ordem pública e a decência. Mas isso era justamente o que se negavam a fazer os cristãos. Não estavam dispostos a chamar "Senhor" a homem algum. Jesus Cristo era o único Senhor. Negavam-se a obedecer a lei e por isso o governo romano os considerava perigosos e desleais.

O governo perseguia os cristãos porque estes insistiam em que não havia outro rei além de Cristo. Os cristãos sofreram perseguições porque davam o primeiro lugar a Cristo. Qualquer que faça algo semelhante sofre perseguição.

O ÓDIO DO MUNDO**João 15:18-21 (continuação)**

Não só o governo perseguia os cristãos; a multidão os odiava. De onde vinha esse ódio? Devia-se a que as pessoas criam algumas coisas escandalosas a respeito dos cristãos. Não há dúvida de que os judeus carregavam parte da responsabilidade pela propagação destas infâmias. Acontecia que os judeus tinham acesso aos ouvidos do governo. Bastam dois exemplos: o ator favorito de Nero, Alituro, e sua imperatriz prostituta, Popea, pertenciam à fé judia. Os judeus murmuravam as calúnias ao governo, sabendo muito bem que eram falsas. Propagavam-se quatro infâmias sobre os cristãos.

(1) Afirmava-se que eram insurretos. Já vimos a razão desta acusação. Era inútil e fútil que os cristãos assinalassem que eram os melhores cidadãos do país, que levavam vidas úteis e retas. O concreto era que se negavam a queimar a medida de incenso e dizer "César é Senhor" e portanto eram catalogados como perigosos e desleais.

(2) Dizia-se que eram canibais. Esta acusação provinha das palavras do sacramento. "Isto é meu corpo, que por vós é dado." "Isto é meu sangue da nova aliança." Baseando-se nestas palavras, não era difícil disseminar entre gente ignorante, disposta a crer o pior, o rumor calunioso de que as refeições particulares dos cristãos se baseavam no canibalismo. A acusação teve eco e não deve nos surpreender que o povo olhasse os cristãos com ódio.

(3) Afirmava-se que praticavam a imoralidade mais flagrante e promíscua. A refeição semanal dos cristãos se chamava *Ágape*, a Festa do Amor. Na antiguidade, quando dois cristãos se encontravam se saudavam com o beijo da paz. Não era difícil difundir a teoria de que a Festa do Amor era uma orgia sexual cujo signo e símbolo era o beijo da paz. Era fácil torcer um título e um costume até convertê-los em uma acusação de imoralidade indiscriminada.

(4) Dizia-se que eram incendiários. Seu olhar estava posto na Segunda Vinda de Cristo. Relacionavam todas as imagens do Dia do Senhor que aparecem no Antigo Testamento com a Segunda Vinda de Cristo. Estas imagens prediziam a desintegração chamejante e a destruição do mundo. “os elementos, ardendo, se desfarão, e a terra e as obras que nela há se queimarão” (2 Pedro 3:10). Na época de Nero teve lugar o fogo desastroso que desolou a Roma. Era fácil relacionar o fogo com o povo que pregava sobre um fogo consumidor que destruiria ao mundo. Este era outro complô preparado para acusar os cristãos.

(5) Faziam outra acusação mais. Esta quinta acusação tinha uma causa compreensível. Diziam que os cristãos "arruinavam as relações familiares", que dividiam as famílias, destroçavam os lares e provocavam a separação dos casamentos. Em certo sentido, isto era verdade. O cristianismo não devia trazer a paz mas sim a espada (Mateus 10:34). Era costume ocorrer que a esposa se tornasse cristã mas seu marido não. Ou os filhos se tornavam cristãos e seus pais não. Nesses casos, os lares ficavam divididos e as famílias se separavam. Nesses tempos, o cristão devia amar mais a Cristo que a seus parentes mais próximos e queridos. Era certo que o cristianismo dividia as famílias e os lares.

Estas eram as acusações que se divulgaram contra os cristãos; os judeus contribuíram para isso. Não deve nos surpreender que o cristão fosse um homem odiado por outros.

O ÓDIO DO MUNDO

João 15:18-21 (continuação)

Essas eram as causas que provocavam ódio nos primeiros tempos. Mas ainda é certo que o mundo pode odiar o cristão. Como já vimos, quando João fala do *mundo* se refere à *sociedade humana que se organiza sem Deus*. É inevitável que exista um abismo entre o homem que vê a Deus como a única realidade da vida e aquele para quem Deus é

algo totalmente inadequado para a vida. Seja como for, a palavra tem certas características que sempre formam parte da situação humana.

(1) O mundo suspeita da gente que é diferente. Esta característica se nota nas coisas mais simples. Uma das coisas mais comuns no mundo atual é o guarda-chuva. Entretanto, quando Jonas Hanway tentou introduzi-lo na Inglaterra e caminhou pela rua debaixo de um deles o atacaram com pedras e barro. De fato, perseguiram-no. Qualquer pessoa diferente, que usa roupas diferentes, que tem idéias diferentes é considerado suspeito imediatamente. Pode ser visto como um excêntrico, um louco ou um perigo, mas seja como for, a vida não lhe é muito agradável.

(2) O mundo sente um agudo rancor por aquelas pessoas cujas vidas o condenam. De fato, é perigoso ser bom.

O exemplo clássico disso é o que aconteceu ao Aristides em Atenas. Chamavam-no Aristides o Justo e entretanto o exilaram. Quando se perguntou a um cidadão por que tinha votado pelo exílio de Aristides, respondeu: "Porque estou cansado de ouvir chamá-lo de o Justo."

Essa foi a razão pela qual mataram a Sócrates; chamavam-no o mosquito grande humano. Obrigava constantemente os homens a pensar e a analisar-se a si mesmos e os homens odiavam isso; portanto, odiavam a Sócrates e o mataram. É difícil ter valores superiores aos do mundo e pô-los em prática. Na atualidade, pode-se perseguir a alguém que trabalha muito ou durante muito tempo.

(3) Para expressá-lo nos termos mais amplos: o mundo sempre suspeita da pessoa que não segue a corrente. O mundo gosta dos moldes: gosta de poder pôr uma etiqueta em cada pessoa, classificá-la e situá-la em um fichário. E qualquer que não entre nesse molde enfrentará problemas. Diz-se que se ficar uma galinha com características diferentes junto com um grupo de galinhas iguais entre si, estas bicarão à primeira até matá-la.

A exigência fundamental que se impõe ao cristão é que tenha a coragem de ser diferente de outros. Ser diferente é perigoso mas

ninguém pode ser cristão a menos que aceite esse risco pois sempre haverá diferença entre o homem do mundo e o homem de Cristo.

CONHECIMENTO E RESPONSABILIDADE

João 15:22-25

Aqui Jesus volta para uma noção que nunca está muito longe de sua mente no Quarto Evangelho. É a convicção de que o conhecimento e o privilégio trazem responsabilidades. Até a vinda de Jesus, os homens nunca tiveram, em realidade, a oportunidade de conhecer completa e verdadeiramente a Deus. Jamais ouviram totalmente a voz de Deus e nunca viram uma demonstração do tipo de vida que Deus desejava que levassem. Não se podia culpá-los de serem como eram. Há coisas que se permitem em um menino mas não em um adulto porque o menino não sabe o que o adulto sabe. Há coisas que se permitem em alguém cujo ambiente familiar e educação foram maus e inadequados mas não são permissíveis em alguém que foi educado com todos os benefícios de um lar cristão porque a primeira pessoa nunca teve uma verdadeira oportunidade. Ninguém espera a mesma conduta num selvagem e num homem civilizado. Quanto maiores forem o conhecimento e os privilégios, maiores serão as responsabilidades.

Agora, Jesus fez duas coisas. Em primeiro lugar, mostrou o pecado. Disse aos homens quais eram as coisas que ofendiam a Deus e disse qual era o caminho que Deus queria que seguissem. Mostrou-lhes o caminho verdadeiro. Em segundo lugar, proporcionou o remédio para o pecado e o fez em um duplo sentido. Abriu o caminho para o perdão dos pecados anteriores e brindou a dinâmica e o poder que permitiria ao homem superar o pecado e fazer o bem. Estes foram os privilégios e o conhecimento que trouxe aos homens. Suponhamos que um homem fica doente e consulta o médico. Este diagnostica o mal e prescreve uma cura. Se o homem não presta atenção ao diagnóstico e não quer seguir as ordens do médico será o único culpado de sua morte ou dos problemas

que se pressentem se continuar vivo. Isso foi o que fizeram os judeus. Tal como o via João, só tinham feito o que deles foi predito. O salmista disse em duas oportunidades: "...aborrecem-me sem causa" (Salmo 35:19b; 69:4a).

Pode suceder que nós façamos o mesmo. Não há muitos homens ativamente hostis para com Jesus mas sim há muitos ainda que vivem como se Cristo não tivesse vindo ao mundo. Simplesmente não o têm em conta. Mas ninguém pode conhecer a vida neste mundo ou em um mundo por vir se não tiver em conta ao Senhor de toda vida boa.

TESTEMUNHA DIVINA E HUMANA

João 15:26-27

Aqui João emprega duas idéias que estão muito perto de seu coração e muito intimamente relacionadas em seu pensamento.

A primeira é o testemunho do Espírito Santo. O que quer dizer João quando fala do testemunho do Espírito Santo? Muito em breve voltaremos a ter a oportunidade de pensar nisto. No momento, vejamo-lo assim: quando nos é relatada a história de Jesus, quando nos é apresentada sua imagem, quando se nos expõem seus ensinamentos o que é o que nos faz sentir que esta imagem não é outra que a do Filho de Deus? O que é o que nos faz sentir instintivamente, como dizemos, que se trata de uma sabedoria divina? Essa reação da mente humana, essa resposta do coração do homem é a obra do Espírito Santo. O Espírito Santo em nosso interior é quem nos leva a dar uma resposta a Jesus Cristo.

A segunda é o testemunho que os homens devem dar de Cristo. "Vós", disse Jesus a seus discípulos, "também testemunhareis, porque estais comigo desde o princípio".

O testemunho cristão inclui três elementos.

(1) Surge de uma longa comunhão e amizade com Cristo. Os discípulos são testemunhas de Cristo porque estiveram com Ele desde o começo. A testemunha é o homem que diz a respeito de algo: "Isto é

certo e eu sei." Não pode haver testemunho sem experiência pessoal. Só podemos dar testemunho de Cristo quando estivemos com Ele.

(2) Brota de uma convicção interior. O acento da convicção interior pessoal é um dos mais inconfundíveis do mundo. Assim que uma pessoa começa a falar sabemos se crê ou não no que diz. Não pode haver um testemunho cristão efetivo sem esta convicção interior que acompanha a intimidade pessoal com Cristo.

(3) O testemunho cristão se manifesta no dar fé verbalmente. Uma testemunha não é só alguém que sabe que uma coisa determinada é verdadeira mas sim também está disposto a dizê-lo. A testemunha cristã é alguém que não só conhece Cristo mas também quer que outros o conheçam também.

Nosso privilégio e nossa tarefa é ser testemunhas de Cristo no mundo e não podemos sê-lo sem a intimidade pessoal, a convicção interior e o testemunho exterior de nossa fé.

João 16

Advertência e desafio - 16:1-4a

A obra do Espírito Santo - 16:4b-11

O Espírito da verdade - 16:12-15

A tristeza que se converte em alegria - 16:16-24

O acesso direto - 16:25-28

Cristo e seus dons - 16:29-33

ADVERTÊNCIA E DESAFIO

João 16:1-4a

Quando João escrevia seu Evangelho, era inevitável que alguns cristãos se apartassem porque a perseguição tinha caído sobre a Igreja. O Apocalipse condena os covardes e os incrédulos (Apocalipse 21:8). Quando na época de Trajano, o governador da Bitínia, Plínio, interrogava as pessoas para averiguar se eram cristãos, escreveu ao

Imperador para dizer que alguns reconheciam "que foram cristãos mas que deixaram de sê-lo muitos anos antes, alguns fazia até vinte anos". Inclusive no meio do heroísmo da Igreja primitiva, houve pessoas cuja fé não foi o suficientemente forte para tolerar a perseguição e cuja fortaleza não foi bastante para permanecer no bom caminho

Jesus o previu e o advertiu antes que acontecesse. Não queria que ninguém pudesse dizer que não sabia o que lhe esperava ao tornar-se cristão.

Quando se perseguiu a Tyndale e seus inimigos queriam matá-lo porque buscava dar a Bíblia em inglês às pessoas, disse com toda calma: "Jamais esperei outra coisa." Jesus ofereceu a glória aos homens mas também lhes ofereceu uma cruz.

Fez referência a dois tipos de perseguições. Seriam excomungados das sinagogas. Isto era algo muito terrível para um judeu. A sinagoga, a casa de Deus, ocupava um lugar muito especial na vida dos judeus. Alguns rabinos chegavam a afirmar que a oração não surtia efeito a menos que fosse pronunciada na sinagoga. Mas havia algo mais. Pode ser que um estudioso ou um teólogo de renome não necessite o contato com outras pessoas. Pode ser capaz de viver sozinho e isolado tendo por única companhia os grandes pensamentos e aventuras de sua mente. Mas os discípulos eram homens simples; necessitavam a camaradagem de seu próximo. Necessitavam da sinagoga e seu culto. Seria muito duro viver sozinhos, isolados, rechaçados por outros, sem que ninguém lhes abrisse as portas de seu casa.

Como dizia Joana d'Arc, às vezes os homens devem aprender que "é melhor estar sozinhos com Deus". Às vezes, a solidão entre os homens é o preço que se deve pagar para manter a amizade com Deus. Jesus disse que os homens pensariam que rendiam serviço a Deus ao matar a seus discípulos. A palavra que emprega para referir-se ao serviço é *latreia* e essa é a palavra que se usava para designar o serviço que oferecia o sacerdote no altar e no próprio de Deus. É o termo usual para referir-se ao serviço religioso, o serviço sagrado de Deus.

Uma das tragédias da religião é que com muita freqüência os homens criam que serviam a Deus ao perseguir àqueles que consideravam hereges. Ninguém creu servir a Deus de maneira mais autêntica que Paulo quando tentava eliminar o nome de Jesus e varrer a Igreja (Atos 26:9-11). Os torturadores e os juizes da Inquisição espanhola deixaram após si um nome odiado e desprezado. Entretanto, estavam absolutamente convencidos de que serviam a Deus ao torturar os "hereges" para que aceitassem o que eles denominavam a fé verdadeira. Segundo seu ponto de vista o que faziam não era nada menos que evitar que as pessoas fossem para o inferno.

"Liberdade", disse Madame Roland, "quantos crimes se cometeram em seu nome!" E isso também se aplica à religião. Como disse Jesus, acontece porque os homens não reconhecem a Deus nem a Jesus. A tragédia da Igreja é que com muita freqüência os homens trabalharam para propagar sua idéia da religião; creram que possuíam a exclusividade da verdade e a graça de Deus. O esmagador é que isso mesmo acontece em nossos dias. Isso é justamente o que constitui a barreira que impede que se unam as Igrejas. Sempre haverá perseguição, o que não significa necessariamente morte, tortura e execuções, mas a exclusão e o exílio da casa de Deus enquanto os homens creiam que é um só o caminho que conduz a Ele.

Não há dúvida de que Jesus sabia como tratar aos homens. O que dizia era o seguinte: "Ofereço-lhes a tarefa mais dura do mundo. Ofereço-lhes algo que destruirá seus corpos e lhes arrancará o coração. São vocês o suficientemente grandes para aceitá-la?"

Todo mundo conhece a proclamação do Garibaldi a seus soldados depois do sítio de Roma em 1849: "Soldados, todos nossos esforços contra poderes superiores foram vãos. Não tenho nada a lhes oferecer senão de fome, sede, fadiga e morte; mas convoco a todos os que amam a seu país para que se unam a mim." E centenas deles se uniram a ele.

Quando os espanhóis empreenderam a conquista da América, Pizarro ofereceu uma opção a seus homens. Podiam escolher entre a

riqueza do Peru com seus perigos ou a relativa pobreza do Panamá com sua segurança. Riscou uma linha na areia com a espada e disse: "Camaradas, daquele lado estão a pobreza, a fadiga, a nudez, a tormenta, a deserção e a morte; deste lado está o conforto. Ali está o Peru com suas riquezas; aqui está o Panamá com sua pobreza. Que cada um escolha o que convém mais a um bravo castelhano. No que a mim respeita, vou ao sul." Houve um momento de silêncio e dúvida. Logo, um velho piloto e doze soldados caminharam para o mesmo lado que Pizarro. Com eles começou o descobrimento e a conquista do Peru.

Jesus ofereceu e continua oferecendo, não o caminho à comodidade mas sim à glória. Ainda deseja homens que estejam dispostos a arriscar-se com os olhos bem abertos em seu nome.

A OBRA DO ESPÍRITO SANTO

João 16:4b-11

Os discípulos estavam afligidos e angustiados pela dor. A única coisa que sabiam era que perderiam a Jesus. Entretanto, Jesus lhes disse que, em última instância, isso era o melhor que lhes podia suceder porque quando Ele fosse embora viria o Espírito Santo, o Consolador. Enquanto Ele tivesse corpo não podiam levá-lo a todas partes, sempre deveriam despedir-se; enquanto tivesse corpo não podia chegar à mente, ao coração, convencer os homens do mundo inteiro, estava confinado pelas limitações humanas do espaço e do tempo. Pelo contrário, no Espírito não existiam as limitações. Em qualquer lugar que vá o homem, o Espírito o acompanha; o Espírito chama os homens em toda parte do mundo. A vinda do Espírito seria o cumprimento da promessa: "Eis que eu estou convosco todos os dias até o fim do mundo." (Mateus 28:20, TB). O Espírito seria uma companhia ininterrupta aos homens, e o seria para sempre. Daria ao pregador cristão poder e efetividade em qualquer lugar que falasse.

Aqui nos encontramos com uma síntese quase perfeita da obra do Espírito. Para referir-se a tal obra João emprega a palavra *elegchein*. Este termo não tem tradução exata em nenhuma palavra de nosso idioma. É empregada para referir-se ao interrogatório que se faz a uma testemunha, ou a alguém que é julgado ou a um opositor durante uma discussão. Sempre implica a idéia de interrogar alguém até que vê e reconhece seus enganos ou aceita o peso de algum argumento que não viu antes. Os gregos, por exemplo, costumam empregar esta palavra para referir-se à ação da consciência sobre a mente ou o coração de alguém. É evidente que tal interrogatório pode ter dois resultados: pode *condenar* o acusado pelo crime que cometeu ou pelo mal que fez, ou pode *convencê-lo* da debilidade de sua posição e a força da posição a qual se havia oposto até esse momento. Nesta passagem precisamos ter em mente *ambos os* sentidos: *condenar* e *convencer*. Agora vejamos o que diz Jesus que fará o Espírito Santo.

(1) O Espírito Santo *condenará os homens por seu pecado*. Quando os judeus crucificaram a Jesus não criam que cometiam pecado; pensavam que estavam servindo a Deus. Entretanto, quando, mais adiante, pregava-se a história dessa crucificação se compungiram de coração (Atos 2:37). Quando lhes foi apresentado o relato, eles tiveram repentinamente a terrível convicção de ter pecado, convenceram-se de que a crucificação foi o crime mais tremendo da história e que quem o provocou tinha sido seu pecado.

O que é o que dá ao homem o sentido do pecado? O que é o que faz com que o homem se sinta pequeno ao defrontar-se com a cruz?

Conta-se que um missionário relatava a história de Cristo em uma aldeia indígena utilizando slides projetados sobre a parede branqueada de uma das casas da aldeia. Quando passou a imagem da cruz um índio se adiantou, como se alguma força incontrolável o impulsionasse e exclamou: "Desce! Sou eu quem deveria estar ali, não você."

Não podemos conhecer nossa necessidade de um Salvador se carecermos do sentido de pecado. Por que a imagem de um homem

crucificado como um criminoso faz dois mil anos na Palestina comove e abre os corações dos homens ao longo dos séculos até nossos dias? Essa é a obra do Espírito Santo. A influência do Espírito Santo no coração do homem o condena por seu pecado.*

(2) O Espírito Santo *convencerá os homens da justiça*. O que significa isto? Seu significado se esclarece quando vemos que os homens se convencerão da *justiça de Jesus Cristo*. Crucificaram a Jesus como se fosse um criminoso. Julgaram-no, acharam-no culpado, os judeus o viram como um herege malvado e os romanos como um personagem perigoso. Deram-lhe o castigo que deviam padecer os piores criminosos, marcaram-no como um delinqüente e um inimigo de Deus. O que foi o que mudou as coisas? O que levou os homens verem o Filho de Deus nesse homem crucificado como sucedeu ao centurião (Mateus 27:54) e a Paulo no caminho a Damasco (Atos 9:1-9)? Quando pensamos nisso, é surpreendente que os homens depositem sua confiança eterna em um criminoso judeu crucificado. O que é que *convence os homens que este judeu crucificado é o Filho de Deus? Essa é a obra do Espírito Santo*. É o Espírito Santo quem convence os homens da absoluta justiça de Cristo, apoiada pelo fato da ressurreição de Jesus e de sua volta ao Pai.

(3) O Espírito Santo *convence os homens do juízo*. Sobre a cruz está condenado, julgado e derrotado o mal. O que é o que nos faz sentir o que só podemos chamar o perigo de Deus? O que é que enfrenta o homem com a certeza do juízo? Por que o homem não tem que fazer o que quiser? O que é que o faz sentir seguro de que tem o juízo pela frente? Essa é a obra do Espírito Santo. O Espírito Santo é quem nos outorga a convicção interior e inamovível de que todos deveremos nos defrontar com o juízo de Deus.

* É importante destacar que a versão inglesa que emprega Barclay diz que o Espírito Santo *condena* o mundo de pecado e o *convence* da justiça e do juízo. Tanto a versão Almeida atualizada (1995) como a Bíblia de Jerusalém falam, pelo contrário, de *convencer* o mundo do pecado, da justiça e do juízo. – Nota do tradutor.

(4) Entretanto, resta algo mais que João não menciona nesse momento. Uma vez que estamos condenados por nosso pecado, uma vez que nos convencemos da justiça de Jesus e do juízo por vir, o que é que nos faz sentir seguros de que na cruz de Cristo está nossa salvação e que com Cristo somos perdoados e nos salvamos do juízo? *Essa também é a obra do Espírito Santo.* O Espírito Santo é quem nos convence e nos faz sentir seguros de que nesta imagem crucificada também podemos encontrar a nosso Salvador e Senhor. O Espírito Santo nos condena por nosso pecado e nos convence de que temos um Salvador.

O ESPÍRITO DA VERDADE

João 16:12-15

Para Jesus, o Espírito Santo é o Espírito de verdade e sua obra suprema é levar a verdade de Deus aos homens. Temos um nome especial para denominar este ato de levar a verdade de Deus aos homens: chamamo-lo *revelação*. Não há nenhuma outra passagem no Novo Testamento que nos mostre o que poderíamos denominar os princípios da revelação com maior clareza que este.

(1) *A revelação por essência, é um processo progressivo.* Jesus sabia muitas coisas mas não as podia dizer todas a seus discípulos nesse momento porque não eram capazes de recebê-las. Só se pode dizer a cada pessoa o que ela pode compreender. Todo ensino, toda revelação deve adequar-se à capacidade que cada um tem para recebê-la. Quando queremos ensinar álgebra a um menino não começamos pelo teorema dos binômios mas sim avançamos lentamente até ele. Não começamos com o complexo quando desejamos lhe ensinar geometria mas sim nos aproximamos do difícil de maneira gradual.

Quando ensinamos latim ou grego a um jovem não partimos das passagens mais difíceis para traduzir mas sim de orações fáceis e simples. O mesmo acontece com a revelação de Deus aos homens. É

uma revelação gradual. Deus pode ensinar aos homens aquilo que são capazes de aprender. Este fato fundamental tem certas conseqüências.

(a) Explica as partes do Antigo Testamento que às vezes nos preocupam e desalentam. *Nesse momento*, essa era toda a verdade de Deus que os homens podiam entender. Tomemos um exemplo: em muitas passagens do Antigo Testamento se fala de fazer desaparecer os inimigos e destruir a fazenda e os homens, as mulheres e os meninos quando se conquista uma cidade. Por trás de todas estas passagens existe uma noção muito importante: a idéia de que Israel não devia correr o risco de manchar-se com alguma religião pagã e inferior. Antes de arriscar tal mancha e infecção, era preciso destruir aos que não adoravam o Deus verdadeiro. Quer dizer que os judeus tinham compreendido o fato de que era preciso proteger a qualquer preço a pureza da religião. Mas, *nesse momento* desejavam conservar essa pureza *destruindo* os infiéis. Quando veio Jesus, os homens compreenderam que a forma de conservar essa pureza era mediante a *conversão* dos pagãos, guiando-os para Deus. O povo do Antigo Testamento compreendeu uma grande verdade, mas só entendeu uma parte, uma faceta dessa verdade. Assim deve ser a revelação; Deus só pode revelar aquilo que o homem pode entender.

(b) É uma prova de que a revelação de Deus não tem fim. Um dos enganos que estão acostumados a cometer os homens é identificar a revelação de Deus *unicamente* com a Bíblia. Isso significaria que a partir do ano 120 depois de Cristo, que foi quando se escreveu o último livro do Novo Testamento, Deus cessou de falar, que depois disso não houve mais revelação. O Espírito de Deus *sempre* está ativo, Deus *sempre* se revela a si mesmo. É certo que a verdade suprema e insuperável de Deus chegou em Jesus Cristo mas Jesus não é uma imagem de um livro, é uma pessoa viva e nEle continua a revelação de Deus. Deus continua nos guiando para que compreendamos cada vez mais o que significa Jesus. Deus não é um Deus que nos falou até o ano 120 e que agora permanece em silêncio. Continua revelando sua verdade aos homens.

(2) Veremos isso com toda clareza se pensarmos no segundo princípio da revelação que contém esta passagem. A revelação de Deus aos homens é uma revelação de *toda* a verdade, da verdade *total*. É muito incorreto pensar que a revelação de Deus se limita ao que poderíamos denominar a verdade teológica. Os teólogos e os pregadores não são as únicas pessoas inspiradas. Quando um poeta entrega aos homens uma grande mensagem empregando palavras que superam o passo do tempo, esse homem está inspirado.

Quando H. F. Lyte escreveu as palavras do *Abide with me* (Mora comigo) não sentia que as estivesse compondo, escrevia como se alguém as ditasse. Um grande músico trabalha sob uma inspiração. Quando Händel relata como escreveu o *Coro de Aleluia para o Messias*, afirma: "Vi que os céus se abriam e contemplei o grande Deus branco sentado sobre o trono."

Quando um cientista descobre algo que salvará as vidas dos homens e reduzirá seus sofrimentos, quando alguém descobre um novo tratamento, uma droga nova, que levará vida e esperança à humanidade que sofre, trata-se de uma revelação de Deus. De fato, acontece de maneira visível. Pode acontecer que alguém pensa e pensa, busca até o cansaço e experimenta uma e outra vez. Chega a um ponto morto. O pensamento humano não pode avançar mais. Chegou a uma porta fechada. E nesse momento a solução do problema ilumina sua mente. Não o pensou, foi *dado*. Quando seu pensamento tinha chegado ao limite, Deus entrou em sua mente. Seria algo ridículo pensar na revelação de Deus exclusivamente em termos teológicos. Toda verdade é a verdade de Deus e a revelação de toda verdade é obra do Espírito Santo.

(3) Isto nos leva a outro princípio da revelação. Tudo o que é revelado provém de Deus. Deus é tanto quem possui como quem dá toda verdade. A verdade não é um descobrimento dos homens, é um dom de Deus. É a verdade de Deus que o Espírito Santo nos entrega. A verdade não é algo que criamos mediante os processos do pensamento; é algo que

já está ali esperando para ser descoberta, algo do qual nos apropriamos, mas não o criamos. Por trás de toda verdade está Deus.

(4) A revelação significa tomar as coisas de Jesus e revelar seu significado para nós. A grandeza de Jesus radica em sua inesgotabilidade. Ninguém compreendeu jamais tudo o que Jesus quis dizer. Ninguém pôde desentranhar todo o sentido de seus ensinamentos. Ninguém sabe o que significam para a vida e para a fé, para o indivíduo e para o mundo inteiro, para a sociedade e para o país. A revelação é um contínuo abrir do significado e o sentido de Jesus Cristo.

Essa é a essência da questão. A revelação não nos chega de nenhum livro, credo ou palavra impressa. Chega-nos mediante uma pessoa viva. Quanto mais perto de Jesus vivamos, mais o conheceremos. Quanto mais nos pareçamos com Ele, mais será o que nos possa dizer. Para desfrutar de sua revelação devemos aceitar sua autoridade. A submissão a Cristo e o conhecimento de Cristo vão de mãos dadas. Deus só pode revelar sua verdade ao homem que lhe pertence apesar de que às vezes alguém é um recipiente escolhido por Deus sem sabê-lo.

A TRISTEZA QUE SE CONVERTE EM ALEGRIA

João 16:16-24

Aqui Jesus dirige seu olhar mais além do momento presente rumo à idade nova que virá. Ao fazê-lo, faz uso de uma concepção que tinha raízes muito profundas no pensamento judeu. Os judeus criam que o tempo estava dividido em duas idades: a era e a era que estava por vir. A era atual era completamente má e estava condenada. A era que viria era a idade de ouro de Deus. Entre ambas foi, antes da chegada do Messias que traria a nova era, estava o Dia do Senhor. Seria um dia tremendo, o mundo se desintegraria, todas as coisas se convulsionariam e logo amanheceria a idade de ouro. Os judeus tinham o costume de chamar a esse tempo intermediário tremendo "o trabalho de parte dos dias do Messias".

Empregavam, de fato, a imagem da dor do parto que precede à chegada de toda vida nova ao mundo. O Antigo Testamento e a literatura escrita entre ambos os Testamentos estão infestados de imagens que descrevem esta época intermediária. “Eis que vem o Dia do SENHOR, dia cruel, com ira e ardente furor, para converter a terra em assolação e dela destruir os pecadores” (Isaías 13:9). “Perturbem-se todos os moradores da terra, porque o Dia do SENHOR vem, já está próximo; dia de escuridade e densas trevas, dia de nuvens e negridão!” (Joel 2:1-2). “E a honra se tornará em vergonha e a força se humilhará e se destruirá a probidade e a beleza se converterá em fealdade” (2 Baruque 27). “Mas o Dia do Senhor virá como o ladrão de noite, no qual os céus passarão com grande estrondo, e os elementos, ardendo, se desfarão, e a terra e as obras que nela há se queimarão.” (2 Pedro 3:10). Essa era a imagem dos dores de parto da vinda do Messias.

Jesus conhecia as Escrituras; conhecia estas imagens; estavam presentes em sua mente e em sua memória. E agora dizia a seus discípulos: "Vou deixá-los, mas voltarei. Chegará o dia quando começar meu reino e chegar meu Reinado. Mas antes disso vocês terão que passar por coisas terríveis com um sofrimento semelhante a de dores de parto. Não obstante, se perseverarem com fé e passarem por esse tempo tremendo, as bênçãos serão preciosas." Depois disso, Jesus passou a esboçar a vida do cristão que suporta o sofrimento.

(1) O sofrimento se converterá em gozo. Pode chegar um momento em que ser cristão não parece produzir mais que dor enquanto pareceria que pertencer ao mundo só produz alegria. Mas chega um dia quando se invertem os papéis. A alegria despreocupada do mundo se converte em sofrimento e o aparente sofrimento do cristão se converte em alegria. O cristão sempre deve lembrar, quando sua fé lhe custa caro, que esse não é o fim de tudo, que depois da dor vem a alegria.

(2) Haverá duas coisas muito valiosas sobre esta alegria cristã.

(a) Ninguém poderá jamais tirá-la de nós. Será independente das contingências e as mudanças do mundo. Nenhuma atividade ou ataque

do homem poderá tocá-la. É um fato muito certo que em todas as épocas, as pessoas que sofriam de maneira tremenda falaram de momentos doces passados com Cristo. A alegria que o mundo proporciona está à sua mercê. A alegria que brinda Jesus é independente de algo que possa fazer o mundo. Não depende do que este dá ou saca pois só depende da presença de Cristo e seu único fundamento é Deus.

(b) Será completa. O que caracteriza à vida é que em suas maiores alegrias sempre há um elemento de finitude. Sempre falta algo. Pode ser que de algum modo existe um sentimento de pesar ou a noção de que uma nuvem íntima pode arruiná-lo, ou que sempre tenhamos presente que não pode durar muito tempo. Na alegria cristã, a alegria da presença de Cristo e da vida vivida com Ele, não há nenhuma mistura, nenhum vestígio de imperfeição. É perfeita e completa.

(3) Na alegria cristã a pessoa se esquece da dor que a precedeu. A mãe se esquece da dor diante da maravilha de seu filho. O mártir esquece sua agonia na glória do céu. Se a fidelidade custar muito, o homem que a experimenta esquecerá seu preço na alegria de estar com Cristo para sempre e na alegria muito simples de ter-se demonstrado fiel.

(4) O conhecimento será total. Disse Jesus: “Naquele dia, nada me perguntareis”. Nesta vida sempre subsistem as perguntas sem resposta e os problemas sem solução. Em última instância, nesta vida sempre devemos partir pela fé e não pelo que vemos. Devemos aceitar constantemente coisas que não compreendemos. Só percebemos fragmentos da verdade e vemos esboços de Deus. Entretanto, na era por vir com Cristo conheceremos tudo. Quando estivermos totalmente com Cristo terminará o tempo das perguntas e chegará o momento das respostas.

(5) Haverá uma nova relação com Deus. Quando conhecemos real e verdadeiramente a Deus podemos ir a Ele e lhe pedir ou lhe perguntar algo. Sabemos que a porta está aberta, sabemos que é o Pai e que seu coração é todo amor. Somos como meninos que jamais duvidam de que

seu pai se alegra ao vê-los e que podem falar com ele quanto queiram. Jesus diz que nessa relação pediremos algo.

Mas pensemo-lo em termos humanos, que são as únicas coisas que conhecemos. Quando um menino ama e confia em seu pai sabe muito bem que em alguma oportunidade seu pai não lhe satisfará algum pedido porque seu amor e seu conhecimento são superiores aos do menino. Podemos chegar a estabelecer uma relação tão íntima com Deus que podemos levar a Ele todas nossas coisas mas sempre devemos terminar nossa prece com estas palavras: "Faça-se a tua vontade."

(6) Essa nova relação é possível por intermédio de Jesus. Existe *em seu nome*. Devido a quem é Jesus e ao que Ele fez, nossa alegria é indestrutível e perfeita, nosso conhecimento é completo, um novo caminho se abre para o coração de Deus. Tudo o que temos veio a nós através de Jesus Cristo. Em seu nome pedimos e recebemos, aproximamo-nos e somos recebidos.

O ACESSO DIRETO

João 16:25-28

A versão Almeida Revista e Corrigida (1995) diz que até agora Jesus falou com seus discípulos em *parábolas*. A palavra empregada é *paroimia*: Este termo se emprega para referir-se às parábolas de Jesus mas basicamente se refere a algo difícil de entender, algo cujo sentido está velado para o ouvinte casual, algo que exige reflexão para que se esclareça seu sentido. Pode-se usar, por exemplo, para referir-se às sentenças de sábios que são tão breves que a mente deve desentranhar suas poucas palavras plenas de sentido. Também se pode empregar para falar de uma adivinhação cujo sentido cada um deve averiguar como melhor possa. O que Jesus diz é o seguinte: "Até agora lhes dei chaves e indicações; estive dando a verdade coberta por um véu; disse coisas que vocês deviam pensar para descobrir seu sentido; mas agora direi a verdade sem rodeios." Então lhes diz diretamente que veio de Deus e que

retornava para Ele. Eis aqui uma afirmação tremenda: Jesus assegura que não é senão o Filho de Deus e que para Ele a cruz não significa a morte como um criminoso mas o seu caminho de volta a Deus.

Mas logo Jesus diz algo que jamais devemos esquecer. Diz que podem aproximar-se diretamente a Deus porque Ele os ama. Afirma que Ele não precisa levar os pedidos dos discípulos a Deus: podem fazê-lo por si mesmos. Esta é a prova final de algo que nunca devemos esquecer. Estamos acostumados a pensar com muita freqüência em um Deus zangado e em um Jesus amável.

Muito freqüentemente se apresenta o que Jesus fez de maneira tal que parece que alguma atitude sua mudou a atitude de Deus para com os homens e o converteu em um Deus que ama em lugar de um Deus que julga. Mas aqui Jesus diz: "Podem ir a Deus porque Deus os ama" e o diz *antes da cruz*. Jesus não morreu para mudar a Deus e convertê-lo em amor; morreu para nos dizer que Deus é amor. Não veio porque Deus odiava tanto o mundo mas sim porque o *amava* tanto. Por trás de todas as coisas está o amor de Deus e nunca o teríamos sabido se Jesus não nos dissesse isso. Jesus trouxe aos homens o amor de Deus.

Diz-lhes que seu obra está concluída. Veio do Pai e agora, pelo caminho da cruz, volta para Pai. E fica aberto para todos os homens o caminho para Deus. Seu privilégio é tão imenso que Jesus não precisa levar as preces dos homens a Deus, podem levá-las eles próprios.

Quem ama a Cristo é amado por Deus.

CRISTO E SEUS DONS

João 16:29-33

Aqui vemos de uma maneira estranha como os discípulos terminaram rendendo-se a Jesus. De repente deram um salto e creram por completo porque, como eles mesmos disseram, deram-se conta de que Jesus não necessitava que ninguém lhe perguntasse nada. O que quiseram dizer com isso? Nos versículos 17 e 18 os encontramos

discutindo as palavras de Jesus e intrigados sobre seu significado. A partir do versículo 19 Jesus começa a responder a suas perguntas sem *lhes perguntar quais eram*. Dito de outro modo, Jesus podia ler seus corações como se fossem um livro aberto. Essa é a razão pela qual creram nele: sentiram-se diante de alguém que sabia tudo a respeito deles antes de que o dissessem. Para Jesus, o coração dos homens estava totalmente aberto. Podia responder à pergunta não formulada e ocupar-se do problema não expresso.

Um viajante que passeava pela Escócia faz muito tempo descreveu a dois pregadores aos quais ouviu. Disse a respeito de um deles: "Mostrou-me a glória de Deus". Sobre o outro, comentou: "Mostrou-me todo meu coração". Jesus podia fazer *ambas as coisas*. Foi seu conhecimento de Deus e do coração humano o que convenceu a seus discípulos de que era o Filho de Deus. Ninguém conheceu jamais a Deus e aos homens como Jesus o fez.

Mas Jesus era realista. Disse-lhes que, apesar de sua crença, chegaria o momento quando o abandonariam. Possivelmente este é o aspecto mais extraordinário da personalidade de Jesus. Conhecia a debilidade dos homens, sabia que fracassavam, sabia que o abandonariam na hora de maior necessidade e, apesar *de tudo, os amava*. E o mais maravilhoso é que *continuava confiando neles*. Conhecia o pior aspecto dos homens e entretanto continuava amando-os e confiando neles. É muito possível que uma pessoa perdoe a alguém e, apesar disso, deixe bem estabelecido que não está disposto a voltar a confiar nele. Jesus, pelo contrário, disse: "Sei que em sua debilidade vocês me abandonarão; entretanto, sei que serão conquistadores". Jamais viu o mundo tal combinação de confiança e perdão. Que lição encontramos nisto! Jesus nos ensina a perdoar e a confiar na pessoa que cometeu o engano.

Esta passagem estabelece com toda clareza quatro coisas sobre Jesus.

(1) *A solidão de Jesus*. Os homens o abandonariam. Não obstante, nunca estava sozinho porque tinha a Deus. Ninguém está sozinho em uma causa justa, sempre está com Deus. Ninguém é abandonado por completo, Deus nunca abandona o homem bom. É justamente em uma situação desse tipo quando percebemos o caráter precioso de Deus porque nunca nos damos conta do valor de um amigo até que o necessitamos como jamais necessitamos nada nem ninguém no mundo.

(2) *O perdão de Jesus*. Já refletimos sobre isto. Sabia que seus amigos o abandonariam e entretanto, não os sancionou antes de que o fizessem nem mostrou ressentimento depois. Amava os homens com todas as suas fraquezas; via os homens e os amava tal como eram. O amor deve ter os olhos bem abertos. Se idealizarmos a alguém, se cremos que não tem nenhum defeito, estamos condenados a nos sentir defraudados. Não devemos amar a uma pessoa ideal, mas à pessoa de carne e osso, tal como é.

(3) *A simpatia de Jesus*. Aqui há um versículo que, à primeira vista, parece estar fora de lugar: "Estas coisas vos tenho dito para que tenhais paz em mim." Quer indicar o seguinte: se Jesus não tivesse predito a fraqueza dos discípulos, quando estes percebessem mais tarde como lhe tinham falhado e abandonado poderiam ter caído no desespero mais total e absoluto. Entretanto, o advertiu antes de que acontecesse. É como se tivesse dito: "Sei o que acontecerá; digo-o agora, não devem pensar que sua infidelidade me produziu alguma surpresa. Sabia que aconteceria e isso não muda absolutamente o amor que sinto para com vocês. Quando pensarem nisso mais adiante não se desesperem." Aqui temos a piedade e o perdão divinos. Jesus não pensava na dor que sentiria pelo pecado dos homens mas sim no que experimentariam esses mesmos homens.

Às vezes significaria uma grande diferença que pensássemos menos na dor que outros nos infligiram e dedicássemos mais tempo a pensar em que medida o fato de nos haver ferido lhes produziu arrependimento e dor no coração.

(4) *O dom de Jesus*. E o dom de Jesus é a coragem e a conquista. Em muito pouco tempo se demonstraria algo irrefutável aos discípulos. Veriam que o mundo podia fazer todo o mal de que era capaz a Jesus e, apesar disso, não conseguiria vencê-lo. Veriam o mundo fazendo o pior possível na crucificação; veriam que Jesus seria invencível quando ressuscitasse. E Jesus diz: "O triunfo que obterei também pode ser o de vocês. O mundo me fez o pior e saí vitorioso. A vida pode fazer de vocês o pior e vocês também podem triunfar. Vocês também podem possuir a coragem e a conquista da cruz".

João 17

A glória da cruz - 17:1-5

A glória da cruz - 17:1-5 (cont.)

A vida eterna - 17:1-5 (cont.)

A obra de Jesus - 17:6-8

O significado da condição de discípulo - 17:6-8 (cont.)

A oração de Jesus por seus discípulos - 17:9-19

A oração de Jesus por seus discípulos - 17:9-19 (cont.)

Uma incursão ao futuro - 17:20-21

O dom e a promessa de glória - 17:22-26

A GLÓRIA DA CRUZ

João 17:1-5

Para Jesus a vida tinha uma culminação e essa culminação foi a cruz. Para Jesus, a cruz era a glória da vida e o caminho rumo à glória da eternidade. Disse Jesus: "É chegada a hora de ser glorificado o Filho do Homem." (João 12:23). No que consistiu a glória da cruz? O que queria dizer Jesus ao falar uma e outra vez sobre a cruz como sua glória e sua glorificação? Há mais de uma resposta a essa pergunta.

(1) Um dos grandes fatos da história é que os grandes homens encontraram sua glória na morte. Foi quando morreram e a forma em que

morreram o que fez que as pessoas se dessem conta do que e de quem eram. Possivelmente durante suas vidas não foram compreendidos, não se lhes deu o valor que tinham e receberam a condenação como criminosos mas ao morrer demonstraram sua verdadeira nobreza e seu verdadeiro lugar no esquema das coisas.

Abraão Lincoln teve inimigos durante sua vida. Mas até aqueles que o criticaram e não lhe deram o valor que tinha viram sua grandeza depois de sua morte. Alguém saiu da habitação onde Lincoln morreu pelo tiro assassino e disse: "Agora pertence à história".

Stanton, o ministro da guerra de Lincoln que sempre o considerou frio e despreocupado e nunca fez esforço algum para ocultá-lo, observou seu cadáver com lágrimas nos olhos: "Ali jaz", disse, "o maior governante que o mundo jamais viu".

Os ingleses queimaram a Joana d'Arc como bruxa e herege. Entre a multidão havia um inglês que jurou adicionar um lenho ao fogo. "Tomara que minha alma estivesse onde está a dessa mulher!", disse. Um dos secretários do rei da Inglaterra foi embora do lugar onde Juana foi queimada dizendo: "Estamos todos perdidos porque queimamos a uma santa."

Quando os inimigos de Montrose se dispuseram a matá-lo, o levaram pela rua principal rumo à Cruz Mercal para executá-lo. Os inimigos incitaram à multidão para que zombassem dele e deram armas para que as lançassem contra ele. Entretanto, não se elevou uma só voz para mofar-se dele e não houve um só braço que se movesse contra ele. Exibia suas melhores roupas, com belos sapatos e finas luvas brancas nas mãos. James Fraser, uma testemunha ocular, disse: "Caminhava pela rua com passo tão majestoso e se via tanta beleza em seu rosto, tanto realza e gravidade que maravilham o espectador. Muitos de seus inimigos reconheceram que era a pessoa mais valente do mundo e seu cavalheirismo afetou a toda a multidão." John Nicoll o notário público, considerou que parecia mais um noivo do que um criminoso. Um inglês que estava presente, um empregado do governo,

escreveu a seus superiores: "Não há a menor dúvida de que venceu a mais homens em Escócia com sua morte dos que teria vencido em vida. Pois jamais vi um porte mais doce em toda minha vida de que tinha aquele homem."

Algumas vezes, a majestade de um mártir se manifestou no momento de sua morte. O mesmo aconteceu com Jesus, pois até o centurião que estava ao pé da cruz, disse: "Verdadeiramente este era Filho de Deus" (Mateus 27:54). A cruz foi a glória de Jesus porque nunca teve maior elevação que no momento de sua morte. Foi sua glória porque o magnetismo da cruz atraiu os homens de uma maneira que não o fez em vida: e assim acontece até o dia de hoje.

A GLÓRIA DA CRUZ

João 17:1-5 (continuação)

(2) Mais ainda, a cruz foi a glória de Jesus porque era a culminação de seu obra. "Acabei a obra", disse, "que me deste para fazer." Se Jesus se detivesse antes da cruz teria deixado seu obra sem terminar. Por que tinha que ser assim? Jesus veio a este mundo para falar e mostrar aos homens o amor de Deus. Se Jesus se detivesse na cruz teria dado prova de que o amor de Deus pelos homens tem um limite. Teria sido o mesmo que dizer: "Até aqui e além daqui não." Entretanto, ao chegar até a cruz, Jesus demonstrou que não havia nada que o amor de Deus pelos homens não estivesse disposto a fazer e sofrer; quer dizer que seu amor não tinha limites.

H. L. Gee fala de um incidente que ocorreu em Bristol durante a guerra. Um dos empregados das estações do A. R. P. era um jovem que trabalhava como mensageiro, chamado Derek Bellfall. Foi enviado a outra estação com uma mensagem e foi em sua bicicleta. No caminho de volta caiu uma bomba e o feriu de morte. Quando o encontraram ainda estava consciente. As últimas palavras que murmurou foram: "O

mensageiro Bellfall informa: entreguei minha mensagem." O fato de entregá-lo custou a vida, mas tinha completado o seu dever.

Havia um quadro famoso sobre a Primeira Guerra Mundial. Mostrava um engenheiro que consertava uma linha telefônica do campo de batalha. Terminou de consertá-la para poder receber as mensagens mais importantes quando o mataram. O quadro o mostra no momento da morte e na parte inferior há uma só palavra: "Preparado!" Morreu, entregou sua vida para que a mensagem chegasse. Isso foi exatamente o que fez Jesus. Tinha completado sua tarefa; tinha levado o amor de Deus aos homens. Isso significava a cruz e a cruz era sua glória porque terminou o trabalho que Deus lhe deu. Convenceu os homens para sempre do amor de Deus.

(3) Mas ainda fica uma pergunta: de que maneira a cruz de Jesus glorificou a Deus? Há uma só forma de glorificar a Deus: mediante a obediência. Um menino glorifica a seus pais quando os obedece. Um cidadão dá glória a seu país quando o obedece. Um acadêmico glorifica a seu professor quando o obedece e segue seus ensinamentos. Jesus levou glória e honra a Deus mediante sua perfeita obediência para com Ele. O relato evangélico diz de maneira muito clara que Jesus poderia ter evitado a cruz. Em termos humanos, poderia ter voltado atrás e não tinha por que ir a Jerusalém. Ao olhar a Jesus durante seus últimos dias, seu juízo, a cruz, vemos-nos obrigados a exclamar: "Vejam como amou a Deus!" Vejam até onde chega sua obediência!" Jesus glorificou a Deus na cruz entregando uma obediência perfeita em um amor perfeito.

(4) Mas até há algo mais. Jesus orou a Deus para glorificá-lo e para glorificar-se a si mesmo. *A cruz não era o fim*. Logo viria a ressurreição. A ressurreição foi a reivindicação de Jesus. Foi a prova de que os homens podiam cometer a pior de suas ações e que Jesus podia triunfar apesar dela. Foi como se Deus apontasse à cruz e dissesse: "Isso é o que os *homens* pensam sobre meu filho", e logo apontasse à ressurreição e dissesse: "Isso é o que *eu* penso sobre meu filho." A cruz foi o pior que os homens puderam fazer a Jesus. Mas nem sequer a pior ação dos

homens pôde eliminar, conquistar ou destroçar a Jesus. A glória da ressurreição apagou a vergonha da cruz.

(5) Para Jesus a cruz foi o caminho de volta. Orou: “Glorifica-me, ó Pai, contigo mesmo, com a glória que eu tive junto de ti, antes que houvesse mundo.” Jesus era como um cavaleiro que abandonou a corte do rei para levar a cabo alguma façanha perigosa e tremenda e, uma vez cumprida, voltava para a corte triunfante para desfrutar da glória do vencedor. Jesus veio de Deus e retornou a Deus.

A façanha entre sua vinda e sua volta foi a cruz. De maneira que para Ele a cruz foi a porta que o conduziu à glória e se não quisesse passar por essa porta não existiria nenhuma glória para acessar. Para Jesus, a cruz foi sua volta a Deus.

A VIDA ETERNA

João 17:1-5 (continuação)

Há outro pensamento fundamental nesta passagem porque contém a grande definição que dá o Novo Testamento sobre a vida eterna. A vida eterna consiste em conhecer a Deus e a Jesus Cristo, enviado por Deus. Lembremos o que significa a palavra *eterno*. O termo grego é *aionios*. Trata-se de uma palavra que não tem tanto relação com a *duração* da vida pois tal duração não é necessariamente uma graça. Uma vida que continuasse para sempre não seria necessariamente algo bom ou desejável. O sentido fundamental desta palavra é a *qualidade* da vida. A palavra *aionios*, *eterno*, só pode aplicar-se com justiça a uma pessoa: Deus. De maneira que a vida eterna não é mais que a vida de Deus. Possuir a vida eterna, entrar nela, significa experimentar aqui e agora uma medida do esplendor, da majestade, da alegria, da paz e da santidade que caracterizam a vida de Deus.

Conhecer a Deus é um pensamento que caracteriza o Antigo Testamento. A sabedoria é “árvore de vida para os que a alcançam” (Provérbios 3:18). "Reconhecer seu poder", escreveu o autor do Livro da

a Sabedoria, "é a raiz da imortalidade" (Sabedoria 15:3). "Os justos são libertados pelo conhecimento" (Provérbios 11:9). Ao sonhar com a idade de ouro Habacuque imagina que "a terra se encherá do conhecimento da glória do SENHOR" (Hab. 2:14). Oséias ouve a voz de Deus que lhe diz: "Meu povo foi destruído, porque lhe faltou conhecimento" (Oséias 4:6).

Uma exposição rabínica pergunta qual é a seção mais pequena das Escrituras sobre a qual descansam todos os elementos essenciais da lei. Responde, Provérbios 3:6 cujo sentido literal é "*Reconhece-o* em todos os teus caminhos, e ele endireitará as tuas veredas." Há outro escrito rabínico que afirma que Amós resumiu todos os mandamentos da lei em um quando disse: "Buscai-me e vivei." (Amós 5:4), pois *buscar a Deus* significa buscar *conhecê-lo*. Os mestres judeus sempre tinham insistido em que era necessário conhecer a Deus para levar uma vida autêntica.

O que significa, então, conhecer a Deus?

(1) Sem dúvida alguma, aqui há algum elemento de conhecimento intelectual. Significa conhecer, ao menos em parte, como é Deus. Saber como é Deus significa uma diferença tremenda na vida. Tomemos dois exemplos. Os povos pagãos, especialmente nos países primitivos, crêem em uma horda de deuses. Cada árvore, arroio, monte ou montanha tem seu próprio deus e seu espírito. Todos eles são hostis e rancorosos com os homens. Os povos primitivos se sentem assediados pelos deuses, vivem em um temor perpétuo de ofender a um deles. Os missionários nos contam que nos é virtualmente impossível compreender a imensa tranqüilidade que produz a essa gente descobrir que *há um só Deus*. Este novo conhecimento significa uma diferença fundamental na vida. Por outro lado, é evidente que significa algo muito importante saber que Deus não é estrito, duro e cruel mas sim é amor. Nós sabemos estas coisas mas nunca teríamos podido nos inteirar delas se Jesus não viesse contá-las. Entramos em uma vida nova, compartilhamos uma medida da vida de Deus quando, mediante a obra de Jesus, descobrimos como é Deus. Saber como é Deus é vislumbrar a vida eterna, a vida de Deus.

(2) Não obstante, há algo mais. O Antigo Testamento em geral usa a palavra conhecer para referir-se ao conhecimento sexual. “Conheceu Adão a Eva, sua mulher, e ela concebeu, e teve a Caim” (Gênesis 4:1, RC). Agora, o conhecimento entre marido e mulher é o mais íntimo que pode haver. Marido e mulher já não são dois, mas uma só carne. O ato sexual em si mesmo não é o importante, o que importa é a intimidade de coração, espírito e alma que deve preceder ao ato de amor genuíno. De maneira que conhecer a Deus não é limitar-se a um conhecimento intelectual, significa manter uma relação pessoal íntima com Ele semelhante à relação mais próxima, mais amada e mais íntima da vida. O conhecimento de Deus não é intelectual: é uma relação pessoal. E mais uma vez, essa intimidade seria impensável e impossível sem Jesus. Jesus foi quem ensinou aos homens que Deus não é alguém distante, remoto e inalcançável mas sim é o Pai cujo nome e essência é o Amor.

Conhecer a Deus significa saber como é e manter a amizade mais íntima com Ele e nada disso é factível sem Jesus.

A OBRA DE JESUS

João 17:6-8

Aqui Jesus nos dá uma definição de sua obra. Jesus disse a Deus: "Manifestei o teu nome". Esta passagem inclui duas idéias fundamentais que seriam muito claras àqueles que o ouviam pela primeira vez.

(1) Temos uma idéia que é essencial e característica do Antigo Testamento. Nele se emprega de maneira muito especial a expressão *nome*. Não significa meramente o nome com o qual se designa ou se chama uma pessoa. Faz referência à natureza e o caráter da pessoa na medida em que se pode conhecê-la. Diz o salmista: “Em ti, pois, confiam os que conhecem o teu nome” (Salmo 9:10). É evidente que isto não significa que aqueles que saibam como se *chama* Deus confiarão nEle. O que quer dizer é que aqueles que sabem como é Deus, aqueles que conhecem o caráter e a natureza de Deus estarão dispostos e desejosos de

depositar sua confiança nele. Diz o salmista: “Uns confiam em carros, e outros, em cavalos, mas nós faremos menção do nome do SENHOR, nosso Deus” (Salmos 20:7, RC). Isto significa que o salmista deposita sua confiança na natureza e no caráter de Deus. Sabe que pode confiar em Deus porque o conhece. Diz: “Declararei o teu nome aos meus irmãos” (Salmo 22:22).

Os judeus criam que este salmo era uma profecia do Messias e da obra que levaria a cabo. Isso significa que a obra do Messias consistiria em declarar a outros homens como era Deus. A visão de Isaías da nova era é que "Meu povo saberá meu nome" (Isaías 52:6). Isso significa que na idade de ouro os homens saberão como é Deus de maneira plena e verdadeira. De modo que quando Jesus diz: "Manifestei o teu nome", o que quer dizer é o seguinte: "Permiti aos homens ver a verdadeira natureza e o caráter de Deus". De fato, é outra forma de dizer: “Quem me vê a mim vê o Pai” (João 14:9). A afirmação suprema de Jesus é que nEle os homens vêem a mente, o caráter e o coração de Deus.

(2) Entretanto, há outra idéia mais. Em épocas posteriores, quando falavam do *nome de Deus* os judeus faziam referência ao símbolo sagrado das quatro letras, o tetragramatom, IHWH. Considerava-se que esse nome era tão sagrado que ninguém o pronunciava jamais com exceção do sumo sacerdote quando ingressava no santíssimo no dia do perdão. Era tão sagrado que nem sequer podia posar-se nos lábios dos homens. Estas quatro letras representam o nome de Yahweh. Em geral, nós falamos de Jeová; a mudança das vogais se deve ao fato de que as vogais de Jeová correspondem às da palavra *Adonai*, que significa *Senhor*. O alfabeto hebraico não contém nenhuma vogal. Mais tarde, destacavam-se os sons vocálicos com pequenos signos que se escreviam acima e abaixo das consoantes. As quatro letras IHWH eram tão sagradas que as vogais de Adonai ficavam por baixo de maneira que quando o leitor chegava à palavra IHWH não lia Yahweh, mas Adonai. De maneira que no tempo de Jesus, o nome de Deus era tão sagrado que o povo nem sequer devia conhecê-lo e, por certo, não deviam pronun-
ciá-

lo jamais. Deus era o Rei longínquo, invisível, cujo nome não deviam pronunciar os homens simples.

De maneira que Jesus diz: "Eu lhes disse o nome de Deus; esse nome tão sagrado que ninguém o pode pronunciar, agora sim se pode pronunciar em razão do que eu tenho feito. Aproximei tanto do Deus remoto e invisível que até as pessoas mais simples podem falar com Ele e pronunciar o seu nome."

A grande afirmação de Jesus é que mostrou a verdadeira natureza e o verdadeiro caráter de Deus aos homens e que nos aproximou tanto a Ele que até o cristão mais simples pode pôr em seus lábios o nome que fora impronunciável, o nome de Deus.

O SIGNIFICADO DA CONDIÇÃO DE DISCÍPULO

João 17:6-8 (continuação)

Esta passagem também esclarece o que significa ser um discípulo.

(1) O fato de ser discípulo se baseia no reconhecimento de que Jesus vem de Deus. O discípulo é, basicamente, uma pessoa que se deu conta de que Jesus é o embaixador de Deus, que nas palavras de Jesus ouvimos a voz de Deus e que em suas obras vemos Deus agir. O discípulo é alguém que vê Deus em Jesus e que sabe que não há ninguém no mundo inteiro que seja um com Deus como o é Jesus.

(2) A condição de discípulo se manifesta na obediência. Um discípulo é alguém que obedece a palavra de Deus tal como a ouve em Jesus. Não se pode ser discípulo sem obediência. O discípulo é a pessoa que aceitou que Jesus é o mestre e que converteu suas palavras em sua norma de vida. Enquanto desejemos a independência, enquanto nos empenhemos em fazer nossa própria vontade, não poderemos ser discípulos. A condição de discípulo implica na submissão e se baseia sobre a obediência.

(3) O ser discípulo é algo para o qual alguém está destinado. Deus deu a Jesus seus homens. No plano de Deus, estes homens estavam

destinados a ser discípulos. Isso não quer dizer que Deus destinou alguns homens a ser discípulos e a outros a rechaçar essa condição. Não é uma predestinação o ser discípulos como não querer sê-lo.

Pensemo-lo deste modo. Um pai tem grandes ilusões com respeito a seu filho; elabora e constrói em sua mente um futuro para seu filho, mas este pode rechaçá-lo e seguir seu próprio caminho. Um professor elabora um grande futuro para algum estudante ou discípulo dele, vê nele a capacidade de converter-se em um homem muito útil para Deus e outros homens; mas o estudante pode rechaçar a tarefa por ociosidade ou egoísmo. Se amarmos a alguém sempre sonhamos com o futuro dessa pessoa e planejamos uma vida de grandeza; mas tanto os sonhos como os planos podem ser frustrados.

Os fariseus criam no destino mas também no livre-arbítrio. Uma das grandes frases dos fariseus era: "Tudo está estabelecido salvo o temor de Deus". Deus tem seu plano, seu sonho, seu destino para cada um dos homens e a enorme responsabilidade de nossa condição de homens é que podemos aceitar ou rechaçar o destino que Deus tem reservado para nós. Não estamos nas mãos da fatalidade mas sim nas de Deus. Como foi dito: "A fatalidade é o que estamos obrigados a fazer; o destino é o que se supõe que devemos fazer". Ninguém pode evitar fazer o que está obrigado a levar a cabo mas sim pode não querer fazer o que se espera dele.

Em toda esta passagem e, de fato, em todo o capítulo, percebe-se na voz de Jesus uma confiança absoluta no futuro. Estava com seus homens, com os homens que Deus lhe deu; agradeceu a Deus por eles e jamais duvidou de que levariam a cabo a tarefa que lhes confiasse. Recordemos o que e quem eles eram.

Um grande comentarista disse o seguinte a respeito dos homens de Jesus: "Onze camponeses da Galiléia depois de três anos de trabalho! Mas isso é suficiente para Jesus porque nesses onze vê o compromisso de continuar a obra de Deus sobre a Terra".

Quando Jesus abandonou este mundo não parecia contar com muitas razões para ter esperanças. Parecia ter obtido tão pouco e ter conquistado a um número tão pequeno de homens e os grandes, os ortodoxos e as pessoas religiosas de sua época lhe tinham dado as costas. Mas Jesus tinha essa confiança divina que brota de Deus. Não temia os princípios humildes. Não era pessimista com respeito ao futuro. Parecia dizer: "Só conquistei onze homens simples; mas me dêem onze homens simples e mudarei o mundo".

Jesus contava com dois elementos: cria em Deus e cria nos homens. Confiava em Deus e nos homens. Uma das coisas que mais nos consolam e nos elevam é pensar que Jesus depositou sua confiança em homens como nós. Nós tampouco devemos nos sentir esmagados pela fraqueza dos homens ou por um começo desprezível. Nós também devemos avançar com a fé confiada de Jesus em Deus e os homens. Se crerem em Deus e nos homens jamais serão pessimistas porque se crerem nessas duas coisas as possibilidades da vida são infinitas.

A ORAÇÃO DE JESUS POR SEUS DISCÍPULOS

João 17:9-19

Aqui nos deparamos com uma passagem cheia de verdades tão grandiosas que só podemos compreender alguns fragmentos.

Em primeiro lugar, diz-nos algo sobre o discípulo de Jesus.

(1) Deus dá o discípulo a Jesus. O que significa isso? Significa que o Espírito de Deus move nossos corações para que respondamos ao chamado de Jesus. Quando nossos corações transbordam de amor e devoção para com Jesus, é o Espírito de Deus quem as impulsiona.

(2) Por meio do discípulo, Jesus foi glorificado. É o paciente curado que leva glória ao médico; é o estudioso que se formou aquele que glorifica o professor; o atleta que treinou é quem confere glória ao treinador. Os homens resgatados e redimidos por Jesus são aqueles que

lhes prestam honras. O homem mau que se converteu em bom, o homem que recebeu as forças necessárias para levar uma vida cristã, honra a Jesus.

(3) O discípulo é o homem a quem se encomendou uma tarefa. Tal como Deus enviou a Jesus, Jesus envia a seus discípulos. Aqui encontramos a explicação de uma parte intrigante desta passagem. Jesus começa dizendo que não ora pelo mundo; entretanto, veio ao mundo porque Deus o amou muito. Não obstante, como já vimos, no Evangelho de João o termo *o mundo* significa a "sociedade humana que se organiza sem Deus". O que Jesus faz pelo mundo é enviar a seus discípulos a fim de conduzir ao mundo mais uma vez para Deus e torná-lo consciente de Deus. Ora por seus homens para que cheguem a ser capazes de ganhar o mundo para Ele.

Por outro lado, esta passagem nos diz que Jesus ofereceu duas coisas a seus homens.

(1) Ofereceu-lhes sua alegria. Tudo o que lhes dizia tinha como objetivo proporcionar alegria.

(2) Mas também lhes ofereceu sua *advertência*. Disse-lhes que eram diferentes do mundo e que não podiam esperar mais que ódio da parte do mundo. Seus valores eram diferentes dos do mundo; seus padrões eram diferentes dos padrões do mundo. Entretanto, há certa alegria em lutar contra a tormenta e erguer-se contra a corrente. Ao enfrentar a hostilidade do mundo ingressamos na alegria cristã.

Mais ainda; nesta passagem Jesus faz a afirmação mais tremenda de todas as que pronunciou. Ora a Deus e diz: "Tudo o que é meu, é teu; e tudo o que é teu, é meu" (v. 10, TB). A primeira parte da oração é compreensível porque todas as coisas pertencem a Deus e Jesus o havia dito uma e outra vez. Mas a segunda parte é uma afirmação esmagadora: "Tudo o que é teu, é meu".

Lutero disse: "Nenhuma criatura pode dizer isso com respeito a Deus". Jesus tinha afirmado sua realeza, sua unidade, sua unicidade com

Deus de maneira tão eloqüente. Jesus é um com Deus até o ponto de exercer as mesmas prerrogativas e os mesmos poderes que Deus.

A ORAÇÃO DE JESUS POR SEUS DISCÍPULOS

João 17:9-19 (continuação)

O interesse supremo e sagrado desta passagem é que nos diz as coisas pelas quais Jesus orava ao interceder por seus discípulos.

(1) O primeiro ponto fundamental que devemos notar é que Jesus não orava para que os discípulos fossem libertados deste mundo. Jesus jamais orou para que seus homens encontrassem uma via de escape, mas sim para que achessem a vitória. O tipo de cristianismo que se enterra num monastério ou convento não pareceria nada cristão a Jesus. O tipo de cristianismo que encontra a essência da vida cristã na oração e na meditação, em uma vida separada do mundo, pareceria a Jesus como uma triste versão truncada da fé pela qual morreu para entregá-la aos homens.

Jesus sempre insistiu que o homem deve viver seu cristianismo no fragor, nas dificuldades e nos tropeços da vida. É obvio que é necessário contar com momentos de oração, de meditação e silêncio, momentos quando fechamos as portas ao mundo e nos isolamos para estar a sós com Deus, mas todas estas coisas não são o objetivo da vida. São meios para chegar a esse fim e o fim da vida é mostrar a vida cristã na tarefa cotidiana do mundo. O objetivo do cristianismo jamais foi apartar o homem da vida, mas equipá-lo melhor para enfrentá-la. O cristianismo não nos oferece libertação dos problemas; oferece-nos uma forma de solucioná-los. Não uma paz fácil mas uma luta triunfante. Não uma vida na qual evadimos e fugimos dos problemas; o que nos oferece é uma vida na qual enfrentamos e vencemos os problemas. Por mais certo que seja que o cristão não é do mundo, também é certo que deve viver seu cristianismo no mundo. Jamais deve sentir desejo de abandonar o mundo; pelo contrário, deve sempre desejar ganhar o mundo.

(2) Jesus orou pela unidade de seus discípulos. Orou para que fossem um como o Ele e seu Pai são Um. Como já foi dito, orou para que vivessem "não como unidades mas sim como uma unidade". Onde há divisões, exclusivismos, competição entre as Igrejas, desunião e lutas internas, obstaculiza e faz mal à causa do cristianismo e frustra a oração de Jesus. Não se pode pregar realmente o evangelho a uma congregação que não é um grupo unido de irmãos. As Igrejas que competem entre si não podem evangelizar o mundo. Jesus orou para que seus discípulos fossem um no sentido profundo em que o eram Ele e o Pai: e não há nenhuma outra oração que tenha encontrado tantos obstáculos como esta da parte dos cristãos em tanto indivíduos e da Igreja em geral.

(3) Jesus orou para que Deus guardasse e protegesse seus discípulos dos ataques do mal. A Bíblia não é um livro especulativo; não se ocupa da origem do mal. Entretanto, não há dúvida de que neste mundo há um poder do mal que se opõe ao poder de Deus, um poder que trata de atrair os homens ao mau caminho desviando-os do bom caminho. É reconfortante sentir que Deus é o sentinela que se ergue sobre nossas vidas para nos proteger e nos guardar dos ataques do mal. O fato de que caímos com tanta freqüência se deve a que tratamos de enfrentar a vida com nossas próprias forças e nos esquecemos de buscar a ajuda e de lembrar da presença de nosso Deus protetor.

(4) Jesus orou para que seus discípulos fossem santificados pela verdade. A palavra que se traduz como *santificar* é *hagiazein* que vem do adjetivo *hagios*. A versão Almeida Atualizada costuma traduzir *hagios* por *santo*. Entretanto, o sentido básico de *hagios* é *diferente* ou *separado*. Algo que é *hagios* é distinto das outras coisas e das coisas comuns. De maneira que este termo, *hagiazein*, contém duas idéias.

(a) Significa *separar para uma tarefa especial*. Quando Deus chamou Jeremias disse: "Antes que eu te formasse no ventre, eu te conheci; e, antes que saíesses da madre, te santifiquei e às nações te dei por profeta." (Jeremias 1:5, RC). Antes de seu nascimento, Deus tinha separado a Jeremias para que cumprisse uma tarefa especial. Quando

Deus instituiu o sacerdócio em Israel disse a Moisés que *consagrasse os filhos de Arão e os santificasse para que servissem como sacerdotes* (Êxodo 28:41). Era preciso separar os filhos de Arão de outros para uma tarefa e uma obrigação especiais.

(b) Não obstante, *hagiazem* não significa somente separar para uma tarefa especial. Também implica *equipar a alguém com as qualidades de mente, coração e caráter necessárias para levar a cabo essa tarefa*. Se alguém deve servir a Deus deve ter uma medida da bondade e da sabedoria de Deus. Quem quer servir ao Deus santo deve ser santo também. E desse modo Deus não se limita a escolher a alguém para seu serviço especial e o separa de outros, também o equipa com as qualidades que necessita para cumprir esse dever.

Devemos sempre ter em mente que Deus nos escolheu, nos consagrou e nos dedicou para seu serviço especial. Esse serviço especial consiste em amá-lo e obedecê-lo e em incitar a outros a fazer o mesmo. E também devemos lembrar que Deus não nos deixou sozinhos para que cumpríssemos essa grande tarefa e carregássemos essa responsabilidade com nossas próprias forças, mas sim, por sua graça, equipou-nos e nos preparou para nossa tarefa sempre que deixarmos nossa vida em suas mãos.

UMA INCURSÃO AO FUTURO

João 17:20-21

De maneira gradual, a oração de Jesus, tal como aparece nesta seção se dirige até os limites do mundo. Em primeiro lugar, orou por si mesmo ao enfrentar a cruz. Logo orou por seus discípulos e para que Deus lhes preservasse por seu poder. Mas agora suas orações se dirigem ao futuro longínquo e ora por aqueles que em terra muito remotas e em tempos distantes ingressarão na fé cristã.

Aqui se manifestam de maneira clara dois grandes rasgos de Jesus. Em primeiro lugar, vemos sua fé total e sua certeza radiante. Nesse

momento, seus seguidores eram poucos mas, inclusive quando tinha a cruz diante de si, sua confiança permanecia inamovível e orava por aqueles que creriam em seu nome. Esta passagem deveria ser-nos muito valiosa pois nela Jesus ora por nós. Em segundo lugar, vemos a confiança de Jesus em seus homens. Sabia que não o compreendiam por completo; sabia que não passaria muito tempo antes de o abandonarem em sua hora mais amarga. Entretanto, foi nestes mesmos homens em quem depositou toda sua confiança para que espalhassem seu nome pelo mundo inteiro. O rasgo fundamental de Jesus é que jamais perdeu sua fé em Deus nem sua confiança nos homens.

E qual foi sua oração pela Igreja futura? Orou para que todos os seus membros fossem um como Ele e seu Pai são Um. Qual era essa unidade pela qual Jesus orava? Não se tratava de uma unidade de administração ou organização. Não era, de nenhum ponto de vista, uma unidade eclesiástica. *Tratava-se de uma unidade de relação pessoal.* Já vimos que a união entre Jesus e Deus era uma união de amor e obediência. Era uma unidade baseada por completo na relação entre ambos corações. Nunca chegará a acontecer que os cristãos organizem suas Igrejas do mesmo modo. Nunca terão a mesma forma de adorar a Deus. Nunca acontecerá que todos creiam exatamente as mesmas coisas. Entretanto, a unidade cristã transcende a todas estas diferenças e une os homens no amor. No momento atual e, de fato, ao longo de toda a história a causa da unidade cristã foi incomodada, violada e obstaculizada porque os homens amavam suas próprias organizações eclesiásticas, seus próprios credos, seu próprio ritual, mais do que amavam a seu próximo. Se nos amássemos uns aos outros de verdade e se realmente amássemos a Cristo, jamais excluiríamos ninguém de nenhuma Igreja e estas não excluiriam nunca alguém que fosse discípulo de Cristo. Só o amor que Deus implanta nos corações dos homens pode derrubar as barreiras que os ergueram homens entre si e entre suas Igrejas.

Mais ainda; tal como o via Jesus, era essa mesma unidade a que convenceria o mundo da verdade do cristianismo e do lugar de Cristo. É mais natural aos homens estar separados que unidos. É mais humano apartar-se que reunir-se. A unidade verdadeira entre todos os cristãos seria um "ato sobrenatural que exigiria uma explicação sobrenatural". O trágico é que é justamente essa frente unida o que a Igreja jamais mostrou aos homens. Ao deparar-se com a desunião dos cristãos e das Igrejas, o mundo não pode perceber o valor supremo da fé cristã. Nosso dever individual é demonstrar a unidade de amor com nosso próximo que é a resposta à oração de Cristo. Pode suceder que os membros das Igrejas possam e devam fazer aquilo que seus líderes não querem levar a cabo.

O DOM E A PROMESSA DE GLÓRIA

João 17:22-26

Bangel, o ancião comentarista, exclamou ao começar a comentar esta passagem: "Ó, quão enorme é a glória dos cristãos!" E é assim, pois aqui temos uma passagem que se ocupa exclusivamente da glória que Jesus deu e pediu ao Pai para seus discípulos.

Em primeiro lugar. Jesus disse que deu a seus discípulos a glória que Seu Pai lhe deu. Devemos compreender todo o sentido de suas palavras. Qual era a glória de Jesus? Jesus falava de sua glória de três formas.

(a) A cruz era sua glória. Jesus não dizia que seria crucificado; dizia que seria glorificado. Portanto, primeiro e principal, a glória do cristão é a cruz que deve carregar. É uma honra e uma glória sofrer por Cristo. Nunca devemos pensar em nossa cruz como um castigo; devemos vê-la como nossa glória. Quanto mais dura a tarefa que se encomendava a um cavaleiro, considerava que era maior a glória. Quanto mais dura é a tarefa que damos a um estudante, um artesão ou um cirurgião, maior é a honra que lhe conferimos. Com efeito, dizemos que cremos que ele é o

único que se animaria a cumprir essa tarefa. De maneira que quando resulta difícil ser cristão o devemos ver como nossa glória, como a honra que Deus nos faz.

(b) A obediência perfeita de Jesus à vontade de seu Pai era sua glória. Encontramos nossa glória, nossa honra, nossa vida, não em fazer o que queremos mas ser o que Deus deseja. Quando buscamos fazer nossa vontade, e muitos o tentamos, a única coisa que encontramos é a dor e o desastre tanto para nós como para nosso próximo. Encontramos a verdadeira glória da vida em fazer a vontade de Deus. Quanto maior é a obediência, maior é a glória.

(c) A glória de Jesus radicava no fato de que por meio de sua vida, suas obras, suas palavras e seus poderes os homens reconheciam sua relação especial com Deus. Viam e reconheciam que ninguém podia viver assim a menos que estivesse perto de Deus de maneira especial e única. Nossa glória aparece quando os homens vêem em nós o reflexo de Deus. Nossa glória se manifesta quando os homens vêem no serviço que oferecemos a outros, no amor que lhes demonstramos nada menos que o reflexo do amor de Deus. Tal como acontece com Cristo, nossa glória se manifesta quando os homens vêem a Deus em nós.

Em segundo lugar, Jesus disse que desejava que seus discípulos vissem sua glória no Céu. O cristão está convencido de que participará de *todas* as experiências de Cristo. Se tiver que compartilhar a cruz de Cristo, também participará de sua glória. “Fiel é esta palavra: Se já morremos com ele, também viveremos com ele; se perseveramos, também com ele reinaremos; se o negamos, ele, por sua vez, nos negará.” (2 Timóteo 2:11-12). Neste mundo, no melhor dos casos vêem através de um vidro escuro mas então veremos face a face (1 Coríntios 13:12). A alegria que temos agora não é mais que um débil amostra do que experimentaremos logo. Cristo promete que se compartilharmos sua glória e seus sofrimentos na Terra, participaremos de sua glória e seus triunfos quando terminar a vida sobre a terra. E que promessa maior poderíamos esperar?

Depois desta oração Jesus iria diretamente à traição, o juízo e a cruz. Não voltaria a falar com seus discípulos. É algo maravilhoso e precioso lembrar que antes destas horas tremendas suas últimas palavras não foram de desespero mas sim de glória.

João 18

A detenção no jardim - 18:1-11

A detenção no jardim - 18:1-11 (cont.)

Jesus perante Anás - 18:12-14, 19-24

O herói e o covarde - 18:15-18, 25-27

O herói e o covarde - 18:15-18, 25-27 (cont.)

Jesus perante Pilatos; os judeus - 18:28-40

Jesus perante Pilatos; os judeus - 18:28-40 (cont.)

Jesus perante Pilatos; Pilatos o governador - 18:28-40 (cont.)

Jesus perante Pilatos; a atuação de Pilatos - 18:28-40 (cont.)

Jesus perante Pilatos; Barrabás - 18:28-40 (cont.)

A DETENÇÃO NO JARDIM

João 18:1-11

Quando a Última Ceia terminou e quando chegou ao fim a conversação e a oração de Jesus com seus discípulos, saíram do cenáculo. Dirigiam-se ao jardim do Getsêmani. Sairiam pelas portas da cidade, baixariam pelo vale íngreme e cruzariam o canal da corrente Cedrom. Ali deve ter acontecido algo simbólico. Todos os cordeiros pascais eram sacrificados no templo e se vertia seu sangue sobre o altar como oferta a Deus. A quantidade de cordeiros que se matava para a páscoa era imensa. Em certa ocasião, trinta anos depois da época de Jesus, fez-se um censo e se contaram 256.000. Podemos imaginar o que seriam os pátios do templo quando se vertia todo o sangue destas ovelhas sobre o altar. Do altar havia um canal que ia ao arroio Cedrom e o sangue fluía por ele. Quando Jesus cruzou o arroio certamente ainda

estava vermelho com o sangue dos cordeiros sacrificados. E sem dúvida alguma ao ver esse sangue vislumbraria de maneira mais clara seu próprio sacrifício.

Depois de cruzar o canal do Cedrom, chegaram ao monte das Oliveiras. Sobre a ladeira desse monte estava o pequeno jardim do Getsêmani que significa prensa de azeite: a prensa de onde se extraía o azeite das azeitonas que cresciam no monte. Muita gente acomodada tinha seu jardim particular nesse lugar. Em Jerusalém não havia muito espaço para jardins particulares porque estava construída sobre o topo de um monte. Por outro lado, certas regulamentos cerimoniais proibiam o emprego de abono no solo da cidade sagrada. Essa era a razão pela qual o povo rico tinha seus jardins privados fora da cidade nas ladeiras monte das Oliveiras.

Até o dia de hoje se mostra aos peregrinos um pequeno jardim sobre o monte. Os monges franciscanos cuidam dele com amor e há oito grandes oliveiras de tal tamanho que, como diz H. V. Morton, parecem rochas em vez de árvores. São muito velhos, sabe-se que se remontam à época anterior à conquista da Palestina pelos muçulmanos. Não é muito provável que pertençam à época de Jesus mas sem dúvida alguma os pequenos caminhos que cruzam o monte das Oliveiras foram transitados por Jesus. De maneira que Jesus foi a este jardim. Algum cidadão abastado, um amigo anônimo de Jesus cujo nome jamais conheceremos, deve ter-lhe dado a chave da porta e o direito a fazer uso do jardim enquanto estava em Jerusalém. Jesus e seus discípulos tinham ido ali muitas vezes em busca de paz e silêncio. Judas sabia que encontraria a Jesus ali e decidiu que esse seria o lugar onde poderiam prendê-lo com maior facilidade.

Há algo surpreendente na força que foi prender a Jesus. João diz que havia uma companhia de soldados junto com oficiais dos principais sacerdotes e dos fariseus. Os *oficiais* seriam a polícia do templo. As autoridades do templo tinham uma espécie de polícia particular para manter a ordem e o Sinédrio tinha polícia e oficiais para fazer cumprir

seus regulamentos. Os oficiais eram a força policial judia. Mas também havia um grupo de soldados. A palavra é *speira*. Agora, se empregada de maneira correta, essa palavra pode ter três sentidos. É a palavra grega para designar a coorte romana. Cada uma delas tinha seiscentos homens. Se fosse uma coorte de homens de auxílio, a *speira* tinha mil homens, duzentos e quarenta de cavalaria e setecentos e sessenta de infantaria. Às vezes, embora com menor freqüência, empregava-se a palavra para referir-se a um manípulo formado por duzentos homens. Inclusive se tomarmos a palavra neste último sentido, que expedição para enviar contra um carpinteiro da Galiléia desarmado! Na época da páscoa sempre tinha soldados de mais em Jerusalém aquartelados na Torre de Antonia da qual se via o templo. Portanto não era difícil contar com homens.

Mas que reconhecimento do poder de Jesus! Quando as autoridades decidiram prendê-lo enviaram quase um exército. Havia tal poder neste único homem que seus inimigos sentiram que necessitavam um exército para reduzi-lo e garantir sua captura.

A DETENÇÃO NO JARDIM

João 18: 1-11 (continuação)

Há poucas cenas em todas as escrituras que nos mostrem as qualidades de Jesus como o faz este arresto no jardim.

(1) Mostra-nos sua coragem. Na época da páscoa havia Lua cheia e a noite estava quase tão iluminada como o dia. Entretanto, os inimigos de Jesus tinham chegado com lâmpadas e tochas. Por que? Não precisavam delas para ver o caminho à luz argêntea da Lua. Devem ter pensado que teriam que buscar entre as árvores, sobre as ladeiras e nas entradas e covas do monte para encontrar a Jesus. Devem ter suposto que se esconderia. Longe de fazer algo semelhante, quando chegaram Jesus deu um passo à frente. “A quem buscais?” perguntou. “A Jesus, o Nazareno”, responderam. “Sou eu”, chegou a resposta. O homem que

criam que deveriam buscar entre as árvores e as covas estava de pé diante deles com um desafio glorioso e arriscado. Aqui temos a coragem de um homem que está disposto a encarar as coisas.

Durante a Guerra Civil Espanhola se sitiou uma cidade. Havia alguns que queriam entregar-se, mas surgiu um líder. "É melhor", disse, "morrer de pé que viver ajoelhados". Se Jesus devia morrer, morreria como um herói.

(2) Mostra-nos sua autoridade. Ali estava; uma única figura, solitária, desarmada. Ali estavam eles, centenas de homens, armados e equipados. Entretanto, ao vê-lo, retrocederam e caíram ao solo. Nesse momento, o poder irradiava de Jesus. Fluía do um sentimento de autoridade que, apesar de sua solidão, o fazia mais forte que o poder de seus inimigos.

(3) Mostra-nos que Jesus escolheu morrer. Mais uma vez, é evidente que Jesus poderia ter evitado a morte se o quisesse. Poderia ter caminhado em meio deles e ter-se ido para longe. Mas não o fez. Jesus chegou até a ajudar a seus inimigos a prendê-lo. Escolheu morrer.

(4) Mostra-nos seu amor protetor. Não pensava em si mesmo, mas em seus amigos. Disse: "Já vos declarei que sou eu; se é a mim, pois, que buscais, deixai ir estes." Pensava mais no perigo que enfrentavam os discípulos que no próprio.

Entre as muitas histórias imortais da Segunda Guerra Mundial se destaca a do Alfred Sadd, o missionário da Tarawa. Quando os japoneses chegaram a sua ilha estava formado com outros vinte homens, em sua maioria soldados de Nova Zelândia que tinham formado parte das tropas. Os japoneses estenderam uma bandeira da Inglaterra no solo e ordenaram ao Sr. Sadd que caminhasse sobre ela. O Sr. Sadd se aproximou da bandeira e, ao chegar a ela deu a volta rumo à direita. Voltaram-lhe a ordenar que pisasse na bandeira e desta vez girou rumo à esquerda. A terceira vez o obrigaram a chegar até ela; levantou-a nos braços e a beijou. Quando os japoneses os fizeram sair a todos para matá-los muitos deles eram tão jovens que estavam afligidos, mas o Sr.

Sadd levantou-lhes o ânimo. Ficaram de pé em fila, com Sadd no meio e nesse momento o Sr. Sadd se separou um pouco da fila e lhes dirigiu palavras de alento. Quando terminou, retornou à fila mas se manteve um pouco mais adiante que outros para ser o primeiro a morrer. Alfred Sadd pensava mais nos problemas dos outros que nos próprios. O amor protetor de Jesus se ocupava dos discípulos inclusive no Getsêmani.

(5) Mostra-nos sua obediência máxima. "A taça que o Pai me deu", disse, "não a hei de beber?" Essa era a vontade de Deus e isso era suficiente para Ele. Foi fiel até a morte.

E há uma pessoa neste relato a quem devemos fazer justiça: Pedro. Pedro, um só homem, desembainhou sua espada contra centenas. Como disse Macaulay:

Que melhor morte pode pretender um homem
que fazer frente a riscos temíveis?

Pedro negaria a seu mestre pouco tempo depois, mas nesse momento estava disposto às ver-se com centenas de homens para defender a Cristo. Podemos falar da covardia e o fracasso de Pedro, mas jamais devemos esquecer a coragem sublime que demonstrou nesse momento.

JESUS PERANTE ANÁS

João 18:12-14, 19-24

Para manter a continuidade da narração nos ocuparemos das duas passagens que tratam sobre o juízo perante Anás ao mesmo tempo. Faremos o mesmo com as duas passagens que se ocupam da tragédia de Pedro.

João é o único que diz que levaram a Jesus a Anás antes que nada. Anás era um personagem notável. Edersheim escreve sobre ele:

"Não há nenhuma outra figura tão conhecida na história judia contemporânea como Anás. Ninguém o reputava tão afortunado ou triunfante mas tampouco havia outra pessoa tão execrável como o antigo sumo sacerdote".

Anás era o poder que estava atrás do trono em Jerusalém. Ele mesmo tinha sido sumo sacerdote desde 6 a 15 d C. Quatro de seus filhos também tinham ocupado essa acusação e Caifás era seu genro. Esse dado é sugestivo e esclarecedor por si mesmo. Houve um tempo quando os judeus eram livres, então os sumos sacerdotes ocupavam o cargo vitalício. Mas quando chegou o governo romano, o cargo se converteu em tema de controvérsia, intrigas, corrupção e suborno.

Agora a acusação ia ao maior adulator e o melhor lançador, a quem estivesse mais disposto a baixar a cabeça perante o governador romano. O sumo sacerdote era o grande colaborador, o homem que comprava o conforto, a facilidade, o prestígio e o poder à custa de gastar dinheiro em subornos e de colaborar estreitamente com os senhores de seu país. A família de Anás tinha uma fortuna imensa e um por um tinham participado de intrigas e subornos para chegar a ocupar seus cargos; enquanto isso Anás mantinha seu poder por trás de todos eles.

Até a forma em que Anás juntou sua fortuna deve ter sido vergonhosa. No Pátio dos gentios havia vendedores das vítimas para o sacrifício. Eram os mesmos vendedores que Jesus expulsou do templo. Não eram comerciantes e sim chantagistas. Cada vítima que se oferecia no templo devia estar limpa de toda mancha ou defeito. Havia inspetores que controlavam tudo isto. Se fosse comprada uma vítima fora do templo era preciso inspecioná-la e examiná-la e sem dúvida alguma seria encontrado algum defeito. Recomendava-se ao fiel que comprasse nos postos do templo onde se vendiam vítimas que já tinham passado pelo exame dos sacerdotes e não corriam o risco de ser rechaçadas. Isso teria sido conveniente e útil exceto por um detalhe. Fora do templo um casa de campo de pombas custaria 22,50 dólares e dentro do templo seu preço ascendia a 37,50 dólares. Todo o comércio do templo era uma exploração declarada e os negócios onde se vendiam os animais se chamavam as Lojas de Anás. Pertenciam à família de Anás. Este tinha conseguido sua fortuna mediante a exploração de fiéis que foram oferecer sacrifícios sagrados. Os próprios judeus odiavam essa família.

Uma passagem do Talmud diz: "Maldita seja a casa de Anás. Maldito seja seu assobio de serpente. São sumos sacerdotes; seus filhos cuidam o tesouro, seus genros são os guardas do templo e seus servos golpeiam às pessoas com paus". Anás e toda sua família eram muito conhecidos.

Agora compreendemos por que Anás dispôs as coisas de maneira que Jesus tivesse que comparecer perante ele em primeiro lugar. Jesus era o homem que atacou seus interesses financeiros, varreu do templo os vendedores de animais e feriu Anás num lugar doloroso: seu bolso e suas enormes economias. Anás queria ser o primeiro em desfrutar da captura, da derrota e da humilhação deste galileu perturbador.

O juízo perante Anás foi uma trapaça à justiça. Uma norma essencial da Lei judia estabelecia que não se podia fazer ao prisioneiro nenhuma pergunta que ao responder o fizesse reconhecer-se culpado. Maimonides, o grande erudito judeu, estabelece-o assim: "Nossa verdadeira Lei não impõe a pena de morte ao pecador por sua própria confissão". Anás violou os princípios da justiça judia ao interrogar a Jesus. Jesus recordou justamente isso a Anás. "Por que me interrogas? Pergunta aos que ouviram o que lhes falei". Jesus dizia, em realidade: "Recolhe o testemunho a respeito de mim como o manda a Lei. Interroga às testemunhas, coisa que tem todo o direito de fazer. Não me interrogue pois não tem direito de fazer algo semelhante".

Quando Jesus disse isso, um dos oficiais lhe deu uma bofetada. Disse: "Acaso quer ensinar ao sumo sacerdote como conduzir um juízo?" A resposta de Jesus foi: "Se houver dito ou ensinado algo ilegal, terá que chamar testemunhas. Só citei a Lei. Por que me fere, então?"

Jesus jamais esperou justiça. Tinha tocado o interesse pessoal de Anás e seus colegas e estava condenado antes de passar pelo juízo. Quando alguém empreendeu um mau caminho a única coisa que quer é eliminar a qualquer que se lhe opõe. Não pode fazê-lo por meios justos, portanto, está obrigado a fazê-lo por meios injustos. Qualquer argumento que requer injustiças e bofetadas demonstra que não é válido.

O HERÓI E O COVARDE**João 18:15-18, 25-27**

Quando os outros discípulos abandonaram a Jesus e escaparam Pedro se negou a segui-los. Seguiu a Jesus inclusive depois de seu arresto porque não podia suportar a idéia de separar-se dEle. De maneira que chegou até a casa de Caifás, o sumo sacerdote. Estava com outro discípulo que tinha direito a entrar na casa do sumo sacerdote porque o conhecia. Elaboraram-se muitas especulações a respeito da identidade deste discípulo pois o seu nome não aparece e não se sabe com certeza quem era. Alguns pensam que se trata de algum discípulo desconhecido cujo nome não poderemos saber jamais. Alguns o relacionam, como é natural, com Nicodemos ou José de Arimatéia. Ambos eram membros do Sinédrio e devem ter conhecido muito bem ao sacerdote.

Fez-se uma sugestão muito interessante. Afirmou-se que o discípulo que não se nomeia era Judas Iscariotes. Judas deve ter tido que entrar e sair várias vezes para acertar a traição e o devem ter conhecido tanto o servo que abria a porta como o próprio sumo sacerdote. O que parece invalidar a teoria é que depois da cena no jardim, quando Judas chegou com os soldados e os oficiais, deve ter ficado bem clara sua participação na traição. É quase incrível pensar que Pedro pode ter sequer falado com Ele depois de sua ação. A interpretação tradicional sempre afirmou que o discípulo a quem não se nomeia é o próprio João. A tradição é tão poderosa que é difícil deixar de lado. Mas, neste caso, expõe-se a pergunta, Como João da Galiléia pode ter sido um conhecido, aparentemente íntimo, do sumo sacerdote?

Sugeriram-se duas coisas para explicar esta relação entre João e a casa do sumo sacerdote.

(a) Em épocas posteriores um autor chamado Polícrates escreveu sobre o Quarto Evangelho e seu autor e sobre o discípulo amado. Polícrates jamais duvidou de que João escreveu o Quarto Evangelho e que foi o discípulo amado mas diz algo muito curioso sobre ele. Diz que,

por nascimento, João era sacerdote e que vestia o *pétala* que era a franja dourada estreita, ou *ziz*, onde estavam escritas as palavras "Santidade ao Senhor" que o sumo sacerdote levava sobre a fronte. Se isto for certo, João pertencia à família e à casa do sumo sacerdote. Entretanto, é-nos difícil crer que João pertença à linha sacerdotal pois os Evangelhos nos indicam com toda clareza que era um pescador da Galiléia,

(b) A segunda explicação é mais fácil de aceitar. É evidente que o pai de João deve ter tido um comércio pesqueiro florescente pois podia permitir-se tomar servos pagamentos (Marcos 1:20). Uma das grandes indústrias da Galiléia era a do peixe salgado. Nesses tempos, o peixe fresco era um grande luxo porque não havia forma de transportá-lo para que conservasse sua frescura. Mas, por outro lado, o peixe salgado era um elemento essencial da dieta. Supõe-se que o pai de João estava na indústria do peixe salgado e que abastecia a casa do sumo sacerdote. Se era assim, o sumo sacerdote e seus servos conheciam João pois mais de uma vez teria levado peixe. Nesse caso, João assistiria de maneira regular à casa do sumo sacerdote. Acontece que certas lendas apóiam esta teoria.

H. V. Morton nos conta que até o dia de hoje há um pequeno edifício nas ruas laterais de Jerusalém que na atualidade é uma confeitaria árabe. Dentro há algumas pedras e arcos que formavam parte de uma Igreja cristã muito primitiva. Os franciscanos crêem que essa velha igreja estava no lugar que ocupava a casa de Zebedeu, o pai de João. A família, sempre segundo os franciscanos, eram comerciantes de peixe na Galiléia com uma sucursal em Jerusalém e abasteciam a casa do Caifás, o sumo sacerdote, com peixe salgado. Essa era a razão pela qual João podia entrar na casa do sumo sacerdote.

Sejam como forem todos estes detalhes, Pedro entrou no pátio da casa do sumo sacerdote e ali negou a seu Senhor três vezes.

Há algo muito interessante sobre o canto do galo. Jesus havia dito que Pedro o negaria três vezes antes do cantar do galo. Agora, isso apresenta algumas dificuldades. Segundo a Lei ritual judia era ilegal ter galos na cidade santa mas não podemos assegurar que todos obedeciam

essa Lei. Por outro lado, jamais se pode estar seguro de que o galo cantará. Não obstante, os romanos tinham um costume militar. A noite se dividia em quatro guardas: 18 a 21, 21 a 24, 24 a 3 e 3 a 6. Depois do terceiro guarda se trocavam os soldados de volta e para o assinalar se tocava a trombeta às três da manhã. Esse toque se chamava *gallicinium* em latim e *alektorophonia* em grego. Ambos os termos significam *canto do galo*. Pode ser que Jesus haja dito a Pedro: "Antes que a trombeta toque o canto do galo, você me negará três vezes". Todos os habitantes de Jerusalém devem ter conhecido o toque de trombeta das três da manhã. Essa noite ressonou por toda a cidade e Pedro se lembrou das palavras do Senhor.

O HERÓI E O COVARDE

João 18:15-18, 25-27 (continuação)

De modo que no pátio da casa do sumo sacerdote Pedro negou a seu Senhor. Nunca se tratou a ninguém de maneira mais injusta do que o fizeram os comentaristas e pregadores com Pedro. O que sempre se acentua neste relato é o fracasso e a vergonha de Pedro.

Entretanto, devemos lembrar algumas coisas.

(1) Devemos lembrar que todos os outros discípulos, com exceção de João, se ele for o discípulo a quem não se nomeia, tinham abandonado a Jesus e fugiram. Todos, exceto Pedro, foram embora. Pensemos no que fez Pedro. Foi o único que desembainhou a espada diante de um inimigo muito mais poderoso no jardim, foi o único que seguiu até ver o final. Era o único valente. A primeira coisa que devemos lembrar ao pensar em Pedro não é seu fracasso mas a coragem que o manteve perto de Jesus quando todos os outros foram embora. O tremendo a respeito de Pedro é que seu fracasso só pôde ocorrer a alguém que tinha uma coragem imensa. É certo que Pedro fracassou mas o fez em uma situação que nenhum dos outros discípulos se animou a enfrentar. Não fracassou porque era um homem covarde mas sim porque era valente.

(2) Devemos lembrar quanto amava Pedro a Jesus. Seu amor era o único que tinha passado a prova. Outros tinham abandonado a Jesus; Pedro foi o único que permaneceu a seu lado. Pedro amava tanto a Jesus que não podia deixá-lo. É certo que falhou, mas o fez em uma situação a qual só podia chegar quem amava fielmente a Jesus.

(3) Devemos lembrar como Pedro se redimiou. As coisas não lhe devem ter sido fáceis. O relato de sua negação se difundiria com celeridade porque as pessoas gostam de contar coisas maliciosas. Pode acontecer, como sustenta a lenda, que as pessoas tenham imitado o canto do galo quando Pedro passava. Mas Pedro teve a coragem e a força de vontade de redimir-se, de partir de seu fracasso e tender rumo à verdadeira grandeza.

O essencial é que foi o Pedro autêntico quem afirmou sua lealdade no cenáculo; foi o Pedro genuíno quem desembainhou a espada solitária no jardim, à luz da Lua; foi o verdadeiro Pedro quem seguiu a Jesus porque não podia tolerar a idéia de deixá-lo sozinho; *não* foi o Pedro autêntico quem perdeu a coragem sob a tensão do momento e negou a seu Senhor. *E isso era justamente o que Jesus podia ver.*

O tremendo a respeito de Jesus é que sob todos nossos fracassos vê o homem verdadeiro. Jesus compreende. Ama-nos apesar do que fazemos porque não nos ama pelo que somos mas sim pelo que podemos chegar a ser. O amor perdoador de Jesus é tão imenso que vê nossa verdadeira personalidade não em nossa infidelidade mas em nossa lealdade, não em nosso fracasso diante do pecado mas em nossa tensão rumo à bondade, inclusive quando estamos vencidos.

JESUS PERANTE PILATOS; OS JUDEUS

João 18:28-40

Este é o relato mais dramático do juízo de Jesus no Novo Testamento. Se o cortássemos em pequenas seções perderíamos seu pateticismo. É uma passagem que terá que ler como um tudo. Uma vez

lido empregaremos vários dias para estudá-lo. O drama da passagem radica no choque e a inter-relação entre as personalidades. De maneira que a melhor forma de estudar esta parte não será seção por seção mas em função das pessoas que intervêm nele.

Começaremos por analisar os *judeus*. Na época de Jesus os judeus estavam submetidos aos romanos. Estes lhes permitiam exercer uma boa medida de auto-governo mas não tinham direito de aplicar a pena de morte. A *ius gladii*, o direito da espada — era assim chamado — pertencia aos romanos. O *Talmud* testemunha: "Quarenta anos antes da destruição do templo foi tirado de Israel o julgamento em assuntos de vida ou morte." O primeiro governador romano da Palestina se chamava Coponio e ao mencionar sua designação Josefo diz que o enviou como procurador "com poder sobre a vida e a morte conferido por César" (Josefo, *Guerras dos judeus*, 2, 8, 1). Josefo fala de certo sacerdote, chamado Anano, que se propôs matar alguns de seus inimigos. Outros judeus mais prudentes protestaram contra sua decisão sobre a base de que não tinha direito de determinar essa pena nem de levá-la a cabo. Não permitiu cumprir com sua decisão e o destituiu de seu cargo pelo simples fato de tê-la pensado. (Josefo, *Antiguidades dos judeus*, 20, 9, 1). É certo que, em algumas oportunidades, como aconteceu com Estêvão, os judeus tomaram a Lei em suas próprias mãos. Mas do ponto de vista legal e oficial não tinham direito de infligir a pena de morte a ninguém. Essa é a razão pela qual tiveram que levar Jesus perante Pilatos antes de poder crucificá-lo.

Se os próprios judeus pudessem aplicar a sentença de morte o teriam apedrejado. A Lei o estabelece assim: "Aquele que blasfemar o nome do SENHOR será morto; toda a congregação o apedrejará" (Levítico 24:16). Nesse caso, a testemunha que demonstrou a existência do crime devia ser o primeiro em lançar as pedras. "A mão das testemunhas será a primeira contra ele, para matá-lo; e, depois, a mão de todo o povo" (Deuteronômio 17:7). Esse é o sentido do versículo 32. Ali se diz que tudo isto acontecia para que se cumprisse o ensino que Jesus

repartiu dando a entender de que morte ia morrer. Jesus tinha dito que se Ele fosse *levantado* da terra, quer dizer, se fosse *crucificado*, atrairia a todos os homens (João 12:32). Se essa profecia tinha que cumprir-se, Jesus devia ser *crucificado*, não *apedrejado*. De maneira que, inclusive além do fato de a lei romana não permitir aos judeus aplicar a pena de morte, Jesus devia morrer com uma morte romana porque devia ser *levantado*.

De principio a fim, os judeus tentavam usar a Pilatos para seus próprios fins. Eles não podiam matar a Jesus, de maneira que tinham decidido que os romanos o fizessem.

JESUS PERANTE PILATOS; OS JUDEUS

João 18:28-40 (continuação)

Entretanto, há mais elementos a respeito dos judeus. À medida que lemos este relato notamos certas coisas sobre eles.

(1) Começaram sentindo ódio para com Jesus mas terminaram em uma verdadeira histeria de ódio. Converteram-se em uma multidão enlouquecida, vociferante, gritando como lobos com as caras decompostas pelo ódio: "Crucifica-o! Crucifica-o!" No fim, os judeus alcançaram tal loucura em seu ódio que eram impermeáveis à razão e a misericórdia e até ao humanitarismo mais simples. Não há nada neste mundo que torça tanto o juízo de alguém como o ódio. É uma espécie de loucura. Uma vez que alguém se entrega ao ódio já não pode pensar, ver ou escutar sem distorções. É algo tão tremendo porque anula os sentidos do homem.

(2) O ódio dos judeus os fez perder todo sentido da proporção. Eram tão cuidadosos do ritual e da pureza cerimoniosa que não estavam dispostos a entrar nos quartéis de Pilatos e, entretanto, estavam muito ocupados em fazer todo o possível para crucificar o Filho de Deus. Para comer a páscoa o judeu devia estar cerimonialmente limpo. Se tivessem ingressado nos quartéis de Pilatos teriam ficado impuros em um duplo

sentido. Em primeiro lugar, a Lei dos escribas dizia: "As casas dos gentios são impuras."

Em segundo lugar, a páscoa era a festa do pão sem levedar. Parte da preparação para essa festa era a busca cerimonial de levedura: fazia-se desaparecer cada partícula de levedura que havia nas casas. A levedura era o símbolo do mal e devia desaparecer de todas as casas. Se entravam na casa de Pilatos significava que ingressavam em um lugar onde podia haver levedura. Fazer algo semelhante quando estava sendo preparada a páscoa significava ficar impuro. Inclusive se o fizessem, teriam entrado na casa de um gentio onde podia haver levedura, ficavam impuros até o entardecer quando poderiam ter passado por um banho cerimonioso e se purificaram.

Agora, vejamos o que os judeus faziam. Cumpriam cada detalhe da Lei cerimonial com o maior cuidado e ao mesmo tempo empurravam rumo à cruz ao Filho de Deus que era a encarnação do amor. Esse é o tipo de coisas que sempre estão inclinados a fazer os homens. Há mais de um membro da Igreja que se preocupa com as pequenezas mais absolutas e entretanto todos os dias desobedece a lei do amor, do perdão e do serviço. Inclusive há muitas Igrejas onde se cuida com minuciosidade cada detalhe da vestimenta, dos móveis, do ritual e da cerimônia mas o espírito do amor e da comunidade brilham por sua ausência. Uma das coisas mais trágicas do mundo é a maneira em que a mente humana pode perder o sentido da proporção e sua capacidade de dar às coisas o lugar que lhes corresponde.

(3) Os judeus não titubearam em torcer sua acusação contra Jesus. Em seu interrogatório particular formularam a acusação de blasfêmia contra Jesus (Mateus 26:65). Sabiam muito bem que Pilatos não faria nada a partir de semelhante acusação. Diria que se tratava de uma controvérsia religiosa que não lhe incumbia e que podiam resolvê-la sem apelar à sua autoridade. No fim, acusaram a Jesus de rebelião e insurreição política. Acusavam a Jesus de afirmar que era um rei e sabiam que se tratava de uma mentira. O ódio é algo terrível, não vacila

em torcer a verdade. Ninguém conta com um argumento válido quando deve sustentá-lo com uma mentira.

(4) A fim de conseguir a morte de Jesus os judeus negaram cada um de seus princípios. O mais surpreendente que disseram nesse dia foi: "Nosso único rei é César." Samuel havia dito ao povo que seu único rei era Deus (1 Samuel 12:12). Quando se ofereceu a coroa a Gideão, sua resposta foi: "Não dominarei sobre vós, nem tampouco meu filho dominará sobre vós; o SENHOR vos dominará" (Juízes 8:23). Quando os romanos chegaram a Palestina pela primeira vez tinham feito um censo para determinar os impostos que o povo podia pagar. E se produziu uma rebelião sangrenta porque os judeus insistiam que seu único rei era Deus e que só a Ele pagariam tributo. Quando o líder judeu disse: "Nosso único rei é César" deu as costas a toda a história de seu povo da forma mais surpreendente. A afirmação deve ter deixado sem fôlego a Pilatos que provavelmente os olhou com expressão de surpresa e diversão cínica ao mesmo tempo. Os judeus estavam dispostos a abandonar todos os seus princípios para eliminar a Jesus.

É uma imagem tremenda. O ódio dos judeus os converteu em uma multidão de fanáticos enlouquecidos e vociferantes. Esqueceram toda misericórdia, todo sentido da proporção, toda justiça, todos os seus princípios e até a Deus. Nunca se viu com tanta clareza a loucura do ódio.

JESUS PERANTE PILATOS; PILATOS O GOVERNADOR

João 18:28-40 (continuação)

Agora vejamos o segundo personagem deste relato: *Pilatos*. Ao longo de todo o juízo a conduta de Pilatos é quase incompreensível. É muito evidente, não poderia ser mais claro, que Pilatos sabia que as acusações dos judeus eram uma série de mentiras e que Jesus era absolutamente inocente, que estava profundamente impressionado por Ele e que não desejava condená-lo à morte. Entretanto, ele o fez.

Em primeiro lugar negou-se a tomar o caso em suas mãos; logo tentou libertar Jesus dizendo que sempre se deixava em liberdade a um criminoso para páscoa. Logo tentou ficar em paz com os judeus ao açoitá-lo a Jesus e por último faz o chamado final. Mas se negou a ser forte e dizer aos judeus que não queria ter nada que ver com suas maquinações más. Jamais poderemos sequer começar a compreender a Pilatos se não entendermos seu historia. Nós a encontramos nos escritos do Josefo e nos de Filo.

Para entender a parte que desempenhou Pilatos neste drama devemos nos remontar muito atrás. Para começar, que fazia um governador romano na Judéia?

No ano 4 a.C. Herodes o Grande morreu. Herodes tinha sido rei de toda a Palestina. Apesar de todos seus defeitos, em mais de um sentido foi um bom rei e manteve muito boas relações com os romanos. No testamento, dividiu seu reino entre três de seus filhos. Antipas recebeu Galiléia e Peréia; Filipe recebeu Batanea, Auranitis e Traconites, as regiões selvagens e desertas do nordeste. Arquelaus, que à maturação contava só dezoito anos, recebeu Iduméia, Judéia e Samaria. Os romanos aceitaram esta distribuição do reino e a ratificaram. Antipas e Filipe governavam bem e sem escândalos mas Arquelaus se comportava como um tirano que extorquia até tal ponto que os mesmos judeus pediram aos romanos que o destituíssem e nomeassem um governador. O mais provável era que pretendessem ser incorporados à numerosa província de Síria. Como esta província era tão populosa o mais provável era que tivessem podido continuar os seus costumes. As províncias romanas se dividiam em duas classes. As que requeriam que houvesse tropas apostadas estavam sob o controle direto do imperador e eram províncias imperiais. As que não requeriam tropas, eram pacíficas e careciam de problemas sérios, estavam controladas pelo senado e eram províncias senatoriais.

Agora, a Palestina, como é evidente, era uma região rebelde. Precisava de tropas e portanto estava controlada pelo imperador. As

províncias muito grandes estavam governadas por um procônsul ou um delegado; esse era o caso da Síria. As províncias mais pequenas, pertencentes à segunda categoria, estavam governadas por um procurador. Este controlava toda a administração militar e judicial da província. Visitava cada parte da província pelo menos uma vez ao ano e ouvia os problemas e as queixas. Fiscalizava a coleta de impostos mas não tinha autoridade para aumentá-los. Recebia um salário do tesouro e tinha estritamente proibido receber presentes ou subornos. Se fosse excessivo em seus deveres, os habitantes de sua província podiam denunciá-lo ao imperador.

Augusto designou um procurador para controlar os problemas da Palestina e o primeiro deles foi acusado no ano 6 D.C. Pilatos assumiu sua funções no ano 26 d C. e permaneceu em seu povo até o 35. Palestina era um fervilhar de problemas, requeria uma mão firme, forte e sábia. Não conhecemos a história anterior de Pilatos mas deve ter tido fama de bom administrador porque do contrário jamais lhe tivessem atribuído a responsabilidade de governar a Palestina. Era necessário manter essa região em ordem pois, como se pode ver no mapa, era a ponte entre o Egito e Síria.

Entretanto, como governador Pilatos foi um fracasso. Parecia partir de um desprezo e uma falta de simpatia absolutos para com os judeus. Três incidentes famosos marcaram sua carreira. O primeiro ocorreu durante sua primeira visita a Jerusalém. Esta não era a capital da província. Os quartéis gerais da província estavam em Cesaréia. Mas o procurador fazia muitas visitas a Jerusalém e nessas ocasiões ficava no palácio dos Herodes na parte ocidental da cidade. Quando o procurador chegava a Jerusalém sempre o fazia em companhia de um destacamento de soldados. Estes tinham um estandarte em cuja ponta havia um pequeno busto de metal do imperador em volta. O imperador era um deus e para os judeus esse pequeno busto era uma imagem. Todos os governadores romanos anteriores, em sinal de respeito para com os escrúpulos religiosos dos judeus, faziam tirar a imagem antes de entrar

na cidade. Pilatos se negou a fazê-lo. Os judeus lhe rogaram que o fizesse. Pilatos se indignou, não daria alento às superstições dos judeus. Voltou para Cesaréia. Os judeus o seguiram. Pisaram os seus calcanhares durante cinco dias. Eram humildes mas decididos em seus pedidos. Por último, disse-lhes que o encontrassem no anfiteatro. Uma vez ali, os fez rodear por soldados armados e lhes disse que se não cessavam em seus requerimentos os mataria ali mesmo. Os judeus puseram seus pescoços à vista e ordenaram aos soldados que os matassem. Nem sequer Pilatos podia massacrar a homens indefesos. Ficou derrotado, teve que claudicar, viu-se obrigado a admitir que a partir desse momento se deviam tirar as imagens dos estandartes. Assim foi como começou Pilatos: foi um mau começo.

O segundo incidente foi este: a provisão de água de Jerusalém era inadequada. Pilatos se propôs construir um aqueduto novo. De onde proviria o dinheiro? Arrasou com o tesouro do templo. Havia milhões no tesouro. É muito pouco provável que tenha tomado o dinheiro depositado para os sacrifícios e o culto do templo. O mais factível é que tenha tomado o dinheiro chamado *Corbã* e que provinha de fontes que faziam impossível empregá-lo para o serviço sagrado. O aqueduto de Pilatos era muito necessário; valia a pena fazê-lo; a provisão de água inclusive beneficiaria o templo que precisava de uma boa medida de limpeza em razão de seus contínuos sacrifícios. Não obstante, o povo resistiu; rebelaram-se e saíram às ruas. Pilatos misturou seus soldados entre a multidão vestidos de civil e com armas escondidas entre a roupa. Diante de um sinal predeterminado, os soldados atacaram a multidão e muitos judeus morreram espancados ou esfaqueados. Mais uma vez Pilatos se converteu em uma figura antipopular e corria perigo de ser denunciado ao imperador.

O terceiro incidente foi pior até para Pilatos. Como já vimos, quando ia a Jerusalém ficava no antigo palácio do Herodes. Mandou fazer certos escudos e lhes fez inscrever o nome de Tibério, o imperador. Tratava-se de escudos votivos. Agora, o imperador era um deus; aqui

estava o nome de um deus estranho inscrito e desdobrado para que o reverenciassem na cidade santa. O povo gente se exaltou; os homens mais importantes, inclusive aqueles que os apoiavam com maior afinco, rogaram a Pilatos que os tirasse. Pilatos não quis fazê-lo. Os judeus denunciaram o assunto a Tibério e este ordenou a Pilatos que tirasse os escudos.

É importante destacar como terminou Pilatos. Este último incidente ocorreu depois da crucificação de Jesus no ano 35 D.C. Houve uma rebelião em Samaria. Não foi muito séria. Pilatos a sufocou com uma ferocidade sádica e com uma quantidade de execuções. Os samaritanos sempre foram considerados cidadãos leais a Roma. O delegado de Síria interveio. Tibério mandou Pilatos retornar a Roma. Quando este estava a caminho, Tibério morreu. Segundo a informação que temos Pilatos nunca foi a juízo e a partir desse momento desaparece da história.

Agora fica claro por que Pilatos agiu como o fez. Os judeus o chantagearam para que crucificasse a Jesus. Disseram-lhe: "Se você deixar em liberdade a este homem você não é amigo de César." O que lhe diziam era o seguinte: "Sua atuação não é muito boa. Já o denunciaram uma vez. Se você não agrada nosso pedido voltaremos a denunciar você ao imperador e o destituirão." Nesse dia, em Jerusalém, o passado de Pilatos se apresentou perante seus olhos e o atormentou. Pilatos foi chantageado para que aceitasse a morte de Jesus porque seus enganos anteriores faziam impossível desafiar os judeus e conservar seu posto. De algum modo, não podemos deixar de compadecê-lo. Queria fazer o correto mas não teve a coragem de desafiar os judeus. Pilatos crucificou a Jesus para manter seu posto.

JESUS PERANTE PILATOS; A ATUAÇÃO DE PILATOS

João 18:28-40 (continuação)

Vimos a história de Pilatos, vejamos agora sua conduta durante o juízo a Jesus. Pilatos não queria condená-lo porque sabia que Jesus era

inocente. Entretanto, viu-se apanhado por seu próprio passado. O que foi, então, o que Pilatos quis fazer e o que fez de fato?

(1) Começou procurou delegar a responsabilidade. Disse aos judeus: "Tomem este homem e julguem segundo suas leis." Tentou fugir da responsabilidade de ocupar-se de Jesus. Isso é justamente algo que ninguém pode fazer. Ninguém pode ocupar-se de Jesus em nosso nome, devemos fazê-lo nós mesmos.

(2) Pilatos passou a buscar uma via de escape do labirinto no qual se encontrava. Apelar ao costume pela qual se liberava um prisioneiro na páscoa para deixar livre a Jesus. Tentou evitar o confronto direto com Jesus. Mais uma vez, isso é algo que ninguém pode fazer. Não há forma de escapar a uma decisão pessoal com respeito a Jesus. Somos nós mesmos aqueles que devemos decidir o que faremos com Ele, se o aceitaremos ou o rechaçaremos.

(3) Pilatos passou logo a ver o que podia fazer com uma claudicação parcial. Ordenou que açoitassem a Jesus. Pilatos deve ter pensado que os açoites satisfariam ou, ao menos, suavizariam a hostilidade dos judeus. Sentia que possivelmente poderia evitar pronunciar o veredicto da cruz ao dar a ordem de açoitá-lo. Isto também é algo impossível. Ninguém pode andar com meias tintas com Jesus; ninguém pode servir a dois amos. Estamos a favor ou em contra e não há via intermediária.

(4) Pilatos tentou ver o que podia obter com um chamado à reflexão. Levou a Jesus destroçado pelos açoites e o mostrou às pessoas. Perguntou-lhes: "Querem que crucifique a seu rei?" Tentou derrubar o peso da balança mediante este chamado à misericórdia e à piedade. Mas ninguém pode pretender que a apelação a outros substitua a decisão pessoal. Pilatos devia tomar sua própria decisão em lugar de tentar que a multidão tomasse por ele. Ninguém pode evadir esse veredicto pessoal e essa decisão com respeito a Jesus Cristo.

De maneira que, por último, Pilatos reconheceu sua derrota. Abandonou a Jesus nas mãos da multidão porque não teve a coragem necessária para tomar a decisão correta e fazer o que correspondia.

Não obstante, há mais elementos a respeito de Pilatos.

(1) Vislumbra-se a atitude essencial de cinismo que o caracterizava. Perguntou a Jesus se era um rei. Jesus perguntou se o dizia em virtude do que ele mesmo tinha descoberto ou sobre a base da informação que tinha recebido de maneira indireta. A resposta de Pilatos é: "Acaso sou judeu? Como pretende que saiba algo dos assuntos dos judeus?"

Pilatos era muito orgulhoso para misturar-se no que ele considerava superstições e rixas judias. E era esse mesmo orgulho que o convertia em um péssimo governador. Ninguém pode governar um povo se não fizer um esforço para compreendê-lo e entrar em suas mentes e idéias.

(2) Há uma espécie de curiosidade supersticiosa em Pilatos. Queria saber de onde vinha Jesus: ao perguntá-lo estava pensando em algo mais que sua cidade natal. Quando escutou que Jesus tinha afirmado que era o Filho de Deus se sentiu ainda mais perturbado. Pilatos era supersticioso antes que religioso. Temia que houvesse algo de verdade em todas essas afirmações. Tinha medo de tomar uma decisão que favorecesse a Jesus porque temia os judeus. Sentia o mesmo temor de decidir contra Jesus porque guardava uma leve suspeita que Deus estava metido em todo esse assunto. Pilatos não tinha coragem nem para desafiar os homens nem para reconhecer a Deus.

(3) Mas no coração de Pilatos havia um desejo profundo. Quando Jesus disse que tinha vindo para dar testemunho da verdade, a resposta de Pilatos é: "O que é a verdade?" Essa pergunta se pode formular de muitas maneiras. Pode-se fazê-la com um tom cínico e zombador. Bacon imortalizou a resposta de Pilatos quando escreveu: "O que é a verdade?" disse jocoso Pilatos, e não quis ficar para ouvir a resposta." Pilatos não formulou essa pergunta com um humor cínico; tampouco é a pergunta de alguém que não se importa com a resposta. Aqui vemos a greta na armadura de Pilatos. Formula a pergunta com desejo e cansaço.

Segundo os valores do mundo, Pilatos era um homem que tinha triunfado. Tinha chegado quase à cúpula do serviço civil romano; era governador de uma das províncias do Império; mas faltava algo. Perante este humilde, perturbador e odiado galileu Pilatos sentiu que a verdade, para ele, continuava sendo um mistério; e que ficou em uma posição que fazia impossível descobri-la. Pode ser que Pilatos escarneceu, mas era a zombaria do desespero.

Em algum lugar, Philip Gibbs relata que ouviu um debate entre T. S. Eliot, Margaret Irwin, C. Day Lewis e outros personagens de renome sobre o tema: "Merece a tristeza viver esta vida?" "É certo que faziam piadas", escreve, "mas o faziam como bufões que golpeiam contra a porta da morte."

O mesmo acontecia com Pilatos. Jesus entrou em sua vida e nesse instante descobriu quanto tinha perdido. Nesse dia pôde ter encontrado todo aquilo que tinha perdido mas não teve a coragem de desafiar o mundo apesar de seu passado e se posicionar junto a Cristo assegurando um futuro glorioso.

JESUS PERANTE PILATOS; BARRABÁS

João 18:28-40 (continuação)

Agora consideremos Barrabás. João relata o incidente de Barrabás com muito poucas palavras. Sobre o costume de libertar um prisioneiro na páscoa não sabemos mais que o que nos dizem os Evangelhos. Os outros Evangelhos completam, até certo ponto, a breve imagem que João dá de Barrabás. Depois de reunir toda a informação descobrimos que Barrabás era um prisioneiro muito famoso, que era um criminoso, que participou de uma insurreição na cidade e que tinha cometido um homicídio (Mat. 27:15-26; Mar. 15:6-15; Luc. 23:17-25; Atos 3:14).

O nome Barrabás é interessante. Há duas possibilidades com respeito a sua origem. Pode estar composto por Bar Aba que significaria "filho do pai" ou por Bar Rabban, que significaria "filho do rabino". Não

é impossível que Barrabás fosse o filho de algum rabino, o membro de alguma família distinguida que tinha tomado um mau caminho. E pode ser que, apesar de seu caráter criminal, fosse popular entre o povo, como uma espécie do Robin Hood. O que é indubitável é que não devemos vê-lo como um simples ladrão, ladrão de carteira ou um detento qualquer. Era um *lestes* que significa *criminal*. Podia ser um desses criminosos belicosos que assolavam a estrada do Jericó, o tipo de homem em cujas mãos caiu o viajante da parábola, ou, o que é mais provável, era um dos zelotes que tinham jurado libertar a Palestina dos romanos, embora isso significasse cometer infinidade de crimes, roubos e assassinatos. Barrabás não era um criminoso qualquer. Podia ser um homem violento mas sua violência tinha uma auréola romântica e podia muito bem convertê-lo no herói da multidão e no desespero da Lei ao mesmo tempo.

Entretanto, há outro elemento interessante a respeito de seu nome. Barrabás não é, por certo, um nome cristão; é o segundo nome. Barrabás deve ter tido outro nome, tal como Pedro se chamava Simão bar Jonas, Simão, filho de Jonas. Há certos antigos manuscritos gregos e certas traduções siríacas e armênias do Novo Testamento que afirmam que o outro nome de Barrabás é *Jesus*. Não se trata de algo impossível porque naqueles tempos *Jesus* era um nome muito comum pois é uma versão grega do *Josué*. Se era assim, a opção da multidão aparece como um pouco mais dramática ainda, pois exclamariam: "Não a Jesus nazareno mas a Jesus Barrabás."

A escolha da multidão foi a opção de todos os tempos. Barrabás era o homem forte, o homem sanguinário, alguém que escolhia chegar a seu objetivo pelo caminho da violência. Jesus era o homem do amor e a suavidade, que não queria saber da força e cujo reino estava nos corações dos homens. O fato trágico da história é que ao longo dos séculos os homens escolheram o caminho de Barrabás e rejeitaram o de Jesus.

Ninguém sabe o que aconteceu com Barrabás. Em um de seus livros, João Oxenham traça uma biografia imaginária. A princípio Barrabás só podia pensar em sua liberdade mas logo começou a olhar ao

homem que morreu e que podia ter vivido. Havia algo em Jesus que lhe era fascinante e o seguiu até o fim. Quando o viu carregando a cruz, um pensamento iluminou sua mente: "Eu deveria carregar essa cruz em lugar dele, ele me salvou." E ao ver Jesus no Calvário, a única coisa que podia pensar era: "Eu deveria estar pendurado ali, ele não, ele me salvou." Pode que seja assim, pode que não, mas sem dúvida alguma Barrabás foi um dos pecadores por cuja salvação morreu Jesus.

João 19

Jesus é condenado à crucificação - 19:1-16

Jesus é condenado à crucificação - 19:1-16 (cont.)

Jesus é condenado à crucificação - 19:1-16 (cont.)

O caminho rumo à cruz - 19:17-22

O caminho rumo à cruz - 19:17-22 (cont.)

Os jogadores ao pé da cruz - 19:23-24

O amor de um filho - 19:25-27

O final triunfante - 19:28-30

A água e o sangue - 19:31-37

Os últimos dons de Jesus - 19:38-42

JESUS É CONDENADO À CRUCIFICAÇÃO

João 19:1-16

Já refletimos sobre a imagem da multidão neste juízo contra Jesus. Também meditamos sobre a imagem de Pilatos. Agora devemos nos ocupar do personagem central de tudo este drama: Jesus. Aqui apresenta a Jesus mediante uma série de pinceladas geniais.

(1) Primeiro e principal, ninguém pode ler este relato sem perceber a majestade absoluta de Jesus. Não se sente absolutamente que o estão julgando. Quando alguém enfrenta a Jesus não é a Ele a quem se julga mas à pessoa que o confronta. Pilatos pode ter tratado muitas das coisas dos judeus com um desprezo arrogante, mas não foi assim como tratou a

Jesus. À medida que lemos o relato não podemos deixar de sentir que Jesus é quem controla a situação e que Pilatos se sente esmagado e intrigado em uma situação que não pode compreender. A majestade de Jesus nunca brilhou com tanto esplendor como quando os homens o julgaram.

(2) Aqui Jesus nos fala sem rodeios sobre seu reino. Estabelece que tal reino não pertence a este mundo. Em Jerusalém, a atmosfera sempre era explosiva; durante a época da páscoa era como pólvora. Os romanos sabiam e durante esses dias mandavam tropas de reforço a Jerusalém. Mas Pilatos jamais tinha mais de três mil homens sob seu mando. Alguns estariam em Cesaréia, seus quartéis; alguns estariam de guarda em Samaria; não pode ter havido mais de algumas centenas de homens em Jerusalém. Se Jesus quisesse organizar uma rebelião, se quisesse armar um batalhão de seguidores e lutar, poderia fazê-lo com facilidade. Entretanto, aqui Jesus estabelece que é um rei e esclarece que seu reino não se baseia na força nem nas armas mas sim existe nos corações dos homens. Jamais negaria que seu objetivo era a conquista, mas se tratava da conquista do amor.

(3) Aqui Jesus nos diz por que veio a este mundo. Devia dar testemunho da verdade. Devia dizer aos homens a verdade a respeito de Deus, a verdade a respeito dos próprios homens e a verdade sobre a vida. Como o expressou Emerson:

Quando se vão os semideuses,
Chegam os deuses.

Tinham terminado os dias das adivinhações, das buscas na escuridão e das verdades pela metade. Devia dizer a verdade aos homens. Esta é uma das grandes razões pelas quais devemos aceitar ou rechaçar a Cristo. Não há meias tintas com a verdade. Ou a aceitamos ou a rechaçamos. E Cristo é a verdade.

(4) Aqui vemos a heróica coragem física de Jesus. Pilatos o fez açoitar. Quando se açoitava a alguém, este era atado a um poste de maneira tal que as costas ficavam expostas. O látigo era uma longa

correia de couro, com partes de chumbo e pedaços de osso afiados. Literalmente arrancava pedaços de pele das costas. Poucos permaneciam conscientes até o final, alguns morriam e muitos enlouqueciam. Jesus passou por tudo isso. E depois disso, Pilatos o tirou até onde estava a multidão e disse: "Vejam! O homem!" Aqui temos um dos duplos sentidos de João. A intenção original de Pilatos deve ter sido despertar a piedade do povo. "Olhem!", disse, "Vejam esta pobre criatura ferida e a sangrar! Olhem a este despojo humano! Acaso podem desejar levar a uma morte absolutamente desnecessária a uma criatura como esta?" Mas inclusive enquanto pronunciava estas palavras quase podemos ver como muda o tom de sua voz e como entra em seus olhos uma expressão de surpresa. E em lugar de dizê-lo com desprezo, para despertar a piedade da multidão, diz com um sentimento de maravilha e admiração que não pode ocultar. A palavra que Pilatos empregou é *ho anthropos* que é o termo que usam os gregos para referir-se a um ser humano. Mas pouco tempo depois os pensadores gregos empregavam o mesmo termo para falar do *homem celestial*, do homem ideal, perfeito, o modelo de humanidade. Sempre é certo que seja o que for que digamos ou deixemos de dizer a respeito de Jesus, seu absoluto heroísmo não tem comparação. Aqui temos, na verdade, um homem.

JESUS É CONDENADO À CRUCIFICAÇÃO

João 19:1-16 (continuação)

(5) Mais uma vez vemos neste juízo contra Jesus o caráter espontâneo de sua morte e o supremo controle de Deus. Só uma vez Pilatos apela a uma ameaça que mais que isso é uma advertência. Pilatos advertiu a Jesus que tinha poder para libertá-lo e para crucificá-lo. A resposta de Jesus foi que Pilatos carecia de todo poder com exceção do que lhe outorgasse Deus. O estranho a respeito de todo o relato da crucificação é que nunca, de principio a fim, aparece como a história de um homem apanhado em uma série de circunstâncias inexoráveis sobre

as quais ninguém exercia controle. Nunca aparece como o relato de um homem a quem se encurralou até sua morte. Jamais aparece como a história de um homem a quem se matou: é o relato de Alguém cujos últimos dias foram uma procissão triunfante rumo ao objetivo da cruz.

(6) E aqui também temos a imagem terrível do silêncio de Jesus. Chegou o momento quando Jesus não tinha resposta para Pilatos. Houve outros momentos quando se manteve em silêncio. Ele o fez diante do sumo sacerdote (Mat. 26:63; Mar. 14:61). Manteve silêncio diante de Herodes (Luc. 23:9). Manteve silêncio quando as autoridades judias verteram suas acusações contra Ele diante de Pilatos (Mat. 27:14; Mar. 15:5). Às vezes nos acontece, ao falar com outras pessoas, que já não é possível a discussão, o debate ou a argumentação porque não há nada em comum entre nós e eles. Não há mais nada a dizer. Nós não os compreendemos e eles não nos compreendem. É como se falássemos outra língua. Isso acontece quando os homens falam, em realidade, outra linguagem mental e espiritual. É tremendo quando Jesus se mantém em silêncio diante do homem. Não pode haver nada mais terrível para a mente do homem que estar tão *fechada* pelo orgulho e a determinação de fazer sua própria vontade que não haja nada que Jesus possa dizer que o faça revisar sua posição.

(7) Por último, é possível que nesta cena do juízo haja uma culminação estranha e dramática que, de existir, é um exemplo esplêndido da ironia dramática de João.

A cena aparece no final quando se diz que Pilatos levou a Jesus fora. Segundo nossa tradução Pilatos saiu a um lugar chamado Pátio ou Gabatá, que pode significar um pátio de mosaico de mármore, e se sentou na poltrona do juízo. Esta poltrona era o *bema* sobre o qual se sentava o magistrado para pronunciar suas decisões oficiais. Agora, o verbo que se emprega para *sentar-se* é *kathizein* e pode ser transitivo ou intransitivo. Pode significar que alguém se sinta ou que sinta a outro em um lugar determinado. Há uma possibilidade de que aqui signifique que Pilatos, em um último gesto de brincadeira, tenha levado fora a Jesus,

vestido com o luxo tremendo do velho manto púrpura e com a frente rodeada por uma coroa de espinhos e as gotas de sangue causados por ela manchando sua frente, tenha-o sentado na poltrona do juízo, e com um movimento do braço tenha dito: "Tenho que crucificar o rei de vocês?"

O Evangelho apócrifo de Pedro diz que ao zombar de Jesus o sentaram na poltrona do juízo dizendo, "Julga com equanimidade, rei de Israel." Justino mártir também diz que puseram a Jesus na poltrona do juízo e disseram: "Julgue-nos". Pode ser que Pilatos escarneceu de Jesus dando-lhe o lugar do juiz. Se foi assim, se realmente o sentou na poltrona do juiz para zombar dele, que ironia terrível! O que fez como brincadeira era a verdade. E um dia aqueles que escarneceram de Jesus como juiz o enfrentariam nessa situação e se lembrariam.

De maneira que nesta cena dramática do juízo vemos a majestade imutável de Jesus, sua coragem incomovível e a aceitação serena da cruz. Nunca manifestou tanto sua realeza como quando os homens fizeram o pior possível para humilhá-lo.

JESUS É CONDENADO À CRUCIFICAÇÃO

João 19:1-16 (continuação)

Analisamos as personalidades principais no juízo de Jesus. Os judeus com seu ódio, Pilatos com o passado que o torturava e Jesus com a serenidade de sua majestade real. Mas havia outras pessoas nos arredores do drama, por assim dizer. Eram os soldados.

Quando Jesus caiu em suas mãos para que o açoitassem, divertiram-se com sua zombaria cruel. Era um rei? Pois, que tivesse manto e coroa. De maneira que lhe puseram um velho manto púrpura e uma coroa de espinhos ao redor da frente e o esbofetearam com sanha. Brincavam algo muito comum entre as pessoas da antiguidade.

Em sua obra *A respeito de Flacco*, Filo nos fala de algo muito similar que faziam as multidões em Alexandria. "Havia um demente chamado Carabas que não sofria o tipo de loucura selvagem e animal —

porque esta não se pode ocultar nem os que a padecem nem os que os observam — mas com o tipo mais suave e tranqüilo. Era costume passar dias e noites desnudo pelas ruas, sem proteger-se do calor nem do frio, convertido em um brinquedo de meninos e jovens folgazões. Uniam-se para levar o pobre desgraçado ao ginásio e, situando-o em algum lugar alto para que todos pudessem vê-lo, achatavam uma parte de casca e o punham sobre sua cabeça, envolviam o tapete ao redor de seu corpo como se fosse um manto e alguém que via uma pequena parte de papiro atirado na rua o alcançava como se fosse um cetro. E quando se converteu em um rei com todo o ornamento, como se fosse um ator de teatro, alguns jovens se colocavam a cada lado como guardas de honra. Logo se aproximavam outros, alguns para saudá-lo, outros para lhe pedir favores, outros para lhe pedir coisas de interesse público. Logo, das multidões que o rodeavam surgia um grito 'Marin', o nome que, conforme se diz, emprega-se para denominar os reis da Síria."

É tremendo pensar que os soldados tratavam a Jesus como uma banda de jovens trataria um idiota.

Entretanto, de todas as pessoas implicadas no juízo de Jesus, os menos culpados são os soldados porque ao menos eles não sabiam o que faziam. O mais provável é que viessem de Cesaréia e que não soubessem do que se tratava toda essa questão. Para eles, Jesus não era mais que um criminoso qualquer. Em seu caso, era certo que não sabiam o que faziam.

Mas aqui temos outro exemplo da ironia dramática de João. Os soldados o disfarçaram de rei quando na verdade Ele era o único Rei. Por trás da brincadeira havia uma verdade eterna.

O CAMINHO RUMO À CRUZ

João 19:17-22

Não havia morte mais terrível que a morte por crucificação. Até os próprios romanos a contemplavam com um sentimento de horror. Cícero

declarou que era "a morte mais cruel e horrível". Tácito disse que era uma morte "indescritível".

Originalmente, a crucificação era um método empregado pelos persas. Possivelmente a usavam porque para os persas a terra era sagrada e não queriam poluí-la com o corpo de um criminoso ou de alguém que tinha vivido mau. De maneira que o cravavam a uma cruz e o deixavam morrer ali, os abutres e os corvos faziam o resto. Os cartagineses copiaram a crucificação dos persas e os romanos a tiraram dos primeiros. Na Itália nunca se empregou esse método; só foi usada nas províncias e quando se tratava de escravos. Era impensável que um cidadão romano padecesse semelhante morte.

Diz Cícero: "É um crime atar um cidadão romano; é um crime mais grave ainda que o açoitem; é quase um parricídio que o matem; o que direi da morte na cruz? Uma ação tão nefasta como essa não se pode descrever com palavras porque não existem as palavras para fazê-lo." Foi essa morte, a mais temida no mundo antigo, a que se aplicava a escravos e criminais, a morte que padeceu Jesus.

A rotina da crucificação sempre era igual. Uma vez que se ouviu o caso e se condenou o criminoso, o juiz pronunciava a sentença fatal: "*Ibis ad crucem*", "Irá à cruz." A sentença se cumpria nesse mesmo momento. O criminoso era posto no meio de um *quaternion*, uma companhia de quatro soldados romanos. A cruz era posta sobre seus próprios ombros.

É preciso lembrar que os açoites sempre precediam à crucificação e quão terrível era esse castigo. Com freqüência era preciso atar e empurrar o criminoso com o passar do caminho para mantê-lo em pé pois tropeçava todo o tempo. Na frente dele caminhava um oficial com um cartaz no qual estava escrito o crime pelo qual ia morrer. Era levado pela maior quantidade de ruas possível no caminho rumo à cruz. Havia duas razões para isso. Havia uma razão cruel: que a maior quantidade de gente possível o visse para que soubessem que não valia a pena cometer crimes e que aprendessem ao ver a sorte de outros. Mas também havia

uma razão piedosa. Levava-se o cartaz diante do condenado e se escolhia o caminho longo porque se qualquer pessoa quisesse testemunhar a seu favor podia fazê-lo. Nesse caso, detinha-se a procissão e se voltava a julgar o caso.

O lugar de execução em Jerusalém se denominava *O Lugar da Caveira*; em hebraico: *Gólgota*. Calvário é a palavra latina que designa O Lugar da Caveira. Deva ter estado fora das muralhas da cidade porque era ilícito crucificar a alguém dentro dos limite da cidade. Não sabemos com segurança onde estava. Deu-se mais de uma razão para explicar o estranho e lúgubre nome de Lugar da Caveira. Uma lenda afirmava que levava esse nome porque ali estava enterrada a caveira de Adão. Também se sugere que levava esse nome porque estava tapetada com as caveiras dos criminosos crucificados. Isso não é muito provável. A lei romana estabelecia que o criminoso devia pendurar da cruz até morrer de fome, de sede e de exposição aos elementos; esta tortura acostumava durar vários dias. Mas segundo a Lei judia era preciso tirar os corpos e enterrá-los ao anoitecer. Segundo a lei romana os corpos não se enterravam, simplesmente eram atirados para que as aves de rapina e os cães de rua se encarregassem deles. Mas isso seria ilegal aos olhos da Lei judia e nenhum lugar judaico podia estar semeado de caveiras. O mais provável é que o lugar recebeu esse nome porque estava localizado sobre uma colina com forma de caveira. Era um nome lúgubre para um lugar onde se faziam coisas lúgubres.

De maneira que Jesus saiu, machucado e a sangrar, com a carne esmigalhada pelos açoites, carregando sua própria cruz, rumo ao lugar onde teria que morrer.

O CAMINHO RUMO À CRUZ

João 19:17-22 (continuação)

Nesta passagem há mais dois elementos que devemos assinalar. A inscrição sobre a cruz de Jesus estava em hebraico, latim e grego. Estes

eram os três grandes idiomas do mundo antigo e representavam a três nações importantes. Na economia de Deus, cada nação tem algo que ensinar ao mundo e estas três nações representavam três grandes contribuições ao mundo e à sua história. Grécia ensinou ao mundo a beleza da forma e do pensamento. Roma lhe ensinou a lei e o bom governo. O povo hebreu ensinou ao mundo a religião e o culto ao Deus verdadeiro. A consumação destas três coisas se encarna em Jesus. Nele estava a beleza e o pensamento supremo de Deus. Nele estava a lei e o Reino de Deus. Nele estava a imagem de Deus. Todas as buscas do mundo encontravam sua consumação nele. É simbólico que as três grandes línguas do mundo o chamassem Rei.

Não há a menor dúvida de que Pilatos pôs esta inscrição sobre a cruz para irritar e incomodar os judeus. Acabavam de dizer que seu único rei era César; tinham rechaçado de maneira absoluta aceitar a Jesus como seu rei. E Pilatos, a título de zombaria, pôs essa inscrição sobre a cruz de Jesus. Os líderes judeus lhe pediram uma e outra vez que a tirasse e Pilatos se negou a fazê-lo. "O que escrevi", disse, " escrevi." Aqui está Pilatos o severo, o inflexível, aquele que se nega a aceitar o menor pedido dos judeus. Fazia tão pouco tempo que fora débil, vacilara a respeito de se devia crucificar a Jesus ou não. No fim das contas, este mesmo Pilatos aceitou que o atropelassem, que o pressionassem e o chantageassem para que cumprisse a vontade dos judeus. Foi muito estrito quanto à inscrição, foi muito fraco sobre a decisão a respeito da cruz.

Um dos estranhos paradoxos da vida é que podemos ser inflexíveis a respeito das coisas que não são muito importantes enquanto somos bastante fracos quando se trata de coisas que são importantes. Podemos finca o pé e nos negar a mudar de parecer a respeito de alguma pequenez e possivelmente aceitemos com debilidade algo em que se lança algum princípio vital. Se Pilatos superasse as táticas de chantagem dos judeus e se não aceitasse a coerção mediante a qual o queriam obrigar a satisfazer seus desejos com respeito a Jesus, poderia ter passado à história como

um de seus homens mais fortes e grandes. Mas como claudicou no fundamental e se manteve firme no que carecia de importância, seu nome representa a vergonha. Pilatos foi o homem que assumiu uma posição firme nas coisas que não o mereciam e muito tarde.

OS JOGADORES AO PÉ DA CRUZ

João 19:23-24

Já vimos que um *quaternion* de quatro soldados escoltava ao criminoso até o lugar de execução. Um dos prêmios que recebiam esses soldados que presenciavam a execução era a roupa da vítima. Todo judeu levava cinco vestimentas: os sapatos, o turbante, o cinturão, a túnica e o manto exterior. Havia quatro soldados e cinco artigos. Atiravam os jogo de dados para cada um deles e ficava a túnica interior. Era uma túnica sem costura de um solo tecido. Se a cortavam em quatro pedaços a inutilizavam de maneira que voltaram a atirar os jogo de dados para decidir quem ficava com ela. Assim foi como os soldados jogaram pé da cruz. Há muitos elementos nesta imagem tão vivida.

(1) Studdert Kennedy escreveu um poema sobre esta cena. Os soldados eram jogadores e, em certo sentido, Jesus também o era. Jesus jogou tudo em sua absoluta fidelidade a Deus: jogou-se tudo na cruz. A cruz foi seu último chamado, e o maior, aos homens e o último e maior de obediência a Deus.

E, sentados, observaram-no,
Olhavam-no os soldados;
Ali, enquanto jogavam dados,
Ele ofereceu seu sacrifício,
E morreu sobre a cruz para libertar
O mundo de Deus do pecado.
Também ele era um jogador, meu Cristo.
Tomou sua vida e a lançou
Para redimir um mundo.

E antes de culminar sua agonia,
Antes se pôr o sol,
Coroando o dia com seu aro carmesim,
Soube que tinha ganho.

Em certo sentido, todo cristão é um jogador porque deve apostar tudo em nome de Cristo.

(2) Não há outra imagem que demonstre com tanta eloquência a indiferença do mundo para com Cristo. Ali, sobre a cruz, Jesus agonizava e, aí mesmo, ao pé da cruz, os soldados lançavam os dados como se não nada acontecia.

Um artista pintou um quadro. Mostra a Cristo de pé com os braços abertos, as mãos perfuradas pelos pregos, em uma cidade moderna, enquanto as multidões passam apressadas. Nenhuma só pessoa se detém um minuto para olhá-lo, com exceção de uma jovem enfermeira. Debaixo do quadro há uma pergunta: “Não vos comove isto, a todos vós que passais pelo caminho?” (Lamentações 1:12). A tragédia não é a hostilidade do mundo para com Cristo, mas sua indiferença, essa indiferença que trata o amor de Deus como se não fosse algo importante.

(3) Nesta imagem há mais dois elementos que devemos assinalar. Existe uma lenda que diz que Maria mesmo teceu a túnica sem costura e a presenteou a seu Filho quando saiu ao mundo. Se isso for certo, e pode sê-lo pois era um costume muito generalizado entre as mães judias, a imagem destes soldados insensíveis e incapazes de compreender que jogam dados pela túnica de Jesus que era um presente de sua mãe, adquire um pateticismo e uma dor dobrada.

(4) Não obstante, em tudo isto há algo semi-oculto. Diz-se que a túnica de Jesus não tinha costura e era de um só tecido de cima abaixo. Essa é a descrição exata da túnica que vestia o sumo sacerdote. Lembremos a função do sacerdote. Sua tarefa era funcionar como laço entre Deus e o homem.

A palavra latina que designa o sacerdote é *pontifex* que significa *o construtor de pontes*. A função do sacerdote era construir uma ponte entre Deus e o homem. Ninguém fez isso como Jesus. Foi o sumo sacerdote perfeito mediante quem os homens chegam a Deus.

Vimos em reiteradas oportunidades que as afirmações de João têm um duplo sentido: um significado superficial e outro mais rico e mais profundo. Quando João nos fala da túnica sem costura de Jesus não se limita a nos dar uma descrição da roupa que usava o Mestre. Diz-nos que Jesus é o Sacerdote perfeito que abre o caminho perfeito que leva a todos os homens à presença de Deus.

(5) Por último, podemos notar que neste incidente João encontra o cumprimento de uma profecia do Antigo Testamento. Lê nele a frase do salmista: “Repartem entre si as minhas vestes e sobre a minha túnica deitam sortes” (Salmo 22:18).

O AMOR DE UM FILHO

João 19:25-27

No final, Jesus não estava completamente sozinho. Ao pé da cruz estavam as quatro mulheres que amavam a Jesus. Alguns comentaristas explicam sua presença dizendo que nessa época as mulheres tinham tão pouca importância e eram tão desprezadas que ninguém levava em conta as discípulas e que, em conseqüência, estas mulheres não corriam nenhum risco ao estar perto da cruz.

Sem dúvida, trata-se de uma explicação fraca e inconseqüente. Sempre era arriscado estar perto de alguém que era um criminoso tão perigoso para o governo romano para merecer a cruz. Sempre é perigoso demonstrar nosso amor por alguém a quem a ortodoxia olha como pecador e herege.

A presença destas mulheres ao pé da cruz não se devia ao fato de que ninguém as levava em conta mas ao fato eterno de que o amor perfeito afugenta o temor.

Quando as observamos vemos que se trata de um grupo estranho. Sobre uma delas, Maria a esposa de Clopas, não sabemos nada. Mas sabemos algo sobre as outras três.

(1) Ali estava Maria, a mãe de Jesus. Possivelmente Maria não podia entender mas podia amar. Sua presença ali era a coisa mais natural do mundo para uma mãe. Aos olhos da lei Jesus podia ser um criminoso mas era seu filho. Como disse Kipling:

Se me pendurassem no topo mais alto,
Minha mãe, oh, minha mãe!
Sei qual amor me seguiria até ali,
Minha mãe, oh, minha mãe!

Se me afogasse no mar mais profundo,
Minha mãe, oh, minha mãe!
Sei que lágrimas chegariam até mim,
Minha mãe, oh, minha mãe!

Se me condenasse o corpo e a alma,
Minha mãe, oh, minha mãe!
Sei que orações me salvariam,
Minha mãe, oh, minha mãe!

O amor eterno do coração da mãe está em Maria ao pé da cruz.

(2) Ali estava a irmã da mãe de Jesus. No Evangelho de João não a nomeia mas ao estudar as passagens paralelas (Mar. 15:40; Mat. 27:56) não fica nenhuma dúvida de que se trata do Salomé, a mãe dos filhos de Zebedeu quer dizer, a mãe de Tiago e João. Agora, o estranho é que Jesus fez uma observação muito severa e definitiva a Salomé. Em uma ocasião se aproximou de Jesus para lhe pedir que desse a seus filhos o lugar de honra em seu reino (Mateus 20:20), e Jesus lhe ensinou quão equivocados eram esses pensamentos ambiciosos e que seu caminho passava pelo cálice amargo.

Salomé era a mulher a quem Jesus desafiou e, entretanto, estava ali, na cruz. Sua presença fala muito a seu favor e a favor de Jesus. Demonstra que Salomé tinha a humildade cheia de amor para aceitar a observação de Jesus e para amar sem reticências. Mostra-nos que Jesus podia fazer admoestar a alguém de maneira tal que através de sua observação brilhava o amor. A presença do Salomé nos ensina a dar e receber uma advertência e uma observação.

(3) Ali estava Maria Madalena. Tudo o que sabemos dela é que Jesus expulsou dela sete demônios (Marcos 16:9; Lucas 8:2). Maria Madalena não podia esquecer nunca o que Jesus fez por ela. Seu amor a salvou e o amor que ela sentia não podia morrer jamais. O lema de Maria, escrito em seu coração era: "Não esquecerei o que fez por mim."

Mas nesta passagem há algo que possivelmente seja o mais bonito de todo o relato evangélico. Quando Jesus viu Maria, sua mãe, ali não pôde menos que pensar nos dias por vir. Não podia deixá-la em mãos de seus irmãos porque estes ainda não criam nele (João 7:5). Depois de tudo, havia duas razões pelas quais João era particularmente indicado para a tarefa que Jesus lhe encarregou: era sua primo, pois era filho do Salomé, e era o discípulo a quem Jesus amava. De maneira que Jesus encarregou a João que cuidasse de Maria e encarregou a Maria que cuidasse de João para que ambos se consolassem quando Ele já não estivesse presente.

Há algo imensamente comovedor no fato de que na agonia da cruz, quando a salvação do mundo estava no fio da navalha, Jesus pensasse na solidão de sua mãe quando Ele já não estivesse com ela. Jesus nunca esqueceu suas obrigações. Era o filho maior de Maria e, até no momento de sua batalha cósmica não esqueceu as coisas singelas do lar. Até o final do dia, inclusive na cruz, Jesus pensava mais nas tristezas de outros que nas suas.

O FINAL TRIUNFANTE**João 19: 28-30**

Nesta passagem, João nos confronta com duas coisas a respeito de Jesus.

(1) Confronta-nos com seu sofrimento humano. Quando estava na cruz, conheceu a agonia da sede.

Quando João escreveu seu Evangelho, ao redor do ano 100 D.C., apareceu uma certa tendência no pensamento religioso e filosófico. É conhecida pelo nome de gnosticismo. Uma das grandes doutrinas desta escola é que o espírito é completamente bom e a matéria é absolutamente má. A partir desta crença, os gnósticos tiravam certas conclusões. Uma delas era que Deus, que é espírito puro, não podia assumir um corpo visto que este é matéria e a matéria é má. Portanto, ensinavam que Jesus nunca teve um corpo real. Diziam que só foi um fantasma com forma humana na qual o Espírito de Deus se fez presente. Diziam, por exemplo, que quando Jesus caminhava não deixava rastros porque era puro espírito em um corpo fantasma. Diziam que Deus, em realidade, nunca pode sofrer e que, portanto, Jesus jamais padeceu nenhum sofrimento, que tinha passado por toda a experiência da cruz sem nenhuma dor.

Quando os gnósticos pensavam desse modo criam que honravam a Deus e a Jesus, mas o que faziam, em realidade, era destruir a Jesus. Se Jesus devia redimir o homem, devia tornar-se um deles. Tinha que converter-se no que nós somos para poder nos converter no que Ele é. Essa é a razão pela qual João insiste que Jesus padeceu sede. Queria mostrar que Jesus era verdadeiramente um ser humano e que passou, em realidade, pela agonia e pela dor da cruz. João se ocupa especialmente de enfatizar a verdadeira humanidade, a qualidade de homem e o verdadeiro sofrimento de Jesus.

(2) Mas, ao mesmo tempo, João nos confronta com o triunfo de Jesus. Quando comparamos os quatro Evangelhos encontramos algo muito esclarecedor. Os outros três Evangelhos não nos dizem que Jesus

afirmou: “Está consumado!” Mas sim nos dizem que morreu com um grande grito nos lábios (Mateus 27:50; Marcos 15:37; Lucas 23:46). João, pelo contrário, não fala do grande grito mas diz que as últimas palavras de Jesus foram: “Está consumado!” A explicação desta diferença é que o grito profundo e as palavras “Está consumado!” são a mesma coisa. “Está consumado!” se expressa com uma só palavra em grego, *tetelestai*, e Jesus morreu com uma exclamação de triunfo em seus lábios. Não disse “Está consumado!” em tom de derrota, disse-o como alguém que grita de alegria porque obteve a vitória. Jesus parecia estar destroçado em uma cruz mas sabia que a vitória era sua.

A última oração desta passagem esclarece ainda mais tudo isto. João diz que Jesus inclinou a cabeça e entregou seu espírito. A palavra que João emprega é a que se poderia usar ao dizer que alguém reclina a cabeça sobre o travesseiro. Para Jesus a luta tinha terminado e a batalha estava ganha e já na cruz conheceu a alegria da vitória e o descanso de alguém que terminou sua tarefa e pode descansar em paz, tranqüilidade e satisfação.

Devemos assinalar mais duas coisas nesta passagem. João localiza a frase de Jesus "Tenho sede" como o cumprimento de um versículo do Antigo Testamento. Pensava no Salmo 69:21: “Por alimento me deram fel e na minha sede me deram a beber vinagre.”

O segundo elemento que devemos notar é outra das coisas ocultas de João. João nos diz que puseram a esponja com vinagre em um hissopo. Agora, um hissopo não é algo que se costuma a usar com esse fim pois não era mais que um caule, um pasto duro, que não tinha mais de sessenta centímetros de comprimento. É tão pouco provável que foi empregado que alguns especialistas pensaram que se trata de uma confusão com uma palavra muito semelhante que significa *lança*. Mas João escreveu *hissopo* e isso foi o que quis dizer.

Quando remontamos muitos séculos até a primeira páscoa, naquela noite quando os filhos de Israel abandonaram sua escravidão no Egito lembremos que o anjo da morte devia sair durante a noite e matar todos

os filhos varões primogênitos dos egípcios. Lembremos que os israelitas deviam matar o cordeiro pascal e manchar as portas de suas casas com o sangue desse cordeiro de maneira que o anjo vingador da morte passasse *por alto* seus lares. E as instruções eram: “Tomai um molho de hissopo, molhai-o no sangue que estiver na bacia e marcai a verga da porta e suas ombreiras com o sangue que estiver na bacia.” (Êxodo 12:22). Foi o sangue do cordeiro pascal que salvou o povo de Deus; era o sangue de Jesus que salvaria o mundo do pecado. A só menção do hissopo levaria qualquer judeu a pensar no sangue salvador do cordeiro pascal. De maneira que esta é a forma suprema na qual João diz que Jesus foi o grande Cordeiro pascal de Deus cuja morte salvaria o mundo inteiro do pecado.

A ÁGUA E O SANGUE

João 19:31-37

Em um detalhe os judeus eram mais misericordiosos que os romanos. Quando os romanos crucificavam segundo seu costume, deixavam a vítima morrer na cruz embora demorasse dias em fazê-lo. Podia estar pendurado durante dias inteiros no calor do Sol do meio-dia e no frio da noite, torturado pela sede, os insetos, as moscas que se metiam nas feridas das costas causadas pelos açoites. Muito freqüentemente as pessoas morriam enlouquecidas na cruz. Os romanos tampouco enterravam os crucificados. Limitavam-se a atirá-los e deixavam que as aves de rapina, os corvos e os cães se ocupassem dos cadáveres. A lei judia, pelo contrário, era diferente. Segundo ela: “Se alguém houver pecado, passível da pena de morte, e tiver sido morto, e o pendurares num madeiro, o seu cadáver não permanecerá no madeiro durante a noite, mas, certamente, o enterrarás no mesmo dia” (Deut. 21:22-23).

O *Mishna*, a Lei dos escribas, estabelece: "Quem quer que permita que os mortos permaneçam expostos durante toda a noite, transgride uma ordem específica." E, de fato, encarregava-se ao Sinédrio que tivesse

dois sepulcros preparados para aqueles que tinham merecido a pena de morte se não fossem enterrados nas tumbas de seus pais. Nesta oportunidade, era até mais importante que não se permitisse que os corpos permanecessem pendurados da cruz durante toda a noite porque no dia seguinte era sábado e um sábado muito especial pois era o da páscoa.

Empregava-se um método muito nefasto para desfazer-se dos criminosos que não morriam em seguida. Golpeavam-lhes as pernas até que morriam. Isso foi o que se fez com os homens que foram crucificados com Jesus. Jesus não sofreu a mesma sorte pois já estava morto. João vê esse fato como o cumprimento de outra passagem do Antigo Testamento. Ordenava-se que não se devia romper nenhum osso do Cordeiro Pascal (Números 9:12). Mais uma vez, João vê Jesus como o Cordeiro pascal que libera seu povo da morte.

Por último, vem um incidente estranho. Quando os soldados viram que Jesus já estava morto não lhe quebraram os ossos com a lança mas sim um deles, provavelmente para certificar-se de que Jesus estava realmente morto, cravou-lhe uma lança no flanco. E saiu sangue e água. João adjudica uma importância especial a este fato. Vê nele o cumprimento da profecia de Zacarias 12:10: “Olharão para mim, a quem traspassaram”. E se ocupa de dizer que se trata do relato de uma testemunha ocular e que ele garante pessoalmente que é verdade.

Em primeiro lugar, nos perguntemos o que foi que aconteceu. Não podemos estar seguros mas pode ser que Jesus tenha morrido, literalmente, porque seu coração foi destruído. É óbvio que normalmente um corpo morto não sangra. Sugeriu-se que o que aconteceu foi que as experiências de Jesus, físicas e emocionais, foram tão tremendas que lhe rompeu o coração. Quando aconteceu isso, o sangue do coração se misturou com o fluido do pericárdio que o rodeia. A lança do soldado rasgou o pericárdio e brotou a mistura do sangue com o fluido do pericárdio. Seria algo muito assustador provar que Jesus morreu com o coração destruído, no sentido literal do termo.

Entretanto, embora assim fosse por que João o acentua tanto?

(1) Para João se tratava da prova definitiva, irrefutável, de que Jesus era um homem verdadeiro com um corpo real. Aqui estava a resposta para os gnósticos com suas idéias de fantasmas, espíritos e uma humanidade irreal. Esta era a prova de que Jesus era osso de nosso osso e carne de nossa carne.

(2) Não obstante, para João isto era mais que uma prova da humanidade de Jesus. Era o símbolo dos dois grandes sacramentos da Igreja. Um deles se baseia na água: o batismo, o outro parte do sangue: o sacramento da Ceia do Senhor com seu cálice de vinho vermelho como o sangue. A água do batismo é o sinal da graça purificadora de Deus em Jesus Cristo. O vinho da Ceia do Senhor é o símbolo do sangue vertido para salvar aos homens de seus pecados. Para João, a água e o sangue que brotaram do lado de Cristo eram o símbolo da água purificadora do batismo e do sangue, igualmente purificadora, que se comemora e experimenta na Eucaristia. Nesse lúgubre incidente, João vê um símbolo e um sinal, uma antecipação da graça purificadora e do perdão que emanam de Jesus Cristo e de sua cruz.

Como escreveu Toplady:

Rocha de anos, atalho para mim,
Deixa-me esconder em ti;
Permite que a água e o sangue,
Que brotou de teu lado,
Seja a dupla cura do pecado,
Purifica-me de seu culpa e de seu poder.

OS ÚLTIMOS DONS DE JESUS

João 19:38-42

De maneira que Jesus morreu e o que era preciso fazer devia realizar-se logo porque o sábado estava perto e durante esse dia não se podia fazer nenhum trabalho. Os amigos de Jesus eram pobres e não lhe

poderiam oferecer um enterro adequado; mas nesse momento aparecem duas pessoas em cena.

Apresenta-se José de Arimatéia. Sempre foi discípulo de Jesus. Era um homem importante e formava parte do Sinédrio. Até esse momento tinha mantido sua condição de discípulo em segredo porque temia dá-la a conhecer. Aparece Nicodemos. Os judeus tinham o costume de envolver os mortos em tecidos de linho e pôr especiarias aromáticas entre as dobras do tecido. Nicodemos levou especiarias suficientes para enterrar a um rei. De maneira que José lhe deu um sepulcro e Nicodemos lhe proporcionou roupas para usar dentro do sepulcro.

Aqui temos elementos de tragédia e de glória.

(1) O elemento de tragédia. Tanto Nicodemos como José eram membros do Sinédrio mas eram discípulos em segredo. Podem ter ocorrido duas coisas: ou não estavam presentes na reunião do Sinédrio que interrogou a Jesus e que formulou as acusações contra Ele ou permaneceram em silêncio durante todo o processo.

Quão diferentes teriam sido as coisas para Jesus se entre todas as vozes condenatórias e insultantes tivesse surgido uma em seu apoio! Quão diferente teria sido ver lealdade em um rosto entre tantas caras envenenadas e cruéis! Mas Nicodemos e José tinham medo. Acontece tão freqüentemente que deixamos nossas honras para quando a pessoa já está morta. Quanto mais importante teria sido a lealdade em vida que um sepulcro novo e uma veste digna de um rei na morte! Uma flor em vida tem mais valor que todas as coroas do mundo depois da morte. Uma palavra de amor, louvor e agradecimento em vida vale mais que todos os panegíricos do mundo depois de morto.

(2) Mas também temos um elemento de glória. A morte de Jesus operou algo em José e Nicodemos que nem sequer sua vida pôde obter. Tão logo Jesus morreu na cruz, José esqueceu seu temor e enfrentou o governador romano com seu pedido do corpo de Jesus. Tão logo Jesus morreu, Nicodemos estava preparado com um tributo que todos podiam ver. Desapareceu a covardia, o medo, a dúvida, o ocultação prudente. Os

que experimentaram temor quando Jesus estava vivo testemunharam a seu favor de maneira visível a todo mundo quando morreu. Não fazia uma hora que Jesus estava morto na cruz quando se cumpriu sua própria profecia: “E eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim mesmo” (João 12:32). Pode acontecer que o silêncio ou a ausência de Nicodemos no Sinédrio produziu dor a Jesus mas não há dúvida que soube como deixaram de lado seus temores depois da cruz e seu coração se alegrava porque o poder da cruz tinha começado a agir e começava a atrair os homens a Ele. Até nesse momento tinha começado a agir o magnetismo da cruz, seu poder já tinha começado a converter o covarde em um herói e o homem indeciso em alguém que fez uma opção irrevogável por Cristo.

João 20

[O amor surpreendido - 20:1-10](#)

[O grande descobrimento - 20:1-10 \(cont.\)](#)

[O grande reconhecimento - 20:11-18](#)

[Compartilhando as boas novas - 20:11-18 \(cont.\)](#)

[A comissão de Cristo - 20:19-23](#)

[O incrédulo convencido - 20:24-29](#)

[Tomé nos dias posteriores - 20:24-29 \(cont.\)](#)

[O objetivo do Evangelho - 20:30-31](#)

O AMOR SURPRENDIDO

João 20:1-10

Ninguém amou tanto a Jesus como Maria Madalena. Lucas nos diz que sete demônios saíram dela. Jesus fazia algo por Maria que nenhum outro pôde fazer e Maria jamais o esqueceu. A tradição sempre afirmou que Maria era uma pecadora empedernida a quem Jesus recuperou, perdoou e purificou.

Henry Kingsley tem um poema muito belo sobre Maria Madalena.

Madalena na porta de Miguel
Atada ao madeiro;
No espinheiro de José cantava o pássaro,
'Deixa-a entrar. Deixa-a entrar.'
'Viu as feridas?', disse Miguel,
'Conheces teu pecado?'
'Chegou a tarde, a tarde', cantou o pássaro,
'Deixa-a entrar. Deixa-a entrar.'
'Se, vi as feridas,
E conheço meu pecado.'
'Conhece-o bem, bem, bem', cantou o pássaro.
'Deixa-a entrar. Deixa-a entrar.'
'Não trazes ofertas', disse Miguel,
'Só trazes pecados.'
E o pássaro cantou,
'Arrepende-se, arrepende-se, arrepende-se.'
'Deixa-a entrar. Deixa-a entrar.'
Quando cantou até dormir,
E chegou a noite,
Veio alguém e abriu a porta de Miguel,
E entrou Madalena.

Maria tinha pecado muito e amava muito: a única coisa que podia oferecer era amor.

Na Palestina era costume visitar a tumba dos seres queridos durante os três dias posteriores a seu enterro. Criam que durante três dias o espírito da pessoa morta dava voltas e esperava perto do sepulcro e que só depois desse tempo ia embora porque o corpo se tornou irreconhecível pela decomposição. Os amigos de Jesus não podiam aproximar-se do sepulcro durante o sábado pois se viajassem nesse dia teriam desobedecido a Lei. O sábado corresponde a nosso sábado de maneira que Maria chegou pela primeira vez ao sepulcro no domingo. Chegou muito cedo. A palavra que se usa para dizer *cedo* é *proi*. Esse era o termo

técnico para referir-se à última dos quatro vigílias nas quais se dividia a noite: a vigília que ia das três às seis da manhã, Ainda era escuro quando Maria se aproximou do lugar porque não podia tolerar permanecer longe.

Quando chegou ao sepulcro se sentiu surpreendida e maravilhada. Na antiguidade não se fechavam os sepulcros com portas. Diante da entrada havia uma fenda sobre o solo e se fazia correr uma pedra que fazia as vezes de porta. Por outro lado, Mateus nos diz que as autoridades tinham selado a pedra para assegurar-se de que ninguém a moveria (Mateus 27:66). Maria se sentiu esmagada ao ver que alguém tinha movido a pedra. Ela deve ter imaginado duas coisas. Pode ter pensado que os judeus levaram o corpo de Jesus: que, longe de estar satisfeitos havendo-o matado na cruz, estavam infligindo mais profanações a seu cadáver. Também devemos levar em conta que um dos rasgos mais lúgubres do crime na antiguidade era que havia seres indignos que se ocupavam de assaltar sepulcros. Maria pode ter pensado que alguém tinha violado a tumba tirando o corpo de Jesus.

Tratava-se de uma situação que Maria se sentiu incapaz de enfrentar sozinha. De maneira que voltou para a cidade para buscar a Pedro e João. Maria é o maior exemplo do amor surpreendido. É o exemplo supremo de alguém que continuou amando e crendo apesar de sua incapacidade de compreender. E esses são o amor e a crença que encontram sua glória.

O GRANDE DESCOBRIMENTO

João 20:1-10 (continuação)

Um dos elementos esclarecedores deste relato é que Pedro continuava sendo o líder reconhecido do grupo de apóstolos. Maria se dirigiu a ele. Apesar de sua negação, que já se devia ter difundido por toda parte, Pedro continuava sendo o líder. Estamos acostumados a falar da fraqueza e instabilidade de Pedro mas deve ter havido algo fora do comum em alguém que pôde enfrentar a seus companheiros depois dessa queda desastrosa na covardia. Deve ter tido algo especial esse homem a

quem todos estavam dispostos a aceitar como líder inclusive depois de sua ação. A fraqueza de um momento não deve nos impedir de ver a força e a estatura moral de Pedro e o fato de que era um líder nato.

De maneira que Maria foi buscar a Pedro e João e estes saíram imediatamente em direção ao sepulcro. Foram correndo e João deve ter sido mais jovem que Pedro pois viveu até fins de século, de maneira que ganhou nesta carreira frenética. Quando chegaram ao sepulcro, João olhou para dentro mas não deu mais um passo. Pedro, com sua impulsividade característica, não só olhou mas também entrou. Nesse momento. Pedro agora se sentia esmagado pelo sepulcro vazio. Logo, João começou a imaginar algumas coisas. Se alguém tirou o corpo de Jesus ou se entraram ladrões de sepulcros por que teriam que deixar os tecidos? E imediatamente algo mais lhe chamou a atenção: os tecidos não estavam desordenados: jaziam *ainda em suas dobras*, esse é o significado das palavras gregas, as roupas do corpo onde ele esteve: o sudário onde esteve a cabeça. O sentido da descrição aponta para o fato de que os tecidos não estavam postos como se alguém os tivesse tirado. Estavam dispostos com as dobras primitivas como se o corpo de Jesus se evaporou e os tivesse deixado ali. Tudo isto penetrou de repente na mente de João: deu-se conta do que tinha acontecido e creu. Não foi o que tinha lido nas Escrituras o que o convenceu de que Jesus tinha ressuscitado: convenceu-se pelo que viu com seus próprios olhos.

É extraordinário o papel que desempenha o amor neste relato. Foi Maria, que amava tanto a Jesus, quem chegou em primeiro lugar ao sepulcro. João, o discípulo a quem Jesus amava e que amava a Jesus, foi o primeiro em crer na ressurreição. Essa sempre será a grande glória de João. Foi o primeiro em compreender e crer. O amor lhe deu olhos para ler os sinais e uma mente para compreender.

Aqui temos a grande lei da vida. É certo que em qualquer tipo de trabalho não podemos interpretar por completo a mente de outra pessoa a menos que haja uma corrente de simpatia entre ambos. Ninguém pode falar, ensinar ou escrever com efetividade sobre a vida e a obra de outra

pessoa por quem não sente nada. Alguém se dá conta imediatamente quando o diretor de uma orquestra sente simpatia pela obra do compositor cuja música dirige. O amor é o grande intérprete. O amor pode captar a verdade quando o intelecto permanece inseguro. O amor pode entender o sentido de algo sobre o qual a investigação não pode descobrir nada.

Conta-se que em uma oportunidade um jovem artista levou a Dore um quadro de Jesus que pintor para que o mestre lhe desse sua opinião. Dore demorou para pronunciar-se mas por fim deu seu veredicto em uma só frase: "Você não o ama, do contrário o pintaria melhor".

Não podemos entender a Jesus ou ajudar a outros a que o compreendam a menos que lhe entreguemos tanto nossos corações como nossas mentes.

O GRANDE RECONHECIMENTO

João 20:11-18

Alguém disse que este relato é a cena de reconhecimento mais sublime de toda a literatura. A Maria pertence a glória de ter sido primeira a ver o Cristo Ressuscitado. Todo o relato está imbuído de sinais do amor de Maria. Tinha voltado ao sepulcro, levou a mensagem a Pedro e João e logo estes a devem ter deixado atrás em sua carreira rumo ao sepulcro. Quando Maria chegou, os outros dois já não deviam estar ali. De maneira que ficou chorando.

Não há necessidade de buscar razões muito complicadas para entender por que Maria não reconheceu a Jesus. O fato muito singelo e emocionante é que **ela não o podia ver através das lágrimas**. Toda sua conversação com a pessoa a quem tomou pelo jardineiro manifesta seu amor. "Se tu o tiraste, dize-me onde o puseste". **Jamais mencionou o nome de Jesus; pensava que qualquer um saberia de quem estava falando. Sua mente estava tão ocupada com Jesus que não havia outra pessoa no mundo para ela. "Eu o levarei"**. Como poderia fazer isso com

seu força de mulher? Onde o ia levar? Nem sequer tinha pensado nestes problemas. Seu único desejo era chorar seu amor sobre o corpo morto de Jesus. Logo que respondeu à pessoa a quem confundiu com o jardineiro deve ter retornado ao sepulcro pois não podia tirar os olhos dele, de maneira que deu as costas a Jesus. Logo chegou a única palavra de Jesus, "Maria!" e sua resposta, "Mestre!" (*Raboni* não é mais que a forma aramaica de *Rabino*; não há nenhuma diferença entre as duas palavras).

De modo que vemos que houve duas razões muito simples e, não obstante, muito profundas, pelas quais Maria não reconheceu a Jesus.

(1) Não o pôde reconhecer pelas lágrimas. Estas lhe cegavam os olhos de maneira tal que não podia ver. Quando perdemos um ser amado, alguém a quem queríamos, sempre há dor em nosso coração e lágrimas em nossos olhos, embora não as derramemos.

Entretanto, há algo que sempre devemos ter em mente: nesse momento nossa dor é essencialmente egoísta. Pensamos em nossa solidão, nossa dor, nossa perda e desolação. Não podemos chorar por alguém que foi viver com Deus; não podemos chorar por alguém que depois da febre enlouquecedora da vida, dorme em paz. Choramos por nós mesmos. É natural e inevitável. Não obstante, jamais devemos permitir que nossas lágrimas nos ceguem à glória do céu e da vida eterna. Deve haver lágrimas mas através delas devemos vislumbrar a glória.

(2) Não pôde reconhecer a Jesus porque insistia em dirigir seu olhar na direção equivocada. Não podia tirar os olhos do sepulcro e dava as costas a Jesus. Isto também nos acontece com freqüência. Nesses momentos, nossos olhos estão fixos na terra fria do sepulcro. Mas devemos arrancar os olhos dali. Não é ali onde estão nossos seres queridos; aí estão seus corpos cansados mas o corpo não é a pessoa. A verdadeira pessoa está nos lugares celestiais em companhia de Jesus e na glória de Deus.

Quando nos chega a dor não devemos permitir que as lágrimas ceguem nossos olhos e lhes impeçam de ver a glória. Tampouco devemos atar nossos olhos à tumba e nos esquecer do céu.

Alan Walker no *Everybody's Calvary* (O calvário de todos) conta-nos que uma vez oficiou um funeral para gente que só o via como uma formalidade e que careciam tanto de fé como de relações cristãs. "Quando terminou o serviço, um jovem olhou para dentro da tumba e disse, com o coração destroçado, 'Adeus, papai'. Para os que não têm a esperança cristã, esse é o fim. Para nós, pelo contrário, nesse momento é 'Até logo!' e, literalmente significa 'Até que nos voltemos a encontrar'.

COMPARTILHANDO AS BOAS NOVAS

João 20:11-18 (continuação)

Nesta passagem há uma dificuldade muito concreta. Quando termina a cena de reconhecimento pelo menos à primeira vista, Jesus diz a Maria: “Não me toques; porque ainda não subi ao Pai” (20:17, TB). Uns poucos versículos mais adiante o encontramos *convidando* a Tomé a tocá-lo (João 20:27). Em Lucas lemos que Jesus convida os discípulos aterrados: “Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; apalpai-me e verificai, porque um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho” (Lucas 24:39). No relato do Mateus lemos que “elas, aproximando-se, abraçaram-lhe os pés e o adoraram” (Mateus 28:9). Inclusive a forma da afirmação de João é difícil. Faz Jesus dizer: "Não me toques, porque ainda não subi a meu Pai", para dizer que ele o podia tocar depois da ascensão. Não há uma explicação totalmente satisfatória desta frase.

(1) Tem sido dado um sentido espiritual. Foi sustentado que o único contato real com Jesus chega, em realidade, só depois de sua ascensão. Afirma-se que o que importa não é o contato físico de uma mão com a outra mas o contato que chega através da fé com o Senhor ressuscitado e vivo. O que interessa não é que se possa tocar um corpo mas sim um

espírito se possa encontrar com outro. Sem dúvida isso é certo e muito valioso mas não parece ser o sentido desta passagem.

(2) Sugere-se que a versão grega é uma tradução errônea do original aramaico. Jesus, é obvio, falaria a aramaico, não o grego e o que nos dá João é uma tradução ao grego das palavras de Jesus. Sugere-se que o que Jesus disse foi: "Não me toques, mas antes de eu subir a meu Pai vai a meus irmãos e lhes diga..." Seria como se Jesus houvesse dito: "Não ocupe tanto tempo em me adorar na alegria de seu novo descobrimento. Vai e dá a boa nova aos outros discípulos." Pode ser que esta seja a explicação. No idioma grego o imperativo é um *presente* imperativo. O sentido estrito das palavras seria: "Deixa de me tocar". Pode ser que Jesus dissesse a Maria: "Não continue ficando comigo de maneira egoísta, pois dentro de pouco tempo voltarei a meu Pai. Quero me encontrar com meus discípulos tantas vezes quanto possível antes que isso ocorra. Vai dar-lhes a boa nova para não perder nem um momento do tempo que podemos estar juntos." Pode tratar-se de uma ordem a Maria de que solte a Jesus, que não se aferre a Ele sozinha mas sim vá dar as santas notícias a outros. Isso faria sentido e foi o que Maria fez.

(3) Há outra possibilidade. Nos outros três Evangelhos sempre se acentua o *medo* daqueles que reconheceram repentinamente a Jesus. Em Mateus 28:10 as palavras de Jesus são: "Não *temais!*" Em Lucas 24:5 se diz que estavam "possuídas de *temor*". Em Marcos 16:8 o relato termina "porque estavam possuídas de *medo*" (TB). Tal como aparece no relato de João não se menciona este temor profundo. Agora, às vezes os olhos dos escribas que copiavam os manuscritos cometiam enganos pois não eram fáceis de ler. Alguns especialistas crêem que o que João escreveu originariamente não foi *Me Aptou*, "Não me toques", mas *Me ptou*, "Não temas". O verbo *ptoein* significa *tremar de medo*. Nesse caso, Jesus haveria dito a Maria: "Não temas; ainda não subi a meu Pai, ainda estou contigo."

Nenhuma explicação desta frase de Jesus é completamente satisfatória mas possivelmente a segunda seja a mais conveniente das

três que consideramos. Seja o que for que tenha ocorri, Jesus enviou Maria e os discípulos com a mensagem de que o que Ele lhes disse tantas vezes estava por acontecer: estava para ir ao seu Pai. E Maria chegou com a notícia: "Vi o Senhor!"

Nessa mensagem de Maria está contida a própria essência do cristianismo. Um cristão é alguém que pode dizer: "Vi o Senhor." O cristianismo não significa saber coisas sobre Jesus, significa conhecer a Jesus. Não significa discutir sobre Jesus, significa encontrá-lo. Significa a certeza da experiência de que Jesus vive.

A COMISSÃO DE CRISTO

João 20:19-23

O mais provável é que os discípulos continuassem reunindo-se no cenáculo, onde tinham celebrado a Última Ceia. Mas se reuniam com um sentimento semelhante ao terror. Tinham medo; conheciam o rancor amargo dos judeus, tinham planejado a morte de Jesus e os discípulos temiam que o fizessem com eles. De maneira que se reuniam com temor, ouviam com atenção para descobrir um passo na escada ou um golpe na porta pensando que os emissários do Sinédrio pudessem ir prendê-los. Enquanto estavam sentados, Jesus apareceu de repente no meio deles. Pronunciou a saudação comum e cotidiana dos orientais: "Paz seja convosco!" Significa muito mais que: "Desejo que vocês não tenham problemas." Quer dizer: "Que Deus lhes outorgue todo o bem." Logo Jesus deu aos discípulos a ordem que a Igreja jamais deve esquecer.

(1) Disse-lhes que tal como Deus o enviou, Ele os enviava. Isto é o que Westcott denominou "A missão da Igreja." Significa três coisas.

(a) Significa que Jesus Cristo precisa da Igreja. Isto é exatamente o que quis dizer Paulo ao referir-se à Igreja como "o corpo de Cristo" (Efésios 1:23; 1 Coríntios 12:12). Jesus tinha vindo com uma mensagem para todos os homens: agora voltava ao Pai; não se podia levar essa mensagem aos homens a menos que a Igreja o fizesse. A Igreja devia ser

a boca que falasse por Jesus, os pés que levassem suas mensagens, as mãos que fizessem seu trabalho. A mensagem de Cristo foi entregue nas mãos da Igreja. Jesus não podia converter-se em posse e Salvador do mundo a menos que a Igreja levasse sua história a todo o inundo. Portanto, o primeiro sentido desta passagem é que Jesus *depende de sua Igreja*.

(b) Significa que a Igreja precisa de Jesus. A pessoa a ser enviada precisa de alguém que o envie; precisa de uma mensagem; precisa de uma força e uma autoridade que apoiem sua mensagem; precisa de alguém para a quem dirigir-se quando duvida ou tem dificuldades. A Igreja precisa de Jesus. Sem Ele não há mensagem, não há poder; sem Ele não há a quem dirigir-se quando há problemas, não há ninguém que a ilumine, que dê poder a seu braço e que alente seu coração. De modo que isto significa que *a Igreja depende de Jesus*.

(c) Entretanto, há algo mais: O fato de enviar a Igreja da de Jesus corre paralelo ao envio de Jesus da parte de Deus. Mas ninguém pode ler a história do Quarto Evangelho sem perceber que a relação entre Jesus e Deus dependia continuamente da obediência, da submissão e do amor perfeitos de Jesus para com Deus. Jesus só podia ser o mensageiro de Deus porque lhe oferecia essa obediência e esse amor perfeitos. Disso se deduz que a Igreja só pode ser a mensageira e o instrumento de Cristo quando o ama e lhe obedece de maneira perfeita. A Igreja jamais ocupar-se em proclamar sua própria mensagem mas a mensagem de Cristo. Jamais deve ocupar-se em seguir sua política elaborada pelos homens; deve ocupar-se em seguir a vontade de Cristo. A Igreja fracassa quando tenta resolver algum problema a partir de sua própria sabedoria e força e não busca a vontade e a guia de Jesus Cristo.

(2) Jesus soprou sobre seus discípulos e lhes deu o Espírito Santo. Não há dúvida de que quando João falava deste modo pensava no antigo relato da criação do homem. O autor daquele passagem diz: “Então, formou o Senhor Deus ao homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente.” (Gênesis 2:7).

Esta foi a mesma imagem que Ezequiel viu ao vislumbrar o vale dos ossos mortos e secos e ouviu que Deus dizia ao vento: “Vem dos quatro ventos, ó espírito, e assopra sobre estes mortos, para que vivam” (Ezequiel 37:9). A vinda do Espírito Santo é como uma nova criação; é como o despertar da morte para a vida. Quando o Espírito Santo vem sobre esta Igreja é despertada e recriada para sua tarefa.

(3) Jesus disse aos discípulos: “Àqueles a quem perdoardes os pecados, lhes são perdoados; e, àqueles a quem os retiverdes, lhes são retidos.” Trata-se de uma frase que devemos nos esforçar por compreender com cuidado. Há uma coisa segura: ninguém pode perdoar os pecados de outro. Mas há outra coisa que também é certa: o grande privilégio da Igreja é comunicar a mensagem, o anúncio e o fato do perdão de Deus aos homens.

Agora, suponhamos que alguém nos traz uma mensagem de outra pessoa, nossa aceitação e valorização da mensagem dependerá de quão bem o portador conheça a pessoa que o enviou. Se alguém se oferecer para interpretar o pensamento de um terceiro, sabemos que o valor da interpretação depende de sua intimidade com essa pessoa.

Os apóstolos tinham o maior direito de levar a mensagem de Jesus aos homens porque eram aqueles que melhor o conheciam. Se sabiam que alguém era realmente penitente, podiam lhe anunciar com absoluta certeza o perdão de Cristo. Do mesmo modo, se sabiam que no coração de uma determinada pessoa não existia o menor sentimento de penitência ou que brincava com o amor e a misericórdia de Deus, podiam lhe dizer que a menos que mudasse seu coração não receberia o perdão. Esta frase não significa que alguma vez se confiou a alguém o perdão dos pecados. Significa que foi confiado o poder de proclamar tal perdão assim como o poder de advertir que esse perdão não está à disposição daqueles que não se arrependem. Esta frase estabelece o dever da Igreja de levar o perdão aos de coração arrependido e de advertir àqueles que não o estão que brincam com a misericórdia de Deus.

O INCRÉDULO CONVENCIDO**João 20:24-29**

Para Tomé a cruz não foi nenhuma surpresa; era o que esperava. Quando Jesus propôs ir a Betânia depois de receber a notícia da enfermidade de Lázaro, a reação de Tomé foi: “Vamos também nós para morrermos com ele.” (João 11:16). Tomé nunca teve falta de coragem mas era pessimista por natureza. Não se pode duvidar de que Tomé amava a Jesus. Amava-o o suficiente para ir a Jerusalém para morrer com Ele quando os outros discípulos titubearam e sentiram medo. Tinha sucedido o que Tomé previu mas, apesar disso, sentia-se destroçado. Tinha o coração tão pesaroso que não podia encontrar-se com outras pessoas, só queria estar a sós com sua dor.

O rei Jorge V costumava dizer que um dos lemas de sua vida era: "Se tiver que sofrer, espero ser como um animal bem educado e sofrer a sós."

Tomé devia enfrentar seu sofrimento e sua dor a sós. De maneira que quando Jesus voltou, Tomé não estava presente e a notícia de que Jesus retornou lhe parecia muito boa para ser verdade. pelo que se negou a crê-la. Sendo belicoso em seu pessimismo, afirmou que jamais creeria que Jesus ressuscitou dentre os mortos até que ver e tocar na marca dos pregos em suas mãos e até que pusesse o dedo na ferida que fez a lança em seu lado. (Não se menciona alguma ferida nos pés de Jesus porque na crucificação não se cravavam os pés, simplesmente eram atados à cruz).

De maneira que passou outra semana e Jesus retornou e desta vez Tomé estava presente. E Jesus conhecia o coração de Tomé. Repetiu suas próprias palavras e o convidou a fazer a prova que tinha proposto. E o coração de Tomé se encheu de amor e devoção; tudo o que atinou a dizer foi: “Senhor meu e Deus meu!” De modo que Jesus lhe disse: "Tomé, você precisou dos olhos físicos para crer, mas virá o dia quando os homens verão com os olhos da fé e crerão."

Neste relato, aparece com toda clareza a personalidade de Tomé.

(1) Tomé cometeu um engano. Afastou-se da comunidade cristã. Buscou a solidão antes que a união com os outros. E como não estava junto com seus irmãos cristãos perdeu a primeira aparição de Jesus. Perdemos muitas coisas quando nos separamos da comunidade cristã e buscamos estar sozinhos. Podem-nos acontecer certas coisas dentro da comunidade da Igreja de Cristo que não nos podem passar quando estamos sozinhos. Quando experimentamos a dor e a tristeza nos embarga costumamos nos encerrar em nós mesmos e nos negamos a ver outras pessoas. Esse é o momento quando, apesar da dor, deveríamos buscar a companhia das pessoas de Cristo porque ali é onde o encontraremos face a face com maior probabilidade.

(2) Mas Tomé tinha duas grandes virtudes. Negava-se por completo a dizer que cria quando não fosse verdade. Jamais diria que entendia quando não entendia ou que cria quando não cria. Há uma certa honestidade sem rodeios em Tomé. Jamais acalmaria as dúvidas simulando que não existiam. Não era o tipo de homem que repetiria um credo como se fosse um papagaio sem entender o que dizia. Tinha que estar seguro e tinha razão.

Tennyson escreveu:

Há mais fé na dúvida honesta,
Creiam-me, que na metade dos credos.

Há mais fé verdadeira no homem que insiste em certificar-se que naquele que repete bobamente coisas que jamais pensou e nas quais não crê. Esse é o tipo de dúvida que, no fim das contas, conduz à certeza.

(3) A outra grande virtude de Tomé é que quando esteve seguro continuou até o fim. “Senhor meu e Deus meu!” disse. Não havia meias tintas para ele. Não ventilava suas dúvidas para praticar uma espécie de acrobacia mental. Duvidava a fim de estar seguro e quando o esteve sua entrega à certeza foi total. Se alguém lutar com suas dúvidas até chegar à convicção de que Jesus Cristo é Senhor, chega a uma certeza que nunca alcançará aquele que aceita as coisas sem refletir sobre elas.

TOMÉ NOS DIAS POSTERIORES**João 20:24-29 (continuação)**

Não sabemos com certeza o que aconteceu com Tomé nos dias posteriores. Entretanto, há um livro apócrifo chamado *Os Atos de Tomé* que, conforme afirma, dá-nos a história deste apóstolo. É obvio que não é mais que uma lenda mas pode ser que haja algo de verdade nela. Sem dúvida, Tomé responde às características de sua personalidade. Esta é parte do relato que conta.

Depois da morte de Jesus os discípulos dividiram o mundo a fim de que cada um fosse a um país para pregar o evangelho. Coube a Tomé a Índia. Esta parte é verdade: a Igreja tomista do sul da Índia se origina em Tomé. A princípio se negou a ir. Dizia que não era o suficientemente forte para fazer essa longa viagem. Disse: "Sou um homem hebreu; como posso ir entre os índios e pregar a verdade?" Jesus lhe apareceu durante a noite e lhe disse: "Não temas Tomé, vai à Índia e prega a palavra ali pois minha graça está contigo." Mas Tomé continuou não querendo ir pondo dificuldades.. "Envie-me aonde quiser", disse, "mas a outro lugar porque à Índia não irei."

Agora, aconteceu que chegou a Jerusalém um comerciante da Índia chamado Abbanes. Foi enviado pelo rei Gundaphoros para buscar um perito carpinteiro e levá-lo à Índia. Tomé era carpinteiro. Jesus apareceu a Abbanes no mercado e lhe disse: "Quer comprar um carpinteiro?" Abbanes respondeu, "Sim". Jesus lhe disse: "Tenho um escravo que é carpinteiro e desejo vendê-lo" e apontou aonde estava Tomé. De maneira que ficaram de acordo sobre o preço e Tomé foi vendido. O acordo dizia assim: "Eu, Jesus, filho de José o carpinteiro, dou fé de que vendi a meu escravo, de nome Tomé, a Abbanes, um mercado do Gundaphoros, rei dos índios". Quando foi assinado o acordo, Jesus buscou Tomé e o levou perante Abbanes. Este lhe perguntou: "É este seu amo?" Tomé respondeu, "Por certo que sim". Abbanes disse: "Comprei-te." Tomé não disse nada, porém no dia seguinte se levantou cedo e orou. Depois da

oração disse a Jesus: "Irei onde tu queiras, Senhor Jesus; faça-se a tua vontade". É o mesmo Tomé, lento mas seguro, lento para render-se mas uma vez que o faz, sua entrega é total.

O relato prossegue contando que Gundaphoros ordenou a Tomé que construísse um palácio e este respondeu que era capaz de fazê-lo. O rei lhe deu suficiente dinheiro para comprar os materiais e contratar operários mas Tomé deu tudo aos pobres. Sempre dizia ao rei que o palácio ia muito bem. O rei começou a suspeitar. Por último mandou chamar Tomé: "Você construiu o meu palácio?" perguntou-lhe. Tomé respondeu: "Agora não pode vê-lo mas quando abandonar esta vida o verá". No princípio o rei se sentiu muito zangado e a vida de Tomé corria perigo mas por último também ele foi conquistado para Cristo. E assim foi como Tomé levou o cristianismo à Índia.

Há algo muito amável e digno de admiração em Tomé. A fé nunca lhe foi fácil; tampouco lhe surgia espontaneamente a obediência. Era um homem que tinha que estar seguro. Tinha que avaliar os custos. Mas uma vez que estava seguro e que tinha avaliado o preço, chegava até o limite da fé e da obediência. Uma fé como a de Tomé é melhor que qualquer afirmação sem sentido e uma obediência como a de Tomé é melhor que uma aceitação fácil que faz qualquer um sem avaliar o custo e que logo não cumpre sua palavra.

O OBJETIVO DO EVANGELHO

João 20:30-31

É evidente que segundo o plano original do evangelho, termina com este versículo. Aqui temos o final natural e o capítulo 21 deve ser visto como um apêndice e agregado depois.

Nenhuma outra passagem dos Evangelhos resume com maior clareza o objetivo de seus autores.

(1) É evidente que os Evangelhos nunca se propuseram nem afirmaram dar uma versão completa da vida de Jesus. Não seguem seus

passos dia após dia nem hora após hora. Fazem uma seleção. Não nos dão um relatório exaustivo de tudo o que Jesus disse ou fez mas uma seleção de acontecimentos característicos que nos mostram como era e o tipo de coisas que fazia.

(2) Por outro lado, é evidente que os Evangelhos não têm como objetivo ser biografias de Jesus. São chamados ou convites a receber a Jesus como Salvador, Mestre e Senhor. Seu objetivo não era proporcionar informação mas Vida. Seu propósito era pintar uma imagem tal de Jesus que o leitor se visse obrigado a ver que a pessoa que podia falar, ensinar, agir e curar desse modo não podia ser outro senão o Messias e o Filho de Deus e que, ao crer nEle, encontrasse o segredo da vida verdadeira.

Quando nos aproximamos dos Evangelhos como se fossem uma história ou uma biografia, aproximamo-nos com um ânimo equivocado. Não devemos lê-los principalmente como historiadores que buscam informação mas sim como homens e mulheres que buscam a Deus.

João 21

Por que João 21?

O Senhor ressuscitado - 21:1-14

A realidade da ressurreição - 21:1-14 (cont.)

A universalidade da Igreja - 21:1-14 (cont.)

O pastor das ovelhas de Cristo - 21:15-19

A testemunha de Cristo - 21:20-24

O Cristo ilimitado - 21:25

POR QUE JOÃO 21?

De qualquer ponto de vista, este é um capítulo estranho. Logo parece voltar a começar no capítulo vinte e um. A menos que tivesse algo muito especial que dizer, a pessoa que deu forma final ao Evangelho não teria agregado este capítulo. Sabemos que com muita

freqüência o Evangelho de João contém dois sentidos: um que aparece na superfície e outro mais profundo que está oculto. De maneira que ao estudar este capítulo faremos um esforço para compreender quais foram as razões pelas quais foi adicionado de maneira tão estranha depois que o livro parecia ter chegado a seu fim.

O SENHOR RESSUSCITADO

João 21:1-14

Sem dúvida a pessoa que escreveu este relato conhecia os pescadores do Mar da Galiléia. A noite era o melhor momento para a pesca.

W. M. Thomson em *The Land and the Book* descreve a pesca noturna:

“Há certos tipos de pesca que sempre são feitas de noite. É um belo espetáculo. Com uma luz brilhante o bote se desliza sobre o mar e os homens, de pé, observam com atenção as profundidades até que vêem sua presa. Nesse momento, rápidos como o raio, lançam a rede ou a lança. Frequentemente se vêem pescadores cansados que chegam ao porto afligidos pela manhã depois de ter trabalhado toda a noite em vão.”

Aqui não se descreve a pesca como um milagre e não o era. A descrição que temos aqui se refere a algo que acontece com freqüência até o dia de hoje no lago. Recordemos que o barco só estava a uns cem metros da margem.

H. V. Morton descreve dois homens que viu pescando sobre a margem do lago. Um deles se posicionou da costa, caminhando, e tinha lançado uma rede na água.

“Mas a rede saía vazia algumas vezes. Era bonito vê-lo lançar a rede. Em cada ocasião, a rede cuidadosamente dobrada se abria no ar e caía com tanta precisão que os pequenos pesos de chumbo golpeavam todos ao mesmo tempo desenhando um círculo sobre a superfície. Enquanto esperava para atirar outra vez, Abdul lhe gritou da margem que lançasse à esquerda coisa que fez num instante. Desta vez teve êxito... Lançou a rede e víamos como se debatiam os peixe dentro dela... Ocorre com muita

freqüência que a pessoa que tem a rede deve confiar nos conselhos de alguém que está na costa. Este lhe diz que lance a rede à direita ou à esquerda porque pode ver um cardume que é invisível a quem está no meio da água.”

Jesus agia como guia de seus amigos pescadores, tal como se faz na atualidade.

Pode ser que não o tenham reconhecido porque estava escuro. Entretanto, os olhos do discípulo a quem Jesus amava eram agudos. Sabia que era o Senhor e quando Pedro se deu conta de quem se tratava saltou à água. Pedro não estava nu, em realidade. Estava vestido com uma túnica tal como estavam acostumados a usar os pescadores quando trabalhavam. A Lei judia estabelecia que a ação de saudar era um ato religioso e para levá-lo a cabo era preciso estar vestido. De maneira que antes de dirigir-se a Jesus, Pedro ficou sua túnica de pescador porque queria ser o primeiro em saudar o Senhor.

A REALIDADE DA RESSURREIÇÃO

João 21:1-14 (continuação)

Agora chegamos à grande razão pela qual se adicionou este capítulo estranho ao Evangelho concluído. Foi acrescentado para demonstrar de uma vez por todas *a realidade da ressurreição*. Havia muitas pessoas que afirmavam que as aparições do Cristo ressuscitado não eram mais que visões dos discípulos. Muitos estavam dispostos a reconhecer o caráter real das visões mas só como visões e nada mais. Alguns foram ainda mais longe até dizer que não se tratava de visões mas sim de alucinações.

Agora, os Evangelhos se preocupam de maneira especial em afirmar que o Cristo ressuscitado não era uma visão, nenhuma alucinação, nem sequer um espírito mas uma pessoa real. Insistem que o sepulcro estava vazio. Afirmando que o Cristo ressuscitado tinha um corpo real com os sinais dos pregos e da lança que lhe atravessou o lado.

Não obstante, este relato faz algo mais. Não é provável que uma visão ou um espírito aponte um cardume de peixes a um grupo de pescadores. Tampouco acenderia um fogo na margem de um lago. Nem é provável que uma visão ou um espírito prepare uma comida e a compartilhe com outros. Entretanto, tal como se apresenta este relato, isso foi o que fez o Cristo ressuscitado. Quando João nos diz que Jesus voltou para seus discípulos quando as portas estavam fechadas, diz: “Mostrou-lhes as mãos e o lado” (João 20:20).

Quando Inácio escreveu à Igreja de Esmirna, relata uma tradição ainda mais definitiva. Diz: “Sei e creio que estava na carne inclusive depois da ressurreição e quando voltou com Pedro e seu grupo disse: ‘Tomem, me toquem e vejam que não sou um demônio sem corpo’. E o tocaram imediatamente e creram porque estavam firmemente convencidos de que tinha carne e sangue... E depois da ressurreição comeu e bebeu com eles como alguém que tem corpo”.

O primeiro e fundamental objetivo deste relato é deixar estabelecida com toda clareza a realidade da ressurreição. Não se tratava de uma visão, nem do produto da imaginação emocionada de alguns discípulos; não se tratava da aparição de um fantasma ou espírito: era Jesus que venceu a morte e que agora retornava.

A UNIVERSALIDADE DA IGREJA

João 21:1-14 (continuação)

Não obstante, nesta passagem aparece outra grande verdade. Todo o conteúdo do Quarto Evangelho está pleno de sentido; portanto, é pouco provável que João dê o número dos peixes, cento e cinquenta e três, sem uma intenção deliberada. Sugeriu-se, em realidade, que os peixes foram contados porque era preciso reparti-los entre vários companheiros e a tripulação do barco e que se menciona o número porque era excepcionalmente elevado. Entretanto, quando lembramos o costume de

João de dar duplo sentido às palavras para aqueles que têm olhos para ver o oculto, devemos pensar que esta cifra tem um sentido ulterior.

Deram-se muitas interpretações engenhosas sobre esta cifra.

(1) Cirilo de Alexandria afirmou que o número 153 está composto por três coisas. Em primeiro lugar, o 100 que representa "a totalidade dos gentios". O 100 — afirma — é o número mais completo. O rebanho completo do pastor são 100 ovelhas (Mateus 10:12). A fertilidade total da semente é 100 por cento. De maneira que o 100 representa à totalidade dos gentios que se reunirão em torno de Cristo. Em segundo lugar, está o 50. Este número representa o resto de Israel que se aproximará de Cristo. Por último, temos o 3: representa a Trindade para cuja glória se fazem todas as coisas. Trata-se, ao menos, de uma explicação engenhosa e interessante.

(2) Agostinho dá outra explicação engenhosa. Diz que o 10 é o número da Lei pois há dez mandamentos. O 7 é o número da graça pois os dons do Espírito são sete.

Você é o Espírito que unge,
E reparte seus sete dons.

Agora $7 + 10$ são 17 e 153 é a soma de todas as cifras, $1 + 2 + 3 + 4...$, até 17. De maneira que 153 representa a todos aqueles que, já seja pela Lei ou pela graça, foram impelidos a aproximar-se de Jesus Cristo.

(3) A explicação mais singela é a de Jerônimo. Afirma que no mar há 153 espécies de peixes e que a pesca representa a inclusão de todas as classes de peixes. De maneira que o número simboliza o fato de que algum dia os homens de todos os países se reunirão em Jesus Cristo.

Entretanto, podemos assinalar outro elemento. Esta grande pesca se reuniu na rede que os manteve a todos sem romper-se. A rede representa a Igreja. Nela há lugar para os homens de todas as nações. Inclusive se entrarem todos, a Igreja é o suficientemente grande para contê-los.

Aqui João nos diz com seu estilo muito sutil que a Igreja é bastante grande para incluir em seus braços os homens de todas as nações. Fala-

nos da universalidade da Igreja. Não há nenhum exclusivismo nela, não há barreiras impostas pela cor nem nada por estilo. O abraço da Igreja é tão universal como o amor de Deus em Jesus Cristo. Levar-nos-á a outra grande razão pela qual se acrescentou este capítulo se notarmos que foi Pedro quem levou a rede à terra (João 21:11).

O PASTOR DAS OVELHAS DE CRISTO

João 21:15-19

Esta é uma cena que deve ter ficado gravada para sempre na mente de Pedro.

(1) Em primeiro lugar, devemos notar a pergunta que Jesus fez a Pedro: “Simão, filho de João, amas-me mais do que estes outros?” No que respeita à linguagem, essa frase pode ter dois sentidos.

(a) Pode ser que Jesus estendeu o braço abrangendo o barco, suas redes, sua equipe e a pesca e disse a Pedro: "Simão, ama-me mais que estas coisas? Está disposto a renunciar a elas, a abandonar todas as esperanças de fazer uma carreira bem-sucedida, a abandonar um trabalho estável e uma comodidade razoável a fim de entregar você para sempre aos meus filhos e à minha obra?" Pode ter sido um desafio a Pedro para que tomasse a decisão final de entregar toda a sua vida à pregação do evangelho e ao cuidado do rebanho de Cristo.

(b) Pode ser que Jesus visse o resto do grupo e tenha perguntado a Pedro: "Simão, você me ama mais que seus companheiros?" Pode ser que Jesus voltou seu olhar de noite quando Pedro disse: “Ainda que todos se escandalizem em ti, eu nunca me escandalizarei” (Mateus 26:33). *Não importa o que outros façam, eu te amo o suficiente para ser fiel para sempre.* Pode ser que Jesus lembrasse a Pedro, com todo amor, de que maneira uma vez pensou que só ele podia ser leal e sua coragem lhe tinha aprontado uma. O mais provável é que a segunda interpretação seja a correta porque em sua resposta Pedro já não faz comparações, sente-se satisfeito limitando-se a dizer: “Tu sabes que eu te amo”.

(2) Devemos ter em conta quantas vezes Jesus formulou a pergunta. Ele o fez três vezes e havia uma razão para isso. Pedro negou a seu Senhor três vezes e este lhe deu a oportunidade de afirmar seu amor outras três vezes. Em seu perdão amoroso, Jesus deu a Pedro a oportunidade de apagar a lembrança da triple negação mediante uma triple declaração de amor.

(3) Devemos notar o que o amor fez por Pedro.

(a) Deu-lhe uma tarefa. "Se me amas", disse Jesus, "entrega tua vida a apascentar as ovelhas e os cordeiros de meu rebanho". Só podemos demonstrar que amamos a Jesus amando a outros. O amor é o maior privilégio do mundo mas também conduz a maiores responsabilidades.

(b) O amor deu uma cruz a Pedro. Jesus lhe disse: "Quando eras mais moço, tu te cingias a ti mesmo e andavas por onde querias; quando, porém, fores velho, estenderás as mãos, e outro te cingirá e te levará para onde não queres". Chegou o dia quando Pedro, estando em Roma, morreu por seu Senhor. Ele também foi à cruz e quando estavam para pregá-lo nela pediu que o pusessem com a cabeça para baixo pois não se sentia digno de morrer como seu Senhor. O amor lhe proporcionou uma tarefa e uma cruz. O amor sempre implica responsabilidades e sacrifícios. E não amamos a Cristo de verdade a menos que estejamos dispostos a enfrentar sua tarefa e a carregar sua cruz.

João não anotou este incidente para mostrar-se como melhor. Ele o fez para mostrar a Pedro como o grande pastor do povo de Cristo. É possível. De fato, é inevitável que as pessoas da Igreja primitiva estabelecessem comparações. Alguns diriam que João era o mais importante porque seus pensamentos eram mais profundos que os de outros. Outros afirmariam que esse lugar pertencia a Paulo porque viajou até os limites do mundo por Cristo. Mas este capítulo diz que Pedro também tinha seu lugar. Possivelmente não escrevia nem pensava como João, tampouco viajava e vivia as mesmas aventuras que Paulo mas tinha a enorme honra e a preciosa tarefa de ser o pastor das ovelhas de Cristo.

E aqui é onde podemos seguir os passos de Pedro. Podemos não ser capazes de pensar como João nem podermos viajar por todo o mundo como Paulo mas cada um de nós pode evitar que outro vá pelo mau caminho e cada um de nós pode nutrir os cordeiros de Cristo com o alimento da palavra de Deus.

A TESTEMUNHA DE CRISTO

João 21:20-24

Esta passagem estabelece claramente que João deve ter vivido até uma idade muito avançada; comentou-se que viveria até que Jesus voltasse. Agora, assim como a passagem anterior outorga a Pedro seu lugar no esquema das coisas, esta passagem outorga a João o seu lugar. A função de João, antes de mais nada, era a de ser testemunha de Cristo. Mais uma vez, o povo da Igreja primitiva deve ter estabelecido comparações. Devem ter assinalado que Paulo viajava até os limites da Terra. Devem ter recalcado que Pedro ia de um lugar a outro cuidando do povo. E então se devem ter perguntado qual era a função de João que tinha vivido durante tanto tempo em Éfeso e era tão ancião que não podia desempenhar nenhuma atividade. Aqui temos a resposta: Paulo podia ser o pioneiro de Cristo, Pedro podia ser seu pastor, mas João era a testemunha. João era o homem que podia dizer: "Eu vi estas coisas e sei que são verdadeiras".

Até o dia de hoje o argumento final do cristianismo é a experiência cristã. Até o dia de hoje o cristão é quem pode dizer: "Conheço Jesus Cristo e sei que estas coisas são verdadeiras". De maneira que, no final, este Evangelho toma a duas das grandes figura da Igreja: Pedro e João. Jesus deu uma função a cada um deles. A tarefa de Pedro era pastorear as ovelhas de Cristo e morrer por Ele. A tarefa de João era dar testemunho da história de Cristo, viver até uma idade avançada e morrer em paz. Isso não os convertia em rivais e competidores quanto à honra e o prestígio, não fazia a um maior ou menor que o outro; fazia de ambos os servos de Cristo.

Cada um deve servir a Cristo onde Ele o destina. Como disse Jesus a Pedro: "Não se preocupe pela tarefa que se encomenda a outro. Sua tarefa é me seguir". E isso é o que ainda diz a cada um de nós. Nossa glória não se mede pela comparação com outros homens mas pelo serviço a Cristo no lugar que ele nos destina.

O CRISTO ILIMITADO

João 21:25

Neste último capítulo o autor do Quarto Evangelho estabeleceu certas grandes verdades para a Igreja para a qual escrevia. Recorda-lhe a realidade da ressurreição e a universalidade da Igreja; recorda-lhe que Pedro e João não são rivais quanto à honra mas sim Pedro é o grande pastor e João a grande testemunha.

E agora chega ao final pensando mais uma vez no esplendor de Cristo. Seja o que for que sabemos de Cristo só vimos uma fração. Seja quais forem as maravilhas que experimentamos são como nada comparadas com as que virão. As categorias humanas não conseguem descrever a Cristo e os livros humanos não o podem conter. Assim João termina seu Evangelho com as vitórias inumeráveis, o poder ilimitado e a graça sem fim de Jesus Cristo.

NOTAS

[Notas sobre o relato da mulher adúltera - 8:2-11](#)

[Notas sobre a data da crucificação](#)

NOTAS SOBRE O RELATO DA MULHER ADÚLTERA

João 8:2-11

Para muitos, esta é uma das histórias mais bonitas e preciosas de todos os Evangelhos; entretanto, contém grandes dificuldades.

É evidente que quanto mais antigos sejam os manuscritos do Novo Testamento maior é seu valor. Foram copiados à mão e, como é lógico, quanto mais próximos sejam dos escritos originais mais possibilidades têm de ser corretos. A estes manuscritos muito anteriores chamamo-los unciais porque eram escritos em maiúsculas. O texto do Novo Testamento se baseia nos mais primitivos que datam do quarto ao sexto século. Agora, acontece que este relato só aparece em um desses manuscritos primitivos e não se trata de um dos melhores. Seis deles o omitem por completo sem fazer sequer uma menção. Dois deles deixam um espaço em branco onde deveria aparecer mas não o incluem. Só quando se chega aos manuscritos gregos posteriores e aos medievais encontramos o relato e inclusive nesses casos tem um sinal que indica seu caráter duvidoso.

Outra fonte de nossos conhecimentos sobre o Novo Testamento são o que conhecemos como versões: quer dizer, as traduções a outros idiomas que não são o grego. Este relato não aparece na versão siríaca primitiva nem na copta ou na egípcia; tampouco aparece em algumas das versões latinas mais antigas.

Por outro lado, nenhum dos primeiros pais, da época mais antiga, parecem saber algo a respeito dele. Jamais o mencionam nem o comentam. Orígenes, Crisóstomo, Teodoro da Mopsuestia, Cirilo de Alexandria, pelo lado grego, não sabem nada a respeito dele nem o mencionam. O primeiro comentarista grego que fala sobre este relato é Eutímio Zigabeno, 1118, e diz que não aparece nos melhores manuscritos.

De onde veio, então? Sabemos com toda segurança que Jerônimo o conhecia no quarto século pois o incluiu na Vulgata. Sabemos que tanto Agostinho como Ambrósio o conheciam porque ambos o comentam. Sabemos que está nos manuscritos posteriores. Devemos assinalar que sua localização varia muito. Em alguns manuscritos aparece ao final do Quarto Evangelho. Em alguns aparece depois de Lucas 21:38.

Não obstante, podemos rastreá-lo ainda mais atrás. É citado em um livro do século três denominado *As constituições apostólicas*, o qual o apresenta como uma advertência aos bispos muito estritos. Eusébio, o historiador da Igreja, diz que Papias relatou uma história "de uma mulher que foi acusada de muitos pecados perante o Senhor" e Papias não viveu muito depois do ano 100.

De maneira que aqui temos os dados. Podemos rastrear o relato até princípios do século dois. Quando Jerônimo produziu a Vulgata, ele o incluiu, sem dúvida alguma. Os manuscritos posteriores e os medievais o incluem. Entretanto, nenhum dos grandes manuscritos o menciona. Nenhum dos grandes pais gregos da Igreja o menciona, comenta-o ou prega sobre ele. Entretanto, alguns dos grandes pais latinos o conheciam e falam sobre ele.

Qual é a explicação? Não devemos temer porque não há razão para passar por alto este relato formoso pois é garantia suficiente o fato de poder rastreá-lo até o ano 100. Mas necessitamos alguma explicação de sua ausência dos grandes manuscritos. Moffat, Weymouth e Rieu o incluem entre parêntese e a Revised Standard Version o escreve com um tipo pequeno no rodapé.

Agostinho nos dá uma pista. Diz que se tirou este relato do texto do Evangelho porque "alguns tinham pouca fé" e "para evitar o escândalo". Não podemos estar absolutamente seguros mas pareceria que nos primeiros tempos as pessoas que publicaram o texto do Novo Testamento pensaram que se tratava de um relato perigoso, que justificava uma opinião leviana do adultério e portanto o passaram por alto. Depois de tudo, a Igreja cristã era uma pequena ilha em muito paganismo. Seus membros podiam voltar a cair com muita facilidade em um modo de vida que desconhecia a castidade e estavam permanentemente expostos ao contágio dos pagãos. À medida que o tempo passou decresceu o perigo ou possivelmente não houve tanto temor e retornou este relato que sempre tinha circulado por via oral e que um dos manuscritos tinha conservado.

Não é provável que agora esteja no lugar original. Provavelmente foi aqui inserido para ilustrar a frase de Jesus em João 8:15: “Eu a ninguém julgo”. Apesar da dúvida que lhe adjudicam as traduções modernas e apesar de que os manuscritos primitivos não o incluem não temos por que pensar que não é um relato verdadeiro de Jesus apesar de tratar-se de um relato tão caridoso que durante muito tempo os homens não se animaram a repeti-lo.

NOTAS SOBRE A DATA DA CRUCIFICAÇÃO

No Quarto Evangelho há um problema muito importante que não assinalamos ao estudá-lo. Só o mencionaremos brevemente pois em realidade não está resolvido e a bibliografia sobre o tema é muito extensa.

Não há dúvida de que o Quarto Evangelho e outros dão distintas datas para a crucificação e têm pontos de vista diferentes sobre a Última Ceia.

Nos Evangelhos Sinóticos aparece claramente que a Última Ceia foi a páscoa e que Jesus foi crucificado no dia de páscoa. Devemos lembrar que o dia judeu começa às seis da tarde do que para nós é no dia anterior. A páscoa caiu em 15 de Nisã mas esse dia começava no que para nós seria o 14 de Nisã, às seis da tarde. De maneira que o dia de páscoa ia das seis da tarde de um dia até a mesma hora do dia seguinte. Marcos é muito claro; diz: “E, no primeiro dia da Festa dos Pães Asmos, quando se fazia o sacrifício do cordeiro pascal, disseram-lhe seus discípulos: Onde queres que vamos fazer os preparativos para comeres a Páscoa?” Jesus lhes dá as instruções. E Marcos continua: “Prepararam a Páscoa. Ao cair da tarde, foi com os doze” (Marcos 14:12-17). Sem dúvida alguma, Marcos quis mostrar a Última Ceia como a ceia pascal e quis assinalar que Jesus foi crucificado no dia de páscoa. Mateus e Lucas, é óbvio, seguem a Marcos.

Por outro lado, João deixa bem estabelecido que Jesus foi crucificado no dia *antes da* páscoa. Começa seu relato da Última Ceia: “Antes da Festa da Páscoa...” (João 13:1). Quando Judas abandonou o cenáculo creram que tinha ido preparar a páscoa (João 13:29). Os judeus não queriam entrar no recinto do juízo para não poluir-se e não poder comer a páscoa (João 18:28). O juízo se desenvolve durante a *preparação* para a páscoa (João 19:14).

Encontramo-nos diante de uma contradição para a qual não há solução de compromisso. Um dos dois, os evangelhos sinóticos ou João, devem estar certos. Os especialistas não estão de acordo. Entretanto, pareceria mais provável que os Evangelhos Sinóticos estivessem corretos. João sempre buscava sentidos ocultos. Em seu relato, crucificam a Jesus perto da *sexta hora* (João 19:14). O que acontecia esse momento? *Nesse mesmo momento se matavam os cordeiros pascais no templo*. O mais provável é que João tenha ordenado os atos de maneira tal que a crucificação de Jesus acontecesse exatamente no mesmo momento em que se matavam os cordeiros pascais para que se visse Jesus como o grande Cordeiro pascal que salvou a seu povo e tirou os pecados do mundo. Parece que os Evangelhos Sinóticos são corretos quanto aos *fatos* e o Evangelho de João é correto quanto à *verdade* e a João sempre interessou mais a Verdade eterna que o puro dado histórico.

Não há uma explicação definitiva sobre esta discrepância evidente mas esta nos parece a mais aceitável.